

Irwin Shaw

*Felicidade Não
Se Compra*

Tradução de Neide Camera Loureiro

Digitalização: Argonauta

Para Iving Paul Lazar

*Lança o teu pão sobre as águas que
passam, porque depois de muitos
dias o acharás*

(Eclesiastes, 11:1)



PARTE UM

1

Ele estava em uma cama estranha. Havia murmúrios à sua volta. Uma impressão de brancura. Aparelhação mecânica. O som distante da arrebentação do mar na praia. Ou talvez a arrebentação do seu sangue, pulsando nas paredes internas. Vagueava. .. por algum lugar. Era difícil para ele abrir os olhos, as pálpebras estavam pesadas. Havia um homem caminhando ao sol de primavera. Tinha a impressão de já ter visto o homem antes. Finalmente, deu-se conta, era ele mesmo...

Trajando roupas leves e descontraídas, Allen Strand passeava pela quietude verde e perfumada do Central Park, deixando para trás a atmosfera barulhenta da Fifth Avenue. Andava lentamente, com um passo de fim de semana. Durante os dias de trabalho, andava a passos largos, a figura alta, magra, coroadada por uma cabeça comprida e estreita, o nariz — um autêntico gurupés de nascença — inclinado para um vento oceânico particular. Como velas pandas, os cabelos cinza-chumbo, leves e soltos, cintilavam no movimento de vaivém do mar que seus passos executavam. Certa vez, sua filha Eleanor, ao encontrá-lo por acaso na rua, disse que quase esperou ver a curva de uma onda encrespar-se em sua proa, enquanto velejava pela correnteza do tráfego da cidade.

A idéia de que ia ver Eleanor aquela noite dava-lhe prazer. Ela possuía olhos sagazes e língua ferina, e suas observações nem sempre eram benevolentes, mas o brilho das armas com que comparecia à mesa do jantar em família o fazia aguardar com ansiedade, ao caminhar ao longo da trilha ladeada de bancos, aquilo que, do contrário, seria apenas um ritual semanal comum.

A manhã fora nublada e cheia de vento, e Strand chegou a pensar que a tarde seria boa para pegar um ônibus e ir ao Museu de Arte Moderna, do qual era membro — uma de suas poucas extravagâncias — e ver um filme antes do jantar. Naquela tarde exibiriam *Fort Apache*. Uma deliciosa história sobre um ingênuo e heróico mito americano, um antídoto para a dúvida. Já assistira a ele várias vezes, mas era muito ligado ao filme, como uma criança que insiste em ouvir a mesma história todas as noites, antes de dormir. Mas, ao meio-dia, tendo o vento diminuído e o céu clareado, decidiu renunciar ao filme e dar um de seus passeios favoritos, alguns quilômetros a oeste, desde a escola onde lecionava até sua casa.

Era uma sexta-feira quente como de verão, uma dádiva de maio, a relva recendia ao perfume do campo, as folhas das árvores estavam de um pálido amarelo-esverdeado, sob os últimos raios do sol da tarde.

Enquanto perambulava pelo parque, parou e olhou sorrindo um *poodle* que corria bravamente atrás de uma pomba, observou os meninos que jogavam beisebol, admirou um belo rapaz e sua linda namorada que sorriam sonhadora e conspiradoramente, os rostos iluminados com a perspectiva da sensualidade do fim de semana, aproximando-se da trilha sem se aperceberem da presença de Strand.

A sensualidade de maio, pensou ele. Louvado seja Deus pela primavera e pela sexta-feira. Era um cristão medíocre, mas aquela tarde requeria gratidão e fé.

Sentia-se leve. Tinha corrigido as provas da semana, sobre as consequências da Guerra Civil, e deixara as relativas a Appomattox e a Reconstrução em sua mesa. Por dois dias, as crianças a quem ensinava e dava nota não seriam sua responsabilidade; no momento, encontravam-se nos *playgrounds* apupando os jogos ou nos topos dos prédios iniciando-se em sexo ou fumando maconha, escondidos pelos corredores, ou enchendo seringas com heroína, comprada, diziam, do homem gordo com boné de beisebol, que estava sempre parado na esquina perto da escola. Com as mãos vazias, Strand curvou-se e apanhou uma pedrinha redonda, segurou-a por uns instantes, deleitando-se com a superfície lisa, firme e quente de sol.

Como o jantar seria mais tarde essa noite, com toda a família reunida, afastou-se um pouco do seu itinerário para passar pelas quadras de tênis do parque, onde sabia que sua filha mais moça, Caroline, estaria jogando. Ela era uma atleta dedicada. Nada de maconha ou heroína para ela, pensou, complacente, lamentando os pais menos afortunados. A atmosfera de fim de semana era um convite à generosidade e à complacência.

Mesmo à distância, reconheceu Caroline pela maneira como se movimentava na quadra. Possuía um estilo peculiar de pular para alcançar a bola e uma maneira quase masculina de passar os dedos pelos cabelos louros e curtos, nos intervalos dos *games*.

O rapaz com quem estava jogando parecia frágil, comparado com Caroline, que, embora esguia, era alta para a idade, o busto totalmente desenvolvido, os ombros largos, as pernas longas e bem-feitas, pernas que estavam admiravelmente à vista sob os reduzidos *shorts*, e Strand podia notar que eram muito apreciadas pelos transeuntes masculinos.

Nada de maconha ou heroína, pensou Strand, mas e quanto a sexo? Hoje em dia, uma jovem de dezessete anos. . . Sacudiu a cabeça. O que fazia ele quando tinha dezessete anos. . . ou antes mesmo. . . e quantos anos tinham as garotas com quem fazia sexo? Era melhor nem lembrar. Além do mais, sexo pertencia ao departamento da mãe de Caroline, e ele estava certo de que isso estava sendo cuidado satisfatoriamente, se é que se podia cuidar satisfatoriamente de uma coisa dessas. Ele, por sua vez, tinha feito o necessário com o filho, e não havia detectado no rapaz nenhum sinal posterior de repulsa, medo ou fascinação indevida pelo assunto.

Embora, para Strand, o rapaz do outro lado da quadra parecesse alto, magro e subnutrido, rebatia a bola com firmeza, e as devoluções eram rápidas e invariáveis. Strand esperou que Caroline rebatesse uma bola difícil, acima da cabeça, e depois gritou "bravo". Ela se voltou, acenou com a raquete e aproximou-se da cerca onde ele se encontrava, soprando-lhe um beijo. O rosto dela estava vermelho e o cabelo, úmido de suor, mas Strand achou-a maravilhosa, embora o exercício deixasse traços duros em seu rosto, o que fazia o nariz, infelizmente moldado numa réplica em miniatura do seu, salientar-se mais do que quando seu rosto cheio estava em repouso.

— Oi, papai — disse ela. — Ele está me matando... o Stevie. Ei, Stevie — chamou ela —, venha cumprimentar meu pai.

— Não quero interromper o jogo — disse Strand.

— É uma oportunidade para eu respirar — disse Caroline. — Vou aproveitar.

Stevie aproximou-se da cerca, alisando os cabelos na nuca.

— Muito prazer em conhecê-lo, senhor — disse ele, com delicadeza. — Caroline me contou que o senhor foi seu primeiro professor de tênis.

— Ela começou a ganhar de mim quando tinha nove anos. Agora, eu só fico olhando — gracejou Strand.

— Ela ganha de mim, também — disse Stevie, com um sorriso triste.

— Só nos dias em que você está em profunda depressão — disse Caroline.

— Gostaria que você não dissesse essas coisas, Caroline — retrucou Stevie, mal-humorado. — Às vezes, sinto dificuldade em me concentrar, é isso. Não é depressão.

— Ora, vamos — falou Caroline, batendo afetuosamente no ombro do rapaz. — Não estava sugerindo nada drástico... como você ir para casa e chorar até dormir depois que perde um *set*, ou qualquer coisa parecida. Só estava brincando.

— Só não quero que as pessoas façam uma idéia errônea — insistiu o rapaz, obstinadamente.

— Não seja tão sensível. Ou sensível fora de hora — disse Caroline. — Normalmente, ele não é assim, papai. Ele não gosta de jogar com uma platéia o observando.

— Posso entender — falou Strand, com diplomacia. — Eu ainda estaria jogando tênis se pudesse arranjar um jeito de fazê-lo totalmente no escuro. De qualquer modo, já vou andando.

— Muito prazer em conhecê-lo, senhor — repetiu o rapaz, e foi para o outro lado da rede, alisando o cabelo na nuca.

— Desculpe-o, papai — disse Caroline. — Ele teve uma péssima infância.

— Não parece tê-lo afetado no tênis — comentou Strand. — E quanto à sua horrível infância, como atingiu você?

— Oh, papai — Caroline acenou-lhe com a raquete —, não provoque.

— Vejo você em casa. Não se atrase. — Observou mais dois *games*, maravilhando-se diante da agilidade dos dois jovens, enquanto o metal das raquetes produzia faíscas cintilantes no ar. Mesmo quando tinha a idade deles, não era rápido. Leitor veloz, pensou ele, ao retomar o caminho de casa, e um corredor lento e consciente. Uma escolha de talentos. Não importa. Ele havia produzido um substituto para a velocidade.

O zelador do prédio, Alexander, estava encostado na parede, ao lado da porta de vidro da entrada, fumando um cigarro, o cenho franzido. Era um homem moreno-claro, de idade indefinida, com cabelos grisalhos à escovinha, e não era pessoa de sorrir com facilidade. Levando-se em conta a vizinhança, na estreita faixa de respeitabilidade que mal beirava a Columbus Avenue, no fim da rua, e o gemido das

sirenes da polícia como fundo musical freqüente, podia-se compreender por que ele não era visto sorrindo.

— Boa noite, Alexander — disse Strand.

— Boa noite, sr. Strand. — Alexander não tirou o cigarro da boca. Ele era um daqueles poucos que, em Nova York, ainda usavam uma jaqueta de combate da Segunda Guerra Mundial, como se, para ele, a guerra tivesse apenas entrado numa fase diferente.

— Um lindo dia, não é? — Strand gostava do homem e apreciava o modo como mantinha o antigo prédio de apartamentos, de 1910, em condições aceitáveis.

— É — respondeu Alexander, de má vontade. — Chegou depois de um inverno danado. Mas não vai durar. Dizem que vai chover amanhã. — Otimismo ou cordialidade não eram um traço marcante em Alexander. — Sua mulher está em casa — prontificou-se a dizer. — E seu filho. — Fazia questão de saber quem entrava e saía do seu prédio. Gostava de anotar, metodicamente, as saídas e entradas. Isso diminuía as surpresas desagradáveis.

— Obrigado — disse Strand. Dera a Alexander vinte e cinco dólares e uma garrafa de Wild Turkey, na Páscoa. Sua mulher protestara ante a generosidade, mas ele havia dito "devemos isto a ele, pois é o guardião que nos protege do caos". Alexander agradecera laconicamente... e sua atitude não mudara a ponto de se notar.

Quando Strand abriu a porta do apartamento, ouviu dois tipos de música — a do piano, na sala de estar, e os acordes plangentes e levemente fanhosos de uma guitarra elétrica. Havia também um delicioso aroma de comida, vindo da cozinha. Ele sorriu diante da combinação de estimulantes com que foi recebido. O som do piano era da aula que sua mulher, Leslie, estava dando. Ela havia freqüentado a Juilliard com a intenção de se tornar concertista, mas, embora tocasse bem, não tocava bem o suficiente. Agora, as lições de piano e as aulas de apreciação musical que dava três dias por semana numa escola preparatória particular, não longe de onde moravam, ajudavam consideravelmente o orçamento familiar, assim como proporcionavam ensino gratuito a Caroline. Sem a ajuda de Leslie e com os aluguéis sempre aumentando, jamais poderiam ter conservado o velho e amplo apartamento com seus cômodos espaçosos e antiquados, de pé-direito elevado.

Os sons experimentais de guitarra, consideravelmente abafados, com as portas fechadas, eram produzidos por seu filho, Jimmy, que herdara o talento mas não o gosto de sua mãe quanto à escolha dos compositores de sua preferência.

Strand não perturbou os dois artistas em seu trabalho, mas dirigiu-se à sala de jantar, onde não podia ouvir a guitarra, mas podia ouvir facilmente primeiro o aluno e, depois, Leslie, repetindo a passagem que identificou como sendo de um estudo de Chopin. Apercebeu-se de quem era o aluno: um roteirista de televisão que tinha paixão por Chopin. Seu analista dissera que tocar piano diminuía a tensão. Talvez sua tensão diminuísse, pensou Strand enquanto ouvia, mas Chopin não ia gostar nem um pouco.

Leslie tinha vários alunos, dos mais variados tipos, entre os quais um policial que possuía bom ouvido e dedos rudes e que praticava em todas as horas de folga; uma garota de treze anos tida como gênio pelos pais, opinião não compartilhada por Leslie; um advogado que, segundo dizia, preferia tocar piano num bordel a se apresentar no tribunal; e alguns professores de música que desejavam ajuda na preparação de seus cursos. Todos eles proporcionavam a Leslie uma ocupação interessante e animada em seu próprio lar.

Strand adorava música, sempre que possível levava Leslie à ópera e, embora de vez em quando estremecesse com alguns dos sons que emanavam da sala de estar e do quarto do filho, gostava da idéia de o apartamento estar quase sempre cheio de melodia. Quando trabalhava em casa, usava uma escrivaninha no grande dormitório principal, onde podia ler ou escrever em silêncio.

Strand cantarolava baixinho, acompanhando a passagem que a esposa estava tocando para o neurótico roteirista de TV. Sentou-se à mesa redonda de carvalho, gasta pelo uso, da sala de jantar, cujas paredes eram decoradas com as paisagens que sua mulher pintava nas horas vagas, e passou os olhos pelo *New York Times* sobre a mesa. Maldição, pensou, ao pegar uma maçã da fruteira que se encontrava no meio da mesa. Enquanto comia, corria os olhos pelos cabeçalhos do jornal que Leslie sempre guardava para ele, pois nunca tinha tempo de ler tudo pela manhã. Já havia comido meia maçã quando o som do piano parou e as portas corrediças entre a sala de jantar e a de estar foram abertas. Strand levantou-se quando Leslie entrou, seguida pelo roteirista.

— Oh, você já chegou — disse Leslie, beijando-o no rosto. — Não ouvi você entrar.

— Estava me deliciando com o concerto — disse Strand. Sua esposa estava com uma aparência atraente e sedutora. Os longos cabelos louros, presos no alto da cabeça, estavam em desalinho devido ao hábito de sacudir vigorosamente a cabeça quando tocava. É encantador encontrar uma mulher assim quando se volta para casa, pensou. Havia sido sua aluna no último ano, e, no primeiro dia em que a vira, recatada, sentada na primeira fila da sala de aula, Strand havia decidido que era a moça com quem ia casar-se. As escolas em Nova York eram diferentes então. As moças usavam vestidos e penteavam os cabelos, e não achavam estranho parecer recatadas. Ele esperou que ela se formasse, tomou nota cuidadosamente do seu endereço, visitou-a e, para desapontamento dos pais de Leslie, que consideravam sua escolha de lecionar numa escola pública um sinal de fracasso predestinado e eterno, eles se casaram um ano depois que Leslie entrara na Juilliard. Quando Eleanor nasceu, os pais de Leslie mudaram um pouco seu modo de pensar, mas não muito. De qualquer forma, agora moravam em Palm Springs, e Strand não lia as cartas que escreviam para a filha.

— Espero que o barulho não tenha aborrecido o senhor — desculpou-se o roteirista de TV.

— Em absoluto — respondeu Strand. — Aliás, o senhor está indo muito bem, sr. Crowell.

— O senhor deve ter escutado quando sua esposa tocava — disse Crowell, sombriamente. A tensão parecia não ter diminuído muito desde a última sexta-feira.

Strand riu.

— Eu posso distinguir um do outro, sr. Crowell.

— Aposto que sim — retrucou Crowell.

— O sr. Crowell e eu vamos tomar agora uma xícara de chá, Allen — falou Leslie. — Não queremos fazer companhia?

— Gostaria muito.

— Volto num minuto — disse ela. — A chaleira já está no fogo. — Enquanto ela se dirigia à cozinha, Strand admirou a figura esguia, a curva do pescoço, a saia azul e branca, a blusa colegial, as pernas firmes, a semelhança suave e fiel com a filha mais velha.

— Mulher maravilhosa, essa — comentou Crowell. — Tem a paciência de um anjo.

— É casado, sr. Crowell?

— Duas vezes — respondeu Crowell, sombriamente. — E estou batalhando pela terceira. Estou com pensões alimentícias até as orelhas. — Tinha um rosto gorducho e atormentado semelhante a uma batata estragada e sem casca. Leslie contara a Strand que ele escrevia piadas para programas humorísticos. Olhando para o rosto de Crowell, parecia um trabalho mortificante. Ele pagava vinte dólares por meia hora de aula, duas vezes por semana, o que mostrava que o sofrimento que o trabalho lhe dava era bem recompensado, principalmente sabendo-se que ele ia ao analista cinco vezes por semana. Economia moderna americana, pensava Strand. Piada de uma linha, o divã e a pensão alimentícia.

— Algum dia — Crowell estava dizendo —, precisamos tomar um drinque juntos, e então poderá me contar como um homem consegue permanecer casado nesta época e nesta cidade.

— Não faço a menor idéia — respondeu Strand, com ar despreocupado. — Sorte. Preguiça. Uma aversão conservadora por mudança.

— Sim — disse Crowell, descrente, puxando os dedos da mão rechonchuda, fazendo-os estalar. Olhou para o jornal aberto sobre a mesa. — O senhor ainda agüenta ler jornal?

— É um vício — disse Strand.

— Pois me fazem subir pelas paredes.

— Sentem-se, sentem-se — disse Leslie, vindo da cozinha, com uma bandeja com os apetrechos de chá e um prato de biscoitos. Ela serviu o chá, as mãos firmes, um leve sorriso de dona-de-casa iluminando-lhe o rosto, e passou os biscoitos. Crowell sacudiu a cabeça, com tristeza.

— Estou fazendo dieta. Colesterol, pressão. E tudo o mais. Strand serviu-se de um punhado. Não bebia muito e nunca havia fumado, mas tinha loucura por doces. Não engordara nem um só quilo desde os vinte anos, e notou que Crowell olhava tristemente para o monte de biscoitos no pratinho. Crowell gostaria do chá com leite, mas, depois de perguntar se era desnatado e Leslie lhe ter respondido que não, bebeu o chá puro, sem açúcar. Leslie, no papel de anfitriã, perguntou a Crowell se ele não gostaria de deixar Chopin por uns tempos e tentar um pouco de Mozart, mas Crowell respondeu que preferia não tentar, pois Mozart, na sua opinião, era muito seguro de si.

— Ele teve um fim trágico — Leslie lembrou-lhe. — E muito jovem.

— Com fim trágico ou sem fim trágico — comentou Crowell —, sempre soube para onde estava

indo. Chopin pelo menos era melancólico.

Leslie suspirou.

— O senhor é quem sabe, sr. Crowell — disse ela. — Continuaremos com a valsa em mi bemol maior, na próxima terça-feira.

— Na minha cabeça — falou Crowell, espontâneo —, ouço exatamente do modo como deveria sair. Só que nunca sai daquele modo.

— Pratique — disse Leslie, com tato. Seu tom de voz era baixo e melodioso, como um doce acorde menor do piano —, que sairá.

— Acha mesmo, sra. Strand? — perguntou Crowell, provocando-a.

Leslie hesitou.

— Não — disse ela, e depois riu.

Strand riu, mastigando um biscoito, e, por fim, Crowell riu, também.

Quando ele foi embora, Strand ajudou Leslie a levar a bandeja de chá para a cozinha. Abraçou-a por trás enquanto ela amarrava o avental e beijou-a no pescoço, pondo a mão sobre seu seio.

— Sabe o que eu gostaria de fazer agora? — perguntou ele.

— Psiu — fez Leslie. — Jimmy está em casa, e nunca bate nas portas.

— Eu não disse que *vou* fazer. Apenas disse que *gostaria* de fazer.

— Deve haver alguma razão para você achar que precisa me agradar, hoje — comentou Leslie, sorrindo. — Ou, então, você teve uma tarde particularmente agradável.

— Dei um ótimo passeio pelo parque. A vegetação cresce por toda parte. — Strand soltou-se. — Vi Caroline jogando tênis.

— Aquela garota! — disse Leslie. — Vai ficar com as pernas de um levantador de pesos.

— Parece não haver perigo por enquanto.

— Com quem Caroline estava jogando? — Leslie deu uma mexida no molho que fervia em fogo baixo, numa panela no fogão.

— Com um rapaz que eu não conhecia — falou Strand. — Joga muito bem. Mas, pelo que posso dizer. . . bem. . . é um pouco fino demais para o meu gosto.

— Espero que não lhe tenha lançado aquele antiquado olhar de pai de donzela.

— Do que você está falando? — retrucou Strand, embora soubesse muito bem. Depois de vinte e três anos de casados, ainda não tinham chegado a um acordo sobre padrões de comportamento adequados, principalmente com relação aos jovens. Sem dúvida, Leslie era liberal, e dizia sobre seu marido, às vezes brincando e às vezes não, que, embora tivessem apenas uma diferença de sete anos, estavam distanciados três gerações.

— Você sabe do que estou falando — respondeu Leslie. — Vi o que você fez só com um olhar com alguns dos pobres namorados de Eleanor quando ela começou a ter seus casinhos. Você os transformava em estalactites antes que tivessem oportunidade de dizer "alô".

— Eles deviam me agradecer — disse Strand, divertindo-se com a pequena discussão. — Mostrei-lhes o tormento de suas vidas futuras. Lembra-se do clima em *sua* casa, quando entrei lá pela primeira vez?

Leslie esboçou um sorrisinho.

— Polar — respondeu ela. — Uma das coisas que admirei em você foi que nem pareceu ter percebido, em absoluto. Mas você já era adulto.

— Seu pai contribuiu para que eu me tornasse adulto.

— Bem — disse Leslie —, ele fez um bom trabalho.

— Obrigado, minha querida. — Strand curvou-se, num gesto de ironia.

— De qualquer modo, se Caroline quer jogar tênis com alguém que jogue decentemente, o que importa o que ele faz quando não está na quadra? Acho que o conheço. Caroline apresentou-o?

— Chamou-o de Stevie. Não achou que valesse a pena mencionar seu sobrenome.

— Stevie. É isso. Ele esteve aqui uma ou duas vezes, de tarde. Um ótimo rapaz.

Strand suspirou.

— Se você tivesse de enfrentar os meninos que eu vejo cinco dias por semana, mudaria um pouco de atitude com relação a jovens inocentes.

— Você devia pedir transferência para uma escola mais civilizada. Já lhe disse isso um milhão de vezes.

— Pois diga isso então ao Conselho de Educação — disse Strand, apanhando outro biscoito. — Na opinião deles, não há escolas civilizadas. De qualquer forma, gosto do desafio. Qualquer um pode ensinar história em Saint Paul ou Exeter. — Ele não estava muito certo se isso era verdade, mas esforçou-se por ser convincente.

— Você deixa todo mundo se aproveitar de você — replicou Leslie, mexendo o molho, com vigor.

Strand suspirou outra vez. Aquela era uma velha história entre eles.

— Aposto — prosseguiu ele — que a esposa do duque de Wellington achava que todo mundo se aproveitava do marido.

Leslie riu.

— Quando você começa a jogar personagens históricas em cima de mim — comentou ela —, sei que perdi a discussão. Fora da minha cozinha. Tenho de me concentrar para o jantar.

— Está cheirando divinamente. O que vamos ter?

— Fritada de vitela, *pizzaiuola*. Deixe-me em paz agora. Tenho de pensar em italiano.

Enquanto saía da cozinha, de volta à sala de jantar, Strand disse:

— O mínimo que podíamos fazer era convencer Jimmy a não abrir as portas sem bater. Principalmente nos fins de semana.

— Ele é seu filho — disse Leslie. — Convença-o. — Despachou-o com um aceno de mão.

Bem, pensou ele ao sentar-se à mesa, continuando a ler o jornal, uma coisa é certa... temos sempre um monte de assuntos para discutir.

Strand lia quando Jimmy entrou calmamente na sala, descalço, vestindo *jeans* e uma camiseta, o cabelo preto, grosso e crespo — uma reversão genética na família loura — cortado rente à nuca. O nariz, entretanto, era indubitavelmente o do pai.

— Oi, pai — disse Jimmy, desabando numa cadeira —, como o estão tratando?

— Ainda estou de pé — respondeu Strand. Jimmy era o único de seus filhos que o chamava de pai. Olhou com o rabo do olho para o filho. — O que não posso dizer de você. Tem se olhado no espelho, ultimamente?

— Estou acima de todas essas vaidades, pai — disse Jimmy, despreocupado.

— Você está positivamente macilento. As pessoas vão pensar que nunca o alimentamos. Já comeu alguma coisa hoje?

— Levantei-me ainda há pouco. Farei justiça ao jantar da mamãe.

— A que horas chegou esta manhã?

Jimmy deu de ombros.

— Que diferença faz? Quatro, cinco. Quem está preocupado?

— Qualquer dia, Jimmy — prosseguiu Strand, com uma ponta de ironia na voz —, você terá de contar ao seu velho o que consegue fazer até as cinco horas da manhã.

— Estou em busca de um som novo, pai. Fico tocando ou ouvindo música.

— Ouvi dizer que o Carnegie Hall fecha bem antes das cinco da manhã.

Jimmy riu, coçando-se sob a camiseta.

— Não vai ser no Carnegie Hall, este ano. Não sabia?

— Você está com umas olheiras que chegam quase aos ombros.

— As garotas adoram — disse Jimmy, complacente. — Uma delas me disse que me fazem parecer um gênio espectral. Você não quer que eu tenha a aparência de gênio espectral?

— Sinceramente, não.

Jimmy tirou do bolso dos *jeans* um amarrotado maço de cigarros e acendeu um. Strand observava desaprovadamente, enquanto Jimmy tragava e soltava fumaça pelas narinas. Era o único da família que fumava.

— Jimmy, você já leu o que os cientistas falam sobre a relação entre o fumo e o câncer?

— Você já leu o que os cientistas falam sobre poluição atômica?

Strand suspirou, pela terceira vez, desde que voltara para casa aquela noite.

— Certo — disse ele, resignado. — Você já tem idade suficiente para tomar suas decisões. — Jimmy tinha dezoito anos e ganhava bastante dinheiro em bicos que nunca explicava, de forma que não pedia nada a Strand. Havia terminado o curso secundário de forma satisfatória, havia um ano, e dera uma risada quando Strand lhe sugerira uma faculdade.

— Diga-me uma coisa, Jimmy — disse Strand. — Estou curioso... que som é esse de que está sempre falando?

— Se eu soubesse, pai, não estaria procurando — respondeu Jimmy, prontamente.

— Você me avisa quando o encontrar?

— O sarcasmo está se tornando excessivo por aqui, não acha? — comentou Jimmy, mas sem rancor. — Está certo, eu direi. Se e quando.

Strand levantou-se.

— Vou tomar um banho e me arrumar para o jantar — disse ele. — Que tal você fazer o mesmo?

— Oh, hoje é sexta-feira — disse Jimmy, levantando-se. — Obrigado por me lembrar. Não se preocupe, pai. — Colocou o braço afetuosamente ao redor dos ombros de Strand. — Vou caprichar. — Farejou. — Parece que mamãe continua na fase italiana. Ficaria por aqui, nem que fosse só pela comida.

— Posso sugerir que faça a barba quando estiver com a mão na massa?

— Sugestão anotada. — Apertou levemente o ombro de Strand. — Tive uma grande idéia. . . Por que não me acompanha nas minhas rondas noturnas, qualquer dia desses? Vou apresentá-lo como um dos pioneiros do *boogie-woogie* de Nova Orleans. As garotas vão ficar caidinhas por você.

Strand riu, contagiado pelo calor do abraço do filho.

— Elas nunca mais vão querer saber de você.

— Agora — disse Jimmy, sério —, deixe-me perguntar-lhe uma coisa. *Você* alguma vez já se olhou no espelho?

— De vez em quando.

— Já lhe ocorreu uma vez ou outra que também não está com boa aparência? — O rosto demonstrava seriedade agora. — Parece terrivelmente cansado, papai.

— Sinto-me muito bem — falou Strand, rapidamente.

— Tenho algum dinheiro guardado — disse Jimmy. — Quando as aulas acabarem, que tal se eu financiar umas férias de algumas semanas para você e mamãe, em algum lugar, numa praia?

— Obrigado, Jimmy. Guarde seu dinheiro. Sem dúvida, vai precisar dele.. . e breve. Além do mais, gosto da cidade, no verão.

— Está bem — disse Jimmy, dando de ombros. — Faça como achar melhor. Mas, se mudar de idéia. . .

— Não vou mudar de idéia.

— Você é um velho teimoso. — Jimmy sacudiu a cabeça, tirou o braço do ombro de Strand e apagou o toco de cigarro. — Faça como achar melhor. E se por acaso achar o novo som, venha me contar. As portas estão sempre abertas para você. — Dirigiu-se para a cozinha. — Tenho de ver de onde vem esse aroma de dar água na boca.

Ao entrar no banheiro para tomar banho, Strand olhou-se no espelho. Jimmy estava certo. Ele *parecia* cansado. Havia bolsas sob seus olhos, e os próprios olhos, assim como a pele do rosto, pareciam murchos. Lutou contra a tentação de deitar-se e tirar um cochilo. Se Leslie o encontrasse cochilando na cama, iria preocupar-se e perguntaria se ele não estava se sentindo bem, porque nunca dormia à tarde. Strand não queria que ela ficasse falando que ele estava assoberbado de trabalho e que precisava consultar um médico. Demorou no chuveiro um bom tempo e, no fim, deixou que a água ficasse bem fria. Ao começar a vestir-se para o jantar, sentia-se melhor, apesar de o espelho não demonstrar que ele *parecia* melhor. Cinquenta anos não é idade para se sentir velho, disse a si mesmo, mesmo depois de uma semana de trabalho.

Quando voltou para a sala de jantar, Eleanor estava arrumando a mesa.

— Oi, meu bem — disse ele, beijando-a. — Como estão as coisas?

— Estou subindo como um foguete, na hierarquia do escritório — respondeu ela, colocando os guardanapos nos lugares. — Meu chefe diz que espera ver-me como a primeira mulher na vice-presidência da companhia dentro de dez anos. Ele diz que, quando trabalhamos juntos, esquece que sou uma moça bonita. O que você acha disso?

— Acho que ele está tomando liberdades com você.

— É claro — concordou ela, complacente. — Inutilmente. Pois acho que ele está com uns dois anos de atraso. Para mais.

Eleanor trabalhava como analista de sistemas num grande conglomerado de firmas, na Park Avenue. Formara-se em matemática e fizera cursos de computação na faculdade, era sagaz, tinha uma

atitude confiante e não era nada tola. Trabalhava na firma havia apenas dois anos, mas já estava encarregada de estabelecer programas para todos os tipos de negócios e instituições, em Nova York e fora de Nova York. Sua paixão pelo trabalho era muito parecida com a devoção de Leslie pela música. Eleanor tentou explicar isso ao pai, que temia pelo destino da humanidade, num mundo cada vez mais impessoal e computadorizado.

— É como extrair ordem do caos, estendendo sua imaginação e talento ao limite máximo. Você vai a um hospital, digamos, e vê trabalho duplicado, erros humanos, tempo perdido que pode custar vidas, diagnósticos honestos mas falhos que uma máquina pode corrigir em questão de segundos, médicos sobrecarregados de trabalho, pesquisando nos arquivos quando podiam estar aliviando dores e, rapidamente, você estabelece um sistema e tem o prazer de ver tudo nos seus lugares, tudo funcionando, e sabe que é sua realização. E é a mesma coisa nos negócios. Pelos mais simples dos meios, você poupa milhares de horas tediosas a pobres funcionários angustiados. Ao contrário do que imagina, papai, o computador torna a humanidade mais humana, não menos.

Strand admirava sua eloquência e dedicação, mas continuava descrente, embora estivesse feliz por ela não se contentar em ser apenas uma moça bonita. Tinha ido para a faculdade, arranjado trabalho de verão e aulas particulares durante o ano escolar para pagar os estudos, e agora morava sozinha, num apartamento na região das ruas 70, Leste. Foi um momento de tristeza para Strand quando ela anunciou, no dia em que se formou, que não mais queria partilhar seu quarto no apartamento da família, com uma irmã mais nova. Nem Strand nem Leslie fizeram objeção; como disseram um ao outro, Eleanor era capaz, uma moça com a cabeça no lugar, e podia tomar conta de si mesma, e era muito normal os jovens lutarem por conta própria. Além do mais, Eleanor tinha dito: "Não é como se eu fosse para o Peru ou a Lapônia. Estarei apenas do outro lado do parque e, quando estiver em dificuldades, gritarei tão alto que vocês me ouvirão através do reservatório". Até agora ela não havia gritado. Quando conseguiu um emprego, contou ao pai qual seria o seu salário, e ele a felicitou, um pouco frustrado, pois, recém-saída da faculdade, Eleanor ganhava mais do que ele, em vinte e sete anos de escola pública.

— Vou ter três semanas de férias neste verão — disse Eleanor, colocando um saca-rolhas em uma das duas garrafas de Chianti, no aparador. — Duas semanas pagas e uma não paga, e quero ir para algum lugar novo. Tem alguma idéia, papai?

— Humm. — Strand puxou a orelha, refletindo. — Isso depende. Vai sozinha?

A rolha saiu, fazendo o ruído característico, e Eleanor colocou a garrafa sobre a mesa. Voltou-se e olhou firme para o pai.

— Não — disse ela, categórica.

— Com um rapaz, sem dúvida.

— Sem dúvida — ela sorriu.

— O que ele quer fazer?

— Não está muito certo. Está falando em ir para as ilhas gregas e ficar deitado na praia e nadando.

— Não me parece nada mau — disse Strand.

— Ele garante que não há computadores e nem mesmo máquina de escrever na ilha. Diz que voltarei para o trabalho com prazer renovado. — Eleanor arrumou em uma jarra o buquezinho de flores que trouxera e colocou-a no meio da mesa. — Ele já esteve lá antes — sorriu. — Com outra dama.

— Ele disse isso? — perguntou Strand, tentando não deixar transparecer o tom de censura.

— Ele me conta tudo — disse Eleanor. — É um desses.

— Tempos diferentes — comentou Strand, procurando suavizar a voz. — Diferente, seja lá o que for. No meu tempo. . . — parou e deu um largo sorriso. — No meu tempo, nada. Você conta tudo para ele?

— Um tudo selecionado — Eleanor riu.

— Por que não o traz aqui, qualquer dia destes?

— Não é muito ligado a famílias, assim diz ele. Além do mais, não estou muito certa sobre ele. Ainda. Vamos ver se ele passa no teste de três semanas. Depois, talvez, eu o exponha aos elementos.

— Então — disse Strand —, mande-me um postal. Eu mesmo gostaria de ir para as ilhas gregas. E não apenas por três semanas, tampouco. Talvez, quando me aposentar. . .

Eleanor aproximou-se dele e rodeou-o com os braços, olhando-o seriamente. Ela era mais baixa e mais esguia do que a irmã, e herdara o belo e reto nariz da mãe, assim como os olhos azuis.

— Parece terrivelmente injusto, não é? — disse ela, suavemente. — Eu poder viajar desse jeito, por três semanas, depois de trabalhar apenas dois anos, e você. . .

Strand bateu gentilmente em suas costas.

— Não estamos sofrendo. Optamos por uma família. Você não tem família. . . ainda.

— Aleluia — disse Eleanor.

Leslie veio da cozinha, tirando o avental.

— O jantar está quase pronto — disse ela. — A sra. Curtis tem tudo preparado para servir. — A sra. Curtis era a mulher de Alexander e ajudava nos serviços, três vezes por semana. — Todos já chegaram?

— Caroline ainda não — respondeu Eleanor, afastando-se do pai.

— É estranho — comentou Leslie. — Há quinze minutos que já escureceu. Ela não pode estar jogando tênis ainda. E sabe a que horas comemos.

— Provavelmente parou para tomar uma soda ou coisa assim — disse Strand. — Dê-nos tempo para um drinque. Leslie, Eleanor, o que vão querer? — dirigiu-se ao aparador e abriu a porta do bar, onde havia uma garrafa de uísque e uma de xerez.

— Não quero nada, obrigada — disse Eleanor. Strand nunca a vira beber, exceto um pouco de vinho, e ele gostaria de saber se ela era tão abstêmia quando jantava com o rapaz ou lhe contava tudo ou se apenas reservava sua sobriedade para os pais. Um tudo selecionado, é o que dissera.

— Tomarei um copo de xerez — disse Leslie..

Enquanto Strand servia o xerez e o uísque com água para si mesmo, Jimmy entrou, de banho tomado, limpo, cheirando a sabonete.

— Oi, Eleanor — disse ele. — Como vai a beleza da família?

— Gastando os dedos de tanto trabalhar — respondeu Eleanor. — Meu Deus, você está brilhando esta noite.

— Em sua homenagem — disse Jimmy. — Quando você honra a mesa da família com sua presença, o mínimo que posso fazer é barbear-me.

— Sabe de uma coisa, na verdade você é bonito quando se arruma — disse Eleanor. — Parece ligeiramente um bandido corso vestido para a missa.

Jimmy lançou-lhe um largo sorriso.

— Tenho minhas fãs. Em números modestos.

— Jimmy — disse Strand. — Estamos tomando um drinque, sua mãe e eu. Quer fazer-nos companhia?

Jimmy sacudiu a cabeça.

— Tenho que me manter em forma para os Jogos Olímpicos.

— Jogos Olímpicos? — Eleanor perguntou, incrédula. — Que Jogos Olímpicos?

— De 1996 — respondeu Jimmy, com um largo sorriso, outra vez. — Espero ganhar a medalha de ouro, por satisfação instantânea.

— Aposto todo o meu dinheiro em você, irmão — disse Eleanor.

Competiam entre si, e Eleanor não escondia sua desaprovação pelo modo de vida de Jimmy e as companhias que ele escolhia. Jimmy, que tinha a inteligência da irmã em alto conceito, por outro lado desprezava seu modo de vida, como um desperdício, pois em sua opinião ela chapinhava na burguesia como um ser computadorizado e insensato. Havia um esquerdismo amorfo e despropositado nas explosões ocasionais de Jimmy que aborrecia Strand, com sua visão ordeira e pragmática da sociedade que lhe era imposta, mas não tentava discutir com o rapaz. Os inevitáveis paroxismos da juventude, dizia a si mesmo, sempre que Jimmy tocava no assunto. Sabia que, genuinamente, Jimmy e Eleanor gostavam um do outro, mas, às vezes, as discussões causavam mágoas desagradáveis.

Pigarreou para que todos pudessem escutar e ergueu o copo.

— Para... bem... — voltou-se para Eleanor. — A Grécia. Leslie ficou intrigada.

— O que há com a Grécia?

— Contarei a você mais tarde, mamãe — disse Eleanor. — Conversa entre mulheres.

— A pobre cozinheira perde tudo lá na cozinha. Todos os mexericos — disse Leslie, bebendo o xerez aos goles. — Bem, se Caroline não aparecer dentro de cinco minutos, teremos de começar sem ela. Caroline disse que chegaria mais tarde quando você a deixou, Allen?

— Não. — O uísque era o seu primeiro drinque da semana, e ele o degustava, saboreando-o antes

de engolir, quando a campainha da porta tocou.

— Deve ser Caroline — disse Leslie —, mas ela tem chave. . . — A campainha não parava, um som alto, longo, constante.

— Meu Deus — exclamou Leslie. — Ela sabe que não somos surdos.

Jimmy lançou um rápido olhar para o pai. Strand podia ver o olhar alarmado no rosto do filho e teve a sensação de que ele refletia a expressão do seu próprio olhar.

— Eu atendo — disse Jimmy, e saiu apressado da sala de jantar. Strand colocou o copo sobre a mesa e o seguiu, tentando parecer natural. Jimmy acabava de abrir a porta quando Strand chegou ao *bali*. Tropeçando, quase caindo, Caroline atravessou a soleira, cambaleante. Escorava um homem cuja cabeça pendia sobre o peito, e ambos estavam cobertos de sangue.

2

— *Ele tem exatamente a sua idade — ele ouvia uma voz dizer, ou lembrava-se de ter ouvido. Uma voz conhecida. . .*

Jimmy deu um salto para a frente, tentando amparar a irmã e o homem que ela segurava, e Strand aproximou-se para ajudar. O homem gemeu.

— Estou bem — disse Caroline, ofegante. — Segurem a *ele*. Este sangue é dele, não meu. — Ela ainda segurava a raquete de tênis com a mão livre. O suéter e os *jeans* que ela havia colocado sobre as roupas de tênis estavam manchados de sangue. Soltou o homem quando Strand colocou um braço ao redor da cintura dele. Era um homem grande e pesado; um grande corte intumescido atravessava-lhe a cabeça totalmente careca e descia pela frente até a face esquerda. A jaqueta de couro que usava estava cortada em vários lugares. Fez um esforço para erguer a cabeça e ficar firme.

— Estou bem — murmurou. — Por favor, não se incomode, senhor. Só vou sentar-me um pouco e. . . — Caiu outra vez nos braços de Strand.

— O que está acontecendo aqui? — Strand ouviu a voz da mulher atrás dele. — Oh, meu Deus!

— Nada de sério, minha cara senhora — murmurou o homem, tentando sorrir. — Verdade.

— Eleanor — disse Leslie —, vá chamar o dr. Prinz e diga-lhe que venha imediatamente.

— Não é preciso, realmente — disse o homem, a voz tornando-se mais clara. Com esforço, endireitou o corpo. — O meu médico cuidará disso agora. Não quero incomodar. . .

— Vamos levá-lo para a sala de estar — ordenou Leslie, com energia — e deitá-lo no sofá. Eleanor, não fique aí parada. Caroline, e quanto a você?

— Nada com que se preocupar, mamãe. Estou apenas com a roupa suja, é só. Largue-me, Jimmy. Não preciso que me carreguem. — Sua voz soou ríspida e zangada, com um tom que Strand ainda não havia notado antes.

— Se me deixarem tentar me movimentar sozinho, senhor — disse o homem —, verão que. . .

Cautelosamente, pronto para ampará-lo ainda, Strand deu um passo atrás. Percebeu que a manga do paletó ficou manchada com o sangue do talho que havia nas costas da mão do homem, e depois envergonhou-se por tê-lo notado. O homem deu um bom passo à frente.

— Está vendo? — disse ele, com a dignidade de um bêbado passando por uma prova de álcool diante de um policial. Passou a mão pelo rosto, olhou calmamente para o sangue em sua mão. — Um pequeno machucado, posso garantir.

Lentamente, todos foram para a sala de estar. O homem sentou-se, com firmeza, numa cadeira de madeira.

— É muita bondade de vocês, mas não precisavam ter todo esse trabalho. — Era um homem, Strand presumia, mais ou menos da sua idade e quase da mesma altura. Se estava sofrendo, não havia sinal disso no rosto pálido e ferido.

— Jimmy — ordenou Leslie. — Vá buscar um pouco de água quente e um pano. — Ele deu uma olhada no rosto coberto de sangue. O sangue ainda pingava no tapete da sala de estar. — E uma toalha. Duas toalhas. Apanhe algumas ataduras e esparadrapo na caixa dos remédios. E traga um balde com gelo.

— Não precisa se incomodar — disse o homem. — É apenas um arranhão.

— Caroline — continuou Leslie —, você parece que esteve num campo de batalha. Tem certeza de que está tudo bem com você? Não é hora para heroísmos tolos.

— Já disse — falou Caroline, e sua voz de súbito tremeu. — Estou ótima. — Ainda segurava a raquete de tênis, como se nos próximos segundos fosse precisar dela para um novo e importante jogo. O aço da moldura da raquete, notou Strand, também estava sujo de sangue.

— O que aconteceu? — perguntou. Tinha-se afastado para um lado, constrangido. Nunca vira tanto sangue antes, e aquilo o deixou enjoado.

— Ele foi assaltado e... — começou Caroline.

Eleanor voltou à sala de estar.

— O dr. Prinz não está. O serviço de recados informou que ele nos telefonará dentro de uma hora.

Leslie gemeu.

Rodeando os ombros de Caroline com o braço, Eleanor falou em tom afetuoso:

— Meu bem, está tudo bem agora, tudo bem. Tem certeza de que não está ferida?

Caroline começou a soluçar, com os ombros a tremer.

— Eu estou ó... ó... ótima — exclamou. — Só preciso lavar o rosto e mudar a roupa, mais nada. Oh, estou tão contente porque todo mundo está em casa!

Jimmy voltou com uma bacia de água quente, as toalhas, ataduras e o balde com gelo. Enquanto Leslie umedecia uma toalha e começava a limpar delicadamente o ferimento no couro cabeludo do homem, ele disse:

— Vocês todos são muito bondosos. Peço desculpas por estar causando tanta confusão e dar tanto trabalho. — Sua voz estava surpreendentemente calma agora, como se estivesse se desculpando por ter tocado a campainha em uma porta errada. Falava com o sotaque característico das escolas do leste. Não fez nenhum movimento nem estremeceu enquanto Leslie limpava o sangue do seu rosto e tratava do ferimento em carne viva da sua mão, que deixaram a toalha cor de ferrugem. Leslie trabalhava rapidamente, sem nervosismo, como se tratar de estranhos feridos fosse uma rotina em sua casa.

— Desconfio que vai ser preciso dar uns pontos — disse ela, com simplicidade — quando o médico chegar. Espero não estar machucando o senhor.

— Em absoluto — afirmou o homem. — Tomara que meu aspecto não choque vocês. As coisas sempre parecem piores do que na verdade são. — Ensaíou um sorriso, para reforçar suas palavras.

— Caroline — falou Strand —, como aconteceu tudo isso?

— Se me permitir — disse o homem —, gostaria de explicar. Minha cara jovem — dirigiu-se a Caroline —, estou certo de que gostaria de mudar essas roupas cheias de sangue.

— Eleanor — ordenou Leslie —, leve-a para o banheiro e coloque-a num banho quente de chuveiro. — Leslie tinha uma fé inabalável na eficácia de banhos quentes de chuveiro, para todas as emergências. — E diga à sra. Curtis para não servir ainda o jantar.

— Oh, meu Deus! — exclamou o homem. — Estou estragando o seu jantar. Desculpe-me. Eu posso levantar-me e ir para casa, a senhora sabe. — Fez um movimento para se erguer.

— Fique quieto — disse Leslie, categórica, enquanto Eleanor levava Caroline, ainda agarrada à raquete, para o banheiro. Leslie começou a envolver a cabeça do homem com ataduras, as mãos movendo-se com habilidade e eficiência.

— Allen — continuou ela —, ponha bastante gelo nessa toalha limpa e faça uma compressa com ela.

Enquanto Strand seguia suas instruções, Leslie falou ao homem:

— Seu rosto vai inchar um pouco. Segure o gelo bem firme contra ele. Vai ajudar a desinchar.

Obediente, o homem colocou a compressa de gelo no rosto. Para Strand, ele parecia absurdamente um garotinho que se metera numa briga e agora deixava que a mãe cuidasse de seus ferimentos.

Jimmy observava o homem, com curiosidade.

— Alguém o deixou num estado bastante lamentável, senhor — comentou.

— Não é a primeira vez — falou o homem. — Podia ter sido pior. Muito pior. Se não fosse a mocinha vir em meu socorro... O anjo vingador. — Esboçou um sorriso. — Bem ao contrário de uma situação comum.

— Onde isso...? — perguntou Strand.

— No parque. Esta noite, eu estava um pouco mais atrasado do que o normal. Pressão dos negócios. A velha história. — Leslie conseguira remover a maior parte do sangue, e ele parecia calmo e confiante, ligeiramente corado, com um rosto forte, bem-feito, que fez Strand lembrar-se dos quadros dos conquistadores espanhóis, confiantes e acostumados a mandar. — Eu estava dando o meu giro diário pelo

parque, a conselho do médico. .. sabem como são exagerados com os homens que se aproximam da meia-idade e que levam vida sedentária nos escritórios.

Leslie deu um passo atrás, para admirar seu trabalho.

— Isto é o melhor que posso fazer no momento, para os primeiros socorros — disse ela. — Não parece tão ruim assim. Agora, vejamos a mão. — Começou a enrolar ataduras nas costas e na palma da mão, cortando tiras de esparadrapo, fazendo barulho enquanto as rasgava.

— Perdi o chapéu em algum lugar — comentou o homem. — Penso que ajudaria a melhorar minha aparência.

— Com que o senhor foi ferido? — perguntou Strand. — Talvez precise de uma injeção contra tétano.

— O. . . o instrumento — respondeu o homem, secamente — parecia inofensivo para mim, embora, na ocasião, eu não estivesse em condições de garantir. Estou certo de que meu médico fará o que for necessário.

— Que instrumento? — perguntou Jimmy, com curiosidade.

— No meu entender — explicou o homem —, acho que era um pedaço de cano de chumbo. Oh, que descuido, o meu. Deixem-me que me apresente. Sou Russell Hazen. — Disse o nome como se esperasse ser reconhecido, mas Strand nunca ouvira falar nele.

— Allen Strand — apresentou-se Strand. — E esta é minha mulher, Leslie. E meu filho, James.

— Muita honra. — Hazen fez uma pequena reverência, sentado. — Espero que nos encontremos em circunstâncias mais auspiciosas.

Com sangue ou sem sangue, pensou Strand, ele tinha o vocabulário de um advogado. *Meu ilustre colega, o que acaba de me ferir na cabeça com um cano de chumbo. . .*

— O senhor sabe que não precisa falar — disse Leslie —, se não tiver vontade.

— Quero que saibam — prosseguiu Hazen, ignorando a sugestão de Leslie para ficar em silêncio — que têm uma filha extraordinariamente corajosa...

— O que ela fez? — perguntou Jimmy. Parecia descrente, como se, entre todas as virtudes que atribuía à irmã, a coragem física não estivesse em primeiro lugar.

— Como eu estava dizendo, dava meu giro diário no parque...

— Giro? — Jimmy perguntou. — Que espécie de giro? Para os jovens, pensou Strand, desejando que Jimmy se calasse, os fatos vinham primeiro e a piedade depois, se viesse. Jimmy parecia desconfiado, como se a verdade fosse finalmente surgir, como se o estado da irmã, o sangue em suas roupas e o soluço histérico nos braços de Eleanor fossem, no fundo, culpa de Hazen.

— Uma volta de bicicleta — explicou Hazen. — Excelente exercício. Não é preciso um grupo ou um acompanhante, principalmente num dia magnífico como o de hoje, para se aproveitar a generosidade da natureza.

Ele deve ter aprendido a falar no século XVIII, pensou Strand, sem alterar a expressão do rosto enquanto ouvia o homem.

— Parei para respirar um pouco — continuou Hazen. — Desviei-me ligeiramente do caminho e encostei-me numa árvore e fumei um cigarro, acho. Meu médico, sem dúvida alguma, diria que eu estava anulando todo o bem que o exercício me havia feito. Mas é um velho hábito, confortador em certos momentos. . . Estava pensando no problema que me prendera mais do que o habitual no escritório e achei que talvez cinco minutos de reflexão...

— E então eles caíram sobre o senhor? — Jimmy não estava acostumado com reflexões, suas ou de mais alguém.

— Começava a escurecer — continuou Hazen, tranquilo. — Distraía-me, olhando para as luzes nos edifícios do Central Park West, naquele sossego. — Parou e tocou de leve no ferimento do rosto. — Então, como você disse, James, eles pularam sobre mim.

— Os miseráveis — vociferou Jimmy.

— Juventude, desprivilegiados, com feias lembranças raciais — contrapôs Hazen, dando de ombros. — A ilegalidade e a ordem do dia, a propriedade, uma ostentação do privilégio desmerecido...

Discurso da defesa, pensou Strand. *Excelência, permita-me apresentar certas circunstâncias atenuantes.*

— Está querendo dizer que eram pretos? — perguntou Jimmy, asperamente.

Sério, Hazen assentiu com a cabeça.

— Vez por outra, meus amigos me previnem. Principalmente depois que escurece.

— Diabos! — exclamou Jimmy, voltando-se para os pais. — Quantas vezes já disse que Caroline não devia freqüentar aquele maldito parque?

— Quantas vezes, Jimmy — disse Strand —, já lhe disse que deve parar de fumar e que deve dormir antes das cinco horas da manhã?

— Parem de discutir, vocês dois — interrompeu-os Leslie, com aspereza. Depois, para Hazen: — Como foi que minha filha se envolveu nisso?

— Ela surgiu não sei de onde — explicou Hazen. — Dos arbustos, suponho. Os três homens... meninos, na verdade, pois não tinham mais do que quinze ou dezesseis anos, acho. . . avançaram sobre mim, furtivamente. A primeira coisa de que me lembro é que me bateram na cabeça, fiquei um pouco tonto, mas segurava firmemente a bicicleta, o objetivo do assalto. Meu chapéu voou, eles me bateram outra vez no rosto, e um deles puxou um canivete e começou a cortar minha jaqueta. . . — Olhou para baixo, tocando com os dedos o couro em farrapos. — Duvido que desejassem mesmo me esfaquear, queriam apenas me assustar para que eu largasse a bicicleta, o corte na mão foi naquele momento... Eu gritava, embora com alguma dificuldade, pois um deles passara o braço pelo meu pescoço. Assombrosamente forte, para um menino daquela idade.

— E o senhor ficou agarrado à bicicleta esse tempo todo? — perguntou Jimmy, incrédulo.

— Era minha propriedade, James — disse Hazen, suavemente.

— Meu Deus — exclamou Jimmy. — Por uma bicicleta. Quanto custou? Cem? Cento e cinquenta?

— Um pouquinho mais do que isso — respondeu Hazen. — É uma bicicleta francesa. Dez marchas. Mas o dinheiro não era a questão. Como já disse, era minha, e não deles.

— E estava disposto a correr o risco de ser morto por causa de uma mísera bicicleta?

— Isso é um outro assunto para se discutir — disse Hazen, com dignidade.

— Estava disposto a ser morto? — insistiu Jimmy.

— Não raciocinei com calma no momento. Mas acho que esse pensamento passou pela minha cabeça. Felizmente, sua irmã apareceu, surpreendendo completamente os malandros. Ela gritou antes de atacar e, ao ouvirem os gritos, eles ficaram paralisados, por uns instantes. Naquele momento. . . foi tudo tão rápido que nem pude acompanhar. . . ela começou a atacar com a raquete de tênis. Com a moldura. Serve muito bem de arma. A borda é como uma navalha. No primeiro golpe, estraçalhou a mão do rapaz de canivete, e ele deu um berro, largando a arma. Com o segundo golpe, abriu um talho no rosto e desconfio que atingiu seriamente os olhos do rapaz que estava com o cano de chumbo, fazendo-o largar o cano e afastar-se, cambaleante, curvado, com as mãos nos olhos. Depois ela atacou o rapaz do canivete no rosto, duas vezes, e ele caiu no chão. Você nunca imaginou que uma raquete de tênis pudesse servir de arma, não é? O terceiro rapaz apenas fugiu. Durante todo o tempo, sua irmã gritava... apenas gritava, devo dizer. . . embora ninguém parecesse escutar, ou, se escutaram, não deram atenção a isso. Ela disse: "agarre-se a mim", apoderando-se do guidão da bicicleta, e saímos correndo. . . acredito que saímos correndo... do parque. E aqui estou eu. — Hazen sorriu para Leslie e Strand. Meu Deus, pensou Strand, que menina!

— Agora estou contente — comentou ele — por ter concordado quando Caroline me pediu que comprasse uma raquete de aço. — Teve de dizer uma piada sem graça para não demonstrar a emoção que sentia, o medo que o invadiu, temendo pela filha, enquanto Hazen contava sua história.

— Eu também — concordou Hazen, sério. — Mais do que contente. Talvez não seja exagero dizer, inclusive, que devo minha vida à sua filha. Diga-lhe que se houver algum modo de mostrar minha gratidão. . .

— Tenho certeza de que está feliz com o fato de o senhor estar são e salvo — garantiu Leslie. — Sorriu levemente. — É bastante compensador. — Olhou para Strand, os olhos estavam úmidos. — O que sabemos sobre a nossa menina? — murmurou.

— Mais do que eu sabia há vinte minutos — respondeu Strand. Colocou o braço ao redor de seus ombros. Alguém estava tremendo, mas não sabia se era Leslie ou ele próprio.

— O senhor chamou a polícia? — perguntou Jimmy.

Hazen riu e falou, categórico:

— Polícia? Nesta cidade? Sou advogado, James. O que eles podem fazer?

Eu estava certo, pensou Strand. Advogado.

Hazen começou a movimentar-se, tentando levantar-se.

— Já tomei tempo suficiente do jantar de vocês. Agora é melhor ir para ca. . . — Cambaleou e sentou-se, com uma expressão atônita no olhar. — Talvez mais alguns minutos de descanso — disse, com voz abafada.

— O senhor vai ficar aqui mesmo — ordenou Leslie —, até o médico chegar.

— Talvez — murmurou Hazen, com voz fraca — seja prudente. Se não se importarem.

— Quer que telefone para sua casa — perguntou Strand — dizendo onde está e que chegará um pouco mais tarde?

— Não se incomode. Não tenho ninguém à minha espera. Estou sozinho neste fim de semana. — A voz de Hazen estava fria e distante enquanto falava.

Tinha problemas em casa, pensou Strand, como tivera no parque.

— Eu estava começando um drinque antes do jantar, quando o senhor chegou. Penso que um drinque lhe faria bem.

— Obrigado. Ajudaria muito.

— Puro? Ou com água? Só temos uísque. — Não mencionou o xerez. Depois do que Hazen passara, Strand desconfiava que xerez não seria muito adequado.

— Puro, por favor — pediu Hazen, recostando a cabeça no espaldar da cadeira e fechando os olhos.

— É melhor servir um uísque para mim também — disse Leslie, enquanto Strand se dirigia à sala de jantar.

O telefone tocou no *hall* no momento em que servia os drinques. Deixou os copos no aparador para atendê-lo. Era o dr. Prinz, irritado. Pareceu ficar menos exasperado quando Strand, rapidamente, lhe contou o ocorrido, e ele prometeu que iria assim que fosse possível, pois estava com um paciente que sofrera um ataque cardíaco e que lhe tomaria algum tempo ainda.

Quando Strand voltou com os drinques, Leslie disse:

— Jimmy desceu e foi falar com Alexander para guardar a bicicleta no porão, por esta noite. — Strand assentiu com a cabeça. Seria tolice deixar que a roubassem agora.

Hazen ainda estava sentado com a cabeça reclinada e os olhos fechados.

— Aqui estamos — falou Strand, esperando que a voz soasse alegre. — Um pouquinho de sol da Escócia.

— Obrigado, senhor. — Hazen abriu os olhos e apanhou o copo com a mão que não estava ferida. Ninguém se ofereceu para fazer um brinde, e Hazen terminou seu drinque em dois goles. Leslie também bebeu rapidamente, e depois se sentou como se de repente percebesse como estava cansada.

— Sinto a pulsação da vida — disse Hazen, debilmente.

— Aceita outro? — ofereceu Strand.

— Não, obrigado. Este era tudo o que eu precisava.

A sra. Curtis entrou na sala, e parecia emburrada — era assim que Leslie descrevia sua disposição quando as coisas não corriam do seu jeito.

— Desculpe-me, senhora — disse ela, olhando severamente para o homem ferido, na cadeira de madeira. — A sopa está pronta e o resto vai ficar horrível se...

— Estamos esperando o médico, sra. Curtis — disse Leslie. — Eu aviso quando. . .

— Se não se importar de ter um espantalho à mesa enquanto janta — disse Hazen —, gostaria, se me permitissem, de sentar-me com vocês enquanto. . .

— Acho que seria mais prudente se. . . — começou Leslie.

— Talvez o sr. Hazen esteja com fome — atalhou Strand. Ele próprio estava faminto e aguardava com ansiedade o jantar, desde que chegara a casa e sentira aquele aroma da cozinha.

— Pensando bem, *estou* faminto — concordou Hazen. — Comi apenas um sanduíche no almoço, no escritório mesmo. Não há dúvida de que gostaria de um prato de sopa, se não fosse muito trabalho.

— Muito bem, sra. Curtis — disse Leslie —, coloque mais um lugar à mesa. Vamos agora mesmo.

A sra. Curtis lançou outro olhar acusador para Hazen, o destruidor de jantares, e voltou para a cozinha.

— Bem, há males que vêm para bem — falou Hazen, numa tentativa de ser cordial. — E eu que pensei que teria de jantar sozinho esta noite!

Embora Hazen tivesse falado sem nenhum sinal de autopiedade, Strand teve a sensação de que, a despeito do que lhe custara, a perspectiva de não ficar sozinho aquela noite era muito bem acolhida por ele.

Hazen olhou para a vasta sala de estar, notando o grande piano, a pilha de partituras, as prateleiras de discos, os quadros de Leslie.

— Que sala bonita! — comentou. — Presumo que formem uma família musical...

— Nós todos *ouvimos* — disse Strand. — Minha mulher e meu filho são os únicos musicistas.

— Minha mãe tocava piano para mim — prosseguiu Hazen, com um pequeno e estranho gesto de indiferença. — Séculos atrás. É seu filho quem toca piano?

— Minha mulher — respondeu Strand. — Jimmy toca guitarra elétrica. *Country rock*, acho que é assim que se chama.

— E os quadros de paisagens? — perguntou Hazen. — Não reconheço o pintor.

— Minha mulher — respondeu Strand.

Hazen assentiu com a cabeça, mas nada disse.

Eleanor e Caroline entraram na sala. Caroline usava calças compridas e uma camiseta limpa, estava de rosto lavado, sem qualquer sinal de que havia dominado três desordeiros numa batalha solitária e que caíra nos braços da irmã num choro histérico, havia uma hora apenas. Finalmente, havia largado a raquete. Sorria alegre, aparentando menos do que os seus dezessete anos.

— Como está o paciente? — perguntou.

— Quase em bom estado — disse Hazen. — Graças à sua mãe. E como se sente, srta. Caroline?

— Oh! — Caroline fez um ligeiro gesto com o braço. — Triunfante. Tenho nova fé em meus poderes. — Deu uma risadinha. — Não sei se faria isso outra vez, se parasse para pensar.

— Como se explica você se encontrar sozinha? — Strand perguntou. — Onde estava o rapaz com quem você jogava?

— Ele mora no East Side — respondeu Caroline.

— Você vai poder usar aquela raquete outra vez? — Hazen perguntou.

— Acho que não — respondeu Caroline. — Está um pouco torta. Se me deixassem atacar meus oponentes em vez da bola, aposto que venceria todas as partidas. — Deu uma risadinha novamente.

— Não ficou com medo? — continuou Hazen.

— Só mais tarde. E isso não conta, não é?

Jimmy voltou e disse:

— A bicicleta está guardada no porão. Pode mandar buscá-la quando quiser, sr. Hazen. É uma beleza.

— Vou mandar um dos meus secretários apanhá-la amanhã de manhã. Não creio que possa usá-la nos próximos dias. A menos que a srta. Caroline queira me servir de guarda-costas.

— Acho que vou desistir enquanto estou ganhando. — Caroline riu outra vez.

A sra. Curtis apareceu na porta da sala de jantar e lançou-lhes um olhar penetrante.

— Oh, meu Deus — disse Leslie —, acho melhor nos sentarmos.

Strand fez um movimento para ajudar Hazen a se erguer, mas ele ignorou o braço estendido e deu um passo à frente, sem cambalear, em direção à sala de jantar, seguindo Leslie.

— Que mesa bonita! — comentou Hazen, enquanto Leslie o colocava à sua direita. Isso foi dito com voz um pouco abafada, pois ele segurava a compressa de gelo contra o rosto com a mão enfaixada. — Espero não estar sendo um intruso numa importante conferência familiar.

— Obedecemos a uma regra — falou Strand, sentindo as pontadas da fome —: a única coisa importante sobre a qual podemos conversar nas noites de sexta-feira é comida. — Isso não era a verdade, e só o disse para ser gentil. Na última sexta-feira houvera uma discussão sobre política que havia terminado aos gritos, com Eleanor comparando as atitudes do pai com as de Luís XIV. Todos tinham adorado aquela noite, Strand apanhou a garrafa de *chianti*.

— Vinho? — ofereceu.

— Obrigado — agradeceu Hazen. — Fiquei de repente com uma sede terrível.

— Perda de sangue — disse Caroline, alegremente.

— Terror, minha querida. — Hazen sorriu para ela. — Puro terror.

— O que acha que aqueles três rapazes estão pensando agora? — indagou Caroline, mergulhando a colher na sopa.

— Planejando onde podem roubar três raquetes de tênis... não, quatro... — disse Hazen, rindo meio torto por causa do queixo machucado — e imaginando onde poderão arranjar uma garota para ajudá-los na sua próxima ação nefasta.

Caroline deu outra risadinha.

— Oh, sou uma tenista perigosa — disse ela.

Strand sacudiu a cabeça, abismado. Esta deve ser uma atmosfera semelhante à de um vestiário de futebol, pensou, depois de uma vitória particularmente difícil.

Hazen tomava a sopa desajeitadamente com a mão esquerda. A sua boca começava a inchar, mas seus olhos estavam brilhantes, e ele parecia estar se divertindo.

— Excelente — dizia —, excelente. Posso dar meus cumprimentos à cozinheira?

— É mamãe — confidenciou Caroline. Obviamente, estava orgulhosa de sua família naquela noite, assim como de si própria.

— Uma tribo perfeita — disse Hazen, com galanteria. Voltou-se para Jimmy: — E você, meu rapaz, o que faz?

Jimmy lançou um olhar ao redor da mesa.

— De acordo com minha irmã, trago desonra para o nome da família. Frequento tabernas e lugares suspeitos.

— Jimmy — protestou Leslie —, isso é coisa que se diga?

Jimmy lançou-lhe um largo sorriso.

— É uma frase afetuosa e íntima, entre nós. Ela não fala a sério. Fala, Eleanor?

— Só às vezes, doçura. — Eleanor retribuiu-lhe o sorriso.

Hazen olhou para Jimmy, com curiosidade, depois voltou sua atenção para Eleanor.

— E você, minha querida?

— Trabalho como uma escrava e luto por uma promoção — respondeu Eleanor, sucintamente. Estivera muito silenciosa, o que era uma raridade. Strand sentia que, por alguma razão, assim como Jimmy, ela não aprovava Hazen, e procurou guardar isso na memória para perguntar-lhes por quê, depois que Hazen partisse.

Eleanor levantou-se para ajudar a tirar os pratos de sopa, quando a sra. Curtis trouxe o prato principal, colocando-o diante de Leslie, para que o servisse.

— Lamento, mas acho que não conseguirei comer mais nada — disse Hazen, quando Leslie fez menção de pegar seu prato. — Embora, pela aparência e pelo cheiro, deva estar delicioso. — Bebeu um gole de vinho.

— Em que dia da semana estamos, sr. Hazen? — perguntou Jimmy.

— Que pergunta é essa? — Leslie olhou para o filho, desconfiada.

— Quero ver se ele sofreu uma concussão — respondeu Jimmy. — Se sofreu, deve ficar deitado num quarto escuro, com os olhos fechados.

— Sexta-feira — disse Hazen, sorrindo. — Creio que ainda é sexta-feira. Posso não ser capaz de mastigar, neste momento, mas não creio que tenha sofrido uma concussão, obrigado.

Ocorreu a Strand que Jimmy estava mais interessado em fazer Hazen sair da sala do que em seu estado de saúde, mas, quando olhou para o filho, viu que Jimmy o observava inocentemente, por sobre a mesa.

— E quanto ao senhor, sr. Strand, se me permite indagar — disse Hazen —, qual é a sua profissão?

Investigação pré-julgamento, pensou Strand. *O seu advogado deve ter os fatos como você os vê, para que possa manejar o caso com eficiência.* Não, advogado não. Strand se corrigiu, um pouco aborrecido com o homem. Mais parecia um general revistando as tropas, fazendo simples perguntinhas para provar que, a despeito das estrelas no ombro, era, no fundo, um verdadeiro democrata.

— Minha profissão. . . — Pigarreou. — Batalho com os instintos sedentos de sangue da geração mais jovem — respondeu Strand, de modo vago, de propósito. Chegara à conclusão de que Hazen era um homem importante, mais devido às suas maneiras do que a qualquer coisa que tivesse dito, e que ele faria o mesmo juízo que o pai de Leslie havia feito se Strand dissesse que apenas lecionava no curso secundário.

— Ele leciona na River High. — Leslie tinha percebido a hesitação do marido e falou quase em atitude de desafio. — Chefia o Departamento de História.

— Ah! — Hazen parecia impressionado. — Quando eu era jovem, quis ser professor. Uma vida útil. Mais útil do que a de advogado, disse ao meu pai. Ele não era da mesma opinião. Formei-me em direito. — Hazen riu, reprovador. — As discussões, na casa de meu pai, eram curtas.

— Aqui, não são curtas — disse Strand. — Isso posso garantir.

— Saudável. — Hazen voltou-se para Caroline. — E você, minha jovem? Está na faculdade?

Caroline, que estivera comendo como uma esfaimada, riu.

— Se eu tiver sorte, no outono. Termino o preparatório no mês que vem. Com as minhas notas. . .

— Sacudiu a cabeça, pesarosa.

— Não estuda na River? — perguntou Hazen.

— É do outro lado da cidade — respondeu Leslie, mais do que depressa.

— Papai acha que é muito perigoso. Eu lhe disse que se não era perigoso para ele não era perigoso para mim. — Sorriu. Comumente, ela não era uma garota dada a risotas, mas Strand a desculpava naquela noite. — Essa foi uma discussão curta. Perdi. Frequento um colégio a dez quarteirões daqui.

— É claro que li sobre isso — disse Hazen —, sobre a violência nos colégios públicos, assaltos, crianças roubando outras crianças, armas. Sempre aceitei isso com reservas. Sr. Strand, já teve algum... — Parou.

— Bem — disse Strand —, não é exatamente uma escola dominical em Vermont, digamos. Há incidentes. Sim, certamente que há incidentes.

— Já esteve envolvido em algum? — Hazen inclinou-se para a frente, interessado.

— Uma ou duas vezes — respondeu Strand. — Um menino, no semestre passado, ameaçou-me com um canivete se eu não o aprovasse. Ele já tinha faltado a metade das aulas e, no exame final, tirou 32, quando a nota maior é 100.

— O senhor o aprovou?

Strand riu.

— É claro. Se ele queria tanto uma nota para passar a ponto de me ameaçar de morte, achei que merecia. Pelo menos, não tentou tomar-me a bicicleta.

Hazen tocou na atadura da cabeça, pesaroso.

— Talvez o senhor seja mais inteligente do que eu — disse ele. — Vê algum vislumbre de esperança para esses rufiões?

Strand deu de ombros.

— Naturalmente. Embora a maioria deles esteja fadada a desaparecer, creio, muito rapidamente. Na minha classe de formandos, por exemplo, há um porto-riquenho miudinho, que parece ter estudado história desde bebezinho. Li um trabalho dele esta tarde. Sobre a Guerra Civil. Ele tem idéias próprias a respeito.

— Por exemplo...? — disse Hazen. Parecia genuinamente interessado.

— Por exemplo, ele escreveu que a Guerra Civil foi um grande engano. — Enquanto falava sobre o menino, Strand podia ver o rosto redondo e moreno, de dentes brancos, expostos num sorriso que tanto podia ser de desprezo como de insolência. — Escreveu que deviam ter permitido ao sul seguir seu caminho, que em pouco tempo teriam de libertar os escravos de qualquer maneira, e isso teria poupado um milhão de vidas. Agora, escreveu ele, o sul e o norte já teriam se unido de alguma forma, mesmo numa confederação um tanto imprecisa, e todos nós, brancos e negros, teríamos sido poupados de um século de miséria. Isso, naturalmente, não é o que ele tem aprendido, e devo preveni-lo de que, se responder às questões dessa forma no vestibular, não passará.

— Como o senhor acha que ele vai reagir?

— Vai rir. Passar no vestibular não significa muito para ele. Não vai poder ir para a faculdade, estará procurando um trabalho como lavador de pratos ou como entregador de rua, durante o verão; então, como pode preocupar-se com o vestibular?

— É uma pena, não é? — comentou Hazen, pensativamente.

— É, agora — respondeu Strand.

— Que conceito lhe deu por esse trabalho?

— A — respondeu Strand.

— O senhor deve ser um professor fora do comum.

— Ele é um menino fora do comum. Em outro trabalho, argumentou que o ensino de história era

uma mistificação. Palavra dele. Mistificação. Escreveu que causa e consequência nos movimentos históricos são esquematizadas para facilitar aos historiadores embrulhar nosso passado em ordeiros e pequenos fardos falsos. Ele está lendo sobre ciências... física... e agarrou-se à teoria da casualidade. Acho que o senhor já leu alguma coisa sobre isso, não?

— Um pouco — assentiu Hazen com a cabeça.

— Ele usa essa teoria para dizer que nada é ou foi inevitável, tudo provém por acidente, a colisão casual das partículas, na política e na economia, assim como na natureza e no laboratório. De acordo com essa teoria, diz ele, também a Revolução Industrial não teria acontecido se dez pessoas não tivessem nascido. Não teria ocorrido a Segunda Guerra Mundial se Hitler tivesse sido morto em 1917, na frente ocidental; a Guerra Civil teria sido evitada se Lincoln tivesse decidido continuar em Springfield, advogando. . .

— E que nota lhe deu por essa partícula de filosofia não-ortodoxa? — Hazen perguntou.

— A. — Strand riu. — Talvez porque fosse diferente de todos os outros trabalhos. E ele sabe ortografia.

— O senhor acha que ele estaria interessado em ir para a faculdade, se pudesse?

— Não. Ele me confessou, também, que a educação é mistificação. Mas um menino desses, de vez em quando, faz a gente sentir que tudo vale a pena.

— Compreendo — disse Hazen. Tirou a compressa do rosto por um momento, ficou olhando pensativamente para ela, depois colocou-a no lugar. — Acho que o ensino mudou, desde os meus tempos. . . todo o ensino.

— Onde foi que o senhor estudou? — perguntou Strand. Como chefe da família, não podia permitir que Hazen fizesse todas as perguntas.

— No lugar de sempre — disse Hazen, de imediato. — Yale, Faculdade de Direito de Harvard. Nas pegadas do meu pai. Ele nunca ouviu falar de casualidade.

— A classe dominante — disse Jimmy. — O berço do nosso governo. A sepultura da América.

— Jimmy — repreendeu Leslie, em tom áspero. — Não seja grosseiro só para chocar as pessoas.

— Jimmy pode estar mais certo do que faz crer, sra. Strand — disse Hazen.

Ele não está tão seguro de si quanto imagina, pensou Strand. Pensando bem, não parece um homem que dorme bem à noite. E não é por causa das ataduras na cabeça, certamente.

A campainha da porta tocou, e Jimmy levantou-se para atender.

— Deve ser o dr. Prinz — disse Leslie.

— Vocês têm um médico excepcional — observou Hazen. — Não é qualquer um que atende a chamados em casa, hoje em dia, principalmente na hora do jantar.

— É um velho colega de escola, do City College — disse Strand.

— Tenho vários colegas de escola que se tornaram médicos — falou Hazen. — Quando fico doente vou ao consultório deles ou eles me mandam para o hospital.

O dr. Prinz entrou apressadamente na sala. Era um homem pequeno, magro, com óculos grossos e um olhar cansado. Tocava violino razoavelmente, e três ou quatro vezes por ano dava saraus em seu apartamento, quando ele e Leslie tocavam, formando um trio com outro médico músico.

— Alô, Allen, Leslie — cumprimentou ele. — O que andaram fazendo agora?

— O sr. Hazen aqui foi assaltado — explicou Strand. — Leslie prestou-lhe os primeiros socorros.

— Nova York. — Prinz bufou, em sinal de desaprovação. — Sr. Hazen, poderia vir comigo até o banheiro? Acho que vou precisar de luz mais forte.

— Claro — respondeu Hazen.

Prinz observou cuidadosamente enquanto Hazen se erguia, depois assentiu com a cabeça, satisfeito, pois Hazen não demonstrava sinais de instabilidade.

— Se precisar de ajuda... — ofereceu-se Leslie.

— Chamarei se precisar de você, Leslie — disse Prinz. Pegou o braço de Hazen, gentilmente, e saíram da sala.

— Espero que Jerry tenha se lembrado de trazer algum anestésico — disse Leslie.

— Estou certo que sim — falou Strand. — Eu comentei pelo telefone que talvez ele precisasse de alguns pontos.

— Ele é muito corajoso, o sr. Hazen — comentou Caroline. — Se fosse comigo, teria gritado o tempo todo.

— Ele gosta do som da própria voz, não é? — disse Jimmy.

— Psiu — fez Leslie. — Ele está bem aí no banheiro.

— Cem mil dólares por ano, no mínimo — disse Eleanor. — Eu os vejo no escritório. Quando se chega ao topo, o som da própria voz é música celestial.

— Faça ele o que fizer — disse Strand —, admiro a maneira como está se comportando.

— Uma coisa — sussurrou Caroline, rindo. — Estou contente por não ser careca. Eu não sabia para que servia o cabelo, até esta noite.

— Ele teve muita sorte por você correr para ajudá-lo — disse Jimmy para Caroline. — O mínimo que pode fazer é oferecer-lhe uma nova raquete.

— Vocês não têm jeito mesmo — reclamou Leslie. — Não precisamos de nenhum favor. Todo mundo pronto para a sobremesa?

Acabavam de tomar o café na sala de estar quando Hazen e o médico voltaram, Hazen com uma nova atadura ao redor da cabeça, como um turbante, e um grosso chumaço branco preso com esparadrapo num dos lados do rosto. Estava pálido, e Strand tinha certeza de que a operação no banheiro não fora agradável, mas ele sorria, como se quisesse garantir a seus anfitriões que tudo estava bem.

— Tudo consertado — disse Prinz. — Por enquanto. Mas você vai sentir dor de cabeça. Peça a seu médico que tire algumas radiografias da sua cabeça, amanhã. Assegure-se de ter aspirina suficiente em casa. Tome uma pílula para dormir, também. Vai precisar. E — Prinz sorriu ligeiramente — não se olhe no espelho, pela manhã.

— Quer uma xícara de café, Jerry? — perguntou Leslie. Prinz sacudiu a cabeça.

— Não tenho tempo. Meu ataque cardíaco já deve estar no hospital a esta hora, e tenho de dar uma olhada nele.

— Alguém que conhecemos? — indagou Strand.

— Não. — Olhou friamente e com atenção para Strand, através dos óculos grossos. — Mas tem exatamente a sua idade. Quando fará um *checkup*?

— Na próxima vez que me sentir absolutamente bem. — Strand riu. — Prefiro que não me digam o que tenho, se eu já não souber antes.

— Faça como achar melhor — resmungou Prinz. — Estou muito ocupado assim mesmo. Boa noite para todos.

Strand acompanhou-o até a porta.

— Ele está bem, não está? Hazen?

— Ele teve uma sorte dos demônios — comentou Prinz, ao colocar um chapéu de feltro preto com uma aba larga que o fazia parecer um rabino. — Ele me contou sobre Caroline. Idiota! Talvez ela devesse alistar-se na polícia. Veja se consegue fazê-la tomar uma pílula para dormir, também. E não a deixe sair esta noite. Ela está com uma expressão esquisita nos olhos.

— Ela diz que não se feriu.

— Onde um médico pode ver, talvez — Prinz comentou, enigmaticamente. — Dê a ela uma pílula para dormir.

Strand segurou a porta para ele, e o médico foi embora, ao encontro do seu ataque cardíaco, um homem exatamente da idade de Strand.

Strand voltou para a sala de estar, onde Jimmy servia outro uísque puro para Hazen. Hazen segurava o copo com firmeza.

— Para me ajudar a encarar a noite — disse para Strand. — Obrigado pelo dr. Prinz. Ele tem mãos muito experientes.

— Quantos pontos? — perguntou Jimmy.

— Cinco ou seis — respondeu Hazen, despreocupado. — O bom médico avisou que vai mandar a conta para o senhor. Se tiver uma caneta à mão, escreverei meu endereço e poderá remetê-la para mim.

Jimmy tirou uma caneta e um pedaço de papel do bolso da jaqueta e Hazen escreveu rapidamente, entregando o papel a Strand. Ao guardar o papel no bolso, Strand notou que sua caligrafia era firme e uniforme.

— É logo depois da esquina da 82nd Street com a Fifth Avenue — disse Hazen. — Bem em frente do museu. Muito à mão. — Terminou a bebida e levantou-se, colocando, cuidadosamente, o copo vazio sobre um cinzeiro, para que não manchasse a mesa. — Da próxima vez que for ao museu, talvez possa fazer-me uma visita. Tenho um bocado de hospitalidade para retribuir. Agora devo ir. Já incomodei

o suficiente por uma noite as excelentes pessoas que são.

— Acho que não deveria ir sozinho — disse Strand. — Vou com o senhor. Podemos pegar um táxi na esquina.

— Oh, não é preciso, garanto-lhes — protestou Hazen.

— Tem alguém que cuide do senhor? — quis saber Leslie, parecendo preocupada. — Se não tem, pode ficar aqui. Jimmy não se importaria de dormir no sofá por uma noite.

— Estarei perfeitamente bem — garantiu Hazen. Strand percebeu que Hazen não respondeu se havia alguém no apartamento. — O dr. Prinz me deu o número do seu telefone, para qualquer eventualidade. Mas estou certo de que não vou precisar.

— Vou no táxi com o sr. Hazen — disse Eleanor. — Tenho um compromisso no East Side.

— É muita bondade sua — disse Hazen.

— Mesmo assim — insistiu Strand —, irei com o senhor, e quero vê-lo a salvo no táxi. Não gostaria que levasse outro golpe na cabeça no caminho até o Central Park West.

— Como quiser. Embora, na verdade, não me sinta um inválido.— Enquanto Eleanor apanhava a bolsa e o casaco, Hazen, sorrindo, disse para Caroline: — Boa noite, srta. Salvadora. — Depois, curvando-se um pouco ao apertar a mão de Leslie, acrescentou: — Não vou nem tentar dizer como sou grato à senhora... a todos vocês. . . Espero que nos possamos ver outra vez, em circunstâncias mais. . . ah... normais. — Deu um tapinha no turbante e olhou pesaroso para a jaqueta em farrapos. — Meu mordomo vai levar um choque quando eu chegar.

Assim que desceram, Strand, Hazen e Eleanor dirigiram-se para o Central Park West. Strand notou que o homem o olhava intensamente.

— Parece-me, sr. Strand, que já o vi em algum lugar, antes desta noite.

— Não — negou Strand. — Não creio que já nos tenhamos encontrado.

— Eu não disse que já nos tínhamos encontrado — corrigiu Hazen, um pouco impaciente. — Lembro-me das pessoas que conheço. É que seu rosto é um tanto familiar.

Strand sacudiu a cabeça.

— Desculpe-me, não posso ajudá-lo.

— Não o culpo por não me reconhecer. — Hazen riu. — Nem minha mãe me reconheceria, do jeito que estou hoje. Ah... — Deu de ombros. — Vou acabar me lembrando.

Caminharam em silêncio por um momento. Depois, Hazen tocou no braço de Strand e falou, com a maior seriedade:

— Preciso lhe dizer algo que talvez não devesse. Invejo-o pela família que tem, senhor. Extremamente. — Soltou o braço de Strand e caminharam em silêncio. Depois, ao chegarem a uma esquina, viram um táxi vazio que vinha na direção deles, e Hazen deu um profundo suspiro. — Que noite encantadora! — acrescentou. — Tenho uma coisa particular para lhe dizer. Gostei muito desta noite, cada minuto dela.

Deitado no leito enorme, no silencioso quarto escuro, Strand sentia a cabeça de Leslie pousada no seu ombro, os cabelos longos e macios sobre sua pele. O deleite ante a beleza do corpo da mulher e o uso delicado que ela fazia dele não havia diminuído desde o primeiro dia do casamento, e, enquanto faziam amor aquela noite, ele havia sussurrado "adoro você". O que havia sido um prazer há muito desejado tornara-se, com o passar dos anos, uma veemente e irresistível necessidade. Strand sabia que a paz que sentia agora, deitado no silêncio, ouvindo a suave respiração de Leslie, seria deliciosamente rompida, mais uma vez, pela manhã. Fim de semana.

Cheio de contentamento, suspirou.

— Você está acordado? — perguntou Leslie, sonolenta.

— Mais ou menos.

— O que você e Eleanor queriam dizer quando falaram algo sobre a Grécia?

— Ah, aquilo? — disse Strand, mal se lembrando. — Ela me contou que provavelmente irá para uma ilha grega nas férias. Com um rapaz.

— Oh — disse Leslie. — Creio que foi por isso que ela falou que era conversa de mulheres.

— Acho que sim.

Leslie ficou silenciosa por um momento. Depois, disse:

— Ela falou quem é o rapaz?

— Não. Disse que ele já esteve na ilha antes. — Strand hesitou. — Com outra dama.

— Ele disse isso? — Leslie parecia duvidar, e afastou-se um pouco do marido.

— Ele lhe conta tudo, diz Eleanor.

Leslie sacudiu ligeiramente a cabeça contra o ombro de Strand.

— Isso é mau sinal — comentou. — Principalmente se ela acredita.

— Não me preocuparia demais com isso.

— Por que ela não o traz aqui para que a gente possa dar uma olhada nele? — perguntou Leslie, um pouco aborrecida.

— Diz que não está muito certa sobre ele.

Leslie ficou novamente silenciosa por um momento.

— Você acha que ela está na cama com ele agora... como nós?

— Não como nós, evidentemente.

— Ela me assusta um pouco — disse Leslie. — É tão segura de si!

— Como Mozart.

— O quê! — Leslie parecia intrigada.

— Foi isso que o sr. Crowell disse que havia de errado com Mozart, não se lembra?

— E eu disse que Mozart teve um fim trágico.

— Eleanor sempre soube tomar conta de si mesma.

— Não estou tão certa. Há muito tempo que as coisas correm bem para ela. Se alguma coisa de repente der errado. . . não sei. . . é provável que ela não seja tão forte como pensa ser. Então não se pode dizer como reagirá. Talvez eu deva investigar um pouco sobre esse rapaz.

— Eu não faria isso.

— Por que não?

— Talvez descubra coisas que poderão aborrecê-la desnecessariamente.

Leslie suspirou.

— Acho que você está certo. Não podemos servir de armadura para os nossos filhos. Apenas podemos ser tropas de apoio.

Strand riu.

— Você fala como se andasse vasculhando meus livros.

— Oh, faço um monte de coisas que não alardeio — disse Leslie, rapidamente. — Está com sono?

— Mais ou menos.

— Boa noite, querido. — Aconchegou-se mais a ele. Mas, alguns segundos depois, falou outra vez: — Parece que ela não simpatizou com o nosso visitante, não é?

— Parece que não.

— Nem Jimmy. Você notou?

— Sim.

— Ele me pareceu muito distinto.

— Talvez seja por esse motivo que as crianças ficaram arredias. Hoje em dia, distinção é algo meio suspeito para os jovens. Lembra-lhes hipocrisia. Hazen acha que já me viu antes.

— Ele disse onde?

— Não conseguia lembrar-se.

— E você?

— Não tenho a mínima idéia — respondeu Strand.

— Sabe o que Jimmy comentou sobre ele quando vocês desceram para pegar o táxi?

— O quê?

— Que o sr. Hazen se parecia exatamente com aqueles homens que foram presos no caso Watergate. Diz que o sr. Hazen tem um vocabulário poroso, seja lá o que isso possa significar.

— Ultimamente, a metade das vezes não sei o que Jimmy quer dizer quando fala comigo também.

— Ele é um bom menino — disse Leslie, defendendo-o.

— Eu não disse que não era um bom menino. Apenas está usando um vocabulário diferente daquele a que estou acostumado.

— Você não acha que nossos pais sentiram exatamente as mesmas coisas a nosso respeito quando tínhamos a idade de Jimmy?

— Fale-me sobre as gerações, mamãe — disse Strand, provocando-a —, como elas vêm e se vão.
— Pode fazer troça de mim se quiser. Mas... — Leslie não pronunciou o pensamento. — No todo, acho que foi uma noite interessante.
— Lá embaixo, na rua — disse Strand —, Hazen disse que gostou muito desta noite, cada minuto.
— Pobre homem! — murmurou Leslie. Deu um beijo no pescoço de Strand. — Agora vamos dormir, de verdade.

3

"Invejo-o pela família que tem, senhor", uma voz havia dito, certa vez, no passado. Anos atrás? A noite passada? "Extremamente." Quem dissera isso? Para quem? Que família?

No quarto, Strand lia. Nas manhãs de sábado, Leslie ficava muito ocupada com crianças chegando para ter aula a cada meia hora, das oito à uma, e Strand isolava-se, pois assim não ouviria o martelar matinal. Lia, ociosamente. Apanhava dois livros da mesa-de-cabeceira, livros em que gostava de mergulhar em momentos especiais — *A conquista do México* e *A conquista do Peru*, de Prescott. Ele próprio um historiador de poltrona, cujas mais distantes viagens em busca de material eram visitas ocasionais à sala de leituras da biblioteca pública da 42nd Street, valorizava com especial desvelo as eloqüentes narrativas escritas pelo estudioso cego, enclausurado em Cambridge, sobre os feitos desesperados, em terras longínquas, de homens invencíveis que mudaram a face da Terra com um punhado de espadas e um reduzido número de cavalos, sem jamais pensarem no veredicto da história, dado séculos mais tarde pelos habitantes do continente, de culpabilidade, que deixaram atrás de si.

Por outras razões, admirava, também, os trabalhos de Samuel Eliot Morison, que lutara em batalhas navais, percorrera as rotas marítimas de Colombo e Magalhães e escrevera sobre as primitivas viagens e batalhas sangrentas numa prosa viril e vigorosa. Se fosse ambicioso, gostaria de ser um Prescott. A vida de um homem como Morison, admitia tristemente para si mesmo, teria fugido à sua capacidade.

Quando jovem, sonhara fazer nome como historiador, mas, quando o pai morreu durante o último ano de Strand na faculdade, deixando abandonada uma loja de consertos de aparelhos elétricos, uma esposa enferma e um pequeno e lamentável seguro, Strand teve de desistir de quaisquer planos de continuar os estudos de pós-graduação na escola. A melhor coisa a fazer, procurara convencer-se, era licenciar-se em história, para lecionar no curso secundário, com o que, pelo menos, trabalharia numa área de que gostava e poderia ganhar dinheiro para viver e sustentar a mãe também. Quando a mãe morreu, já estava casado e Eleanor já tinha nascido; portanto, agora, lia e ensinava história, mas não a escrevia. Se tinha seus momentos de pesar, tinha seus momentos de compensação e contentamento. Rer um livro muito querido numa sossegada manhã de sábado era exatamente um desses momentos.

Havia tomado o café bem cedo, com Leslie e Caroline, mal ouvindo o falatório das duas, enquanto passava os olhos pelo *Times* e tomava o café. Caroline contava que tinha ouvido Jimmy chegar às três horas da manhã. A porta do quarto de Jimmy ainda estava fechada, e Caroline achava que o irmão só iria aparecer por volta do meio-dia. Caroline não mostrava qualquer vestígio da experiência pela qual passara na noite anterior. Veio tomar café já vestida para o tênis, saiu para jogar com a velha raquete de madeira e prometeu voltar antes de escurecer.

Nas manhãs de sábado, a sra. Curtis fazia limpeza e atendia à campainha da porta, fazendo as crianças entrarem quando chegavam para as aulas. Ocasionalmente, Leslie pedia a Strand que fosse até a sala de estar e ouvisse um menino ou uma menina que de repente se havia revelado pianista. Mas naquela manhã não tinha sido convidado para um desses concertos improvisados, e por isso Strand entendeu que nenhum talento especial estava em exibição e que Leslie estaria nervosa pela hora do almoço.

Strand lia, pela décima quinta vez, o relato sobre a batalha de Cortez na sua rota a caminho da Cidade do México, quando o telefone tocou. Foi até o *hall* e atendeu. Era Eleanor.

— Como está Caroline? — perguntou ela.

— Nenhum dano visível — respondeu Strand.

— Estive fazendo uma pesquisa. Sobre o sr. Russell Wrenn Hazen. Vi no *Who's Who*. Caroline trouxe para casa ontem à noite um peixeão.

— O que você quer dizer com "um peixeão"?

— Um caixa-alta — explicou Eleanor. — Ele é o chefe de uma das maiores firmas jurídicas da Wall Street, fundada pelo pai, já falecido. Pertence ao conselho de, aproximadamente, uma dúzia de gigantescas corporações, que vão do petróleo até empreendimentos agroquímicos, é membro do conselho diretor do seu antigo colégio, possui uma das maiores coleções impressionistas e de arte moderna da América, iniciada pelo pai e aumentada pelo filhinho, é conhecido por suas conexões com museus e a ópera e é famoso por seus interesses filantrópicos. Jogou hóquei por Yale em tempos remotos, faz parte do Comitê Olímpico Nacional e pertence a uma porção de clubes, inclusive o Racquet and Century and Union. É casado com uma dama da alta sociedade, *née* Katherine Woodbine. Tem três filhos, crescidos, duas filhas e um filho. Quer mais?

— Isso basta — disse Strand.

— O *Who's Who* não fala sobre seus passeios de bicicleta — acrescentou Eleanor. — Acho que sairá na próxima edição. Durante o jantar achei que ele não era um desses doidos que normalmente fazem exercícios no Central Park.

— Logo deduzi que era um homem de certa importância — concordou Strand. — Mas, justiça seja feita, ele não faz propaganda.

— Nem precisa fazer. Você conhece mais alguém que apareça no *Who's Who*?

— Não que eu me lembre assim de imediato — respondeu Strand. — Bem, há um velho professor de sua mãe, da Juilliard. . . Qualquer coisa assim. Hazen lhe disse alguma coisa no táxi?

— Ele quis saber por que eu disse que trabalhava como uma escrava quando nos estava submetendo ao interrogatório.

— O que respondeu?

— Disse que era apenas uma força de expressão. Falou que espera ver-nos mais vezes. Acho que é um homem solitário, embora depois de ter lido sobre ele isso pareça impossível.

— Tive a impressão de que você não gostou muito dele — disse Strand.

— Não foi bem isso — explicou Eleanor. Parecia indecisa, como se ainda não tivesse chegado a uma conclusão a respeito de Hazen. — Apenas senti que havia uma brecha entre ele e nós. Não, uma brecha, não. Um abismo. Não senti isso?

Strand riu.

— Eu realmente não sou um homem de abismos. Não, não senti. Vamos ver você no fim de semana?

— Sinto muito. Vou para Connecticut, para um lugar luxuoso, no campo. Telefone na segunda-feira.

— Divirta-se — disse Strand, ao desligar. Ficou imaginando onde Eleanor teria encontrado um exemplar do *Who's Who*. Não dera a impressão de que falava de uma biblioteca e sabia que ela não o possuía. Provavelmente havia telefonado da casa do namorado. Tentou não pensar no que ela estivera fazendo na noite anterior, depois que deixou Hazen. Sacudiu a cabeça. A vida era dela.

Ao voltar para o quarto e apanhar Prescott outra vez, ficou imaginando, sem inveja, de que modo um homem como Hazen se dividia entre tantas atribuições, segundo o relato de Eleanor, e por que o fazia.

Começou a ler novamente quando ouviu uma batida na porta. Era a sra. Curtis.

O homem que jantou aqui ontem à noite está aqui — anunciou ela. — Ele está com uma aparência horrível, com todas as cores do arco-íris, mas trouxe flores para a sra. Strand e disse que, se o senhor não estivesse ocupado, gostaria de vê-lo por uns instantes. Ele quer a bicicleta, mas Alexander não está aqui agora de manhã.

— Quando Alexander estará de volta? — perguntou Strand ao vestir um velho paletó de *tweed*, a roupa de sábado, e calçar mocassins.

— Não antes de uma hora. Precisou ir à cidade comprar uma peça para a caldeira.

Strand caminhou pelo longo corredor escuro, passou pela porta fechada do quarto de Jimmy, em direção ao *hall*. Havia algumas gravuras nas paredes, alguns velhos cartazes de *shows*, assim como um quadro de flores pintado por Leslie. Que o *Who's Who* não citava, pensou Strand. Hazen achava-se de pé, parado, segurando um ramo de flores envolto em papel. Outro embrulho comprido estava sobre a mesa.

— Bom dia, senhor — disse Hazen. — Espero não o estar incomodando.

— Bom dia — respondeu Strand, apertando-lhe a mão. — Ninguém me incomoda nos sábados de manhã. É a hora em que não faço nada. — Hazen estava com uma aparência horrível, como a sra. Curtis

havia dito. Usava um gorro de lã, de esquiador, sobre as ataduras, que fazia sua cabeça parecer grotescamente grande, e seu rosto estava inchado e disforme, a pele acima do curativo da face uma mistura doentia de amarelo, roxo e verde. Os olhos, entretanto, brilhavam, e Hazen estava elegantemente vestido, com um terno cinza-escuro que lhe assentava esplendidamente e sapatos reluzentes, com um brilho de mogno.

— Como passou a noite? — perguntou Strand.

— Já passou. — Hazen deu de ombros. — E sua filha?

— Saiu para jogar tênis. No café, estava alegre como um passarinho.

— A rápida capacidade de recuperação da juventude — comentou Hazen.

Ele diz as coisas mais banais, pensou Strand, como se fossem novas e verdadeiras jóias de observação.

— Trouxe algumas flores para sua esposa — disse Hazen, mexendo o buquê com o farfalhar do papel. — Por seus bondosos cuidados.

— Ela está dando aula, agora — desculpou-se Strand.

— Estou ouvindo — respondeu Hazen. Não fez comentários sobre a qualidade do que ouvia.

— Ela vai gostar muito. Sra. Curtis — chamou Strand —, por favor, coloque as flores do sr. Hazen no jarro.

A sra. Curtis apanhou o buquê de Hazen e foi para a cozinha.

— Tenho algo para Caroline. — Hazen apontou para o embrulho que estava na mesa. — Uma raquete nova. Feita pela Head. Notei que a raquete danificada em minha defesa era uma Head.

— Não era necessário — declarou Strand —, mas estou certo de que ela ficará encantada.

— As cordas estão no embrulho — disse Hazen. — Eu não sabia a tensão que ela costuma usar. Tudo o que terá de fazer é ir à loja de tênis na Saks que eles as colocarão para ela.

— O senhor teve uma manhã movimentada, sr. Hazen — disse Strand. — Ainda não são onze horas e o senhor já esteve na Saks e no florista.

— Eu sou madrugador. Outra característica que herdei de meu pai.

— Sei alguma coisa sobre seu pai — mencionou Strand.

— Oh, o senhor sabe — disse Hazen, desinteressado. — Não me surpreende.

— Minha filha, Eleanor, acabou de telefonar. Fez uma pesquisa sobre o senhor no *Who's Who*.

— Oh, ela pesquisou? Não sabia que se interessava por mim.

— Ela disse que não mencionam nada sobre seus passeios de bicicleta.

Hazen sorriu.

— Vamos manter essa parte da minha biografia entre nós, está bem? Não estou muito orgulhoso da noite passada.

— Não vejo o que mais poderia ter feito — disse Strand.

— Poderia ter ficado em casa — lamentou-se Hazen. — Fui um tolo, considerando-se a hora tardia. Mas. . . — Seu rosto iluminou-se. — Aquilo me deu oportunidade de conhecê-lo e a sua família. Estou, de fato, tomando muito do seu tempo. Minha intenção era deixar a raquete e as flores aqui no *hall* e apanhar minha bicicleta. Mas o zelador não atendeu e eu. . .

— Ele saiu — explicou Strand. — Se esperar aqui um pouco, perguntarei à sra. Curtis onde está a chave do porão.

— Obrigado — agradeceu Hazen —, se não for muito trabalho.

A sra. Curtis, na cozinha, colocava as flores num grande vaso.

— Bonitas, não são? — disse Strand. Tinha um vago conhecimento de flores. Conhecía bem rosas e crisântemos, mas, afora isso, comumente perdia-se na identificação da flora.

— Com o dinheiro que custaram — comentou a sra. Curtis, severa, ajeitando as flores —, o senhor alimentaria sua família durante uma semana.

— O sr. Hazen gostaria de apanhar a bicicleta no porão — disse Strand, ignorando o comentário da sra. Curtis sobre a situação econômica da família. — A senhora sabe onde Alexander guarda a chave?

— O senhor tem de ir ao compartimento da caldeira, que está aberto — disse a sra. Curtis —, e procurar numa prateleira do lado direito, em cima. No canto, o senhor achará a chave. Aquele homem vai andar de bicicleta pelo parque, naquele estado?

— Acho que sim.

— Vai afugentar das jaulas os animais do zoológico. — A sra. Curtis ajeitou novamente as flores.

— Cuidado, ponha a chave no lugar quando terminar.

— Colocarei — prometeu Strand. Voltou para o *hall*, onde Hazen, que ainda estava de pé, franzia ligeiramente a testa, enquanto ouvia uma escala tocada com uma considerável falta de precisão na sala de estar. Strand sorriu. — Normalmente, é melhor do que isso — comentou. — Obviamente, não é um dos alunos talentosos de Leslie.

— Mas deve ser gratificante — disse Hazen, desfazendo o franzido da testa. — Toda essa gente jovem. . . — Sua voz foi se extinguindo aos poucos.

— Sei onde está a chave do porão — falou Strand. — Eu o levo lá para baixo. . .

— Não é preciso — exclamou Hazen. — Já aborreci o senhor demais. Tenho um rapaz lá embaixo. Se me disser onde está a chave...

— De qualquer forma, eu ia descer mesmo para dar um pequeno passeio — insistiu Strand, embora a idéia só lhe tivesse ocorrido naquele momento. Abriu a porta e acompanhou Hazen até o elevador. No térreo, havia um homem alto, de trinta e cinco anos, mais ou menos, com calças de veludo cotelê e suéter. Hazen apresentou-o como um de seus secretários, sr. Conroy. Não era um homem de aparência atlética, e tinha a pele acinzentada, de uma cor, pensou Strand, de lenha apodrecida por anos de chuva. Nele, as roupas pareciam incongruentemente informais. Strand ficou imaginando como seriam os outros secretários de Hazen, quantos seriam e se compensariam em beleza e encanto a deprimente aparência de Conroy.

Desceram os degraus em direção ao compartimento da caldeira, e Strand achou a chave. Abriu a porta do porão, e Conroy, com movimentos rápidos e eficientes, apanhou a bicicleta. Strand ofereceu-se para ajudá-lo a subir os degraus, mas Hazen, impaciente, disse:

— Conroy pode fazer isso sozinho, não pode, Conroy?

— Naturalmente, senhor — respondeu Conroy.

Strand fechou a porta e recolocou a chave no compartimento da caldeira. Conroy esperava pelos dois homens quando eles saíram do prédio, para o ar livre.

— Deixe-a com o porteiro — ordenou Hazen.

— Sim, senhor — respondeu Conroy, subindo na bicicleta.

— Até segunda de manhã — disse Hazen.

— Até segunda, senhor — respondeu Conroy. — Se precisar de mim no fim de semana, ligue para meu serviço de recados.

— Se eu precisar — disse Hazen,

Ele e Strand ficaram olhando para o homem que se afastava.

— Acho que ele não pertence a nenhum sindicato — observou Strand —, o seu sr. Conroy. Disponível para trabalhar nos fins de semana.

— Rapaz eficiente — disse Hazen. — Ganha o suficiente para fazer horas extras aqui e ali. E não é casado. Isso ajuda. — Deu uma risadinha. — Se não se importa, talvez possamos dar uma caminhada juntos.

— Por onde gostaria de ir? — indagou Strand. — Pelo parque?

Sorrindo, Hazen sacudiu a cabeça.

— Ainda não, por favor. As lembranças são muito recentes. Talvez para os lados do Lincoln Center? . . .

— Ótimo — concordou Strand, ao começarem a caminhar. — Gosto de apreciar aquele lugar. Desperta em mim uma certa esperança de que, a longo prazo, a cidade não venha a ficar totalmente destruída.

Por algum tempo, caminharam num cômodo silêncio.

— Estive pensando no seu nome — comentou Strand.

— Por quê?

— Há um William Hazen que aparece numa citação da história militar americana.

— É mesmo? — Hazen parecia interessado. — O que ele fez?

— Estudou em West Point, depois lutou contra os índios e, durante a Guerra Civil, foi coronel sob o comando de Sherman, na Geórgia, liderando um regimento de voluntários de Ohio, e capturou o Forte McAllister.

— Meu Deus, homem — admirou-se Hazen —, como sabe tudo isso?

— Um professor de história é uma fonte de informações inúteis.

— Que mais fez ele? Se foi muito importante talvez reivindique o parentesco.

— Tornou-se general e fundou o Corpo de Sinaleiros.

Hazen riu.

— O Corpo de Sinaleiros. Tenho um velho amigo que esteve na infantaria, na Segunda Guerra Mundial, e ele não gostava muito do Corpo de Sinaleiros. Segundo ele, na infantaria diziam: "Tire a estrela da janela, mamãe, seu filho está no Corpo de Sinaleiros". Acho que não vou reivindicar o parentesco, afinal. Além do mais, minha família veio para Nova York em 1706, e nunca esteve em Ohio. E quanto aos *seus* ancestrais?

— Não sei muito sobre eles — respondeu Strand, lamentando ter trazido o assunto à baila. — Meus pais vieram para Nova York em 1920, de Lancashire. Meu pai sofreu os efeitos do gás, no Somme, e disse que estava farto da Inglaterra. Quando perguntei sobre a família dele e de minha mãe, respondeu que não valia a pena falar sobre eles. — Strand deu de ombros. — Eu acatei a palavra dele.

Agora, o silêncio entre eles era um pouco forçado, e, quando Hazen falou outra vez, foi sobre um assunto diferente:

— Estive pensando numa coisa que me falou a noite passada. Sobre aquele menino porto-riquenho, da sua turma de história.

— Seu nome é Romero, Jesus Romero,

— Você sabe — Hazen continuou —, hoje em dia, é fácil arranjar bolsas de estudo para jovens promissores. Principalmente para os que fazem parte dos grupos minoritários. Nas melhores faculdades. Acha que o menino estaria interessado?

Strand pensou por um momento.

— Desconfio que, considerando-se suas notas, ele não seria encarado como promissor. Sei que outros professores o consideram praticamente uma nulidade. Duvido que consiga passar em muitas matérias, ou até mesmo se formar.

— Que pena — disse Hazen. — O senhor acha que ele é inteligente o suficiente, de forma que, esforçando-se durante um ano mais ou menos, possa melhorar suas notas?

— Não na River High School. A atmosfera não induz à aplicação.

— E quanto à possibilidade de o menino conseguir uma bolsa por um ano ou mesmo dois para uma das melhores escolas preparatórias, onde as... humm... influências fossem mais fortes? Seria capaz de melhorar a ponto de uma faculdade poder oferecer-lhe uma oportunidade?

Strand deu de ombros.

— Isso dependeria de sua atitude, é claro. Neste exato momento, exceto pelo fato de estar lendo por conta própria uma quantidade surpreendente de livros, a maioria deles em áreas que têm muito pouca relação com o curso que está fazendo, ele é exatamente igual aos outros alunos do colégio. Isso quer dizer que faz pouco da autoridade, é imune à disciplina, desconfia das intenções dos professores...

— De *suas* intenções, também?

— Acho que sim — confirmou Strand. — Sente prazer em me provocar. Quando faço uma dissertação que obedece ao currículo, como sou obrigado a fazer, geralmente se levanta e sai da sala.

Hazen sacudiu tristemente a cabeça.

— Todo esse dinheiro, todo esse esforço, toda a boa vontade para as nossas escolas — disse ele — e o que conseguimos?

— Rebeldia — retrucou Strand. — Às vezes oculta, geralmente declarada.

— Posso imaginar as dificuldades — disse Hazen. Sacudiu a cabeça. — Mas não podemos simplesmente lavar as mãos, podemos?

Strand não sabia bem a que *nós* Hazen se referia e por qual processo ele, Allen Strand, podia ser incluído nesse plural.

Sério, Hazen olhava para a frente enquanto caminhavam, parecendo desatento aos olhares curiosos dos transeuntes para o seu gorro de esquiador e o rosto machucado.

— Não podemos abandonar uma geração inteira ou uma boa parte de uma geração inteira ao niilismo, é a única palavra para isso, niilismo — repetiu Hazen, com uma gravidade oratória na voz. — Os melhores deles devem ser salvos... e não me importo de onde venham, se dos bairros pobres, das fazendas, dos grandes Estados, guetos, de onde quer que seja. Este país está sob a ameaça de horas terríveis, e, se nossos líderes forem ignorantes, incultos, estaremos caminhando para uma catástrofe.

Strand gostaria de saber se Hazen estava expressando antigas crenças enraizadas ou se vira

repentinamente algo escrito na parede, que estivera oculto dele antes que um pedaço de cano tivesse aberto seu couro cabeludo. Ele próprio, envolvido na luta diária com a juventude, achava mais cômodo não olhar muito adiante, e sentia que o presente estado da nação só podia piorar, independentemente do fato de seus líderes terem ou não educação.

— Ah, bem — falou Hazen em seu tom de voz normal. — Faremos o pouco que pudermos. Se acha que será útil falar com o menino, fale, então. E me informe sobre o que ele pensa.

— Vou fazer uma tentativa.

Quase como se soubesse o que Strand estava pensando enquanto caminhava a seu lado, Hazen disse:

— Alguma vez o senhor pensou em sair do sistema de escola pública? Deve ser desanimador, é o mínimo que se pode dizer. . . ano após ano. Talvez lecionar em algum lugar fora da cidade, numa pequena escola particular, onde as recompensas, pelo menos as intelectuais, estariam mais de acordo com seus esforços?

— Minha mulher fala sobre isso de vez em quando — respondeu Strand. — Já pensei nisso, também. Mas nasci em Nova York, gosto da cidade. Sou um pouco velho para arrancar as raízes.

— Qual é o seu nível de formação?

— Cheguei a fazer o mestrado — disse Strand. — Estudando à noite, na Universidade de Nova York, enquanto lecionava durante o dia.

— Alguma obra escrita, no gênero?

— Não, realmente — disse Strand. — Sou mais um leitor do que um escritor.

— O senhor sabe — disse Hazen —, se eu fosse um historiador, certas coisas sobre o que esteve falando a noite passada, a teoria da casualidade, principalmente, me tentariam a examinar vários períodos dentro dessa perspectiva. Esse exame poderia me levar a alguma especulação interessante sobre como os grandes acontecimentos, vistos de outro ângulo, poderiam ter se transformado, com a mais insignificante alteração dos elementos envolvidos. . .

— Por faltar um prego, perdeu-se uma ferradura — disse Strand —, por faltar uma ferradura, perdeu-se um cavalo, por faltar um cavalo, perdeu-se um reino. Uma coisa desse tipo?

— Mais ou menos. Embora, talvez, não de forma tão rudimentar.

— Vou fazer a sugestão a Romero — declarou Strand rapidamente — e dar ao senhor o crédito pela inspiração.

— Não, falo sério — insistiu Hazen. — Acho que fazer uma reavaliação da história americana, principalmente nesse sentido, seria de muito valor. Não sou nenhum perito, é claro, mas me parece que a América... os Estados Unidos... atingiram a grandeza por acaso; não havia nada predestinado sobre isso. E nos encontramos, por acaso, diante do declínio, de volta à Europa, ao terrorismo, ao partidatismo, ao cinismo na vida pública e na vida privada, e espero que não haja nada predestinado sobre *isso*, também.

— É um homem pessimista, não é, sr. Hazen?

— Talvez menos do que pareço. Tenho sofrido decepções. Algumas esperanças se desmantelaram. Instituições para as quais trabalhei não corresponderam às expectativas. Pessoas a quem pensava amar não se revelaram à altura disso. Caracteres deixaram de se desenvolver, carreiras não se realizaram. Mas não, não sou pessimista a ponto de me render. Acredito em luta, inteligência, valores morais essenciais. Uma noite como a de ontem. . . a chegada imediata de sua filha, em socorro de um estranho em dificuldades, correndo ela própria bastante risco, a solicitude espontânea de sua família, a afeição natural que senti fluir de um para outro ao redor da mesa, o sentido de unidade sem restrições, a ausência de qualquer sinal daquela doença mortal, a solidão. . . Sem exagero, mas uma noite igual àquela, hoje em dia, é um grande remédio para o pessimismo.

— Receio que o senhor esteja dando um significado muito grande a um simples jantar em família — disse Strand, constrangido com todo aquele elogio. — O senhor vai fazer que eu me sinta intimidado toda vez que apanhar a chave para abrir a porta de casa.

— Estou falando demais — disse Hazen. — Um vício de advogado. Não saber parar. — Riu. — As flores e a raquete deviam ser o suficiente. Vejo que o deixei constrangido. Desculpe-me. Não estou acostumado com homens modestos. Oh, isso me lembrou de uma coisa. — Colocou a mão num bolso interno do paletó e retirou um pequeno envelope. — Tenho duas entradas para a Filarmônica, esta noite. Vão dar um concerto de Berlioz, *A danação de Fausto*. Gostaria de ir com sua esposa?

— Não era preciso. . . — protestou Strand.

— Caminhar pela rua, como estou fazendo agora, não tem importância — justificou Hazen —, mas pode imaginar o tumulto no teatro se eu me apresentasse desse jeito? Por favor, aceite, se puderem aproveitá-las. — Estendeu o envelope para Strand. — Caso contrário, perderei as entradas.

— Mas o senhor ia levar alguém — observou Strand. — Tem duas entradas.

— Minha convidada decidiu fazer outra coisa — respondeu Hazen. — O senhor e sua esposa gostam da Filarmônica, não gostam?

— Muito.

— Então, aceite estas entradas, homem — disse Hazen, energicamente. — Não é o tipo de pessoa que odeia Berlioz, não é mesmo?

— Absolutamente.

— Alguma outra noite, quando eu estiver mais apresentável, poderemos ir todos juntos.

— Obrigado — respondeu Strand, guardando as entradas no bolso. — Leslie vai ficar radiante.

— Sinto-me mais do que recompensado — disse Hazen.

Chegaram ao Lincoln Center. Hazen olhou para o prédio com os olhos semicerrados.

— De alguma forma — comentou ele, aborrecido —, perdemos a capacidade de construir prédios públicos harmoniosos. Mas é um lugar útil. — Olhou para o relógio. — Bem, preciso voltar para o escritório.

— O senhor trabalha sábado à tarde?

— De toda a semana, é a minha hora favorita. O escritório está vazio e calmo, o telefone não toca, há uma boa pilha de papéis sobre a mesa, esperando por mim, compro um sanduíche e uma garrafa de cerveja, tiro o paletó, afrouxo o colarinho e sinto-me como um menino estudando para uma prova em que sabe que vai passar. O que o senhor faz, nos sábados à tarde?

— Bem — explicou Strand —, na primavera, como agora, acho que me permito um vício secreto. Assisto a partidas de futebol na pequena TV portátil, no quarto, enquanto Leslie dá aulas na sala de estar. — O aparelho de TV havia sido um presente de Eleanor, embora Strand não se sentisse obrigado a dizer isso a Hazen. — Gosto muito de ver os Yankees. Fui um fracasso nos esportes quando jovem, e sinto que, quando vejo Reggie Jackson caminhar com passos largos no campo, decidido e cheio de vigor, de alguma forma compreendo o que é ser perigoso e bem-dotado e saber que milhares de pessoas estão aplaudindo ou odiando você. — Riu. — Leslie me controla. Só dois jogos por semana.

Strand sentiu que aquele homem, cuja concepção de prazer significava estudar uma pilha de documentos num escritório deserto, olhava-o com curiosidade, como se tivesse descoberto um espécime novo e desconhecido para ele.

— Vai muitas vezes ao estádio?

— Raramente.

— Tenho um convite permanente para um camarote. Talvez numa bela tarde de sábado eu esqueça o escritório e dê uma fuga para assistir a um jogo. Que tal se fôssemos juntos?

— Seria ótimo.

— Talvez, quando o time de Boston vier jogar. Vou dar uma olhada no programa. E no inverno?

— O quê?

— Quero dizer, o que faz nas tardes de sábado, no inverno?

— Bem — disse Strand —, quando um filme antigo de que gosto está passando no Museu Moderno, tento vê-lo.

Hazen bateu a mão fechada na palma da outra.

— É isso. O Museu Moderno. Foi onde vi o senhor. O filme de Buster Keaton.

— Gosta de Buster Keaton? — perguntou Strand, um pouco incrédulo.

— Marco os filmes dele no calendário que me mandam e, sempre que possível, dou um jeito de vê-los. — Hazen deu um largo sorriso, fazendo que as várias cores do seu rosto machucado adquirissem novas formas. — Quem não gosta de Buster Keaton — declarou, com falsa gravidade — devia ser proibido de votar. Mas — acrescentou — tento ver todos os filmes da Garbo, também. Ela me faz sentir como os tempos se deterioraram. Costumávamos ter uma deusa como nosso ideal e, agora, o que temos? Garçonetes de *drive-in*, Doris Day, aquela mulher, Fawcett. — Olhou para o relógio de novo. — Gosto de manter a rotina. Chego todos os sábados ao escritório à uma hora em ponto. Se eu me atrasar dois minutos o vigia na portaria, que controla minha entrada, chamará a polícia. Falaremos sobre as beldades do passado em outra ocasião. Espero. E se desejar ver um jogo dos Yankees, me avise.

Apertaram-se as mãos.

— Gostei do nosso passeio — confessou Hazen. — Talvez seja possível repetir, se estivermos os dois na cidade, no próximo sábado de manhã.

— Estarei na cidade — disse Strand.

— Eu ligo telefone. Aproveite o Berlioz.

Strand viu quando Hazen entrou agilmente no táxi, seu corpo grande tomando toda a porta.

Buster Keaton, pelo amor de Deus! Quando o táxi se afastou, Strand tirou o envelope do bolso e olhou para as entradas. Eram para a quinta fila da platéia. O glorioso uso do dinheiro, pensou ele. Colocou o envelope no bolso outra vez com um formigamento de prazer e retomou o caminho de casa.

4

Berlioz. Um fluxo trovejante de acordes sombrios. Injustamente tratado pela posteridade.

A mão fria de uma mulher em sua testa. "Preciso de você", alguém dissera. Tentou abrir os olhos para ver de quem era a mão em sua testa, mas o esforço era grande demais. Seja quem for. . .

— Não compreendo — dizia o menino, na pequena" sala de Strand. Havia dito a Romero que gostaria de vê-lo por um momento depois da aula e ficara um pouco surpreso quando o menino realmente apareceu.

— Já expliquei — disse Strand — que falei sobre você. . . com um amigo, um amigo recente que, por coincidência,, é um homem influente, e ele disse que, se você estivesse interessado em continuar seus estudos, tentaria arranjar uma bolsa.

— Está bem. Está bem — disse Romero, com impaciência. — Já ouvi isso tudo. O que eu quero saber, homem, é: por que ele me escolheu?

— Eu contei que você é um rapaz que promete — esclareceu Strand.

— Não estou fazendo nenhuma promessa — disse Romero, mal-humorado.

— Não estava usando a palavra com esse sentido — falou Strand. Achava difícil, depois de um longo dia, ter paciência com aquele menino miudinho, malvestido, de rosto duro e desconfiado sob o cabelo emaranhado. Vestido de *jeans* azuis, já disformes, tênis sujos, uma camiseta desbotada de futebol, grande demais para ele e que provavelmente fora roubada de algum vestiário anos atrás, Romero apoiava-se descuidadamente na escrivaninha, manuseando um cigarro apagado, numa atitude acintosa. Na camiseta estava estampado o número 17. O rapaz ia todos os dias para a escola com aquela camiseta, e, às vezes, nos sonhos de Strand, o número 17 aparecia num fundo nebuloso e confuso. — O que eu quis dizer é que, de todos os alunos das minhas turmas que não poderiam, de outra forma, ir para a faculdade, isto é, por conta própria, foi você quem demonstrou possuir a inteligência mais original.

— Está brincando, não está, professor? — indagou Romero, sorrindo com afetação. — O que o senhor quis dizer mesmo é que tem um garoto na turma que consegue provar que todos os portorriquenhos são uma espécie de malucos, não é? Qual é o jogo?

— Não há jogo nenhum — disse Strand, bruscamente, arrependido de ter falado com Hazen sobre o menino. — E deixe os porto-riquenhos fora disso, por favor. Meu amigo está interessado em educação, ele tem bons conhecimentos, acha que se deveria dar uma oportunidade aos alunos fora do comum. . .

— Ainda não compreendo, professor — disse Romero, obstinadamente.

— Não me chame de professor.

— Certo. . . sr. Strand. . . quero dizer, o que ele ganha com isso? Um cara que nem mesmo conheço.

— Ele nada tem a ganhar — explicou Strand. — Exceto, talvez, alguma satisfação pessoal se você se sair bem e seguir uma carreira promissora, no futuro.

— O que eu tenho de fazer. . . assinar um contrato ou algo assim, dando-lhe a metade do que eu ganhar em dez anos? — Romero tirou do bolso um isqueiro Zippo amassado, depois pensou melhor e colocou-o no bolso outra vez.

Pesarosamente, Strand sacudiu a cabeça. Era óbvio que o menino não lia apenas livros de história e ciências. Podia-se notar que as colunas sobre mexericos de Hollywood, agentes e negócios teatrais não

havam sido negligenciadas em sua escolha de leituras.

— Romero — exclamou ele —, você já ouviu falar de caridade?

— Caridade. — O menino riu, significativamente. — Claro que já ouvi falar de caridade. A minha velha recebe ajuda do governo.

— Isso nada tem a ver com a ajuda beneficente. Não vou ficar sentado aqui e discutir com você o dia inteiro. Se desejar dedicar um ano ou dois de sua vida a estudar de fato. . . duro. . . há uma boa possibilidade de você obter uma bolsa para uma faculdade. Acho que pode conseguir, se isso significar algo para você. Sugiro que vá para casa e converse sobre o assunto com sua mãe e seu pai.

— Meu pai! — O menino riu outra vez, os dentes brancos cintilando no rosto escuro e sujo. — Aquele homem já se foi há muito tempo. Não o vejo desde que tinha nove anos.

— Então sua mãe.

— Ela não vai acreditar em mim. Vai me moer de pancadas por estar inventando histórias.

— Então consulte a si mesmo, Romero — disse Strand, furioso. Levantou-se. — Se decidir que deseja tornar-se alguém, venha falar comigo. Se deseja ser um vagabundo a vida toda, esqueça. — Reuniu alguns papéis e jogou-os numa pasta. — Estou levando muito serviço para fazer em casa. Preciso ir andando. Estou certo de que tem muitas coisas importantes para fazer também, esta tarde — concluiu ele, com ironia. — Não vou prendê-lo por mais tempo.

Romero olhava para Strand, sorrindo, como se fazer o professor ficar zangado lhe desse alguns pontos numa competição secreta com seus colegas.

— Fora daqui, fora daqui — bradou Strand, e depois envergonhou-se por ter falado tão alto.

— O senhor é quem manda, professor — disse Romero, dirigindo-se para a porta. Parou e voltou-se. — Posso cuidar de mim mesmo, entendeu? — disse, asperamente. — Ninguém precisa perder o sono por causa de Jesus Romero.

Strand foi até a porta e fechou-a, ruidosamente. Depois, voltou para a escrivaninha, sentou-se e apoiou a cabeça entre as mãos.

Ao descer as escadas do prédio da escola em largas passadas, ele alcançou Judith Quinlan, do Departamento de Inglês. Ouvira dizer que alguns alunos a chamavam de srta. Quinino, embora, ao que soubesse, não na frente dela.

— Boa tarde, Judith — disse Strand, diminuindo o passo. Era uma mulher baixinha, e quando caminhavam juntos até o ponto do ônibus, como faziam freqüentemente, ela não conseguia emparelhar-se com o andar habitual de Strand a não ser andando aos pulinhos ao seu lado. Tinha um corpo delicado, cheinho mas bem-feito, um rostinho triste, pálido, e não usava maquilagem. Sua cor favorita, pelo menos para a escola, era o marrom-escuro. Sua reputação como professora era boa, ele gostava dela e, ocasionalmente, almoçavam ou tomavam uma xícara de café juntos. Não fazia idéia de quantos anos teria — qualquer coisa entre trinta e quarenta, pensou.

— Oh, Allen — disse ela, quando chegaram à calçada e, automaticamente, começou a andar mais depressa —, que bom ver você. — Olhou para ele, com o canto do olho. — Pela sua expressão, parece que a turma o triturou, hoje.

— Não pensei que isso estivesse evidente. Foi apenas o de sempre. — Strand diminuiu ainda mais o passo. — Trinta chicotadas.

Ela riu. Tinha um riso agradável, baixo e espontâneo. Não era de fato bonita, mas tinha uns olhos francos, cinza-pálidos, que semicerrava um pouco como num esforço para descobrir exatamente o que ele lhe estava dizendo.

— Sei o que quer dizer. Vou dar uma parada para um café. Gostaria de me acompanhar?

— Sinto-me como se pudesse beber uma garrafa inteira de uísque — confessou Strand —, mas café serve.

Na esquina, passaram pelo homem gordo com boné de beisebol.

— Ouvi dizer que ele vende heroína para as crianças — comentou Strand.

— Ouvi dizer que ele banca jogo clandestino para os meninos — disse Judith.

— Provavelmente, as duas coisas. Ou, talvez, seu vício seja apenas molestar crianças.

— Tenho alguns alunos que, de bom grado, gostaria que fossem molestados por ele. — Olhou para Strand outra vez. — Parece que está fervendo em fogo brando. Já lhe ocorreu que não é de fato talhado para ser professor?

— Terei de refletir sobre isso — disse Strand, pensativo.

— Eu não devia ter feito essa pergunta.

— Por que não? Ultimamente, eu a tenho feito a mim mesmo. — Não disse quão recentemente. . . desde sábado pela manhã. — Tendo, duas atitudes mentais a respeito. Eis a sua resposta.

Ela sorriu.

— Não seria interessante — observou ela — se tivéssemos de fato duas mentes. . . uma para o trabalho e outra que ficasse em casa, para meditar?

— Bem, há certas coisas que podemos seguramente dizer em favor de nossa profissão — disse Strand. — É mal paga, árdua, ingrata, perigosa de vez em quando, e temos férias longas. Podemos, também, fazer greve, como os lixeiros.

Na lanchonete, já com as xícaras fumegantes de café sobre o balcão, Judith disse:

— Durante todo este período, tenho procurado resolver se volto ou não no ano que vem. . .

— O que quer dizer com isso? — Strand colocou açúcar na xícara.

— Você não tem medo de diabetes, de ficar gordo ou qualquer coisa assim? — indagou Judith, sacudindo a cabeça, quando Strand lhe ofereceu o açucareiro.

— Tenho orgulho da minha saúde — disse Strand. — É a única coisa da qual estou relativamente seguro. Bem. . . estava falando sério sobre o que acabou de dizer?

— Sim — Judith assentiu lentamente com a cabeça, o cabelo preto elegantemente penteado, entremeado de alguns fios brancos, movendo-se delicadamente ao redor do seu rosto.

— O que pretende fazer, se não voltar?

Judith deu de ombros e levou a xícara de café aos lábios, com as duas mãos, parecendo momentaneamente infantil.

— Vou ser veterinária, talvez — declarou. — Lidar com animais selvagens será fácil depois do que tenho passado. Ou talvez vá ser freira. Sou uma católica relapsa, mas, pela paz de um convento, talvez eu deixe de ser.

— Nunca pensou em se casar?

Judith corou, e Strand lamentou ter feito a pergunta.

— É claro — respondeu Judith. — Mas as propostas não têm sido. . . muito. . . brilhantes.

— Você é uma mulher atraente. — Ao falar, Strand percebeu que quase acreditava nisso.

— Estive esperando pela chegada, como dizem as garotas, do príncipe encantado. Até agora — disse ela, parecendo rebelde — só apareceu o príncipe desencantado. Várias vezes. Sou uma mulher simples, mas não o bastante para acreditar que o casamento resolveria qualquer um dos meus problemas. Resolveu algum dos seus? — perguntou, em tom de desafio.

— Alguns — respondeu Strand. — E criou outros — acrescentou, para não parecer convencido. — Os filhos... — Quase disse "dinheiro", mas conteve-se. Em vez disso, falou: — Há uma porção de lugares aonde gostaria de ir. Mas, com um salário de professor, não se faz uma porção de viagens. Encorajo minha prole a fazê-las e digo-lhes sempre que tragam fotografias. Uma das minhas filhas está pensando em ir à Grécia este verão. — Não entendeu por que trouxe aquele assunto, à baila.

— Fiz uma viagem a Lake District, no verão passado — disse Judith. — O sonho de todo professor de inglês.

— Como foi a viagem?

— Péssima. — Judith riu, com azedume. — Choveu o tempo todo, e eu estava num grupo de professores do meio-oeste. Discutimos sobre Wordsworth um dia inteiro e passamos o resto do tempo procurando saber como apresentar *Hamlet* para jovens na faixa de treze a dezenove anos. Não falei muito. É difícil explicar que a maioria das crianças com quem tenho lidado já viu assassinatos, assassinatos de verdade, em seu próprio lar e que, de bom grado, mataria seus tios, mãe e pai, também, se tivesse chance.

— Qualquer dia, devo ir a Viena com um grupo de professores de história — comentou Strand — e dizer-lhes das dificuldades que tenho em explicar aos meus alunos a posição de Metternich, no Congresso de Viena.

Os dois riram.

— Ah! — exclamou Judith —, nós dois voltaremos no próximo ano, não é?

— Estamos condenados — retrucou Strand. — Obcecados. — Mas temos nossos triunfos, não temos? — Pensou em Jesus Romero naquela tarde. — Alguns difíceis de suportar.

— Uma ex-aluna minha, e a quem eu disse que poderia tornar-se uma escritora, publicou uma pequena história na *Penthouse* o mês passado — disse Judith. — Detestavelmente erótica. Escondi a

revista de minha mãe, quando ela veio me visitar.

— Amanhã será um dia melhor — disse Strand, terminando o café e levantando-se.

— Não aposte nisso — concluiu Judith Quinlan, ao levantar-se, também.

Não havia ninguém no apartamento quando Strand chegou, e, aproveitando a ausência de Leslie, ele tirou um cochilo. Sentia-se exausto e era delicioso poder dormir.

Acordou com a sensação de que havia mais alguém em casa. Não podia ser Leslie, pois ela teria entrado no quarto. Alisou a colcha para que ela não visse que estivera dormindo, calçou os sapatos e foi para o corredor. Ouviu barulho de pratos na cozinha e dirigiu-se para lá. Sentada à mesa, Caroline tomava um copo de leite e comia um pedaço de bolo. Viu pela gola branca sob o suéter que ela estivera jogando tênis.

— Oi, papai — cumprimentou ela. — Quer fazer-me companhia?

Strand consultou o relógio.

— Vou esperar pelo jantar.

— Eu não podia — confessou ela. — Ia desmaiar de fome. — Caroline colocou um pedaço grande de bolo na boca. O glacê de chocolate estava mole e ela o lambeu dos dedos. — Que delícia! — disse.

Ele se sentou em frente à filha, sorrindo, deliciando-se com o apetite dela.

— Se as pessoas podem comer bolo de chocolate — disse ela, com a boca cheia —, não posso entender por que preferem cocaína. Oh, encontrei nosso amigo outra vez.

— Que amigo?

— O sr. Hazen. Ele foi dar uma olhada nas quadras. Está com uma aparência horrível. Como um melão torto. Aquele gorro de esquiador. Deve ter sido tricotado por uma feiticeira norueguesa cega.

— Seja complacente, Caroline, por favor — pediu Strand.

— Mas ele é legal. É mesmo. Disse que foi até lá para se certificar de que eu viria para casa a salvo. Disse que não queria me ver envolvida em mais incidentes. Aquela noite foi um incidente e tanto! *Nossa mãe!* Eu ainda estaria jogando se ele não ficasse olhando para o relógio, impaciente. Enquanto voltávamos para casa, nossa conversa foi muito agradável.

— Conversa? — perguntou Strand. Por alguma razão, a idéia de que um homem ocupado como Hazen perdesse tempo para andar com uma jovem de dezessete anos pelo parque o deixou intranquilo. Lembrou-se do que havia falado com Judith Quinlan, quando passaram pelo homem gordo com boné de beisebol, na esquina: "Talvez seu vício seja apenas molestar crianças". Era uma brincadeira, é claro, mas molestar crianças não era brincadeira, e homens mais velhos, de todas as camadas sociais, não estavam imunes a esse mal. Ele próprio ficara profundamente perturbado com uma adorável ginásiana, amiga de Eleanor, que freqüentava assiduamente a casa. Era com um esforço embaraçoso que evitava tocá-la e escondia o que sentia quando ela o beijava no rosto, ao cumprimentá-lo, e torturava-se com os sonhos mais realistas, explícitos e eróticos que tinha com ela. Não era o tipo de homem que iria além dessas divagações involuntárias, mas quem poderia dizer que espécie de homem Hazen realmente era? As pessoas não traziam letreiros onde se pudesse ler "molestador de crianças". E ele tinha de encarar o fato de que Caroline já não era mais criança, mas que se tornava rapidamente uma jovem mulher atraente. Sabia que não podia dizer nada disso a Caroline, mas, se houvesse alguma coisa mais que lhe parecesse ameaçadora, falaria com Leslie, que possuía instintos mais dignos de confiança que os dele. — Sobre o que conversaram? — indagou a Caroline.

— Uma porção de coisas. — Caroline pegou outro pedaço de bolo e engoliu-o com leite. — Ele ficou me observando e comentou o modo como eu jogava. Fiquei surpresa. Ele sabia do que estava falando.

— Ele foi atleta quando jovem e pertence ao Racquet Club.

— Então é isso — disse Caroline, sem se impressionar. — De qualquer forma, falou que eu era muito boa, que devia tentar movimentar-me mais rápido no meu segundo saque e dar o *back-hand* mais seco, e concordei com ele totalmente. Perguntou-me se eu gostaria de me dedicar ao tênis mais seriamente. . . sabe como é, com treinador, exercícios, todo aquele negócio. . . e respondi que não, que não era boa o suficiente e que nunca o conseguiria, que iria morrer de nervoso na primeira rodada, se chegasse a participar de um campeonato. Ele disse que era inteligente reconhecer as próprias limitações.

Numa quadra de tênis — comentou ela, com tristeza —, não é grande coisa reconhecer as próprias limitações, eu lhe disse, e ele riu. — Caroline riu. Depois ficou mais séria. — Ele me perguntou o que eu pretendia fazer na vida. Ele não se importa de fazer perguntas, não é?

Caroline lançou-lhe um olhar de soslaio, velado, hesitou, como se estivesse a ponto de dizer alguma coisa, e depois mudou de idéia.

Strand percebeu uma mentira, um subterfúgio. Não era do feitio de Caroline. Não era uma jovem misteriosa. Passara pelas escolhas usuais enquanto crescia — bale, teatro, enfermagem —, mas apenas até chegar aos doze anos. Desde então, contentara-se, parecia, simplesmente em passar de ano e jogar tênis, quando podia. Estava surpreso com o fato de Caroline ter falado com Hazen tão abertamente. Era uma garota tímida, que falava muito pouco e com prudência, exceto com a família; tinha amigas, só garotas, e ele sabia através de Leslie e Eleanor que Caroline achava que os meninos faziam troça dela quando tinham mais intimidade e, por isso, fugia deles.

— O que respondeu ao sr. Hazen? — insistiu Allen.

— Respondi que pretendia crescer — confessou Caroline, quase em desafio.

— Ele riu? — quis saber Strand.

— O sr. Hazen não ri muito — esclareceu Caroline. — Disse que ficou muito impressionado com Eleanor. Naturalmente. — Falou sem o mais leve traço de ciúmes, como se aceitasse o fato de Eleanor ser a estrela da família. — Ele disse que, se houvesse mais jovens como Eleanor, não haveria necessidade da Emenda da Igualdade de Direitos ou revistas como *Ms*. Eles devem ter tido uma conversa franca mesmo, no táxi. Não mencionou Jimmy. — Franziu a testa, como se considerasse isso uma desconsideração para com o irmão. — Ele tem filhos?

— Três — respondeu Strand. — Um rapaz e duas moças. Aproximadamente com a mesma idade de vocês três.

— É engraçado, ele não fez nenhuma menção deles. Você anda por aí gabando-se da gente?

— Gabando não é a palavra — disse Strand. — Pranteio a fecundidade de sua mãe.

— Acredito — disse Caroline, sorrindo. Levantou-se, curvou-se e beijou Strand. — Upa — disse ela —, chocolate na proa. Apanhou um lenço e limpou o chocolate, depois colocou o restante do bolo na geladeira, jogando o recipiente vazio do leite na lata do lixo. — Ele disse que vai telefonar-lhe esta noite.

— Para quê?

— Quer convidar todos nós para sairmos este fim de semana. Ele tem uma casa na praia, em East Hampton, com piscina, quadra de tênis, tudo. Parece superfino, não acha?

— Superfino — concordou Strand.

— Ele falou que lá estarão bons tenistas com quem poderei jogar e que, se alguém quiser cavalgar, há cavalos nas redondezas: Disse que nos apanhará em seu carro, sexta-feira à tarde, e nos trará de volta domingo à noite.

— Sua mãe dá aulas no sábado de manhã.

— Uma vez, só uma vez — disse Caroline —, ela podia deixar aqueles pirralhos jogarem beisebol ou fumar maconha à vontade ou ver televisão, no sábado de manhã. Só uma vez.

— Falaremos sobre isso quando sua mãe chegar.

— Vou dizer qual a única coisa que há de errado com você e mamãe — disse Caroline. — Vocês são certinhos demais.

— Talvez tenha razão. Agora é melhor ir tomar o seu banho, antes que sua mãe chegue.

— Certo — concordou Caroline, alegremente, saindo da cozinha. De repente, parou. — Oh, mais uma coisa. . .

— O que é?

— O sr. Hazen disse que falou com um dos seus sócios no escritório e esse sócio o convenceu de que devia comunicar o crime, foi assim que ele disse, *o crime*, à polícia. Ele já deu parte, disse algo sobre seus deveres cívicos e que não raciocinava com clareza na noite em que tudo aconteceu. Disse que provavelmente um detetive viria aqui para me fazer perguntas. Como se fala com um detetive?

— Não sou uma autoridade no assunto — declarou Strand. — Nunca falei com um detetive, que eu saiba.

— Espero que seja jovem — disse Caroline, saindo da cozinha, mas Strand a fez parar.

— Caroline, não fale com sua mãe sobre o detetive.

— Por que não?

— Porque, provavelmente, ele não vai aparecer, e não vale a pena fazê-la lembrar-se daquilo de que o sr. Hazen chama o incidente. Ela pode não ter demonstrado a você, mas estava terrivelmente aflita por sua causa, sexta-feira à noite, e sei que ela começou a se preocupar com suas idas ao parque, mesmo durante o dia.

— Certo, papai — concordou Caroline. — Ela é sua mulher.

— A propósito, Caroline, você agradeceu ao sr. Hazen raquete?

— É claro — afirmou Caroline, com dignidade. — Não sou *totalmente* selvagem. Agradei muito. — Cantarolando, seguiu pelo corredor, em direção ao banheiro. Strand lavou o prato, o copo e a faca que Caroline usara, e secou-os, para esconder de Leslie o deslize pré-jantar. Enquanto guardava a louça, ficou imaginando se devia ir ao distrito policial mais próximo dizer para quem quer que estivesse encarregado do assunto que não mandasse, por favor nenhum detetive ao apartamento, pois aquela noite estava escuro demais para que sua filha pudesse reconhecer qualquer um dos rapazes envolvidos, e que ela estava se preparando para as provas finais e ele gostaria que ela não se distraísse com outra coisa, por enquanto. Tinha um palpite de que a polícia, com tantos problemas que tinha de enfrentar com a vizinhança, ficaria até contente em poder arquivar a ocorrência e esquecê-la.

Ouviu o telefone tocar e foi atendê-lo, no *bali*. Era Eleanor.

— Como foi o fim de semana? — perguntou ele.

— Tranquilo — respondeu ela. — Dormi e os outros beberam a maior parte do tempo. As pessoas com quem eu estava conheço Hazen. Uma correção no meu primeiro informe sobre seu amigo. Ele *tinha* três filhos. O rapaz morreu. Sd.

— O quê?

— Sd. Superdose. Heroína. Há cinco meses. Todos saíram no fim de semana e ele deixou aviso com o empregado que não queria ser perturbado. Não o perturbaram, e quando por fim invadiram o quarto estava tudo acabado.

— Oh, meu Deus!

— Deprimente, não acha? Talvez você devesse ir ao quarto de Jimmy e procurar por agulhas.

— Eleanor — disse Strand, com firmeza —, sabe de alguma coisa a respeito de Jimmy que não nos tenha contado?

— Não. Só que nunca é demais ter cuidado. Os lugares que ele frequenta... as pessoas. . .

— Tenho certeza de que ele não é. . . não é um desses.

— Talvez o sr. Hazen tivesse certeza também. Por que não pergunta a ele?

— Não farei uma coisa dessas. . .

— Acho que está certo — concordou Eleanor. — Não adianta ficar alarmado. Foi um pensamento casual. Esqueça. Ouvi mais alguma coisa sobre a família Hazen também. A esposa não é muito querida, parece, pois passa a maior parte do tempo na Europa. As filhas, por sua vez, não são muito simpáticas, também. Uma delas mora com um suposto diretor da New Film, em San Francisco, e ninguém sabe como vivem. A outra está em Roma, ocupação desconhecida. Ambas muito bonitas, de acordo com os meus amigos. Não admira que o sr. Hazen tenha gostado da idéia de jantar conosco. Embora digam que ele tem um caso. Não são novidades extremamente quentes no fim do século XX, não é?

— Não — concordou Strand.

— Beijos para todos. Até sexta-feira à noite.

Strand desligou, olhando fixamente para o telefone. Sd. Estremeceu. O sentimento de culpa deve ser um fardo insuportável. Uma boa razão para falar sobre o niilismo da juventude, a responsabilidade para com a geração jovem, o oferecimento para ajudar Jesus Romero, o passeio pelo parque com uma jovem atleta sadia. Todos aqueles clubes, todas as reuniões de conselho, todo aquele dinheiro, e seu filho fica dois dias sem ser perturbado. . .

Strand voltou pelo corredor e parou diante da porta do quarto de Jimmy. Olhou para a porta por um longo tempo, depois mexeu na maçaneta. Não estava trancada, e chegou a se abrir um pouco. Strand hesitou, depois fechou-a, com firmeza.

Leslie, Strand e Caroline estavam jantando na cozinha. Jimmy comparecia esporadicamente às refeições noturnas, mas sempre avisava a mãe quando não, ia. Strand não falou com Leslie sobre o

convite de Hazen, e ele podia sentir os olhos suplicantes de Caroline sobre ele.

— Agora — pediu ela, por fim, num sussurro teatral.

— Agora o quê? — perguntou, embora soubesse do que a filha estava falando.

— Você sabe. O fim de semana.

Leslie o olhou com curiosidade. Ocupara-se com o jantar desde que chegara a casa, e Strand estivera trabalhando nas correções das provas finais e, com exceção do beijo ao chegar e algumas palavras sobre como tinham passado o dia, palavras reservadas e casuais da parte dele, pois não mencionara detetives, Jesus Romero ou rapazes encontrados com SD, nada mais haviam conversado.

— Que fim de semana? — perguntou Leslie.

— Parece que o sr. Hazen passava pelas quadras de tênis e acompanhou Caroline até aqui — comentou Strand.

— Quanta atenção da parte dele!

— Muita — respondeu Strand. — Acontece que ele tem uma casa em East Hampton. . .

— Com uma quadra de tênis e uma piscina — acrescentou Caroline. — Térmica. A piscina, quero dizer. É à beira-mar.

— Para que, santo Deus, as pessoas precisam de uma piscina com todo o oceano Atlântico em frente? — indagou Leslie, sensatamente.

— Oh, mamãe — observou Caroline. — Para quando o tempo estiver ruim. E o mar é *frio*.

— Bem — disse Leslie —, o dinheiro é dele. A propósito, o que a casa do sr. Hazen à beira-mar tem a ver conosco?

— Ele nos convidou para o fim de semana, via Caroline — informou Strand.

— *Todos* nós — disse Caroline.

— Isso é estender demais a gratidão por um simples prato de sopa — disse Leslie. Olhou para Strand: — O que você acha?

Strand deu de ombros.

— O que *você* acha?

— Ele nos apanha em seu carro, na sexta-feira, à tarde — disse Caroline, as palavras saindo aos tropeções —, e nos traz de volta no domingo à noite.

— Tenho todas aquelas aulas no sábado de manhã — disse Leslie, em dúvida.

— Aqueles delinquentes esnobes — retrucou Caroline. — Vão elegê-la a Mulher do Ano se lhes der o sábado de folga.

— Psiu, Caroline — disse Leslie. — Estou pensando.

— Pensa-se muito nesta casa — disse Caroline, em desespero. — De tanto pensarmos, vamos acabar numa inércia absoluta.

— Quer calar a boca um momento, Caroline? — exclamou Strand, irritado.

— Ele é um velho solitário — insistiu Caroline. — O mínimo que poderíamos fazer seria alegrá-lo um pouco. A casa tem dezesseis dormitórios, ele me contou. Como vocês se sentiriam se tivessem de perambular por uma casa com dezesseis dormitórios, semana após semana? Você e mamãe estão sempre me dizendo que precisamos levar em consideração a necessidade dos outros. Bem, se querem saber, o sr. Hazen é um dos outros.

— Senhorita advogada — falou Leslie, com energia —, se calar a boca por uns instantes, talvez possamos discutir o assunto.

— Não há nada para discutir — insistiu Caroline.

Leslie tocou sua mão com delicadeza.

— Certo — concordou Caroline, recostando-se na cadeira, resignada, cruzando os braços. — Meus lábios estão selados.

— Tem certeza de que ele incluiu a nós todos? — perguntou Leslie. — Jimmy e Eleanor, também?

— Claro — respondeu Caroline.

— Ele falou mesmo? — insistiu Strand.

— Não usou tantas palavras — admitiu Caroline. — Mas, certamente, estava implícito.

— Allen — disse Leslie —, sua aparência diz que um pouco de ar marinho não seria nada mau.

— Agora — disse Caroline, triunfante — está-se começando a talar com alguma clareza por aqui.

— Acho que poderia transferir as aulas — admitiu Leslie, pensativa. — De alguma forma. Tenho

de falar com Eleanor e Jimmy, ver se eles querem...

— Se me privarem do passeio — disse Caroline —, por motivos egoístas, nunca mais falo com eles.

— Não seja criança — repreendeu-a Leslie. — Eu disse que discutiríamos o assunto...

Então, o telefone tocou, e Strand levantou-se.

— Eu atendo. Provavelmente é o advogado solitário em pessoa.

Era Hazen ao telefone.

— Espero não estar interrompendo seu jantar — disse ele.

— Não interrompeu — respondeu Strand. — Já terminamos.

— Gostou de Berlioz?

— Esplêndido. Obrigado, mais uma vez.

— Não há de quê. Sempre que quiser, basta que me telefone. Recebo entradas para quase tudo, e nem sempre estou livre para aproveitá-las.

— Caroline me contou que o senhor a acompanhou até aqui em casa — disse Strand, pensando "qual será a sensação de receber entradas para quase tudo"? — Foi muito delicado de sua parte.

— Ela é uma menina adorável. E inteligente, além de outras coisas. Ela lhe falou sobre a nossa pequena e agradável conversa?

— Falou — respondeu Strand. Não pôde deixar de pensar em como Hazen descreveria qualquer conversa que tivesse tido com seu filho, antes de arrombar a porta. — Também tive uma pequena conversa com uma pessoinha esta tarde. O menino de quem lhe falei... Romero. Não muito agradável.

— O que ele respondeu?

— Que vai pensar no assunto.

— Ajudaria se eu falasse com ele? — perguntou Hazen.

— Duvido.

— Bem, sabe melhor do que eu. Caroline perguntou-lhe sobre a possibilidade do fim de semana na praia?

— Perguntou, sim. Ficou azucrinando a mãe e a mim durante o jantar com o assunto.

— Vocês irão, não é? — Hazen parecia ansioso.

Dezesseis dormitórios para ele perambular e uma piscina térmica para nadar.

— Ainda estamos tentando ver se poderemos fazer o passeio — explicou Strand.

— Sua outra filha e seu filho também estão convidados, é claro.

— Caroline disse que estava implícito. Não sei quais são os planos deles. Posso telefonar na quarta ou na quinta-feira?

— Quando quiser — respondeu Hazen, rapidamente. — Tem um lápis à mão? Vou dar-lhe o número do meu escritório.

— Pode falar — disse Strand, e anotou o número que Hazen lhe deu pelo telefone. — A propósito, Caroline me disse que o senhor ainda não está bem para aparecer em público.

— Não é nada — respondeu Hazen, rápido. — Se não olho no espelho ou se os bebês não gritam em seus carrinhos ao me verem, não me lembro de nada do que aconteceu.

— Caroline também falou qualquer coisa sobre a polícia — disse Strand, baixando a voz, para que não se ouvisse da cozinha.

— Sim. Uma formalidade inútil, creio. Mas um dos meus sócios faz parte da Comissão contra o Crime Juvenil, do prefeito, e ele disse que o montante das estatísticas sobre delinquência juvenil é uma das partes mais difíceis do seu trabalho e, mais para agradar-lhe do que por qualquer outra coisa, eu. . . Não se importa, não é?

— Acho que não — respondeu Strand, mas sabia que demonstrava relutância.

— Bem, espero que possam sair este fim de semana. Vou aguardar seu telefonema.

Despediram-se, e Strand desligou. Voltou para a cozinha.

— Então? — Caroline perguntou, com ansiedade.

— Deve ser difícil encher aqueles dormitórios — comentou Strand, sentando-se.

— Você não me respondeu — queixou-se Caroline.

— Eu disse que o avisaria durante a semana. Agora me deixe comer a sobremesa.

Esqueça-os, esqueça os homens que estão caindo. . .

Foi Conroy quem os apanhou na tarde de sexta-feira, num comprido Mercedes, com assentos fofos. O sr. Hazen mandava suas desculpas, explicou Conroy, pois ficara retido, inesperadamente, no escritório, mas iria mais tarde, à noite. Strand sentou-se no banco da frente, ao lado de Conroy. Leslie, Eleanor, Caroline e Jimmy sentaram-se atrás. Strand ficara um pouco surpreso quando Eleanor disse que gostaria de ir. Adorava Hampton, principalmente fora da estação, dissera ela, e tinha muitos amigos lá que gostaria de ver. Isso era outra coisa que não sabia sobre Eleanor, pensou Strand, ao desligar o telefone — que ela conhecia Hampton e que tinha muitos amigos lá. Ficou imaginando que outras revelações ela ainda lhe reservava e, da mesma forma, que informações Leslie, Jimmy e Caroline, agora tagarelando animadamente no assento traseiro do carro, lhe passariam quando achassem conveniente fazê-lo.

— A propósito — falou Conroy —, há uma perua na garagem que podem usar se quiserem dar uma volta pelas redondezas.

— Não dirijo — disse Strand —, nem minha mulher. Mas Eleanor tem carta. — Nos dois últimos anos da faculdade Eleanor tivera um velho Ford. Voltou-se para a filha: — Eleanor, ouviu o que o sr. Conroy disse? Há uma perua na garagem que poderá usar.

— Isso se aplica a mim também? — perguntou Jimmy.

— Naturalmente — respondeu Conroy.

— Eu não sabia que tinha carta, Jimmy — disse Strand.

— Um amigo me emprestou o carro algumas tardes, dei umas voltas e fiz o exame.

Strand sacudiu a cabeça. Outra coisa que não lhe fora contada sobre sua família.

Conroy perguntou se eles gostariam que ele ligasse o rádio, para ouvir um pouco de música, mas Leslie vetou a idéia.

— Nunca chegamos a um acordo sobre o que queremos ouvir — explicou ela —, e não quero que a minha viagem seja estragada por Jimmy, Caroline e Eleanor, e nem a deles por mim.

Strand adorou a viagem. O entardecer estava muito agradável, e o sol ainda brilhava. Conroy dirigia bem e, depois de Queens, o tráfego tornara-se fraco, e o possante Mercedes devorava tranqüilamente o percurso através das fileiras de árvores da auto-estrada. De certo modo, Strand estava satisfeito por Hazen ter ficado retido no escritório. Se estivesse junto, Hazen ficaria conversando, e Strand preferia viajar em silêncio. Conroy não falava, e Strand não sentia necessidade de prestar atenção ao tagarelar despreocupado que vinha do banco de trás. Estava satisfeito por todos terem decidido que o fim de semana seria um prazer, e ele aguardava com ansiedade ver o interior da casa de Hazen. Pode-se saber muito sobre uma pessoa depois que se vê o modo como vive. Para Strand, Hazen era um espécime novo de animal, e cada vez ficava mais curioso a respeito do advogado. Por natureza, Strand evitava deduções apressadas sobre as pessoas, e ainda não chegara a uma conclusão quanto ao que pensava de Hazen. As circunstâncias em que se conheceram tinham sido bizarras, e, com todo o seu falatório, Strand se dava conta enquanto pensava no assunto, Hazen tinha conseguido descobrir um bocado sobre a família de Strand, não contando quase nada sobre ele próprio, exceto que sua família chegara a Nova York em 1706 e que nunca tinha ido a Ohio. O silêncio total a respeito da própria família, por exemplo, estava além dos limites da discrição comum e, com exceção do fato de ter confessado que era um advogado e que ia a concertos sinfônicos, restringia-se quase que inteiramente às abstrações impessoais. Através do *Who's Who*, Strand ficou sabendo muito a respeito do homem público; o homem particular ainda se mantinha oculto.

Enquanto esperavam pelo carro que viria apanhá-los; Eleanor comentara sobre Hazen:

— Esse homem quer alguma coisa.

— Por que diz isso? — havia perguntado Strand.

— Um homem desses sempre quer alguma coisa — dissera Eleanor, e ele ficou aborrecido com

seu cinismo. De acordo com os preceitos de Strand, não se aceita hospitalidade, especialmente tão pródiga, de alguém sobre o qual se tenha dúvidas, mesmo se fossem tão vagas como as que sua filha acabava de levantar.

Leslie, que tinha um interesse de propriedade sobre o homem cujos ferimentos havia tratado e que despertara admiração pelo modo estóico como se comportara enquanto sofria, falou bruscamente com Eleanor, o que não era do seu costume:

— Se sente isso, por que não vai para outro lugar qualquer neste fim de semana?

— Desculpe-me — havia dito Eleanor. — Pensei que estávamos na América. Liberdade de expressão. Garantida pela Constituição e tudo o mais.

— Vamos parar com isso — dissera Strand. — Hoje é um dia de festa.

Jimmy apenas sorria, satisfeito porque, pela primeira vez, o alvo da censura era Eleanor e não ele. Caroline não prestava atenção ao que se passava, pois se sentara sonhadoramente, cantarolando baixinho, embalando a raquete no estojo novo.

Olhando para a paisagem rural e primaveril que passava rapidamente lá fora, Strand pensava na discussão entre a mulher e a filha, e ficou imaginando se haveria alguma verdade no que Eleanor dissera. Decidiu afinal que era apenas despeito infundado, nascido do ciúme ou desagrado de Eleanor por algum de seus superiores, sob cujas ordens se aborrecia no escritório, superior esse que, certa ou erroneamente, ela identificava com Hazen. Quanto a ele, decidiu que aceitaria Hazen como parecia ser. Se isso era, até agora, tinha de admitir, um tanto obscuro, por outro lado não havia detectado nenhum traço de malícia ou que indicasse vontade de tirar vantagem. Muito ao contrário. De qualquer modo, depois de saber sobre o filho de Hazen, Strand sentira pena do homem e simpatizara com ele. Se Hazen estivesse usando a família para aliviar sua vida solitária, dificilmente se poderia chamar isso de manipulação. Strand lembrou-se da leve suspeita que sentira quanto às intenções de Hazen com relação a Caroline e sorriu. Seria difícil, também, acreditar que Hazen tivesse convidado *todos* para sua casa se estivesse planejando dar vazão aos seus instintos sexuais com a jovem de dezessete anos da família.

Cochilou, embalado pelo movimento uniforme do grande carro, e acordou somente quando o veículo diminuiu a velocidade e entrou numa estrada particular, atravessando um portal de pedra, seguindo por uma longa alameda de altas árvores, em direção ao mar, cujo rugido já se podia ouvir.

Conroy parou o carro num pátio de cascalho e buzinou.

— Chegamos — disse, e todos desceram do carro. Uma casa enorme, revestida exteriormente de ripas brancas, elevava-se em direção ao céu claro, crepuscular.

— Homem — exclamou Jimmy, assobiando —, isto é um bocado de arquitetura.

— Foi construída pelo avô do sr. Hazen — explicou Conroy. — Tinham grandes ambições naqueles tempos.

O velho destino americano, pensou Strand, de mangas de camisa a mangas de camisa durante três gerações, obviamente não se aplicava aos Hazens. O avô podia orgulhar-se do neto.

Conroy buzinou outra vez e, em resposta, um homem e uma mulher saíram apressados da casa.

— O sr. e a sra. Ketley — apresentou Conroy. — Tomam conta da casa. Eles cuidam da bagagem. — Apresentou-os aos criados. O homem estava de calças pretas e paletó de algodão branco, engomado. A mulher, de uniforme preto e avental branco. Ambos eram de meia-idade, pessoas de aparência agradável, que davam a impressão de terem trabalhado duro a vida inteira.

— Vou deixá-los agora — disse Conroy. — Tenho de voltar à cidade e apanhar o sr. Hazen no escritório e trazê-lo até aqui.

— Vai fazer toda essa viagem outra vez? — perguntou Leslie.

— Não é nada — respondeu Conroy. — Estaremos de volta lá pelas onze horas.

— Se soubéssemos, podíamos ter esperado até que o sr. Hazen estivesse livre para vir — disse Leslie. — Dá a impressão de que somos intrusos.

— O sr. Hazen não concordaria com isso — falou Conroy. — Pediu-me que lhes dissesse que ficassem à vontade e pedissem aos Ketleys o que precisassem. O jantar será servido para vocês. — Entrou no carro, servidor fiel, ciclista, anônimo, eternamente em serviço, mensageiro de libré neutra, homem de muitos talentos, pequenos e úteis. Deu partida no carro, fez uma manobra rápida pelo pátio, e as luzes traseiras do Mercedes desapareceram na alameda de árvores.

— Por aqui, por favor — disse o sr. Ketley, conduzindo a família para a porta da frente da casa, flanqueada por dois imensos lampiões que se acenderam quando passaram pelo lajeado que rodeava a

entrada.

Ao entrarem no *hall*, onde uma ampla escada curva com corrimão de mogno levava ao andar superior, o sr. Ketley perguntou se gostariam de ver seus aposentos ou se "preferiam tomar um drinque primeiro para se refazerem da viagem.

Strand disse que ficaria embaixo por uns instantes, mas, agradecendo, recusou o drinque e ficou perambulando pela sala de estar, enquanto os Ketleys conduziam os demais lá para cima. A sala era grande, com lambris de madeira escura onde havia quadros de Pissarro, Vlaminck, Chagall e Dufy, assim como algumas pinturas abstratas de pintores que Strand não conhecia. Em um canto, um piano de cauda, fechado. Havia flores por toda parte, em vasos grandes e baixos, sofás e poltronas confortáveis em estilo despretensioso e indefinido que contrastavam com as cadeiras, mesas e escrivaninha de madeira que pareciam ser de autêntico estilo americano primitivo. Havia uma grande lareira apagada, mas pronta para ser acesa a qualquer momento. As janelas e uma porta davam para o mar. Hazen podia queixar-se de que tinha muitos dormitórios vazios para seu conforto psíquico, mas suas necessidades materiais eram, com toda a certeza, generosamente atendidas. Mas pouco havia na casa, ou pelo menos na sala de estar, que falasse de seu proprietário. Com exceção do piano e dos quadros, não havia indicação de interesses específicos dos moradores. Através de uma porta entreaberta, Strand olhou de relance para uma pequena biblioteca. Faria uma investigação sobre os livros em outra hora. Não queria que o sr. ou a sra. Ketley o pegassem espionando. Obviamente, a casa fora construída no início do século, e seus acessórios e a mobília pareciam ter sido adquiridos, quando necessários, por várias gerações, com gostos variados.

Strand abriu a porta que dava para o terraço e o rugido do mar invadiu o aposento. Saiu e ficou contemplando a extensão escura do Atlântico ao crepúsculo. O mar estava relativamente calmo, mas longos vagalhões, à distância, elevavam-se e arrebentavam na praia. Bem embaixo do terraço, erguia-se uma névoa fina da superfície da piscina, refletindo as luzes da casa.

Strand respirou bem fundo, deleitando-se com o tônico ar salino. Bem afastadas, ao longo das dunas, viam-se outras luzes de casas que também davam para o mar, mas não havia vizinhos próximos. Se o avô quisesa paz, havia escolhido o lugar com sabedoria. A pouco mais de cento e sessenta quilômetros da cidade de Nova York, havia a sensação de espaço ilimitado, de um clima benigno cujo silêncio era quebrado apenas pelo ruído do mar e pelos gritos das gaivotas. Ali, pensou Strand, era possível esquecer que os próprios concidadãos estavam em luta de morte na cidade, apinhados de maneira desumana em fétidos vagões do metrô, agredidos pelo barulho do tráfego, forçados a passar seus dias em ocupações insensatas. À beira-mar, com o ar perfumado pelo sal e o aroma da grama e das flores, por uma noite pelo menos, podiam-se esquecer as guerras que no momento estavam sendo travadas em todo o mundo; por uma noite, esquecer os homens tombando, as cidades em chamas, o choque sangrento das raças, tribos, ambições.

Sim, Strand pensou, ao entrar na casa outra vez, deixando lá fora o rugido do Atlântico ao fechar a porta, Leslie estava certa, um pouco de ar marinho não lhe faria nenhum mal.

O fogo crepitava na lareira e havia velas acesas sobre a mesa quando desceram para o jantar. Eleanor vestia calças azul-claras e um suéter de *cashmere* e Jimmy tinha tirado a gravata que, supôs Strand, havia pensado ser apropriada para um fim de semana no campo. Leslie, que raramente usava calças compridas, apesar de ter pernas bonitas, havia posto uma saia longa de algodão estampado e uma blusa sem mangas. Caroline esfregara o rosto no banho e parecia, Strand disse a si mesmo com carinho, uma moeda nova, recém-cunhada. Para Strand, sentado à cabeceira da mesa, sua família era um quadro saudável, atraente e modesto, e, à luz do fogo da lareira e das velas, Leslie parecia a bela irmã um pouco mais velha das duas jovens sentadas ao seu lado.

— Acredite ou não — sussurrou ela quando desceu para o jantar —, há um desenho de Renoir em nosso quarto. Um nu. Imagine só. Num *dormitório*.

Foi uma esplêndida refeição, de mariscos e um delicioso peixe, servida pelo sr. Ketley. Ele serviu vinho branco francês, e todos beberam um pouco, até Caroline, que disse, explicando a sua estréia:

— Bem, esta é a primeira vez que janto diante de uma lareira. Não é excitante?

Jimmy ergueu o copo, fazendo um brinde:

— Aos ricos — disse ele.

Caroline ria de modo descortês, pensou Strand, bebendo vinho e dando uma olhada de soslaio para o sr. Ketley para saber como o homem reagia diante desse tributo ao patrão. Mas o sr. Ketley estava enrolando uma toalha ao redor de uma segunda garrafa de vinho e parecia não notar o que era dito na

mesa. Mas, não querendo arriscar, Strand ergueu o copo e disse:

— À generosa hospitalidade de nosso anfitrião ausente.

Pela piscadela que Jimmy lhe lançou, Strand percebeu que o rapaz havia entendido o que o pai estava fazendo. Teria de falar com Jimmy mais tarde e lembrá-lo para ter cuidado com suas maneiras durante o fim de semana.

Depois do jantar, o sr. Ketley aproximou-se com uma caixa de charutos. Strand ia sacudir a cabeça, mas acabou esticando o braço e apanhando um da caixa. Enquanto ele usava o cortador que o sr. Ketley lhe oferecia para retirar a ponta do charuto, Leslie olhou-o, indecisa, e disse:

— Tem certeza de que quer. . .

— Se Caroline, com essa idade, decidiu que esta era a noite para o seu primeiro copo de vinho — disse Strand —, acho que seu pai tem idade suficiente para experimentar seu primeiro charuto. — Tirou rapidamente uma baforada quando o sr. Ketley estendeu o isqueiro. O fumo tinha um sabor surpreendentemente bom.

— Sr. Ketley — disse Jimmy —, acho que vou querer também.

— Jimmy — disse Leslie.

— Gostei do aspecto de papai — retrucou Jimmy. — Talvez melhore o meu aspecto também. — Apanhou um charuto da caixa, examinou-o, aprovadamente. — Havanás. Entrando no país secretamente, sob as armas dos gringos imperialistas. Estou dando a minha contribuição para a Revolução Mundial.

Definitivamente, pensou Strand, quando Jimmy acendeu o charuto e prendeu-o alegremente entre os dentes, definitivamente precisava ter uma conversinha com ele sobre o que era ou não permitido dizer naquela casa. Ficou satisfeito ao ver que, depois das primeiras baforadas, Jimmy gesticulava com o charuto entre os dedos e só o fumava para mantê-lo aceso. Estava quase pelo meio quando o rapaz o apagou no cinzeiro, e Jimmy e Eleanor despediram-se e saíram na perua para Bridgehampton, onde, segundo Eleanor, havia um bar aconchegante com um bocado de gente agradável e o dono tocava um bom jazz ao piano, todas as noites.

Caroline alegou que queria ver televisão e acomodou-se em frente ao aparelho, na pequena biblioteca; Strand e Leslie resolveram dar um passeio pela praia. Agasalhados contra o frio da noite e de mãos dadas, caminharam na areia dura deixada pela maré baixa, sentindo em seus rostos, de vez em quando, os respingos de água salgada que vinham das ondas espumejantes na praia. A lua estava ascendendo num céu limpo, havia um vento vivo no ar e distinguiam-se no horizonte as luzes de um navio indo para o leste.

Leslie apertou a mão do marido.

— Absolutamente perfeito — murmurou.

Strand ocupava uma poltrona da sala de estar, diante do fogo agora reduzido. A casa estava silenciosa, e ele se encontrava sozinho. Leslie preparava-se para deitar-se, no andar de cima, e ela gostava de ficar só para o ritual dos cremes no rosto e da escova nos cabelos. Eleanor e Jimmy ainda não tinham voltado e os Ketleys fazia muito tempo que se haviam retirado para o seu quarto, nos fundos da casa. Strand suspirou de satisfação enquanto observava a dança das formas do fogo. Então ouviu um carro aproximar-se da casa e parar.

Um momento depois, Hazen e Conroy entravam na sala de estar, e Strand se levantou para cumprimentar seu anfitrião.

— Boa noi. . . — começou ele, depois parou. Havia algo de errado com Hazen. Sob o chapéu escuro de feltro, olhava fixamente para a frente, parecendo nada ver, e caminhava lenta e rigidamente, com grande cuidado, como se fosse perder o equilíbrio se andasse mais rápido. Ao seu lado, Conroy parecia abatido, com as mãos estendidas, prontas para amparar o patrão se ele ameaçasse cair. Quando Hazen chegou mais perto, não dando a impressão de ter visto Strand parado de pé à sua frente, fez-se sentir um forte cheiro de uísque. Estava muito bêbado. Conroy fez uma pequena careta de desculpas quando Hazen, ainda de chapéu, caiu pesadamente numa poltrona.

— Conroy — disse Hazen, vagarosa e deliberadamente. — Quero uísque. E traga a garrafa de soda. Eu mesmo me sirvo de soda. Não quero que você afogue meu uísque, como costuma fazer.

— Sim, senhor — respondeu Conroy, e dirigiu-se ao aparador que servia de bar.

— Conroy é um excelente secretário — disse Hazen, ainda sem olhar para Strand. — Um

excelente chofer. Mas indig. . . indigno de confiança quando se trata de preparar um drinque. Strand — disse ele, sem voltar a cabeça —, você é um felizardo. Não precisa lidar com ladrões. Eu, ao contrário, lido quase exclusivamente com ladrões, semana após semana, semana após semana. Não é o amor que faz o mundo girar, Strand, como dizem, é a cobiça, a cobiça nua, criminosa, dominadora. Digo-lhe, Strand, se as leis da terra fossem sempre aplicadas, três quartos dos nossos mais res. . . respeitáveis cidadãos estariam nas prisões. Pelo amor de Deus, Conroy, vou ter de esperar a noite inteira pelo meu maldito drinque?

— Já estou indo, senhor. — Conroy garçom, entre outras coisas, aproximou-se, apressado, com o copo e a pequena garrafa de soda.

Sem erguer os olhos, Hazen estendeu a mão e Conroy entregou-lhe o copo.

— Agora, ponha a soda — disse Hazen. — Devagar, devagar. Basta! — Conroy distribuidor de dose mal colocara um pouquinho de soda no uísque. — Conroy não bebe e não aprova quem bebe. — Hazen ergueu os olhos para o secretário. — Estou sendo exato, senhor?

— Mais ou menos, senhor — disse Conroy, curvando-se ligeiramente.

— Mais ou menos. — Hazen assentiu solenemente com a cabeça. — Conroy é o homem do mais ou menos. Um abstêmio, faz a oração dos mortos para os que bebem. Um tipo anal. Cuidado com os abstêmios, Strand, terão vingança total. — Deu uma risada rouca e depois, com muito cuidado, muito rígido, como um autômato, levou o copo aos lábios e bebeu. — Por este alívio — disse ele —, muito obrigado. — Deu uma risada rouca outra vez. — Strand, viajo no país do desespero. Acredita em Deus?

— Acredito.

— Conroy — disse Hazen —, que diabo, vá dormir.

— Pensei que o senhor talvez pudesse precisar de mim. — Conroy, pálido de fadiga mas sempre prestativo, acrescentou, nervosamente: — Não estou cansado, de verdade.

— Eu estou cansado — falou Hazen. — Você me cansa. Saia daqui. Posso ir deitar-me por minha conta. Não preciso que você dê assistência aos meus sonhos. Saia daqui, homem. Desapareça.

— Sim, senhor. Boa noite, senhor. Boa noite, sr. Strand. Saiu pela porta da frente, cão de guarda do poder, constrangido diante da rejeição.

— Há um quarto para ele em cima da garagem — disse Hazen. — Conroy. Não gosto da idéia de saber que ele dorme na mesma casa que eu. Compreensível, não é, Strand?

— Bem. . . — murmurou Strand, perplexo. — Não o conheço e...

— Compreensível. Eu lhe perguntei se acredita em Deus?

— Perguntou.

— E o que me respondeu?

— Respondi que acredito.

— Você está deslocado no mundo atual, Strand. Acredita nos Dez Mandamentos?

— Eu diria que sim — respondeu Strand, sentindo-se um idiota com esse catecismo de bêbado, no meio da noite.

— Uma reunião com meus com. . . companheiros, e suas crenças se modificarão. Honrarás pai e mãe. É tarde, Strand. Gosto de ficar aqui sentado, sozinho, tomar meu último drinque nestas derradeiras horas da noite e refletir. Refletir. Falei sobre minha admiração pelo sr. Buster Keaton durante nosso passeio, não falei?

— Sim, falou. — O que mais, agora?, pensou Strand, lamentando não ter subido com Leslie antes de Hazen chegar.

— Ele sabe que a coisa toda é uma piada cósmica. Nossos planos falham, nossas realizações são irrisórias, tropeçamos a cada passo, estamos fadados a escorregar em todas as cascas de bananas, e ele aceita tudo isso estoicamente, em silenciosa dignidade, ao som do riso divino. Uma lição para todos nós. — Hazen riu, estridentemente, produzindo o som de um grito de dor. — Refletir — repetiu ele. — Tenho certeza de que preferiria juntar-se à sua encantadora esposa lá em cima, nos sagrados laços do matrimônio, por assim dizer, a ficar aqui, constrangido com minhas re. . . refle. . . reflexões sobre religião. Estou perfeitamente bem, senhor. — Pela primeira vez, voltou a cabeça e olhou para Strand, A expressão do seu rosto era de desolação. — A despeito de alguma evidência em contrário, não sou um homem dado à bebida. Não farás imagens para serem cultuadas como ídolos. Estou rodeado de ídolos. Lamente nossos tempos, Strand, e durma bem. Boa noite, senhor.

Strand hesitou. Estava perturbado. Sob a calma ébria mas magistral de seu anfitrião, naquelas

horas alcoólicas da noite, que tumulto se escondia, que apelo por ajuda? Sacudiu a cabeça. Era melhor não se envolver. Com ar marinho ou sem ele.

— Boa noite — disse Strand, e saiu da sala, sentindo-se profundamente deslocado. Ao subir as escadas, sabia que nada iria dizer a Leslie sobre Hazen. Se fosse descrever a cena, ela desceria apressada e tentaria chamar Hazen à razão, colocá-lo na cama, e Strand sabia que não iria adiantar, não iria adiantar em absoluto.

Quando se deitou, ela esticou a mão para o marido, sonolenta e afetuosa.

— Estou exausto — murmurou ele. Era a primeira vez que não atendia ao apelo dela. Há sempre uma primeira vez, pensou, ao tentar dormir.

Quando Strand desceu, na manhã seguinte, viu Hazen sentado à mesa do café, lendo o *Times*. Estava vestido com roupas de tênis e um suéter, pois a manhã estava fria. A cicatriz da cabeça ainda estava vermelha e feia, mas Strand podia ver que o ferimento se fechara, encaminhando-se satisfatoriamente para a cura. A face de Hazen ainda estava manchada, mas a pele, entretanto, apresentava um rosado saudável. Quando seu anfitrião se levantou para cumprimentá-lo com um aperto de mão, Strand viu que os olhos dele estavam claros e a mão, firme. Apesar da noite anterior, pensou Strand.

— Espero que tenha dormido bem — disse Hazen, o tom de voz calmo e cortês. — Ketley trouxe outro exemplar do jornal para o senhor... — Apontou para o aparador, onde se achava outro jornal novinho. — Não gosto do meu jornal todo embaralhado e imagino que a maioria dos pais é um pouco parecida comigo, nesse ponto.

— Devo admitir que também sou — concordou Strand ao se sentar em frente a Hazen. Se Hazen preferia ignorar os acontecimentos da noite anterior, fingir que nada tinha acontecido, sem revelar nenhum desgosto, certamente Strand não iria trazê-los à baila. — Eu o lerei mais tarde. Mas, por favor, não interrompa a sua leitura por minha causa.

— Já li o bastante por agora — disse Hazen, dobrando o jornal e colocando-o de lado. — As misérias de sempre. O jantar foi bom?

— Perfeito.

Hazen assentiu com a cabeça.

— Os Ketleys são excelentes. O que gostaria para o café? — perguntou ele, ao ver o sr. Ketley vindo da cozinha. — Suco, *bacon*, ovos?

— Está ótimo. — Em casa, não permitia que Leslie se levantasse para lhe preparar o café, contentando-se com uma xícara de café e um pãozinho. Ao meio-dia, estava sempre faminto.

— Ouviu o que o sr. Strand deseja? — perguntou Hazen a Ketley.

— Ouvi, sim, senhor — respondeu Ketley.

— Oh, a propósito — continuou Hazen —, diga a Ronny que, se ele quiser jogar beisebol agora de manhã, estarei pronto depois da minha partida de tênis.

— Estou certo de que ele estará esperando pelo senhor — respondeu Ketley, e voltou para a cozinha.

— Ronny é neto deles — disse Hazen. — Tem onze anos. É arremessador no seu time, na Liga Infantil. Eu lhe dou o alvo para atirar. — Serviu-se de uma xícara de café. — Lamento muitíssimo por tê-los deixado sozinhos a noite passada, mas não houve jeito de escapar. Conroy dorme o sono dos justos. Tirei um bom cochilo no carro, enquanto ele dirigia. Ouvi quando seus filhos chegaram, às duas horas da manhã. . .

— Espero que não o tenham perturbado.

— Em absoluto. Ouvi, por acaso, a perua chegar. Foram tão silenciosos quanto possível.

— Foram a um bar, em Bridgehampton, que Eleanor conhece.

— É assombroso como os jovens podem ficar em bares cheios de fumaça e pouca luz durante horas intermináveis. Principalmente quando, segundo Ketley, quase não bebem.

Enquanto Ketley vinha com o copo de suco de laranja e um bule de café fresco, Strand ficou imaginando o que mais o homem havia incluído em seu relatório sobre a família.

— Espero que Caroline não tenha ido com eles nessa excursão noturna — continuou Hazen.

— Ela não foi. Ficou vendo um pouco de televisão e depois foi para a cama.

— Ótimo — exclamou Hazen. — Providencie para que alguns jovens viessem jogar tênis esta

manhã. Jogam muito bem, e ela terá de dar o melhor de si para competir com eles.

— Vejo que pretende jogar, também.

Hazen deu de ombros.

— Talvez jogue um ou dois *sets*. São jovens educados, que respeitarão minha idade. Tentarão manter a bola a uma distância tal que nem precisarei correr, quando a devolverem para mim. — Bebeu um gole de café. — Que tal os arranjos?

— Arranjos? — Strand perguntou, intrigado.

— Quero dizer, estão confortavelmente instalados e tudo o mais? Os colchões são macios, há algum vazamento nos banheiros ou algum encanamento com barulho irritante?

— Muito mais do que confortavelmente instalados — respondeu Strand. Talvez, pensou ele, Hazen tenha esquecido *mesmo* o que se passou à noite. Se assim for, tanto melhor. — Principescamente. É uma casa maravilhosa.

Hazen, distraído, assentiu com a cabeça.

— É uma bela casa. Feita para hordas, é claro. As famílias de nossos pais. Frequentemente fico tentado a vendê-la. Exceto numa manhã ensolarada como esta. — Fez um gesto na direção das janelas inundadas de sol, para a cintilação do mar. — Se quiser nadar mais tarde, a piscina está aquecida.

— Não, obrigado — disse Strand. Suas pernas eram muito finas, e ele não gostava de ser visto com calção de banho. — Vou ficar perambulando por aí.

— Como desejar. Aqui não há regras.

O que ele quer dizer, pensou Strand, é que as regras estão tão enraizadas que ninguém as percebe mais.

Ketley trouxe ovos com *bacon* e torradas.

— Senhor — disse para Hazen —, telefone para o senhor.

— Já temia que isso acontecesse — comentou Hazen. — Transfira para a biblioteca, por favor. — Levantou-se. — Desculpe-me — disse para Strand. — Desconfio que será um longo telefonema. Fique à vontade. — Saiu da sala de jantar. Strand notou que suas pernas eram longas e musculosas, podendo ser comparadas com as de um rapaz. Todo aquele exercício de bicicleta.

Sacudiu a cabeça, admirado com a constituição física e mental do homem. Estava satisfeito por Conroy não se achar à mesa. Pressentia uma situação delicada quando se encontrassem de novo. Bem, decidiu, não vou deixar que isso estrague meu dia. Contente, comeu os ovos com *bacon*, espalhou geléia sobre a torrada e bebeu três xícaras de café, enquanto lia o *Times*. Hazen não voltou à mesa, e, quando terminou, Strand dirigiu-se ao terraço, estirou-se numa espreguiçadeira e fechou os olhos, o rosto voltado para o sol.

A quadra de tênis situava-se nos fundos do jardim, atrás da casa, protegida contra o vento por altas cercas, bem firmes. Caroline, Hazen e mais dois rapazes estavam começando a jogar quando Strand se aproximou da quadra. Tinha subido para ver se Leslie queria assistir ao jogo com ele, mas ela ainda estava na cama tomando o café que a sra. Ketley lhe levara. Disse a Strand que aquela era uma manhã de sábado em sua vida em que não ia fazer absolutamente nada. "Se esta bem-aventurança se tornar aborrecida, dissera, talvez vista alguma coisa e vá até a quadra. Mas não espere por mim. Sinto que vou ficar aqui deleitando-me até a hora do almoço." Não falara nada sobre a sua excepcional recusa da noite anterior.

Strand instalou-se numa cadeira de lona, à sombra do pequeno pavilhão, ao lado da quadra. O dia estava quente e podia ver que Hazen já transpirava e que seu chapéu branco estava molhado na altura da aba. O álcool está subindo à tona, pensou Strand. Pelo menos, demonstra que ele é humano. Hazen formava dupla com Caroline e pareciam, aos olhos inexperientes de Strand, tão bons quanto os dois rapazes que, tudo indicava, tinham instrutor desde a infância. Hazen praticava um jogo frio e preciso, e rebatia duro a bola, tanto quanto os outros. Não corria muito, mas sempre conseguia ficar no lugar certo e acertar as bolas, parecia a Strand, tanto quanto Caroline, que pulava e saltava um bocado, dando saltos acrobáticos, vistosos, diante da rede. Obviamente, estava se divertindo e sorria presunçosamente, Strand pensou, quando conseguia um *ace* ou devolvia uma bola alta. Os rapazes tinham começado com alguma condescendência, rebatendo as bolas a meia velocidade, não tentando os cantos, mas, depois que Caroline e Hazen ganharam os dois primeiros *games*, começaram a bater a bola e lançá-la rapidamente ao longo das linhas laterais, não demonstrando nenhuma consideração, quer pela idade ou sexo de seus oponentes.

O *set* foi de sete a cinco, e ganhou pelos rapazes. Já àquela altura, outros tenistas, mais dois rapazes

e uma jovem troncuda, tinham chegado e apresentavam-se a Strand numa torrente de nomes que ele não podia lembrar. Não eram do tipo de nomes que Strand lia na lista de chamada, no colégio. Sentaram-se junto de Strand, à sombra do pavilhão, para assistir ao final da partida,, gritando imparcialmente "bom jogo" ou "viva" depois de um determinado ponto duramente disputado.

— Basta para mim, senhoras e senhores — declarou Hazen, ao devolver na rede a bola que decidia o *set*. — Muito obrigado. Caroline, desculpe-me por afundar o time.

— Perdi algumas bolas também — disse Caroline, com delicadeza. Aceitava a derrota com a mesma alegria com que ganhava, percebeu Strand, aprovadamente. Sem ser um competidor, não gostava de pessoas que ficavam mal-humoradas quando perdiam. Hazen, é claro, apesar das desculpas, estava sereno como sempre. Suas vitórias e suas derrotas, Strand podia ver, ocorriam em outros campos.

— Eu é que devia estar pedindo desculpas — disse Caroline para Hazen, enquanto se dirigia ao pavilhão. — Não quer jogar outro *set*? Adoraria sentar-me perto de meu pai e contar-lhe meus problemas secretos.

— Não — respondeu Hazen. — Meus velhos ossos já foram castigados por hoje. É a vez da geração mais jovem. — Aproximou-se do pavilhão, tirando o chapéu e passando uma toalha na testa. Estava um pouco mais vermelho do que o normal, mas não respirava com dificuldade, e se seus ossos se sentiam velhos, isso não ficou demonstrado pela forma como deixou a quadra.

Havia uma grande jarra de chá gelado na geladeira, no fundo do pavilhão, e Hazen serviu Caroline e os dois rapazes com quem jogara enquanto os recém-chegados faziam aquecimento na quadra.

— Oi — disse um dos oponentes de Caroline, o mais alto e o que jogava melhor dos dois, cujo nome era Brad ou Chad. — Você joga muito bem, menina. Podíamos fazer duplas mistas. Vai passar todo o verão aqui?

— Não — respondeu Caroline.

— Que pena! Você seria uma atração na temporada. — Era um rapaz bonito, que Strand descreveria como um tipo padrão de americano louro, com maneiras desenvoltas, autoconfiante. Talvez, pensou Strand, quando eu era jovem, devesse ter levado mais a sério o tênis.

— Caroline — disse Hazen, colocando o copo de chá gelado sobre a mesa —, pode vir aqui, você sabe, quando quiser. Talvez gostasse de participar de algumas competições locais.

Caroline olhou rapidamente para o pai.

— Adoraria — respondeu ela. — Se tiver tempo.

Strand nada disse. Depois da cena com Hazen na noite anterior, não tinha certeza se gostaria de ver Caroline tornar-se assídua hóspede da casa.

— Ora, vamos, Caroline — insistiu o jovem alto, cujo nome era Brad ou Chad —, vamos formar uma dupla e *derrotá-los*.

Quando saíram para a quadra juntos para jogar com os novos rapazes e a jovem troncuda, Hazen falou:

— Vou tomar um banho, agora. Ver os meninos jogar me deprime.

— Vou junto — disse Strand. — Vou ver o que o resto da família está fazendo. — Acenou para Caroline, que passava a mão pelos cabelos, levando-os para trás, preparando-se para receber o saque. Esperou que Hazen vestisse o suéter e colocasse o chapéu branco e, depois, começou a se dirigir para a casa ao lado dele.

— Gostei mais desse jogo do que de qualquer outro que tenha jogado nestes últimos meses — comentou Hazen. — Graças à sua adorável filha.

— Acho que o senhor jogou muito bem — disse Strand.

— Defendi minha posição, só isso. No dia em que não puder mais, farei doação da minha raquete à Smithsonian Institution. Quatro, cinco anos. . . — Sua voz foi se extinguindo aos poucos, a idade se tornando patente em seu tom. Estava ainda transpirando, e secou o rosto com a toalha. — Aqueles rapazes — continuou — são um pouco velhos demais para sua filha. Nesta época, os rapazes da idade dela estudam em colégios ou universidades fora, e não posso convidá-los para o fim de semana. Aquele com quem ela está jogando tem vinte e quatro anos. Trabalha na firma do pai, na Wall Street, parece que tira todo o tempo de folga que deseja. Sabe que faz sucesso com as damas. — Hazen olhou significativamente para Strand. — Solteiras e tudo o mais.

— Pareceu-me bastante distinto.

Hazen riu.

— Eu não quis dizer que ele ande por aí violentando crianças. Apenas pensei que seria bom informar Caroline de que ele é bem mais velho do que ela. Se não se importa que eu diga, ela parece ter levado uma vida rodeada de muita proteção, até agora. Nada parecido, em absoluto, com a vida das jovens que eu vejo em festas por aqui, no verão. Sabe como é, crianças ricas de lares desfeitos, com pais que se dão à bebida e promiscuidade. . . bem. . .

— A mãe dela é muito cuidadosa — replicou Strand, aborrecido com o aviso implícito. — Afinal, Caroline é a caçula da família, e tudo o mais. — Depois sentiu que tinha dado a impressão de estar censurando Leslie, e acrescentou mais do que depressa: — Estou certo de que Caroline sabe como cuidar de si mesma.

— Seria uma pena se não soubesse — prosseguiu Hazen, com gravidade. — Ela possui a qualidade da inocência. É uma coisa muito rara, e não se deve pô-la em risco. Quanto ao tênis.. . — Hazen deu de ombros. — Ela tem uma noção surpreendentemente acurada do quanto vale.

— Não é tão boa — disse Strand. — Ela me disse que lhe falou a respeito.

Hazen sorriu.

— Para alguém tão jovem, dizer algo assim é raro, também. Ela já lhe disse alguma coisa sobre o que deseja fazer depois que terminar os estudos?

— Não exatamente. Creio que é igual à maioria das jovens da sua idade que não têm nenhum talento especial. . . e estão esperando para ver o que acontece.

— Ela não lhe disse que deseja ir para uma faculdade de agronomia, no oeste?

— Agronomia?.. . — repetiu Strand, incrédulo. Por que, em nome de Deus, ela haveria de esconder dele uma coisa dessas? — É a primeira vez que ouço falar nisso. Por quê? Ela lhe disse alguma coisa?

Hazen sacudiu a cabeça.

— Apenas comentou que queria ir para algum lugar onde a vida fosse mais simples, onde não estivesse rodeada de concreto.

— É verdade que o City College não está rodeado de pradarias — concordou Strand. — Mas é uma faculdade muito boa, barata, e Caroline poderia morar conosco. — Resolveu que falaria com a filha quando estivessem sozinhos.

— O dinheiro talvez não represente tanto problema — retrucou Hazen. — Sempre há a possibilidade de uma bolsa.

— Não com as notas que ela tem. Eleanor conseguiu uma, mas Caroline não é estudiosa, mesmo sendo eu quem o diga.

— Ela me disse mais uma coisa que pode ser útil. Hoje, estão dando cada vez mais bolsas de atletismo para mulheres, e. . .

— O seu tênis pode ser muito bom para o Central Park, mas ela mesma sabe que não chegará a lugar algum com ele...

— Não com o tênis — disse Hazen. — Concordo. Mas notei sua agilidade. Corre extraordinariamente rápido. Perguntei se alguma vez participou de corridas, e ela disse que ganhou os cem metros rasos, no colégio, numa competição, no mês passado.

— É verdade — concordou Strand. — Eu me lembro. Mas. . . numa competição de um pequeno colégio particular. . .

— Perguntei-lhe se a corrida fora cronometrada, e ela me disse que fez os cem metros em 10.4. Para uma menina que não tem feito treinos e não tem recebido orientação de um treinador, foi um resultado muito expressivo. Com um bom preparo, poderá chegar à marca olímpica. É uma pena que o colégio dela não tenha um programa intercolegial, pois, do contrário, uma porção de bons colégios estaria à sua procura. Conheço o relações-públicas de uma instituição chamada Truscott College, no Arizona, que fica suficientemente a oeste para qualquer um, e acredito que, se lhe mencionasse que vi uma boa candidata para a sua equipe, meu amigo poderia conseguir que o departamento de esportes ficasse interessado. E essa instituição tem um grande departamento de agronomia.

— Comentou alguma coisa com Caroline a esse respeito? — perguntou Strand, preocupado, sentindo enormes e novas complicações familiares surgirem à sua frente.

— Não — respondeu Hazen. — Achei que seria mais aconselhável falar com o senhor e a mãe dela antes de lhe despertar qualquer esperança.

— Obrigado — disse Strand, secamente, aborrecido e de má vontade, pois sua filha tinha

concedido informações sobre ela a um quase estranho, informações que mantinha ocultas dos próprios pais. Em casa, quando tinham visitas, respondia às perguntas com monossílabos e aproveitava a primeira oportunidade para ir para o quarto. — Vou ter uma conversinha com aquela menina.

— De qualquer forma, achei que o senhor e sua mulher deveriam pelo menos saber quais são as possibilidades.

— Vivemos em tempos estranhos — disse Strand, sorrindo, em que uma jovem pode, correndo, conseguir estudar. Talvez eu venha a comprar um cronômetro e a marcar o tempo dos meus alunos em vez de aborrecê-los com provas.

— Se chegarem à conclusão de que vocês e Caroline desejam estudar a situação, sentirei prazer em telefonar para o meu amigo na instituição.

— É muita bondade sua oferecer-se, mas estou certo de que tem problemas demais para preocupar-se sobre como minha filha pode aprender a ser uma boa fazendeira a cinco mil quilômetros de casa.

— Pelo que entendi, ela não pretende ser fazendeira. Disse que gostaria de estudar veterinária, mais tarde, e isso seria um bom começo.

— Veterinária... — Strand não conseguia esconder seu desapontamento. E lembrou-se da conversa com Judith Quinlan na qual ela havia dito, brincando, que, se desistisse de lecionar, iria ser veterinária. Seria alguma nova aberração feminina penetrando de repente no coração da cidade? — Veterinária — repetiu. — Por quê? Nunca tivemos um gato ou um cachorro em casa. Ela lhe disse o que a levou a ter uma idéia dessas?

— Perguntei-lhe, e ela pareceu encabulada. . . embarçada, talvez, em responder. Apenas murmurou qualquer coisa sobre razões pessoais. Portanto, não insisti.

— O que o *senhor* pensa da idéia? — indagou Strand, quase agressivo.

Hazen deu de ombros, enquanto caminhavam.

— Creio que atualmente é moda permitir aos jovens escolher a própria carreira. É um plano tão bom quanto qualquer outro, acho. Sinto, talvez seja uma ilusão, que eu seria um homem mais feliz hoje se meu pai não tivesse ditado o que eu devia fazer com a minha vida. Quem sabe? — Voltou a cabeça e olhou para Strand com atenção e curiosidade, estreitando os olhos. — Suponhamos, tudo o mais permanecendo o mesmo, que, quando tinha a idade de sua filha, pudesse ter escolhido. . . teria feito como fez?

— Bem — respondeu Strand, embarçado —, não. Meu sonho era ser historiador, e não uma pessoa encarregada de suprir crianças rebeldes com alguns fatos já batidos sobre o passado. Se eu pudesse ter ido para Harvard ou Oxford, passando alguns anos ociosos na Europa entre arquivos e bibliotecas... — Riu, com pesar. — Mas precisava ganhar a vida. Era tudo o que podia fazer, encontrar bastante serviço extra para me manter durante o tempo suficiente para conseguir o meu diploma no City College. Talvez, se eu tivesse sido mais forte. . . Bem, não fui mais forte. Velhas ambições. — Foi sua vez de dar de ombros. — Há anos que não tenho pensado nelas.

— Supondo que — insistiu Hazen —, de alguma forma, tivesse ido para Harvard, tivesse passado anos na Europa, tivesse sido capaz de se tornar o homem que esperava ser, visto seu nome reverenciado nas prateleiras das bibliotecas, não teria ficado. . . bem — procurou a palavra adequada — mais satisfeito, digamos, do que está agora?

— Talvez sim — declarou Strand. — Talvez não. Nunca saberemos.

— Quer que telefone para o homem do Truscott College? —

Hazen, Strand reconhecia, possuía o talento de encurralar as testemunhas até obter uma resposta definitiva.

Strand ficou calado por um momento, pensando em como ficaria o apartamento com Caroline ausente durante meses, enquanto estivesse na faculdade, e, depois, definitivamente. Ele e Leslie teriam de enfrentar os problemas dos quartos vazios, também.

— Não posso dar-lhe uma resposta agora. Terei de conversar sobre isso com minha mulher. Não pense que estou sendo ingrato ou que dê pouca atenção a seu interesse, mas. . .

— Gratidão não tem nada a ver com isso — disse Hazen, enérgico. — Lembre-se de que tenho muitas razões para ser grato. Há lógica em acreditar que eu não estaria aqui conversando com o senhor hoje... ou em qualquer outro lugar, para dizer a verdade, se não fosse pela intervenção de Caroline no parque.

— Ela nem mesmo sabia o que estava fazendo — disse Strand. — Pergunte a ela. Foi apenas um ato reflexo da parte dela.

— Mais admirável ainda por isso. Não há grande urgência. Fale com sua esposa e com a menina, e informe-me sobre o que decidirem. O almoço é à uma hora. Convidei alguns amigos, entre os quais dois homens com quem possivelmente estará interessado em conversar, um professor de história da faculdade de Southampton e um professor de inglês.

O perfeito anfitrião, pensou Strand. Se o hóspede fosse um piloto de provas, Hazen provavelmente teria descoberto dois outros pilotos de provas para compararem seus acidentes durante o almoço.

Ao se aproximarem da casa, Strand viu um menino alto, magro, parado na entrada de automóveis, segurando uma luva de arremessador e uma de apanhador de bolas.

— Eis a outra metade da bateria — disse Hazen. — Importa-se de servir de árbitro?

— Farei o melhor que puder — respondeu Strand.

— Bom dia, Ronny — disse Hazen. — Este é o sr. Strand. Ele vai anunciar as bolas e as rebatidas.

— Bom dia, senhor. — Ronny entregou a Hazen a luva de apanhador. Hazen calçou a luva enquanto atravessava a entrada de carros, em direção ao gramado que a ladeava. Colocou a toalha no chão para servir de base ao batedor, e Ronny, com a expressão muito séria, mediu passo a passo a distância do arremesso. Hazen agachou-se atrás da toalha, curvando-se facilmente, e Strand ocupou sua posição atrás dele, tentando não sorrir.

— Você tem cinco lances de aquecimento — falou Hazen para o menino —, e depois é jogar a bola. Os sinais de sempre, Ronny. Um dedo para a bola rápida. Dois para a curva, três para a alta.

— Sim, senhor — respondeu Ronny. Sua preparação era elaborada, com uma sucessão de pequenos movimentos rápidos e uma volta final do corpo, de forma que suas costas ficassem voltadas para a base antes que se virasse e lançasse a bola. Strand identificou esse estilo com o dos Yankees, que vira pela televisão. Obviamente, o menino ficara impressionado com Luís Tiant, o velho arremessador cubano que possuía os mais espetaculares gestos de lançamento do beisebol. Mais uma vez teve de ocultar um sorriso.

A bola aproximou-se da toalha lentamente. Strand desconfiou que o menino pretendia fazer uma curva.

Depois do quinto arremesso, Strand gritou:

— Arremessar para cima.

— Aí mesmo, garoto — gritou Hazen. — Jogue além deles. Ronny curvou-se para olhar com atenção o sinal, bem ao estilo Tiant, ergueu a perna esquerda e lançou a bola.

— Bola um — Strand apregoeou, entrando no espírito do jogo que se desenrolava entre Hazen e o menino.

Hazen olhou por cima do ombro, carrancudo.

— O que é que há, juiz, está cego?

— Jogue a bola — disse Strand, em voz alta.

Hazen deu uma ampla piscada e voltou-se para enfrentar o arremessador.

Quinze minutos depois, Hazen ergueu-se e dirigiu-se a Ronny, dizendo, enquanto lhe apertava a mão:

— Ótimo jogo, Ronny. Daqui a dez anos, você estará pronto para os grandes times. — Entregou as luvas para o menino, que pela primeira vez sorria, e, juntamente com Strand, dirigiu-se para a casa.

— Foi ótimo o que fez — declarou Strand.

— Ele é um bom menino — disse Hazen, de modo carinhoso. — Mas nunca será um jogador de beisebol. É cerca de meio segundo demasiado lento e nunca chegará lá. No dia em que compreender, será duro para ele. Eu adorava jogar, e quando fiquei sabendo, por intuição, que nunca conseguiria acertar a bola na curva, só pude chorar. Por isso, voltei-me para o hóquei. Para esse eu servia. — Sorriu desagradavelmente. — Brutalidade e esperteza. Obrigado por ter servido de árbitro. Até a hora do almoço. Estou pronto para o banho, agora. Ficaria surpreso se soubesse o que é ficar ajoelhado daquele jeito durante dez minutos. — Dirigiu-se para a sua ala da casa.

Strand não subiu para o quarto onde sua esposa, achava ele, devia ainda estar deleitando-se com o conforto de não fazer nada, numa manhã de sábado. No momento, não se sentia preparado para falar com Leslie. Portanto, foi para a piscina, onde encontrou Eleanor e Jimmy tomando banho de sol.

Usando biquíni, Eleanor achava-se deitada numa esteira, de barriga para baixo, enquanto Jimmy, agachado ao seu lado, passava bronzeador em suas costas. Ela havia abaixado as alças do sutiã para não ficar com marcas brancas ao se bronzear, e sua posição, com os seios quase à mostra, era, pelo menos, para Strand, positivamente erótica. Seu corpo, com a cintura delgada, quadris arredondados e pele acetinada, fazia-o recordar, de modo perturbador, o corpo da mãe, e, depois do primeiro olhar, ao sentar-se na beira de uma cadeira de praia, Strand manteve-se olhando para o mar. Eleanor e Jimmy divertiam-se com o jogo da palavra; um deles dava uma letra e o outro ia acrescentando outras com o objetivo de forçar o oponente a fornecer letras para formar uma palavra e, com isso, perder um ponto.

— E — disse Eleanor. — Oi, papai. Como está se saindo a srta. Wimbledon 1984?

— Fazendo os rapazes correrem — respondeu Strand, desejando que ela suspendesse as alças do sutiã.

— V — disse Jimmy.

— Óbvio, Jimmy — falou Eleanor. Depois, para Strand: — Devemos dar ao velho terror do Central Park um voto unânime de agradecimento por todo este esplendor que nos proporcionou. I, Jimmy. Ainda não vi nosso genial anfitrião. O que ele está planejando para o nosso entretenimento?

— Almoço — disse Strand.

— Sinto muito quanto a isso. Você pedirá desculpas por mim? Fui convidada para almoçar fora. Um homem que conheci, por acaso, no Bobby's Bar virá apanhar-me para almoçar com um grupo de literatos. Ele escreve poesias para pequenas revistas. Não me olhe tão consternado, papai. — Ela riu. — A poesia é muito pobre, mas ele tem um emprego estável. I, Jimmy.

— Conheceu por acaso. . . — gracejou Jimmy. — Ele esperava por você com ansiedade, a noite passada. C.

— Você é muito esperto, Jimmy. — Strand não sabia se ela queria dizer que Jimmy era esperto por dizer C ou por ter entendido que o encontro da noite anterior não fora por acaso. Ela suspirou. — Você é um rapaz inteligente. Eu o desafio. Qual é a palavra?

— *Evict* — disse Jimmy, triunfante.

— Acertou. Você me cansa com sua habilidade nesse jogo. Sempre ganha de mim. — Para o pai: — E eu é que sou tida como a esperta da família.

— Você está cansada — disse Jimmy, tampando o vidro de bronzeador. — Quer jogar mais um pouco?

— Agora não. O sol está me torturando. Vou estar torrada quando meu cavalheiro vier me reivindicar.

— Vou dar algumas voltas na piscina — falou Jimmy, levantando-se. Como o pai, era tão magro e alto que suas costelas chegavam a aparecer, e seu nariz grande e impetuoso projetava-se sob as mesmas sobranceiras escuras e espessas. Strand fez uma comparação, com desprazer, entre seu filho e os rapazes que estivera observando na quadra de tênis. Enquanto eles eram magros e musculosos, Jimmy era completamente magricela, dando a impressão de que não agüentaria um único *set* nas quadras. Jimmy declarava que todos os tipos de exercício eram penosos e abreviavam a vida. Quando foi provocado por Caroline quanto aos seus hábitos sedentários, citou a zombaria de Kipling sobre os cavalheiros atletas da Grã-Bretanha — "idiotas usando calças de flanela, jogando críquete. . . imbecis enlameados diante dos alvos". Pelo menos não havia perigo, pensou Strand, de que Hazen tentasse enviar Jimmy para uma faculdade fora, com uma bolsa de atletismo.

Jimmy mergulhou na piscina com grande estardalhaço, nadando todo feliz em largas braçadas que Strand teria dificuldade de descrever.

— Quem é o cavalheiro, como você o chama, que vem apanhá-la para almoçar? — perguntou Strand.

— Você não o conhece.

— É aquele de quem me falou? O da ilha grega?

Eleanor hesitou um instante.

— Ele mesmo — confirmou ela. — Ele achou que seria uma boa idéia nos encontrarmos em campo neutro. Não precisa vê-lo, se não quiser.

— É claro que quero — disse Strand.

— Ele é apresentável, caso esteja preocupado — esclareceu ela.

— Eu não estava preocupado com isso.

— Meu bom e velho papai.

— Acha que é delicado sair assim, sem falar com o sr. Hazen? Afinal, você ainda não o viu aqui, e passou a noite em sua casa.

— Não é culpa minha se ele não jantou conosco, ontem à noite — disse Eleanor. Parecia defender-se. — Além do mais, ele está pagando sua dívida para com Caroline, você e mamãe, e tenho certeza de que para ele é o suficiente.

Dívida, pensou Strand. Um modo desagradável de colocar o fato.

— Você estará de volta para o jantar?

— Se você fizer questão da minha presença. . .

— Faço questão.

Eleanor suspirou.

— Estarei de volta para o jantar.

— Eleanor — disse Strand, desejando que ela se sentasse e suspendesse o sutiã. — Gostaria de lhe fazer uma pergunta.

— Do que se trata? — parecia desconfiada.

— É sobre Caroline. Você acha que ela está amadurecida o suficiente para ir para uma faculdade fora?

— Eu fui, com a idade dela — respondeu Eleanor. — Mas pensei que ela fosse para a estadual. Não é afastada. Fica exatamente na parte alta da cidade.

— E se mudarmos de idéia?

— Como você e mamãe vão fazer quanto às taxas, manutenção e tudo o mais? Arrumar mais trabalho? Acho que na sua idade...

— E se chegarmos à conclusão de que podemos arcar com tudo?

— Como?

— De alguma forma. — Temia que Eleanor zombasse diante da idéia de Caroline conseguir uma bolsa de esportes.

Finalmente, Eleanor amarrou as alças do sutiã nas costas e sentou-se.

— Se quer saber a verdade, acho que é melhor Caroline ficar em casa. Ela não é tão amadurecida quanto eu era na sua idade. Em absoluto. Por exemplo, nunca se vêem rapazes em casa ou chamando-a pelo telefone. Já reparou nisso?

Não mesmo. — Strand tinha de admitir.

— Quando eu era da idade dela, o telefone tocava noite e dia.

— Isso é exato.

— Ela se acha feia. Acha que não atrai os rapazes. É por isso que gosta de vencê-los numa quadra de tênis. Eu, pelo menos, confundo os homens com a minha inteligência. Riu, complacente. É mais digno... e mais duradouro.

— Feia? — Strand estava chocado. — Caroline?

— Pai — disse Eleanor. — Acha que quando eu for mãe serei cega, também?

— E se eu lhe disser que acho que ela é. . . bem. . . se não exatamente uma beleza. . . uma jovem muito bonita?

— Amor paternal geriátrico — disse Eleanor, secamente. — Você me perguntou o que eu achava da minha irmã. Agora, quer que eu lhe agrade ou que lhe diga o que penso?

— É uma pergunta com muitos subentendidos — protestou Strand.

— Com subentendido ou não, o que você prefere?

— Só há uma resposta para isso — disse Strand, tentando parecer digno.

— Ela se acha feia por causa do nariz.. Só isso. As crianças faziam troça desde que ela estava no primeiro ano. Tem o nariz igual ao *seu*, que está bom em você e está bom para Jimmy, principalmente quando crescer. Mas para ela. . . com nariz igual ao da mamãe e como o meu na família, é, vamos reconhecer, ser condenada à maldição dos Strands. Compreenda-me, papai — ela tentou ser mais gentil, vendo a expressão magoada no rosto do pai —, não estou dizendo que ela esteja certa por se sentir do jeito que se sente ou que não seja uma garotinha maravilhosa, mas o caso é esse. Se uma jovem sente que não é bonita, está longe, vivendo por conta própria, afastada do apoio carinhoso do bom e velho papai e da mamãe e de uma bela cama segura onde possa refugiar-se todas as noites, é muito provável que ela. . . oh, diabo, caia nos braços.. . na *vida* do primeiro rapaz ou homem que disser que ela é bonita, não

importa quais sejam as intenções dele ou se ele é bom ou mau para ela. Pediu-me um conselho? Mantenha-a em casa com vocês até que ela cresça.

Jimmy acabava de sair da piscina, sacudindo a água do corpo e tirando a água do ouvido.

— Não faça perguntas a Jimmy — pediu Eleanor. — Vai receber mais conselhos.

— Qualquer dia, Eleanor — disse Strand —, vou perguntar o que você acha que devo fazer com a *minha* vida.

— Fique como está. — Levantou-se e deu-lhe um beijo no rosto. — Eu não suportaria se você mudasse.

Strand encontrava-se sozinho no terraço. Eleanor subira para se vestir para o almoço e Jimmy perambulava pela praia. Strand estava contente por Leslie não ter descido. Quando ele ficava preocupado como agora, invariavelmente ela percebia e o obrigava a falar, e, neste caso, sua bem-aventurada e preguiçosa manhã se estragaria. Um membro da família atormentado pelos problemas da vida no século XX era bastante por esse dia.

Strand estava pensando em subir e vestir o calção para tomar um banho na piscina. No momento não havia ninguém por perto para perceber a pobreza de suas pernas e a semelhança da sua estrutura esquelética com a de Jimmy. Estava a ponto de levantar-se quando o sr. Ketley apareceu.

— Sr. Strand — disse ele —, está aqui um cavalheiro procurando pela srta. Eleanor.

— Diga-lhe para vir até aqui, por favor — pediu Strand.

Quando o rapaz se aproximou do terraço, Strand ergueu-se para cumprimentá-lo.

— Sou o pai de Eleanor — apresentou-se e deram-se as mãos. — Ela estará aqui em um minuto. Está se arrumando.

O rapaz assentiu com a cabeça.

— Sou Giuseppe Gianelli — disse ele. — Embaraçosamente melodioso. — Ele riu. — Meus amigos me chamam de Joe. — Strand imaginou que deveria ter vinte e oito ou vinte e nove anos. Tinha uma voz profunda e suave e era extraordinariamente bonito, com grandes olhos verde-escuros que pareciam ter reflexos dourados, um rosto moreno e farto cabelo encaracolado. Era tão alto quanto Strand e estava de calças brancas, sandálias e uma camisa azul de malha que deixava aparecer braços fortes e bronzeados, e ficava bem esticada nos ombros largos e mais folgada na cintura. Strand estava agradecido por não ter sido apanhado em trajes de banho.

— Um belo lugarzinho que eles têm aqui — comentou Gianelli, olhando ao redor. — Alguém teve ancestrais inteligentes.

— Meu filho disse "Isto é um bocado de arquitetura", quando a viu ontem à noite.

Gianelli deu uma risadinha, cujo som suave e macio acompanhou sua voz baixa e indistinta.

— Bom e velho Jimmy — disse ele. — Divertiu-se um bocado, a noite passada.

— O que ele fez? — perguntou Strand. — Embebedou-se?

— Oh, não, nada disso. — Gianelli sorriu. Seu rosto, quase esculturalmente masculino nas linhas audaciosas da testa, do nariz e do queixo, de repente e surpreendentemente se suavizou. — Se se tivesse embebedado, é claro, eu não diria nada sobre o assunto ao seu pai. Apenas bebeu uma ou duas cervejas. E deu um concerto.

— Concerto de quê? — Strand persuadira Jimmy a não levar sua guitarra elétrica no fim de semana, procurando convencê-lo de que havia limites mesmo para a hospitalidade de um milionário.

— Uma garota tinha um violão — explicou Gianelli. — Ela tocou uma ou duas músicas. Sabe, dessas fúnebres, por que eu estou vivo, o que o mundo significa para mim, com uma melodia medíocre. Quando ela terminou, Eleanor perguntou se ela emprestaria o violão para Jimmy, e ele se esbaldou junto com o pianista. Ele toca de fato, sr. Strand.

— Ainda não aprendi muito sobre música nova para apreciá-lo totalmente.

— O senhor deveria ter estado lá, a noite passada — continuou Gianelli. — Ele deve ter tocado por mais de uma hora. Eleanor não lhe disse?

— Tínhamos outras coisas para tratar esta manhã — respondeu Strand, e sabia que estava dando a impressão de ser antiquado. — Jimmy continua dizendo que procura um novo som, e estou contando que quando descobrir virá dar-me as boas novas.

— Não sei o que ele descobriu ontem à noite — disse Gianelli —, mas descobriu *alguma coisa*.

— No futuro, talvez eu deva acompanhar meus filhos, quando saírem à noite.

— Não seria nada mau — disse Gianelli, amavelmente. — Importa-se se me sentar?

— Desculpe-me... Em absoluto. Ambos se sentaram.

— Eleanor disse que levaria só um minuto — informou Strand. — Mas sabe o que significa um minuto para uma mulher quando está se arrumando para sair.

— Eleanor é ótima em questão de horários — comentou Gianelli. — Cinco minutos aqui e ali. Não tenho do que me queixar.

Fala como se ela lhe pertencesse, pensou Strand, ressentido. Procurava ser cuidadoso para não demonstrar ressentimento. Se ela estava sendo pontual com Giuseppe Gianelli, não estava se comportando da maneira usual. Era famosa na família por seus atrasos. Está ameaçado de ter surpresas mais tarde, rapaz, pensou Strand, com maldade. Se houver mais tarde.

— Eleanor lhe falou a meu respeito? — perguntou Gianelli, fixando seus olhos verde-escuros em Strand, com uma expressão franca e pura, de homem para homem. Este rapaz é vivido, pensou Strand. — Quero dizer, alguma coisa que valesse a pena?

— Ela disse que você escreve poesia — respondeu Strand. — Depois me disse para não ficar consternado, que a poesia era muito pobre, mas seu emprego era estável.

Gianelli deu uma risadinha. Era difícil para Strand não ficar entusiasmado com aquele som suave e agradável.

— Ela é incrível, não é?

— Incrível — concordou Strand. — Não declamou nenhuma de suas poesias para mim.

— Hoje é seu dia de sorte, sr. Strand — disse Gianelli.

— Nem me disse qual era o seu trabalho. — Meu bom Deus, pensou Strand, estou parecendo um pai antiquado, indagando sobre as qualificações de um pretendente à mão de sua filha. — Ela conhece um grande número de rapazes, e todos parecem ter ocupações especiais.

— A minha não é tão peculiar. — Gianelli suspirou. — Gostaria que fosse. Trabalho para o meu pai. Ele é empreiteiro de construção. Lido com cimento, tijolos, leis trabalhistas, caminhões. Considero uma aberração temporária de minha parte. Nem meu pai tem grande consideração pela minha poesia. Ele acha que sofri influências dos grupos comunistas na Wharton School of Economics. — Riu, menosprezando o pai.

A geração intermediária, pensou Strand. O pai em mangas de camisa, o filhinho de calças brancas, em Hampton. Gianelli. Empreiteiro. Strand, que era um leitor de jornais e freqüentador assíduo de cinema, tendo visto *O poderoso chefão*, imaginou uma ligação com a Máfia. *Cosa N'otra*. No filme, o filho também era formado por uma faculdade. Envergonhado com o próprio pensamento, mudou de assunto.

— Eleanor me disse que estão pensando em ir a uma ilha grega, nas férias dela de verão. — Olhou com atenção para Gianelli, para ver se haveria alguma reação. Não houve nenhuma.

— Spétsai — disse Gianelli, com naturalidade. — Tenho amigos lá que têm uma casa na praia. Fica na atraente vizinhança da primitiva ilha de Onassis. Deserta agora. A idéia surgiu a altas horas da noite, como surgem idéias desse tipo.

A idéia de passar três semanas numa ilha com uma mulher que não era sua esposa, na atraente vizinhança de um magnata armador grego, jamais passara pela cabeça de Strand, em qualquer hora do dia ou da noite, mas ele achou que não havia necessidade de contar isso a Gianelli.

— A propósito — indagou —, onde conheceu Eleanor?

— Oh, foi numa daquelas noites, no Bobby's Saloon — respondeu Gianelli, tranqüilamente. — No verão passado. Estávamos no bar e começamos a conversar.

Começaram a conversar, pensou Strand, recordando-se do cuidado que tivera para descobrir o endereço e número do telefone de Leslie, de como esperara um ano antes de ousar telefonar e de como suara diante dos olhares do pai e da mãe dela quando finalmente aparecera na sala de estar de sua casa para levá-la ao teatro e a jantar. Começaram a conversar, depois uma ilha no mar Egeu e, depois, o quê? Aquela era uma geração, pensou ele, que não se afligia com coisa alguma. Em princípio, aprovava. Mas não estava certo do que sentia, sentado ali ao sol, esperando que o rapaz levasse sua filha para um almoço literário e, depois, aonde?

— Descobrimos que temos afinidades — dizia Gianelli.

— Como por exemplo? — perguntou Strand.
— Não bebemos. — Gianelli deu um largo sorriso. — Wallace Stevens. O que gostamos e o que odiamos de Nova York.

— Isso deve ter mantido a conversa por um bom tempo —. comentou Strand, secamente.

— Até as três horas da manhã.

— Afora a poesia, o que gostaria de fazer?

— Quer saber mesmo? — Gianelli olhou-o, sério.

— Naturalmente.

— Fui redator de um jornal em Brown. Isto é, na cidade onde fica a faculdade em que me formei. Gostei daquilo. Talvez fosse porque gostava de ver meu nome no jornal. Vaidade. Mas acho que era mais do que isso. Tive a esperança de que meu pai financiasse um jornal, numa pequena cidade, em algum lugar. Onde viveria numa casa com jardins em volta, onde seria meu próprio patrão, fazendo pequenas cruzadas e tudo o mais. . . colocando os patifes na cadeia, preservando a honestidade dos sindicatos, desfazendo negociatas, elegendo um senador decente, promovendo campanhas para reestruturar as normas de zoneamento e dos conselhos das bibliotecas, evitando casos como Vietnam ou Watergate, pequenas coisas assim. Sonhos românticos, idealistas de um rico rapaz americano. Meu nome gravado na história, com as minhas modestas habilidades. Meu pai disse: "Seja Dom Quixote com seu próprio dinheiro". Fim da entrevista.

Como a nova geração era propensa a conversar. . . sobre eles mesmos, pensou Strand. Mas isso era admirável, a seu modo.

— Falou com Eleanor sobre isso?

— Tudo.

— O que ela pensa?

— Negativo — disse Gianelli. — "Se quiser, vai fazer isso sozinho, querido!" Ela está galgando a escada para uma posição de poder, sobre os corpos prostrados dos graduados pela Harvard School of Business, e a idéia de usar uma viseira verde e editar um artigo sobre a formatura do ginásio numa pequena cidade do interior não tem atrativos para ela. Também acha que sou um tolo?

— Não necessariamente. — A idéia de Gianelli era mais do que atraente para Strand, mas era preciso considerar também as sombrias estatísticas sobre falência de pequenas empresas, assim como fechamentos de frágeis jornais independentes, que ocorriam anualmente, na América. — Mas não vai ter muito tempo para a Grécia.

— Há melhores coisas do que a Grécia. Bem, agora conhece o que há de pior em mim. — Deu um largo sorriso, outra vez. — Devo retirar-me e dizer a Eleanor que me expulsou de casa?

— Fique onde está. — Strand levantou-se. — Vou ver o que aconteceu com ela.

Mas, quando se dirigiu para a casa, encontrou Eleanor vindo para o terraço com um ar animado e altivo, o nariz curto, e reto empinado e um lenço colorido ao redor da cabeça.

— Oi, Joe — cumprimentou ela. — Chegou cedo.

— Na hora marcada — disse Gianelli, erguendo-se. — Não se preocupe. Saciei a curiosidade de seu pai sobre meus defeitos e virtudes. Pronta?

— Pronta como sempre. Não pareço pronta?

— Está gloriosa — exclamou Gianelli.

— Tenho de me contentar com isso — disse Eleanor. — Até mais tarde, papai.

— Mais tarde, quando? — perguntou Strand.

— Só mais tarde. — Sorriu para ele e pegou no braço de Gianelli.

Saíram. Juntos, Strand tinha de admitir, *pareciam* gloriosos. Sendo pai, tinha seus altos e baixos.

Depois que se foram, Leslie veio para o terraço, vestida para o almoço, com uma saia longa de algodão, os cabelos puxados para cima, num jeito que sempre dava a Strand uma sensação entre adoração e angústia.

— Como estou? — perguntou Leslie, em dúvida.

— Gloriosa — respondeu ele.

Strand não gostou do almoço, embora houvesse lagosta fria, patê, vinho gelado, salada de abacate, tudo perfeito, sobre o aparador arrumado no terraço, agora coberto de sombra pelo imenso toldo. E o mar

estava azul, calmo, e os dois professores do Southampton College e suas esposas eram amáveis, de inteligência razoável. Manteve-se olhando para Caroline, ou mais precisamente para o seu nariz. Certamente que não era deformado, pensou, furioso com Eleanor por ter feito tal confusão a respeito; em outra época, teria até sido considerado belo numa mulher. Mas não pôde deixar de notar que, enquanto os três jovens tenistas e duas outras moças convidadas almoçavam juntos numa conversa animada e cheia de risos, Caroline preferira comer afastada, ao lado da mãe e da esposa do professor de história.

Maldição, pensou ele, Eleanor estava certa. Geriátrico amor paternal. Gostaria de chegar até junto de Caroline, tomá-la em seus braços, dizer "minha querida, você é bonita", e chorar em seus cabelos louros e macios.

Em vez disso, voltou-se para o professor de história ao seu lado e disse:

— Desculpe-me, senhor, o que disse?

O professor, que se parecia um pouco com Einstein e sabia disso, deixando o cabelo crescer um pouco à moda do cientista olhou para ele por um instante, de um modo esquisito:

— Eu lhe perguntava como trata a questão do Vietnam em suas turmas. No sistema de escola pública, quero dizer.

— Não ensinamos história moderna.

— O Vietnam não é tão moderno assim — declarou o professor. — Pois *nosso* problema remonta à Segunda Guerra Mundial. A história é uma trama inconsútil, afinal. Os rapazes saíram dos nossos muros para ingressarem diretamente nas forças armadas. Tivemos crises de consciência que quase dividiram nosso departamento em dois.

Strand decidiu que o homem não podia ser levado a sério.

— Não foi incluído em nosso currículo — disse Strand, sabendo que estava sendo rude e que isso não era causado por algo que o homem havia dito, mas pelas conversas com Hazen e Eleanor nessa manhã e por ver Caroline almoçar ao lado da mãe. Seu departamento não fora dividido, nem ele se sentira assim. Deplorara a guerra, escrevera ao seu senador, assinara petições arriscando o próprio emprego, havia dito à mesa do jantar, com Jimmy presente, que aprovava os rapazes que tinham fugido para a Suécia ou que se tinham inscrito como opositores de consciência. Mas não poderia dizer isso enquanto comiam lagosta fria e patê de *foie gras*, naquela atmosfera ensolarada de piquenique, à beira-mar.

Felizmente, naquele momento, interrompendo uma conversa mais extensa com Einstein, Hazen se aproximou:

— Desculpe-me, sr. Strand — disse ele. — Posso falar com o senhor, por um momento?

— Naturalmente — respondeu Strand, levantando-se. Seguiu Hazen, que entrou na casa.

— Desculpe-me incomodá-lo — falou Hazen, em voz baixa, na sala de estar vazia —, mas tenho de ir até a cidade agora. Aquele telefonema durante o café, esta manhã. Vou dar uma fugida. Não quero interromper a festa com uma série de despedidas e explicações. Compreende, não?

— Certamente.

— Peça desculpas por mim à sua esposa. Apesar de termos passado tão pouco tempo juntos este fim de semana, gostei que todos estivessem aqui. *Todos* vocês — repetiu ele, enfaticamente. — Da próxima vez, cortarei os fios do telefone.

— Está sendo um fim de semana memorável — disse Strand. Se Jimmy estivesse ali e soubesse o que tinha acontecido na noite anterior e tivesse escutado as conversas da manhã, teria dito: "Pode dizer isso outra vez, irmão".

— Vai telefonar-me durante a semana, não vai? — perguntou Hazen, enquanto apertavam-se as mãos. Conroy, o cocheiro paciente, esperava no *hall*, vestindo um terno escuro, e ele e Hazen saíram apressadamente, em direção do Mercedes parado na porta.

6

Seu nome reverenciado nas prateleiras das bibliotecas... Sabia seu próprio nome? Havia este outro homem, usando seu nome, levando outra vida. Vigoroso, e não deitado numa cama estranha, com o som da arrebentação ou do sangue em seus ouvidos...

— Como foi o fim de semana? — perguntou Judith Quinlan.

— Ostentação de riqueza — respondeu Strand. — No melhor sentido.

Judith riu.

— Posso imaginar o que quer dizer.

Era uma tarde fria, com pancadas de chuva, e, depois da aula, foram à lanchonete e sentaram-se ao lado da vidraça onde escorria a água da chuva, contentes por estarem protegidos do tempo por um quarto de hora, com o trabalho do dia feito. Strand contara para Judith um pouco sobre Hazen e, tentando não se vangloriar, descrevera a aventura de Caroline no parque. Bebia o café aos goles, com grande prazer. Não estava com pressa de voltar para casa. Tivera uma noite penosa com Leslie, no domingo, depois que Conroy os deixara diante do prédio onde moravam. O tráfego que vinha de Island esteve ruim e a viagem levava um longo tempo, seu rosto ardia devido ao sol de dois dias e sabia que Leslie percebera que ele remoía alguma coisa e que iria obrigá-lo a falar, assim que voltassem para casa. Não tinha o hábito de esconder coisas dela nem tinha prática de como fazê-lo, e sabia que ia parecer tolo ou tristonho quando ela começasse a falar com ele.

E, pela primeira vez em sua vida conjugal, quando tentara fazer amor com ela no sábado à noite, não conseguira. Leslie havia fingido que aquilo não era nada e, tranqüilamente, pegara no sono ao seu lado, mas ele dera voltas na cama, intranqüilo, a noite toda, e, quando pegou no sono, teve sonhos indistintos, sinistros. E, depois, no domingo, ela dissera que estava com uma ligeira dor de cabeça e ficara no quarto o dia todo. Ele não queria conversar sobre o que estava acontecendo enquanto não decidisse que posição tomar com relação à oferta de Hazen para Caroline, e, assim, seu refúgio era o silêncio. Como normalmente não ficava calado com Leslie, Strand percebeu a crescente inquietação da mulher e ficou ciente dos olhares curiosos que ela lhe lançou durante a viagem, embora não dissesse uma palavra, nem para ele nem para Jimmy ou Caroline, sentados ao seu lado.

Eleanor voltara para a cidade de carro, com Gianelli. Leslie ficara um pouco agastada com Eleanor, também, porque, apesar de ter dito ao pai que estaria presente ao jantar de sábado, Eleanor havia telefonado no último instante para avisar que a turma (quem quer que fosse) tinha decidido ir ao Montauk para jantar. Ainda não tinha voltado quando foram dormir, e não se soube a que horas realmente chegou. Depois, no domingo, Eleanor arrumou suas coisas pela manhã e partiu com Gianelli, dizendo que haveria uma festa que ia durar o dia todo, na casa de praia de um diretor de cinema, em Westhampton, e que não teria nenhum sentido voltar para viajar com eles à noite.

Jimmy, por sua vez, encontrara uma jovem num bar, em Bridgehampton, e não compareceu nem ao almoço nem ao jantar, tendo ficado na casa dela, e chegou à casa de Hazen na hora exata para apanhar o carro com eles.

Apenas Caroline, que havia jogado dez *sets* durante os dois dias e que agora dormia, exausta, com a cabeça apoiada no ombro da mãe, parecia ter aproveitado completamente o fim de semana, tendo dito, um pouco antes de cochilar, "que modo sonhador de viver". Strand imaginava se ela ficaria tão contente se tivesse ouvido o que sua irmã dissera sobre ela naqueles poucos minutos à beira da piscina. Ele sabia que, de um modo ou de outro, teria de contar a Leslie tudo o que o estava incomodando, mas primeiro teria de decidir por si mesmo. Sem consultar Leslie, ligou o rádio do carro para dificultar uma possível conversa, e sabia que ela iria perguntar por que fizera *isso*, também.

A lembrança da noite anterior fez que ele franzisse a testa, enquanto mexia o café e olhava para a chuva que batia na vidraça.

— Parece que o fim de semana não lhe fez muito bem — comentou Judith.

Strand passou a mão pelo rosto, que começava a descascar.

— Não estou acostumado com o sol — disse ele.

— Não me referi a isso. Aconteceu alguma coisa ruim no colégio, hoje?

— Não. Não aconteceu nada. Nem de bom, nem de mau.

Romero tinha entrado em seu escritório, com ar de pouco-caso, e, com o habitual sorriso de zombaria nos lábios, e dissera:

— Consulte a mim mesmo, como me aconselhou, e decidi. "Que diabo, o que tenho a perder, apenas a passagem do ônibus", e achei melhor ver o homem e descobrir o que ele está vendendo.

— Ele não está vendendo nada. — Strand escreveu o endereço do escritório de Hazen num pedaço de papel e o entregou a Romero. — Escreva-lhe uma carta dizendo que está interessado. Desse modo, não precisará nem gastar a passagem de ônibus.

— O senhor não vai lá comigo? — Romero parecia quase assustado.

— Acho que o sr. Hazen gostaria que o assunto ficasse apenas entre vocês dois.

Romero olhou para o endereço, em dúvida, e depois enfiou o pedaço de papel no bolso dos *jeans*.

— Escrever uma carta, pelo amor de Deus! — falou ele, ofendido. — Nunca escrevi uma carta na minha vida.

— Tenho uma sugestão a fazer, Romero. Se você *escrever* a carta, faça-a parecida com os trabalhos que me entrega, e não do modo como você fala.

Romero deu um largo sorriso.

— Tenho duas nacionalidades, não tenho? — E saiu da sala, com o mesmo ar de pouco-caso.

Strand ainda não havia falado com Judith sobre Romero e, agora, na lanchonete, estava tentado a falar sobre ele. Talvez conseguisse até que ela o ajudasse a domesticar o menino. Mas sabia que Romero nunca pertencera a nenhuma de suas turmas e, para ela, não seria nenhum prazer expor-se àquele sorriso zombeteiro, àquela insolência impenetrável.

— Não aconteceu nada de ruim, como acontece às segundas-feiras — disse Strand. — Foi até mesmo acima da média. Mas tenho alguns problemas.

— Animal, vegetal ou mineral? Strand riu.

— Todos os três. O fim de semana, na verdade, transcorreu muito bem. .. muito bem. — Isso era, basicamente, quase a verdade, se não se considerassem as últimas horas cansativas da noite de domingo, com a perspectiva de uma semana de trabalho assomando sombriamente sobre seu espírito.

Ou se não incluísse a arenga alcoólica de Hazen, ou a discussão no quarto de dormir.

Strand e Leslie raramente discutiam. Sempre afirmara que ela era uma mulher serena e que isso era uma das coisas que ele mais amava. Mas não havia nada de sereno em Leslie quando ela se sentou na beira da cama, os lábios apertados, os olhos perscrutando-o como armas, enquanto ele procurava ganhar tempo, pendurando o paletó, tirando a gravata.

— O que é, Allen?

— O que é o quê? — disse ele.

— Você sabe. Está escondendo alguma coisa de mim. O que é?

— Nada. Estou cansado. — Bocejou, quase conseguindo ser convincente. — Tive uma longa conversa com Hazen sobre o destino de Romero. . . o menino que. .

— Sei quem é — interrompeu-o Leslie. — Como sei também que não é o que está aborrecendo você.

— Estou cansado — disse Strand, em voz baixa. — Amanha vai ser um dia difícil. Por que não adiamos essa conversa até. .

— Não vou ficar de fora. Sou sua companheira ou não sou nada.

— É claro que é minha...

— É alguma coisa relacionada com nossa família — continuou Leslie, asperamente. — Algo que você sabe e eu, não. Trata-se do rapaz que veio apanhar Eleanor? Você conversou com ele. Ele o deixou preocupado? Vi o rapaz da janela. Tive uma boa impressão dele. Não é pelo fato de o rapaz ser italiano, é?

— Sabe que eu não seria capaz disso. Até agora, só posso dizer que ele é ótimo. Por favor, vamos dormir.

— Você teve alguma briga com Eleanor? — insistiu Leslie. — Outro dos seus ataques medievais?

Por um instante, Strand ficou tentado a contar à mulher o que realmente conversara com Eleanor. A despropositada idéia de que Caroline se achava feia. A ridícula discussão sobre o nariz de Caroline. E a sugestão perturbadora de Hazen a respeito de mandar Caroline para uma faculdade afastada. Mas não estava em condições ainda. Sentia-se extremamente cansado, atormentado, inseguro. Se ele revelasse tudo, ficaria acordado a noite inteira, lutando com Leslie. Da forma como sua boca tremia, sabia que haveria lágrimas. As lágrimas o intimidavam, na maioria das vezes.

— Preciso dormir agora — implorou ele.

— Pois então durma — disse ela. Levantou-se e saiu do quarto. Um segundo depois ouviu-a ao

piano, com todas as portas abertas, desastrosas indicações de tormenta, àquela hora da noite.

Suspirou, vestiu o pijama e deitou-se.

Dormiu quase imediatamente e, quando acordou, no meio da noite, Leslie estava na cama, não ao seu lado, mas na outra extremidade.

Feia manhã, ela fingiu que dormia quando o despertador o acordou, e ele deixou o apartamento sem ir até o quarto beijá-la, como sempre fazia. Leslie era uma mulher serena, de bom temperamento, e não gostava de brigar, mas, quando ficava zangada, seu ressentimento durava dias e ela tornava-se fria, distante, intocável, fazendo-o sentir-se um exilado em sua própria casa.

Strand olhou para Judith Quinlan, do outro lado da mesa, bebendo café, segurando a xícara com as duas mãos, no seu jeito-afetuoso, infantil, os olhos claros e meigos cheios de preocupação e simpatia. De súbito, ele sentiu que tinha de confiar nessa adorável mulher simples, inteligente e compreensiva, que não estava envolvida em seus problemas e que, certamente, não romperia em lágrimas.

— Aconteceram algumas coisas — começou ele. — Coisas de família. Nada de trágico. Decisões a serem tomadas. Depois que você cria dois filhos, acha que pegou o jeito e pode lidar com um terceiro. Não é verdade. Todos são diferentes. O que serviu para um não vai necessariamente servir para os outros, em absoluto. Talvez me preocupe demais, talvez devesse deixar que as coisas acontecessem. . . Do jeito que fui criado. . . — Deu de ombros. Tinha sido filho único, fora solitário, e seu pai, muito mais velho do que a mãe, era um homem fracassado, doente, sem tempo para um filho estudioso, e que usava o pouco de energia que lhe restava para discutir com a mulher sobre dinheiro, quando voltava para casa, depois do trabalho. — A vida da minha própria família. . . — disse Strand — bem, o amor não chegava a transbordar. — Deu uma risadinha, secamente. — Talvez tenha alimentado uma idéia sentimental do que deva ser uma família. De qualquer forma, isso me fez sentir que, quando eu tivesse meus próprios filhos, eu seria responsável por eles, eu os protegeria. E, felizmente, ou talvez infelizmente, minha mulher sempre sentiu isso também. Estamos envolvidos, envolvidos demais, egoisticamente envolvidos na vida de nossos filhos. Não sei. Como certa pessoa me disse durante o fim de semana, sinto-me deslocado em nossos tempos... É difícil desaprender.

— Eles estão em dificuldades? — perguntou Judith, com uma expressão grave nos olhos. Podia ver que na mente de Judith passavam todas as possíveis dificuldades nas quais os jovens poderiam meter-se na cidade de Nova York hoje em dia, e que ela estava pensando que horríveis complicações seriam essas.

— Nada medonho. — Strand sorriu. — Na verdade, é muito ao contrário. — Então Strand contou a oferta de Hazen de mandar Caroline para uma faculdade distante, e as razões para essa oferta. Não lhe contou a respeito da reação de Eleanor e das razões de Eleanor para acreditar que Caroline deveria permanecer em casa. Teria sido doloroso demais. . . Enquanto falava, sentiu outra vez o ressentimento contra a filha mais velha, ressentimento que surgiu quando ela havia falado com ele, e Strand temia que suas emoções ficassem evidentes agora. — Minha reação imediata foi dizer não — continuou ele. — Acho que foi orgulho ferido. Que eu estava sendo afastado do processo de tomar decisões, que era incapaz de tomar conta de minha própria filha. . . de alguma forma, Hazen, durante todo o fim de semana. . . me fez sentir-me como um perdedor. . .

— Tolice — disse Judith, rapidamente. Estivera calada, mexendo na xícara de café enquanto ele falava, e agora, num gesto impaciente, afastou a xícara.

Strand, gentilmente, bateu em sua mão.

— Sou mais suscetível do que pareço — confessou ele.

— O que sua mulher acha? — perguntou Judith.

— Isso é outro problema. Ainda não lhe disse.

— Por que não? — Judith parecia surpresa.

Ele deu de ombros.

— Não sei. Estávamos rodeados de estranhos. Na casa de outra pessoa. Depois, em nossa casa, ela pressentiu alguma coisa e eu. . . Não sabia o que na verdade eu próprio sentia, e fingi. Sou *horrível* para fingir. E tivemos uma pequena discussão, que, desconfio, vai continuar esta noite. Isso não é importante — acrescentou, com falsa vivacidade. — Isso vai passar. O que *você* acha?

— É claro — disse Judith —, não conheço sua filha, mas, se ela fosse minha, agarraria a

oportunidade para ela. Caridade ou não. Talvez eu seja suspeita. . . O trabalho que tenho aqui, a espécie de colégio em que estamos. . . mas conseguir tirá-la da cidade por alguns anos, mandá-la para uma boa faculdade. . . eu acharia um presente do céu. Educação nesta cidade, ora, é apenas uma continuação da guerra, por outros meios.

Strand riu.

— Clausewitz não teria falado melhor. Tenho de dizer isso ao meu amigo Hazen. Talvez devêssemos gravar isso em todos os portais de todos os colégios do sistema. — Deixou uma gorjeta para a garçonete. — Acho que devemos ir agora.

— O que vai fazer? — perguntou Judith, com ar grave.

Strand hesitou.

— Não sei. Decidirei até chegar a casa.

Lá fora, chovia mais forte agora, e era impossível para o homem alto e a mulher baixinha não se molharem com um só guarda-chuva.

— Vou esbanjar, hoje — declarou Strand. — Tomaremos um taxi. Estou começando a gostar dos hábitos dos ricos.

No táxi, ficaram calados por um longo tempo.

— Detesto vê-lo aborrecido dessa forma — disse Judith —, com todas as outras coisas que você tem de enfrentar. Por que não deixa que o sr. Hazen fale com Caroline e ela mesma decida?

Strand assentiu com a cabeça.

— Acho que tem razão. Mas minha mulher pode pensar diferente. Muito diferente. Quanto a mim... — Suspirou. — Estou lutando entre o egoísmo e a razão. Apenas não sei qual é um e qual é o outro.

Quando o táxi parou diante do prédio de Judith, a três quarteirões do de Strand, ela disse:

— Se não está com pressa, por que não dá uma subida e toma um drinque? Um pouco de uísque poderá fazer as coisas parecerem mais claras.

— É uma ótima idéia — concordou Strand, grato pela solicitude de Judith, por sua avaliação quanto à utilidade do adiamento.

Nunca estivera no apartamento dela antes. Ficava num andar alto de um prédio antigo e tinha sido planejado para o estúdio de um artista, com uma grande janela voltada para o norte e um quarto de dormir. As paredes estavam cobertas de livros, os móveis eram de um colorido vivo (ele esperava marrom-escuro) e tudo estava limpo, rigorosamente arrumado. Não havia sinais de que um homem estivera ali antes.

Sentou-se na ponta de um grande sofá, observando-a tirar gelo da geladeira, na *kitchenette*, separada do aposento principal por portas de veneziana pintadas de branco. Ela era tão pequena que precisava ficar na ponta dos pés para pegar a garrafa de uísque e dois copos do armário sobre a geladeira. Notou que a garrafa de uísque estava só pela metade e imaginou se Judith Quinlan se sentava sozinha, à noite, e bebia para dormir.

Ela despejou uísque e um pouco de água da torneira sobre os cubos de gelo nos copos e colocou-os numa pequena bandeja, juntamente com um pratinho de castanhas de caju. Arrumou a bandeja sobre uma mesa baixa, diante do sofá:

— Pronto — disse, e sentou-se ao lado dele.

Cada um apanhou um copo e, quando Judith ergueu o seu, falou:

— Bem-vindo à minha casa.

O uísque tinha excelente paladar.

— Imagine — comentou Strand; — bebendo numa segunda-feira à tarde! O caminho certo para a ruína.

Os dois riram, juntos, muito à vontade.

— Que lugar bonito! — exclamou Strand. — Tão quieto! E parece estar tão afastado... — parou. Era difícil dizer afastado do quê. — Bem — disse ele —, tão longe!

Judith colocou o copo sobre a mesa, com determinação.

— Agora — disse ela —, vou fazer uma coisa que venho querendo há muito tempo. — Com um movimento rápido, ajoelhou-se no sofá, ao lado dele, passou o braço ao redor de seus ombros e beijou-o.

Assombrado, Strand sentou-se rígido, consciente do copo em sua mão, temeroso de que o uísque se derramasse. Mas, passado o primeiro momento, com aqueles lábios macios mas determinados sobre os

seus, relaxou, recostou-se puxando-a contra o seu corpo, não se importando mais com o uísque. Colocou o braço livre ao redor de Judith e beijou-a, com força. Sentiu que a mão dela tateava desajeitadamente os botões da camisa. Ela a abriu e acariciou com a mão macia e ligeira o peito de Strand e depois desceu mais um pouco. A surpreendente srta. Quinlan. Beijou-o no rosto, com muitos e pequenos toques de ternura, e sussurrou em seu ouvido:

— Preciso de você, preciso de você. — Ele se reclinou mais, as mãos dela como pétalas em seu corpo, provando-lhe que a impotência da noite de sábado fora apenas temporária.

De súbito, ela parou e, esquivando-se do braço que a rodeava, pôs-se de pé de um salto diante dele. O cabelo em desordem, sorria, e havia uma expressão que ele ainda não tinha visto em seus olhos, jocosa e maliciosa. Ela é bonita, pensou ele, à luz indistinta da grande janela voltada para o norte, e bastante atraente.

— Então? — disse ela.

Ele endireitou o corpo, viu que o uísque não se tinha derramado.

— Estava adorável — confessou ele. — Surpreendente e adorável.

Ela riu, alegremente, jubilosa.

— Não pedi uma descrição — disse ela. — Pedi uma ação.

Ele sacudiu tristemente a cabeça.

— Gostaria muito. Mas não posso. Pelo menos, não agora.

Ela ficou séria.

— Não está ofendido, está?

— Por Deus, não. Estou lisonjeado. Encantado. Mas não posso.

— Quer pensar sobre o assunto? — Os olhos demonstravam abatimento, e aquilo o feriu, pois ele a estava ferindo.

— É claro que vou pensar no assunto — prometeu ele.

— Você veio até aqui para afastar-se dos problemas — disse ela, com um riso lento e triste — e agora eu lhe trouxe outro. Fui desajeitada. Não tenho habilidade para essas coisas. — Ergueu a cabeça, olhou diretamente para ele. — Mas, pelo menos, agora você sabe. Nós sabemos.

— Sabemos, sim — confirmou ele.

Ela se aproximou e abotoou a camisa dele. Strand beijou-lhe os cabelos.

— Agora — disse ela —, vamos terminar nossos drinques.

Ao caminhar lentamente para casa naquele entardecer chuvoso, seus sentimentos estavam confusos. Ao mesmo tempo que exultante e insatisfeito consigo mesmo, não se sentiu um perdedor naquela tarde. Jamais lhe havia acontecido uma coisa igual àquela, e, com certeza, não desde que se casara. Não se considerava atraente para nenhuma outra mulher a não ser Leslie. E a afeição dela por ele tinha sido construída, estava certo, com base mais na apreciação do seu intelecto e qualidades morais do que em seus atributos físicos.

Hazen havia perguntado se ele acreditava nos Dez Mandamentos, e ele respondera que sim. Acreditar e observar eram coisas diferentes. Mesmo que não tivesse cometido adultério, algumas vezes cobiçara a mulher do próximo, o que era natural e inevitável, embora contrário à ordem do monte Sinai. O mensageiro do Deus de Israel no deserto, anunciando a Lei para uma tribo peregrina, não podia ter sabido o que aconteceria milênios depois nas rodovias e estradas secundárias da cidade de Nova York.

Então, recordou-se do tom da voz de Judith quando dissera "Agora, vou fazer uma coisa que venho querendo há muito tempo". Há muito tempo, pensou ele. Tenho cinquenta anos, não havia mais todo esse tempo para pensar em alguma coisa. Na esquina do seu quarteirão esteve a ponto de voltar. Mas então viu Alexander apoiado na parede do prédio e percebeu que ele o tinha visto. Caminhou rapidamente até a entrada e disse:

— Boa noite, Alexander. Tempo miserável, não é?

— Miserável — concordou Alexander, aconchegando-se à jaqueta de combate, mascando o charuto.

Ao abrir a porta do apartamento, ouviu Leslie tocando. Parou e ficou escutando um pouco. Era uma sonata de Schubert, num tom menor, baixo e persistente, adequado para uma tarde sombria, chuvosa. Tirou a capa de chuva e o chapéu, e pendurou-os, cuidadosamente, no *hall*. Depois foi para a sala de

estar.

— Boa noite — disse ele.

Leslie parou abruptamente de tocar, ergueu-se e olhou para o marido.

— Boa noite — respondeu ela, friamente. Não fez nenhum movimento para beijá-lo. Nem um pouco melhor do que na noite passada ou nesta manhã, pensou ele. Contudo, o ritual do beijo ao chegar a casa era antigo como o casamento. Ele se aproximou de onde ela se encontrava, ficou de pé diante do banco do piano, inclinou-se e beijou-a no rosto.

— Você está atrasado — disse ela. Leslie sentiu o cheiro. — Esteve bebendo.

— Parei num bar. — Não era bem a verdade, mas mais fácil de dizer. . . vergonhosamente mais fácil. — Fiquei molhado e com frio. Tomei um uísque. — Deu de ombros. — Caroline está em casa?

— Não. Foi à biblioteca.

— Alguém telefonou? — As palavras eram as habituais, depois de um dia de ausência, mas o tom não era habitual.

— Não.

— Não quero interrompê-la. Vou para. . .

— Não está interrompendo nada. Já toquei bastante.

O telefone começou a tocar.

— Eu atendo — disse Strand, satisfeito por ter uma desculpa para sair da sala.

Era Hazen.

— Desculpe-me por tê-lo abandonado em minha casa, na hora do almoço, da maneira como fiz — disse Hazen. — Mas as linhas estavam ocupadas em Nova York. Espero que tenha corrido tudo bem.

— Melhor impossível — falou Strand, com falsa cordialidade.

— Surgiu um problema. — informou Hazen. — A polícia telefonou para o meu escritório, esta tarde. Acharam que apanharam pelo menos um dos meus assaltantes. Ao que tudo indica, o rapaz estava envolvido no mesmo tipo de trabalho que tentaram comigo. Gostariam que Caroline e eu fôssemos ao 20.º Distrito. É perto de. . .

— Sei onde é.

— Às nove horas, amanhã de manhã, para ver se podemos identificá-lo. Acha que Caroline se importaria muito? — Hazen parecia ansioso. — Naturalmente, se ela não quiser fazer isso, não poderão forçá-la. Mas uma identificação só provavelmente não será suficiente como prova conclusiva no tribunal e. . .

— Caroline ainda não chegou — interrompeu-o Strand. — Perguntarei a ela quando chegar.

— Ótimo — disse Hazen. — Gostaria de ver o malandro preso por alguns meses, embora, do jeito que os tribunais são hoje em dia, possivelmente seja esperar demais. Pode ligar para o meu escritório. Estarei trabalhando até tarde, esta noite. Oh, a propósito, já conversei com meu amigo da Truscott e ele diz que pode conseguir que um dos seus ex-alunos, que procura talentos em Nova York, dê uma olhada em Caroline.

— Meu bom Deus, não tem nada melhor para fazer em suas manhãs de segunda-feira?

— Gastei apenas cinco minutos.

Quando Strand voltou para a sala de estar, Leslie estava em pé, à janela, olhando para a chuva que caía lá fora.

— Era Hazen — disse Strand. — A polícia acha que podem ter encontrado um dos assaltantes. Querem que Caroline e Hazen vão amanhã de manhã ao distrito para identificá-lo.

— O que você disse a ele? — Leslie continuava voltada para a janela.

— Que falaria com Caroline e telefonaria para ele depois. Particularmente, não me agrada a idéia de Caroline envolvida numa coisa dessas.

Leslie assentiu com a cabeça.

— Nem a mim. Mas pode ser que ela pense diferente.

— Leslie, querida, por favor, sente-se — disse Strand, gentil. — Tenho algumas coisas para falar com você. Coisas que não quis contar-lhe ontem à noite.

Lentamente, ela se afastou da janela e sentou-se em frente a ele.

— Foi depois que Caroline jogou com Hazen — começou Strand —, e quando ele e eu voltávamos para casa... — Então ele contou tudo. A oferta de Hazen, seus argumentos para mandar Caroline estudar fora, a possibilidade da bolsa de atletismo e, tanto quanto podia lembrar-se, a conversa

com Eleanor.

Leslie ouvia em silêncio, o rosto não demonstrando qualquer emoção, as mãos cruzadas no colo. Quando Strand terminou, ela disse:

— Eleanor está certa, naturalmente, sobre a irmã. Caroline *acha* que não tem atrativos. Odeia o seu nariz. É dolorosamente tímida. Esconde isso de nós, tem escondido de nós desde criança.

— Você sabia? — perguntou Strand, incrédulo. — Sabia o tempo todo e não me disse?

Leslie estendeu o braço e tocou em sua mão.

— Que bem teria feito? — O tom agora era gentil e amoroso. — Já não tem o suficiente com que se preocupar?

— Sinto-me como um completo idiota — confessou Strand.

— Você não é um idiota. Às vezes, é mau observador, só isso — disse ela. — Principalmente com respeito às crianças. Agora, a questão é a seguinte: o que faremos? — Sorriu. — Veja bem, eu disse nós.

— Hazen quer que o deixemos conversar com Caroline.

— Tentá-la com visões de um eterno oeste ensolarado. — Leslie sorriu de novo. — Bem, por que não? Um pouco de sol eterno seria uma mudança bem-vinda para todos nós.

— Mas estudar veterinária, pelo amor de Deus! Como imagina que ela foi arranjar uma idéia dessas?

— Não sei. Talvez tenha lido o livro daquele inglês, *Todas as criaturas, pequenas e grandes*, e parece uma profissão interessante... pode-se conhecer pessoas diferentes, viver ao ar livre, e tudo o mais. Se ela realmente está decidida a fazer isso, não servirei de obstáculo.

— Por que nunca disse uma palavra a qualquer um de nós? — Strand sabia que dava a impressão de ofendido.

— Talvez apenas estivesse esperando pelo momento certo. As garotas aprendem cedo a não revelar tudo aos pais.

— Você estaria de acordo que ela fosse estudar fora?

Leslie assentiu com a cabeça.

— Bem — disse Strand —, provavelmente eles irão ver-se amanhã de manhã, no distrito. Poderão conversar lá. É um lugar ideal para a sedução.

Leslie ergueu-se, foi até ele, inclinou-se e beijou-o na testa. Passou a mão em seus cabelos.

— Precisa cortar o cabelo.

Quando Caroline chegou, um pouco antes do jantar, Strand lhe contou sobre o telefonema de Hazen. Leslie estava dando aula ao seu aluno policial, na sala de estar, e eles foram para a cozinha para não ouvirem os acordes violentos que o representante da lei arrancava do pobre piano.

— O sr. Hazen disse que irá ao distrito, mas, se você não quiser ir, não poderão forçá-la.

O rosto de Caroline adquiriu uma expressão muito séria, e ela passou a mão pelo cabelo. Strand esperava que ela dissesse que não queria ir, mas ela afirmou:

— Eu vou.

— Tem certeza de que quer ir?

— Tenho. Aqueles rapazes não devem ficar nas ruas. Não posso esquecer o que pareciam... um bando de animais selvagens, grunhindo, cravando as garras, machucando. Só espero que apanhem os verdadeiros.

— Certo. — Strand suspirou. — Sua mãe e eu iremos com você.

— Não há necessidade. Não sou nenhuma criança.

— Eu disse que iremos com você — insistiu Strand.

Caroline suspirou e ia sair da cozinha, mas Strand a impediu.

— Sente-se por um instante, Caroline. Há uma coisa que preciso falar com você.

Caroline olhou para ele, desconfiada, mas sentou-se numa cadeira junto à mesa da cozinha. Strand sentou-se à sua frente.

— Soube, pelo sr. Hazen — começou ele —, que você falou em ir para uma faculdade no oeste.

— Oh — disse Caroline, parecendo sentir-se ligeiramente culpada —, ele lhe contou.

— Sim.

— Não falei que ia — confessou ela. — Disse que, se pudesse escolher, é para onde gostaria de ir. Também disse que não tinha escolha.

— Ele me disse que há uma oportunidade de você *conseguir* o que chama de sua escolha.

— Disse isso? — Caroline parecia surpresa. — Para mim não falou nada.

— Quis falar comigo primeiro.

— O que mais ele falou? — Agora estava intrigada.

— Que você queria ir para uma faculdade de agronomia, para estudar veterinária.

— Isso é crime? — Seu tom de voz era hostil.

— É claro que não — respondeu Strand, apaziguador. — Mas sua mãe e eu gostaríamos de saber por que quer fazer isso e por que não nos contou há mais tempo.

— Há mais tempo eu não tinha certeza. Não queria dizer nada enquanto estivesse indecisa. Além do mais, tinha medo de que vocês rissem de mim e dissessem que eu era uma garotinha sentimental. Bem, agora já revelei tudo. Podem rir, se quiserem.

— Ninguém está rindo, Caroline — falou Strand, com carinho.

— De qualquer modo, é inútil falar sobre isso. — Fez um gesto de repúdio com a mão. — Conto de fadas para a juventude. Seria preciso dinheiro, muito dinheiro. Somos ricos em afeto — disse, com ironia —, mas, quando se trata de bens materiais. . . — Deu de ombros. — Não sou cega. Quando foi a última vez que comprou uma roupa para você?

— Sobre isso falaremos mais tarde. Neste momento estou interessado em suas razões. O que sabe acerca de animais?

— Nada, ainda. Bem, sei *alguma coisa*. Que sofrem, e sofrem horivelmente, e merecem encontrar um alívio. É tão estranho querer dedicar-se a fazer este mundo horrível um pouco mais humano? — Ergueu a voz, zangada, como se sentisse que estava sendo atacada.

— Não acho estranho — explicou Strand. — Na verdade, acho até admirável. Mas as pessoas também sofrem. No entanto, você não quer ser médica.

— Não quero ser médica, nem política, nem general, nem assistente social, porque não seria boa em nenhuma dessas coisas. Eleanor poderia ser qualquer coisa que quisesse, mas eu não. Talvez seja estúpido, mas há uma coisa que conheço, e essa coisa sou eu. Não me dou facilmente com as pessoas, elas me fariam ficar assustada, e, por isso, seria desajeitada, falaria as coisas erradas e sentiria que estariam sempre rindo às minhas costas.

Oh, minha pobre e querida filha, pensou Strand, desolado.

— Os animais são melhores — continuou Caroline, rapidamente. — Não falam. Ou, pelo menos, não de forma que se possa entender. Eles não vão me deixar embaraçada. — Agora estava a ponto de chorar.

Strand curvou-se sobre a mesa, bateu na mão da filha e disse:

— Certo. Agora sei como se sente, embora eu ache que está sendo muito severa consigo mesma. Ao ficar mais velha, acredito que terá uma opinião mais elevada a respeito de seu valor.

— Se eu tiver de ficar nesta cidade, lutando dia e noite para tentar acompanhar todos os espertinhos que me rodeiam, serei eliminada para sempre. — Agora ela se lamentava.

— E se eu lhe dissesse — falou Strand — que você me convenceu e que acho que *seria* melhor, em todos os sentidos, que você fosse para uma faculdade afastada? — Fez uma pausa. — E que pode haver um modo de custearmos isso, tendo bens materiais ou não?

Caroline olhou-o, descrente.

— O que você e mamãe vão fazer. . . arranjar emprego à noite para me mandar para o Arizona?

— Nada de tão drástico assim. — Strand riu. — O sr. Hazen teve uma idéia.

— Não está pensando em pedir dinheiro emprestado a ele, está? Não irei se. . .

— Nada disso também — interrompeu-a Strand. Então contou-lhe o plano de Hazen para uma bolsa de atletismo. Ela ouvia, os olhos arregalados. — Ele já falou com um amigo na faculdade — continuou Strand —, e podem fazer com que um ex-aluno que corria no time venha a Nova York para falar com você e cronometrará-la. Se estiver interessada nisso, aconselho-a a treinar um pouco.

— Estou interessada, sim — declarou ela. — Homem, estou interessada.

— Vou falar com o diretor do departamento de educação física do seu colégio, e talvez eles possam dar-lhe um pequeno treino.

— Parece loucura — disse Caroline, sacudindo a cabeça, assombrada. — A única corrida de que

participei em toda a minha vida foi com meninas que levavam a semana inteira para dar apenas uma volta no quarteirão e, por isso, alguma estúpida faculdade vai pagar meus estudos por quatro anos? Acho que o sr. Hazen estava brincando com você, papai.

— Ele não é o tipo de homem que se interesse por brincadeiras — disse Strand. — Com quem você correu não importa, é o tempo que conta. — Strand ergueu-se. — A propósito, o nome da faculdade é Truscott. E o sr. Hazen disse que tem um bom departamento de agronomia. Se você está certa de que quer tentar, sua mãe e eu faremos tudo para ajudá-la. Se não der certo, partiremos para outra coisa.

Caroline parecia meditar, esfregando o nariz.

— Arizona — murmurou ela. — Parece fantástico. Certo! Com os diabos, vou correr pela minha vida.

Você pode conversar com o sr. Hazen sobre isso — disse Strand, enquanto deixava a cozinha —, depois que resolver o assunto com a polícia.

Mas Caroline não teve oportunidade de falar com Hazen na manhã seguinte, porque, depois que apontou o menino com uma cicatriz recente na testa e no nariz e disse, muito calmamente: "Sim, tenho certeza, era este que estava com o canivete", ela começou a gritar, tapando os olhos com as mãos, curvando-se para a frente, balançando-se de um lado para o outro. Ainda gritava quando Strand a carregou nos braços, saindo do distrito com Leslie e Hazen andando apressados ao seu lado. Conroy esperava com o Mercedes, e a levaram diretamente ao consultório do dr. Prinz, que lhe aplicou uma injeção. Passados uns instantes, ela estava deitada no sofá, silenciosa, os olhos muito abertos, olhando fixamente para o teto.

Caroline ficou em casa, sem ir à escola, por mais dois dias, não saindo do apartamento, calada e contida, no quarto repleto de flores e enormes caixas de bombons que Hazen lhe mandara. Hazen telefonava duas vezes por dia para saber notícias. Num de seus telefonemas mencionou que seu amigo da Truscott estava providenciando alguém em Nova York para dar uma olhada em Caroline quando ela se sentisse pronta para começar. Hazen queria vê-la, também, mas foi compreensivo quando Leslie disse que, por enquanto, era melhor que ela não recebesse visitas.

Então, na manhã de quinta-feira, Caroline apareceu na cozinha, vestida para sair, enquanto Strand tomava seu café. Ela estava cantarolando e a cor voltara às suas faces, e disse a Strand que ia para a escola.

— Você acha que sabe o que está fazendo? — perguntou Strand. — Afinal, serão apenas mais dois dias. Você pode ir segunda-feira.

Caroline sacudiu a cabeça.

— Não quero ficar mais em casa. Não se preocupe, papai, acabei com as tristezas. Não sei o que aconteceu comigo lá. . . no distrito policial. . . quando vi aquela cicatriz horrível na cabeça do rapaz e percebi que fora eu quem fizera aquilo. E ele era tão jovem, uma criança assustada! E me olhava com uma expressão esquisita, intrigada, como se não pudesse entender por que eu estava fazendo aquilo com ele. E o modo como aquele detetive agarrou o braço dele, como se suas mãos fossem algemas, e o levou para trás das grades só porque uma garotinha branca e boba o denunciou... Fiquei tão confusa, papai — disse ela, tentando conter as lágrimas — e só o que consegui fazer foi gritar.

— Não pense mais nisso. Você fez o que tinha de fazer. Es queça.

Caroline sacudiu lentamente a cabeça.

— Vou tentar. Mas nunca mais irei ao parque, asseguro-lhe. — Enquanto ela bebia o seu suco e preparava ovos para si mesma, Strand foi até o quarto e acordou Leslie para lhe perguntar o que ela achava quanto a permitir que Caroline saísse de casa.

— Ela já digeriu o caso — disse Leslie, após pensar um pouco. — Ou está fingindo que digeriu. De qualquer forma, a melhor coisa que podemos fazer é deixá-la agir normalmente, ou da forma que ela pensa que seria normal.

Leslie, porém, vestiu-se rápido e, com a desculpa de que tinha algumas compras para fazer logo cedo, acompanhou Caroline até o colégio. Antes de sair, comunicou a Strand que ia convidar Hazen para jantar. Tinha certeza de que ele aceitaria, disse ela. E foi o que ele fez. Imediatamente e com prazer.

— Tenho a impressão de que ele janta sozinho todas as noites — disse Leslie para Strand, quando

ele voltou à tarde.

— É engraçado — concordou Strand. — Tive a mesma sensação naquela noite.

— Também disse a ele — Leslie comentou — que ficaríamos muito gratos se ele conseguisse aquela faculdade para Caroline.

— O que ele respondeu?

— Que gostaria que todos os jovens soubessem que tipo de educação preferiam e que fossem tão ansiosos para obtê-lo quanto Caroline.

— Ele devia ter sido diretor de escola.

— Acho que a advocacia paga melhor — respondeu Leslie.

Quando Hazen chegou ao apartamento aquela noite, trazia uma sacola esporte com uma roupa de treino e um par de tênis de corrida. Caroline corou, um pouco por gratidão e um pouco embaraçada com os presentes.

— Vou *voar* com isto — disse ela.

— Basta que me avise uma semana antes — disse Hazen —, quando achar que está pronta, e eu me certificarei de que tudo seja providenciado de acordo. Há uma pista de treino em Randall's Island. Sugiro que consiga alguns blocos de largada e experimente os tênis algumas vezes.

Durante o jantar, todos evitaram, prudentemente, mencionar a cena no distrito. Hazen foi quem mais falou, contando como tinham sido os verões em East Hampton quando era menino e os grandes campeonatos de tênis realizados lá em quadras de grama antes de o jogo ter sido profissionalizado — quando os melhores tenistas ficavam satisfeitos em participar pelo simples prazer de jogar, indo a festas e ficando hospedados durante a semana em casas de membros do clube. Pela primeira vez, falou de sua família, e Strand ficou sabendo que ele tinha um irmão mais moço que lecionava filosofia em Stanford e uma irmã casada com um magnata do petróleo, em Dallas, e que ela possuía um avião particular. Não mencionou os próprios filhos nem a mulher. Mas parecia descontraído e feliz por falar, como alguém que já tivesse passado muitas noites solitárias em sua vida. Contou até uma anedota sobre si mesmo, tendo o pai como herói.

— Quando meu pai morreu — disse ele —, herdei sua velha secretária, entre outras coisas. Uma senhora assustadora, chamada srta. Goodson. Um dia, ela estava no meu escritório quando acendia meu cachimbo, um hábito entre outros que adquiri dele, assim como a prática do direito. Ela olhou para mim com seriedade. "Se me permite dizer, sr. Hazen", falou ela, "o senhor me faz lembrar-me de seu pai." Naturalmente, sendo eu muito jovem na época, fiquei gratificado com a observação. Meu pai tinha sido um dos mais importantes advogados do país e servira brilhantemente em vários e importantes comitês do governo e como presidente da Ordem dos Advogados de Nova York. "Em que exatamente eu a faço lembrar-se de meu pai, srta. Goodson?", perguntei, um pouco envaidecido. "O senhor joga o fósforo aceso na cesta de papéis e põe fogo em tudo, como ele fazia", respondeu ela. — Hazen riu com os demais. Nessa altura, já estavam na sobremesa, e Hazen suspirou de contentamento ao colocar a colher no prato. — Meu Deus, que refeição deliciosa! Desconfio — dirigiu-se a Caroline — que não lhe será possível comer assim quando chegar ao Arizona.

— Se eu chegar ao Arizona.

— Se a pessoa que estiver usando o cronômetro for honesta, tenho certeza de que chegará — afirmou Hazen, fazendo isso parecer uma sentença no tribunal. — Não será preciso desistir do tênis. Haverá tempo para os dois. Mas imagino que não queira mais jogar no parque.

— Nunca mais — disse Caroline.

— Nesse caso, teremos de arranjar um outro lugar, não é? — sugeriu ele, enquanto bebia o café aos goles. — Sou sócio do Tow and Country Tennis Club, na East 58th Street. Gostaria de formar algumas duplas comigo, sábado de manhã?

— Seria ótimo — respondeu Caroline.

— Vou apresentá-la ao pessoal — prometeu Hazen. — Há um grande número de tenistas lá dignos de você, e poderá ir quando quiser, como minha convidada.

— Não vai para a ilha este fim de semana? — perguntou Strand. Não gostava da idéia de Hazen

amontoar débitos de gratidão.

— Não neste, fim de semana. Tenho um compromisso sábado à noite, aqui.

— Desconfio que o senhor trabalha demais, sr. Hazen — disse Leslie.

— Russell, por favor. Creio que já é tempo de usarmos nossos primeiros nomes. Leslie?

— Naturalmente.

— Obrigado. Trabalho. — Hazen parou, pensativo. — É meu prazer. Não sei o que seria de mim se não trabalhasse. Se possível, pretendo morrer antes de me aposentar. — Deu uma risadinha, para eliminar a mordacidade de suas palavras. — Além do mais, sou o membro sênior da firma, portanto, não me podem mandar pastar por mais gagá que eu esteja. Bem — disse, levantando-se. — Preciso ir andando. Tenho alguns papéis enfadonhos para ler antes de dormir. Obrigado pela noite tão agradável. Boa noite, Caroline, Leslie. — Hesitou, depois disse: — Boa noite, Allen.

— Vou acompanhá-lo até a porta — disse Strand. Pigarreou. — Russell. — Na porta, podiam ouvir o tilintar indistinto na cozinha, onde Leslie e Caroline estavam lavando a louça, e Strand comentou: — A propósito, aquele menino, Romero, foi ao meu escritório, outro dia. Disse que estava interessado. Mandeí que escrevesse uma carta para você. Para poupá-lo de sua presença o máximo possível.

Hazen riu.

— Ele é tão ruim assim?

— Pior.

— Vou esperar pela carta. — Hazen olhou para o seu anfitrião, com um olhar grave. — Não está lamentando sua decisão sobre Caroline, está?

— Ainda não — respondeu Strand.

— Nem vai lamentar — afirmou Hazen. — Garanto. Oh, a propósito, os Yankees vão jogar com Boston neste sábado. Se o tempo estiver bom, poderá ir?

— Estou certo de que sim.

— Ótimo. Telefone de manhã, depois que apresentar Caroline no clube.

Os dois homens deram-se as mãos, e Hazen saiu.

Mais tarde, na cama, Leslie comentou:

— Temos uma garotinha muito feliz nesta casa, hoje.

— É verdade — concordou Strand.

— Mas você não *está* muito feliz, não é?

— Vou superar isso — garantiu Strand. Depois, de modo amargo: — Por que, com os diabos, ela está tão ansiosa para se afastar da gente?

7

Flutuava numa brancura indistinta. Moveu-se. Havia tubos presos a ele. Havia vozes, muito ao longe, irreconhecíveis. Sono, insensibilidade eram infinitamente preciosos.

O sábado foi um grande sucesso. O dia estava quente e ensolarado, os Yankees venceram, e o dirigente e o técnico da equipe se aproximaram do camarote onde eles se encontravam para apertar a mão de Hazen, o que fez Strand sorrir e dizer:

— Essa não, Russell, todos conhecem você. Que bobagem foi essa de dizer que só aparece para ver um jogo uma vez ou outra?

— Ora, Allen — desculpou-se Hazen. — Tenho de admitir que, de fato, fujo do escritório sempre que posso e o dia esteja agradável. Nunca joguei uma bola com efeito quando era garoto, e tento compensar isso de vez em quando. — Vestido com um traje esportivo, de paletó xadrez espalhafatoso e chapéu de *tweed*, com a aba virada para baixo, protegendo os olhos do sol, tinha anotado meticulosamente

em seu cartão rebatidas, corridas, arremessos e substituições. Durante o jogo, comera três cachorros-quentes e bebera duas cervejas, comentando: — Não poderei me pesar por uma semana.

Quando Jackson completou uma corrida, ele se pôs de pé e gritou com o resto da multidão, e gemeu alto quando o *shortstop** dos Yankees cometeu um erro. Esticando uma das mãos, Hazen apanhou uma bola fora que descrevia uma curva em direção ao camarote, levantou-se e tirou o chapéu, cumprimentando, com uma seriedade zombeteira, a multidão que o aplaudia.

Um menino usando um boné dos Yankees estava sentado no camarote ao lado, com o pai. Usava uma luva de apanhador de bola, exatamente para eventualidades como aquela, uma bola fora, e saltara para apanhá-la juntamente com Hazen, afundando-se em seguida na cadeira, envergonhado. Hazen inclinou-se, dando a bola para o menino.

— Tome, garoto — disse ele. — É para você. — Sorriu ao vê-lo olhar maravilhado e incrédulo para o tesouro em sua mão.

— Fez meu filho ficar contente por uma semana — disse o pai do menino.

— Que ele tenha muitas outras iguais a essa — falou Hazen, dando um leve puxão na aba do boné do garoto. Observando-o, Strand lembrou-se do relacionamento, sem ares protetores, na pura camaradagem, de Hazen com o neto de Ketley, enquanto jogavam *catch*. O homem possuía uma maneira gentil e carinhosa de tratar as crianças, e Strand ficava imaginando como pudera ser tão malsucedido com o próprio filho e as filhas.

A tarde inteira mostrara um lado atraente, brincalhão e juvenil de Hazen, para o qual suas maneiras habituais, sérias e compenetradas, não haviam preparado Strand, e, pela primeira vez, ele experimentou um certo calor pelo homem, rompendo a reserva com a qual até então o olhara. Depois desse dia, será mais fácil ser amigo dele, pensou.

Conroy esperava com o carro no portão ao saírem do estádio, e um policial benevolente, que, aparentemente, não considerava o fato de o carro estar parado em local proibido, tocou o visor do capacete ao ver Hazen e Strand aproximarem-se. Strand sentiu aquilo que sabia ser uma desprezível superioridade elitista ao entrar no carro, deixando os milhares de outros espectadores conduzirem-se em enormes levadas na direção da plataforma do elevador.

— Uma tarde muito agradável — comentou Hazen, com um suspiro de contentamento, ao afundar-se no assento traseiro do Mercedes, ao lado de Strand. — Precisamos repetir a dose, breve. Sabe, se os Yankees tivessem perdido, estaríamos deprimidos e irritadiços, eu estaria sentindo as três salsichas e me queixando de dor de estômago. Mas eles ganharam e espero por um grande filé ao jantar. — Deu uma risada. — Imagine, um homem da minha idade dependendo dos Yankees para fazer a digestão. Precisamos ser adeptos de alguma coisa, e existem muito poucas opções atualmente que nos podem dar algum entusiasmo. — Tirou um frasco encapado de couro, com tampa prateada, do bolso do sobretudo que tinha deixado no carro quando se haviam dirigido para o estádio. A tampa tinha outro copinho em seu interior, e Hazen estendeu-o a Strand e serviu a ambos. — *bourbon* — disse ele. — É mais americano. Bem, isto é por Jackson.

Beberam. Strand achou esse o arremate perfeito para a tarde. Quando o carro parou diante do edifício de Strand, Hazen disse:

— Ainda não me decidi sobre o próximo fim de semana, mas, se conseguir fazê-lo, seria possível você e sua família irem comigo à ilha?

— Vou ver quais são os planos de Leslie — respondeu Strand.

Ao descer do carro, ouviu Hazen dizer ainda:

— Telefone para você na quarta-feira, e então você me diz.

Isso aconteceu três semanas antes de irem para Southampton novamente. Hazen telefonou para Strand dizendo que precisava ausentar-se da cidade, viajar para Washington, Los Angeles, Dallas, Tulsa e Chicago, mas, se os Strands quisessem ir até a praia passar os fins de semana, os Ketleys seriam avisados e Conroy os levaria até lá. Strand recusou, sem mesmo discutir o assunto com Leslie. O final do período letivo o assoberbava de trabalho, e comunicou a Hazen que preferia não sair da cidade.

□* Jogador situado próximo à segunda base, no beisebol. (N. do E.)

— Então, está bem — disse Hazen —, quando eu estiver de volta. Combinado?

— Combinado — prometeu Strand.

— Outra coisa — acrescentou Hazen. — Entrei em contato com o promotor público assistente e soube que vão permitir que o guri se declare culpado, para atenuar a acusação. Portanto, pode dizer a Caroline para deixar de preocupar-se. Ela não terá de comparecer perante o tribunal.

— Foi muita atenção de sua parte — disse Strand.

— Provavelmente darão liberdade condicional ao guri, e ele estará roubando bicicletas na tarde seguinte. Oh, bem, é preciso pagar um pequeno preço pelo prazer de morar na Cidade do Prazer.

— Teve notícias de Romero? — perguntou Strand. Desde a última conversa que tiveram, o garoto o vinha evitando e não assistia a nenhuma de suas aulas. Judith, também, o vinha evitando. Strand não poderia dizer se estava satisfeito ou se lamentava que não houvesse mais drinques no elegante e feminino apartamento dela, com a luz do norte entrando pela ampla janela do estúdio.

— Nenhuma palavra sequer do seu protegido. Suponho que ele esteja achando essa carta difícil de escrever — respondeu Hazen. — Se você o vir, diga que quero muito conversar com ele.

— Direi — prometeu Strand.

— Um homem chamado Burnsidge já entrou em contato com você?

— Não.

— Ele o fará em breve. É ex-aluno da Truscott, uma ex-estrela das pistas de lá. Falei com ele pelo telefone, e pareceu-me receptivo. Poderá dar uma olhada em Caroline na próxima quinta-feira, caso ela concorde. Ela ainda quer isso?

— Disse-me que sim — respondeu Strand. — O professor de ginástica dela descobriu alguns blocos de largada para treinar e eles vêm treinando juntos todas as tardes. E ela deixou de lado as sobremesas.

Hazen deu uma risada.

— Espero que não esteja assustada.

— Aparentemente, não. Está encantada com o seu clube de tênis.

— Ótimo — exclamou Hazen. — Soube que está sendo muito solicitada. É surpreendente a variedade de amigos que se pode fazer, quando se está numa situação privilegiada. Pena Eleanor não jogar. Existe muita gente importante no clube, em todos os ramos de negócios, e ela poderia fazer contatos muito úteis.

— Eleanor faz seus próprios contatos.

— Percebi isso. Oh, quase ia esquecendo. Tenho algumas entradas para concertos, bales e teatro acumulando-se, e não poderei usá-las. Vou enviá-las a vocês, por um mensageiro.

— Você está sendo generoso demais — disse Strand, mas ficou satisfeito, mesmo ao dizer isso, pensando nas noites que se seguiriam para ele e Leslie.

— Tolice, Allen. Eu me sentiria culpado se não fossem usadas.

— De qualquer forma, obrigado.

— Se acontecer alguma coisa enquanto eu estiver fora, basta chamar Conroy no escritório.

Strand perguntou-se se Conroy, que certamente parecia necessitar de divertimentos, alguma vez recebera entradas do patrão,

— Estou certo de que não vai acontecer nada — disse ele.

— Apenas na eventualidade. Bom, cuide-se bem e transmita meu amor à sua família.

Amor, pensou Strand ao desligar o telefone. Era a primeira vez que ouvia Hazen usar essa palavra. Um modo de falar. Nada mais.

Hazen estava no Mercedes, com Conroy ao volante, quando pararam diante do edifício, exatamente às quatro e meia. Strand, Leslie, Caroline e Jimmy esperavam por ele. Eleanor estava com a viagem para a Grécia marcada para a semana seguinte, e tinha tanto o que fazer e aprontar que não pôde dispor de tempo para acompanhá-los. Jimmy levava o violão. Quando Strand protestara, Jimmy respondera que na última vez em que estiveram na casa de Hazen, para almoçar, Hazen dissera que ouvira comentários entusiásticos do pessoal jovem sobre a exibição de Jimmy no bar, em Bridgehampton, e manifestara o desejo de ver o que o rapaz podia fazer com o instrumento.

— Está certo. Leve-o com você. Mas, pelo amor de Deus, não toque a menos que seja diretamente

solicitado.

Leslie ficara um pouco preocupada com mais um sábado de aulas cancelado, mas a alegria de Caroline diante da perspectiva do fim de semana fora contagiante, e agora Leslie cumprimentava Hazen calorosamente ao vê-lo descer do grande carro com Conroy para ajudá-los a acomodar a bagagem no porta-malas. A tarde estava quente e abafada, e o rádio prometera que se seguiriam no mínimo mais dois dias como aquele, e Jimmy expressou o que todos sentiam quanto à viagem à praia quando disse:

— Isto não poderia ter acontecido em época melhor ou a pessoas mais simpáticas.

Quando chegaram à casa, ainda estava claro e fazia calor.

— Temos tempo de sobra até o jantar — disse Hazen. — Sugiro para todos nós um mergulho no mar. Limpar nossas almas da cidade.

Até mesmo Strand aprovou a idéia, depois daquele dia abafado no trabalho. Sua família sabia com o que suas pernas se pareciam, e Hazen já devia ter adivinhado que ele não possuía a compleição física de um jogador de futebol americano. Quando, quinze minutos mais tarde, tornaram a se reunir na praia, Caroline e Jimmy entraram na água espadanando as ondas e dando gritos entusiasmados de alegria. Hazen investiu contra o mar como se quisesse vê-lo vencido até a submissão, Strand e Leslie ficaram olhando-o nadar com energia, numa corrida improvisada com Caroline, que tinha uma braçada danada de desenvolta que fazia cindir a água num ritmo veloz.

Leslie vestia um maio inteiriço, preto, que realçava agradavelmente seu corpo curvilíneo e roliço, suas belas pernas firmes e rosadas à luz do poente. Não era tão cheia de corpo como a mulher de Renoir no desenho do quarto deles, mas, pensou Strand, aprovadoramente, se Renoir estivesse vivo, hoje, ficaria feliz em tê-la como modelo. Leslie entrou no mar calmamente, mergulhou em meio às ondas e nadou metodicamente na direção de Jimmy, que executava braçadas e batia os pés um pouco mais além da linha da arrebentação. Cauteloso, Strand avançou na água, consciente de como seu calção folgava em torno' de suas coxas magras. Porém, uma vez dentro da água, sentiu-se leve e flutuando, sua pele arrepiando-se deliciosamente sob o efeito da água fria. Possuía um jeito de golpear a água com tanta agitação que Eleanor certa vez o descrevera como o mais lento *crawl* australiano da história da natação.

O sol já desaparecia no horizonte quando saíram da água. Strand tremia um pouco e notou que Leslie também estava tremendo, ao envolver-se na toalha. Sorriram um para o outro.

— Sinto-me dez anos mais jovem — disse ele.

— Que coisa mais deliciosa ficar tremendo num dia quente como este — comentou ela, sacudindo a água dos cabelos.

Quando Strand desceu, deixando Leslie a sós aprontando-se para o jantar, Hazen já se encontrava na sala de estar com uma bebida na mão. Vestia calças de um vermelho vivo, camisa aberta e paletó de linho. Dissera a eles que haveria convidados para o jantar, e Strand vestira-se com apuro, com calças cinza, um paletó azul que Leslie havia passado a ferro e gravata.

— Você me acompanha? — perguntou Hazen, erguendo o copo.

— Agora não, obrigado — respondeu Strand. — Sinto-me bem demais para beber.

— Homem de sorte — disse Hazen. — Esse mergulho *foi* revigorante. O mar estava calmo. Mas não é sempre assim. Um homem se afogou nesta praia, no verão passado. Diga às crianças para tomarem cuidado. — Tomou um gole de bebida. Então, de súbito: — Gostaria de lhe pedir que me desculpasse pela cena de bebedeira, na última vez em que você esteve aqui.

— Eu já tinha me esquecido disso — respondeu Strand.

— Tenho certeza de que não, Allen. — Hazen olhou para ele, sério. — Eu tinha tido um dia exasperante. Exasperante, mesmo. Não acontecerá de novo. — Fez um gesto com a mão, como se quisesse apagar aquela noite. — A propósito, encontrei-me com Eleanor, ontem à tarde. Ela disse a você que tomamos um drinque juntos?

— Não. — Então é isso. Nada de bebidas em casa, mas um pequeno drinque estimulante de vez em quando para enfrentar a noite. — Ela não disse nada.

Hazen assentiu com a cabeça.

— Tinha coisas mais importantes em que pensar. Há um bar perto do meu escritório, aonde vou algumas vezes para um drinque, depois do expediente. Acontece que fica perto do escritório dela, também. Eleanor estava acompanhada por um rapaz. Um tal sr. Gianelli. — Fez uma pausa para observar que efeito esse nome teria sobre Strand.

Evasivamente, Strand disse:

— Só o vi uma vez. Rapidamente. Na verdade, aqui mesmo.

— Oh, sim. Ele me disse o quanto havia gostado da casa. Insistiram, gentilmente, para que eu me juntasse a eles à mesa. Durante os drinques, Eleanor me falou um pouco de si mesma.

— Nessa idade — observou Strand —, esse é provavelmente o principal assunto da conversa de uma jovem.

Hazen sorriu e acrescentou:

— De um rapaz também. Você se lembra sobre o que conversava, na maior parte do tempo, quando tinha vinte e dois anos?

— Realmente, não. Foi há muito tempo. Quase trinta anos. — Refletiu, tentando lembrar-se. Seu melhor amigo fora um jovem chamado O'Malley, que freqüentara a mesma classe que ele e que se dizia trotskista. O'Malley ficara desapontado com ele, lembrou-se, porque Strand, segundo ele, estava interessado apenas em seguir adiante. Adaptando-se docilmente àquilo que O'Malley denominava o sistema. Para O'Malley, o sistema representava uma gigantesca fraude, uma guerra vencida, e seus princípios cinicamente traídos, a vitória atirada longe, Stálin triunfante e manchado de sangue, McCarthy agindo como louco e amedrontando a América com o fascismo, o maldito imperialismo sanguinário britânico, a violentação da Irlanda. O'Malley estava disposto a combater em todas as frentes e procurava barricadas para defender. História que pertencia ao passado. Strand imaginou o que poderia ter acontecido a O'Malley e se ele havia conseguido encontrar uma barricada adequada. — Acho que naquele tempo falávamos bastante de política — disse por fim Strand.

Hazen assentiu com a cabeça.

— Existe um motivo. Você já serviu alguma vez? Coréia?

— Não. Quando fiz o exame físico, descobriram que eu tinha sopro no coração. Nunca soube disso antes e nunca me deu maiores preocupações.

— Eu me alistei — disse Hazen. — Meu pai achou que era uma boa idéia. Servi na marinha, sem qualquer graduação. Navegando numa escrivania em Washington. Também por intermédio de meu pai. O seu pai ainda vive?

— Não. Faz muito tempo.

— Há muito o que dizer sobre isso. Anos perdidos. — Sorveu apenas um pouco da bebida. Obviamente não haveria cenas de bebedeira aquela noite. — Sua filha, Eleanor, me pareceu uma jovem muito brilhante.

— E é realmente.

— Mas insatisfeita. — Novamente aquele olhar sério, indagador.

— Doença comum entre os jovens — comentou Strand, jovialmente.

— Ela disse que, se fosse um homem, estaria duas vezes mais à frente do que está agora, dirigindo seu próprio departamento, só para começar.

Strand tentou não parecer surpreso. Ela sempre demonstrara entusiasmo ao falar do trabalho no escritório.

— Jovens brilhantes não apreciam subir paulatinamente — continuou Hazen. — Querem promoção aos trancos e barrancos. Estão certos de que poderiam dirigir a companhia dez vezes melhor do que qualquer velho antiquado e excessivamente meticoloso trabalhando numa escrivania alta e usando caneta de pena. Imagino que deva existir um certo número de jovens ambiciosos em meu escritório que pensa a mesma coisa em relação a *mim*.

— Deve ter sido um longo drink — comentou Strand.

— Dois drinques, para ser exato. O jovem que a acompanhava, sr. Gianelli, me pareceu ter bebido mais alguns. Para ser honesto, estava um pouco bêbado, como se houvesse parado em mais de um bar, durante a tarde. Ficou bastante excitado durante a conversa. Gianelli disse a Eleanor que ela própria vivia dizendo que já estava farta de receber ordens de um bando de idiotas, mas que, quando lhe era oferecida uma oportunidade de cair fora e ser seu próprio chefe, olhava-o como se ele fosse louco.

— Ele disse o que exatamente estava oferecendo a ela? — perguntou Strand, cauteloso.

— Pelo que pude entender, ele estava se referindo a casamento — respondeu Hazen. Perscrutava Strand com o olhar.

Strand conseguiu manter o rosto sem qualquer expressão.

— Percebi de fato que eles eram. . . bem... que gostavam. . . um do outro.

— O sr. Gianelli então apelou para mim — prosseguiu Hazen. — Parecia sentir que não estava

talhado para trabalhar com o pai; é o filho do meio, de um total de cinco filhos, nos negócios paternos, e é compreensível que ele ache isso um pouco constrangedor. Perguntou-me, alto e bom som, se *eu* achava que era loucura abrir um pequeno jornal em algum lugar, os dois juntos como redatores e editores.

— E o que você disse a ele? — perguntou Strand, refletindo que deveria haver uma espécie de aura de sabedoria e poder, alguma qualidade secreta que os jovens viam em Hazen e que os fazia abrir seus corações para ele de imediato. — Você perguntou ao rapaz onde ele esperava conseguir o dinheiro para esse nobre projeto?

— Ele disse algo sobre os irmãos concordarem, em contribuir para ajudá-lo, caso ele encontre um local adequado. Obviamente, não se ressentirão se ele for embora. Cinco irmãos no mesmo negócio. E ainda duas irmãs e cunhados. Família italiana. — Sorriu, indulgente, ao pensar na prolificidade mediterrânea. — Sei algo sobre o pai dele. Um cliente meu tem negócios com ele. Diz que é obstinado, mas justo. Um homem muito bem-sucedido. Um grupo que mostrou um notável progresso nos últimos anos. Exceto, é claro, na Itália. — Sorriu, friamente, diante do próprio dito espirituoso. — O pai, suponho, com alguma justiça, não está muito entusiasmado com o projeto.

— *Você* disse algo a eles? — perguntou Strand, quase-acusador.

— Disse que a juventude é a época dos riscos e que eu precisava ir para casa para me vestir para o jantar. — Fez uma pausa. — Como é que você e sua esposa se sentem quanto a isso?

— Procuraremos não intervir — respondeu Strand, secamente.

— Ainda me causa espanto que você deixe seus filhos seguirem seu próprio caminho. — Essas palavras, da forma como foram pronunciadas, não demonstravam aprovação ou desaprovação. — Era diferente na minha casa. Era-nos dito, num tom que não admitia réplicas, o que devíamos fazer. Meu irmão se rebelou, é claro. Não voltou da Califórnia, nem para o enterro do meu pai. Raramente nos comunicamos. Ouvi dizer que é feliz. Pode ser apenas um boato — sorriu, com ironia.

Chegou até eles, vindo do andar de cima, o som do violão de Jimmy, acordes tirados a esmo, alguns sombrios e tristes, outros repentinamente alegres, como se Jimmy estivesse tendo um diálogo consigo mesmo através do instrumento, uma parte dele melancólica e a outra maliciosa e zombeteira.

— Se o barulho aborrecer você — disse Strand —, subo e digo a ele para parar.

— Oh, não. Aprecio o som de música pela casa. E disse que gostaria de ouvi-lo tocar.

— Ele comentou isso. Pensei que talvez só estivesse sendo gentil.

— Não sou tão gentil assim.

Os dois homens ficaram ouvindo durante algum tempo. Jimmy iniciou uma canção que Strand nunca ouvira. Ele estava cantando, mas Strand não distinguia as palavras. Não era mais um diálogo e sim um lamento, um doce murmurar em solo, com súbitas e áspers interjeições.

— Minha mãe, penso que já lhe falei disso, costumava tocar piano para mim — disse Hazen. — Só quando era jovem. — Parou. — Anos mais tarde morreu. Foi-se em silêncio.

Foi-se em silêncio, pensou Strand. Que maneira de descrever a morte da mãe.

— Acho que vou tomar mais um drinque — disse Hazen, erguendo-se da poltrona. — Posso preparar um para você?

— Ainda não, obrigado.

Enquanto Hazen estava no aparador preparando a bebida, bateram à porta, e uma mulher alta, com uma faixa enrolada na cabeça feito um turbante, entrou.

— Prepare um para mim, Russell — pediu ela, assim que atravessou o umbral da porta. Sua voz era alta e forte, e ela sorriu com simpatia para Strand ao entrar na sala. Vestia uma saia e um blusão e usava sapatos de saltos baixos. Quarenta anos, muito magra, não faz o meu tipo, pensou Strand, automaticamente.

— Oh, Linda — disse Hazen, do aparador. — Tive receio de que você se atrasasse.

— O trânsito estava horrível — falou a mulher, carregando no *r*, para enfatizar o "horrível". — Sexta-feira à noite. A marcha dos lemingues em direção ao mar. Alô — estendeu a mão para Strand. — Sou Linda Roberts. Russell não pode fazer duas coisas ao mesmo tempo, preparar as bebidas e apresentar seus convidados.

— Boa noite. Sou Allen Strand. — A mão dela era surpreendentemente calosa. Deve jogar golfe, pensou ele. Possuía grandes olhos cinza, cuidadosamente maquiados, e uma linha marcada de batom para que os lábios não parecessem tão finos. Dirigiu-se para Hazen e beijou-o no rosto, deixando um pequeno sinal vermelho.

— O mesmo de sempre — disse ela.

Hazen já começara a preparar-lhe um martíni. Ela lhe lançou um olhar aprovador.

— Os martinis valorizam qualquer coisa, não é? — comentou ela, sorrindo para Strand.

— Pelo menos, é o que dizem — respondeu Strand.

— Russell, devo vestir-me para o jantar ou posso sentar-me à mesa com estes meus trapos de viagem?

— Haverá somente alguns amigos — respondeu Hazen, aproximando-se com o martíni.

— Uma bênção — disse ela, aceitando o martíni e bebendo um gole. — Bendito seja você, querido Russell. Contudo, vou pentear o cabelo. — Afundou-se numa poltrona, embalando a taça embaciada pelo gelo.

— Linda vai passar o fim de semana conosco, Allen — falou Hazen, ao voltar novamente para o aparador e pegar o drinque.

— Fui o adendo de última hora — disse Linda Roberts para Strand. — Eu não pensava em viajar. Cheguei da França no exato momento em que uma confusão se instaurava na galeria. Uma remessa marítima de pinturas chegou de nossa filial francesa, e meia dúzia delas pareciam ter cruzado o Atlântico numa canoa. Venho sonhando com este martíni desde Triborough Bridge.

Strand observou, porém, que seu drinque estava apenas pela metade quando ela se levantou para ir arrumar o cabelo. Parou no vão da entrada e franziu o cenho.

— Céus! — exclamou. — Que lamento fúnebre é esse?

Hazen soltou uma gargalhada.

— É Jimmy, o filho de Allen. Ele é guitarrista.

— Oh, meu Deus! — A sra. Roberts tapou a boca com a mão, numa atitude de consternação zombeteira. — Deve perdoar-me, sr. Strand. Tenho um péssimo ouvido. Fui acostumada a ouvir Wagner desde muito jovem, e nunca consegui refazer-me disso.

— Está tudo bem — disse Strand, divertido. — Em casa, só o deixamos praticar atrás de portas bem fechadas. Receio que gerações diferentes possuam noções diferentes sobre o que é música. Eu mesmo parei em Brahms.

— Gosto do seu amigo, Russell — disse a sra. Roberts, e saiu bruscamente da sala levando seu martíni.

O aposento permaneceu em silêncio por alguns momentos, enquanto Hazen agitava o gelo com os dedos no copo, e Strand ficou pensando se seria ela a suposta amante. Gostara da mulher de imediato, mas não a teria escolhido para amante. Se alguém o tivesse visto subir ao apartamento de Judith Quinlan e depois sair com o cabelo desalinhado e com uma expressão um tanto confusa, teria conferido a Judith o papel de sua amante? Suposições são feitas com facilidade.

— Ela vem aqui regularmente — falou Hazen, como se devesse alguma explicação a Strand. — Sempre agindo impulsivamente. A casa é tão grande!... — fez uma pausa. — É viúva de um de meus melhores amigos. Quarenta e sete anos. Foi-se como. . . — estalou os dedos. — Jogando golfe. Coração.

— Parece estar sobrevivendo bravamente — comentou Strand, e Hazen lançou-lhe um olhar perspicaz.

— Ela se mantém sabiamente ocupada. É sócia de uma galeria de arte, e é muito inteligente nos negócios. Essa galeria, por sua vez, é associada a uma outra na França, e isso dá a Linda a desculpa para visitar a Europa várias vezes ao ano. Parece frívola, às vezes, mas posso assegurar-lhe que não é nenhuma tola — disse Hazen, com firmeza. — E se dedica incansavelmente à filantropia.

— Espero que, quando me for, minha viúva seja capaz de se dedicar incansavelmente à filantropia, também.

— Ele trabalhava na Wall Street. Muito sagaz — continuou Hazen, ignorando a observação de Strand, que só se apercebera depois que tinha feito uma brincadeira um tanto de mau gosto. — Imagine, homem. Sobrecarga de trabalho. Você sabia que um carteiro vive mais do que um executivo de uma grande empresa?

— Todo aquele caminhar — disse Strand, desejando que os outros descessem antes que o nível da conversa baixasse ainda mais.

— Você não precisa ficar de gravata, sabe disso — disse Hazen. — Provavelmente, ninguém estará usando. East Hampton proletarizou-se. Não é mais como nos velhos tempos. Meu pai insistia em que nos vestíssemos adequadamente toda noite para o jantar. Quase ninguém mais faz isso. Vestidos

transparentes, *jeans*, calças vermelhas como esta que estou usando. Tenho certeza de que existem nisso tudo as mais sombrias implicações sociológicas.

Strand desfez o nó da gravata e guardou-a no bolso. Seu pescoço era tão fino que era praticamente impossível conseguir que camisas com mangas no comprimento certo não ficassem dançando em torno dele. Hazen lançou-lhe um olhar de curiosidade.

— Notei que você come bem. . .

— Como um cavalo.

— E, ainda assim, conserva-se muito magro.

— Demais. . .

— Eu não me queixaria. Se eu comesse como você, teriam de me carregar por aí num carrinho de mão. — Tomou um gole de uísque. — Mas ninguém da sua família tem tendência para engordar.

— Não. Eleanor, às vezes, entra numa dieta louca, se percebe que ganhou alguns gramas.

— Ridículo — zombou Hazen. — Na idade dela, com aquele talhe. . .

A campainha da porta tocou.

— Meus convidados para o jantar — comentou Hazen. — Espero que não aborreçam você. As reuniões em Hampton costumam ser enfadonhas.

Ao jantar, Hazen sentou-se à cabeceira da mesa, tendo Leslie à sua direita, com o cabelo penteado para o alto, e Caroline à esquerda. Ao lado de Caroline estava um dos rapazes com os quais ela jogara tênis, três semanas atrás. Strand observou, um tanto divertido, que não era o bonitão Brad ou Chad, sobre o qual Hazen comentara com ele. Ao lado do rapaz, uma senhora chamada Caldwell, proprietária de uma das casas além das dunas, e que viera com o marido e a filha. A filha sentara-se ao lado de Jimmy e parecia ter a mesma idade dele, embora Strand nunca tivesse certeza, de fato, da idade das garotas. Nas turmas dele, havia garotas que sabia terem dezesseis anos, mas que aparentavam vinte e cinco. Um homem grande e jovial, chamado Solomon, com um longo e liso cabelo acinzentado que o fazia parecer-se com George Washington, acomodara-se ao lado da garota. Depois vinha Linda Roberts, à direita de Strand, que não estava vestida com seus trapos de viagem, como os havia descrito, mas com um vestido de noite, longo, cor de malva, cheio de babados, que deixava os ombros muito magros à mostra. A sra. Solomon, de feições angulosas porém bonitas, com um cabelo de corte masculino e pele bem bronzada de sol, sentava-se à esquerda de Strand, e Caldwell, apresentado como dr. Caldwell, um homem de meia-idade, cujo rosto possuía a expressão de um diplomata triste, de um embaixador que acabasse de receber ordens de fazer alguma notificação desagradável a algum governo provisório, completava a mesa instalado entre a sra. Solomon e Leslie. Strand reparou que Conroy, embora estivesse na casa, não estava incluído na lista social do patrão.

A conversa transcorria animada, e Strand ficava satisfeito em observar que tanto Leslie quanto Caroline estavam realmente se divertindo e que a garota dos Caldwells, que havia sido convidada em atenção a Jimmy, parecia muito interessada no que ele lhe estava contando. Mas para Strand era difícil ouvir mais que trechos do que as pessoas estavam dizendo, pois Linda Roberts continuava falando com ele numa voz alta e estridente.

— Vou ser uma péssima companhia, esta noite — avisara-lhe ao se sentarem à mesa. — Sinto-me exausta. — Tinha acabado de chegar da França, onde, além do trabalho na galeria em Paris, houvera um casamento ao qual não pudera deixar de comparecer. — Quatrocentos convidados — disse ela. — Sorte foi não ter chovido e a recepção no jardim não se ter transformado num desastre aguacento. Já presenciei vários casamentos inundados em junho, e sempre se tem a impressão de que, quando um casamento começa com todo mundo debandando em busca de abrigo, haverá divórcio em um ou dois anos. Russell me contou sobre você e sua encantadora família, e quanto fizeram por ele. Deve estar orgulhoso de sua filha. Se isso tivesse acontecido comigo, eu apenas teria gritado e caído desmaiada. Não sei o que vai ser de nossa querida Nova York. Ninguém mais se arrisca a usar jóias. Estão todas nos cofres dos bancos. Segurança. — Suspirou, erguendo os ombros magros. — Russell me contou que você é professor de história. Como deve ser divertido! Era uma das minhas matérias preferidas da Universidade de Michigan, mas não leio mais jornais. . . somente a página da coluna social e de cinema. . . tudo o mais é tão *pessimista*! Deve desculpar-me. Quase não posso falar, estou cansada. Os aeroportos são um inferno, afinal de contas. O pior é Fiumicino. Quase deixei de ir a Roma por causa dele. Todo mundo viaja muito

atualmente, podem-se ver os tipos mais estranhos na primeira classe. Meu marido estava prestes a comprar um jato Lear quando morreu. Sempre gostei de chegar a Nice. A pista do aeroporto fica na orla do mar, e me faz lembrar um pouco os bons velhos tempos, quando se podia tomar um daqueles gloriosos e luxuosos navios para a Europa, com o *bouillon* sendo servido às onze horas pelo elegante serviço de bordo percorrendo as espreguiçadeiras no convés. E agora tiraram até aqueles lindos navios italianos de circulação. Maravilhas do passado. Não quero parecer uma velha rabugenta, mas existe essa coisa de levar o progresso longe demais. Arruinaram a Côte d'Azur; naturalmente, poderia ser também Miami Beach, mas eu corro direto do aeroporto para o meu pequeno ninho, nas colinas acima de Mougins, e nunca ponho os pés fora de lá, exceto para uma caminhada pelo jardim. O senhor conhece Mougins, não conhece, sr. Strand?

— Allen — disse Strand, galanteador, imaginando quão rápida e longamente poderia a sra. Roberts falar se não estivesse sob os efeitos do balanço do avião.

— Allen — repetiu ela. — Tive um namorado com esse nome. Rapaz encantador! Tinha um aspecto divino. As pessoas sempre perguntavam se ele não gostaria de fazer cinema. Mas ele era criador de cavalos e levava isso muito a sério. Definiu totalmente quando me casei e casou-se com uma mulher já divorciada quatro vezes. Uma estupenda pensão alimentar. Foi com a esposa visitar a mim e ao meu marido, e ficou tão amuado durante três dias que tivemos de dizer que estávamos de malas prontas, para uma viagem a Ischia, para ver se iam embora de nossa casa. Coisinha vulgar, a esposa, quero dizer, tomava banho de sol com os seios nus. Tinha um orgulho fora do comum deles, seus seios, quero dizer. Tinha sido chefe de torcida na Universidade do Texas, e o primeiro marido dela jogava futebol pelo Dallas e batia nela o tempo todo. Não pude encontrar em meu coração motivo para querer mal a Allen. Você e sua linda mulher... céus, é estonteante... devem ir visitar-me em Mougins. Vai à França com frequência?

— Não — respondeu Strand, tentando prestar atenção na incrivelmente deliciosa fatia de carneiro em seu prato. — Não com frequência.

— Iria adorar Mougins. É um refúgio de paz escondido nas colinas. Meu marido comprou-o para mim como presente de casamento. Era o mais atencioso dos homens. Possuía negócios em escala internacional. Companhias por todo o mundo. Em diversos países. Imagine um, quero dizer, um país, e existe uma empresa lá. Claro que isso implicava estar ausente por períodos terrivelmente longos.

Posso entender por que ele ficava ausente durante tanto tempo, pensou Strand, irritado.

— Foi o que me fez voltar-me para as obras de caridade — disse Linda Roberts. — Ficar sozinha durante longos períodos de tempo. Nessas condições outras mulheres arranjariam amantes. — Deu uma risada de novo, um tanto sôfrega, histérica. — Mas meu marido não era um homem condescendente, não, em absoluto, não poderia descrevê-lo como um homem condescendente. As obras de caridade preencheram uma grande lacuna em minha vida, sr. Strand, quero dizer, Allen. Não devo monopolizá-lo por mais tempo. Nellie Solomon não vê a hora de falar-lhe, posso garantir, e vou apenas ficar sentada aqui e cair numa espécie de estupor.

A sra. Solomon estava sentada à sua esquerda, e ele se voltou, gratificado, para ela. Por uma ou duas vezes, Leslie lhe havia dirigido um olhar por sobre a mesa durante o monólogo de Linda Roberts, e lhe lançara um sorriso irônico e penalizado.

A sra. Solomon comia com bom apetite e em silêncio, os olhos fixos no prato. O dr. Caldwell, ao lado dela, conversava num tom de voz baixo e confidencial com Leslie, como Strand observara que ele vinha fazendo durante quase todo o jantar. Mais tarde, Leslie disse a Strand que Caldwell se mudara para Hampton para exercer a medicina porque, dissera ele, nunca podia encontrar um lugar para estacionar o carro quando realizava visitas na cidade. Estava também muitíssimo interessado em música, e, dizia ela, conhecia bastante o assunto e não falava tolices. Leslie comentou que Caldwell não lhe parecia um diplomata e sim um médico cujos pacientes estavam sempre morrendo em suas mãos.

— Está passando o verão por aqui? — perguntou Strand à sra. Solomon, porque tinha de começar por algum lugar.

— Alugamos uma casa — respondeu ela. — Este é o segundo verão. — Possuía um leve sotaque sulista. Alabama, pensou Strand. — Herb pretende comprar uma casa por aqui.

— É um pedaço maravilhoso do mundo — comentou Strand.

— Se não se joga golfe.

— O quê? — perguntou Strand, atônito.

— Se o seu nome for Solomon, o clube é restrito demais, se entende o que eu quero dizer.

— Compreendo — disse Strand, constrangido.

— Oh, mas não é de todo mau — falou a sra. Solomon, sorrindo, meio aérea. Possuía dentes pequenos e brancos, perfeitamente alinhados, e o sorriso suavizava seu rosto. — Ainda não presenciei nenhum *pogrom*. Penso que vamos comprar a casa. É somente no clube que isso faz alguma diferença. Em qualquer outro lugar, poderíamos ser até zulus que continuariam a nos convidar para festas. E acho que, dentro de cinquenta anos, o clube deixará de existir ou todo mundo estará morto ou terá uma nora judia. — Subitamente olhou para ele de um modo estranho. — Você é judeu, não é?

— Não. — Já lhe haviam feito essa pergunta muitas vezes, quase sempre judeus. Seu nariz adunco.

— Desculpe-me. Também não sou. Nasci Ferguson. Não sei por que achei que você fosse.

— Eu sei.

Olharam um para o outro, sorrindo amplamente.

— Não teria feito esse pequeno discurso se achasse que era um *goy*. Como eu disse, dentro de cinquenta anos isso provavelmente não fará a mínima diferença. Há cinquenta anos, não deixariam os irlandeses entrar no clube. É por isso que os irlandeses ricos se estabeleceram em Southampton. Cinquenta anos não é muito tempo para se esperar por um jogo de golfe, não é? — Sorriu novamente.

Strand decidiu que ela era uma mulher muito atraente. Se Hazen tinha de ter uma amante, faria melhor negócio escolhendo Nellie Solomon do que Linda Roberts.

— Na verdade — continuou a sra. Solomon —, adoro isto aqui. A praia é belíssima. Russell me deixa usar a quadra sempre que quero. . . tenho um jogo marcado com sua filha amanhã, e ouvi dizer que ela é muito boa... e é perto o bastante de Nova York para que Herb possa ir até lá sempre que o escritório o chama. *Adora* ser judeu. E isso o ajuda nos negócios.

— Que negócio?

— Russell não lhe contou?

— Não, comentou apenas que teríamos algumas pessoas amáveis para o jantar.

— Disse-nos que queria em especial que viéssemos esta noite para conhecermos você. Desfizemos um outro compromisso para podermos vir.

— Fico contente por terem vindo.

— Você é gentil. Como Russell disse. — Sorriu de novo. — Meu Herbert contrata bandas, promove concertos, *rock, country, jazz, spirituals, schmaltz*, pense em algum outro tipo de música e verá que ele também trabalha com ele. Devia ver as pessoas que aparecem aos borbotões em *noossa* casa.

— Compreendo — disse Strand. Sacudiu a cabeça. O velho e bom Hazen, sempre com alguma coisinha para cada um de nós. Pediu a Jimmy para trazer a guitarra com um propósito. Talvez tivesse achado que alguém na família parecia doente, anêmico ou já nas primeiras fases de alguma doença terrível e houvesse convidado o dr. Caldwell para que lhe fizesse um diagnóstico reservado.

— Foi como conheci Herbert — prosseguiu a sra. Solomon. — Eu pensava que era cantora.

— E como isso aconteceu?

Ela deu de ombros.

— Ele acabou com as minhas ilusões. Ninguém é capaz de enganar o velho Herb, quando se trata de talento. "Pobre menina", disse ele, depois de me ouvir, "terei de me casar com você." — Deu um risinho zombeteiro e olhou afetuosamente na direção do marido. Depois, voltou-se, séria, para a comida. — Realmente gosto de ser convidada para as reuniões que Russell promove por aqui. Elas são tão. . . tão *antieasthamptonianas*! Ele coleciona peculiaridades ... como Herb e eu...

— E nós — acrescentou Strand.

A sra. Solomon lançou-lhe um sorrisinho infantil e cúmplice.

— Eu não queria dizer isso.

Strand gostou da jovem mulher, bonita e sincera, de talhe roliço e atraente, que, se comesse sempre da mesma forma como comia naquela noite, não seria tão atraente dali a alguns anos.

— Russell é um dos mais atenciosos anfitriões — disse Strand.

— Maravilhoso! — Pronunciou "maaaravilhoso". — Já estive na casa dele, em Nova York?

— Não.

— Isto aqui é apenas um acampamento, comparado com ela. É engraçado, as festas que ele promove, ele mesmo aproveita muito pouco delas. .. Já reparou nisso?

— Já.

— E Herb diz que, se tivesse uma adega como a de Russell, não ficaria mais sóbrio até o final de seus dias.

— Está tudo bem por aí, Nellie? — perguntou Hazen, dirigindo-se à sra. Solomon.

— Maravilhosamente — respondeu ela. — Acabamos de elogiar você.

— Continuem. — Hazen ergueu o copo para ela, voltando-se em seguida para conversar com Leslie.

— Estes feijõezinhos verdes são deliciosos, não são? — comentou a sra. Solomon, mastigando delicadamente mas com determinação uma grande porção deles.

— *Flageolets*, é assim que são chamados — falou a sra. Roberts, do outro lado de Strand. Não havia caído no estupor prometido. — Tradicionalmente — continuou ela —, na França, são sempre servidos com *gigot*.

— Obrigada, Linda — agradeceu a sra. Solomon. — No Alabama, tradicionalmente servimos batata-doce acompanhando nosso *gigot*. — Fez uma ligeira pressão na perna de Strand, sob a mesa.

Ele tentou não sorrir muito abertamente?

Depois do jantar, Strand fumou seu segundo charuto. Jimmy, observou ele, não se serviu de nenhum quando o sr. Ketley passou, oferecendo a caixa. Todos foram para o terraço, para apreciar a lua sobre o mar. Leslie ficou perto de Strand, que passou o braço por sua cintura.

— Divertindo-se?

— MUITÍSSIMO — disse ela. — Você sentirá algum prazer com a minha comida, de agora em diante?

— Vou colocar um anúncio no *Times*, na segunda-feira, para um cozinheiro *cordón bleu*.

Leslie deu uma risada.

— Russell é um homem fascinante. Parece conhecer *tudo*. Política, arte, finanças, e não sei o que mais. Isso faz que eu me sinta como se minha educação houvesse sido lamentavelmente negligenciada. E ele *esteve* em todos os lugares.

— Nós também. O Museu de Arte Moderna, Chinatown, o Bronx...

— Oh, cale-se, Allen — disse Leslie, gentilmente. — Eu não estava me queixando. Mas, sério, acho que *realmente* deveríamos fazer alguma viagem. Poderíamos economizar em outras coisas.

— Em quê?

— Oh. . . apenas em outras coisas — respondeu ela, vagamente. — Russell disse que eu deveria dedicar-me mais à pintura. É surpreendente, ele esteve em nossa casa na verdade duas vezes e a primeira vez nem se conta e, assim mesmo, lembra-se em todos os detalhes das minhas duas telas na sala de estar. Disse que são audaciosas e originais. Imagine. Meus rabiscos. Disse-lhe que só pintava quando estava sozinha, e ele retrucou que eu devia arranjar uma forma de ficar sozinha mais vezes. Você acha que ele estava sendo apenas gentil, tentando lisonjear-me?

— Não. Ele não lisonjeia. Eu sempre *disse* a você que gostava de suas pinturas.

— Isso é diferente. Você é meu marido, que outra coisa poderia dizer, pobre homem? Que tal estou esta noite? — Parecia ansiosa.

— A mulher à minha direita achou você estonteante.

— Como estonteante? Estonteante estonteante ou estonteante horrorosa?

— Estonteante estonteante.

— Que grupo de pessoas mais simpático, Allen. E Jimmy e Caroline estão se comportando tão bem!

— Está surpresa?

Leslie apertou-lhe o braço.

— Já olhei bastante a lua. Estou ficando com um pouco de frio. Vamos entrar.

Os outros os seguiram, e Hazen perguntou a Jimmy se ele os obsequiaria com um pouco de música. Jimmy olhou para os pais com certa hesitação. Strand nada disse, mas Leslie o incentivou, com firmeza:

— Sem dúvida, Jimmy. — E Jimmy foi até o andar de cima apanhar o violão. Caroline fez uma pequena careta, mas Leslie captou-a e sussurrou: — Nada disso, senhorita.

Strand não falou nada a Leslie sobre Herbert Solomon e a posição dele no mundo da música. Ela

ficaria nervosa se soubesse que Jimmy estava, sob certo aspecto, fazendo um teste. Jimmy não parecia nervoso em absoluto ao tocar uns poucos acordes para afinar o instrumento. Então começou a cantar, acompanhando a si mesmo, num tom quase coloquial, sem entonação dramática, canções que Strand já ouvira no rádio. Para os ouvidos de Strand, pelo menos, Jimmy não parecia melhor nem pior do que os cantores cujos discos, haviam lhe dito, estavam nos primeiros lugares nas paradas de sucesso. Solomon parecia estar interessado e começou a sugerir canções para Jimmy tocar. Strand notou que, a cada vez, Solomon escolhia uma canção de um estilo diferente do da anterior. Assim, Jimmy teve a oportunidade de mostrar a sua versatilidade e seu potencial, assim como seu conhecimento das músicas que haviam feito sucesso nos últimos cinco anos.

— Muito bom — disse Solomon, quando Jimmy terminou, numa última e pequena nota decrescente.

A sra. Solomon aplaudiu, e a sra. Roberts exclamou:

— Bravo! Bravo!

Leslie sorria, obviamente satisfeita, e mesmo Caroline parecia impressionada.

— Muito obrigado, Jimmy — agradeceu Hazen. — Da próxima vez, convidarei uma assistência maior.

A reunião terminou logo depois, com Jimmy agarrando o violão e levando a garota dos Caldwells na perua para o bar, em Bridgehampton, e Caroline foi deitar-se depois de ter marcado jogos de simples para a manhã do dia seguinte com o rapaz que se sentara ao seu lado no jantar.

Quando os Solomons se preparavam para sair, juntamente com o dr. Caldwell e a esposa, Herbert Solomon virou-se para Strand e comentou:

— O garoto leva sua música a sério, não?

— Parece que sim — respondeu Strand. Solomon assentiu com a cabeça.

— Russell tem o telefone do meu escritório. Se Jimmy estiver interessado, diga-lhe para me telefonar durante a semana.

— É muito gentil de sua parte — disse Strand. Solomon deu de ombros.

— Pode não dar em nada. Existem milhares de garotos que possuem violões e um bom ouvido. De qualquer forma, faça-o ligar para mim.

Discretamente, Strand subiu com Leslie, deixando a sra. Roberts, que dissera ter a intenção de tomar um último drinque, a sós com Hazen na sala de estar.

— Por que o sr. Solomon estava dizendo aquilo sobre telefonar? — perguntou Leslie, assim que Strand fechou a porta do quarto atrás deles.

— Ele está no negócio de música. — Strand repetiu tudo o que a sra. Solomon lhe dissera sobre o marido.

— Não foi gentil da parte de Russell tê-lo convidado esta noite para que ouvisse Jimmy? — comentou ela.

— Muito.

— Você acha que ele e aquela sra. Roberts são. . . — Não terminou a frase, e Strand deu um largo sorriso. — Sabe o que quero dizer.

— Sei.

— E então?

— Se quer um palpite, eu diria que não. Não acho que ela abriria mão do tempo em que se ocupa falando para ter um caso com quem quer que seja.

Leslie soltou uma risada.

— Você quer dizer que ela não é o *seu* tipo.

— Não. Mas sei de alguém que é.

— A bonitinha sra. Solomon. Parece que vocês dois se deram muitíssimo bem.

— É verdade, nos demos mesmo — concordou Strand. — Mas não era a ela que estava me referindo.

— Meu fiel e querido marido — disse Leslie, e beijou-o. — Estarei na cama num minuto.

Foi acordado pelo som de um gemido. Leslie estava adormecida em seus braços. Havia feito amor sem pressa e por muito tempo, e os gemidos o trouxeram de um sono profundo, sereno e

gratificante. O quarto estava às escuras, e, um pouco antes de acordar, os gemidos se haviam misturado, em seu sono, com o estrondo constante das ondas do mar. Delicadamente, retirou o braço que estava sob a cabeça de Leslie e saiu da cama. Os gemidos vinham do quarto ao lado, onde Caroline dormia. Vestiu o robe e saiu para o corredor, onde havia uma lâmpada acesa. Dirigiu-se descalço e em silêncio até a porta do quarto de Caroline. Os gemidos ficaram mais nítidos. Os quartos de Hazen e da sra. Roberts se situavam na outra ala da casa, e Strand ficou aliviado ao pensar que o que quer que fosse que estivesse perturbando Caroline não os incomodaria. Abriu a porta. Sob a luz do corredor podia ver Caroline remexendo-se convulsivamente na cama e movendo os braços diante do rosto, como se quisesse repelir um atacante. Rapidamente foi até a cama e tomou-a nos braços.

— Ei, ei — sussurrou. — Está tudo bem. Nada aconteceu com você.

Caroline abriu os olhos, o rosto contraído pelo medo.

— Oh, papai — exclamou, e agarrou-se a ele.

— Você estava tendo apenas um pesadelo. Estou aqui. Não tem nada com que se preocupar.

— Oh, papai — repetiu ela, chorando. — Estavam indo até você, com facas, davam gargalhadas, eu não podia fazer nada, tentei e tentei. . .

— Acalme-se.

— Estou com tanto medo! — Estreitou-o com força.

— Não precisa ter medo de nada. Todo mundo tem pesadelos horríveis de vez em quando.

— Não vá embora. Por favor, não vá embora.

— Não vou. Enquanto não dormir de novo.

— Não sei o que teria acontecido se você não tivesse vindo até aqui. — De repente soltou uma risada. — Sua barba faz cócegas.

— Lamento.

— Gosto muito disso — confessou ela, sonolenta, e, no momento seguinte, já estava dormindo outra vez.

Permaneceu abraçado com a filha por muito tempo. Quando teve certeza de que ela dormia calmamente, deitou-a com cuidado, cobriu-a e saiu do quarto, fechando a porta atrás de si. Ouviu passos subindo as escadas e viu Jimmy chegando, carregando seu violão.

— Oi, pai. O que faz fora da cama numa hora dessas?

— Que horas são?

— Já passa das três — respondeu Jimmy. — Foi uma grande noite. Alguma coisa errada?

— Caroline teve um pesadelo, só isso.

— Minha música. — Jimmy abriu um sorriso. — Não sabia que tinha esse poder. Ela está bem agora?

— Sim, está.

— Pobre criança — murmurou Jimmy. — Bem, boa noite. Durma bem.

Mas passou-se muito tempo até que Strand pegasse no sono novamente. O barulho do mar estava ameaçador, sinistro, agora, e até a respiração de Leslie lhe parecia débil e precária, e dolorosamente cara para ele, naquele estranho quarto silencioso onde haviam feito amor, mas que não estava mais seguro de intromissões.

Acordou tarde e sozinho pela manhã, sentindo-se cansado e pouco restaurado. Ao descer, o sr. Ketley lhe disse que todos tinham ido para a quadra de tênis. Estava sem fome, por isso se serviu apenas de uma xícara de café. O dia estava mormacento, e Strand decidiu aproveitar a ausência dos outros para dar um mergulho no oceano e reanimar-se.

Quando tornou a descer, agora em trajes de banho sob um roupão, o terraço e a praia ainda estavam desertos. O mar não estava muito forte, e apenas marolas curvavam-se e iam quebrar-se a alguns metros da praia. Strand deixou cair o roupão e deu uma corridinha pela fina areia branca até a água. Foi avançando até a rebentação, com a água fria pela cintura. Estava totalmente acordado agora, e deleitava-se de pé ali, deixando as ondas esparramarem-se ao redor de seu corpo. Nadou um pouco, pensando que deveria inscrever-se na ACM e nadar pelo menos três vezes por semana, pois isso o faria sentir-se bem.

Quando sentiu que os braços começavam a ficar cansados, ficou de pé sobre a areia lisa e

continuou andando. Descobriu então que não conseguia mover-se nem alguns centímetros sequer, na direção da praia. A água fazia um redemoinho à sua volta e era difícil para ele manter-se de pé. Subitamente, perdeu o pé e, lentamente, inexoravelmente, foi sendo arrastado pela correnteza. Tentou não entrar em pânico mas bater energicamente com os braços, procurando lutar contra a corrente. Nunca se sentira tão cansado em sua vida, e estava engolindo água. Gritar de nada adiantaria; não havia ninguém para ouvi-lo. Olhou para a grande casa, tão perto dele e sem qualquer sinal de vida em seu interior.

Então viu Conroy saindo para o terraço com um jornal na mão. Conroy sentou-se e abriu o jornal, sem olhar na direção da praia.

— Conroy! — Strand conseguiu gritar. — Conroy! — Viu-o olhar meio intrigado à sua volta, como se não pudesse atinar de onde viera o grito. Então Conroy viu Strand acenando freneticamente, incapaz de gritar mais e lutando para manter a cabeça fora da água.

Conroy virou-se e acenou na direção da casa, depois atravessou correndo a praia, tirando o blusão enquanto corria. Estava descalço e de bermudas. Jogou-se na água e nadou até Strand. Ao alcançá-lo, disse-lhe:

— Relaxe, sr. Strand. — Uma voz sem qualquer entonação, surpreendentemente calma. — Apenas vire-se de costas e fique boiando. Eu farei o resto. — O cabelo escorria-lhe pelo rosto, e seus braços eram magros e pálidos.

Strand virou-se de costas. O sol batia em cheio nos seus olhos, através da nuvem de espuma. Sentiu sob o queixo a mão de Conroy, amparando-o. Conroy nadava com o braço livre, lentamente, lentamente, não na direção da praia, mas tentando manter-se paralelo a ela. A correnteza puxava-os cada vez mais para o mar aberto. Strand ofegava, sentindo a entrada ardida e penosa de ar e água. A costa continuava recuando, para longe, para muito longe.

Ergueu a cabeça e vislumbrou alguém correndo em direção à água, carregando algo. Um pouco depois, percebeu que era Linda Roberts e o que ela trazia consigo era um rolo de corda. Viu-a mergulhar no meio das ondas e depois perdeu-a de vista.

Então, de repente, a correnteza libertou os dois homens. Conroy ofegava.

— Muito bem — disse ele —, estamos fora dela agora. Apenas mantenha-se calmo. — Começou a rebocar Strand aos poucos em direção à praia, arquejando penosamente a cada braçada. Não vamos conseguir, pensou Strand, iremos os dois para o fundo. Queria dizer qualquer coisa para Conroy, mas não podia falar. Então alguma coisa bateu na água, bem próximo a eles, e Conroy alcançou-a. Era a corda que a sra. Roberts, agora com a água pela cintura, havia atirado para os dois. Strand estava certo de que estava na água fazia horas, e a praia não parecia aproximar-se um pouco que fosse, mas, pelo menos, não estava mais se afastando.

— Agora vamos conseguir — assegurou Conroy, agarrando a corda. O braço que segurava Strand adquiriu novas forças. Lentamente, a sra. Roberts começou a esticar a corda, puxando-a. Metro a metro, centímetro a centímetro, aproximaram-se do lugar onde se encontrava Linda. Quando a alcançaram, ela e Conroy arrastaram Strand em meio à espuma das ondas. Finalmente, encontrou-se estendido sobre a areia áspera da praia, tentando sorrir para a sra. Roberts, cujo vestido de tecido leve colava-se, molhado, ao corpo magro. Mas seu rosto parecia ter se congelado e ele não conseguia sorrir.

Conroy deixou-se cair ao lado dele, os olhos fechados, o peito subindo e descendo.

— Você ficou preso numa corrente marinha — informou a sra. Roberts, afastando o cabelo molhado dos olhos. Sua voz soava como se fosse através de um telefonema vindo de muito longe, com uma ligação ruim. — Formam estranhos redemoinhos, um dos maiores perigos desta costa.

Então ele desmaiou. Quando voltou a si, sentiu um rosto sobre o dele, lábios pressionando os seus, uma respiração quente entrando por sua boca. O beijo da vida. A frase vagueava tolamente em sua cabeça. A sra. Roberts pôs-se de pé. Parecia flutuar acima dele, em algum lugar entre o céu e a terra, numa nuvem vermelha.

Agora, também Conroy flutuava acima dele, numa nuvem vermelha.

— Está vivo — Strand ouviu Conroy dizer, ainda com a ligação ruim.

A pior dor que já sentira na vida latejava em seu peito e nos ombros, e ele não podia respirar.

— Conroy — disse ele num fio de voz. — Está doendo. Está doendo aqui... — Conseguiu colocar a mão no peito. — Receio que eu...

Meia hora depois, estava na sala de tratamento intensivo do Southampton Hospital, com o dr. Caldwell inclinando-se sobre ele, falando com alguém que Strand não podia ver.

— Coração.

Um homem da mesma idade que a sua, dissera o dr. Prinz. Depois disso, não ouviu nem se lembrou de mais nada por muito tempo.

8

As vozes tornaram-se mais nítidas. Parece frívola, às vezes, mas posso garantir-lhe que não é nenhuma tola. O beijo da vida. Reconheceu rostos. Identidades vieram à tona. Reconheceu a si próprio. O mundo aproximava-se dele.

Isso aconteceu duas semanas antes de ele sair do hospital. O dr. Caldwell provou ser eficiente. O dr. Prinz tinha vindo de Nova York e mantinha uma expressão séria. Um grande especialista em coração, chamado por Hazen, viera de helicóptero da cidade e dissera palavras encorajadoras. Os médicos haviam realizado testes e exames, e sussurraram no corredor. Conroy, o pálido navegador das profundezas, fora de grande ajuda nos assuntos referentes a transporte. Eleanor cancelara sua viagem à Grécia e permanecera com Jimmy na casa de Hazen. Leslie, que começara a ir e vir de Nova York quando o pior já passara, poderia voltar a dar aulas fazendo companhia a Caroline durante as provas de final de ano.

A dor fora embora, mas Strand se sentia tão fraco que erguer os braços requeria um grande esforço. Hazen o levava de carro para a grande casa da praia, onde ele e o sr. Ketley o haviam carregado até o quarto de dormir.

Os médicos lhe haviam dito que precisava de repouso, um longo repouso. Deixara-se manejar como uma criança, permitindo que os outros decidissem por ele. Não pensava no futuro, mas aceitava o que lhe diziam, o que lhe davam para comer, os remédios que lhe mandavam tomar, o fato de o terem instalado no grande quarto de dormir, do segundo andar, de onde podia olhar o mar e o desenho de Renoir. Estava exaustivamente agradecido a todos e não se deu ao trabalho de falar.

Poderia viver ainda até os cem anos, os médicos lhe haviam dito, se se cuidasse. Sempre pensara que se havia cuidado. Ninguém lhe falara sobre correntes marinhas ou sobre o poder malévolo do oceano. Havia uma carta de Judith Quinlan sobre a mesinha-de-cabeceira. Não a abrira. Ficava imaginando se já agradecera a Conroy e Linda por terem salvo sua vida. Teria tempo de sobra quando as forças lhe fossem restituídas. Não estava acostumado a doenças, mas entregou-se àquela com um prazer sonhador. Seu corpo não era mais, naquele momento, responsabilidade sua.

As pessoas falavam com ele, Leslie, os médicos, Eleanor, Jimmy, Caroline, Hazen, o sr. e a sra. Ketley. Momentos depois de haverem falado não se lembrava mais do que haviam dito. Sorria afavelmente para todos, acreditando que o sorriso lhes transmitiria confiança. Não se interessava em ler ou pelo que acontecia no país ou pelos problemas de qualquer outra pessoa, ou pelo tempo. Era o mais belo verão dos últimos anos, alguém comentou, não podia lembrar quem, mas o clima ali, no imenso e luxuoso quarto, era sempre o mesmo.

O diretor do colégio foi visitá-lo e disse-lhe que não se preocupasse com o departamento.

— Sei que logo estará melhor — falou o diretor. — Disponha do tempo necessário e, quando estiver pronto para voltar, é só me dar um telefonema. O lugar continua seu. — Mas não estava com humor para telefonemas e nem preocupado com o departamento.

Havia sempre flores no quarto, mas não sabia o nome delas e também não perguntava.

Uma cama de armar fora posta no quarto para Leslie, e ele não perguntara por quê, depois de tantos anos dormindo juntos, ela agora passava as noites numa cama separada.

Strand estava dormindo mais do que já dormira em toda a sua vida.

Uma noite, quando começou a se sentir melhor, disse a Leslie que todo mundo deveria ter um ataque cardíaco, pelo menos uma vez na vida.

Ela riu. Estava mais magra, e havia linhas em seu rosto que Strand não vira antes.

Herbert Solomon enviou um toca-fitas cassete, com uma seleção de músicas de Beethoven, Brahms, César Frank e canções de Joan Baez, Bob Dylan e um homem chamado Cohen. Strand não pediu que ligassem o cassete.

Linda Roberts mandou-lhe um livro grande sobre o Midi, com belas fotografias. Não abriu o livro.

Caroline contou-lhe que achava que tinha ido bem nas provas. Strand, às voltas com outras ruminções, não lhe perguntou que provas havia feito. No entanto, quis saber sobre o homem do Truscott.

— Parece que está indo tudo bem — comentou ela, sem entusiasmo. — Cronometrou meu tempo duas vezes e falou que acreditava que me aceitariam. Disse que falaria com o sr. Hazen. — Deu de ombros. — Isso não é importante.

Ele observou que o rosto dela também parecia mais magro, e dava a impressão de que chorava freqüentemente. Gostaria de tê-la confortado. Mas o esforço seria grande demais. Ela disse que Alexander e a sra. Curtis lhe mandavam seus melhores votos e a sra. Curtis enviava ainda uma caixa de biscoitos que ela mesma havia feito. Strand disse a Caroline que comesse os biscoitos.

Giuseppe Gianelli mandou-lhe uma fotografia ampliada de Eleanor, de pé, sobre uma duna, com o vestido de brim esvoaçando, o rosto voltado para o céu, e hastes de arbustos em volta das pernas nuas. Com o retrato, veio um bilhete que Leslie leu: "Uma coisa linda para se olhar nas horas tristes. É um tônico para todos os corações". Vinha assinado: "Seu poeta pobre e amigo empreiteiro, Giuseppe".

— É um ótimo rapaz — comentou Leslie, enquanto colocava a fotografia no móvel, de onde Strand poderia vê-la da cama. — Tivemos longas conversas. Está louco por Eleanor.

De vez em quando, Strand dirigia um olhar vago para a fotografia. Ficava imaginando o que Giuseppe Gianelli teria dito à sua filha para fazê-la rir daquele modo contra o imenso céu.

Às vezes, tarde da noite, ouvia Leslie tocar piano lá embaixo, suavemente. Não sabia se tocava para si mesma ou se havia alguém mais escutando. Tinha a intenção de perguntar, mas quando ela subia para deitar-se Strand se esquecia disso.

Hazen entrava no quarto uma vez ou outra e dirigia-lhe um olhar sério.

— Devo lembrar-me — disse Strand para ele — de só visitar pessoas que incluam bons nadadores em suas listas de convidados. Devo também lembrar-me de agradecer a Conroy e a Linda. Foram muito acima e muito além do cumprimento do dever, você não acha?

Hazen não respondeu à pergunta. Ao invés disso, falou:

— Já agradei a eles por você. Dei mil dólares a Conroy... dinheiro significa tudo para ele, faz economias, parece um daqueles ratinhos que carregam e escondem pequenos objetos. . . e dei um pequeno bracelete de ouro para Linda. Uma quinquilharia.

— Agora — disse Strand, sentindo-se pouco confortável com essa informação —, agora eu sei o quanto vale a minha vida. Mil dólares e uma quinquilharia.

Hazen dirigiu-lhe um olhar curioso.

— Tudo tem seu preço — disse ele, abruptamente. — O que não corresponde necessariamente ao seu valor. Aconselharia você a não se sentir constrangido por causa de dinheiro. O que me leva a fazer-lhe uma outra pergunta. Sente-se bem o bastante para conversar?

— O bastante — respondeu Strand.

— Sabia que, depois dos dez primeiros dias, os médicos disseram que você iria recuperar-se e ser capaz de levar uma vida normal, embora absolutamente calma?

— Não, não sabia. Mas são boas notícias.

— Certamente que são. Mas isso significa que você terá de pensar sobre o que vai fazer daqui para a frente. Se levar a sério o que disseram. — As palavras de Hazen soavam acusadoras. — O que não significaria voltar para o seu emprego em setembro como se nada tivesse acontecido.

Strand reprimiu um suspiro. Tinha sabido que um dia, mais cedo ou mais tarde, teria de encarar isso, mas havia se utilizado da recuperação para adiá-lo.

— Não acho — continuou Hazen — que a pensão por invalidez de um colégio do nível secundário, em Nova York, seja muito significativa, especialmente nos dias de hoje, com a inflação.

— Com o preço da passagem do metrô — disse Strand.

— Exatamente. Não tinha intenção de conversar tão cedo com você sobre isso, mas existem outras considerações.... — Fez um gesto vago com a mão. — Tomei a liberdade de falar com o diretor de um pequeno colégio, em Connecticut, sobre você. Dunberry. Fica a cerca de duas horas de Nova York, ao norte de New Haven. Meu pai fez doações generosas para esse colégio, tanto em vida como através do testamento. Na faculdade, conheceu e admirou o homem que depois se tornaria o diretor desse colégio. O filho dele é o atual diretor, e ele está inclinado a ver com simpatia quaisquer sugestões que eu venha a fazer. É um colégio pequeno, com apenas quatrocentos garotos, e dirigido segundo diretrizes bastante

convencionais, o que aprovo. Pode ser também o lugar ideal para o seu amigo, Jesus Romero. Teria condições de vigiá-lo.

— Você nunca se esquece de nada, não é mesmo, Russell? — disse Strand, com uma admiração sincera.

Hazen deu de ombros face ao elogio, com impaciência.

— As turmas são pequenas, e sua carga horária não seria excessiva — continuou ele. — Por volta de doze horas semanais, pelo menos no início, informou-me o diretor. E um velho e confortável apartamento estará à sua disposição, o que hoje em dia é melhor do que uma renda. . . consideravelmente melhor. E quando falei ao diretor... Babcock é o nome dele, uma excelente pessoa, diga-se de passagem, estou certo de que gostará dele... quando lhe falei sobre sua esposa, disse que há muito tempo deseja oferecer uma disciplina sobre conhecimentos musicais e que tinha certeza de que Leslie seria a pessoa mais adequada para isso. E o esforço de viver numa pequena e calma cidade-escola é infinitamente menor do que o de comprar a briga da cidade de Nova York. Estou cansando você?

— Um pouco — admitiu Strand.

— Isso é devido somente ao fato de que não temos muito tempo a perder — continuou Hazen, justificando-se. — O período letivo deve começar dentro de dois meses, e o corpo docente precisa ser confirmado. Outra coisa, Babcock estará visitando uns amigos em Montauk, na semana que vem, e poderia dar um pulo até aqui e ter uma conversa com você, o que lhe economizaria uma viagem a Connecticut.

— Tudo isso me parece muito promissor — disse Strand, cansado. — É claro que ainda tenho de discutir isso com Leslie.

— Já contei tudo isso a ela, e ela aprova, sem qualquer restrição.

— Ela não comentou nada comigo. Ou talvez o tenha feito e não me lembre. Não me lembro de muitas coisas nestes últimos dias, você sabe.

— Isso é passageiro — disse Hazen, num tom confiante. — De qualquer forma, ela quis que eu falasse com você primeiro. Alegrou que não queria exercer qualquer influência sobre você.

Strand assentiu com a cabeça.

— Desde que saí do hospital, ela tem me tratado como se eu fosse de porcelana antiga.

Hazen riu.

— Eu notei — comentou ele. — Isso vai mudar, aliás, como tudo o mais, assim que você for se restabelecendo. Logo que for capaz de levantar-se da cama e andar por aí, ficará surpreso com a diferença das coisas.

— Não quero outras surpresas, obrigado — disse Strand.

Quando Hazen deixou o quarto, Strand permitiu-se o luxo do suspiro que havia reprimido enquanto o homem estivera ali. Teria de pensar como seria sua vida dali para a frente, dissera Hazen. Entre outras coisas, isso queria dizer dinheiro. Sempre e persistentemente — o dinheiro. Sabia que o que lhe tinha acontecido fora dispendioso, mas, pela primeira vez em mais de trinta anos, não pergantara o preço de coisa alguma. Mas breve a conta lhe seria apresentada e teria de ser paga. Suspirou novamente.

Fechou os olhos e cochilou. Quando acordou, lembrou-se vagamente de que Hazen estivera ali e falara sobre um colégio. Mas não se lembrava do nome do colégio ou onde ficava, nem do nome do homem que viria entrevistá-lo ou se Hazen mencionara algo sobre salário. Tornou a recostar-se e cochilou de novo.

Pela manhã, o dr. Caldwell comunicou-lhe que poderia descer, mas Strand insistiu em vestir-se, apesar de Leslie ter tentado convencê-lo de que seria mais fácil colocar apenas um robe sobre o pijama.

— Não quero que o terraço de Russell Hazen se pareça com a varanda de uma casa de subúrbio — disse ele. Barbeou-se, também. Era a primeira vez que se olhava no espelho, depois do acidente, como designava para si mesmo o que havia acontecido. Estava pálido e muito magro, e seus olhos sobressaíam no rosto abatido como dois enormes pontos de interrogação feitos com tinta escura. Enquanto estivera no leito, o sr. Ketley o havia barbeado em dias alternados e, portanto, dispensara espelhos.

Ao vestir-se, moveu-se lenta e cuidadosamente, sentindo os ossos e as artérias, frágeis sob o invólucro perecível da carne. Porém, moveu-se. Leslie tomou-lhe o braço ao descerem a escada, agarrando-se ao corrimão, e o sr. Ketley desceu na frente deles, como se tivesse receio de que de repente Strand tombasse para a frente e precisasse de amparo.

No terraço, instalou-se numa espreguiçadeira sob o calor do sol, o dorso erguido por almofadas,

com uma colcha sobre os joelhos, achando gratificante o brilho do sol e a brisa que vinha do mar. Tudo parecia e dava a impressão de novidade refrescante para ele, as pequenas nuvens brancas no céu de verão, a cor do mar, o ar que entrava pelos pulmões. "Está fora de perigo", dissera o dr. Caldwell, "se não deixar de se cuidar." Não deixar de se cuidar, o dr. Caldwell explicara, era não subir escadas mais de uma vez por dia, comer moderadamente, restringir o álcool, o sexo e a ansiedade, e, o mais importante de tudo, não se permitir ficar excitado. Strand prometera cuidar-se. "Vou dedicar-me a ficar bronzado", dissera a Caldwell, "e não vou me excitar."

Caroline havia dito que todo mundo comentou o quanto ele era corajoso. Não perguntou quem era todo mundo e não se sentia nem corajoso nem covarde.

Deitado ali, com Leslie ao seu lado, pegando na sua mão, descobriu subitamente que estivera interessado apenas em si mesmo durante muitas semanas.

— Conte-me tudo — disse a Leslie — sobre todo mundo. — Era como se houvesse voltado de uma longa viagem, de algum lugar sem qualquer comunicação com o exterior. O Vale das Sombras. Poderia uma voz humana alcançá-lo pela Western Union, por satélite? — Primeiro você. Como vão indo as aulas?

— Estou dando conta — respondeu ela, evasiva.

— Como?

— Acumulei-as todas num só dia da semana. É fácil no verão. Muita gente está fora da cidade.

Ele assentiu com a cabeça.

— E a casa, como está?

— Bem — respondeu Leslie. — A sra. Curtis vai lá três vezes por semana para fazer a limpeza.

— Caroline?

Leslie hesitou.

— Soube ontem que foi aceita no Arizona. Não irá, afirmou ela, se você disser que não.

— Não vou dizer não.

— Parou de jogar tênis. Deu todos os uniformes e a raquete para uma amiga.

— Por que fez isso?

— Disse que havia se cansado do jogo. — O rosto de Leslie estava sério e ela desviou-o de Strand, enquanto falava. — O que penso é que ela está tentando obter alguma graça — disse ela num tom neutro. — Desistindo de uma coisa que ama por outra que ainda lhe é mais cara... Quer que eu continue?

— Não.

Ficaram em silêncio por alguns momentos, a mão de Leslie na sua. A cada idade corresponde um sacrifício particular, pensou. Se ele morresse, sua filha pediria de volta o lindo *short* branco, as camisetas de algodão e a raquete, desiludida por não ter recebido a graça? Que atávica piedade a levava a essa lúdica renúncia adolescente?

— E Jimmy? — perguntou. Se Jimmy houvesse desistido do violão, como iriam os deuses considerar isso em relação à raquete de tênis?

— Está em Nova York — respondeu Leslie. — Tinha um encontro marcado com Herb Solomon. Acredite ou não, Jimmy sentiu uma timidez tão grande em telefonar para Solomon que foi Russell quem teve de marcar a entrevista.

— Talvez devêssemos colocar Russell num recipiente à prova do tempo, como o empresário da família — comentou Strand. — Fico imaginando como conseguimos sobreviver todos esses anos sem ele.

— Fico contente em ver que você está se sentindo melhor — disse Leslie. — Já está recuperando seu senso de ingratidão.

— Estou grato o bastante. — Fez uma pausa. — Suponho. Acho que você deve agradecer a ele em meu nome e por todos nós. Ele muda de assunto toda vez que acha que estou na iminência de lhe falar sobre isso.

— Eu sei — concordou Leslie. — Não vai deixar você fazer isso. Tentei mais de uma vez. Foi brusco comigo. Não sei se estava zangado ou constrangido.

— Ele disse a você que deu mil dólares a Conroy e um bracelete de ouro para Linda Roberts por terem me tirado do mar?

— Não — respondeu Leslie. — Mas eles disseram.

— Não acha que essa é uma maneira curiosa de compensar pessoas que afinal arriscaram suas

vidas para salvar uma outra que não deixava de ser uma estranha?

— Um pouco — admitiu Leslie. — É o jeito dele. É um homem muito fechado. Não pode *demonstrar* emoção, apenas a faz materializar-se. Com dinheiro, favores... símbolos.

— Ainda assim — insistiu Strand —, faz-me sentir-me deslocado. Como algo colocado na prateleira dos achados e perdidos. . . Desaparecidos. Um professor de meia-idade, em algum lugar no oceano Atlântico. Oferece-se recompensa se devolvido em boas condições.

— Não o deixe saber que você se sente desse jeito. Generosidade é o seu *hobby*, ajuda a compensar o que sente sobre seu trabalho. Falávamos disso outra noite, e ele me disse que, num advogado, a generosidade é considerada uma fraqueza. É fácil perceber que ele não suportaria que alguém pensasse que é um homem fraco.

— Hazen me falou que conversou com você sobre aquele assunto do colégio — disse Strand, contente que sua memória estivesse voltando. — Disse que você aprovou.

— Mais do que isso. Beijei-o.

— Não é preciso exagerar — disse Strand, secamente.

— É a solução perfeita, Para todos nós.

— Você adora morar em Nova York. Como acha que vai se sentir presa a uma sonolenta cidadezinha, rodeada por quatrocentos garotos, mais ou menos?

— Vou sobreviver — afirmou Leslie. — Contudo, isso não é importante. O importante é conservar você, e bem. E Nova York fica apenas a duas horas de distância. Vou conseguir.

— Talvez, quando esse homem chegar para me ver...

— O sr. Babcock.

— O sr. Babcock. Talvez decida que não sou o homem indicado.

— Não se preocupe com isso. Falei com ele pelo telefone, e ele ficou mais do que satisfeito com a perspectiva de ter você.

Strand suspirou, olhou à volta, para a água azul da piscina, para as imaculadas toalhas de praia, as dunas brancas, o mar brilhante.

— Não podemos ficar aqui até as aulas começarem, você sabe. Uma coisa é virmos para cá para um fim de semana e depois permanecermos por causa de uma emergência, mas...

— Russell não permitirá que você toque nesse assunto também. Conversei com ele sobre isso, ou, ao menos, *tentei* conversar com ele.

— Então?

— Disse a ele que levaria você de volta para casa assim que pudesse sair do leito.

— E então?

— Perguntou-me se eu estava tentando matar você.

— Mas em que transtorno me transformei!

— Cale-se — ordenou Leslie. — É claro que ele estava sendo melodramático, mas não há dúvida de que isto aqui é muito melhor para você. Os Ketleys, a brisa do mar. Não possuímos ar-condicionado em casa, e está fazendo um calor sufocante na cidade. Russell diz que ter você aqui é o mínimo que poderia fazer por um homem que ele quase deixou afogar-se praticamente diante de seus olhos.

— Ele tem um curioso conceito de valores — comentou Strand.

— Quisera que existissem mais iguais a ele. A propósito, estou quase certa de que não é Linda Roberts.

— O que não é Linda Roberts?

— O suposto caso.

— Oh, isso. — Outro mundo. Outras pessoas. — Por que não?

— Ele apenas toma conta dela. E do dinheiro. É o executor do testamento do marido de Linda. O marido deixou-lhe uma fortuna, mas Russell diz que, se tivesse sido deixada a cargo dela, aos seus próprios desmandos, não teria sobrado um níquel. Ela é facilmente convencida por alguém com boa lábia. Russell diz que os aproveitadores não a deixam em paz. Russell impediu-a de se casar por duas vezes com homens que só estavam atrás do seu dinheiro. Cuida dela porque ela tem bom coração e o marido era um grande amigo seu, e porque ela é muito sozinha. É por isso que não pára de falar quando surge uma oportunidade, diz ele. Mais generosidade. A seu próprio modo. Com seu tempo, sua afeição, tudo.

— Ele é isso mesmo — concordou Strand. — Mas o que isso impede...

— Eu o vi caminhando pela praia com Nellie Solomon.

— E daí?

— Existe uma maneira especial de um homem e uma mulher caminharem juntos quando pensam que ninguém os está vendo.

— Ora, vamos, Leslie.

— Russell caminhou na praia comigo — insistiu Leslie —, e eu o vi caminhar com Linda Roberts e com Eleanor. Posso garantir que existe uma diferença. Uma grande diferença.

— Você não está querendo fazer fofocas, está? — perguntou Strand, apesar de saber que Leslie nunca fazia fofocas.

— É apenas intuição — respondeu ela. — Não tome por nenhuma revelação divina.

Mas ele sabia que Leslie estava certa. Sentiu uma pontada de inveja de Russell Hazen, e ficou desapontado com Nellie Solomon.

Descargas elétricas através de uma mesa de jantar. Lembrou-se do leve toque que a sra. Solomon dera em sua perna quando a sra. Roberts fizera uma observação sobre a França.

— Bom para ele — disse Strand. Ficou imaginando se Herbert Solomon seria um homem condescendente. Não parecia ser desse tipo. Desejava o bem de todos. Lembrou-se da carta de Judith Quinlan que não abrira; ele também era culpado. A revolução sexual, com suas ligações sem maiores conseqüências, era coisa para os jovens. Estava envolvido por uma doutrina severa. Fechou os olhos, sentindo o calor do sol nas pálpebras, e ficaram algum tempo em silêncio.

Outro assunto.

— Lamento — queixou-se ele — ter estragado as férias de Eleanor.

— A Grécia ainda estará no mesmo lugar o ano que vem — replicou Leslie.

— Será que ela pensava que eu ia morrer? — falou com os olhos ainda fechados. — Foi por isso que não viajou?

— Não sei o que Eleanor pensou. Apenas quis ficar. Agora voltou a trabalhar. Deixou de aproveitar a última semana. Acho que breve teremos notícias importantes da parte dela.

— Como o quê, por exemplo?

— Como nos dizer que vai casar-se.

— Como você se sente quanto a isso?

— O de sempre, Triste e contente. Formam um lindo casal.

— Isso é o bastante?

Leslie suspirou.

— Talvez só dentro de vinte anos possamos saber.

— Formávamos um lindo casal pela metade — comentou Strand.

Leslie riu.

— Telefonei para os meus pais contando a eles sobre você, e mandaram seus melhores votos. Meu pai disse que o achou um homem pouco saudável desde a primeira vez em que pôs os olhos em você.

Strand deu um risinho fraco e irônico.

— Palm Springs não conseguiu mudá-lo.

— Disse que é surpreendente que todo mundo em Nova York ainda não tenha tido um ataque cardíaco. Disse que devíamos mudar-nos para Palm Springs, que faz milagres para o coração.

— Diga a ele que me mudarei para Palm Springs no dia em que ele sair de lá.

— Vejo que, de fato, está se recuperando — disse Leslie, vivamente.

— De qualquer forma, eu não estava em Nova York quando aconteceu — disse Strand. — E sim a meio caminho de Portugal.

Ficaram novamente em silêncio, Strand ainda com os olhos fechados.

— *Você* pensou que eu ia morrer?

— Não.

— Por que não?

— Porque não teria podido suportar.

Herb Solomon apareceu no terraço onde Strand se encontrava deitado. Strand estava sozinho. Leslie descera para algum lugar na praia, com Linda Roberts. Leslie estava pintando, e Linda, pensou ele,

falando. Leslie tinha feito anos na semana anterior, e Hazen fizera-lhe uma surpresa dando-lhe um cavalete dobrável portátil e um extravagante conjunto de tintas a óleo e pincéis. Caroline estava trabalhando numa clínica veterinária em Nova York, e Jimmy também se encontrava na cidade, passando uns dias. Hazen também estava em Nova York. Solomon mantinha ainda o aspecto de George Washington, mesmo vestindo *jeans* e uma camiseta de mangas curtas. Trazia consigo uma grande caixa de madeira com algo embrulhado em papel de alumínio.

— Bom dia — cumprimentou. — Soube que as visitas já são bem-vindas por você.

— Quanto mais, melhor — concordou Strand. — Por favor, sente-se.

Solomon pôs a caixa sobre uma das mesas.

— Nellie fez um pão doce para você — disse ele, abrindo o papel de alumínio. Era um pão enorme, com uma cobertura marrom que cheirava maravilhosamente bem. — Ainda está quente. Ela é uma das que acreditam enormemente em pães feitos em casa. Farinha sem alvejantes artificiais, produtos naturais, esse tipo de coisa. Diz que o pão deve ser feito com amor. Achou que poderia tentar seu apetite.

— De fato, é tentador — concordou Strand, sem saber ao certo o que diria a etiqueta sobre aceitar um pão doce do marido da mulher que supostamente teria um caso com o anfitrião. Mãos ocupadas na cozinha e em outros lugares. — Agradeça à sua mulher por mim. — Esticou a mão, partiu um pedacinho do pão e provou-o. Estava delicioso, correspondendo, assim, ao cheiro e ao aspecto. — Hummm — fez ele. — Não quer um pouco? — Pão, sal e cumplicidade. Os laços da amizade.

— Tenho de cuidar do peso — desculpou-se Solomon, sentando-se. E de outras coisas, também, pensou Strand. Solomon lançou um olhar aprovador à sua volta. — Você é um homem de sorte, Allen — disse ele.

— Pode dizer de novo.

— Não me referi ao fato de ter sido arrebatado das águas, mas sim a um lugar como este, ao fato de poder estar aqui para recuperar-se. . . Bem, sabe o que quero dizer.

— Eu sei.

— Não existe nada que Russell Hazen não faça por um amigo — continuou Solomon. — É próprio de sua natureza. Eu o conheço. É meu advogado há quinze anos. No mundo. . . da música, eu sou uma espécie de gigante... porém, no mundo dos negócios, entre firmas do tipo com que Russell lida, não passo de um pigmeu. Mas ele se preocupa comigo assim mesmo. Já houve ocasiões em que eu me teria afundado até o pescoço se não fossem os conselhos de Hazen. Ele não é um homem feliz. — Solomon olhou cauteloso à sua volta. — Suponho que você já tenha ouvido algumas das histórias.

— Algumas — respondeu Strand, sem qualquer disposição para histórias.

— Não é um homem feliz, mas é algo raro. . . um homem generoso. Generoso, porém sem sorte. É incrível como essas duas coisas andam juntas. Tento manter um equilíbrio sensato. — Solomon deu uma risada, um baixo rouco e profundo. — Russell tem receio de que você não se cuide direito. — Súbito, a voz de Solomon adquiriu uma entonação grave: — Tornou-se muito apegado a você. A toda a sua família. Com razão, diga-se de passagem.

— Como você disse, ele é um homem solitário.

Solomon assentiu melancolicamente com a cabeça.

— Uma noite, quando havíamos passado um pouco da conta na bebida, confidenciou-me ter consciência do momento em que cometera o maior erro de sua vida. . . quando disse, pela primeira vez, "sim, papai". — Solomon fez uma careta. — Antigas famílias americanas. Felizmente, venho de uma nova família americana. Nellie disse que pensou que você fosse judeu — Solomon deu um risinho irônico. — Deu para pensar que *todo mundo é judeu*. Você já foi casado alguma outra vez?

— Não.

— Isso explica — disse Solomon. — Nellie é minha segunda mulher. . . e a última. Tenho dois filhos, uns garotos terríveis. Não dela — acrescentou rapidamente. — Eis um motivo... as crianças. Para chorar lágrimas amargas. — A expressão do seu rosto tornou-se sombria ao dizer isso. — Converse com Russell quando tiver uma oportunidade. Você deveria escrever um manual, com a prole que tem. *Como educar seres humanos no século XX*. Venderia, mais que a Bíblia. Escreva mesmo, amigo. Você tem muito por que agradecer.

— Eu sei — concordou Strand; contudo, não sabia ao certo se as razões que tinha para ser grato seriam aquelas em que Solomon pensava.

Solomon perscrutou Strand pensativamente, Washington revendo suas tropas. Teria sido em

Valley Forge ou Yorktown?

— Pensando bem, você não me parece estar com aspecto de todo mau — continuou Solomon. — Um pouco magro, talvez. Mas está adquirindo um bronzado bonito.

— Os médicos disseram que eu poderia viver até os cem anos.

— Mas quem gostaria de viver até os cem anos? — observou Solomon. — Que coisa mais trabalhosa e cansativa!

— Exatamente o que penso. — E ambos riram.

— Tive uma conversa muito interessante com seu filho — disse Solomon. — É um rapaz muito inteligente. Ele disse a você que começará a trabalhar para mim a partir de segunda-feira?

— Não.

— Oh! — Solomon parecia surpreso.

— Acho que ele crê que eu não aprovo seu envolvimento no mundo da música — observou Strand.

— E você?

— Não quero vê-lo desapontado. É algo tão incerto! E não faço a menor idéia do quanto ele possa levar jeito para a coisa.

Solomon assentiu com a cabeça, sério.

— Expliquei tudo isso a ele. Ouvi-o novamente e fiz algumas pessoas que trabalham comigo escutá-lo também. Disse tudo com todas as letras. Não é a Calçada da Fama, é a Rua da Amargura, expliquei a ele. Velha piada chinesa. Para todos os que conseguem existem milhares de outros que não têm a mesma sorte. É uma vida triste, fica-se rondando às vezes durante anos, esperando por uma oportunidade, e o pior talvez seja consegui-la e depois perdê-la. Expliquei-lhe tudo, sem meias palavras. Disse que possuía um toque agradável e uma voz regular, mas que não existia nada de novo no modo de ele tocar e cantar, e que suas músicas. . . as que ele compõe. . . não são absolutamente originais. Disse ainda que não achava que ele tivesse aquele algo mais, aquela eletricidade que faz um artista popular.

— E como ele encarou isso?

— Como um soldado — respondeu Solomon.

— Mas você disse que ele ia trabalhar para você. . .

— Nos escritórios — esclareceu- Solomon. — Não como cantor ou instrumentista. Oh, pode ser que daqui a uns dois anos, depois de alcançar uma certa maturidade, encontre um estilo. Um som, como ele mesmo diz. Além do mais, posso, é claro, estar errado. Já estive errado antes. — Sorriu, azedo, lembrando-se de seus erros, das oportunidades perdidas. — Mas, como eu disse, Jimmy tem realmente um bom ouvido e conhece tudo sobre a safra de artistas em voga, os que são bons, os que apenas enganam, o que já fizeram. Penso que será de muita utilidade em separar aqueles que realmente não têm nenhuma chance e que entram aos borbotões pelo meu escritório daqueles, e são muito poucos, que devem seguir seu caminho até o fim. Não é um trabalho criativo como o que ele gostaria que fosse, mas é criativo do mesmo jeito. Entende o que estou querendo dizer?

— Creio que sim. E ele disse que faria isso?

— Sim.

— É muito gentil de sua parte dar-lhe uma oportunidade.

— Não é gentileza. São negócios. Sinto que posso confiar no julgamento dele. Isso não me acontece frequentemente com relação às pessoas.

Enquanto Solomon falava, Strand começou a revelar para si mesmo um novo retrato daquele homem. Não o jovial contador de piadas em jantares festivos, com aquele sotaque nova-yorquino na voz, não o amável vizinho trazendo um pão doce de presente, e sim um homem sagaz, de modos enérgicos, honesto e implacável em suas avaliações de possibilidades, personalidades, virtudes e erros.

— Jimmy será um garoto de sorte — disse Strand — em ter você como patrão.

— Espero que ele também pense assim. E espero que isso seja verdade. As arapucas existem aos milhares. — Solomon levantou-se. — Não quero cansar você. Vou perambular por aí.

— Você não está me cansando, em absoluto. O médico me disse que devo levantar-me amanhã e começar a dar caminhadas. Um quilômetro por dia.

— A verdade é que preciso pegar o carro e ir até a cidade. Tenho de estar no escritório por volta das duas. Uma cantora que acabou de gravar para nós decidiu não ter gostado do resultado, ou o imprestável do seu marido lhe disse isso, e ela quer fazer tudo outra vez. Haverá lágrimas. — Deu um

amplo sorriso, saboreando com antecipação a cena no escritório à tarde. — Haverá um ultimato. Economizarei cerca de cinquenta mil dólares. Nellie vai ficar por aqui. Ela gostaria muito de vir dizer alô a você.

— Seria ótimo.

— Direi a ela. Cuide-se bem, Allen. Não o pescaram das ondas para definhar entre nós. — Preparou-se para sair.

— Ok — exclamou Strand. — Receio não ter ainda agradecido a você pelo gravador e as fitas.

Solomon deu de ombros.

— Isso não é nada. Faço distribuição de música da mesma forma que os homens com cestos distribuem roscas na Fifth Avenue. Quando você estiver recuperado, precisa ir jantar comigo e Nellie. Ela disse ter ficado encantada com você naquele jantar.

— Trocamos segredos — disse Strand, e acenou com a mão enquanto Solomon se retirava.

Strand ficou olhando durante muito tempo para o mar; então, instintivamente, estendeu, a mão e partiu outro pedaço de pão.

"Ainda não presenciei nenhum *pogrom*", dissera Nellie Solomon no jantar. Judeus, assassinados e sobrevivendo, convidados para tudo.

Strand tirou um naco do pão, saboreando o trigo vindo diretamente da terra.

Feito com amor.

Cochilou. Cochilar, pensou, enquanto o barulho das ondas ia se perdendo na consciência, cochilar pode tornar-se uma ocupação de tempo integral.

Foi despertado pelo som de vozes. Leslie e Linda Roberts subiam os degraus do terraço, vindas da praia. Leslie carregava o cavalete e a tela na qual estivera trabalhando, e Linda, a grande caixa com as tintas, os pincéis e a paleta de Leslie. Ambas estavam descalças, e Linda vestia um maiô cor-de-rosa que revelava ser ela possuidora de um belo corpo, longas pernas e cintura estreita. Os ombros magros e os seios insignificantes estavam na moda, a figura feminina em voga nas revistas nas quais garotas esqueléticas posavam com os vestidos mais modernos. Uma vez mais Strand teve dúvidas sobre Hazen e Linda Roberts. Os homens se preocupavam com esse tipo de coisa, hoje. Poderiam ser ambas — a sra. Solomon e a sra. Roberts? Talvez Hazen não fosse tão sozinho como afirmara Solomon. Não de todo. Lembrou-se de Linda Roberts através da nuvem de espuma, cambaleante ao sentir as ondas chocarem-se com ela, o braço erguido, o rolo de cordas para o resgate pronto para ser lançado. Depois, quando acordara naquele entorpecimento, estendido na areia molhada, a sensação dos lábios dela nos seus, insuflando a vida nos seus pulmões. Sim, ela era muito mais do que um corpo elegante. As pessoas não podiam ser julgadas pelas conversas à mesa de jantar. Algum dia diria tudo isso a ela. Mas teriam de estar sozinhos.

Leslie estava com uma saia curta de algodão e uma blusa folgada, de malha, que deixava à mostra seus braços nus. Estava adquirindo um tom de pele bronzeado, também, e isso lhe ficava muito bem.

— Como passou a manhã? — perguntou Leslie, ao chegar ao terraço.

— Bem — respondeu Strand. — E a sua manhã, como foi?

— Um feliz realizar de borrões ao léu — disse Leslie, colocando o cavalete no chão e apoiando a tela contra uma cadeira. Strand viu que ela apenas havia esboçado os contornos das dunas, com uma casa cinza ao longe, salpicara manchas de cores variadas aqui e ali, como uma indicação daquilo que iria completar mais tarde.

— Não chamaria isso de borrões — disse Linda Roberts. — Fico simplesmente maravilhada em ver como ela é decidida naquilo que faz. Mesmo tendo-me por perto, falando tolices em seu ouvido durante toda a manhã.

— Ela não esteve falando tolices — disse Leslie, dirigindo-se ao marido. — Visitou todos aqueles museus na Europa onde nunca estive, e comecei a formar uma idéia do que estou perdendo. Linda, não seja modesta, você conhece bastante de pintura.

— Russell cuida de mim — explicou a sra. Roberts. — Faz-me comprar quadros. Alguns deles bastante curiosos, de fato. É ele quem me induz a esse tipo de compra nas galerias daqui e nas de Paris. Diz ele que eu devia me tornar um patrono das artes. Ou *patronesse*? Ninguém se interessa mais por palavras como essa. Presidente, sra. presidente, presidenta, sra. presidenta. O mundo está ficando complicado demais. Mulheres na Academia da Marinha. Vocês iam ficar surpresos diante da

quantidade de cartas que recebo de organizações feministas pedindo meu apoio para o aborto e só Deus sabe o que mais. Contudo, é uma excelente forma de passar a manhã, ficar olhando uma mulher bonita fazendo algo e *sabendo* o que está fazendo.

— Fiz uma boa encenação — disse Leslie.

— E, além disso, o piano — acrescentou a sra. Roberts. — Isso me faz ficar completamente atônita. Agora preciso ir até a cidade dar um jeito no cabelo. A praia, o sol e o mar são maravilhosos, e fico contente por Russell deixar-me a casa à disposição, mas é um pecado o que faz com os cabelos. Leslie, espero que não tenha perturbado você com. .. bem, aquilo que conversamos.

— Não, em absoluto — respondeu Leslie, rapidamente.

— Bem, vejo todo mundo no almoço — disse a sra. Roberts, e entrou na casa.

— Do que ela estava falando? — perguntou Strand. — Sobre o que vocês conversaram?

— Nada.

— Ora, vamos, Leslie. — Podia perceber que ela *estava* perturbada.

— Bobagens. Ela não pára de falar. Externou apenas o que pensava. — Suspirou. — Sobre o nariz de Caroline.

— Pobre Caroline — disse Strand. — Tenho muito pelo que me responsabilizar. Linda andou falando com Eleanor?

— Não. Linda pensou por si mesma.

— Bem, o que alguém poderia fazer a esse respeito?

— Ela acha que Caroline devia fazer uma operação. Agora. Antes de ir para a faculdade. Ficaria simplesmente maravilhosa, diz Linda; os rapazes não se cansariam de ir atrás dela.

— E o que há de tão bom nisso?

Leslie deu de ombros.

— De acordo com Linda, mudaria totalmente a maneira de Caroline ver a vida. Citou exemplos. Sobrinhas, colegas de escola, criaturinhas tímidas que agora vivem como duquesas.

— Caroline parece estar indo muito bem, apesar do nariz — disse Strand, na defensiva. — Aquele rapaz, aquele que está no segundo ano de Weslean, George Anderson, vem apanhá-la quase todas as noites.

— Não gosto dele — retrucou Leslie.

— Isso não vem ao caso. É a primeira vez que um rapaz, qualquer rapaz, demonstra interesse por ela.

— Não passa de um rapazinho mimado — falou Leslie, ignorando o que dissera Strand. — Um rapaz daquela idade com um carro luxuoso daqueles. — Ele tinha um Corvette. — E o modo como ele dirige, correndo pelas ruas, e pára deslizando o carro numa vaga como se fosse uma estrela de cinema. Não gosto dele, absolutamente. É muito pouco educado conosco e briga com Caroline se ela se atrasa um minuto e sua alteza tem de esperar. Eu lhe digo, fico sentada todas as noites esperando até ela voltar, coisa que nunca fiz com Eleanor e qualquer um de seus namorados.

— Eleanor era diferente. Nariz nada tem a ver com isso.

— Quem pode afirmar?

— Contudo — observou Strand —, ela volta cedo para casa e inteira, não é?

— Até agora — respondeu Leslie, sombria.

— Ficaria agradecido a Linda Roberts se ela guardasse suas opiniões para si mesma.

— Está pedindo isso para a pessoa errada — disse Leslie, rindo. — Não falemos mais sobre o assunto agora. Um homem que apenas começa a se recuperar de um ataque cardíaco tem coisas mais importantes com que se preocupar. Eleanor virá passar o fim de semana conosco e vou aproveitar para ter uma conversinha com ela.

— Você quer dizer que está levando isso realmente a sério? — perguntou Strand, incrédulo.

— Meio a sério. Oh, Jimmy telefonou hoje de manhã. Você estava dormindo e preferi não acordá-lo. Conseguiu um emprego.

— Eu sei. Herb Solomon esteve aqui e contou-me tudo. Trouxe um pão doce feito pela mulher dele. Vamos comê-lo no almoço. O sr. Ketley levou-o para a cozinha.

— Isso foi gentil da parte dos Solomons. O que você acha do emprego?

— Não irá matá-lo.

— Jimmy é tão jovem para esse tipo de emprego!

— Vai amadurecer rápido nesse tipo de negócio.

Leslie suspirou.

— Acho que vou consultar uma quiromante, para descobrir o que vai acontecer conosco nos próximos cinco anos. Linda conhece uma cigana, em Greenwich Village, que diz ser absolutamente fantástica. Entende de horóscopos. Ela previu a morte do sr. Roberts.

— É exatamente o tipo de coisa de que precisamos nesse momento — comentou Strand, irônico.

— Diga a Linda Roberts que se esforce para vir a ser um patrocinador ou patrocinadora ou seja lá o que for das artes.

— Ela tem boas intenções. Não é tão tola como parece.

— Só se for de longe — falou Strand.

— Ela não é segura de si mesma. Tem medo do futuro e ainda não conseguiu superar a morte do marido. Não se sente à vontade com a imagem de viúva rica e esconde tudo isso fazendo o papel de frívola. Prefere que as pessoas riem com ela a que sintam pena. Cada um com seu disfarce.

— Qual é o seu? — perguntou Strand.

— Finjo ser uma mulher adulta e séria, quando, na verdade, não passo de uma juvenzinha de dezoito anos que não sabe ao certo se os rapazes a apreciam ou não. — Riu, levantou-se e inclinou-se para dar-lhe um beijo no alto da cabeça. — O sol não está fazendo mal aos *seus* cabelos — observou ela. — Vou entrar e me preparar para o almoço.

Mas, quando entrou na casa, ele a ouviu tocar piano, algo triste e complicado que não conseguiu reconhecer.

Certa vez, ao chegar à sala de estar do apartamento deles, enquanto Leslie tocava Bach ao piano, perguntara o que ela pensava quando se sentava ao piano.

"Tenho esperanças", respondera, "de estar me dirigindo a Deus."

Agora, sentado à beira-mar, com um bronzado que lhe dava um simulacro de saúde, débil ainda mas livre dos tubos, máquinas e mostradores faiscantes do hospital, ouvia a melancólica e pouco familiar música de sua mulher, que havia sido aconselhada a consultar no centro da cidade a cigana que havia avisado Linda Roberts sobre a morte do marido. As estrelas em seus caminhos, o destino na rotação dos planetas, a morte pelos corredores.

Deus, pensou ele, frágil em sua confortável espreguiçadeira com a manta sobre os joelhos, o que vai acontecer comigo? O que vai acontecer a todos nós?

PARTE DOIS

1

De pé, na janela do Hotel Crillon, ele olhava para o obelisco, cavalos de pedra empinados, afixados na nobre extensão da Place de la Concorde. À luz indistinta, com o Sena e a Câmara dos Deputados à distância, a praça estava quase vazia, porque, como Hazen explicara quando chegaram, todo mundo deixava Paris em agosto. Para Strand, estar ali parecia-lhe quase um milagre. Quando Hazen lhes dissera que tinha negócios urgentes na Europa e que a companhia para a qual trabalhava lhe estava emprestando o jato da corporação para atravessar o Atlântico, e, como havia lugar e Hazen detestava viajar sozinho, propôs aos Strands e a Linda Roberts que o acompanhassem, imediatamente Strand havia dito "Impossível". Ele sugerira a Leslie que ela fizesse a viagem, mas Leslie respondera que não iria sem ele. Tentou alegar a doença, mas já estava caminhando quase dois quilômetros por dia, na praia, e a verdade era que ele estava em tão boas condições quanto um homem da sua idade que estivera às portas da morte apenas havia seis semanas tinha o direito de estar, e o dr. Caldwell dissera que a viagem lhe faria bem. A generosidade da oferta de Hazen o embaraçara, mas Leslie estava tão animada para ir que ele sentira que seria cruel privá-la da experiência. Eleanor também tinha dito que era um pecado rejeitar os presentes que um destino benevolente, na pessoa de Russell Hazen, lhe oferecia. As mulheres, pensava Strand, aceitam favores com mais naturalidade do que os homens. Dissera sim, com relutância, mas agora, depois de uma semana em Paris, caminhando lentamente pelas ruas cujos nomes conhecia de suas leituras desde que era rapaz, sentando-se nas calçadas dos cafés e lendo *Figaro* e *Le Monde*, satisfeito por

ainda se lembrar um pouco do francês da faculdade, estava grato por Leslie ter insistido.

Na verdade, não havia nenhuma razão urgente que o prendesse na América, no momento. O sr. Babcock o visitara e, como Hazen garantira, era um homenzinho de meia-idade, amável e tímido. A entrevista fora discretamente breve e, depois de ter descrito em linhas gerais a natureza das obrigações de Strand, Allen sentiu-se aliviado por ver que, depois de todos aqueles anos como professor de história, não tinha necessidade de preparar suas aulas. Leslie fora a Dunberry para examinar a casa onde iriam morar e considerou-a habitável. Precisariam de um carro para levá-los à cidade, mas Hazen oferecera a velha perua, e o sr. Ketley dera aulas de direção a Leslie. Era uma motorista nervosa, mas passou no exame na primeira tentativa e agora já tinha a carteira.

Embora, devido à sua galeria e à vida social, conhecesse — conforme ela disse — montes de franceses, Linda sugeriu que aproveitassem mais vendo o que os franceses tinham produzido e colecionado através dos séculos do que se envolvendo com os franceses em si, já que aquela era a primeira visita que faziam. Tomando a sugestão como um sábio conselho, ficaram afastados e escaparam aos rigores de uma vida social não realmente bilíngüe. Como Linda disse, eles tinham sido poupados do desapontamento de comparar o que os franceses realizaram com aquilo em que os franceses se tinham tornado.

O circuito turístico de Strand era limitado, pois o dr. Caldwell o prevenira para evitar excessos. Sua tentativa de acompanhar Leslie e Linda Roberts em seus giros incansáveis aos museus, galerias e igrejas por certo não teria recebido a aprovação do dr. Caldwell. Portanto, caiu rapidamente numa rotina cômoda e feliz, passando a maior parte dos dias por conta própria. Dormia tarde, acordava no imenso quarto lindamente mobiliado para tomar o café da manhã com Leslie. Quando ela saía para se encontrar com Linda Roberts, voltava para a cama e dormia mais uma hora. Depois, barbeava-se, tomava banho e ia caminhar sem compromisso, olhando as vitrinas da Rue du Faubourg St.-Honoré ou da Rue de La Paix, admirando a exuberante exibição das lojas, mas sem a ânsia da aquisição. Encontrava-se com as senhoras no almoço, em algum bistrô, ouvindo com divertida imparcialidade suas descrições dos tesouros que tinham visto naquela manhã, depois voltava ao hotel para uma sesta, sem pressa, contente por deixar que Paris se alvoroçasse sem ele por um momento, antes que saísse outra vez para ficar sentado num *terrasse* aberto, com os jornais, embalado pelo som de uma língua que não entendia muito, meio lendo, meio observando, com um pequeno sorriso nos lábios, o espetáculo ao vivo dos pedestres, aprovando, sem sensualidade, as mulheres e meninas bonitas que passavam, ficando intrigado pela quantidade de turistas japoneses que, como ele, estavam em Paris no momento.

O próprio Hazen só aparecia em raras ocasiões. Viajava para uma cidade diferente quase todos os dias, Viena, Madri, Zurique, Munique, Bruxelas, tentando deslindar, como ele dizia, um caos multinacional. "Não sentirão minha falta", dissera a Strand. "Linda conhece Paris melhor do que muitos franceses, e não poderiam ter guia melhor."

Entre as coisas que Linda conhecia de Paris, uma delas era onde encontrar os melhores restaurantes abertos em agosto, e, pela primeira vez desde o seu vigésimo aniversário, Strand percebeu que aumentara de peso e ia para a cama à noite um pouco embriagado de vinho francês.

Hazen convidara Caroline para acompanhá-los, mas ela, com uma nova e inesperada seriedade, dissera que não podia interromper o treinamento. Quando ela não estava na pequena clínica de animais, treinava durante horas todos os dias com o técnico do colégio de East Hampton, e já tinha melhorado seu tempo nos cem metros e estava treinando nos duzentos. "Não ousaria ir", disse quando soube que estava incluída no convite de Hazen. "Tenho o resto da vida para conhecer a Europa, mas este é o verão em que tenho de chegar a 10.5. Não suportaria a idéia de aparecer no Arizona e ser um fracasso absoluto, e saber que todo mundo estaria perguntando: 'O que esse cavalo gordo está fazendo na pista?'" Hazen concordara com Caroline e garantira a Strand que os Ketleys tomariam muito bem conta dela. O sr. Ketley estava interessado em sua nova carreira e descobrira um livro sobre dieta para atletas, e sua mulher preparava refeições especiais para ela.

Assim, era um homem de cinquenta anos em paz consigo mesmo, usufruindo sobriamente prazeres estrangeiros, que estava de pé, na janela do grande quarto, à luz do pôr-do-sol, olhando para o coração de um país que havia muito tempo amava e que jamais esperara visitar.

Nessa noite, Hazen chegou de Madri a tempo para levá-los a jantar num pequeno e elegante

restaurante que servia comida da Borgonha, com seus respectivos vinhos. Estava com uma ótima disposição e brincou com o *maître* comentando como os preços no La Tache tinham subido desde a última vez que estivera lá. Strand não vira a lista dos vinhos, mas, pelos algarismos no cardápio, imaginava que a refeição para os quatro custaria acima de duzentos dólares. Quando foi instalado no luxuoso quarto do hotel, que dava para a Place de la Concorde, protestara suavemente junto a Hazen por causa de sua extravagância. "Tolice, homem", dissera Hazen. "O gosto pelo luxo faz parte da educação de qualquer ser humano inteligente. Ensina-lhe como o luxo é desnecessário."

Muito fácil de dizer, pensou Strand, para um homem que herdou uma casa com dezesseis dormitórios.

Linda Roberts, que ouvira a conversa por acaso, confidenciou mais tarde para Strand: "Não frustre o complexo de Papai Noel de Hazen. Ele fica muito irritado quando pensa que as pessoas estão impedindo que distribua sua prodigalidade para nós, camponeses".

O "nós" foi incluído diplomaticamente, pensou Strand, e era típico da natureza gentil de Linda. Sua gratidão por ela crescia todos os dias ao ver como dedicava todo o seu tempo para fazer da visita de Leslie a mais proveitosa possível e como o rosto de Leslie resplandecia quando voltavam depois de uma tarde nas galerias ou uma visita ao estúdio de um jovem pintor que, Linda tinha certeza, ficaria famoso um dia: "Se uma pessoa não pinta aqui", disse ela, seu entusiasmo pela cidade sobrepujando seu costumeiro e notável senso crítico, "não pinta em mais nenhum lugar."

Durante a refeição, que constava de *jambon persille*, *entrecôte marchand de vin* e uma pequena torta de pêra quente, Linda comentou:

— Já atravessei o oceano quarenta e cinco vezes, e esta foi a melhor de todas. — Ergueu o copo. — Acho que deveríamos fazer um brinde ao grupo que a tornou possível.

Assim, todos beberam, felizes, à saúde de si mesmos. Hazen tinha bebido copiosamente, e quando tomavam café estava expansivo e jovial.

— Tenho uma idéia — disse ele. — Tenho três dias livres antes de voar para a Arábia Saudita, e proponho aproveitarmos o máximo. Leslie, você já esteve no vale do Loire?

— Mal ultrapassei New Haven — respondeu Leslie, corando sob os efeitos do vinho. Ela comprara um vestido novo (porque Linda tinha dito que uma mulher não podia apenas *passar* por Paris, mas tinha de ter alguma coisa que comprovasse a passagem), que lhe assentava muito bem, roxo-escuro, justo, ousadamente decotado, exibindo seu bronzeado de Hampton e o contorno encantador do busto. "Meu traje colante", disse ela a Strand ao vestir-se. "Espero que não esteja chocado."

"Estou embevecido", dissera Strand, com sinceridade, sem exagerar muito.

— Por que não alugamos um carro amanhã de manhã e vamos dar uma olhada nos castelos e beber um pouco de Vouvray? — sugeriu Hazen. — E se ainda estiverem encenando os espetáculos *Son et lumière*, o bom e velho Allen poderá recordar sua história francesa.

— Em Chenonceaux — disse Strand, exibindo-se um pouco — Catarina de Médicis costumava torturar seus prisioneiros no pátio, para deleite das damas e cavalheiros, seus convidados.

— Os franceses sanguinários — comentou Hazen.

— Pelo que li — prosseguiu Strand —, pararam com a prática. Pelo menos como diversão pública.

— Agora fazem por lucro. Para os americanos. Nos negócios e na política. Mas dê a eles um ou dois séculos — disse Hazen —, e provavelmente estarão restabelecendo a prática. De qualquer forma, não farão isso dentro dos próximos três dias, a menos que o governo mude e que os comunistas tomem Orléans. O que dizem, todos prontos às dez da manhã?

— Russell — opinou Linda —, você esteve perambulando tanto por aí que acho que podia ficar descansando um ou dois dias. Por que não vamos até Nice, para minha casa em Mougins? Ouvi dizer que o tempo está divino agora, e os jardins estão no apogeu.

Hazen franziu a testa.

— Linda — retrucou ele, com surpreendente rispidez —, Leslie e Strand não voaram quatro mil e oitocentos quilômetros para ficarem sentados num maldito jardim. Eles podem sentar-se no meu jardim o tempo que quiserem, quando voltarem. Além do mais, disse aos pilotos que tinham três dias de folga. Precisam descansar.

— Podíamos ir a Nice pela Air France — sugeriu Linda —, como o resto da raça humana. E o vale do Loire estará apinhado de turistas. Teremos sorte se encontrarmos hotel.

— Deixe que eu me preocupo com isso — disse Hazen, erguendo a voz.

— Seria uma pena se Leslie e Allen voltassem para casa sem conhecer a minha casinha, em Mougins — insistiu Linda. — Devem estar cansados de hotéis, a esta altura. Só sei que eu estou. Há mais coisas na França do que hotéis.

— É uma pena que tenham de voltar para a América sem terem visto Verdun, e o Mont Saint-Michael, a Catedral de Rouen, as cavernas Lascaux e um milhão de Coisas mais — disse Hazen, em voz mais alta. — E eles têm mais duas semanas só. Meu Deus, você é uma mulher teimosa, Linda.

— Leslie, Allen — Linda voltou-se para eles. — O que gostariam de fazer?

Leslie olhou rapidamente para Strand, aguardando um sinal. Strand ficaria mais feliz permanecendo em Paris, fazendo exatamente o que estivera fazendo, desde que chegaram. Mas a exasperação na voz de Hazen não devia ser ignorada.

— Estou certo — respondeu ele, com tato — de que Leslie adoraria ver sua casa, Linda. Mas sei que lamentaria se perdesse a oportunidade de ver os castelos.

Leslie lançou-lhe um rápido sorriso de gratidão.

— Pronto — concluiu Hazen, satisfeito —, está acertado. E nada de mais discussões tolas, Linda. Se há uma coisa que odeio é discutir quando se está em férias. Já tenho discussões suficientes no trabalho.

— Já perdeu alguma vez, Russell? — perguntou Linda, gentilmente.

— Não. — Hazen riu, o bom humor restaurado.

— Fico contente por não trabalhar para você — disse Linda.

— Eu também. — Estendeu a mão e pegou a dela, beijando-a galantemente. — Então. . . dez horas da manhã. Traje esporte.

— Leslie — disse Linda —, sabe o que poderemos fazer quando nos livrarmos desse bruto? Podemos deixá-lo voltar para a América em seu avião de brinquedo e ficar para irmos a Mougins por nossa conta e voltarmos para casa quando desejarmos.

— Seria maravilhoso — exclamou Leslie. — Mas tenho de ir para casa e começar a me aprontar para a mudança. Temos de estar em Dunberry no dia 10 de setembro. Talvez no próximo ano. Uma coisa que aguardaremos com ansiedade, não é, Allen?

— Já estou aguardando com ansiedade — respondeu Strand. Se houver um próximo ano, pensou, ao dizer isto.

Deitado em sua cama, observava Leslie, de camisola, escovando o cabelo, diante do espelho da penteadeira.

— Foi uma noite agradável, não foi? — comentou ele.

— Mais do que agradável — concordou ela. — Como todas as noites. Exceto por aquele pequeno choque de vontades entre Russell e Linda.

Ele ficou deitado em silêncio por um momento.

— Diga-me, eu estava certo quando disse que você preferia ir ao Loire em vez de ir à casa de Linda?

— Esteve certo em dizer isso — respondeu ela, erguendo e descendo o braço em escovadas uniformes, constantes —, mas não era a verdade. No momento, estou saturada de circuito turístico. Alguns dias num jardim, no sul, teriam constituído um término perfeito para nossa viagem.

— Então, por que não se manifestou?

Leslie riu suavemente.

— Querido, são as férias dele.

— Desconfio que não tínhamos mesmo nenhuma escolha.

— Nem por um minuto. — Ela parou de escovar o cabelo e olhou-se no espelho. — Você acha que pareço mais moça do que parecia há duas semanas?

— Anos — respondeu ele.

— Também acho. — Recomeçou a escovar o cabelo. — Mas gostaria de dar uma olhada pelo menos uma vez no Mediterrâneo.

— Na próxima vez que viermos à Europa, pagaremos nossa viagem.

— Na próxima vez — repetiu ela docemente. — Quem é que sabe se haverá uma próxima vez?

Ele ficou perturbado com o eco de seu próprio pensamento. Vagamente, sentiu que, de alguma

forma, essa noite, ambos precisavam de conforto, e quase pediu que ela viesse para sua cama, para que ele pudesse dormir com seus braços em volta dela. Mas não disse nada. Não sabia se devia ficar orgulhoso de sua prudência ou desprezar-se por sua covardia. Fechou os olhos e pegou no sono ao som macio da mulher escovando os cabelos no quarto em penumbra.

Uma surpresa aguardava Strand, Leslie e Linda Roberts quando, de seus quartos vizinhos, desceram para o saguão, na manhã seguinte, às dez horas. Hazen os esperava acompanhado de uma loura extraordinariamente bonita, que segurava uma pasta de documentos. Estava vestida com severidade, com um simples conjunto de *tweed* e sapatos de saltos baixos.

— Esta é Madame Harcourt — ele pronunciou o nome em francês, o t final mudo. — Ela é do nosso escritório daqui e vai nos levar de carro. Vai para a Arábia Saudita comigo e ainda temos que cuidar de alguns negócios antes de partirmos. Não se preocupem, não precisam falar francês com ela. Sua mãe é inglesa. — Falou depressa, como se estivesse um pouco embaraçado com a chegada inesperada da sra. Harcourt.

— Essa é a primeira coisa que o sr. Hazen diz quando me apresenta a americanos — disse a mulher, sorrindo, e a expressão austera de eficiência de seu rosto desapareceu. Sua voz era baixa, agradável, tranqüila, e sua pronúncia era apocopada mas não irritantemente britânica. — É como se ele não quisesse ser acusado, nem por um instante, de favorecer os franceses.

— Ela é advogada — continuou Hazen. — Lido com advogados franceses apenas nos casos de extrema necessidade. Bem, a bagagem está no carro. Que tal partirmos? — Movimentou-se para deixar o saguão com a sra. Harcourt, e os outros o seguiram.

— Uma melhora bastante acentuada em relação ao bom e velho Conroy, não diria? — sussurrou Strand.

— Sobretudo esteticamente — disse Leslie.

Um grande Cadillac preto os esperava à porta, e a sra. Harcourt sentou-se no banco do motorista, com Hazen ao seu lado.

— A sra. Harcourt vai dirigir — avisou Hazen. — Detesto guiar, e saltaria do carro antes de chegarmos à Ponte St. Cloud se deixasse Linda ao volante; sei que Allen não tem carta e Leslie é muito novata no esporte para as estradas francesas. Estão todos bem instalados aí atrás? — Embora tivesse dito "traje esporte", usava um terno escuro e camisa branca, de colarinho, e uma sóbria gravata, fazendo Strand imaginar o que Hazen usaria num funeral. Apesar de ter aumentado de peso em Paris, Strand sentiu, com certo embaraço, que havia um vazio deselegante entre seu colarinho e o pomo-de-adao.

— Estamos muito bem — respondeu Strand. — Não poderia ser melhor.

A sra. Harcourt deu a partida e saíram. Ela dirigia com habilidade e segurança através do tráfego leve.

Era uma bonita manhã ensolarada mas não muito quente, e Strand recostou-se no banco, cheio de contentamento, deleitando-se em olhar para os prédios de Paris e, depois, para o terreno verde e ondulado do campo aonde chegaram depois de passarem pelo túnel sob o Sena, dirigindo-se velozmente para o sul.

Pararam em Chartres e entraram na catedral. Strand gostaria de ficar ali anos em longo estudo para absorvê-la, mas Hazen estava visivelmente irritado com um grupo ruidoso de turistas alemães cujo guia falava, na língua deles, em decibéis próprios para um comício político.

— Vamos sair daqui — resmungou Hazen, após dez minutos. — Estou com fome. — Mas recusou-se a almoçar em Chartres. — Recomendei a catedral, não a comida. — Disse que havia um lugar maravilhoso, um pouco além da rodovia, a meia hora dali.

Foi um ótimo almoço ao ar livre, num jardim, e Hazen mostrou-se jovial outra vez, pedindo duas garrafas de Montrachet para acompanhar a truta, enquanto fazia uma observação bem-humorada sobre o fato de não permitir que a sra. Harcourt bebesse nem um pouco, pois era ela quem dirigia e a carga do Cadillac era preciosa. Ela ouvia numa atitude cortês, mas quase não falava enquanto os outros o faziam. Estava calada, rígida, quase formal, como se a atmosfera festiva não a incluísse e estivesse consciente de ser uma empregada na presença do patrão. Trancou o carro cuidadosamente, pois deixara a pasta de documentos no banco da frente.

Mas quando Strand e Leslie caminhavam de volta para o carro, atrás dos outros, Leslie disse:

— É uma tapeação.

— O que é uma tapeação? — perguntou Strand, intrigado.

— O comportamento da funcionária e do chefe. Por nossa causa.

— Oh,, Leslie.

— Não é preciso ser um detetive para adivinhar que tipo de negócio eles têm para fazer no vale do Loire antes de partirem para a Arábia Saudita.

— Não acredito — disse Strand, ligeiramente chocado pela hostilidade que sentiu no tom de voz da mulher. — E, mesmo que estivesse certa, não é da nossa conta.

— Não gosto de pessoas que acham que podem jogar areia nos olhos da gente, é só — retrucou Leslie, os lábios apertados. — Madame Harcourt! Um par de sonsos, aqueles dois.

Strand ficou satisfeito quando chegaram ao local onde estava o carro. Era uma conversa que não desejava continuar.

Todos tinham quartos no mesmo andar do hotel, em Tours, e Strand percebeu o brilho malicioso no olhar de Leslie quando viu que o quarto deles e o de Linda ficavam numa extremidade do corredor e o de Hazen e da sra. Harcourt, carregando de novo a pasta de documentos, na outra extremidade.

— O que você supõe que ela tem dentro daquela pasta que carrega para todo canto? — perguntou Leslie.

— Segredos industriais — respondeu Strand. — Russell me contou que está representando uma companhia que está participando de uma concorrência para construir uma usina atômica na Arábia Saudita.

— Sou capaz de apostar que carrega uma ducha de lavagem — disse Leslie.

— Santo Deus, Leslie!

Leslie apenas deu uma risadinha ao transporem a porta do quarto.

No dia seguinte, Leslie manteve-se reservada e fria com a mulher ao visitarem os castelos de Chambord e Chenonceaux, mas, se Hazen ou a sra. Harcourt o perceberam, não deram demonstração disso. Leslie, porém, não escondeu sua satisfação diante das gloriosas construções de alvenaria, e, quando pararam no jardim simétrico e ficaram olhando para a galeria de Chenonceaux, construída em colunas de pedra sobre o rio Cher, disse a Hazen:

— Só este momento valeu a viagem. — Depois deu um beijo na face de Hazen.

Feliz, Hazen sorriu.

— Eu disse que isto seria melhor do que ficar sentado transpirando num jardim, enquanto os mosquitos estariam nos devorando. — Hazen olhou para Linda. — Da próxima vez, espero que aceite meu conselho sem que seja necessário providenciar uma intimação para você.

— Os mosquitos só aparecem depois que chove — falou Linda, com dignidade —, e, durante o verão, não choveu.

— Vai começar de novo. Sabe que está mentindo. — Hazen apelou para os outros. — Ouviram isso? Só depois que chove!

— Por favor — pediu Leslie —, por favor. Vamos deixar que a paz e a harmonia reinem entre nós. Pare de provocar o pobre homem, Linda.

— O ponto de ebulição dele é tão baixo — comentou Linda, sorrindo — que, às vezes, não resisto, só para ver quando o vapor vai começar a subir.

— Baixo ponto de ebulição! Sra. Harcourt, já me conhece há muitos anos e tem me visto ser provocado em questões importantes, extremamente provocado em questões importantes, extremamente provocado por procedimento desonesto, por incompetência total e por astúcia declarada. Alguma vez me viu explodir? — Agora, Hazen também estava se divertindo.

— Sempre se comportou como um modelo de decoro, sr. Hazen — disse a sra. Harcourt, seriamente —, em minha presença.

— Agora você está exagerando — disse Hazen, e depois juntou-se ao riso geral.

Mas, de volta ao quarto do hotel, preparando-se para o jantar, Leslie já tinha esquecido o alegre companheirismo da tarde.

— Ouvi algo sobre essa Mme Harcourt, esta tarde — falou ela.

— O quê? — Strand suspirou interiormente. Começava a gostar da mulher. Parecia modesta,

inteligente e alegre, e sua presença parecia suavizar o humor, de Hazen e torná-lo uma companhia mais agradável.

— Não há nenhum M. Harcourt. Ela é divorciada.

— Como descobriu?

— Linda me contou. A última vez que estive em Paris com Russell, a advogada assistente esteve lá o tempo todo, também. Divorciada.

— Divórcio não é um pecado venial. A maior parte das pessoas que se conhece é divorciada.

— Só achei que você gostaria de saber. Parece tão interessado na dama que pensei que talvez estivesse interessado em seu estado civil também.

— Oh, Leslie, o que é isso, agora? — reclamou Strand, aborrecido. — Sou apenas decentemente cortês.

— Todo mundo é decentemente cortês. — A voz de Leslie continha uma aspereza perigosa.

— "Sempre se comportou como um modelo de decoro, sr. Hazen" — ela imitou a pronúncia inglesa da sra. Harcourt — "em minha presença." Sr. Hazen. Você acha que ela o chama assim na cama, também?

— Oh, pare com isso, Leslie — ordenou Strand, com rispidez. — Está sendo ridícula.

— Não fale desse jeito comigo! — gritou Leslie. Então curvou-se na cadeira, cobriu o rosto com as mãos e começou a soluçar.

Naquele momento Strand ficou tão aturdido que nada conseguiu fazer. Depois, aproximou-se de Leslie, ajoelhou-se e abraçou-a.

— Desculpe-me, querida — murmurou ele. — Acho que andamos muito ao sol hoje e estamos um pouco cansados.

Ela afastou os braços dele com violência, ainda soluçando, com a maquilagem desfazendo-se.

— Deixe-me em paz. Deixe-me em paz.

Ele se levantou lentamente e dirigiu-se para a porta.

— Estarei lá embaixo — disse, em voz baixa. — Quando você descer, procure por mim, no bar. Silenciosamente, fechou a porta.

Quando os outros se reuniram a ele no bar, Leslie ainda não aparecera. Strand passara meia hora sozinho tentando imaginar o que estava errado com ela e não chegara a qualquer conclusão. Era uma mulher emotiva, mas não irracional, e sua explosão era misteriosa para ele. Nunca lhe dera motivos para ciúmes, e, nas ocasiões em que admirara abertamente uma mulher bonita, ela havia brincado com ele, de modo gentil. Muitas experiências novas e diferentes, decidiu, acumulando-se num período muito curto. Ele disse aos outros que Leslie estava cansada e tinha se deitado um pouco, e que deviam começar o jantar sem ela.

Estavam apenas no primeiro prato quando Leslie entrou no salão. Havia refeito a maquilagem e sorria, com uma expressão serena.

— Perdoem-me pelo atraso — disse, ao sentar-se na cadeira que Hazen segurava para ela. — Foi um longo dia. Estou faminta. Pelo aspecto e pelo cheiro, parece que tudo está delicioso. Obrigada, Russell. Qual é o seu prato, sra. Harcourt? Parece muito bom.

— Salsichas quentes da região e salada quente de batatas — respondeu a sra. Harcourt.

— Ouvi dizer que os homens gostam de mulheres que têm bom apetite — disse Leslie, e Strand começou a se preocupar com ela outra vez. — Vou querer o mesmo. Ficaria muito agradecida se pedisse para mim. Com o meu francês, não sei o que vou comer até provar.

O jantar continuou normalmente, com muita conversa sobre vinho da parte de Hazen e Linda, que defendiam os vinhos de Provença, embora Leslie acrescentasse alguns elogios aos vinhos brancos da Califórnia.

— Amanhã — anunciou Hazen, quando já estavam na sobremesa —, encerraremos com um circuito turístico. A sra. Harcourt tem um amigo nas redondezas que possui uma vinha e adega onde engarrafa *vouvray*, e ela me disse que são muito bons mesmo, e vamos a esse lugar, pela manhã, provar alguns deles. Todos concordam?

Todos concordaram. Strand decidiu que no dia seguinte passaria a chamar a sra. Harcourt pelo primeiro nome, se o descobrisse.

— O nome dele é Larimmendi — falou a sra. Harcourt. — O homem do vinho, quero dizer. Ele é

basco, mas apaixonou-se pela Touraine. Estudamos direito juntos, mas ele resolveu desistir da lei pela uva. Um homem inteligente. Quase me casei com ele depois que vi todas aquelas lindas garrafas na adega. É um homem encantador, mas bebe tanto do que produz que duvido que seria muito útil como marido...

Enquanto ela falava, Strand viu uma mulher alta, com um casaco cinza de lã que combinava perfeitamente com o prateado de seus cabelos, entrar no salão e parar na entrada, olhando como se estivesse procurando por alguém. Em seguida foi até a mesa deles. Enquanto ela se dirigia para Hazen, que estava de costas para o salão, Strand viu que era uma mulher de aparência impressionante, com um rosto ossudo, bem-feito, e um nariz comprido, reto, como as beldades das pinturas inglesas do século XVII. Ela parou atrás de Hazen, olhou para ele por um momento e depois se inclinou, beijando-o nos cabelos.

— Boa noite, querido Russell — disse ela. O tom de sua voz era áspero, e a ênfase no "querido" era irônica.

Hazen girou na cadeira e ergueu os olhos.

— Meu bom Deus, Katherine, o que está fazendo aqui? — Ergueu-se, precipitado, deixando cair a colher que segurava, que bateu ruidosamente no prato.

— Vim ver como meu marido estava passando — respondeu ela, calmamente. — Caso tenha se esquecido, é você, Russell.

Depois dessas palavras, o silêncio na mesa tornou-se constrangedor. Os olhos da sra. Hazen estavam inexpressivos e as pupilas, curiosamente dilatadas, e Strand imaginou se ela estaria drogada.

— Como soube que eu estaria aqui? — O tom de Hazen era agressivo.

— Não foi por nenhuma falha de sua parte, querido. As notícias são raras entre nós, não são? O seu escritório teve a bondade de me dar essa informação. E, é claro, os amigos na América são muito eficientes em me comunicar as atividades de meu marido. Legiões de amigos. — Ela olhou deliberadamente pela mesa, fixando, por um momento, um olhar, avaliador em cada um deles. — Ah! Vejo que trouxe seu harém portátil. E este casal bonito devem ser os Strands, de quem muito ouvi falar.

Strand ergueu-se, porque não sabia o que mais fazer. Hazen parecia estar tentando falar, mas achou impossível.

— Boa noite, Linda — continuou a mulher. — Fico contente de ver que você está com uma ótima aparência. Espero que o querido Russell esteja cuidando bem de você.

— Muito bem — respondeu Linda, fazendo um pequeno gesto com a mão. — Como sempre.

A mulher assentiu.

— Como sempre — repetiu. Voltou-se para a sra. Harcourt. — E você, Mme Harcourt, vejo que ainda está na linha de largada, usando um terno esportivo, que talvez seja considerado mais adequado para a ocasião.

A sra. Harcourt dobrou o guardanapo e ergueu-se, com dignidade.

— Se me der licença, sr. Hazen — disse ela —, gostaria de subir para o meu quarto.

— É claro, é claro. — Hazen parecia rouco, como se, de repente, tivesse sofrido um aperto na garganta.

A sra. Hazen virou-se e ficou observando a sra. Harcourt atravessar o salão, e só se voltou quando ela cruzou a soleira da porta.

— É admirável — comentou ela para ninguém em especial — como conserva sua beleza. Aprovo uma mulher que não fica desmazelada. Russell, não acha que já é hora de apresentar-me aos seus novos amigos?

— Sr. e sra. Strand — murmurou Hazen.

— Estou encantada por finalmente conhecê-los — disse a sra. Hazen. — Espero que tenha se recuperado do acidente no Atlântico, sr. Strand.

— Sim, estou recuperado, obrigado — respondeu Strand, porque era claro que a sra. Hazen esperava que ele dissesse alguma coisa, e seu silêncio talvez parecesse de culpa se não dissesse nada. — Em grande parte devido aos esforços de seu marido e da sra. Roberts — acrescentou ele, tentando fazer o momento socialmente suportável. — Junto com o sr. Conroy, a quem suponho conhece. Devo a minha vida a eles.

— Ah, o fiel Conroy. Sempre eficiente. Embora eu não estivesse a par de que o serviço de salvavidas estivesse incluído entre suas atribuições. — Em sua maneira de falar, às vezes, ela caía num ritmo

retórico que devia ter adquirido com o marido. — Sim — disse a sra. Hazen —, meu marido é muito conhecido como salvador de vidas. Exceto as de sua família. Mas eu não sabia que Linda tinha aumentado sua lista de bons serviços.

— Katherine, você está deixando todo mundo embaraçado aqui. — Hazen olhou ferozmente à sua volta. Havia um quarteto de turistas ingleses de meia-idade na mesa próxima à deles que estava vivamente interessado na conversa. — Estarei em Paris, amanhã à tarde. Por que não conversamos depois?

— Eu não estarei em Paris amanhã — disse a sra. Hazen, calmamente. — Estou a caminho do país basco, de carro, para umas férias, e acho mais conveniente conversarmos aqui. Além disso. . . — Deu a volta pela mesa, até a cadeira vazia da sra. Harcourt — creio que um copo de vinho me faria bem. Ainda sobrou um pouco na garrafa, Russell? — Sentou-se, sem vacilar.

— Leslie, Linda — disse Strand —, acho que seria mais aconselhável que fôssemos andando.

Leslie já se erguia para sair, mas a sra. Hazen segurou-a firmemente pelo braço.

— Por favor, fiquem. Vou me sentir terrivelmente culpada se achar que interrompi a encantadora festinha de Russell. E tenho algumas coisas para dizer ao nosso anfitrião que acho que deveriam ouvir...

— Por favor, largue meu braço — pediu Leslie. — Meu marido e eu vamos sair.

A sra. Hazen continuou segurando o braço de Leslie.

— Se alguém sair daqui, previno-os de que vou gritar — disse ela. — Bem alto.

Leslie fez um movimento para retirar o braço, e a sra. Hazen gritou. Foi um grito de dor, desenfreado, estridente, como uma sirene. Quando parou, o salão estava totalmente em silêncio, e os ocupantes das outras mesas estavam imobilizados, como se tivessem sido congelados no lugar por algum novo, devastador processo industrial instantâneo. A sra. Hazen sorriu e soltou o braço de Leslie.

— Sr. Strand, Russell, sugiro que se sentem, também. E, Russell, o vinho está perto de você. — Ela pegou um copo da mesa e ergueu-o para o marido. — Se quiser ter a bondade...

— Sente-se, Allen — pediu Hazen, roucamente, — Ela está doida. — Ele se sentou, também. Sua mão tremia ao retirar a garrafa do balde e servir a sra. Hazen.

Ela bebeu aos goles, refinadamente.

— Uma coisa pode se dizer de você, Russell: sempre soube como escolher vinhos. Devo desculpar-me com as senhoras e os cavalheiros pelas medidas extremas que tive de tomar, mas medidas menos drásticas fracassaram, como cartas que ficaram sem resposta por três anos e inúmeras chamadas telefônicas transatlânticas, e esta talvez seja a única oportunidade de conseguir meu objetivo, com outras pessoas presentes, para servirem de testemunhas e serem capazes de contar a verdade mais tarde, se necessário. Russell... — Parou, como um orador numa plataforma, e bebeu mais um gole do vinho. — Russell, o que tenho a dizer é que estou lhe dando uma escolha. Estou preparada para uma das duas ações. Vou requerer o divórcio e uma grande, imensa, uma *vasta* pensão, ou me matarei.

— Katherine — disse Linda. — Isso já é loucura.

— Linda — retrucou a sra. Hazen —, você sempre falou demais. Vejo que não perdeu o hábito. — Depois, dirigiu-se a Hazen, que estava sentado, de olhos fechados, a cabeça baixa, como um velho cochilando num canto. — Russell, sabe que posso tomar conta de mim mesma, perfeitamente, adequadamente; portanto, não estou falando por ganância. Francamente, tudo o que quero é ferir você. Por todos os anos de maus-tratos, de indiferença, de desprezo, em que você fazia amor comigo como se isso fosse uma penitência particularmente custosa que tivesse de cumprir. . .

— Oh, merda — disse Russell, sem abrir os olhos ou erguer a cabeça. — Merda, merda, merda.

— Em resumo, desde que desisti de esperar por qualquer outra coisa mais, quero vingança — continuou a sra. Hazen, naquele tom assustador, apático, com que havia começado sua arenga, como o de uma mulher lendo um discurso cuidadosamente preparado e ensaiado —, vingança por ter separado nossa família, desterrado minhas filhas, destruído toda a confiança que tinham em si mesmas a ponto de acabarem se promiscuando, vagabundas idiotas cuja única ambição é colocar a maior distância possível entre elas e a família. Vingança, finalmente, por matar meu filho e depois tentar colocar á culpa em mim...

Foi então que Hazen ergueu a cabeça e olhou para ela.

— Você o mimou, transformou-o num efeminado, proporcionava divertimento aos seus amigos efeminados em nossa própria casa, sabia que eles usavam heroína e Deus sabe o que mais, e dava-lhes o dinheiro para comprar a droga...

— E você o fez sentir-se um imprestável. Não podia convertê-lo na sua própria imagem sagrada e gloriosa de capitão de indústria — prosseguiu a sra. Hazen, as palavras saindo brusca e rapidamente de sua boca, agora vingativa, produzindo o som de vidro se partindo —, por isso o abandonou e fez com que sentisse que ninguém se importaria se ele vivesse ou morresse.,

Strand tentou encolher-se, tornar-se invisível, para não ouvir ou entender. Olhou para Leslie. Ela chorava, o rosto contraído. Duas vezes numa noite, lágrimas, pensou ele, automaticamente. Isso era tudo o que ele era capaz de pensar.

De súbito, a voz da sra. Hazen adquiriu um tom comercial:

— É isso. Se você tornar o divórcio difícil, se sua generosidade não se estender o suficiente para alcançar sua esposa, prometo-lhe que mandarei publicar uma lista de suas conquistas, . . . todas as tolas sras. Harcourts, as secretárias, as rechonchudas, viuvinhas dos amigos que você tão bondosamente ajudou nos negócios e na política, as atrizes medíocres que o confortavam e ajudavam a esquecer o abraço frígido da esposa e cujos nomes dariam uma matéria interessante nas colunas dos jornais.

— Você é uma bruxa — murmurou Hazen.

— Se eu o sou, foi você quem me fez ficar assim. Não o perdôo por isso, também. Mais uma vez, voltemos à lista das aquisições — disse a sra. Hazen, quase alegremente. — Você pode ficar com a casa de Nova York. É uma câmara mortuária e sempre a detestei, pois desde o primeiro dia ficou mal-assombrada com o santo fantasma de seu pai. Mas quero a casa de Hampton, com tudo o que tem dentro.

— Eu me criei naquela casa — disse Hazen.

— Farei o máximo para esquecer esse fato quando me mudar para lá e tentar reconstruir um lar para minhas filhas. E espero que não seja um aborrecimento para vocês, sr. e sra. Strand, e para sua prole, à qual meu marido parece curiosamente muito ligado, encontrarem tempo suficiente para se retirarem, assim como a seus pertences, antes da minha chegada. Espero que o gosto de um estilo de vida mais fácil não os tenha estragado para a modesta moradia à qual devem retornar agora. Gosto de escolher meus próprios parasitas como convidados, cujos gostos e hábitos são compatíveis com os meus. Não gosto de tocadores de violão, senhoras atletas, mulheres jovens que vivem abertamente com homens sem a formalidade do casamento, nem gosto de pintores amadores, insignificantes professores que oferecem suas jovens filhas a velhos e a judeus idiotas.

— Pode parar por aí — disse Strand, pensando, Deus, deve haver alguém lá que manda diariamente um boletim para esta mulher esquisita. — Você é uma mulher horrível e desagradável, e estamos saindo. Não me importo que grite tão alto que possa ser ouvida em Long Island. Vamos, Leslie. E, Linda, acho que você também já ouviu o bastante.

— Certamente que ouvi — concordou Linda, enquanto ela e Leslie se levantavam.

Leslie tinha parado de chorar assim que a sra. Hazen havia começado a falar sobre sua família, e Strand podia ver que ela estava revoltada. Mas não estava preparado para as bofetadas que Leslie, ao voltar-se, aplicou na sra. Hazen, tão fortes quanto podia, diretamente no rosto.

— Leslie! — exclamou Strand. — Agora chega!

A sra. Hazen ficou imóvel, sem sequer levar a mão ao rosto, como se esperasse pela explosão e a acolhesse com prazer.

— Russell — disse Strand —, se quer meu conselho, sugiro que aceite a boa oferta de sua mulher de cometer suicídio.

— Vocês não serão poupados, vocês dois — continuou a sra. Hazen, em voz baixa. — Ele vai destruí-los com sua benevolência. Tentarão escapar uma vez, e ele irá reprová-los e desterrá-los, bem como a suas esperanças e planos, sem olhar para trás. Lembrem-se das minhas palavras, seus idiotas, gatinha ambiciosa, logo suas férias terminarão. — Estendeu o copo para Hazen. — Acho que vou querer mais vinho, querido — enquanto isso Strand e as senhoras, uma de cada lado, se dirigiram para a porta através do salão silencioso, repleto de comensais. Foi uma longa, longa caminhada.

Leslie caminhava, séria, quase rígida, com a maquilagem desfeita, mas sua expressão era fria e aparentemente serena. Linda cambaleou quando começaram a subir a escada para os seus aposentos, e Strand segurou-a pelo braço. Ela tremia. Havia desaparecido toda a cor de seu rosto, e os toques de ruge

em suas faces sobressaíam, dando a impressão de pequenas esfoladuras. Quando chegaram à porta do quarto, Strand sentiu que não poderia deixá-la ali para enfrentar a noite sozinha.

— Venha ficar um pouco conosco — disse ele, gentilmente. — O que precisamos é de um drinque.

Linda assentiu com a cabeça, meio entorpecida.

No quarto, Strand pediu, pelo telefone, uma garrafa de uísque e um pouco de gelo. Quanto a Linda, não sabia, mas ele e Leslie nunca tinham bebido por desespero. Linda caiu flacidamente numa poltrona, como se seus ossos estivessem liquefeitos. Agarrou-se nos braços da cadeira. Leslie foi para o banheiro, dizendo:

— Vou reconstruir a ruína da *soirée*.

— Aquela mulher horrível — murmurou Linda, com voz trêmula. — E sempre tentei ser sua amiga. Sabia que ela estava passando por horas terríveis, depois da morte do filho... — Passou o lenço de renda nos olhos. — Procurava vê-la todas as vezes que ia a Paris e tê-la como minha hóspede em Mougins. Que insinuações detestáveis! — Estava indignada agora. — Nunca houve nada daquilo entre Russell e mim. Meu bom Deus, não sou nada disso. Allen, diga-me, você alguma vez pensou, por um momento...

— É claro que não — respondeu Strand, não muito sincero.

— E a pobre sra. Harcourt — disse Linda. — Não acha que devíamos perguntar a ela se quer vir aqui e... .

— Acho que nunca mais vai querer ver nenhum de nós — respondeu Strand. — Ou, pelo menos, não esta noite.

— Você não acredita que eu compartilho dos sentimentos de Katherine sobre Russell e os amigos que ele convidava para sua casa, não é, Allen? — Havia um apelo desesperado em sua voz. — Eu não suportaria se você pensasse...

— Linda — disse Strand, aproximando-se e tomando-lhe as mãos —, ouça-me. Acho que você é uma das mulheres mais decentes que já conheci.

— Obrigada — sussurrou Linda.

— Não deve levar isso tão a sério. A mulher enlouqueceu. Ninguém em seu juízo perfeito acreditaria numa só palavra do que disse.

— Ela nunca foi uma boa esposa. Fez da vida dele um inferno. Não sei como ele a suportou durante tanto tempo. Humilhava-o constantemente. Tem uma língua que é uma navalha. Numa festa, quando alguém perguntava a Hazen sobre um caso em que estivesse trabalhando... como você sabe, ele aparece nos jornais o tempo todo, é tremendamente solicitado, e as maiores personalidades do país, nos negócios, no governo, pedem-lhe conselhos... bem, quando tentava explicar alguma técnica legal que alguém tivesse solicitado, ela zombava dele abertamente e dizia: "Pare de aborrecer nossos convidados. Todos sabem que você, na sua profissão, é o maior intermediário entre a polícia e os criminosos". Intermediário. Um homem como Russell. É claro, a gente sente pena dela, perdendo um filho daquele jeito e vendo como as filhas ficaram, mas tudo tem um limite. Certa vez, havia um senador em sua casa, para jantar, um dos homens mais respeitáveis do país, mas ele pertencia ao partido "errado", segundo a sra. Hazen, e ela lhe disse: "Você não passa de um grande hipócrita", bem na cara dele, depois que ele falou que tinha votado a favor de um projeto de lei que ela não aprovava. Como se pode esperar que um homem viva com alguém dessa espécie? E, assim mesmo, não importa o que ela diga, foi ela quem saiu de casa, e não ele.

Ouviram uma batida na porta, e Strand abriu-a para deixar o garçom entrar com o uísque. Preparou três boas doses e deu a Linda um copo. Ela bebeu metade do drinque num gole convulsivo.

— Vou dizer-lhe uma coisa — falou Linda. — Não o culpo pela sra. Harcourt e por quantas houver. A despeito de tudo, Russell sempre foi discretíssimo. O que quer que tenha feito, conservou para si mesmo. Fiquei boquiaberta quando apareceu com a sra. Harcourt. Devia ter atingido o limite de sua paciência. Embora, mesmo neste curto espaço de tempo, eu já tenha começado a gostar dela, gostar um bocado dela. É tão bonita e atenciosa! — Linda acabou o drinque e ergueu o copo para que Strand o enchesse de novo. — Sinceramente, fiquei feliz por Russell, nunca o tinha visto alegre antes.

Strand ouviu o som de uma risada vindo do banheiro e voltou-se, intrigado, quando Leslie apareceu no quarto, rindo, com a maquilagem refeita.

— De que está rindo? — perguntou ele, tentando não parecer zangado. Nas condições em que se

encontrava Linda, rir parecia chocante.

— Estava pensando nas bofetadas que dei naquela mulher. — respondeu Leslie, ainda rindo. — Foi um dos momentos de maior satisfação na minha vida. Quebrei uma unha também. Eu não sabia que ia bater nela. Foi automático. Deliciosamente automático. Ah, uísque. O ideal para tornar a noite perfeita. Talvez me embriague esta noite para celebrar. Dependerei de você, Allen, para me colocar a salvo na cama. Eu sabia que a Europa ia ser interessante, mas não pensei que seria *tão* interessante. — Ergueu o copo. — À minha unha — disse ela. — E aos pintores amadores, professores insignificantes, à sua prole e aos judeus. Estou adorando reuniões na alta sociedade, realmente; são tão *refinadas*!

— Você está bem? — perguntou Strand, ansioso.

— Muito bem. — respondeu Leslie, com afetação. — Esta noite valeu as minhas férias.

O telefone tocou, e Strand atendeu. Era Hazen.

— Allen, gostaria de falar com você, se não se importasse. Poderia vir até o meu quarto? Só você, por favor. As senhoras estão bem?

— Acho que sim. Estão bebendo.

— Não as culpo. Eu beberia também se não fosse pelo medo de que a minha úlcera possa manifestar-se, se isso já não estiver começando a acontecer.

Era a primeira vez que Strand ouvia Hazen falar que tinha uma úlcera. Estava reunindo uma porção de fatos novos naquela noite.

— Irei agora mesmo — disse ele. — Deixem um pouco na garrafa para mim — falou para Leslie e Linda.

— Dê minhas lembranças ao pombinho — disse Leslie. O tom de sua voz não era amigável. — Ficaremos aqui, aguardando o próximo boletim da frente de batalha.

Ele estava descobrindo coisas novas sobre sua mulher, também, Strand pensou, enquanto caminhava pelo corredor, para o quarto de Hazen. Notava nela um traço de agressividade que não suspeitara que possuísse. Talvez fosse útil para enfrentar os choques que a vida lhe reservava, mas ele não estava certo de gostar disso.

A porta do quarto de Hazen estava entreaberta, Strand bateu e entrou. Hazen achava-se enterrado numa poltrona, com a expressão carrancuda. Ainda estava todo vestido, com o paletó e o colete amarrotados. Desabotoara o colarinho, afrouxara a gravata como se tivesse dificuldade em respirar e não estava com a aparência de sempre, pronto para uma reunião de conselho ou dirigindo-se ao júri. Ergueu os olhos quando Strand entrou e, num gesto de cansaço, passou a mão pelo rosto, e a expressão fechada desapareceu, substituída por um trejeito de embaraço.

— Quero pedir desculpas por esta maldita noite — disse ele. Sua voz ainda estava rouca.

— Esqueça. Já passei por coisas piores.

— Eu, não. Aquela mulher está louca. Você conseguirá esquecer aqueles gritos doidos?

— Ela *estava* com a corda toda.

— Adora fazer cenas. Comigo, principalmente. É sua forma favorita de divertimento. — Hazen ergueu-se e afrouxou mais a gravata. Ficou andando pelo quarto. — A sra. Harcourt fez as malas e partiu. Só Deus sabe para onde vai a esta hora da noite. Não culparia vocês se fizessem o mesmo. Bem, não vai haver nenhum passeio às vinhas amanhã. É muita bondade sua fazer-me companhia nesta hora amarga. Depois de todos aqueles insultos odiosos. Não sei o que faria esta noite se não pudesse falar com você. Antes de mais nada, devo-lhe algumas explicações. — Não me deve nada, Russell. Hazen sacudiu a cabeça, ainda caminhando.

— Devo-lhe a verdade sobre Barbara. Talvez não tenha sido inteligente trazê-la conosco. Percebi que Leslie não acolheu sua presença de bom grado.

Barbara, pensou Strand, finalmente sei seu nome.

— Sou muito ligado a ela. E *havia* um trabalho jurídico que tínhamos de liquidar. — Hazen parecia desafiador. — E não estávamos prejudicando ninguém. É uma excelente criatura, e não sei se ainda poderei reconciliar-me com ela depois do que aconteceu esta noite. Ela esteve nos Estados Unidos, no ano passado, a negócios, e passou algumas semanas na praia. Mas, meu Deus, havia pelo menos mais seis pessoas na casa, o tempo todo. Malditos vizinhos abelhudos. "E, é claro, os amigos na América são muito eficientes em me comunicar as atividades de meu marido." — Imitou a voz da mulher. — "Legiões de amigos." E todas aquelas tolices sobre você e sua família. Como alguém poderia deduzir uma coisa tão perversa da minha ajuda, de uma mãozinha auxiliadora aqui e ali a pessoas como vocês, está além da

compreensão humana. Não resta nenhuma pureza no mundo, Allen, nenhuma, e nem fé em bondade. Apenas malícia. Malícia sem fim. Os vigaristas que beberam meu vinho e deleitaram-se à minha mesa deixariam um homem em frangalhos pelo prazer de dez minutos de mexericos sobre algo que não é absolutamente da conta deles, algo tão inocente quanto o primeiro vagido de um recém-nascido. Meu Deus, talvez fosse uma boa coisa eu dar a ela aquela maldita casa. Malditas legiões de amigos. — Seus passos agora eram cada vez mais rápidos, e o que dizia era uma espécie de lamento.

— Vai dar a casa a ela?

— O que mais posso fazer? Aquela não foi uma ameaça vã de suicídio. Depois que vocês me deixaram sozinho com ela, Katherine me disse que já entrou em contato com um advogado em Nova York. .. conheço o homem, e não faria um contato com ele nem com uma vara de três metros. . . e que já escreveu tintim por tintim um texto malicioso, com tudo o que possa servir como prova, e instruiu seu advogado no sentido de garantir que aquilo iria para os jornais depois que ela se matasse. Meu nome seria arrastado na lama, assim como o nome de um grande número de pessoas, e alguns casamentos perfeitos seriam arruinados. Terei de ceder. Vou ser honesto com você. . . odeio aquela cadela e gostaria de vê-la morta, mas iria sentir-me culpado para o resto da vida se ela morresse por minha causa, por uns nojentos míseros dólares e uma casa velha caindo aos pedaços que, de uma forma ou de outra, será tragada pelo mar dentro de alguns anos. Vou dar-lhe o que ela quer, mesmo se ficar sem um níquel. Mas isso não acontecerá. Ela sempre foi rica, mas você devia ver o brilho em seus olhos quando fala em dinheiro. Vou colocar um advogado durão do meu escritório para tratar com ela, e chegarão a um acordo. Quando Katherine vir as guloseimas bailando à sua frente, o suicídio não será mais tão atraente, mesmo que com ele pudesse me arruinar. Fará um acordo, com toda a certeza.

— Gostaria de poder ajudar — disse Strand, abalado pelo tormento de Hazen.

— Você *está* ajudando. — De súbito, Hazen parou de andar e, num gesto desajeitado, colocou o braço ao redor dos ombros de Strand. Retirou-o em seguida, rapidamente, como que embaraçado por essa demonstração de afeto, e voltou a caminhar como se o movimento fosse a única maneira de poder aliviar a dor que o dominava. — Só por estar aqui e permitir que eu arranque um pouco da opressão do meu peito, está ajudando mais do que poderia imaginar. Meu Deus, tenho mantido isso guardado há tanto tempo, conservado tudo dentro de mim mesmo, minha mulher, meus filhos imprestáveis, tudo, que estava a ponto de explodir. Meu harem portátil! Linda Roberts, pelo amor de Deus! Poderíamos ficar numa ilha deserta por vinte anos e jamais pensaríamos em nos tocar. A cadela sabe disso tanto quanto nós, mas faz questão de destruir qualquer contato humano que eu tenha tido ou que poderia ter. Assim... houve outras. Confesso-lhe... houve outras. Que mais ela esperava? Deixou de dormir comigo há anos e anos e, mesmo antes disso, desde que nos casamos, era o mesmo que tentar fazer amor com um *iceberg*. Antes de nos casarmos era diferente... quando meu pai e o pai dela, que eram sócios na firma, decidiram que seria ótimo conservar o dinheiro na família e faziam de conta que não viam que seu honesto filho e sua filha debutante já faziam amor praticamente diante de seus olhos. Meu Deus, como era diferente naquela época, dava a impressão de ser a coisa mais quente que havia sob os lençóis, depois de Cleópatra. Mas, assim que a aliança foi colocada em sua mão, quando me aproximava dela era como se eu estivesse tentando violentar uma freira. Como conseguimos gerar três filhos é um dos mistérios daquela época maldita. E também foi assim que eles se desenvolveram, embora talvez não fosse culpa deles, com uma mãe dessas, cheia de veneno para com o pai e insanamente obcecada pelos filhos. Nada era suficientemente bom para eles, e todos ganharam seus Ferraris quando completaram dezoito anos. Três Ferraris estacionados diante da nossa porta! Pode imaginar uma coisa dessas? Nenhum deles terminou a faculdade. Corriam para a mãe, gritando que os professores eram injustos, ou que eles eram infelizes com a turma de estudantes com quem tinham de competir, ou que queriam ir à Europa no inverno com seus amantes. Amantes que eram, conspicuamente, do sexo masculino, inclusive para o meu bem-amado filho. Fizeram pouco de mim quando tentei chamá-los à razão. E a mãe zombou de mim, fazendo-lhes coro. E não era só pelo dinheiro. Quando olhava à minha volta, para os filhos de amigos que tinham dez vezes o dinheiro que tínhamos, e via como eram cidadãos responsáveis e cheios de ambição, dos quais qualquer pai se sentiria orgulhoso e, depois, os comparava com os filhos que usavam o meu nome, chorava. E ainda culpar-me pela superdose do rapaz! Precisei ir a San Francisco por alguns dias e, pensando que seria bom para ele, convidei-o para ir junto, mas respondeu-me que estava ocupado, que não podia viajar. Ocupado! Meu Deus, tudo o que ele fazia era ficar refestelado no apartamento o dia inteiro. Não se dava ao trabalho nem de mudar o pijama ou mesmo se barbear. Parecia um eremita no deserto com aquela

barba. Deve ser difícil para você, com os filhos que tem, compreender como eu me sentia, mas posso dizer-lhe que era o mesmo que ingerir LSD dia após dia, ano após ano. E se imagina, por um minuto, que ela me deixava em paz mesmo depois de partir para a Europa, não poderia estar mais errado. Bombardeava-me com cartas, cheias de todos os tipos de ameaças e acusações, e com a pior espécie de obscenidade. Você não pode imaginar quão degradante é a mente daquela dama, um esgoto, um verdadeiro esgoto. Se as autoridades do correio abrissem alguma daquelas cartas, ela teria sido presa por mandar material obsceno pelo correio. No princípio, respondi a algumas, tentando chamá-la à razão, mas foi inútil. Você poderia imaginar, em seus sonhos mais dissolutos, que aquela flor da sociedade de Nova York, que terminou seus estudos num elegante colégio na Suíça, escrevia de próprio punho para seu marido, pai de seus filhos, que ele era um depravado, um mentiroso que se alimentava de merda e que deveria ter seus testículos arrancados e preparados para com eles se empanturrar na ceia? No fim, passei a jogar as cartas fora, sem abrir, e dei ordens no sentido de que não atenderia ao telefone quando ela chamasse. Espere até eu descobrir quem, em meu escritório, falou que eu estava em Tours; seja quem for, será imediatamente despedido, e vou certificar-me de que nunca mais consiga um emprego dentro da profissão.

De repente, Hazen parou de andar e atirou-se na poltrona, esparramado, arquejante, com o rosto vermelho, e começou a soluçar.

Strand tinha se encostado na parede para se afastar do caminho daquele homem volumoso que se inclinava como um elefante furioso naquele quarto bonito, com mobília antiga da Provença e papel de parede florido. Agora, Strand estava ali parado, petrificado, de olhar fixo, horrorizado, cheio de pena, impotente, amedrontado, angustiado, enquanto aquele homenzarrão soltava, numa torrente enlouquecida de palavras, suas culpas, seu ódio, suas esperanças destruídas. No momento, Strand não podia falar, achava difícil estender a mão em sinal de amizade ou de salvação para o homem que, sentiu, talvez nunca fosse salvo, talvez fosse resvalar para sempre, ante seus olhos, numa loucura tão desastrosa quanto a daquela mulher que a causara. Estou pagando minhas férias, pensou. Por que eu? Depois se envergonhou do pensamento.

— Por favor — pediu ele. — Já acabou.

— Nada acabou — disse Hazen. Ele agora gemia, produzindo um som sufocado, um soprano lúgubre. — Não acabará nunca. Vá embora. Por favor. Perdoe-me e saia daqui.

— Eu já vou — disse Strand, aliviado por poder deixar o quarto e afastar-se do som dos lamentos de Hazen. — Você precisa tomar um sedativo ou uma pílula para dormir.

— Não costumo ter nada disso. A tentação seria muito grande — Hazen falou, sem erguer os olhos, com a voz já mais calma.

— Eu poderia arranjar alguma coisa para você. Uma pílula.

— Uma pílula. — Hazen riu estridentemente. — Existe um remédio. Cianureto. Obrigado. Vá.

— Certo. — Strand dirigiu-se para a porta. — Se precisar de mim durante a noite, basta chamar.

Hazen ergueu os olhos vermelhos para ele, mal podendo controlar os lábios trêmulos.

— Perdoe-me, meu amigo. Não se preocupe. Estarei bem. Não vou chamá-lo.

Strand saiu e caminhou pelo corredor para o quarto, sentindo-se cansado e exausto. Os prisioneiros de Catarina de Médicis não eram os únicos a serem torturados em público, no vale do Loire. Leslie não trancara a porta, e ele entrou. Havia apenas uma luzinha acesa, e Leslie estava debaixo das cobertas, dormindo, ressonando suavemente, o que fazia só quando estava doente. Mudou de roupa em silêncio, mas, mesmo dormindo, Leslie sentiu sua presença e abriu os olhos. Ele estava a ponto de deitar-se na própria cama quando ela estendeu o braço.

— Por favor — sussurrou ela. — Esta noite.

Ele hesitou, mas só um segundo. Se houvesse uma hora certa para o calor de um corpo familiar e bem-amado encontrar o outro corpo bem-amado, aquela era a hora. Tirou o pijama e deitou-se ao lado de Leslie, com os braços ao seu redor, na cama estreita.

— Não diga nada — murmurou ela —, coisa alguma. — Começou a acariciá-lo, docemente. Depois, fizeram amor com delicadeza, em silêncio, deixando que o desejo e a gratidão, a enorme e sempre lembrada dádiva do amor, da liberação do sexo, obliterassem o caos daquela noite.

Depois, Leslie caiu no sono imediatamente. Ele ficou acordado, incapaz de dormir, seu coração, de súbito uma parte independente e incontrolável do seu corpo, disparando loucamente. Não, pensou ele, não pode, seria demais. Movido por uma grande força de vontade, tentou controlar o tumulto que sentia

no peito, mas seu coração continuou a bater num ritmo irregular, guiado pelos sinais sinistros provindos de si mesmo. A despeito de todos os esforços, sua respiração ficava cada vez mais difícil, produzindo um som áspero, e ele sentiu que estava ficando sufocado. Vacilante, desceu da cama, tropeçando na escuridão, tentando chegar ao banheiro, onde estava o estojo de barbear, com o vidro de pílulas que costumava tomar. Foi de encontro a uma cadeira, mas caiu pesadamente, com um gemido, incapaz de erguer-se do chão.

O barulho acordou Leslie, e logo ela acendeu a luz. Com um grito, pulou da cama, correu e ajoelhou-se ao lado dele.

— Meu remédio. . . — pediu ele, ofegante.

Ela se ergueu de um salto e correu ao banheiro. Strand viu a luz acender-se, ouviu o ruído de vidros se chocando, água correndo. Movendo-se com dificuldade, conseguiu sentar-se e encostar-se numa cadeira. Leslie ajoelhou-se ao seu lado, amparou-lhe a cabeça enquanto colocava a pílula em sua boca e dava-lhe de beber. Engoliu sofregamente, sentindo a pílula descer com a água pela garganta.

Tentou sorrir, para tranquilizá-la.

— Já vou melhorar — murmurou.

— Não fale.

De repente, o som estridente da sua respiração começou a diminuir. O ataque, ou o que quer que tivesse sido, tinha passado.

— Pronto — disse ele. Ergueu-se. Vacilou um pouco, mas disse: — Estou com frio, preciso voltar para a cama. — Sentia-se ridículo ali parado, nu.

Ela o ajudou a ir para a cama, e ele se deitou pesadamente.

— Quer que chame um médico?

— Não é preciso. Só quero dormir. Por favor, deite-se aqui ao meu lado, apague a luz e me abrace.

Ela hesitou por um momento, depois colocou o copo e o vidro de remédio na mesinha-de-cabeceira, apagou a luz e deitou-se ao lado do marido.

Quando Strand despertou pela manhã, sentia-se ótimo. Levou a mão ao peito e ficou satisfeito porque mal conseguia distinguir a pequena pulsação regular sob as costelas.

Tomava o café com Leslie quando o telefone tocou. Ela foi atender. À luz do sol da manhã, de pé, ao lado da mesa onde se achava o telefone, ela parecia jovem e reanimada, com o cabelo longo caindo pelos ombros, sobre o penhoar. Observando-a, Strand maravilhava-se diante da capacidade de recuperação das mulheres.

— É claro, Russell — dizia ela. — Compreendo perfeitamente. Não se preocupe, estaremos prontos em uma hora. — Desligou o telefone, voltou para a mesa e passou manteiga num pãozinho.

— Voltaremos para Paris agora de manhã — informou ela. — Acho que o vale do Loire perdeu um pouco do seu encanto para o nosso anfitrião.

— Como estava ele?

— Normal. Como ele estava quando você o viu ontem à noite? — Ela o olhou por sobre a borda da xícara de café.

— Você não gostaria de saber — disse Strand.

— Ruim?

— Ao máximo. Feio e triste. Se quer saber a verdade, fez-me lamentar o dia em que o conheci.

— Tão ruim assim? — perguntou Leslie, pensativa.

— Pior.

— Ele agrediu você?

— Nada pessoal. Foi com o mundo todo. — Ergueu-se da mesa. — Se temos de estar prontos dentro de uma hora, é melhor eu começar a arrumar minhas coisas e me vestir.

A viagem para Paris foi horrível. Leslie mostrou não estar tão recuperada como ele pensara. A noite, por fim, fez surtir seus efeitos. Depois do café da manhã, ela começou a tossir e parecia febril, com os olhos lacrimejantes e coriza. Queixava-se de frio, embora estivesse agasalhada e o dia fosse quente.

Hazen, impecavelmente vestido em seu traje de passeio, aparentemente controlado, dirigia. Mal tinham passado os arredores de Tours, quando Strand se viu lamentando que a sra. Harcourt tivesse viajado no meio da noite. Hazen dirigia como um louco, indo às vezes muito devagar, serpenteando a estrada com o carro, calcando depois violentamente o pé no acelerador para ultrapassar caminhões em curvas fechadas, praguejando entre dentes para os outros motoristas como se fossem inimigos mortais. Ele não precisa de pílulas para cometer suicídio, pensou Strand, segurando a mão suada de Leslie, porque vai fazer isso com um motor a explosão. E vai levar-nos com ele. Durante a viagem, enquanto as cabeças eram levadas bruscamente para trás com as súbitas acelerações do carro e os corpos rolavam de um lado para outro quando Hazen fazia uma curva, Leslie comprimia os pés contra o descanso, as pernas rígidas. Linda, com um elegante conjunto, ao lado de Hazen, no banco da frente, dormiu o tempo todo, como se, sabendo que ia morrer naquela manhã, tivesse decidido fazê-lo em misericordiosa inconsciência. Não tinha dormido um instante a noite inteira, dissera aos Strands, e parecia determinada a apresentar-se diante do Criador bem-disposta e com a melhor aparência.

De alguma forma, sobreviveram à corrida, e, com uma freada brusca, pararam à porta do Crillon com o cheiro de borracha queimada anunciando sua chegada e Linda dizendo, ao abrir os olhos:

— Oh, chegamos. Que ótima viagem, Russell. Tirei um cochilo tão gostoso!

— Motoristas franceses — reclamou Hazen. — É de admirar que alguns ainda estejam vivos.

— Russell — disse Strand, assim que todos desceram do carro —, esta foi a última vez em que viajei de carro com você.

Hazen olhou meio confuso para ele.

— Não sei do que está falando.

Estava na hora do almoço, porém Hazen disse que lamentava, mas tinha de ir ao escritório imediatamente. Fez sinal para um táxi e saltou para dentro dele sem se despedir. Leslie disse a Strand que se sentia doente e que gostaria de ficar deitada à tarde. Strand, não querendo enfrentar o almoço sozinho com Linda aquele dia, disse que estava se sentindo um pouco indisposto e que almoçaria com Leslie no quarto. A manhã em que partiram tão alegremente da Place de la Concorde, havia três dias, agora parecia uma lembrança nebulosa de uma época distante.

Quando os Strands pararam no balcão para apanhar a chave do quarto, o porteiro entregou um cabograma a Strand. Sentindo que a informação que ele pudesse conter só podia ser desastrosa, hesitou antes de abrir o envelope. Ficou aborrecido porque suas mãos tremiam. A notícia de uma morte não o surpreenderia. Leu-o de uma vez. Depois, outra vez. Era de Eleanor: "CASAMO-NOS ESTA MANHÃ PT SAÍ EMPREGO PT ESTOU VIAGEM NÚPCIAS COM GIUSEPPE PT EXTASIADA PT ATÉ AGORA PT NOS ABENÇOE EM FRANCÊS AMOR SR. E SRA. GIANELL".

Maquinalmente, sem emoção, Strand olhou para a data do telegrama. Fora mandado de Las Vegas e chegara na noite anterior. Devia ter chegado ao hotel no momento em que a. sra. Hazen havia dado entrada no salão, em Tours. Casamentos terminados, pt, casamentos iniciados, pt.

— O que é que diz? — perguntou Leslie, preocupada.

Strand deu-lhe o telegrama. A impressão da cópia estava indistinta, e Leslie teve de aproximar o telegrama dos olhos para poder ler.

— Oh, meu Deus — disse ela, em voz baixa, caindo pesadamente numa poltrona do saguão. — Las Vegas. Em que estiveram pensando? Não me parece Eleanor, em absoluto. Está tão mal *contado*. E por que tiveram de ir tão longe? Você acha que aquele rapaz tinha alguma coisa para esconder?

— Duvido.

— Por que não esperaram pelo menos até voltarmos para casa? Meu Deus, faltam tão poucos dias!

— Talvez quisessem fazer isso enquanto estivéssemos longe — disse Strand. — Assim, não estariam sob nenhuma pressão de nossa parte, caso desejássemos dar uma grande festa. O casamento agora é diferente do que era no nosso tempo. — Os pais de Leslie haviam insistido num casamento na igreja e um almoço, e ele ainda se lembrava do dia inteiro como uma provação. Quatro dias depois, seu rosto ainda estava dolorido com o esforço de sorrir com falsidade para uma centena de pessoas que esperava nunca mais ver. Mas ficou um pouco desapontado com a filha, e podia ver que Leslie estava magoada. Eleanor sempre fora uma moça franca, sem rodeios, e havia algo de misterioso e suspeito no que tinha feito. E ele partilhava com Leslie de seu desapontamento quanto à idéia das fábricas de casamentos extravagantes de Las Vegas.

— E nem mesmo sabemos onde está — comentou Leslie, os olhos, já vermelhos devido ao

resfriado, cheios de lágrimas —, para que, ao menos, pudéssemos telefonar e felicitá-los. E nenhuma palavra sobre Jimmy e Caroline. É como se ela tivesse se esquecido completamente de que tem uma família.

— Bem, quanto a isso, não podemos fazer mais nada agora — disse Strand. — E, sem dúvida, irão explicar o que houve quando voltarmos. Vamos subir. Você dá a impressão de ter apanhado algo mais do que um resfriado. Vou chamar um médico.

— Eu devo ter tido um pressentimento — falou Leslie, ao erguer-se e caminhar junto com o marido para o elevador. — Sempre que algo ruim vai nos ocorrer, acontece-me alguma coisa. — Normalmente, Strand sorria quando Leslie falava sobre seus pressentimentos. Naquele momento não sorriu. — Nunca devíamos ter feito esta viagem. As coisas teriam sido diferentes se estivéssemos lá.

No quarto, Strand ajudou-a a despir-se e a vestir um robe, e, tremendo, Leslie foi para a cama.

Enquanto o médico saía, depois de ter dito que Leslie estava com uma séria infecção nos brônquios e aconselhando-a a permanecer na cama por alguns dias e tomar o remédio que ia prescrever, o telefone tocou. Era Linda.

— Allen — disse ela —, vou tomar um avião para Mougins esta tarde. Você acha que Leslie estaria bem o suficiente para vocês virem comigo? O sol faria bem a ela.

— Sinto muito — respondeu Strand. — O médico ordenou que não saísse da cama.

— Oh, mas que pena! — Pelo tom de sua voz, Strand desconfiou que ela tivesse ficado aliviada. Ele ficou, também. Como se o que tinham passado tivesse deixado feias cicatrizes em todos eles, cicatrizes que os fariam recordar muito claramente uma cena que tentavam esquecer. — Eu ficarei — continuou Linda —, se você achar melhor. — Mas o modo como falou demonstrou a Strand que ela queria partir... sozinha.

— Obrigado, Linda. Não será necessário. Divirta-se em paz, no sul.

— Eu me manterei em contato com vocês. Se vir Russell antes que ele parta para a Arábia Saudita, diga-lhe onde estou e que não se preocupe, pois estarei em Paris a tempo para voltar com vocês todos para os Estados Unidos.

Quando Strand desligou, lamentou que o avião tivesse sido inventado. Do jeito como as coisas iam, não ficaria surpreso se acabassem aquelas férias no meio do Atlântico.

O remédio que o médico prescreveu pareceu surtir efeito, pois os acessos de tosse foram diminuindo aos poucos e, vinte e quatro horas depois, a febre de Leslie tinha cessado e sua temperatura voltara ao normal. Hazen não telefonou para se despedir. Strand tentou telefonar para Jimmy em Nova York e para Caroline em Long Island, mas não obteve resposta do apartamento deles, embora tivesse chamado Jimmy às sete horas da manhã, hora de Nova York. O sr. Ketley atendeu ao telefone da casa da praia e disse que Caroline saíra o dia todo e o avisara de que havia recebido um convite para jantar. Se o sr. Ketley sabia do casamento de Eleanor, nada disse a respeito.

Strand ficou no quarto com Leslie a maior parte do tempo, satisfeito por ler sossegadamente e ouvir o radinho portátil que Hazen comprara para eles durante a escala, no aeroporto de Shannon. A estação France Musique tocava música selecionada de hora em hora. Beethoven, Bach e Schubert, remédios de outros séculos, tornavam os dias agradáveis para os dois. Leslie perguntou se achava que deviam tentar entrar em contato com a sra. Harcourt, mas Strand disse ser mais aconselhável dar mais tempo a ela para deixar sarar as feridas e escreveu-lhe um bilhete que esperava fosse caloroso e amigo, mas temia que fosse pomposo também. Não era fácil escrever aquela carta. De alguma forma, estando presente na mesa quando a mulher havia sido agredida pela sra. Hazen, sentia-se culpado. Strand mandou a carta para o escritório de Hazen em Paris, embora fosse possível que a sra. Harcourt já tivesse deixado o escritório para nunca mais ali colocar os pés.

Ao terceiro dia, Leslie já podia sair e deram-se ao luxo de almoçar no Maxim's, perto da esquina do hotel, e depois foram ao Museu do Jeu de Paume, onde ficaram estimulados com o sol dos impressionistas. Leslie disse que seria ótimo se pudessem levar para o novo casal um presente da França. Procuraram pelas lojas, mas tudo o que viam era terrivelmente caro e deixaram para ir ao Bloomingdale's logo que chegassem a Nova York.

Ao voltarem para o hotel, encontraram um recado de Russell Hazen. Tinha telefonado enquanto estavam fora e queria que ligassem para o seu escritório. Deixou o número.

Strand ligou do quarto. Hazen parecia brusco e apressado. A voz do homem de negócios, pensou Strand.

— Voltei um pouco mais cedo do que esperava, Allen — comunicou Hazen. — Gostaria de partir para Nova York o mais tardar amanhã, ao meio-dia. Terei de ficar até mais tarde no escritório esta noite, mas se vocês, Leslie e Linda não se importarem de esperar, gostaria que todos nós jantássemos juntos, no hotel.

— Para nós, está ótimo — afirmou Strand. — Mas Linda foi para o sul, para Mougins.

— Que mulher inquieta! — disse Hazen, aborrecido. — Não há nada que a faça parar num lugar. Vou telefonar para ela e dizer-lhe que traga seu traseiro de volta ao meio-dia se ela quiser uma passagem gratuita para casa. — O vocabulário de Hazen, pensou Strand, tinha sido afetado, Strand esperava que não de modo permanente, pelo fluxo de blasfêmias dele próprio e de sua mulher naquela noite, em Tours. — Vou telefonar para Conroy, para avisar a seus filhos a hora aproximada da chegada, pois assim poderão estar no aeroporto para recebê-los.

— É muita bondade sua. Mas diga a Conroy para não se preocupar em tentar localizar Eleanor. Ela se casou há alguns dias, em Las Vegas, está em lua-de-mel e não nos deu nenhum endereço.

— Las Vegas, pelo amor de Deus — comentou Hazen. — As crianças, hoje, fazem qualquer coisa por um prazer. Como vocês estão reagindo?

— Tontos.

Hazen riu.

— Posso entender por quê. Espero que ela seja feliz.

— "Extasiada", disse ela no telegrama, "até agora."

Hazen riu de novo.

— Bem, de qualquer forma, dê minhas felicitações à mãe da noiva. Vou tentar chegar ao hotel cerca de nove horas esta noite. Está bem para você?

— Nove — confirmou Strand.

— Como está ele? — perguntou Leslie, quando Strand desligou.

— O Patrão está de volta — respondeu ele. — Assumindo o cargo.

Quando Hazen entrou no salão do hotel, quinze minutos atrasado, parecia abatido, com os olhos fundos. Suas roupas estavam muito amarrotadas, como se tivesse voltado da Ásia Menor com elas e não houvesse tido tempo para mudá-las. Não tinha feito a barba, também, razão por que havia vestígios acinzentados nas suas faces e no queixo, o que lhe dava uma aparência desleixada, fazendo lembrar o retrato de um importante ancestral seu que tivesse sido desfigurado por vândalos. Gostaria de saber, perguntava Strand a si mesmo, ao levantar-se para cumprimentá-lo, quantos anos um homem comum poderia suportar um horário desses. Mas Hazen sorriu calorosamente, mostrando seus dentes fortes. Apertou a mão de Strand com vigor e curvou-se para beijar o rosto de Leslie, antes de se sentar pesadamente numa cadeira em frente a eles.

— Preciso de um drinque.

— Conseguiu comunicar-se com Linda?

— Ela se encontrará conosco no aeroporto, amanhã. Esperneou, mas estará lá. Um martíni, por favor — pediu ao garçom.

— Como foi a viagem para a Arábia Saudita? — perguntou Strand.

— Uma perda de tempo — respondeu, de cara fechada. — É pior fazer negócios com eles do que com os próprios franceses. Podem ter relógios, mas não parecem ser capazes de ler as horas. E você tem de passar por dezenas de parentes de alguns príncipes do deserto, distribuindo dinheiro a torto e a direito, se desejar resolver alguma coisa. Eu teria feito melhor se tivesse acompanhado Linda ao sul. E quanto a vocês? Como estão reagindo às notícias de Eleanor?

— Estamos abalados.

Hazen riu.

— Ele é um ótimo rapaz.

— Foi o que pensei — disse Leslie. — Até ler "Las Vegas" no telegrama.

— O que conta não é como um casamento começa — disse Hazen, sentencioso. — É como ele acaba. — Franziu a testa outra vez, como se acabasse de recordar o término do próprio casamento.

Gratificado, bebeu o martíni que o garçom colocara à sua frente. — Eu precisava disto. Na Arábia Saudita, eles o prendem, açoitam-no ou cortam-lhe a mão, conforme o que lhes ocorrer no momento, por um mero coquetel. Tente negociar com gente igual àquela. E todos do suposto mundo civilizado... americanos, ingleses, franceses, japoneses... estão caindo uns sobre os outros para terem uma oportunidade. Quando a coisa no fim acontecer, vai fazer parecer um bazar de igreja o que aconteceu no Irã. Escreva o que estou dizendo. — Bebeu outra vez, mal-humorado. — Já preveni meus clientes para desistirem e investirem em alguma coisa segura, como uma patente para uma máquina de movimento perpétuo. — Riu da própria idéia. — Basta de falar sobre meus compromissos. Vocês têm alguma idéia sobre o que os recém-casados pretendem fazer, onde vão morar, etc?

— Tudo o que sabemos é que em seu telegrama Eleanor disse que deixou o emprego.

Hazen, muito sério, assentiu com a cabeça.

— Acho que tudo aconteceu quando mandei o rapaz para a Geórgia.

— Geórgia? — perguntou Strand. — O que a Geórgia tem a ver com isso?

— Você estava a par do que ele falava sobre a vontade de abandonar o emprego com o pai e sobre sua vontade de fundar um jornal, numa pequena cidade, e que seus irmãos financiariam o empreendimento para se livrarem dele.

— Lembro-me de qualquer coisa, sim — respondeu Strand.

— Bem, há uma cidade chamada Graham, na Geórgia, pequena até agora, mas que, com a mudança de dois grandes empreendimentos do norte — uma companhia de aparelhos eletrônicos e um frigorífico —, está crescendo a olhos vistos. Minha firma defendeu o redator e o editor de um pequeno jornal dessa cidade num processo de difamação. Eu próprio fui advogar o caso porque era uma questão importante de liberdade de imprensa, e nós ganhamos. Tornei-me amigo do sujeito, um georgiano nato, que estudou em Atenas e tudo o mais, mas uma figurinha difícil, embora boa pessoa, e comecei a gostar dele. Acha que está ficando velho, e como estava começando a ressentir-se do trabalho diário, telefonou-me inesperadamente e me perguntou se eu conhecia algum jovem inteligente, esperto e ambicioso, com algum dinheiro, não muito, que pudesse assumir a responsabilidade do jornal e dividir os lucros. Isso aconteceu exatamente alguns dias antes de estar com Gianelli e Eleanor, e, enquanto tomávamos um drinque, ele tornou a falar sobre como gostaria de tomar conta de um jornal de uma pequena cidade, se pudesse. Eleanor dissera que, quanto a ela, preferia ter dominado Nova York primeiro, mas o amor conquista tudo, como diziam os romanos, e desconfio que seja por isso que ela saiu do emprego. Meu amigo de Graham deve ter ficado muito impressionado com seu recente genro.

— Geórgia! — exclamou Leslie, no mesmo tom em que dissera "Las Vegas", quando lera o telegrama.

— É uma cidadezinha limpa, encantadora — disse Hazen. — Gostarão dela. — Depois sorriu. — Por uma semana.

— Duvido que Eleanor agüente tanto tempo — falou Leslie, com uma expressão sombria. — Não posso imaginá-la numa floresta de pinheiros, depois de ter vivido em Nova York.

— Nós, nortistas, adquirimos o hábito de pensar que a civilização termina na divisa de Washington, D.C. — disse Hazen. — Não fique tão triste, Leslie. Não é o fim do mundo. Se não der certo, eles são jovens e fortes e tentarão outra coisa. Pelo menos, não passarão a vida pensando: "Nós tivemos nossa oportunidade e fomos covardes demais para arriscar". E por falar em oportunidades, há um mês mais ou menos a sra. Harcourt recebeu uma oferta para lecionar direito internacional na Universidade George Washington, e agora decidiu aceitar. — Hazen falou de maneira simples, como se estivesse transmitindo uma simples notícia sobre um conhecido casual.

— Estou certa de que fará sucesso em todas aquelas festas do governo — comentou Leslie.

Hazen olhou-a com o canto do olho, desconfiado. Leslie apenas sorriu docemente.

O garçom, que ficara parado próximo à mesa na esperança de uma pausa na conversa, entregou-lhes os cardápios. Hazen deu uma olhada no seu e depois o largou sobre a mesa, levantando-se.

— Desculpem-me — disse ele. — Estou cansado demais para comer. E, se tomar um segundo drinque, terão de me tirar daqui carregado. Vou para a cama. Foi um longo dia. Acho que seria bom se estivessem prontos por volta das dez e meia, amanhã de manhã. Aproxima-se uma frente fria, disseram-me, e o campo poderá estar fechado à tarde. Estou contente por vê-la tão bem disposta, Leslie. Estava um pouco abalada no outro dia. Boa noite, e durma bem. — Parecendo um velho, com os ombros curvados, dirigiu-se para a porta.

Eles pediram o jantar e comeram em silêncio.

Encontraram Linda no aeroporto. Parecia bem, com a pele bronzeada, mas agitada.

— Fico perdida com a mudança de programa — queixou-se. — Estou certa de que coloquei na mala as coisas erradas. Não é do feitio de Russell, em absoluto. Normalmente, ele é tão previsível quanto o sistema ferroviário suíço.

Depois de cumprimentá-la com um beijo rápido, dizendo: "Estou contente por ter conseguido", Hazen saiu para dar um último telefonema para o escritório.

Era um dia frio, com um pouco de garoa, e lufadas irregulares de vento varriam o campo. Enquanto atravessavam a pista em direção ao avião, Strand olhou para o céu nublado, e a expressão de seus olhos era de dúvida. O tempo combinava com seu estado de espírito. Hazen os prevenira de que uma frente fria se aproximava. Provavelmente seria uma viagem turbulenta. O sol teria sido impróprio para finalizar essas férias singulares. Quando entraram no pequeno avião cintilante, Strand receou que Leslie escolhesse aquele momento para dizer que estava tendo um de seus pressentimentos. Mas ela tagarelava alegremente com Linda, e não havia em absoluto qualquer sinal de que os milhares de quilômetros de céu tempestuoso à frente deles apresentassem temor para ela.

A viagem foi turbulenta, mas sem qualquer contratempo. Leslie e Linda cochilaram, Strand leu e Hazen bebeu. Quando pararam para reabastecer em Shannon, Hazen não se ofereceu para comprar-lhes presentes, mas Leslie comprou um xale cor-de-rosa de lã para Caroline, embora Strand achasse que ela não teria muita oportunidade de usá-lo no clima ameno do Arizona.

Chegaram a Nova York dentro do horário previsto, e Hazen os fez passar pela alfândega rapidamente, com o fiscal acenando-lhes com toda a deferência, deixando-os ir sem pedir a qualquer deles que abrisse as malas. Conroy, Jimmy e Caroline esperavam por eles. Leslie ficou boquiaberta ao ver Caroline. Ela tinha um curativo sobre o nariz, seu rosto estava inchado, negro e azulado, e um de seus olhos não abria.

— Santo Deus, Caroline — exclamou Leslie ao abraçá-la —, o que aconteceu com você?

— Não é nada, mamãe — respondeu Caroline. — Parece horrível, mas são só alguns arranhões. George me levava para casa de carro na noite passada e algum idiota deu uma batida na traseira do carro enquanto estávamos parados num sinal, e bati com a cabeça no painel.

— Eu sabia que não devíamos deixar você sair com aquele rapaz — disse Leslie. — Dirige como um louco.

— Não foi culpa dele, mamãe — protestou Caroline. — Estávamos parados.

— Mesmo assim — disse Leslie.

— Não leve isso tão a sério, mamãe — aparteou Jimmy. — O que significa um olhinho preto entre amigos?

— Não seja tão leviano, rapazinho — censurou Leslie. — Ela poderia ter ficado desfigurada o resto da vida.

— Bem, ela não ficou — disse Jimmy. — Como foram de viagem?

— Foi maravilhoso — disse Strand, asperamente, ansioso para evitar uma discussão de família na frente dos outros.

— Você foi ao médico? — perguntou Hazen a Caroline.

— Não há necessidade de médico — disse Caroline, irritada, sentindo-se repreendida injustamente.

— Conroy — disse Hazen —, não iremos para a ilha. Ficaremos em Nova York e vamos levar esta mocinha ao médico. O nome do homem é dr. Laird, o melhor para esse tipo de coisa.

— Por que não chamamos uma ambulância com sirene e aparelhagem de socorro — disse Caroline, com ironia — e levamos a pobre e linda vítima horivelmente mutilada para um hospital onde uma equipe de especialistas em solidificação óssea e cirurgia cardíaca esteja esperando para salvar sua vida?

— Não seja engraçadinha, Caroline — repreendeu-a Leslie. — O sr. Hazen está certo.

— Todo mundo está fazendo tanta confusão! — disse Caroline, parecendo uma garotinha. — Por nada. Já aconteceu faz vinte e quatro horas e ainda estou viva.

— Você já disse o que tinha a dizer — disse Leslie para ela. — De agora em diante fique calada e obedeça.

— Detesto médicos — resmungou Caroline. Leslie pegou-a pelo braço, com firmeza, e dirigiu-se para a saída, com Hazen do outro lado. Strand vinha atrás, com Jimmy e Linda.

— O que você sabe de tudo isso? — perguntou Strand a Jimmy.

— Nada. Só tomei conhecimento há quinze minutos, quando a vi. Vim de Nova York, e Conroy a trouxe de carro. Mamãe está exagerando. E Hazen está se exibindo como o chefe que é, que dirige tudo, como sempre.

— Bem — disse Linda —, pelo menos ela não perdeu nenhum dente. Isso é algo para se dar graças. Ela tem dentes lindos.

— Vou pedir a Conroy que me deixe no escritório — disse Jimmy. — Avisei que estaria ausente só por algumas horas.

— Não acha que deveria ficar com sua irmã numa hora dessas?

— Oh, pai — replicou Jimmy, impaciente. — Por causa de um olhinho preto?

— Como você está indo no escritório? — perguntou Strand, mudando de assunto, não desejando discutir com o filho. Não ganhava uma discussão com ele desde que Jimmy tinha doze anos.

— Ainda estou explorando o terreno — respondeu Jimmy. — Pergunte a Solomon. Ele sabe melhor do que eu. De qualquer forma, diga ele o que disser, gosto do emprego.

Strand esteve a ponto de lhe falar que não gostara da maneira como se referira a Solomon e Hazen, deixando de acrescentar o "sr.", mas, de súbito, lembrou-se do telegrama de Eleanor. Com o nervosismo por causa do ferimento de Caroline, esquecera-se completamente disso.

— Você tem visto Eleanor? — perguntou.

— Não — respondeu Jimmy. — Nós nos falamos pelo telefone na semana passada.

— O que tinha ela para dizer a você?

— Não muita coisa — respondeu Jimmy, cauteloso. — O de sempre. Que ela achava que eu não estava dormindo o suficiente. Às vezes, penso que ela acredita ser minha mãe, e não minha irmã.

— Ela falou alguma coisa sobre se casar?

— Por que ela diria uma coisa dessas? — Jimmy parecia realmente surpreso.

— Porque ela se casou há quatro dias. Em Las Vegas.

Jimmy parou.

— Não é possível! Devia estar bêbada. Ela disse o motivo?

— Não é a espécie de coisa que uma pessoa mencione num telegrama — respondeu Strand. — Nossa família teve uma semana cheia.

— Pode repetir isso. — Jimmy sacudiu a cabeça, assombrado. Voltaram a caminhar de novo para onde Conroy estava guardando a bagagem no carro, em frente ao terminal. — Onde estão eles agora? Gostaria de telefonar e dizer que seu querido irmão deseja muitas felicidades pela data.

— Não pode telefonar para ela. Não nos disse onde estava.

Jimmy sacudiu de novo a cabeça.

— Aquela garota é desonesta. Desonesta. — Colocou gentilmente a mão no ombro do pai. — Não se preocupe, pai. Ela está bem. Ele é ótimo, Giuseppe. Devem saber o que estão fazendo. E você terá uma pequena tribo de *bambini* angelicais para pular nos seus joelhos.

— Mal posso esperar — disse Strand, sombriamente, ao entrar no grande Mercedes, onde os outros já se encontravam.

Caroline estava com uma expressão obstinada e parecia grotesca com o curativo no nariz e o olho inchado, sem vida. Curvou-se e beijou-a.

— Minha querida garotinha — murmurou ele, docemente.

— Oh, deixe-me em paz — disse Caroline, dando de ombros. Não era um grupo feliz o que ia no grande carro, em direção à cidade.

Quando o carro atravessou a ponte, em Manhattan, ocorreu a Strand que, desde a noite em que Hazen havia entrado pela primeira vez cambaleante, no seu apartamento, sangrando, desfalecendo, ele tivera mais contato com a profissão médica do que em qualquer outro período de sua vida.

Naturalmente, pensou Strand, enquanto ouvia o médico que falava com eles em seu modo apressado de especialista, naturalmente era pior do que parecia. Aquele era um período em que as coisas sempre acabavam sendo piores do que pareciam.

— O osso foi muito atingido, e o septo esquerdo está bloqueado — explicou o médico para Leslie e Strand, no elegante consultório da Park Avenue, onde os fizera entrar depois de ter olhado as radiografias e completado o exame em Caroline, que ficara em outra sala com um assistente que fazia outro curativo e tirava amostras de sangue.

— Receio que isto vá exigir uma operação — disse o médico. Ele não parecia estar com receio, em absoluto. A língua inglesa, pensou Strand, com todas as suas delicadas ambigüidades. — Teremos de aguardar alguns dias até o inchaço desaparecer. Farei reserva da sala de operação. Isto é, se o senhor concordar.

— É claro — disse Leslie.

Strand assentiu com a cabeça.

— Ela terá de ficar apenas uma noite — continuou o médico. — Na verdade, não há nada com que se preocupar, sra. Strand.

— O sr. Hazen me garantiu que ela está em ótimas mãos, possivelmente as melhores — declarou Leslie.

— Meu velho amigo Russell. — O dr. Laird sorriu diante desse voto de confiança. — Nesse meio tempo, aconselho a colocar a mocinha na cama e conservá-la tranqüila. Não deve ser tão corajosa para o seu próprio bem. Ficarão em Nova York ou pretendem ir para a casa de Russell?

— Ficaremos em Nova York — disse Leslie, rapidamente.

— Ótimo. Quanto menos ela se movimentar, melhor. — Levantou-se para indicar que a entrevista terminara. O melhor homem no assunto não tinha tempo para conversa inútil. — Telefonarei depois para fazer os acertos no Lenox Hill Hospital, isto é, bem pertinho daqui, na 77th Street, e lhes direi quando poderão levar a mocinha para o hospital. — Acompanhou-os até a sala de espera, onde Linda e Hazen estavam sentados, Linda folheando nervosamente uma revista e Hazen parado, olhando pela janela, o rosto imóvel.

— Russell — disse o médico —, poderia trocar uma palavrinha com você, em meu consultório?

Hazen ergueu-se e seguiu-o médico. Linda largou a revista na mesinha e olhou para Strand, com uma interrogação no olhar.

— Há algumas complicações — disse Strand. — Ele vai ter de operá-la.

— Oh, meu Deus — murmurou Linda. — Pobre menina!

— Não há nada com que nos preocuparmos, disse-nos o médico — falou Leslie. — Estou certa de que ele sabe o que diz.

— Ele falou com Caroline?

— Ainda não.,

— Espero que ela não fique perturbada demais.

— Quando souber que, se quiser respirar normalmente daqui para a frente, vai ter de ser operada, tenho certeza de que compreenderá — disse Leslie, calmamente.

Ainda estavam esperando por Caroline quando Hazen apareceu. A expressão do seu rosto não indicava o motivo da conversa particular que tivera com o médico.

— Há alguma coisa que o dr. Laird lhe contou que não nos tenha dito? — perguntou Strand.

— Nada de importante — respondeu Hazen. — Ele não tem tempo para mentir. Não. . . tudo o que disse foi que, quando acontece um caso destes, em meninas, quando é preciso operar mesmo, sempre há uma oportunidade de se fazer facilmente, ao mesmo tempo, se a paciente quiser, uma pequena cirurgia plástica.

— O que isso significa? — perguntou Strand, desconfiado.

— Fazer o nariz esteticamente mais bonito, é a expressão que ele usa. Ele faz um bocado de cirurgias plásticas e, pelo que ouvi dizer, tem uma boa clientela.

— Por que não *nos* disse isso? — perguntou Strand.

— Às vezes, disse ele, os pais podem ficar zangados com uma sugestão dessas. A vaidade fica ofendida. Preferiu que você ficasse zangado comigo e não com ele.

Strand olhou para Leslie. Ela olhava para Linda. Linda assentia vigorosamente com a cabeça.

— Naturalmente — disse Hazen —, vocês teriam de saber o que Caroline deseja.

— Sei o que Caroline quer — disse Leslie. — Ela ficaria encantada.

— Como sabe disso? — perguntou Strand, espantado.

— Conversamos sobre isso, bem antes de irmos para a França — disse Leslie, em atitude de desafio. — Antes disso, quando Eleanor falou sobre o assunto.

— Por que não falou comigo também, na ocasião? — perguntou Strand.

— Estava esperando pelo momento certo — declarou Leslie.

— E você acha que *este é* o momento certo? — Strand procurava não elevar a voz.

— Providencial — respondeu Leslie, calmamente. — Talvez devêssemos dizer obrigado àquele rapaz, George, pelo modo como dirige.

— Acho que é tolice. — Strand sabia que não estava sendo convincente.

— Allen — disse Leslie —, por favor, não seja antiquado.

— Bem, uma coisa é certa — disse Strand, embora soubesse que estava derrotado. — Eu mesmo quero falar com a mocinha.

— Oh, Allen — disse Leslie, impaciente —, não faça um drama disso. Eles fazem isso um milhão de vezes por ano.

— Não, em minha família não fazem. — Voltou-se para a porta de um dos consultórios quando Caroline saiu com o assistente que estivera cuidando dela. Estava com um novo e elegante curativo no nariz e no olho ferido.

— Como se sente, meu bem? — perguntou Strand.

— Estou nas últimas — disse Caroline.

— Não seja irreverente. Vamos levá-la para casa. Vamos. — Strand abriu a porta, e Caroline, segurando o braço da mãe, saiu com Linda. Hazen ficara um pouco atrás, como se estivesse refletindo. — Você vem conosco? — perguntou Strand.

— Sim, sim, naturalmente. — Hazen parecia perturbado.

— Há mais alguma coisa que o médico lhe tenha dito? — Strand sentia-se rodeado de conspiradores.

— Não, nada. Eu lhe direi em qualquer outra hora.

Que dia, que dia dos infernos, pensou Strand, enquanto ele e Hazen seguiam os outros para o carro que os aguardava. Milhões de pessoas estão morrendo de fome e matando-se umas às outras no mundo inteiro e nós estamos nos preocupando com o nariz de uma jovem, se ele deve ou não ser uma fração de centímetros mais curto.

O apartamento ficou em desordem nos dias que se seguiram. Leslie começou a encaixotar imediatamente a mudança para Dunberry, tudo ficou tomado por uma confusão de caixotes e aparas de madeira para proteger os pratos e os quadros, e houve longas discussões entre Leslie e Caroline, que se recusava a sair enquanto ainda tinha curativos pelo rosto, sobre o que jogar fora e o que levar. Eles moravam naquele apartamento havia vinte e cinco anos, e Strand estava assombrado com a quantidade de trastes que haviam acumulado. Leslie recusava-se terminantemente a deixar que ele ajudasse, porque não queria que ele se cansasse, e Strand não conseguia encontrar nada naquela confusão. Nova York fora atingida por uma onda de calor, não havia notícias de Eleanor, Jimmy não ajudava em absoluto, aparecendo rapidamente em horas absurdas, monopolizando o telefone, geralmente não dormindo em casa, só chegando apressadamente bem cedo pela manhã para se barbear e se vestir para o trabalho. Strand estava aborrecido com o que ele particularmente chamava de hábitos detestáveis do rapaz, mas, observando os conselhos do médico quanto a não ficar nervoso, nada dizia. Encontrou-se perambulando pelas ruas de Nova York, lendo jornais enquanto bebia inúmeras xícaras de café em lanchonetes, sentindo-se solitário, confuso e inútil. Telefonara para o consultório do dr. Laird para saber quanto iria custar a operação no nariz de Caroline. Não fora capaz de encontrar o médico, mas fora informado pela secretária, que dava a impressão de ter sido ela própria interrompida no meio de uma operação, de que o assunto já fora resolvido. Telefonara para o escritório de Hazen para protestar, mas o sr. Hazen estava fora da cidade, disseram, e não sabiam onde se encontrava.

Viu um grande número de filmes, sentado sozinho na escuridão fria, para escapar do calor das ruas, e não gostou de nenhum. Havia uma vantagem em estar em Nova York, em agosto. Tornava a

perspectiva de mudar dali agradável. Se ele tivesse vinte anos menos, disse a si mesmo, teria ido aos arredores da cidade e pedido carona para o primeiro carro que o quisesse levar para qualquer lugar na estrada.

Certa tarde, encontrou-se na rua onde morava Judith Quinlan. Quase entrou no prédio e tocou a campainha do apartamento. Alguns dos filmes que vira tinham sido pornográficos ao extremo, no novo estilo, e, para aumentar seu desconforto geral, ultimamente estava sujeito a sonhos de um erotismo rude. Com a mão pousada na maçaneta da porta do prédio, desistiu. Imaginou manchetes:

PROFESSOR DE COLÉGIO ENCONTRADO MORTO NA CAMA DA AMANTE.

Não tinha vivido a vida que levava para chegar a esse fim. Largou a maçaneta, dirigiu-se para o parque, sentou-se num banco e ficou observando os pombos, que pareciam não se importar com o calor.

Na véspera da operação, Jimmy mudou-se do apartamento. Deixou o endereço por escrito. Aos cuidados de Longman, na East 53rd Street. Era conveniente, disse Jimmy, perto do escritório de Solomon. Jimmy não disse se era srta. Longman, sra. Longman ou sr. Longman, e tanto Leslie quanto Strand ficaram por demais constrangidos para perguntar-lhe. Jimmy disse que já era hora de se livrarem do apartamento. Viver ali era como carregar 1890 nas costas, dizia ele. Strand recordava todas as alegrias, todas as tristezas que tinha vivido naqueles cômodos espaçosos — o choro das crianças, a música do piano, as tardes silenciosas de leituras minuciosas, o cheiro da comida — e mandara Jimmy calar-se.

Strand e Leslie levaram Caroline ao hospital num táxi, numa tarde chuvosa. Caroline estava tão alegre como se estivesse indo para um baile. Strand imaginou se iria reconhecê-la depois da operação. Não tinha sido consultado pelo melhor-homem-sobre-o-assunto a respeito do tipo de nariz com que ela iria aparecer. Romano, arrebitado, tipo concha, como o da Garbo, de Elizabeth Taylor, como o nariz da duquesa de Alba, da sra. Harcourt?

Com o que ela se pareceria? O rosto molda o caráter, não importa o que digam. Ele a amava como ela era, e achava que a filha era bonita e sabia que ela o amava. Ela não tinha desistido do tênis como uma oferta infantil, em algum altar místico, em troca da vida dele? Ofereceria, em sua nova encarnação, qualquer outra coisa por ele novamente?

No táxi abafado, Leslie estava tranqüila ao lado da filha, batendo-lhe vez ou outra na mão, para lhe dar mais confiança. Teria vivido vinte e cinco anos com uma mulher que não tinha imaginação em absoluto? Gostaria que Eleanor estivesse ali. Ela teria dito alguma coisa bem simples, clara e boa para sua alma. Lamentava sua ausência como uma traição. O amor fez voar todas as demais responsabilidades. Ele teria umas coisas para lhe dizer quando aparecesse. Amaldiçoava o dia em que entrara no mar sozinho. Agora, pensou ele, cheio de pena de si mesmo, estou à parte de minha própria vida.

Deixaram Caroline na cama do hospital onde passaria a noite antes de ser levada para a sala de operação, pela manhã. Caroline não escondera que o desejava fora do quarto. "Você está com uma cara comprida, papai", dissera. "Por que você e mamãe não vão jantar num belo restaurante e depois não vão a um concerto? Você me faz sentir-me culpada, ficando aí parado, como se as sirenas estivessem tocando e você fosse me deixar sozinha sob um ataque aéreo."

O apartamento, cheio de livros espalhados pelo chão, tapetes enrolados, pontos claros nas paredes onde haviam estado os quadros por tantos anos, já não parecia mais um lar. Sua voz e a de Leslie, enquanto resolviam se jantariam ali ou se sairiam, soavam estridentes nos aposentos desarrumados. Por uma vez, Strand sentiu falta do violão de Jimmy. Era difícil perdoar o adeus despreocupado e insensível do filho. Os jovens, pensou amargamente, desprezam atitudes possessivas, não compreendendo quanto amor se pode acumular num piano velho, num vaso barato, numa escrivania cheia de manchas, num abajur que projetara luz nos livros durante um quarto de século.

A família tinha acabado. Agora haveria um telefonema, um bilhete rabiscado da Geórgia, do Arizona, de um endereço na East 53rd Street. As crianças crescem e se vão. Era a lei da vida ou, pelo menos, dos tempos, mas, como tudo o mais neste século apressado, tudo passara chispando, num ritmo vertiginosamente acelerado. Acontecera tão rápido! Uma questão de semanas. Um homem surgira, a cabeça ensangüentada, uma noite, e todos os valores tinham sido alterados. Sabia que estava sendo injusto ao culpar Hazen, mas achava difícil ser justo.

Irritado, Strand ligou o rádio. O noticiário noturno estava no ar. As notícias eram ruins, um relatório do caos. Lembrou-se de uma frase de uma peça de Saroyan, "Nenhum fundamento. De ponta a

ponta". Desligou o rádio e ligou a televisão. Distinguiu o som do riso enlatado e desligou o aparelho antes que a imagem aparecesse na tela.

Vagueou pelo apartamento, o fantasma de si próprio. Teve vontade de olhar o álbum de fotografias onde conservavam os instantâneos da família: ele e Leslie no dia do casamento, Caroline num carrinho de bebê, Eleanor de beca e toga, o diploma na mão, Jimmy de bicicleta. Mas o álbum já fora embalado.

De repente, o apartamento ficou intolerável para ele. Foi até a cozinha, onde Leslie abria latas para o jantar.

— Vamos jantar fora — disse ele. — Quero ver outras pessoas esta noite.

Leslie olhou-o, estranhando o seu comportamento por um momento, e depois colocou o abridor de latas na pia.

— Ótimo — concordou ela, com voz suave. — Dá tempo para eu lavar os cabelos?

— Não estou com fome. Posso esperar. — Sempre que Leslie ficava preocupada, lavava o cabelo. Sua serenidade, imaginou Strand, era uma máscara que colocara por sua causa. Mas detestava o ruído do secador de cabelos. Era como o som das máquinas sinistras que ouvia no plano indistinto de seus sonhos. — Vou esperar por você no O'Connor's. — O O'Connor's era o bar da esquina da rua onde moravam. Só entrava lá duas ou três vezes por ano, quando tinha notícias desagradáveis para dar em casa e queria retardar o momento.

Leslie aproximou-se dele e beijou-o na face.

— Não fique acabrunhado, por favor, querido — disse ela.

Mas ele apenas respondeu:

— Queria tomar um drinque enquanto espero. E não há bebidas em casa. Jimmy deve ter promovido algumas festas tumultuosas, na nossa ausência.

— Não podem ter sido tão tumultuosas — disse Leslie. — Não deixamos nada além de meia garrafa de uísque quando fomos para a Europa.

— Mesmo assim — disse Strand, sabendo que estava sendo incoerente. Quando saiu, ouviu a água correr no banheiro. Quando, uma hora depois, Leslie se encontrou com ele no O'Connor's, ainda estava com seu primeiro drinque intacto, no copo diante dele desde que sentara ali, sozinho, no bar deserto.

Jantaram num restaurante das redondezas do qual gostavam muito. Havia apenas mais dois casais no restaurante, e o proprietário, que os conhecia, comentou:

— Em agosto do ano que vem, não vou abrir. Agosto é uma calamidade em Nova York.

Depois das refeições que fizeram na França, aquela comida parecia sem gosto, e Leslie encontrou um fio de cabelo na salada.

— Esta é a última vez que ponho os pés neste restaurante — disse Leslie.

Última, pensou Strand, está se tornando a palavra mais comum do nosso vocabulário.

Ao abrirem a porta do apartamento, ouviram o telefone que tocava. Quando começar a próxima guerra, pensou Strand, ao correr para atendê-lo, ela me será anunciada por esse som metálico enervante. Era Eleanor.

— Eu já estava ficando nervosa. Estive ligando a noite toda. Então telefonei para Russell achando que poderiam encontrar-se lá, e ele me falou sobre Caroline. Onde estavam vocês? Ela está bem?

— Ótima, ótima — respondeu Strand, tentando afastar o ressentimento da voz. — Onde você está?

— Em meu apartamento. Cheguei agora de noite. Quero ir até aí.

— Para quê? — perguntou Strand, secamente.

— Não fique zangado, por favor, papai. Tudo o que fiz foi me casar. Posso ir até aí?

— Vou perguntar para sua mãe. — Voltou-se para Leslie. — É Eleanor. Você quer vê-la agora?

— É claro. Pergunte a ela se já jantou. Posso preparar alguma coisa.

— Estaremos esperando por você — disse Strand. — Mas sua mãe quer saber se você já jantou. Se ainda não, ela poderá arranjar alguma coisa para você aqui.

Eleanor riu.

— A boa e sábia mamãe. Alimenta as feras primeiro e faz perguntas depois. Diga a ela para não

se preocupar. Engordei quase três quilos depois do casamento. — Strand desligou.

— Ela já jantou — disse para Leslie.

— Prometa-me que não vai brigar com ela — pediu Leslie.

— Deixo que o marido grite com ela — disse Strand. — Não tenho mais energia. — Pegou uma revista e foi para a cozinha, o único lugar no apartamento onde havia uma lâmpada com que se podia ler, sentou-se à mesa e olhou para as caricaturas, que não pareciam engraçadas à luz forte de neon que Leslie tinha instalado quando descobriu que precisava de óculos para costurar e ler.

— Agora — disse Leslie —, começemos do princípio. Estavam sentados na sala de estar, que se achava, em grande parte, às escuras, pois, com a exceção de um, todos os abajures já estavam empacotados. Quando Eleanor havia perguntado sobre o estado de espírito da irmã, Strand respondera, taciturno: "surpreendentemente elevado". Mas Leslie estava mais confiante.

Agora, Eleanor estava sentada na beira de uma sólida poltrona, com a aparência tranqüila de quem não está arrependida, mais jovem e mais bonita do que nunca, pensou Strand.

— O princípio, é claro — disse Eleanor —, foi no último verão, no oeste, quando bati os olhos nele, na casa de amigos em Bridgehampton, e decidi, na ocasião, que ali estava o homem de que eu precisava.

Leslie, apreensiva, olhou para o marido. Ele sabia que seu rosto demonstrava o que estava pensando de a filha falar naqueles termos, casada ou não.

— Uma semana depois, ele me pediu que me casasse com ele — continuou Eleanor, com um pequeno acento de triunfo na voz.

— Mas me disse que mais cedo ou mais tarde deixaria Nova York e iria trabalhar como jornalista em alguma cidadezinha que talvez ficasse a milhares de quilômetros de distância e que ele não acreditava em casamentos onde o marido vivia num lugar e a mulher noutro, e eu disse "Não, obrigada, amigo", e nós... bem... nós continuamos a nos ver. Ele me apresentou à sua família, e a maioria deles foi tão encantadora quanto possível, mas a mãe ficou em brasa quando me viu. Ela nasceu na Itália e é católica como todos os demais, vai à missa aos domingos, feriados e sempre que há uma oportunidade; estava tudo bem enquanto o seu querido filho quisesse passar um ocasional e furtivo fim de semana com uma protestante, mas a idéia de casamento levou-a a se ajoelhar, segurando uma vela; diante da imagem da Virgem, na igreja mais próxima. Podem imaginar isso? Nos dias de hoje, em nossa época?

Sim, pensou Strand, posso imaginar. Nos dias de hoje, em nossa época, mares de sangue têm sido derramados devido à crença em um ou outro deus. E o sangue de crianças ainda por nascer irá fluir pelas mesmas razões. Quanto a isso, a devota mãe de Giuseppe Gianelli era mais atual do que sua filha.

— Giuseppe disse que a velha senhora iria superar isso — continuou Eleanor — e, enquanto não tinha de vê-la, estava tudo bem para mim; e éramos felizes, até... — ela parou e o tom de sua voz tornou-se sério — até que ele foi para a Geórgia, e o homem disse que ele podia ir e começar no jornal imediatamente. Giuseppe me telefonou da Geórgia, creio que Russell lhes contou.

— Hazen nos contou — confirmou Strand.

— Disse que estava aceitando o emprego — prosseguiu Eleanor, séria agora — e que, se eu quisesse vê-lo de novo, teria de me casar com ele imediatamente. — Ela suspirou. — Eram sete horas da noite quando me ligou da Geórgia. Respondi que tinha de pensar a respeito. Ele me deu um prazo até a manhã do dia seguinte. Não posso dizer que tenha dormido bem naquela noite. Mamãe — exclamou ela —, não posso viver sem ele. O que você teria feito se papai lhe tivesse dado um ultimato desses... e você soubesse o que ele significava?

Leslie inclinou-se e tocou a mão de Strand.

— Teria feito exatamente o que você fez, querida.

— Teria sido danada de boba — disse Strand.

— Não, não teria — disse Leslie, suavemente.

— Quando telefonei para Giuseppe na manhã seguinte, dei-lhe o sim — contou Eleanor, a voz tão baixa que Strand mal conseguia compreender as palavras.

— Mas Las Vegas — falou Strand, zangado. — Por que a pressa?

— O que teria preferido? — Eleanor ergueu-se e ficou caminhando pela sala. — Um grande casamento com um padre e os parentes cantando *O sole mio* e a *mamma* parecendo uma italiana sinistra,

amaldiçoando a família toda? Sinceramente, se querem saber, nem Giuseppe nem eu queríamos ter oportunidade para mudarmos de idéia. Que diferença faz? De qualquer forma, Las Vegas foi rápido, casamento instantâneo, e foi divertido. Giuseppe ganhou cento e vinte dólares no vinte-e-um. Deu para comprar o anel. E pagar o hotel. Por favor, papai, mamãe, não fiquem zangados comigo. Estou feliz e pretendo continuar feliz. Vocês se sentiriam melhor se eu ficasse em Nova York, freqüentando bares elegantes, tendo meu nome na porta como assistente do vice-presidente da Overcharge and Complaint Division*, a centésima vigésima maior companhia de computação da América?

— Pare com essas tolices — disse Leslie, rispidamente. Ergueu-se, abraçou Eleanor, beijando-a na testa. — Se você é feliz, nós somos felizes.

Por sobre o ombro da mãe, Eleanor olhou para Strand.

— Isso inclui você também, papai?

— Creio que sim — respondeu Strand, cansado. — Onde está seu marido agora?

— Em Graham, Geórgia. A maior cidadezinha do Cinturão do Sol dos Estados Unidos da América, a que mais cresce, com reuniões do Rotary Club toda terça-feira.

Strand não saberia dizer se ela estava chorando ou rindo.

— Nunca vai vir aqui?

— Só na calada da noite. Ele é um homem corajoso, mas não tão corajoso a ponto de enfrentar a *mamma* por um ou dois anos. Você me dá, sua bênção? — Ela se afastou de Leslie e olhou firme, desafiadora, para o pai.

— Não sou o *papa*. Dar bênção não é do meu feitio. — Strand ergueu-se e abraçou-a. — Mas lhe dou meu beijo.

Ela deu-lhe um abraço apertado.

— Não acha que deve fazer um brinde aos recém-casados, agora?

— Não há nada em casa — disse Strand, mal-humorado. — Jimmy bebeu tudo.

Eleanor riu, e Leslie disse:

— Oh, Allen.

— Agora — disse Eleanor ao sentar-se comodamente —, a noite ainda é uma criança. Falem sobre a viagem.

— Foi gloriosa — disse Strand —, mas estou certo de que as duas senhoras têm muito o que falar. Tive um dia cansativo e vou me deitar.

Eleanor, Jimmy e Linda Roberts já se encontravam na sala de espera do hospital, logo cedo na manhã seguinte, quando Strand e Leslie chegaram. Jimmy estava de *jeans* azuis e um suéter preto de gola rolê, e usava um tipo de enfeite dourado pendurado numa corrente ao redor do pescoço. Suas roupas de trabalho, pensou Strand. Mas por uma vez, pelo menos, Jimmy parecia sério. Caroline tinha acabado de ser levada para a sala de operação, disse Eleanor. Já estava sob o efeito do sedativo, mas tinha acenado, sonolenta, quando passara pelo *bali*. Strand tentou não pensar no que se estaria passando lá em cima no momento. O cheiro do hospital era familiar, confortador, para ele. Passara por ele e sobrevivera. Tinha sonhado muito enquanto permanecera no hospital, mas não se lembrava no que consistiam os sonhos, exceto que tinham sido desagradáveis. Esperava que nos sonhos da filha ela ganhasse corridas, recebesse troféus e dançasse com rapazes bonitos.

Leslie tinha trazido tricô, e o som das agulhas sobressaía no silêncio. Strand sabia que ela tricotava um suéter para ele. A última vez que se lembrava dela a tricotar foi quando ficou ao seu lado, na unidade de tratamento intensivo. Tricotava estritamente no hospital, pensou ele. O suéter, esperava Strand, não estaria pronto antes de completar noventa anos.

A primeira vez que Leslie fora para o hospital — para ter Eleanor — ele começara a ler uma história de mistério, de Raymond Chandler. Via de regra, não lia histórias de mistério, mas o livro estava sobre a mesa da sala de espera, e ele o apanhara para ler. Eleanor não havia demorado para nascer, e ele apenas tinha lido algumas páginas quando o médico chegara e lhe anunciara que era pai de uma menina. Esqueceu-se mais tarde do que havia naquelas páginas, mas, quando Leslie fora levada às pressas para o hospital quando Jimmy nasceu, ele apanhara o mesmo livro, sem superstições. Começara a ler o livro de novo e, de novo, só chegara a ler umas poucas páginas. Guardara o livro em lugar seguro, para ser lido

* Literalmente, "Departamento de Sobrecarga e Reclamações". (N. do E.)

nos futuros nascimentos, e o levava para casa quando Caroline nasceu. Mas, agora, na confusão com os preparativos da mudança, não sabia onde ele, estava. Precisava encontrá-lo antes de Eleanor ter seu primeiro filho. Talvez, então, finalmente descobrisse quem tinha matado quem.

Hazen chegou quando já se encontravam ali há quase uma hora. Estava bronzeado, com aparência sadia, fora de ambiente, pensou Strand, num hospital, embora tivesse um curativo na mão direita. Prendera-a na porta do carro, explicou ele. Tinha falado com o dr. Laird, também, no dia anterior, e Laird dissera que a operação levaria uma hora e meia, no máximo, e que não havia nada com que se preocupar. Caroline poderia ir para casa em vinte e quatro horas.

Leslie tricotava cada vez mais rápido, e o estalido das agulhas estava mexendo com os nervos de Strand. Ele se levantou, saiu para o corredor e começou a andar para cima e para baixo, tentando não olhar para os quartos onde havia pessoas deitadas, com sacos plásticos e suportes debaixo das camas e tubos nos braços. O riso das enfermeiras no final do corredor ofendeu Strand.

Hazen deixou a sala de espera e ficou andando silenciosamente ao lado dele. Hazen pigarreou como se quisesse chamar a atenção de Strand.

— Allen — disse ele —, esta é uma hora tão boa como qualquer outra para conversar com você. Não quero falar na frente dos outros. Primeiramente, Caroline não sofreu nenhum acidente automobilístico.

Strand parou de andar e olhou para Hazen.

— Sobre o que você está falando?

— Lembra-se de quando Laird me pediu que entrasse em seu consultório, depois que acabou de examinar Caroline?

— Sim. Quando lhe disse que podia mudar o formato do nariz de Caroline.

— Não foi só isso o que ele me disse. Ele não examinou Caroline apenas. Ele a interrogou sobre o que tinha acontecido. Disse a ela que possivelmente não podia ter acontecido da forma como ela contou e, como seu médico, tinha de saber a verdade. Ela então relatou tudo. A verdade é que o rapaz, George, bateu nela.

— O quê? — as pernas de Strand, de repente, ficaram bambas.

— Estavam sentados no carro, sim — continuou Hazen, sério, mas não na rua. Perto da praia. Sozinhos. Ele tentou despi-la, Caroline impediu-o, e ele bateu nela.

— Oh, Deus!

— Animalzinho imundo. Nunca mais vai tentar uma coisa dessas — disse Hazen, sombriamente. — Ontem, dei-lhe uma surra de que vai se lembrar para o resto da vida. — Ergueu a mão enfaixada. — Deslocou duas juntas, mas valeu a pena. E fui falar com o pai dele e lhe disse que, se eu vir o seu filho em Hampton outra vez, darei cabo dele. E o velho miserável sabe que posso fazer isso. E, o que é mais importante, está pagando pela operação e o hospital. — Hazen sorriu, com uma expressão implacável diante do seu triunfo na negociação. Depois ficou sério outra vez. — Estive lutando comigo mesmo, sem saber se devia dizer-lhe ou não e, por fim, cheguei à conclusão de que você devia saber.

— Obrigado — disse Strand, desanimado. — Naturalmente.

— Acho que não deve falar com mais ninguém. Principalmente com Jimmy. Ele talvez pense que teria de fazer alguma coisa, e só Deus sabe o que poderia resultar disso. A questão do sr. George está liquidada, e é melhor deixar como está. Achei que era minha responsabilidade. Convidei o merdinha para a minha casa, onde conheceu Caroline, e competia a mim dar os passos necessários; e eles foram dados. Peço-lhe desculpas, como a toda a família.

— Não há necessidade de desculpas. — Finalmente, Strand encontrou uma cadeira do lado de fora de um quarto fechado e afundou-se nela, tremendo, sentindo-se invadido por ondas de uma fúria incontrolável. Se o rapaz estivesse ali na sua frente, teria voado para ele e tentado matá-lo, embora nunca tivesse lutado em sua vida e não fosse forte o bastante nem para ferir um gatinho. Mas, esmo sabendo disso, sentiu-se desonrado e envergonhado porque o castigo que teria sido diretamente sua prerrogativa tinha sido arrancado de suas mãos.

— Você está bem? — perguntou Hazen, ansioso, curvando-se sobre ele. — Está branco como uma folha de papel.

— Não se preocupe comigo — disse Strand, meio apalermado. — Apenas me deixe sozinho por um instante, por favor.

Hazen lançou-lhe um longo olhar e depois voltou para a sala de espera. Strand ainda se achava

sentado lá, tentando parar de tremer, quando o dr. Laird veio pelo corredor, num andar vigoroso. O médico parou quando viu Strand.

— Já acabou, sr. Strand — informou o médico. — Correu tudo bem. Sua filha descera a qualquer momento agora.

— Obrigado — disse Strand, sem se levantar da cadeira. — Os outros estão na sala de espera. Por favor, avise-os.

O médico bateu-lhe no ombro, o gesto acima e além do dever do melhor-homem-no-assunto, e entrou na sala de espera.

Strand ainda estava lá quando Caroline passou por ele na maçã, em direção ao quarto. Ele se ergueu e olhou para a filha. O que podia ver do rosto parcialmente coberto de ataduras parecia tranqüilo, como o de uma criança feliz, adormecida.

Ele chorou, sem saber que estava chorando.

4

Estava sentado sozinho, à luz de um abajur ajustável com uma cúpula verde de vidro, na grande escrivaninha da sala de estar da Malson Residence, a casa no campus da Dunberry School, cujas chaves o secretário lhe dera. Jimmy o levava de carro, de Nova York, num carro que pedira emprestado a um amigo. Jimmy não tivera boa impressão da velha e rangente casa de madeira, que, tanto quanto podia prever, iria ser o lar de seus pais nos últimos anos da vida profissional de seu pai. O apartamento do *housemas-ter**, separado dos alojamentos dos alunos no restante da casa por um longo *hall* escuro, era bastante espaçoso, mas a mobília era escassa e indescritível, dando mostras de longo e intenso uso.

— Por certo não está afundado no luxo, não é, pai? — disse Jimmy depois de ter transportado a bagagem de Strand.

— Vamos desfazer-nos da maior parte do que há aqui — disse Strand. — Sua mãe vai trazer uma porção de coisas, e quando ela chegar, estou certo de que tornará este lugar confortável. — Leslie havia ficado na cidade porque não podiam deixar Caroline sozinha enquanto sua cabeça ainda estivesse enfaixada. O dr. Laird garantira que Caroline estaria apresentável e pronta para viajar em duas semanas, quando teria de ir ao Arizona para o início do período escolar, e Leslie decidira fazer a viagem com ela.

— Gostaria de ficar e lhe fazer companhia, pai — disse Jimmy. — Odeio a idéia de você ficar perambulando por este barracão sozinho durante duas semanas.

— Não ficarei sozinho. Os meninos deverão chegar para se matricular depois de amanhã.

— Quantos meninos ficarão sob sua responsabilidade?

— Apenas nove.

— Que Deus o proteja, pai.

— Se eu pude lidar com você — disse Strand —, posso lidar com nove pirralhos que empurrarem para cima de mim. Temos sorte. Alguns professores, nos grandes dormitórios, têm sessenta.

Jimmy riu.

— Se algum deles lhe der trabalho, me chame. Poderei tirar mais um dia de folga de Solomon, venho aqui e dou uma surra em cada um. — Consultou o relógio. — Bem, preciso ir andando. Prometi estar de volta com o carro antes de o escritório fechar. — Inesperadamente, aproximou-se do pai e envolveu-o num caloroso abraço. — Por favor, cuide-se. Crianças tiram a paciência de um santo.

— Depois das escolas públicas de Nova York, isto será uma festa — disse Strand.

— Hoje em dia nada é uma festa. — Jimmy apertou a mão do pai, franziu a testa ao ver o papel de parede descascando e saiu. Um momento depois, Strand ouviu-o ligar o carro e partir. Então, a casa ficou silenciosa, com um silêncio, pensou ele, com o qual teria de se acostumar, depois do zumbido constante de Nova York.

Haveria um chá no fim da tarde para o corpo docente, na casa do diretor. O secretário dera um mapa a Strand para que ele pudesse orientar-se no campus. No caminho, passou por um campo de futebol, onde alguns alunos que tinham vindo mais cedo do que os demais treinavam, correndo pelos sinais, golpeando os bonecos que serviam de alvo, e passavam a bola entre si no gramado maravilhosamente

* Prefeito do internato de um colégio. (N. do E.)

conservado. O próprio campus, com seus dormitórios georgianos e muros cobertos de hera, parecia mais um clube de campo do que um colégio, e Strand sorriu com ironia quando o comparou a cornos prédios tristes de Nova York, onde havia lecionado, e com o campo sem grama, empoeirado, atulhado, do Lewisohn Stadium, no City College. O estádio tinha sido demolido anos atrás, e Strand, que não sentia nostalgia da faculdade, não voltara lá desde que se formara e não fazia idéia sobre que tipo de prédios haviam sido erguidos no local onde rapazes esmirrados do gueto lutavam corajosamente e, em geral sem resultado, nas tardes de sábado, no outono. O City College não tinha mais um time. Medidas de economia. O Dunberry, era claro, não se preocupava com medidas de economia.

O chá estava sendo oferecido no gramado, atrás da casa do diretor, um prédio ornamentado de ripas brancas cuja entrada era sustentada por colunas. Os convidados estavam informalmente vestidos, e aquela reunião fazia Strand lembrar-se de outras, às quais Hazen o levara naquele verão, em Hampton. A esposa de Babcock, uma mulher gorda, de aparência enérgica, com um vestido estampado de flores e um grande chapéu de palha de abas largas, levou-o para apresentá-lo ao pessoal, e Strand ouviu muitos nomes e viu mais de cinquenta rostos de que teria de se lembrar depois. Um número surpreendente de convidados era composto de mulheres e homens solteiros. Leslie, ele sabia, iria considerar aquilo como um onto contra a instituição. Ela achava anormal não estar casado depois dos vinte e cinco anos. Strand lamentava que ela não estivesse ali. Ela sempre se lembrava dos nomes, e ele sempre os esquecia.

Todas as pessoas pareciam ser muito agradáveis, embora o fracasso e a resignação estivessem estampados no rosto de alguns, principalmente nos dos membros mais antigos da equipe de professores, e Strand calculava, pelo constrangimento de alguns de seus colegas, que eles também estavam ali pela primeira vez e que o índice de rotatividade de pessoal no colégio provavelmente era elevado. Babcock, o diretor, convidou Strand para jantar com ele e a mulher, mas Strand declinou, dizendo que compraria alguma coisa na cidade, que ficava a meio quilômetro do campus. Strand pensou ver uma expressão de alívio no rosto de Babcock. Provavelmente, o homem já via bastante seu pessoal o ano inteiro e não estava com pressa de conhecer os problemas de um estranho semi-inválido que lhe fora imposto por um homem a quem devia favores.

A caminhada para a cidade, naquele anoitecer de verão, com os primeiros toques de outono temperando o ar, era agradável, e o pequeno café onde fez uma refeição ligeira era limpo e aconchegante. Uma nova vida, pensou, enquanto bebia o café no restaurante quase vazio. Aos cinquenta anos, estou começando tudo de novo.

"Que Deus o proteja", dissera Jimmy.

Pediu outra xícara de café e, por um longo tempo, pensou outra vez sobre o que fora provavelmente sua última semana em Nova York. Hazen tinha telefonado do escritório e dissera que Romero estava ali e aguardava, ansioso, a hora de ir para o Dunberry.

— Acho que você não vai ter qualquer problema com ele. Tivemos uma ótima conversa, e Romero ouviu com muita atenção quando eu lhe disse que esperávamos que ele se comportasse bem assim que chegasse ao colégio. No momento, está na sala ao lado. Pedi que esperasse até eu terminar de falar com você. Disse-lhe que ele seria designado para a sua casa, pois, assim, você poderia ficar de olho nele.

— Fascinante — murmurou Strand. Quase desejou que Romero mudasse de idéia.

— Ele parece manso como um cordeiro — continuou Hazen. Obviamente é muito inteligente e determinado. Acho que vai ser um orgulho para nós. Além do mais, é certamente válido aproveitar a oportunidade. Eu disse a ele que ia lhe dar roupas novas, e ele ficou contente. Precisa de todas as vantagens que pudermos oferecer, e é claro que ele não pode aparecer no colégio com o tipo de roupa que está usando hoje. Preparei uma lista das coisas que os outros meninos estão usando. Tenho conta na Brooks Brothers e gostaria de saber se seria muito aborrecimento para você encontrar-se com ele amanhã e comprar o que for necessário.

— É claro que não será aborrecimento — respondeu Strand. — Leslie quer me ver fora de casa o máximo possível, ultimamente.

— Ótimo. Dez horas, na porta da Brooks Brothers. Está bem para você?

— Muito bem.

— Vou dar a lista para Romero. Minha secretária datilografou-a e ele vai entregá-la a você.

Naturalmente, você deve agir com discrição. Só coloquei na lista o essencial. Acho que quinhentos dólares serão suficientes para comprar tudo, não acha?

— Não tenho a mínima idéia.

— Se tiver de gastar mais, não hesite.

— Diga-lhe apenas que, se ele colocar na mala aquela maldita camiseta de futebol que usava todos os dias no colégio, vou esquecer-me de que algum dia o conheci.

Hazen riu.

— Direi. Bem, assim que tiver tempo, irei até o colégio para ver como vocês estão passando. Estou certo de que será uma mudança bem-vinda para você, pelo menos, se não for para Romero.

Quando desligou, Strand não estava tão certo...

Na manhã seguinte, Romero esperava por ele na porta da Brooks Brothers, o que já foi uma surpresa. No colégio, Romero estava quase sempre atrasado para as aulas. Para alívio de Strand, o menino estava razoavelmente apresentável. Tinha cortado o cabelo e não usava a camiseta de jérsei, mas uma jaqueta amarrotada, grande demais para ele.

— Aqui está a lista, senhor — disse ele ao entrarem na loja. Era a primeira vez, percebeu Strand, que o menino o chamava de senhor, e ele considerou isso um bom sinal. — O sr. Hazen disse que sua palavra seria lei. — Não parecia hostil. Talvez, pensou Strand, Hazen estivesse certo ao avaliar a nova atitude de Romero.

Na loja, Romero tinha um ar de animal tenso e alerta que espreita a caça enquanto Strand comprava uma grande mala de viagem e Romero experimentava calças, jaquetas, camisetas, suéteres, sapatos, meias e um capote. Não fez qualquer sugestão e aceitava o que Strand escolhia, sem dizer uma palavra. Tinha crescido um pouco durante o verão, mas nunca seria um homem alto. Strand esperava que os outros meninos na casa não fossem jogadores de futebol ou lutadores.

Strand estava chocado com os preços das coisas, mas conseguiu manter a conta dentro dos quinhentos dólares. Contudo, duvidava que quinhentos ou mesmo cinco mil dólares de roupas da Brooks Brothers conseguissem fazer Jesus Romero, com seu rosto moreno e irônico, com seus olhos selvagens, ressentidos, desconfiados, parecer aluno de um colégio da indolente Nova Inglaterra, que preparava rapazes para Harvard, Yale, Williams, Dartmouth havia mais de cem anos.

Enquanto os vendedores preparavam a conta, Romero disse:

— Tenho um favor a lhe pedir, senhor. Acha que poderia mandar que eles enviassem todas essas coisas para o seu apartamento, para que depois eu possa apanhá-las no dia em que for para o colégio?

— Por quê? — perguntou Strand, intrigado.

— Se enviarem para minha casa, tanto minha mãe como meu irmão irão roubá-las e vendê-las — disse isso sem crítica, como se fosse comum em todas as famílias.

— Creio que se pode dar um jeito — falou Strand, e escreveu seu endereço, dizendo a Romero que ia certificar-se de que Leslie ficasse à espera da encomenda.

— Obrigado, senhor.

Quando terminaram na loja, era hora do almoço. Strand achou que era a melhor oportunidade para ver como Romero se comportava à mesa. Temendo o pior, levou-o a um restaurante pequeno, escuro, que parecia ser o preferido dos escriturários e das estenógrafas de um grande prédio comercial das redondezas. No escuro, pensou Strand, apenas ele poderia ver as maneiras de Romero. Mas seus temores revelaram-se infundados. Romero comia como um menino faminto, mas não devorava a comida, nem comia com as mãos, nem usava os talheres de forma errada. Pelo que ele dissera da mãe, Strand duvidava que ela fosse responsável por ele comer com educação. Provavelmente, pensou Strand, aquilo era o resultado de horas diante da tv, onde os atores estavam sempre fazendo suas refeições fingindo que tinham comido no 21 a vida toda. Um ponto para a tv, pensou ele.

Era Strand quem mais puxava conversa. Quando perguntou a Romero o que tinha feito no verão, ele apenas deu de ombros e disse:

— Fiquei por aí.

— Leu alguma coisa?

— Alguma coisa. A maior parte sobre besteiras.

— Que livros, exatamente?

— Esqueci os nomes — disse Romero. Strand estava certo de que ele estava mentindo. — O que mais me intrigou foi *História do declínio e da queda do Império Romano*. De um cara chamado Gibbon.

Já ouviu falar dele? — Olhava para Strand, do outro lado da mesa, com uma expressão que, para um menino comum, da sua idade, seria considerada maliciosa.

— Sim, já ouvi falar — respondeu Strand, não dando a Romero a satisfação de demonstrar que estava aborrecido ante aquela zombaria. — O que gostou nele?

— Não disse que gostei. Apenas Gibbon concorda com algumas das minhas idéias.

— Por exemplo?

Romero tirou um maço de cigarros do bolso e o que parecia ser um isqueiro caro. Ofereceu cigarros a Strand, mas, quando ele sacudiu a cabeça, disse:

— Oh, esqueci. O senhor não fuma. Minhas idéias. .. bem, que nada é permanente. Aqueles antigos romanos pensaram que tinham o mundo nas mãos, mandavam em todo mundo e andavam dizendo para as pessoas que eles eram maravilhosos e que achavam que estavam fazendo um grande favor aos pobres palermas dos outros povos ao torná-los cidadãos romanos e consideravam esses palermas uns bastardos muito teimosos e que seriam sempre assim. Pois os bastardos muito teimosos, os bárbaros, não tomavam banho, não usavam vomitório, não escreviam poesia, não perdiam tempo atirando gente aos leões ou fazendo grandes discursos, erguendo arcos do triunfo para eles mesmos e não usavam mantos de púrpura, eram de origem medíocre, desprivilegiada, e só se interessavam em saber como conseguir expulsar os romanos. Esses eram dos meus, e torci por eles o tempo todo. E o sr. Gibbon não estava apenas escrevendo história. Dois séculos antes de a sujeira vir à tona ele estava realmente escrevendo sobre o império britânico, onde o sol nunca se põe, soubesse ou não disso, e os bastardos americanos, e me fez compreender que quando chegar a hora serei um dos bárbaros. E uma porção de pessoas que vivem nas minhas redondezas e nas redondezas iguais à minha vão descobrir que são bárbaros também e proceder a sua própria eliminação, mesmo se alguns dentre eles, como eu, conseguirem subir e se disfarçar com mantos de púrpura da Brooks Brothers.

Foi o discurso mais longo que Strand o ouviu pronunciar, e não podia dizer se estava satisfeito, a despeito da lógica e a despeito do fato de que muitos homens mais velhos e mais eruditos do que Jesus Romero tivessem escrito mais ou menos a mesma coisa sobre Gibbon, embora em termos mais delicados.

— Vou dar-lhe um conselho, Romero — disse ele. — Guarde essas idéias para você quando tiver de escrever seus trabalhos nas aulas de história.

Com um largo sorriso maldoso, respondeu:

— Não se preocupe, professor, usarei meu manto de púrpura o tempo todo. Não gostaria de vê-lo expulso do colégio.

Strand ergueu-se, pagou a conta e disse ao menino que o veria no colégio, avisando-o de que havia uma regra lá, isto é, que o único lugar onde os rapazes podiam fumar era o subsolo do prédio principal. Tinham de encarar isso como adultos.

Que Deus o proteja, pensou Strand.

Terminou o café, pagou e saiu para a noite perfumada.

Ao voltar para a Malson Residence, viu que a empregada, que ainda não conhecia, estava em seu quarto e tinha aprontado as duas camas para a noite e cerrado as cortinas. Teria de se certificar de que Leslie mandaria a grande cama de casal junto com o resto das coisas. Depois daquela noite terrível em Tours, haviam passado a dormir juntos. Não voltaria a dormir sozinho naquela idade.

Então, sentou-se à escrivaninha, na sala de estar, sob a luz do abajur, e começou a escrever num caderno que trouxera da cidade.

"Estou começando uma nova vida e pretendo manter um diário, de agora em diante. Talvez, se eu colocar tudo por escrito ou, pelo menos, escrever pequenos fragmentos que possam no fim formar um todo, compreenda melhor o que está acontecendo comigo. Tudo está mudando, e fico assombrado com os acontecimentos. O tempo está me pressionando e sinto minha idade. Se a história é um meio de compreender o passado, um pequeno registro do presente talvez ajude a ter algum sentido no futuro.

É uma época de partidas. Primeiro Eleanor, partindo feliz ao encontro do marido e de uma nova profissão, deixando a cidade onde nasceu e se criou, com um rápido beijo e um aceno de mão. Depois, dizendo adeus a Caroline; nessa partida não havia felicidade. Ela está melhorando bem, dissera o médico.

Melhorando para quê? Desde que ainda está com as ataduras, não se pode dizer qual será a aparência de Caroline quando forem removidas em definitivo. Aparentemente, está tranqüila com relação á tudo, e eu a ouvi cantarolar alegremente enquanto arrumava suas malas, aprontando-se para a viagem ao Arizona. Leslie vai acompanhá-la e ajudá-la a se instalar, apesar de Caroline ficar impaciente com a idéia.

Embora eu não esteja feliz por ter vindo para Dunberry sozinho, estou certo de que Caroline não deveria fazer a viagem sozinha, e cheguei a lhe dizer isso. Seu cantarolar e sua tranqüilidade ostensiva me pareceram falsos desde o começo. Meu medo ficou confirmado da pior forma possível quando passei pelo seu quarto um dia em que Leslie não estava e ouvi Caroline soluçar, através da porta fechada. Abri a porta e encontrei-a agachada no chão, num canto do quarto, batendo a cabeça contra a parede e chorando. Curvei-me para ela e segurei-a em meus braços, e depois de algum tempo, ela acalmou-se. Enxugou os olhos com as costas das mãos ensaiou um sorriso: 'É só de vez em quando, papai', disse ela. Talvez seja a chuva.

Da mesma forma, estou um pouco preocupado com Leslie. Embora aparentemente esteja controlada e no domínio de si mesma, há pequenas coisas que mudaram nela. Sempre foi competente e muito segura de si, mas, nos últimos dias que passamos em Nova York, apanhei-a várias vezes distraída, insegura, perambulando pelos quartos com alguns livros ou partituras nas mãos, como se não soubesse o que fazer com eles, colocando-os em lugares estranhos, depois procurando-os mais tarde, meio às tontas, apenas para colocá-los outra vez, poucos minutos depois, nos lugares mais impróprios.

Não comentei com Leslie nem com Caroline, nem com mais ninguém, como Caroline havia quebrado o nariz. Imagino que Caroline gostaria de esquecer o incidente, assim como o fato de ter mentido para nós. Tenho medo de pensar no que Leslie faria se soubesse a verdade. Ainda não estou certo nem quanto a mim mesmo. Se, por acaso, visse o rapaz que a atacou e houvesse uma arma à mão, desconfio que talvez eu a usasse."

As mãos de Strand tremeram, e ele parou de escrever, olhando para o último parágrafo. Sua caligrafia, comumente bem-feita, de repente transformara-se num rabisco quase ilegível. Largou a caneta e afastou-se um pouco da escrivaninha. O tempo, percebeu, não o imunizara contra a fúria quase incontrolável que a princípio o havia dominado no corredor do hospital quando Hazen lhe dissera o que Caroline havia confessado ao dr. Laird.

Jimmy teria dito que ele estava tendo uma reação excessiva. Os pais são feitos para ter reações excessivas. Ergueu-se e foi para a porta envidraçada que se abria para o jardim. Foi para fora e respirou bem fundo, tentando acalmar-se, inalando um bocado do ar fragrante da noite. Lamentou que não tivesse tido a idéia de comprar uma garrafa de uísque.

Ergueu os olhos para o céu. As estrelas brilhavam na escuridão absoluta lá em cima. Uma lua crescente estava em ascensão, e as velhas árvores do fundo do jardim, com sua folhagem sussurrando na leve brisa, lançavam sombras cintilantes sobre o gramado úmido de orvalho. Se eu conseguir esquecer o passado, pensou ele, ou pelo menos dominá-lo, serei feliz neste lugar agradável.

Na manhã seguinte acordou em tempo para tomar o café na sala de jantar do prédio principal, com o resto do corpo docente, mas não ficou com vontade de tentar identificar, dentre aqueles cinquenta rostos, quais correspondiam aos nomes que ouvira na noite anterior. Preferiu ir para a cidade, deleitando-se com a frescura da manhã e com o panorama das crianças brincando com cachorros nos gramados das casas bem-cuidadas que ficavam no caminho por onde passava. Comprou um exemplar do *New York Times*, mas uma olhadela nos cabeçalhos o fez dobrar o jornal e guardá-lo para uma leitura posterior. A manhã, com o brilho do sol e com a pródiga promessa de esperança da natureza, não era hora para essas notícias. A noite, com a melancolia da escuridão crescente, com sua insinuação de morte e fim, era mais propícia para as reportagens de Washington, Irã, Moscou, Jerusalém e do hemisfério sul.

Ao voltar para a Malson Residence, tentando reprimir seu andar rápido natural, atendendo à recomendação do dr. Prinz, encontrou um monumental homem negro sentado nos degraus da frente. O homem — não, pensou ele, não podia ter mais de dezoito anos, apesar do tamanho — ergueu-se com toda a educação.

— Sr. Strand? — perguntou.

— Sim.

— Sou Alexander Rollins — apresentou-se o rapaz. — Fui designado para esta casa.

Apertaram-se as mãos, e Rollins sorriu timidamente.

— Sou do time de futebol e tenho dormido no Worthington Dormitory com o resto do time, mas achei que o senhor não se importaria se eu me mudasse um dia antes. Há muito tumulto no dias de mudança, disseram-me, com mães e pais em grande atividade, metendo-se em tudo. — Sua voz era cheia e cantante, e ele tinha uma pronúncia típica da Nova Inglaterra, o que fez Strand pensar que talvez pudesse ser encorajado o suficiente para pensar seriamente em aulas de canto. Contaria a Leslie sobre ele.

— Naturalmente — concordou Strand. — Seu quarto é o número 3, no último andar. — O secretário lhe dera a relação dos rapazes que iriam morar na casa e os dividira aos pares, dois para cada quarto, em ordem alfabética, com exceção do nono, que ficaria num quarto pequeno onde não cabiam duas camas. Rollins iria partilhar seu quarto com Romero. O secretário não lhe havia dito que Rollins era negro, ou melhor, mulato. — Espero que goste daqui.

— Estou certo de que vou gostar — disse Rollins. — Sou novo aqui, também. Tenho uma bolsa de atletismo por um ano. Eu jogava pelo meu colégio, em Waterbury, e não era o mais esperto da classe — deu um largo sorriso —, e todo mundo imaginou que, não importa quantas vezes por temporada eu tenha passado a bola para o zagueiro, mais um ano de estudo ajudaria se eu quisesse ir para um lugar como Yale.

— Minha filha tem uma bolsa de atletismo numa pequena faculdade no Arizona — disse Strand, de súbito e pela primeira vez orgulhoso do fato. — Ela corre.

— Não chego a tanto — disse Rollins. — Sou centromédio da defesa. Na maioria das vezes, procuro manter minha posição. — Ele riu. Aposto que sua filha poderia me derrotar sempre. As garotas hoje em dia... — Sacudiu a cabeça, bem-humorado.

— Também espero que ela conserve sua posição — disse Strand. — De outra maneira. Rollins olhou para ele, muito sério.

— Também desejo que sim. Bem, não vou tomar mais o seu tempo, senhor. Vou trazer meus trastes depois da aula prática da manhã.

— Vou deixar a porta aberta para você.

— Não precisa preocupar-se. Ninguém rouba nada por aqui.

— Sou de Nova York — disse Strand. — Lá todos roubam tudo.

— Já ouvi falar. — O rapaz sacudiu a cabeça. — Waterbury é muito ruim e não passa de uma gota, comparada ao tamanho de Nova York. Espero que seja feliz aqui, sr. Strand. Todo mundo diz que este lugar é muito bom e agradável, e espero que assim seja para nós dois. Se o senhor ou sua esposa precisarem fazer algum trabalho pesado, arrastar móveis e outras coisas, por favor, me chame. Posso não ser esperto — deu um largo sorriso de novo —, mas tenho os ombros fortes. Agora preciso ir para o campo e desempatar uma partida. — Afastou-se com um caminhar desenvolto de atleta, a cabeça muito próxima ao corpo, parecendo muito pequena sobre o pescoço truncado que despontava do suéter.

Strand entrou em casa, pensando nos dois R — Rollins e Romero. Um rapaz negro e um porto-riquenho. Será que Romero, com seu cinismo de rua, pensaria "É claro, deixem o irmão negro e o irmão não muito branco segregados em seu belo e delicado recanto"? Será que ele acreditaria que aquilo fora um acidente alfabético? O secretário dissera que qualquer um poderia trocar de quarto, se ninguém fizesse objeção. Mas e se os outros estivessem satisfeitos com as instalações, e não se pudessem fazer as trocas? Ele não sabia quantos negros estavam incluídos entre os alunos ou como eram selecionados. Rollins, porque jogava futebol, embora Strand estivesse um pouco chocado pelo fato de um colégio com a reputação do Dunberry recrutar seus times sem restrições. Afinal, o Dunberry não era o Notre-Dame ou o Alabama. E Romero, porque devido à sorte de uma conversa casual, um homem poderoso se interessara por ele. E quanto aos outros? Ele teria de investigar discretamente qual era efetivamente a política do colégio.

Entrou no grande salão comunitário, onde havia um rádio, um aparelho de TV e algumas estantes com volumes arrumados ao acaso nas prateleiras. Começou a alinhá-los em ordem e deu-se conta de que procurava a *História do declínio e da queda do Império Romano*. Se tivesse de discutir durante um ano com Jesus Romero, precisaria reler Gibbon, e com muito cuidado mesmo. Mas os únicos autores que encontrou cujos nomes começavam com G foram John Gunther, *Dentro da África*, e John Kenneth Galbraith, *A sociedade afluyente*, nenhum dos quais achou que seria de muita utilidade numa discussão com Romero. Podia imaginar as risadas de deboche se, por acaso, o menino, com a mãe recebendo ajuda do governo, apanhasse o livro de Galbraith. Tirou o livro da estante e levou-o para o apartamento,

colocando-o na mesa do quarto. Se tivesse encontrado *A conquista do México* e *A conquista do Peru*, embora fossem dois de seus livros de história favoritos, ele os teria escondido, também, como combustível para o sortimento de ressentimentos latentes em Romero.

Sabia que Caroline tinha consulta marcada para as oito horas daquela manhã com o dr. Laird, antes de o médico iniciar as operações do dia, e, embora não esperasse que houvesse alguma melhora importante no estado de Caroline, decidiu telefonar, admitindo que ia fazer isso mais para ouvir a voz de Leslie do que para obter informações sobre a filha. Enquanto discava, disse a si mesmo que precisava racionar seus telefonemas. Com seu salário, chamadas interurbanas significavam um luxo perigoso.

Foi Caroline quem atendeu.

— Oh, papai — disse ela. — Estou muito contente por ter telefonado. O dr. Laird virou Papai Noel. Viu o meu nariz e tirou mais alguns raios X e disse que em uma semana eu poderei tirar as ataduras e parecer um ser humano outra vez. Mamãe disse que vai dar tempo de ficarmos com você alguns dias, antes de irmos para o oeste. Não é ótimo?

— Papai Noel está certo — disse Strand. — Da próxima vez que você estiver com ele, diga-lhe que é Natal para mim também. E, quando você vier, use o vestido longo mais feio que tiver. De amanhã em diante, haverá quatrocentos rapazes aqui.

Caroline riu.

— Oh, não acho que vá causar *tanto* espanto. Mas não seria ótimo se causasse?

— Não, não seria — disse Strand. — Agora me deixe falar com sua mãe.

A voz de Leslie também estava alegre.

— Caroline lhe contou, não é? — perguntou ela. — Não é maravilhoso? E como *você* está passando?

— Como era de se esperar. As pessoas são ótimas, embora a casa seja um velho barracão, mas um toque feminino fará maravilhas pelo lugar. E você é a mulher de cujo toque isto aqui está precisando.

— Tudo no seu devido tempo, querido. — Mas ela parecia contente. — Há alguma coisa especial de que esteja precisando e que possamos levar quando formos?

— Apenas nossa cama.

— Incorrigível. — Mas pareceu ainda mais contente. — A propósito, seu jovem amigo, Romero, veio há coisa de cinco minutos para apanhar as roupas. Disse que irá hoje e não amanhã. Parece muito ansioso. Acho que está errado a respeito do menino. Portou-se muito bem.

— É um ator consumado. O que Caroline achou dele?

— Ela não o viu. Sabe como está ultimamente. Quando ouviu a campainha da porta, trancou-se no quarto. Romero pediu para trocar de roupa no banheiro. Quando saiu, parecia quase bonito, embora miudinho. Fez um pedido estranho. Disse que tinha deixado todas as roupas velhas no banheiro e me pediu que as queimasse.

— Se estava vestido da forma costumeira, isso não é tão estranho. Chega de falar nele. E quanto a você?

— Estou ótima. — Ela hesitou. — Preciso confessar-lhe uma coisa. A sra. Ferris, lembra-se?, a diretora do colégio de Caroline, telefonou-me a semana passada e perguntou-me se eu poderia vir uma vez por semana para dar aulas particulares aos alunos do colégio. Ela disse que eu poderia usar a sala de música. Não seriam muitos alunos. Eu conservaria os meus alunos melhores.

— Por que isso é uma confissão?

— Porque eu não tinha falado com você. Já tem muito com que se preocupar.

— Você quer fazer isso?

Leslie hesitou de novo.

— Quero, sim — disse ela. — Você acha que o pessoal do Dunberry vai se importar?

— Estou certo de que se poderá encaixar no seu programa. Vou perguntar hoje.

— Não o faça se lhe causar problemas, querido.

— Não vai ser problema, em absoluto.

— Isso significa que terei de ficar em Nova York, em algum lugar, por uma noite.

— Acho que poderei sobreviver, por uma noite.

— Você está fazendo as coisas com calma?

— Não estou fazendo nada. Tomei chá ontem com os membros do corpo docente, e os rapazes só chegarão amanhã. E já encontrei um peso pesado, um jogador de futebol, que se ofereceu para arrastar o

piano para nós. Acho que vamos adorar este lugar — disse ele, com toda a sinceridade que pôde conseguir.

— Estou certa de que vamos. — Leslie não parecia muito convincente. — Está lindo em Nova York, hoje. Faz aquele calor anormal de fim de outono. — Ela não disse por que achou necessário descrever o tempo que fazia na cidade.

— Tem notícias de Jimmy ou de Eleanor?

— Longe dos olhos, longe do coração. Mas vou ver se Jimmy poderá ir conosco. Este telefonema já deve estar uma fortuna. Vamos guardar algumas novidades para quando estivermos juntos. Adeus, querido.

— Adeus, meu amor — sussurrou ele. Uma noite por semana, lembrou-se, enquanto desligava.

Bateram na porta, e ele respondeu:

— Entre.

Uma mulher gorducha, de calças pretas folgadas e um suéter justo salientando um busto enorme, fofo, entrou. Carregava uma grande sacola de compras e tinha a pele rosada e cabelos de um loiro desmaiado.

— Bom dia, sr. Strand — disse ela. — Sou a sra. Schiller. Sua empregada aqui. Espero que tenha encontrado tudo em ordem.

— Tudo ótimo, ótimo. — Strand apertou-lhe a mão. Era mole, mas forte. — À noite, basta aprontar uma cama. Minha mulher só virá daqui a alguns dias. E dois dos meninos chegarão hoje. Chamam-se Rollins e Romero, e estão designados para o quarto número 3.

— Os meninos cuidam dos próprios quartos — informou a sra. Schiller. Sua voz era rouca, como se fumasse muito. — Uma vez ou outra arrumo o salão comunitário para eles, quando há muita desordem. E, de vez em quando, dou uma olhada lá em cima para ver se as paredes ainda estão de pé. — Ela sorriu. Tinha um sorriso quente, maternal. — Passei pela sala de jantar, esta manhã, e notei que o senhor não tomou o café da manhã ali. Meu marido trabalha na cozinha, é padeiro, e dou uma ajuda até o pessoal todo voltar. O senhor gostaria que eu comprasse algumas coisas e colocasse na geladeira? Frutas, leite, queijo, coisas assim? Até sua esposa chegar?

— Seria muita gentileza de sua parte.

— Se o senhor quiser fazer uma lista. . .

— Qualquer coisa que achar que devo ter, estará muito bem para mim — disse Strand. Não mencionou o fato de que gostaria de ter uma garrafa de uísque em casa. Ele próprio compraria. Não sabia o quanto a mulher era discreta e não queria dar-lhe oportunidade para espalhar que o novo professor de história era um bebedor solitário.

— O senhor tem alguma coisa em particular que gostaria de falar comigo? — perguntou ela.

— Não tenho nada. Oh. . . Uma coisa. Por favor, não toque em nada na escrivaninha, não importa a desordem em que possa estar.

Ela sorriu outra vez.

— Numa escola, onde todo mundo vive rodeado de papéis, aprende-se rapidamente essa lição — disse ela. — Já vi escrivaninhas onde um camundongo poderia ter vivido entre os livros, os jornais e as revistas, durante anos, sem jamais ser descoberto. Se houver alguma coisa de que o senhor ou sua esposa não gostarem, por favor, falem comigo, imediatamente. O casal que estava aqui antes do verão era tão tímido para dizer como gostava das coisas que eu constantemente surpreendia a senhora arrumando a mobília, mudando as plantas de lugar e parecendo culpada quando me via na sala. Quero que o senhor e a patroa gostem de viver aqui.

— Muito obrigado, sra. Schiller. Espero isso também.

— Mais uma coisa, sr. Strand — disse ela, enquanto abria a sacola e tirava um avental, que amarrou na vasta cintura —, se quiserem algo de especial, como massas... canapés para uma reunião ou um bolo de aniversário. . . basta que me avisem. Meu marido gosta de fazer servicinhos extras para os professores e os meninos. Quebra a rotina, diz ele.

— Não me esqueerei. Tenho três filhos. . . são crescidos e não querem viver conosco, mas com um pouco de sorte poderemos tê-los como visitas de vez em quando, e todos adoram bolo de chocolate. — Descobriu que sentia prazer em conversar sobre seus filhos com aquela mulher boa e solícita. — A senhora tem filhos?

— Deus parece não achar conveniente nos abençoar — disse a Sra. Schiller, solenemente. —

Mas, com quatrocentos meninos tumultuando este lugar, a gente se sente quase compensada. Oh, quase ia esquecendo, tome cuidado com a chama do piloto do fogão. O fogão é antigo, e, como o piloto costuma apagar sozinho, o gás poderá ficar escapando.

— Prometo vigiar o piloto como um abutre.

— A casa quase explodiu em fevereiro passado. O casal que morava aqui era tão bom quanto podia ser, mas um pouco distraído, se entende o que quero dizer.

— Entendo, realmente. Eu também talvez seja um pouco distraído, mas minha mulher é muito responsável.

— Apenas me avise quando ela vai chegar para que eu corte algumas flores e as espalhe pela casa para saudá-la. É uma maravilha o que um punhado de flores pode fazer por esta casa velha. E vou trazer um pouco de lenha para a lareira. Alguns dos rapazes ganham um dinheirinho extra cortando galhos e árvores secas, fazendo lenha para a lareira. As noites são frias por aqui, e um pouco de calor alivia. Bem, não quero importuná-lo mais. Tenho certeza de que tem um bocado de serviço para fazer, preparando-se para a invasão. E, se não se importar que eu lhe diga, acho que devia tirar uma folguinha e dar umas voltas. Ajudaria a melhorar sua aparência. Ela mais parecia uma enfermeira que cuidava da família há a do que uma empregada que conhecia havia poucos minutos. Quando ela saiu, Strand sentiu que tinha alguma coisa adicional para contar a Leslie, da próxima vez.

Olhou-se no espelho sobre a lareira. O bronzeado do verão desaparecera do seu rosto, que parecia agora um pouco esverdeado. Saiu. Levaria em consideração os conselhos da sra. Schiller dando uma longa caminhada até a cidade para melhorar a aparência, e compraria uma garrafa de uísque.

Romero chegou quando já estava escuro, depois do jantar, refeição que Strand preferiu fazer na cidade, ainda adiando o momento em que teria de entabular pequeninas conversações com o pessoal do corpo docente. Se Leslie estivesse ali, sabia que ela teria chamado, no mínimo, uns seis deles pelo primeiro nome e teria feito avaliações de seus caracteres que, mais tarde, se revelariam estar misteriosamente certas. Ele não possuía aquele talento sagaz e precisava de tempo e de uma familiaridade adquirida aos poucos para desenvolver um julgamento das pessoas. Poupava-o, dizia a Leslie, de surpresas desagradáveis.

Estava parado na entrada da Malson Residence, olhando para as estrelas, um pouco relutante em entrar na casa vazia, quando viu uma figurinha carregando uma mala grande demais para ela, avançando com dificuldade pelo campus, vinda do prédio principal. Sob a luz dos postes, ao longo dos caminhos asfaltados, viu que Romero usava algumas roupas da Brooks Brothers, calça, paletó de *tweed* e gravata.

— Boa noite, Romero — disse ele quando o rapaz se aproximou. — Já tinha perdido as esperanças de vê-lo aqui, hoje. O que aconteceu? Você se perdeu?

— Nunca me perco — disse Romero, colocando a mala sobre a grama e esfregando o ombro. — Ninguém precisa mandar uma equipe de resgate atrás de mim. Conheci uma garota no trem, e ela estava indo para New London, onde trabalha como garçonzete, e começamos a conversar; gostei dela, foi *stripper*, me contou, e resolvemos descer e passar a tarde em New Haven. Nunca tive qualquer relacionamento com uma artista do *strip tease* antes, e achei que aquela talvez fosse uma oportunidade que não apareceria tão cedo. Paguei-lhe o almoço e visitamos os pontos turísticos de New Haven, e depois coloquei-a no trem outra vez, tomei o ônibus e aqui estou eu, pronto para a educação adicional. — Deu uma olhada ao redor, com desagrado. — Este lugar está morto. O que eles fazem. . . atiram em quem andar nas ruas depois que escurece?

— Espere até amanhã — disse Strand. — Vai precisar de um guarda de trânsito para chegar à sala de jantar. Já jantou? Pode-se arranjar alguma coisa na geladeira.

— Não estou com fome. Mas beberia alguma coisa. Tem cerveja na geladeira?

— Receio que não — disse Strand, friamente. Não mencionou que num dos armários da cozinha havia uma garrafa de uísque, ainda no saco de papel pardo, que trouxera da cidade. — Creio que aqui há uma regra que não permite aos rapazes beberem.

— Cerveja é *bebida*? — perguntou Romero, incrédulo. — O que é isto, um convento?

— Isto é um colégio de rapazes — respondeu Strand. — Repare que eu disse *rapazes*. Vamos por aqui, deixe que eu leve sua mala. Parece muito pesada. Vou mostrar seu quarto. — Abaixou-se para apanhar a mala e teve dificuldade em erguê-la do chão. — O que carrega aqui, tijolos?

Romero deu um largo sorriso.

— *História do declínio e da queda, do Império Romano*, de Gibbon. Em sete volumes.

Enquanto subiam as escadas para o último andar, revezando-se no carregamento da mala, Strand comentou:

— Seu companheiro de quarto já está aqui. É o único, além de você, até amanhã. Pertence ao time de futebol.

— Eu devia ter trazido minha camiseta de futebol, a de que o senhor gostava tanto, professor — disse Romero —, mas retiraram o número e o colocaram numa redoma de vidro, que está no ginásio do colégio.

— Vai descobrir, Romero — disse Strand —, que o seu espírito de humor não será tão apreciado aqui como era em Nova York.

Quando se aproximavam do último andar, ouviram um som de *rock* muito alto.

— O que trouxeram para esta casa, um disco? — perguntou Romero. — A propósito, qual a política sobre garotas, professor?

— Creio que a sua artista do *strip tease* não será bem-vinda aqui. O Dunberry está ligado a um colégio feminino, mas ele fica a cinco quilômetros daqui.

— O amor descobrirá um meio — afirmou Romero, convencido.

A porta do quarto estava aberta e a luz do seu interior iluminava o corredor. Rollins estava deitado, descalço, e lia um livro. O som estridente vinha de um toca-fitas cassete que estava sobre uma mesa, a poucos centímetros do seu ouvido. Mas o rapaz ergueu-se rapidamente quando viu Strand e Romero e desligou o aparelho.

— Este é o seu companheiro de quarto, Rollins. Jesus Romero.

— Meu nome se pronuncia Hê-ssus — disse Romero.

— Desculpe-me — disse Strand. Nunca tivera ocasião de chamar seus alunos pelo nome de batismo, no curso secundário, e receava que a má pronúncia do nome de Romero fosse um mau começo no relacionamento com o menino no Dunberry. — Não esquecerei, de agora em diante.

Rollins estendeu a mão e, depois de um olhar desconfiado, Romero apertou-a.

— Seja bem-vindo, Hessús — disse Rollins. — Espero que goste de música.

— De certas músicas — disse Romero.

Rollins riu, e sua risada era profunda, retumbante, bem-humorada.

— Pelo menos, você não vai tomar muito espaço, irmão — disse ele. — É muita consideração do sr. Strand, levando em conta meu tamanho e o tamanho do quarto.

— Não tive nada a ver com isso — disse Strand, rapidamente. — Tudo é feito em ordem alfabética. Bem, vou deixar vocês dois para que se conheçam. As luzes devem ser apagadas às dez e meia.

— Não durmo às dez e meia desde os dois anos de idade — disse Romero.

— Eu não falei que você tinha de dormir. Apenas que as luzes devem ser apagadas. — Strand sabia que mostrava irritação e lamentou. — Boa noite.

Saiu do quarto, mas parou alguns passos depois, para escutar. O que ouviu não o surpreendeu.

— Bem, irmão negro — dizia Romero, com uma exagerada pronúncia sulista —, vejo que eles têm alojamentos de escravos e tudo o mais nesta boa e velha plantação.

O mais silenciosamente possível, Strand desceu as escadas e foi para o seu apartamento. Olhou para a garrafa de uísque no saco de papel pardo, na prateleira do armário, mas não a abriu. Tinha o pressentimento de que ia precisar mais dela em outras noites.

5

"Seria ilusão de minha parte fingir que o que estou fazendo é, na verdade, manter um diário. Há uma semana que se iniciou o período escolar e estou cansado demais no fim de cada dia para fazer mais alguma coisa além de dar uma olhada nas anotações para as aulas do dia seguinte ou cochilar sobre um jornal ou uma revista. No primeiro dia, quando os rapazes chegaram, foi um pandemônio total —

cumprimentar os pais que tinham um elogio especial ou pedido especial para fazer sobre os filhos ou que me afastavam para um canto para me confiar que seu filho tinha de ser observado para garantir que tomasse um certo remédio todas as noites, para anemia, ou que tinha um problema de masturbação, ou ainda que ficava devaneando em aula e precisava de vigilância constante com relação aos seus estudos, para ajudar a alcançar suas notas.

Os rapazes, quando consegui finalmente conhecê-los um por um, pareceram um grupo normal de jovens bem-educados, corteses com os mais velhos, ainda que com ares de um pouco de superioridade e impetuosos entre si. Não vejo qualquer dificuldade em particular, no futuro, com eles. Romero e Rollins parecem estar se dando esplendidamente, e, de fato, Rollins convenceu Romero a fazer parte do time de futebol, embora não pareça pesar mais do que sessenta e três quilos e Rollins deva pesar, no mínimo, noventa e cinco. Mas, num jogo improvisado no primeiro dia, nos gramados do campus, Romero, que ficara parado num canto observando, fora requisitado para preencher uma lateral que tinha perdido um dos jogadores, devido a uma ligeira distensão no tornozelo, e conseguiu um *touchdown** na primeira vez que botou as mãos na bola. Eu o olhava, assombrado, pois nunca o ouvira manifestar interesse por qualquer esporte, enquanto ele corria a toda a velocidade, mudava de direção, retrocedia e esquivava-se dos braços de rapazes duas vezes maiores do que ele. Parecia tão imprevisível como um pombo do bosque voando, e suas súbitas corridas, contorcendo o corpo, deixavam seus perseguidores arquejantes, impotentes, atrás dele. Talvez, pensei, meio brincando comigo mesmo, fosse esse dom que o ajudara a não ser apanhado e preso pela polícia de Nova York.

Naquela noite, Rollins conversou seriamente com ele, levando-o para ver o treinador, e, de algum modo, na tarde seguinte, encontraram um uniforme pequeno o suficiente, e Romero entrou para a equipe de futebol. Embora eu temesse pelo resultado quando fosse atingido numa escaramuça de verdade por uma massa de brutos que o sobrepujavam em altura, aquilo foi de bom agouro para que os outros alunos o aceitassem."

Alguns dias depois do início do período, Strand recebeu um recado do diretor, que queria vê-lo, assim que lhe fosse conveniente. Quando entrou no escritório de Babcock, recebeu cumprimentos calorosos, embora nervosos.

— Temos um probleminha — disse Babcock. — É sobre Jesus Romero.

— Ah! — exclamou Strand.

— Exatamente — disse Babcock. — Parece que Romero tem se esquivado dos serviços religiosos. Como talvez deva saber, temos de nos sujeitar a certos termos que fomos obrigados a aceitar quando nos foi legado o fundo que permitiu a este colégio continuar a funcionar, numa época em que estava a ponto de fechar, na década de 60. Foi a mais generosa das doações. . . muito generosa. O ginásio é resultado dessa doação, assim como nossa biblioteca, uma das melhores de qualquer colégio do leste, e muitas comodidades mais... A mulher que nos legou o dinheiro em seu testamento era extremamente religiosa, de personalidade marcante, e uma condição deixada no testamento era que todos os alunos assistissem aos serviços religiosos todos os dias. Acrescentou, também, a condição de que todos os alunos usassem paletó e gravata na hora do jantar. Outros colégios aboliram esses costumes. Nós não podemos. Gostaria de saber se poderá persuadir Romero antes que eu tenha de tomar medidas oficiais contra ele.

— Tentarei — disse Strand.

— O senhor mesmo viu, os serviços são praticamente desprovidos de sectarismo. Quase um paliativo. Aqui temos muitos rapazes católicos e judeus, e eles parecem não ter dificuldades em obedecer as regras do colégio. Talvez devesse mencionar isso a Romero.

— Vou mencionar. Sinto muito por ele estar causando todo esse problema.

— A esse irão acumular-se outros piores, antes do término do período. E não só com Romero — disse Babcock.

Strand pediu a Romero que o procurasse depois das aulas, quando lhe disse o que o diretor havia falado e lhe apresentou toda a argumentação que ouvira dele. Romero ficou em silêncio e depois sacudiu a cabeça.

— Não tenho nada a ver com os outros judeus e católicos — disse ele. — Sou católico à minha

* Lance em que a bola é arremessada ao solo atrás da linha de gol do adversário. (N. do E.)

moda.

— Quando foi à missa pela última vez? — perguntou Strand.

Romero deu um largo sorriso.

— Quando fui batizado. Não acredito em Deus. Se eu tiver de escolher entre os serviços religiosos e deixar o colégio, vou arrumar minhas coisas.

— Tem certeza de que deseja que eu diga isso ao sr. Babcock?

— Tenho.

— Está dispensado — disse Strand.

Quando, no dia seguinte, Strand relatou a conversa que tivera com Romero a Babcock, o diretor suspirou. Uma boa parte da conversa, notou Strand, era pontilhada de suspiros.

— Bem — disse ele —, se ninguém chiar, acho que poderemos deixar como está.

— Há outra coisa — disse Strand. — É a respeito da minha mulher. Ela não dá aulas às quartas-feiras e até as dez horas de quinta-feira. Acha que poderia haver algum problema se ela fosse a Nova York todas as quartas-feiras? Ela tem alguns alunos dos quais não gostaria de abrir mão.

— Entendo — disse Babcock. — Naturalmente.

Strand saiu da sala pensando em como aquele homem era correto, inteligente e compreensivo. Desde o princípio do semestre, Strand tinha percebido a felicidade e a tranquilidade com que o colégio funcionava, e como a disciplina era mantida com um mínimo de restrições. Havia uma serena camaradagem entre os rapazes e o corpo docente, o que proporcionava um clima animador no processo de ensino e aprendizado, e Strand estava reencontrando um pouco da sensação de esperança que tivera nos primórdios de sua carreira.

— Você tem sorte de o sr. Babcock ser um homem muito indulgente — disse Strand a Romero no dia seguinte. Deixara o menino suar uma noite antes de lhe contar a decisão do sr. Babcock. — Ele vai deixar você. continuar aqui. Apenas não precisa espalhar o fato. E você deve escrever-lhe um bilhete de agradecimento.

— Perguntou se *ele* acredita em Deus?

— Não abuse da sorte, rapazinho — disse Strand, bruscamente.

Romero tirou um pedaço de papel do bolso e desdobrou-o.

— O senhor precisa assinar isto, sr. Strand — disse ele. É a autorização da minha mãe para que eu jogue no time de futebol. Consegui-a esta tarde.

Strand olhou para o papel. Era um formulário do departamento de atletismo, com um espaço para a assinatura de um dos pais e outro espaço para a assinatura do *housemaster*, atestando a autenticidade da assinatura do pai ou da mãe. Neste caso, era apenas um X rabiscado a lápis. Enquanto Strand olhava para o papel, Romero olhava para ele com o olhar escuro e desafiador que Strand ainda achava inquietante. Mas, por outro lado, essa evidência de transição, numa geração, de uma mulher analfabeta para um adolescente que discutia acintosamente sobre as obras de Edward Gibbon fez Strand pensar com mais benevolência do que habitualmente sobre o trabalho do sistema de ensino público americano.

Quando deu o formulário, conforme exigido, ao sr. Johnson, o técnico de futebol, um jovem sério e devoto que fazia orações antes de cada jogo, no vestiário, quando pedia a Deus não pela vitória mas pela segurança dos jogadores dos dois times, ele ergueu a sobrancelha diante do X.

— Acho que isto é legal — comentou ele.

— Eu diria que sim — falou Strand.

— De qualquer forma — disse ele —, o *menino* lê os sinais. — Depois, acrescentou com um sorriso: — Embora raramente os siga. Deixa os rapazes doidos. Eles nunca sabem o que Romero vai fazer. Se ele é convocado para circular numa ponta e as coisas não lhe parecem boas ali, já vira para o lado contrário e vai pelo centro ou mesmo pela outra ponta. Faz tudo errado, e o repreendo por isso, mas não adianta nada. E é difícil ser agressivo com ele. Com aquele tamanho, já é muita coragem só o fato de estar lá e, na maior parte das vezes, consegue fazer as coisas e sair ileso. De alguma forma, mostra jogo e corre um bocado. É como uma enguia. . . ninguém consegue pegá-lo. É quase como se estivesse fugindo de um linchamento. Acho que não se importa se ganhamos ou perdemos um jogo, ele só quer mostrar a todo mundo que ninguém pode pegá-lo. Vou dizer-lhe uma coisa, sr. Strand, durante toda a minha vida como jogador e técnico de futebol, nunca vi um menino igual a esse antes. Não se parece com um atleta...

ele parece um animal selvagem. É como ter uma pantera enlouquecida no campo.

— Ele vai fazer parte do time? — perguntou Strand.

O técnico deu de ombros.

— Não pretendo usá-lo muito. É pequeno demais para fazer parte efetiva do time. No final, alguém poderia engoli-lo vivo. Não é como nos velhos tempos. Os rapazes de hoje são uns monstros, mesmo os do nosso nível, e os grandes correm tanto quanto os pequenos. Além do mais, o garoto não pode bloquear ou apanhar os lances. Se eu pudesse ensinar-lhe como agarrar a bola no ar a terem chutado, talvez o designasse para apanhar rebotes e fazer os gols. Do contrário, só vou usá-lo em jogos especiais, quando estivermos rezando por um longo drible na corrida. Quando disse a ele que ia conservá-lo na equipe, falei isso quase como uma piada, pois ele ia ficar um bocado de tempo sentado no banco de reservas, só iria colocá-lo no campo quando estivéssemos desesperados. Ele apenas sorriu para mim. . . pequeno como é, tem um sorriso que assusta um sargento dos fuzileiros. . . e me disse: "Treinador, este é um serviço para mim, estive desesperado a minha vida toda".

— Ele é popular entre os outros rapazes? — Strand achava que não era hora de contar ao jovem sério e religioso que tinha um bárbaro na linha de defesa.

O técnico olhou com bastante atenção para Strand, como se estivesse em dúvida quanto a se devia dizer a verdade ou dar uma resposta pela metade.

— O senhor tem um interesse especial pelo garoto, posso ver — disse ele. — Romero está aqui mais ou menos por sua causa, não é?

— Mais ou menos. Pertencia à minha turma no secundário e era um aluno extraordinário.

— Bem, se o seu colega de quarto, Rollins, não o protegesse tanto, creio que alguém já teria dado um soco nele. Parece que ele não se preocupa muito com o fato de não guardar suas opiniões para si mesmo.

Strand não pôde deixar de sorrir.

— Não muito.

— Quando consegue enganar um rapaz na corrida ou quando alguém à sua frente esquece uma quadra, ele. . . bem, ele ri na cara dele. E tem uma frase predileta que está deixando os rapazes nervosos... "Eu pensava que os cavalheiros estivessem aqui para jogar futebol." Romero faz uma divisão entre si próprio e Rollins e o resto do time usando algo que deve ter aprendido lendo literatura inglesa. O senhor sabe como os jornais ingleses costumam relatar o alinhamento nos jogos de críquete. . . "cavalheiros X jogadores". Os outros rapazes não estão muito certos sobre o que ele está querendo dizer, mas sabem que não é nada lisonjeiro.

— Há mais rapazes negros na equipe além de Rollins?

— Este ano, não — respondeu o técnico. — O colégio faz o possível para conseguir matricular negros, mas sem muito sucesso. Acho que a reputação de baluarte da classe rica e privilegiada que o colégio tem há tantos anos levará muito tempo para ser mudada. Penso que existem só mais quatro negros no colégio, e nenhum deles joga futebol. No ano passado, tínhamos um professor negro que lecionava história da arte e era muito querido, mas ele nunca se sentiu à vontade. Estava, também, muito bem qualificado para uma escola preparatória. Agora está lecionando na Universidade de Boston. Boas intenções nem sempre são suficientes, não é? — Parecia melancólico, aquele rapagão saudável, cujos objetivos na vida, calculava Strand, eram limitados, devido à sua profissão, a dez metros por hora.

O técnico de futebol não era o único membro do corpo docente a ficar intrigado com Romero. Uma jovem professora, uma mulher calada, do departamento de inglês, chamada Collins, que tinha Romero num curso de literatura inglesa e americana, acompanhou Strand quando ele, certo dia, deixava o prédio principal depois do almoço, e perguntou-lhe se poderia falar com ele sobre o menino. Ela também sabia que Romero tinha vindo para o Dunberry por causa de Strand. E Strand não se preocupara em corrigir aquela idéia contando a todos a influência que Hazen tivera naquele caso. Se Hazen queria dar-lhe o crédito ou a responsabilidade pela presença de Romero no campus, ele estava perfeitamente apto a aceitar isso.

— O senhor foi professor dele em Nova York, não foi? — perguntou ela enquanto caminhava ao seu lado.

— Se alguém pode dizer que lhe ensinou alguma coisa — disse ele.

Ela sorriu.

— Estou começando a compreender o que quer dizer. O garoto lhe causou algum problema em

aula?

— Digamos — respondeu ele, tentando parecer judicioso tanto quanto possível — que as opiniões que expressava nem sempre estavam de acordo com as que as autoridades esperavam.

— A mudança de colégio — disse a srta. Collins — não mudou seus hábitos. Ele indispôs a classe inteira com uma discussão.

— Oh, meu Deus — exclamou Strand. — Sobre o quê?

— O primeiro livro que discutimos foi *A insígnia vermelha da coragem*, de Stephen Crane. É um livro que os rapazes podem ter como referência, e seu estilo é admiravelmente simples, abre o caminho para todo o estilo da literatura americana. Quando pedi comentários, Romero manteve-se em silêncio enquanto dois ou três alunos explicavam por que tinham gostado do livro. Depois, Romero ergueu a mão, levantou-se e disse, com toda a delicadeza: "Perdoe-me, senhora, tudo isso é lavagem cerebral". Em seguida, fez um verdadeiro discurso. Disse que não importa o que o escritor tenha ou não pretendido, o resultado era que aquilo mostrava que nunca se poderia ser um homem se se fugisse, só se conseguiria ser autêntico se se ficasse e lutasse, não importa quão certo fosse que se teria os miolos estourados, e, enquanto as pessoas admirassem livros como aquele, jovens marchariam para a guerra cantando, dando vivas e sendo mortos. Disse que não sabia sobre os outros rapazes da classe, mas que ele, se não tivesse fugido a vida toda, tão certo como existe o inferno, não estaria ali, naquela sala de aula, aquela manhã. Fugir, disse, é a coisa natural a fazer quando se está assustado, e uma tolice como *A insígnia vermelha da coragem* era apenas uma mentira que os velhos inventavam para que os rapazes partissem e fossem mortos. Disse que teve um tio condecorado no Vietnã por ter ficado agarrado à sua metralhadora numa emboscada, para garantir a fuga dos homens do seu pelotão, e que, agora, seu tio está numa cadeira de rodas para o resto da vida e jogou a medalha na lata do lixo. — A srta. Collins, com suas maneiras tímidas, de quem está sempre pedindo desculpas, e um rosto pálido e preocupado, sacudiu a cabeça ao lembrar-se do incidente em sua aula. — Realmente, não tive condições de enfrentar aquele menino — disse ela, desanimada. — Ele nos fez sentir-nos uns tolos ignorantes. Acha que tem mesmo um tio que foi ferido no Vietnã?

— É a primeira vez que ouço falar sobre um tio — disse ele. — Romero não está livre de inventar coisas. — Se tivesse disposição para discutir com Romero, na melhor das hipóteses um exercício improdutivo, talvez devesse lembrá-lo de que o autor que ele tinha em tão alta consideração, o sr. Gibbon, usara as palavras "valor militar" como aprovação em quase todas as páginas. A coerência, Strand havia aprendido, não era o ponto mais forte do menino.

— O senhor acha que poderia dizer a Romero que, se ele tem opiniões para expressar que possam perturbar os outros meninos, primeiro deve falar comigo, em particular, depois da aula? — perguntou a srta. Collins, timidamente.

— Poderia tentar — respondeu Strand. — Não vou garantir nada. Reserva não é exatamente uma característica dele, como dizem os rapazes. — De súbito, detectou uma nova sutileza no caráter de Romero. O garoto estava sempre à procura de uma audiência, de preferência uma que não lhe fosse simpática. Parecia encontrar sua válvula de escape emocional na hostilidade, e com ela uma sensação de poder sobre os mais velhos e, num sentido material, muito mais poderosos do que ele. Se Strand pudesse prognosticar uma carreira para ele, seria a de orador, tendo de ser protegido pela polícia, excitando multidões em frenesim de dissensões e beligerâncias. Era uma visão inquietante.

— Uma das dificuldades em lidar com Romero — continuou a srta. Collins, com sua voz frágil — é que sempre fala com a maior delicadeza, cheio de medidas. E é o menino mais bem-preparado. Possui memória fotográfica e pode citar, literalmente, parágrafos inteiros dos livros que já leu, para servir de apoio aos seus argumentos. Quando dei para a turma uma lista de sugestões de livros para ler durante o semestre, colocou-a de lado, desdenhosamente, disse que já tinha lido a maioria deles e que não perderia tempo abrindo os que não lera. E protestou porque *Ulisses*, de James Joyce, e *O amante de Lady Chatterley* não estavam na lista. Imagine só, um rapaz de dezessete anos.

— É — disse Strand —, ele é culto demais para sua idade. Ou esperto demais.

— Ele disse que esses dois livros estavam entre os que fundaram a literatura moderna, e ignorá-los era um insulto à inteligência da classe e uma negação à sexualidade do homem moderno. Onde o senhor imagina que ele arranja essas idéias? — perguntou ela, num lamento.

— Nas bibliotecas públicas.

— Gostaria que houvesse um curso mais adiantado. Eu o mandaria para lá. Desconfio que ele é

uma espécie de gênio. Nunca tive um antes, e nunca mais quero ter outro.

— Anime-se. Com o temperamento que Romero tem, provavelmente vai entrar em alguma rixa e será expulso.

— Já está ficando tarde para mim — disse a srta. Collins, o tom de voz, pela primeira vez, determinado.

Enquanto ela se dirigia cabisbaixa para a sua próxima aula, Strand ficou egoisticamente aliviado porque, nesse semestre, pelo menos, Romero não estava em nenhuma de suas turmas.

Entre as obrigações de Strand como *housemaster* havia uma inspeção quinzenal nos alojamentos dos rapazes, inspeção que fazia quando os meninos estavam em aula. Havia uma variedade de ordem que ia desde a limpeza de uma solteirona exigente até algo como a bagunça de um cercadinho infantil. O quarto do último andar, ocupado por Romero e Rollins, era muito limpo, mas a divisão entre as duas metades do quarto era tão nítida como se uma parede invisível se erguesse entre o lado de Rollins e o de Romero. Sobre a cama de Rollins havia uma manta com brilhantes motivos indianos e na cabeceira, uma almofada castanho-avermelhada, com uma aplicação de feltro de um enorme W amarelo, a principal letra que ganhara jogando no time do secundário. Sobre a escrivaninha, numa moldura de prata, uma fotografia colorida de um casal negro de meia-idade, de aparência respeitável, tirada na frente uma varanda branca, com a dedicatória: "Da mamãe e papai, amor". Ao lado, uma fotografia de uma jovem negra, sorridente, de maiô, com uma dedicatória singela, feita numa bonita caligrafia feminina: "Uma lembrança afetuosa, Clara". Na parede, uma fotografia de quatro rapagões, com amplos sorrisos, o menor deles o próprio Rollins, todos usando camisetas da equipe principal do colégio, com letras diferentes, todos irmãos, evidentemente. Rollins segurava a bola de futebol, o irmão ao lado, um bastão de beisebol, e os outros dois, bolas de basquete, para mostrar que suas glórias atléticas não tinham sido conquistadas num único esporte. Formavam um grupo terrível, embora cordial, e certamente nenhum vizinho se envolveria, imprudentemente, numa disputa com eles.

Na parede da cabeceira da cama havia um cartaz litográfico de um concerto de Ella Fitzgerald e na mesa ao lado da cama estavam seu toca-fitas cassete e uma pilha de fitas cassetes que Strand conhecia pelo alto volume com que eram tocadas. Na pequena prateleira sob a escrivaninha, uma pilha de revistas *Playboy*. Strand encontrara revistas sobre garotas nos outros quartos, mas escondidas debaixo das camas. Rollins acreditava piamente que nada tinha para esconder.

Na prateleira do armário que ficara displicentemente aberto e no qual suas roupas estavam arrumadas ao acaso, havia umas seis caixas de bombons, o que fez Strand sorrir ao pensar nos momentos em que, durante a noite, as dores da fome haveriam de acordar aquele corpo enorme e fazê-lo andar às apalpadelas pela escuridão para apanhar as gulodices infantis que o fariam agüentar até a hora do café.

Em comparação, o lado de Romero era nu, espartano. As mantas, distribuídas para os meninos, eram de lã verde-oliva, sem brilho, e a cama estava arrumada com frieza militar. Nada de fotografias nem revistas em evidência, e na escrivaninha só havia um bloco de notas e um conjunto de lápis bem-apontados. Era como se Romero tivesse resolvido que nada do que deixara para trás devesse revelar qualquer fato a qualquer pessoa que pudesse ficar na posição de julgá-lo. As roupas estavam cuidadosamente arrumadas no armário, e na prateleira via-se a famosa edição de 1909, publicada por J. B. Bury, em sete volumes, da *História do declínio e da queda do Império Romano*, que Strand sabia ser de muito valor para um colecionador e que aumentara demais o peso da mala de Romero no dia de sua chegada.

Com a diferença de gostos dos dois rapazes, era de admirar como pudessem viver tão harmoniosamente num quarto pequeno e encontrar tanto prazer na companhia um do outro, como acontecia freqüentemente.

Curioso sobre como exatamente Romero estava de posse da coleção de Gibbon e se ele sabia como os livros eram valiosos, Strand deixou-lhe um bilhete pedindo-lhe que o procurasse depois do treino de futebol, aquela tarde. De acordo com o regulamento do colégio, Strand tinha de dar uma nota para a condição de cada quarto e colocar as notas no quadro de avisos da casa. Os números iam de 1 a 10, e ele deu 10 para o quarto de Rollins e Romero, embora houvesse alguma coisa vagamente perturbadora naquela parede invisível entre as duas camas.

Romero entrou na sala de estar do apartamento de Strand de banho tomado e, como sempre, bem-vestido e comedido em suas maneiras. Strand mandou-o sentar-se e, antes de mencionar o assunto dos livros, fez algumas perguntas sobre suas aulas e sobre o time de futebol, em que iria aparecer pela

primeira vez naquele sábado. Ele respondeu que gostava das aulas e achava que ia bem. Disse que, quanto ao jogo, duvidava de que fosse participar, mas que gostava do técnico, embora achasse que lhe faltava imaginação. Muito franco, disse a Strand que havia contado ao técnico que, se não conseguisse jogar no mínimo alguns minutos, na segunda semana da temporada iria retirar-se da equipe para se dedicar apenas aos estudos.

Strand perguntou-lhe, como de praxe, se tinha alguma queixa, e ele respondeu que não. Disse que o sr. Hazen lhe tinha escrito, comunicando que depositara uma certa quantia na sua conta bancária no colégio e determinara dez dólares por semana para suas despesas pessoais, como acontecia com outros rapazes de sua classe. Disse que tinha escrito um bilhete para o sr. Hazen agradecendo a generosidade. Strand disse que ele poderia agradecer ao sr. Hazen pessoalmente, pois ele viria no sábado pela manhã visitar o colégio, juntamente com Leslie e Caroline.

— Desconfio que estou aqui por outra razão — disse ele, sorrindo, mas sem malícia.

Então, Strand trouxe à baila a questão dos livros.

— Como deve saber — disse ele —, são muito valiosos.

— São mesmo? — perguntou ele, com ingenuidade. — É bom saber.

— Como você os conseguiu? — perguntou Strand.

Romero olhou para Strand, como se estivesse pesando a resposta.

— Roubei-os — disse, simplesmente. — Precisei fazer nove viagens a uma loja de livros de segunda mão, na Fourth Avenue, para apanhá-los um a um. — Olhou friamente para Strand, como se já aguardasse os comentários. Strand permaneceu em silêncio, e ele continuou. — Os vendedores daquela loja não iriam perder dez minutos para ir até a rua. Poderiam ser roubados até a última peça de roupa que só dariam pela coisa quando apanhassem pneumonia.

— Você poderia me dizer de qual loja apanhou os livros, como você mesmo disse? — perguntou Strand.

— Não me lembro do nome — confessou Romero e levantou-se, — Mais alguma coisa, senhor?

— Não no presente momento — disse Strand.

Romero saiu. Strand sentou-se à escrivaninha, olhou pela janela, para a penumbra que cada vez aumentava mais lá fora, e viu-se diante de um problema de ordem moral que não queria tentar resolver. Preciso não ficar obsedado por este rapaz, pensou. Tenho outras coisas com que me preocupar.

O enorme Mercedes, com Conroy na direção, atingiu a entrada da Malson Residence um pouco antes da hora do almoço, no sábado de manhã. Strand estava nos degraus da casa para receber Leslie, Caroline e Hazen, enquanto eles desciam do carro. Caroline segurava um filhotinho agitado de labrador, preto. Strand ficou emocionado ao ver a mulher e a filha outra vez, mas não queria fazer uma cena de pai e marido amoroso na frente de dois rapazes da casa que se encontravam na escada, observando.

No momento, evitou olhar para Caroline.

— Onde está Jimmy? — perguntou Strand. — Pensei que viesse com vocês.

— No último instante, o sr. Solomon mandou-o a Chicago para se entender com um grupo que está se exibindo lá — explicou Leslie. — Isso significa que está subindo no firmamento, me disse ele. E vai tentar ligar para você quando voltar. Mandou lembranças.

— Que bom para Jimmy — comentou Strand, secamente. Depois, ainda sem dar uma boa olhada em Caroline, perguntou, quase com grosseria, dando um tapinha no cãozinho: — Onde arranjou *isto*?

— Foi o sr. Hazen quem me deu. Há dois dias. Quando o dr. Laird tirou as ataduras. — Ela colocou o cachorrinho no chão. Sorrindo, mas um pouco nervosa, tocou no nariz com a ponta do dedo. — Gostou do trabalho?

— Ótimo — disse ele. Achou que Caroline estava linda, mas, por outro lado, sempre a achara bonita. — De fato, parece verdadeiro.

Caroline riu.

— Oh, papai, não pode refrear seu entusiasmo?

— O importante é — disse Strand — o que *você* acha?

— Acho que o patinho feio se transformou num cisne — respondeu Caroline, alegre, enquanto entrava na casa. — Morro de medo só de pensar no que vou fazer com os rapazes daqui para a frente.

— Não precisa exagerar — disse Leslie, olhando severamente para os dois rapazes, que

examinavam Caroline com evidente interesse. — A operação foi um sucesso, mas você ainda não é uma estrela de cinema. E terá de perder a mania de se olhar no espelho centenas de vezes por dia. — Mas ela falava com carinho, e Strand podia ver que Leslie estava tão satisfeita com a nova aparência de Caroline quanto a própria menina.

Ela não ficou tão satisfeita com a aparência do apartamento, embora a sra. Schiller tivesse colocado flores nos vasos em lugares estratégicos, na sala de estar.

— Eu não podia imaginar que este lugar fosse tão desolado — confessou ela —, embora vá parecer melhor quando trouxermos nossas coisas. Mas, certamente, poderá suportar uma camada de tinta, pelo menos.

— Falarei com Babcock sobre isso — disse Hazen. — Estou certo de que o colégio não irá à falência se chamarem alguns pintores por alguns dias.

— Não gostaria de parecer exigente — falou Leslie. — Logo de início.

— Direi a Babcock que a idéia é minha — disse Hazen. — Você terá a sua pintura.

— Está na hora do almoço — informou Strand. — É melhor irmos para a sala de jantar. Avisei-os de que vocês viriam e eles colocaram uma mesa para visitas, pois há alguns pais de alunos também. Hoje temos o primeiro jogo da temporada de futebol, e vieram muitas pessoas para vê-lo. A propósito, nosso protegido, Romero, está no time.

— Fazendo o quê. ... servindo água para os rapazes? — Hazen riu.

— Não, falo sério — disse Strand, enquanto saíam da casa e percorriam o caminho que ia dar no prédio principal. — Talvez não consiga jogar hoje, mas o técnico me falou que espera usá-lo em situações especiais.

— Como vai indo ele, de modo geral?

— Creio que está acompanhando as turmas — respondeu Strand, cauteloso. — Tento não dar a impressão de estar me intrometendo, mas parece bastante consciente e não é turbulento nas aulas como são alguns dos rapazes.

— Providencie-me uma lista dos seus professores. Enquanto eu estiver aqui, gostaria de trocar uma palavrinha com eles a respeito do garoto. Estou certo de que não estão acostumados com meninos iguais a este, e não gostaria que fossem muito duros por não conhecerem seu passado.

Lembrando-se da srta. Collins, Strand pensou que talvez fosse mais adequado que Hazen trocasse uma palavrinha com Romero e pedisse a ele que não fosse muito duro com seus professores. Achou que não era prudente falar a Hazen sobre isso, nem mencionar qualquer coisa a respeito da coleção Gibbon, no quarto de Romero. Hazen talvez se encolerizasse e expulsasse o menino imediatamente, e a experiência que tanto o interessava, como Strand percebia agora, estaria acabada antes de ter oportunidade de começar.

Strand ficou para trás, para pegar no braço de Leslie e caminhar ao seu lado. Ela sorriu para o marido, agradecida.

— Senti tanto sua falta! — sussurrou ela.

— Eu, é claro, tenho aproveitado e me esbaldado aqui sozinho. Você não faz idéia do que são as orgias na hora do chá, com o corpo docente, no salão comunitário.

Leslie deu-lhe um aperto no braço.

— Você parece bem. Tem-se a impressão de que este lugar vai ajustar-se a você.

— Acho que sim. Espero que se ajuste a você também.

— Se você é feliz aqui — disse ela —, serei feliz também. — Mas havia um tom em sua voz, uma insignificante inflexão que indicava dúvida, relutância, uma sombra de medo.

Quando entraram na sala de jantar, já repleta de rapazes, Strand podia dizer que, pela forma como os rapazes olhavam para Caroline com o cãozinho preso numa corrente e caminhando bamboleante ao seu lado, a operação, de fato, fora um sucesso. Percebeu que Caroline até andava diferente agora, e, se tivesse de dar uma definição para isso, concluiu, seria arrogantemente.

Depois do almoço, no qual Hazen ficou satisfeito por sentar-se ao lado de um homem ligado ao comércio de petróleo que conhecia de Washington, e com quem conversara animadamente, Strand voltou para casa com Leslie, porque ela queria tirar um cochilo, enquanto Hazen, Caroline e Conroy iam para o campo de futebol.

— Está certa de que não me quer ao seu lado? — perguntou Strand enquanto observava Leslie tirar os sapatos e deitar-se numa das camas.

— Há tempo de sobra — respondeu Leslie. — Tenho certeza de que ficarão ofendidos se você não assistir ao jogo. E já conheci muita gente num dia só.

Ele se curvou e beijou-a na testa, e depois se dirigiu ao campo. Havia, talvez, mil espectadores nas arquibancadas descobertas de madeira, mas Hazen guardara um lugar para ele, ao lado de Caroline. Hazen e Conroy sentaram-se do outro lado da jovem. O jogo já havia começado, mas Hazen disse que ainda não tinha acontecido nada de importante.

— Qual deles é Romero? — perguntou.

Strand passou os olhos pelo banco. Numa das extremidades, sozinho, a uma boa distância do jogador mais próximo a ele, Romero estava sentado, inclinado para a frente, com os olhos fixos nas próprias mãos que pendiam entre seus joelhos, sem olhar para o campo, como se não tivesse qualquer ligação com o que estava acontecendo ali.

— Número 45 — disse Strand.

— Meu Deus, é tão *miudinho* — comentou Hazen. — Ao lado daqueles outros guris parece que deveria estar no jardim de infância. Tem certeza de que ninguém está fazendo algum tipo de brincadeira com ele?

— O técnico o leva muito a sério.

— O técnico talvez seja um sádico — disse Hazen, sombrio. — Acho que deveríamos colocá-lo no seguro, com cobertura total, hospital, despesas médicas e funerárias.

— Talvez seja o único meio de você obter algum retorno do seu investimento — disse Strand, pensando na conta de quinhentos dólares da Brooks Brothers e na mesada de dez dólares semanais.

Hazen lançou um largo sorriso do outro lado de Caroline, enquanto Strand falava, aceitando o comentário como uma piada. O próprio Strand não estava certo, depois de ter falado, de não tê-lo dito mesmo como uma piada.

O jogo foi muito ruim, deixaram cair a bola no chão muitas vezes, depois de apanharem lances perdidos, e houve passos retardados e passes interceptados. Um homem atrás deles, cujo filho jogava tenso e atrasou dois lances numa fila, continuava dizendo:

— O que você esperava, é o primeiro jogo da temporada!

Qualquer que fosse a qualidade do jogo, era agradável ficar sentado ali, ao calor do sol de princípio de outono, observando rapazes ligeiros, que corriam pelo gramado verde, perfumado. Não havia aquela paixão selvagem do futebol profissional ou dos jogos entre as universidades famosas, os únicos pênaltis foram causados por impedimento, perdendo tempo demais no agrupamento, e quando um rapaz do Dunberry perdeu os sentidos momentaneamente devido a um nocaute, o rapaz que o atingira ficou ajoelhado, ansioso, ao lado do rapaz atingido até que ele se erguesse outra vez. Caroline, com o cãozinho agitado em seu colo, torcia fervorosamente pelo Dunberry e, provocante, sorria para alguns rapazes do outro colégio, que se voltavam e a viaavam com bom humor.

— Basta deixar o nome e o número do telefone — disse um dos rapazes —, e nos vingaremos em você.

— Podem pedir ao meu pai. — Caroline apontou para Strand, com o polegar. — Ele leciona aqui. O rapaz riu.

— Desculpe-me, senhor — disse ele. — Mas vou levar lápis e papel comigo mais tarde, ao ginásio.

Seria servido chá após o jogo, no ginásio, para os alunos dos dois colégios e os respectivos pais. Strand não duvidava de que o rapaz aparecesse com lápis e papel, mas ficaria feliz em lhe contar que Caroline estaria no Arizona dentro de três dias.

O marcador foi apertado e, no final do tempo, o outro colégio ganhava de vinte e seis a vinte. Os rapazes de ambos os bancos estavam agora de pé, torcendo por seus colegas de time, mas Romero ainda estava retraído, sentado, olhando para as mãos. Quando soou o apito, indicando apenas mais dois minutos para o fim do jogo, o técnico caminhou para Romero e falou com ele. Romero ergueu-se lentamente, quase sem pressa, colocou o capacete e dirigiu-se para o campo numa corrida de aquecimento. O outro time estava com a bola na linha de trinta e seis metros, e era sua quarta tentativa, faltando oito metros para avançar, e um chute era a jogada óbvia.

Romero tomou posição a salvo, na sua própria linha de vinte metros, as mãos negligentemente nos quadris. Quando chegou a vez de chutar e os extremas vinham apressados sobre ele, Romero escamoteou a bola, e depois deixou-a cair. Ouviu-se um gemido nas arquibancadas quando a bola ricocheteou

desgovernada pelas laterais, com Romero em seu encalço, os camisas-vermelhas do time adversário em calorosa perseguição. Ele agarrou a bola numa corrida completa, e depois parou de repente. Dois de seus adversários passaram voando por ele, sem conseguirem tocá-lo. Escapando, voltou correndo, quase chegando à linha do próprio gol, mas depois se voltou exatamente quando tudo indicava que seria derrubado e correu, esgueirando-se, para a lateral oposta. Livrou-se de outro adversário que ia derrubá-lo e Rollins preparou um bloqueio que, de repente, o deixou sozinho, correndo próximo à lateral sem ninguém por perto, e os camisas-vermelhas o ultrapassaram, ainda sem agarrá-lo. Romero cruzou a linha do gol, diminuindo desdenhosamente a velocidade nos últimos dez metros; parou despreocupado e atirou a bola no gramado.

— Com todos os diabos — comentou Hazen, falando alto para ser ouvido acima do clamor da multidão que aplaudia. — Pensei ter mandado um aluno para o Dunberry, mas vejo que mandei um coelho.

Os companheiros de equipe agruparam-se em volta de Romero, batendo-lhe nas costas e apertando-lhe as mãos, mas ele mais se submeteu aos gestos de aprovação do que tomou conhecimento deles. Foi só quando começou a voltar para o banco numa corrida de aquecimento e Rollins o agarrou, erguendo-o como se fosse uma criança, que ele se permitiu sorrir.

Enquanto saía do campo, acenou uma vez, ao acaso, em olhar para as arquibancadas, onde todos estavam de pé, aplaudindo.

Voltou lentamente para o banco, na mesma cadência de aquecimento, o rosto calmo, e foi para a extremidade onde estivera sentado quase todo o jogo. Tirou o capacete e, mais uma vez, sentou-se e ficou olhando as mãos que pendiam entre os joelhos. Enquanto as equipes se enfileiravam para o ponto depois do *touchdown*, o técnico se aproximou e bateu em seu ombro, mas nem assim Romero ergueu os olhos.

O chute depois do *touchdown* foi para fora e mal houve tempo para o reinício do jogo antes que terminasse, com o score final de 26 a 26. Romero dirigiu-se, apressado, para o ginásio, a fim de tomar banho e vestir-se, antes de ser alcançado pela multidão de alunos que se precipitava atrás dele.

No ginásio foram colocadas mesas e cadeiras e havia um comprido bufê, com pequenos sanduíches e bolos, atrás do qual as esposas dos professores serviam o chá. Strand e Hazen sentaram-se a uma das mesas, enquanto Caroline e Conroy iam apanhar o chá. Strand sorriu ao ver o rapaz que tinha pedido o endereço de Caroline no jogo interceptar-lhe rapidamente os passos e caminhar ao seu lado para o bufê.

Havia um tranqüilo murmurar entre os grupos de pais e alunos e uma troca geral de amabilidades à medida que a tarde se escoava. Enquanto observava o delicado movimento dos homens de meia-idade, francos e sociáveis, e suas esposas elegantemente vestidas, Strand, de repente, teve a sensação de que por algum vínculo desconhecido eram todos relacionados com Russell Hazen. Eles eram os banqueiros, os senhores do comércio e dos negócios, os presidentes de conselhos, os silenciosos autores de moções e de apertos de mão, os juizes intérpretes das leis, os diretores das grandes fortunas e instituições, os arquitetos das vitórias políticas, os homens que eram ouvidos por senadores e legisladores, e cujos filhos seriam os herdeiros de uma classe que, na América, não se admitia que fosse uma classe, mas que, como Romero identificaria, abrangia o que os antigos romanos respeitavam como a ordem equestre*.

Quanto aos professores, homens e mulheres — os homens obsequiosos ou, pelo menos, reticentes, em maneiras, lutando contra a humilhação, as mulheres sendo espontaneamente úteis — eram como os escravos cultos importados para a capital para ensinar à juventude privilegiada a virtude, o valor e as artes de governar. Quanto aos estudantes e convidados que passavam pela mesa, Strand ouviu o nome de Romero ser mencionado várias vezes com aprovação. Strand não estava certo se era o louvor outorgado a um gladiador que havia brilhado na arena naquela tarde ou um sinal de que a ordem equestre estava aberta, de tempos em tempos, para os bárbaros de valor.

Sacudiu impacientemente a cabeça, descontente com o modo como seus pensamentos se desenvolviam, e levantou-se para cumprimentar Johnson, o técnico de futebol, que se aproximava da mesa, sorrindo. Strand apresentou o técnico a Hazen, que também se levantou.

— Que pena seus rapazes não terem podido fazer aquele ponto extra — disse Hazen.

O técnico deu de ombros.

* Classe privilegiada, na Roma antiga, composta por cavaleiros. (N. do E.)

— Vou dizer-lhe uma coisa, senhor, fiquei feliz por conseguir um empate, hoje. O garoto é ótimo, não é? Estava pronto para retirá-lo do campo imediatamente, quando começou a correr para o nosso próprio gol. — Ele riu. — Mas nada é tão bem-sucedido como o sucesso, não é? Mais duas ou três corridas iguais àquela e teremos de mudar o nome da casa de Strand para Romero Gardens, em vez de Malson Residence.

— Honestamente, sr. Johnson — observou Hazen —, o sr. Strand e eu estamos mais interessados no comportamento do rapaz com relação aos estudos do que com suas explosões no campo de futebol. O que os professores falam dele?

— Bem — disse Johnson —, a equipe técnica mantém uma vigilância bem firme quanto aos estudos dos rapazes. Não somos o tipo de colégio que desvia os olhos quando um atleta vai mal nos estudos. Até agora, sinto-me feliz em dizer, o relatório sobre Romero é o mais satisfatório possível. Ele é muito inteligente, dizem, e está sempre preparado para a aula. Gosta um bocado de discutir, como devem saber — Johnson sorriu —, mas sempre defende sua posição de modo delicado e inteligente. Naturalmente seu... hummm. . . seus antecedentes são muito diferentes dos dos alunos do Dunberry, e por isso seus professores acham que deve haver certa concessão mútua no modo como ele tem de ser conduzido, mas eu diria que, se o garoto continuar como começou, não haverá nada com que se preocupar. Exceto que não parece estar interessado em ser igual aos companheiros de classe ou do campo, e, além do relacionamento com Rollins, dá a impressão de não querer outro amigo.

— Vou ter uma pequena conversa com ele — disse Hazen. — Allen, vamos convidá-lo para jantar conosco, hoje à noite. O restaurante do hotel onde estou na cidade é muito bom e, talvez, numa atmosfera diferente, ele se descontraia um pouco. E quero obter uma opinião de Caroline sobre ele. Não tenho a mínima noção de como ele reage diante das meninas que tiveram... an... uma educação mais fina do que a daquelas com quem está acostumado.

Strand imaginou o que Hazen diria se lhe falasse sobre artista de *strip tease* do trem e sobre a tarde em New Haven.

— Bem — disse ele —, não o tenho visto com meninas, aqui ou na cidade, mas a sra. Schiller, nossa empregada, disse que ele é o seu favorito. Romero a trata como uma dama, falou ela, o que não pode dizer dos outros rapazes. E diz ela que ele é o rapaz mais asseado com quem já teve de lidar em todos os anos que passou neste colégio.

— Eu diria que é um bom sinal — comentou Hazen. — Você não acha?

— Sim, acho, sim — respondeu Strand. — Um sinal muito bom.

À essa altura, os membros das duas equipes já tinham entrado no ginásio, limpos e corados após o banho, formigando, famintos, ao redor do bufê.

— Você consegue vê-lo? — perguntou Hazen. — Se ele estiver aqui, eu mesmo vou convidá-lo.

— Creio que não está aqui — respondeu Johnson. — Ele foi o primeiro a sair do vestiário, e ouvi quando falou a Rollins que o encontraria mais tarde, em casa. Chás festivos, obviamente, não são sua forma favorita de distração.

Strand viu Rollins afastar-se do bufê carregando um prato com uma pilha de sanduíches e fez sinal para que se aproximasse. Rollins parecia um pouco embaraçado por ter sido apanhado com a evidência da gula, mas, com um largo sorriso, cobriu os sanduíches com a mão e disse jocosamente:

— Apanhado em flagrante, senhor, acho. Todo aquele ar puro dá apetite ao homem.

— Rollins — disse Strand —, este é o sr. Hazen. Foi ele que possibilitou a seu amigo Romero entrar no Dunberry.

— Prazer em conhecê-lo, senhor. — Colocou o prato na mesa e apertou a mão de Hazen. — Esta tarde, pelo menos, o senhor é o visitante mais popular do campus.

— Parabéns pela sua jogada — disse Hazen.

— Obrigado, senhor. Não ganhamos, mas também não perdemos. Faremos melhor na próxima vez.

— Foi um ótimo bloqueio o que você preparou na corrida de Romero — comentou Johnson. — Teríamos sido arrasados se você não tivesse feito aquilo.

— Bem, treinador — disse Rollins, com um largo sorriso de novo —, nós, jogadores, temos de mostrar aos cavalheiros que sabemos como nos ajudar mutuamente.

— Rollins — falou Johnson, rapidamente —, acho que você e Romero podiam deixar de fazer essa brincadeira particular de agora em diante. Já foi o bastante.

— Desculpe-me, treinador — disse Rollins, em voz baixa. — Vou transmitir o recado. — Carregando o prato cheio de sanduíches, afastou-se em direção a um grupo de companheiros de jogo. Rollins, pensou Strand, o bloqueador fatal, devorador noturno de bombons, outro candidato à ordem equestre.

Parte três

1

"Pela primeira vez, desde que voltou do Arizona, Leslie não se encontra esta noite aqui comigo. Está em Nova York, aonde vai todas as quartas-feiras, para lecionar para os seus alunos, no antigo colégio de Caroline. Até agora, ela tem voltado de carro depois das aulas, chegando o mais tardar às onze horas, depois da longa viagem da cidade. Desta vez, conseguiu acomodação para dormir no apartamento do decano do colégio, e deverá levantar-se amanhã bem cedo, a fim de estar aqui a tempo de dar sua aula das dez horas. As conexões ferroviárias são inadequadas, e ela tem de dirigir para a cidade e vice-versa, na velha perua que Hazen nos emprestou. Ainda é uma motorista nervosa, e as duas viagens num dia tornaram-se demais para ela; e, invariavelmente, Leslie volta com os nervos em frangalhos e uma violenta dor de cabeça, devido à luz intensa no tráfego noturno. A viagem não é a única coisa que a perturba. A algazarra dos rapazes à nossa volta, a explosão selvagem das risadas adolescentes, os gritos diante do aparelho de televisão na sala comunitária, os baques surdos das lutas de brincadeira, os lamentos das músicas 'enlatadas' refletem-se dolorosamente na tensão ao redor de seus olhos, nas linhas dos cantos da boca, e ela está recorrendo com frequência à aspirina e tomando doses diárias de Librium, que o médico do colégio lhe receitou.

Estou em dúvida se manter os alunos na cidade é bom ou prejudicial para ela. Sei que é estimulada por eles e diz que uma de suas alunas, de doze anos, promete tornar-se uma concertista. Quando fala dessa menina, um tom de exaltação, raro hoje em dia, surge em sua voz. É pessimista quanto ao valor das aulas no Dunberry. Não há um rapaz, diz ela, que esteja interessado em música, a não ser *rock* e discoteca.

Mesmo nos momentos como este, quando o último silêncio da noite cai sobre a casa, ela se move de um lado para outro, inquieta, trocando objetos de lugar, retirando flores velhas dos vasos, folheando livros e revistas para depois jogá-los para um lado, com impaciência. Só toca piano nas horas de aula, quando os rapazes não estão em casa e ela não tem aulas para dar. Quando lhe sobra alguma hora livre, sai para pintar, mas volta para casa com as telas selvagememente lambuzadas, desgostosa com o próprio trabalho.

Nosso apartamento ainda parece vazio, como se fosse temporário. Até agora, Leslie não pendurou nenhum de seus quadros. Diz que tem vergonha de que algum aluno ou alguém do corpo docente possa pensar que ela se considera uma artista, embora eu não acredite ser esse o motivo. Para mim, ela parece pairar no ar, embora eu tenha certeza de que ela não se dá conta disso, e seus quadros na parede seriam símbolos de uma permanência indesejável.

Em uma de suas idas a Nova York, almoçou com Linda Roberts, que lhe contou que talvez vá para a França por uma semana ou dez dias e convidou Leslie para acompanhá-la. Eu disse a Leslie que estava certo de que o colégio iria conceder-lhe a licença e que a viagem iria fazer-lhe bem, mas ela respondeu que isso estava fora de cogitação. Quando tentei persuadi-la, Leslie ficou nervosa e perguntou se eu queria livrar-me dela. Neguei por considerar isso tolice, mas, odeio ter de admitir, uma breve ausência seria reconfortante agora. Representa uma oportunidade, que estou tendo agora, de descansar um pouco, de sentar-me em minha escrivaninha, aqui na sala, e refletir sobre os pequenos acontecimentos do outono.

Na noite depois do jogo em que Romero fez sua primeira aparição nos campos de Dunberry, fomos todos jantar no hotel onde Hazen e Conroy estavam hospedados. Romero, muito bem-vestido, de gravata, sentou-se ao lado de Caroline à mesa. Pareciam interessados um no outro, e Hazen, enquanto os

olhava intensamente, de vez em quando, deixou que entabulassem uma conversa só entre os dois. Na manhã seguinte, antes de partir para Nova York com Leslie e Caroline, ele me disse que ficara bem impressionado com os modos de Romero e pediu-me que sondasse Caroline para saber o que esta pensava do menino. Não tive oportunidade de conversar com ela antes de partirem, mas pedi a Leslie que falasse com Caroline e procurasse descobrir o que pudesse.

Recebemos nossa mobília de Nova York naquela ocasião, e, por isso, Leslie e eu dormimos na mesma cama, mas depois do que acontecera em Tours, deitamo-nos rigidamente afastados um do outro, tanto quanto possível. Não tocamos nesse assunto, embora soubéssemos que teríamos de chegar a uma decisão final quanto aos nossos apetites sexuais e à impossibilidade de fingir que a abstinência não tinha mudado nosso casamento. Contudo, acordamos pela manhã deitados um nos braços do outro."

Largou a caneta sobre a mesa. Estivera escrevendo por mais de uma hora, na velha escrivaninha, à luz do abajur ajustável. Cansado, mas sabendo que não seria capaz de dormir, ficou sentado, afundado na cadeira, olhando para fora pela janela.

As primeiras neves da estação começavam a vaguear na escuridão de novembro. No resto da casa, as luzes estavam apagadas, e o barulho dos rádios e gravadores e o som surdo dos pés sobre o alojamento de Strand finalmente tinham cessado. Quando estava em casa, Leslie mal podia esperar por aqueles momentos abençoados, quando o tumulto se transformava em silêncio. Normalmente, durante aquelas horas, Strand apenas ficava sentado numa grande poltrona lendo ou olhando para o fogo que amenizava as noites de outono, enquanto a casa se acalmava, o braseiro formando-se para as horas de sono.

Ouviu o som do que lhe pareceu ser um carro aproximando-se da casa. Teve a impressão de que era o velho Volkswagen que Leslie dirigia. Ergueu-se de um salto, foi até a janela e olhou para fora, pensando que talvez Leslie tivesse mudado de idéia quanto a passar a noite em Nova York. Mas não era carro algum, apenas a neve e o campus escuro assolado pelo vento. Com um suspiro, voltou para a escrivaninha.

Ouvira aquele mesmo som na noite em que Leslie tinha voltado do Arizona e quase corraera até a porta para recebê-la. Atiraram-se um nos braços do outro, lembrava agora, não se importando se havia ou não algum rapaz observando-os. Ela estava radiante de prazer ao vê-lo outra vez, e Strand podia dizer, pela expressão do seu rosto, que tudo corraera bem na viagem.

Sentaram-se no sofá, seu braço ao redor dos ombros dela, até bem depois da meia-noite, enquanto Leslie contava o que tinha acontecido no Arizona.

— É claro que Caroline vai adorar aquele lugar. Ela gosta da faculdade... é muito bonita e certamente nada parecida com o City College... e as outras jovens do seu dormitório foram agradáveis e cordiais. Conversamos e conversamos... infundavelmente. Estarmos juntas, sozinhas, por alguns dias, sem ninguém mais da família para tomar minha atenção, parecia ter rompido algum tipo de represa. Talvez devêssemos ter feito isso, nós dois, com os três filhos.

— O que tinha ela para dizer?

— Bem, primeiramente, ficou muito impressionada com o seu sr. Romero.

— Russell vai ficar satisfeito ao saber disso. — Strand não estava tão certo de ficar também satisfeito. — O que a impressionou? Aquela corrida doida no jogo de futebol?

— Nem falou nisso. Disse que ele parecia mais gentil e tímido do que a maioria dos rapazes.

— Em Romero, isso chega a ser uma novidade — comentou Strand, secamente.

— Disse que sentiu que ele não tem nenhum desejo de ser igual aos outros rapazes da turma. . .

— Difícilmente se poderá dizer que há algum mal nisso.

— De qualquer forma, seria impossível, Romero disse a ela. Mas que ele ia ser *alguma coisa*, afirmou. Ainda não sabia exatamente o quê, mas ia ser *alguma coisa*. Quase a metade dos rapazes no colégio não tinha saída, Romero confidenciou a Caroline... Ela falou que seu tom de voz era de desdém... eles já têm tudo planejado, vão para Harvard ou Yale, depois fazem cursos para se aperfeiçoarem em negócios e vão para a firma do papai; serão advogados, presidentes de banco, vão acumular grandes somas de dinheiro, vão aposentar-se com a idade de cinquenta e cinco anos e jogar golfe. Mas todos estarão condenados a ter grandes surpresas, dissera Romero. E que ele tinha uma grande vantagem sobre todos os demais. . . *nada* ia ser surpresa para ele. Eles iriam ensinar-lhe todos os truques.

— Quem são *eles*? — perguntou Strand.

— Romero não contou para Caroline. Apenas disse que ia batê-los jogando o jogo deles, seu próprio jogo ou qualquer outro jogo. Caroline disse que ele falava com muita veemência, como se estivesse pensando nisso há muito tempo, e acha que foi a primeira vez que ele teve oportunidade de falar a respeito disso.

— Ela entendeu mal — afirmou Strand. — Também tive uma pequena dose. Não exatamente a mesma, mas aproximadamente. — Lembrava-se da conversa sobre os bárbaros.

— E Romero disse que agradecia a eles por isso. Pelo fato de o estarem educando. Como o filho do felá da Argélia que foi educado na Sorbonne e depois chutou os franceses do seu país, como as crianças árabes inteligentes, educadas em Harvard e Oxford, que depois voltam para o lar e fazem os porcos presunçosos ingleses e americanos derramarem sangue por causa do petróleo quando tiram seus ternos de negócios e colocam as roupas do deserto.

— E o que Caroline pensa sobre essas agradáveis informações?

— Caroline disse a Romero que achava que ele estava querendo exhibir-se para agradar-lhe. . . que ele devia ter lido aquilo em algum lugar e que estava apenas aparentando ser durão.

— Isso deve ter envaidecido Romero — comentou Strand.

— Caroline disse que ele lhe lançou um olhar ameaçador e que ela chegou a pensar que ele ia levantar-se e sair. Mas não o fez. Romero disse que era claro que tinha lido em algum lugar, que ele próprio tinha escrito sobre aquilo uma semana depois que chegara ao colégio, quando perguntou a si mesmo o que estava fazendo ali. Era lógico que não estava lá para correr com uma bola na mão.

— Provavelmente, não estava mentindo — disse Strand. — Sobre ele mesmo ter escrito. Isso é muito próprio de Romero.

— Depois ele perguntou a Caroline em que colégio ela ia estudar, e quando ela lhe falou sobre a bolsa de atletismo, ele riu. Dois atletas por acaso, foi o que disse. Ele sabia do que estava fugindo. Do que *ela* estava fugindo? Depois Romero falou que, apesar do *touchdown* daquela tarde, ele teria saído do time se não fosse por causa do seu amigo Rollins. Jogos eram para as crianças, comentou ele.

— Johnson não vai chorar se ele sair mesmo do time — falou Strand.

— Quem é Johnson?

— O técnico de futebol. Romero andou dizendo que ele não tem imaginação, e isso chegou aos ouvidos dele.

— Sei que você o considera um jovem muito difícil — falou Leslie —, mas nunca ouvi Caroline falar de alguém assim. Ela afirmou que foi a noite mais fascinante que já teve em toda a sua vida e, quando voltou do jantar, sentou-se e escreveu tudo o que conseguiu lembrar.

Outra escritora de diários na família, pensou Strand. Talvez fosse uma doença, hereditária.

— Ela parece ter se lembrado de cada palavra — comentou Strand.

— Ainda tem mais — continuou Leslie. — Quando Caroline disse a Romero que queria ser veterinária, ele respondeu que ela ia tentar salvar a espécie errada. Romero sabia, onde ela devia praticar quando obtivesse o diploma. . . no velho lugar onde ele morou, em Manhattan. Proliferavam animais por ali, hordas deles, todos bípedes e doentes. Disse também que ela seria mais útil ali do que se ficasse dando pílulas a insensíveis pequineses. Caroline pensou que ele estivesse caçoando, mas depois o garoto perguntou muito sério se poderia escrever para ela. Caroline perguntou sobre que assunto ele gostaria de escrever, e ele respondeu que escreveria sobre política, assassinatos, subornos, pobreza, cor da pele das pessoas, mentiras da história, bombas de hidrogênio e napalm, futebol. . . Quando você era da idade dele, ouviu alguma vez alguém tão jovem falar desse jeito?

— Não — respondeu Strand. — Os tempos eram diferentes.

— Ele disse também que talvez praticasse escrevendo uma ou duas cartas de amor.

— O cretino — disse Strand.

— Oh, Allen, é apenas um garoto querendo mostrar a uma jovem bonita que é mais sofisticado do que aparenta. Pelas oportunidades que terão de se ver, nem se lembrarão dos respectivos nomes quando se encontrarem outra vez.

— O que Caroline respondeu. . . quero dizer, o que disse sobre as cartas de amor?

— Respondeu não achar nenhum mal. — Leslie sorriu ao dizer isso, como se estivesse tranqüila com o fato de que sua tímida filha finalmente houvesse compreendido as regras do jogo feminino. — O rapaz não estava brincando — continuou Leslie. — Quando chegamos à faculdade, havia uma carta dele

esperando por Caroline. Ela leu-a e deu-a a mim para que a lesse. Não tinha data e nem começava com Querida Caroline ou Querida Qualquer Coisa. Era apenas, palavra por palavra, o discurso que fizera para ela sobre os argelinos durante o jantar. Nem mesmo estava assinada. Caroline comentou que era a primeira carta de amor que já havia recebido. É claro que riu com a carta, mas disse que ia guardá-la e mostrá-la aos outros rapazes para melhorar o nível da conversa se continuassem repetindo aquelas coisas estúpidas de sempre. — Leslie franziu a testa. — Espero que ela não se torne coquete. Quase todos os rapazes no campus olhavam para ela, quando passávamos.

— Você era uma que dizia que seria um ótimo negócio para ela operar o nariz — comentou Strand.

— Esses são os riscos que se corre — falou Leslie, mas sem muita animação. Sacudiu a cabeça como se quisesse afastar os receios sobre a filha. — Provavelmente, ela vai mudar umas dez vezes antes de a vermos de novo. Quer esteja conosco ou não.

— Você não disse uma palavra sobre como Eleanor está passando — observou Strand. Leslie voara do Arizona para a Geórgia e passara alguns dias com o jovem casal. — Ela está feliz?

— Muito, pelo que pude observar. Embora a cidade seja insignificante.

— Leslie querida — disse Strand, sorrindo —, isso é exatamente o que você diz de qualquer lugar que não seja Nova York.

— Não digo isso de Boston, San Francisco ou mesmo Atlanta — defendeu-se Leslie.

— Nenhum lugar com menos de um milhão de habitantes. Não perguntei sobre a cidade. Perguntei sobre Eleanor e Giuseppe.

— Bem, parecem estar contentes com o trabalho que fazem — falou Leslie, com relutância. — Aham que fizeram o jornal melhorar cem por cento e parecem devotar-lhe dezesseis horas por dia. Moram numa casa velha enorme, que dá a impressão de que vai cair a qualquer momento. É uma espécie de cruzamento entre a Tobacco Road conservada para o cinema e uma velha plantação do tempo da Guerra de Secessão. Eleanor afirma que é ideal para recém-casados. Quando os dois têm uma discussão, podem dormir em quartos tão separados que precisam comunicar-se entre si por ondas curtas. Só conseguia falar com eles esporadicamente. Quando nos sentávamos para almoçar ou jantar, o telefone tocava, e um ou outro tinha instruções ou ordens a dar. Aquilo me deixaria doida, mas os dois parecem estar no mesmo ritmo da cidade. Quando tentei descobrir se estavam ganhando, ou perdendo dinheiro, imediatamente mudaram de assunto. Parecem estar loucos um pelo outro, e acho que isso é o principal — Leslie soltou-se do braço do marido. — Meu Deus, já deve passar da meia-noite. Há água quente? Preciso de um banho, viajei o dia inteiro.

— Há água quente, sim. Pelo menos, acho. Não quer um drinque primeiro, para comemorar sua chegada?

— Talvez, depois do banho. Darei um sinal quando estiver pronta. — Inclinou-se e beijou-o. — Sentiu a minha falta?

— O que você acha?

Ela riu e foi para o banheiro, e logo Strand ouviu a água correr.

Quando ele foi para o quarto, minutos depois, Leslie já estava na cama, os cabelos escovados,, brilhantes. Strand despiu-se, deitou-se e aconchegou-se ao lado dela. Começou a acariciá-la, mas ela o afastou, delicadamente.

— Tenho receio, querido.

Ele não precisou perguntar do que ela estava com receio. O dr. Prinz o avisara. Mesmo obedecendo às ordens do dr. Prinz, ora com maior, ora com menor rigor, ainda estava sujeito a súbitos ataques de fadiga, quando sentia dificuldade em atravessar o campus ou enfrentar uma aula.

— Naturalmente — concordou ele, e foi para a outra extremidade da cama. Isto é insuportável, pensou. Amanhã passarei a dormir no outro quarto.

Desde então, sem discussão, a antiga e estreita cama de Jimmy, no outro quarto, passou a ser preparada todas as noites para ele.

Bem, pensou Strand, ao sentar-se à escrivaninha, olhando para o fogo da lareira, aquela foi uma noite boa de nosso casamento, apesar de tudo.

Suspirou, levantou-se, espreguiçou-se, colocou uma acha no fogo reduzido, porque ainda não

estava pronto para dormir, foi para a cozinha e serviu-se de uma dose de uísque com água.

Voltou para a sala de estar, carregando o drinque. Ouviu o som de passos no andar de cima. A velha casa de madeira estalava e gemia, e todos os movimentos eram denunciados através de suas vigas. Sabia que havia várias proibições a visitas extras entre os rapazes. Não queria saber o que significava aquele tráfego noturno. Um cigarro ilegal, talvez, ou a passagem de maconha de mão em mão, experiências sexuais, a partilha de uma bebida contrabandeada, uma sessão de trote mais ou menos inocente. Um professor consciencioso e dedicado, pensou, deveria subir sorrateiramente, o mais silenciosamente possível, apanhar os criminosos diante de seus crimes adolescentes e fazer cair sobre suas cabeças um castigo apropriado. Seria difícil imaginar o castigo mais apropriado para qualquer crime hoje em dia e nesta época. Pelo menos, na escola pública, ele não precisava preocupar-se com o que os seus alunos faziam depois que a aula se acabava. Como sempre, era preciso viver levando-se em conta o equilíbrio entre lucros e perdas. Enquanto seus comandados não pusessem fogo na casa, um benevolente olho cego era uma peça útil do equipamento. Não perguntara aos outros professores quais eram seus sistemas de manutenção da ordem, e ninguém tinha se oferecido para aconselhá-lo. Imaginou o que um professor de Eton ou Harrow, onde, segundo sabia, ainda se adotava a punição com reguadas, pensaria de sua conduta. Será que esses pedagogos marchariam corajosamente escadas acima e preservariam a lei distribuindo severamente tantos golpes pelo cigarro, tantos pela bebida e tantos pela conversa depois da hora? Quantos por sodomia? Nenhum, ao que soubesse. Ide e faizei o mesmo. Strand deu um largo sorriso, diante desse pensamento. Seu próprio filho não era mais velho do que alguns rapazes da casa, e Strand nunca o castigara a não ser por uma palavra mais dura raramente pronunciada. Se Jimmy tivesse ido para o Dunberry, Eton ou Harrow, em vez de um colégio público, estaria agora imerso no mundo dos guitarristas barbudos e dos orgiásticos milionários astros do *rock*, fadados a morrer antes dos trinta anos devido a uma superdose de heroína ou de estimulante e calmante?

Colocou o drinque sobre a escrivaninha, sentou-se, hesitou, depois apanhou a caneta e começou a escrever.

"Estive pensando sobre as diferenças entre o antigo sistema de educação em língua inglesa e a ordem tolerante que temos hoje em dia, na qual os estudantes se formam tão superficial e inconseqüentemente que um educador custa a imaginar. Quando pensamos nos poetas, filósofos, estadistas e soldados produzidos pelo antigo sistema inglês e pelas faculdades católicas dos Estados Unidos que permaneceram desde os tempos coloniais, é difícil acreditar que estamos fazendo tanto bem para os nossos filhos quanto nossos ancestrais fizeram. Vivemos numa das épocas mais curiosas, onde simultaneamente o liberalismo invadiu às cegas os sistemas educacionais enquanto o rigor e a repressão invadiram às cegas os sistemas políticos de quase todo o mundo. De alguma forma, as duas coisas devem estar ligadas, porém a noite já está avançada e não consigo descobrir essas ligações. Os colégios ingleses acham um lugar para os excêntricos; acham um lugar para os estudiosos? Para os cavalheiros? Para os poetas? É um ótimo assunto para desenvolver com Romero. Ou apenas devo ir ao diretor e dizer-lhe que o rapaz é perigoso e constitui uma ameaça para todos nós, fazendo que o expulsem imediatamente? Mas sei que não farei isso. Sou influenciado, como todos aqui o são, como Russell Hazen também é, pela superstição liberal, que, apesar de tudo o que tem acontecido, ainda nos impele decente ou criminosamente a gastar nossos tesouros e nossa boa vontade em educar e mesmo armar nossos próprios árabes, nossos próprios felás, nossos provocativos iranianos. Não vou discutir esse assunto no salão comunitário do corpo docente, na hora do chá. Sou um estranho entre eles, e, quando me perguntam sobre minha carreira na escola pública, dão a impressão de estarem fazendo perguntas a um homem que passou os melhores anos de sua vida numa zona de combate.

Mas, de modo geral, são boas pessoas, desprovidas daquela qualidade, a ambição, que freqüentemente torna as pessoas repugnantes.

A própria palavra 'ambição' leva a uma especulação sem fim. Na semana passada, Hazen me telefonou, especialmente, para desculpar-se por não nos ter vindo visitar e saber como eu estava passando. Disse-lhe, não muito sinceramente, que tudo estava correndo de maneira esplêndida. Então respondeu que tinha um probleminha para discutir comigo. Não era sobre seu divórcio, nem sua bela advogada de Paris, como quase cheguei a pensar, mas era sobre Eleanor e Gianelli. Contei a ele que, quando Leslie os visitara, achou que estavam muito bem. Hazen não era da mesma opinião. Tinha falado

com o seu amigo, o editor, que o informara de que os dois jovens eram ambiciosos demais, e que haviam mudado rotinas que haviam feito o jornal prosperar por meio século, despedindo antigos empregados e introduzindo garotos sabe-tudo das escolas de jornalismo do leste, antagonizando a população com sua arrogância. Eleanor, parece, estava sendo acusada mais do que o marido. 'Dizem que o traz preso numa coleira', Hazen repetiu as palavras do editor. 'E ele se queixa de que o tratam como se fosse uma frágil relíquia de outro século. Pode estar exagerando', disse Hazen, 'mas seria oportuno se pudesse avisá-los para serem um pouco mais pacientes.'

Prometi fazer o que estivesse a meu alcance. Não falei que não tinha esperança de influenciar Eleanor e que sentia que precisaria chamar Gianelli de lado, para uma conversa em particular, se quisesse tentar fazer alguma coisa com ele. Além disso, eles não tinham planos para visitar-me, que eu soubesse, e uma viagem à Geórgia seria apenas uma despesa inútil.

Quando desliguei, suspirei sem querer. Quando se é pobre na juventude, mesmo que mais tarde se consiga estabelecer-se com muito conforto, pensar em dinheiro é uma atividade que pode levar alguém a um estado que toca as raías de algo entre a ligeira inquietação e o terror.

Nunca tive qualquer ilusão quanto a ser rico e nunca ansiei pelos brinquedos e privilégios da riqueza. Nunca fui um jogador e sabia que os bafejos da sorte jamais soprariam para mim. Escolhi esta profissão porque adorava lecionar, pelas oportunidades do lazer erudito, pela certeza, como me parecia então, de oferecer um estilo de vida honesto, ainda que modesto, à minha família, pois, à medida que eu ascendia no sistema escolar, meu salário aumentava proporcionalmente, satisfazendo todas as nossas necessidades razoáveis, com a perspectiva de que, quando fosse forçado a me aposentar, os infortúnios de uma idade avançada seriam amenizados por uma pensão adequada. Como a maioria dos americanos, eu não estava preparado para as realidades sinuosas da inflação. Os desastres que causara na classe média dos países da Europa não podiam acontecer, pensávamos, na América. Como historiador, sabia que não estávamos imunes à mudança, mas eu compartilhava a crença comum de que, se a América não era mais uma fortaleza em termos militares, nosso sistema financeiro, pelo menos, resistiria à invasão, durante a nossa vida. Num nível mais pessoal, nunca imaginei que aos cinqüenta anos uma doença quase mortal me faria alterar completamente meu modo de vida e me forçaria a ganhar meu pão num lugar diferente e sob regras radicalmente diferentes.

Se eu tivesse continuado a trabalhar até a idade de me aposentar, na escola pública, o que iria receber seria uma importância muito boa. Em condições normais, embora precisássemos mudar-nos para um apartamento menor, acho que poderíamos viver confortavelmente, *talvez* um pouco mais do que confortavelmente, com alguma reserva disponível para visitar um filho que vivesse a quilômetros de distância, quando houvesse necessidade. Meu salário aqui é muito menor do que o que eu ganhava na cidade, e, mesmo não pagando aluguel, se eu tiver de comprar um terno ou se Leslie precisar de um casaco, isso irá significar um planejamento um pouco restrito e penoso de nossa parte. Leslie, é claro, não se queixa, mas eu estaria fazendo papel de bobo se não achasse que um pouco da tensão que se reflete em seu rosto não é. . ."

O telefone tocou. Strand olhou para o aparelho, apalermado. Chamadas àquela hora da noite eram assustadoras, principalmente quando Leslie não estava em casa com ele. Deixou o telefone tocar mais duas vezes, antes de atendê-lo, tentando controlar o tremor de suas mãos.

Mas era apenas Russell Hazen. Sua voz estava seguramente normal:

— Espero não tê-lo acordado, Allen.

— Não — disse Strand. — Estava corrigindo alguns trabalhos.

— Não se exceda. Um ataque cardíaco é o bastante.

— Concordo com você — respondeu Strand, aliviado por entender que não havia acidentes nem crise a que precisasse acudir.

— Acontece que tenho estado muito ocupado — disse Hazen. — Acabo de vir de uma reunião. E quis falar com você o mais cedo possível.

— Do que se trata, Russell? — perguntou Strand. — Esteve falando com seu amigo da Geórgia, outra vez?

— Não, não tenho notícias dele, portanto imagino que as coisas estão melhorando por lá. Na verdade. . . — Hesitou um momento. — Na verdade, é sobre mim. Não é muito importante, mas é

possível que você seja envolvido, também. — Hazen deu uma risadinha um tanto estranha. Parecia embaraçado, Strand pensou. — Você se lembra daquele homem do petróleo... aliás, aquele politiqueiro que encontrei no almoço quando estive aí no colégio?

— Lembro-me — respondeu Strand.

— Surgiu algo um tanto desagradável. Ele foi intimado a comparecer perante uma comissão do Senado, em Washington, que está investigando o tráfico de influência sobre os legisladores. . .

— Não li nada sobre isso nos jornais.

— Ainda não chegou aos jornais. Mas um amigo que está em posição de saber das coisas me deu algumas informações confidenciais.

Strand não pôde deixar de pensar que mais uma vez, como sempre, Russell tinha um amigo que estava em posição de saber ou de fazer alguma coisa útil para ele.

— O homem está sobre brasas — continuou Hazen —, e tentando desviar a culpa de si mesmo. Eles nada têm de definitivo que pese contra ele, mas algum bêbado em uma daquelas malditas festas em Washington estava tagarelando e deixou escapar que ouviu o homem do petróleo vangloriar-se de ter persuadido certo senador a votar a favor de uma grande proposta de exploração de sondagem ao largo da costa, e que a companhia que a minha firma representa teria prometido levantar uma grande soma para garantir que o senador *entendesse*. E mencionou meu nome. De acordo com a informação que recebi, disse para a comissão que nós nos tínhamos encontrado no colégio propositalmente. . . o filho dele está em uma de suas turmas, acho. . . o nome dele é Hitz. . .

— Aluno conceito C, prestes a ser D. De fato, pertence à minha casa. Não é simpático. Um imbecil grandalhão, dado a intimidar os mais jovens.

— Além do mais, sem contar o que disse. . . pelo menos me informaram que ele disse. . . sobre termos planejado o encontro no Dunberry, Hitz afirmou que o puxei para um lado e troquei idéias com ele sobre o assunto, o mentiroso, filho da puta.

— Lamento ouvir isso — falou Strand —, mas por que está me contando isso tudo?

— Porque, Allen, se alguém for aí, fazendo perguntas, ou se você tiver de testemunhar, gostaria que afirmasse, sob juramento, se preciso, que estive com você ou com alguém da sua família o tempo todo em que permaneci no colégio e que ninguém ouviu nada, em absoluto, sobre votos, negócios ou firmas jurídicas. . .

— Russell — disse Strand, o mais calmo que lhe foi possível —, não estive com você o tempo todo, e nem Leslie ou Caroline.

— Você não está pensando que eu seria capaz de uma coisa dessas, está? — A voz de Hazen ao telefone estava alterada, com um vestígio de fúria.

— Não, acho que não — respondeu Strand, com sinceridade.

— Isso é uma vendeta — continuou Hazen. — Contra mim. Você não sabe o que é a luta de foice, em Washington. Em meu trabalho, não há como evitar a necessidade de irritar certas pessoas... pessoas poderosas... e se eles virem a mínima, a mais ridícula possibilidade de me desacreditar, vão agarrar-se a ela.

— O que poderão fazer contra você? Não há nenhuma prova, há?

— É claro que não. — Não havia dúvida quanto à sinceridade de sua resposta. — Mas você não faz idéia de como isso pode aparecer nos jornais e como alguns dos meus colegas da Ordem dos Advogados ficarão satisfeitos por terem a minha cabeça. Provavelmente, nada disso vai acontecer, Allen, mas se você, por acaso, for interrogado.. . eu ficarei muito grato. Bem, já falei bastante. Faça o que achar adequado.

— Russell.. . — começou Strand.

— Eu preferia não falar mais sobre esse assunto. — O tom de sua voz era decisivo. Houve um pequeno silêncio que Strand não tentou romper. Quando Hazen falou de novo, havia a camaradagem costumeira em sua voz. — Oh, a propósito, vi Leslie na semana passada. Telefonei para o colégio em Nova York e convidei-a para almoçar. Um garoto, filho de um amigo, demonstra ter algum talento, e eu quis conversar com ela sobre a possibilidade de o menino ser aluno dela. Leslie estava esplêndida. Ela falou alguma coisa sobre o menino?

— Não — respondeu Strand. A verdade era que nem tinha mencionado que vira Hazen.

— Pergunte-lhe sobre o menino, O pai está esperando uma resposta. Bem, foi ótimo falar com você. E, por favor, não se preocupe comigo. É provável que a coisa toda nem exista mais daqui a uma

semana. Cuide-se, amigo. E prometo que vou aparecer e lhe fazer uma visita, talvez no Dia de Ação de Graças ou então antes. Sinto falta de você, velho amigo, sinto um bocado sua falta.

Quando Strand desligou, ficou sentado, olhando fixamente o telefone. Lentamente, terminou o drinque, apagou a luz e foi para a parte dos fundos do apartamento, onde ficavam os dormitórios. Olhou para o quarto de Leslie, onde a ampla e antiquada cama que partilhara com ela desde o princípio do casamento parecia confortável e confortadora. A cama de Jimmy era estreita, e ali seu sono era assediado por sonhos nos quais se sentia tolhido em sua liberdade, aprisionado. Quase decidiu dormir aquela noite na cama de casal, mas depois pensou melhor e foi para o seu quarto, despiu-se lentamente e enfiou-se nos lençóis frios como mortalhas.

Foi despertado por um ruído no quarto ao lado. Esfregou os olhos turvos e olhou automaticamente para o mostrador fluorescente do relógio, na mesinha-de-cabeceira. Passava das quatro horas. O ruído no quarto ao lado era persistente, e por um momento ficou ali deitado, intrigado, imaginando o que poderia ser. Depois, percebeu que era uma mulher soluçando. Afastou as cobertas, ergueu-se da cama de um salto e correu para o quarto de Leslie. Ela estava no escuro, sentada na cama, inclinada para a frente.

— Leslie — disse ele —, pelo amor de Deus... — Acendeu a luz. Não podia ver-lhe o rosto.

— Apague a luz — pediu ela —, por favor, apague a luz. — De repente, ela pareceu pequena para ele, ali encolhida. Strand apagou a luz e ajoelhou-se diante dela, rodeando-lhe a cintura com os braços.

— Leslie — disse —, o que há? — Depois continuou, preocupado: — O que está fazendo aqui? Pensei que fosse passar a noite em Nova York. O que aconteceu? Você chegou agora? Já passa das quatro horas...

— Não me repreenda — disse ela. — Não vou agüentar ser repreendida esta noite. Estou em caos. Não basta?

— Querida — falou ele, com delicadeza —, não estou repreendendo você. Estou preocupado. Quero ajudar...

— Só me abrace, como está fazendo, e não diga nada por enquanto. — Ela riu, histericamente. — Uma mulher não pode chorar de vez em quando sem que seja preciso chamar a polícia? Perdoe-me. — Ela alisou os cabelos dele. Sua mão estava tremendo. — Estou me acalmando. Acredite, não é nada. Nervos. Estupidez. Agora, faça uma coisa para mim. Deixe-me sozinha por um instante. Vá até a cozinha e prepare um bom drinque para nós. Então vou acender a luz, ajeitar o rosto, pentear o meu cabelo e vou até a cozinha, onde poderemos tomar um drinque e ter uma conversinha aconchegante ao pé do fogo, e você vai ver que não há nada com o que se preocupar. Sou um pouco tola, mas você já sabe disso há muito tempo e não houve nenhuma mudança drástica. De verdade. Coloque um robe e calce os chinelos. Você está tremendo. Mova-se. *Por favor, mova-se.*

Lentamente, com relutância, ele se levantou e foi para o seu quarto. Colocou o robe e os chinelos e dirigiu-se pelo corredor escuro em direção à cozinha, acendendo a luz ao chegar lá. Serviu dois uísques, colocou bastante água no seu e apenas algumas gotas no de Leslie, sentou-se à mesa e esperou, olhando pela janela, vendo o reflexo indistinto de sua imagem no vidro escuro e a neve caindo lá fora lentamente, poeira branca e vagarosa de um inverno ameaçador, no facho de luz do antiquado lampião de querosene, agora adaptado à eletricidade, que pendia sobre a mesa da cozinha.

Amanhã de manhã vou estar impreciso, pensou, e depois ficou envergonhado com seu egoísmo. Sua primeira aula era de história americana, e tentou lembrar-se do que pretendia falar sobre os federalistas, porque não queria pensar no que a chegada de Leslie, histórica, àquela hora da noite, pudesse significar.

Quando Leslie entrou na cozinha, estava de camisola e robe, com o cabelo em ordem e a expressão do rosto quase refeita.

— Aqui está — disse ele. — Aqui está seu drinque.

— Obrigada — respondeu ela, em voz baixa. Ensaiou um sorriso. Parecia um sinal tremeluzente visto a centenas de quilômetros de distância.

— Querida — apelou Strand —, o que há? Você sofreu algum acidente?

— Não — respondeu ela. — Apenas algumas dificuldades. Essa foi a primeira vez que dirigi com neve. Achei difícil controlar o carro.

— Aconteceu alguma coisa em Nova York?

— Nada de especial. — Sentou-se de repente, apanhou o copo com as duas mãos, como uma criança, levou-o à boca e sorveu o conteúdo, sofregamente. Por um instante, à luz bruxuleante da memória, como num quadro superposto, ele viu Judith Quinlan, na lanchonete cheia de vapor, levando a xícara aos lábios com os mesmos gestos. — Quando eu tiver oitenta anos — disse Leslie —, acho que vou conseguir gostar de uísque. Pelo que tenho lido, costumam dar uísque aos sobreviventes dos naufrágios, e portanto deve ter seu valor na preservação da vida. Não, nada de especial aconteceu. O jantar com a deã foi ótimo, tocamos um pouco de Chopin e ela me falou sobre o marido, como era maravilhoso e como sentia falta dele desde que tinha morrido, que Caroline estava prestigiando o colégio, que lamentava o fato de o colégio não ter um programa fixo de atletismo, porque, se tivesse, Caroline talvez tivesse tido oportunidade de conseguir bolsa para qualquer faculdade do país, que ia aguardar com ansiedade outras noites iguais àquela quando eu ficasse, pois era muito triste morar sozinha, ler e dormir sozinha num apartamento vazio. Não, nada de especial. . . exceto que tive uma visão. A visão de mim mesma, igual a ela, lendo sozinha à noite, odiando dormir sozinha. . .

— Seu marido não está morto, querida — declarou Strand, com delicadeza. — Embora, devo confessar, tenha tentado. — A piadinha às avessas não a fez sorrir.

— Não, você não está morto — confirmou Leslie. Sua voz estava desanimada, exausta, sem timbre. — E acho que você não vai morrer. Mas eu sinto medo porque percebo que estamos flutuando separados. Somos como duas pessoas na água, em correntes diferentes, afastando-se lentamente uma da outra. No fim, você se vai e lá estou eu, como a deã, esperando por um dos telefonemas obrigatórios de Jimmy ou um telegrama de Eleanor no meu aniversário, ou um recorte de jornal do Arizona dizendo que Caroline igualou o recorde da escola nos cem metros rasos. De repente, não pude suportar, deitada ali sozinha, no meio da noite, numa cama estranha, com você a mais de cem quilômetros de distância. Precisava ter certeza de que encontraria você, que poderia tocar em você. . .

— Querida — murmurou Strand —, estou aqui. Estarei sempre aqui.

— Sei que isto é irracional — continuou ela no mesmo tom sem vida —, mas estamos tão confusos ultimamente que tenho a impressão de que vivemos a vida de outras pessoas. Não dormimos juntos, não fazemos nem nossas refeições juntos, vivemos submersos num mar de meninos, tenho os mais terríveis sonhos sexuais com outros homens, rapazes maliciosos. . . E, depois, na estrada, ao voltar para casa, um bêbado passou por mim e ficou furioso porque não me desviei dele rápido o suficiente, insultou-me, depois passou para trás de mim e encostou o carro no meu, com os faróis altos ligados e buzinando, e resolvi sair da estrada na primeira entrada que aparecesse, porque estava assustada; acabei me perdendo, perambulei por toda Connecticut, em estradinhas escuras, cheias de vento, e não havia uma luz nas casas por onde passava; o carro derrapou na neve, por pouco não bati numa árvore. . . Eu estava com a impressão doida de que o carro tentava me matar, que era um inimigo, e estava a ponto de parar e descer, de sentar-me na beira da estrada, morrendo de frio, quando vi um sinal, e mais adiante estava a auto-estrada, e aqui estou eu. Sinto-me segura outra vez, pelo menos pelo resto da noite. — Esboçou um pálido sorriso e bebeu um pouco. — Não fique tão perturbado, querido. Estou certa de que pela manhã já estarei bem. Vá deitar-se agora. Terá de levantar-se dentro de poucas horas. — Curvou-se e beijou-o. — Vá. Por favor. Parece tão exausto! Estou em casa e a salvo, e as coisas parecerão melhores à luz do dia.

Strand estava cansado demais para discutir com ela, e colocou o copo que mal tocara sobre a mesa, arrastou-se até o quarto, tremendo outra vez, e enfiou-se debaixo das cobertas sem tirar o roupão.

Mais tarde, ouviu ou pensou ouvir o som de um piano executado suavemente, muito longe.

2

As aulas foram suspensas na quarta-feira, à tarde, na véspera do Dia de Ação de Graças, e Leslie e Allen estavam de malas prontas quando Conroy chegou com o Mercedes. Tinham sido convidados para passar o fim de semana na casa de Hazen na praia, e, embora Strand tivesse preferido apenas vadiar pelo campus solitário, com todos os rapazes ausentes devido ao feriado, uma conversa que tivera com Babcock, o diretor, sobre Leslie, na semana anterior, fizera que o convite viesse num momento oportuno.

Babcock chamara Strand à sua sala e ficara irrequieto, constrangido, diante da escrivania,

acendendo várias vezes o cachimbo, tirando e colocando os óculos, arrumando papéis, enquanto falava, com muitos falsos inícios de frase, pigarreando embaraçado, sobre o sistema de dar notas adotado por Strand e sobre o tipo de programa de que ele gostaria para o próximo semestre, para o qual faltavam ainda dois meses. Por fim, tocou no motivo pelo qual quisera ver Strand. Desculpando-se, disse:

— Allen, não quero preocupar você desnecessariamente. . . e não quero parecer estar intrometendo-me em assuntos que não me dizem respeito. . . mas Leslie. . . — Suspirou. — Você sabe que todos nós a admiramos imensamente e ficamos satisfeitos quando se ofereceu para dar aulas sobre apreciação musical, e não sei onde poderíamos encontrar alguém tão bem qualificado quanto ela para substituí-la...

— Por favor — disse Strand —, o que está tentando me dizer?

Babcock suspirou outra vez. O trabalho daquele semestre deixara suas feições ainda mais cansadas e sem cor, e Strand não podia deixar de sentir pena daquele homem que tão nervosamente mexia no cachimbo e evitava olhar diretamente para ele.

— Parece que o comportamento de Leslie nas últimas semanas. . . bem, não há nada de *extremo* nisso, apresso-me a dizer. . . mas, quero dizer, ela. . . não parece ser a mesma, se entende o que quero dizer. . . Alguma coisa. . . Não sei do que se trata e talvez você pudesse ajudar... O comportamento dela é um pouco... bizarro é uma palavra muito forte, é claro, mas é o que veio à mente. . . Ela parou abruptamente no meio de uma frase, na sala de aula. . . Naturalmente, são os meninos que estão me informando disso, e deve-se ouvir esses falatórios com alguma reserva... e saiu da sala, sem dizer quando ou se pensava voltar. E tem sido vista pelos membros do corpo docente a caminhar pelo campus chorando. Talvez esteja assoberbada de trabalho, embora seu programa seja mínimo... Pensei que se eu talvez sugerisse um pequeno descanso para ela... algumas semanas de folga. . . A srta. Collins, que também entende de música, ofereceu-se para substituí-la temporariamente. . . É claro que é da política do colégio manter o salário durante. . . ah. . . a licença por doença. Oh, meu Deus, acho difícil chegar ao ponto...

— Não é excesso de trabalho — falou Strand. — São várias coisas juntas, eu diria... Acho que não deveria responsabilizar o colégio, de forma alguma.

— Obrigado, Allen. Não tinha certeza se você já havia percebido. Às vezes, aqueles que são mais chegados.. . — Babcock não terminou a sentença. — A atmosfera de um colégio, quando o período letivo se estende muito, como aconteceu. . . novembro pode ser exasperante para as pessoas mais fortes... a sensação de confinamento para uma mulher sensível. . .

— Fomos convidados a passar o fim de semana de Ação de Graças na casa de um amigo, em Hampton — disse Strand. — Nosso filho talvez se junte a nós, e haverá gente lá que a interessa. . . Talvez isso seja tudo de que precise. — Strand estava ansioso para se afastar da visão daquele rosto cansado, preocupado, atrás da escrivania. — Isso poderá ajudá-la. Se não ajudar.. . veremos. Na verdade, uma amiga está sempre convidando-a a acompanhá-la à Europa. Ela tem sempre recusado, mas se eu lhe disser que o senhor sugeriu umas pequenas férias, talvez seja bom... serei discreto tanto quanto possível... Não se importa que eu espere até o fim de semana terminar para falar com ela, não é? — Ao dizer isso, sabia que estava adiando a solução do problema. Por covardia? Medo de magoar Leslie mais ainda?

— Decida de acordo com o que achar melhor. Você está na melhor posição para julgar — disse Babcock. Havia alívio em sua voz pois o assunto, pelo menos por alguns dias, estaria fora de suas mãos. — E, você sabe, estou certo — acrescentou, com delicadeza — de que, se entre você e sua esposa houver algo e você sentir que uma ajuda psiquiátrica será útil, há um homem muito bom que vem de New Haven quando precisamos e que talvez. . . Ficaria surpreso se soubesse o número de vezes que temos sentido necessidade de chamá-lo. Tanto para professores como para alunos. Às vezes, penso que ficamos muito juntos, nos sentamos no colo uns dos outros, quase, dia sim, dia não, e os egos ficam muito expostos, os temperamentos inflamam-se, a melancolia toma conta de todos, o inverno se aproxima... tantas coisas a se considerar, tantos estresses. . . — Um último suspiro e voltou a escarafunchar os papéis da escrivania.

Quando Strand deixou o escritório, caminhou lentamente pelo campus. Ao passar por estudantes ou outros professores que o cumprimentavam, ficou avaliando-os, imaginando quem teria falado com Babcock sobre Leslie, o que achavam dela, quem secretamente havia observado seu comportamento, quem sentira pena dela, quem dissera "pobre mulher, é por causa do marido..."

Talvez um psiquiatra fosse útil, sugerira Babcock, levado pela bondade de seu coração e pela crença moderna totêmica de que palavras podem curar doenças que as palavras não tenham causado e que

estão além do alcance dos remédios da linguagem. O que Lesliealaria ao homem de New Haven? Fui erradicada, meu caro senhor, subitamente e sem aviso, da cidade onde nasci e onde vivi toda a minha vida; da noite para o dia, meus filhos, a quem devotei a maior parte de meus sentimentos, seguiram seu próprio caminho; ensurdeço com o clamor de uma tribo constantemente renovada de bárbaros — rapazes na adolescência —, cujos valores são tão estranhos e tão hostis para mim como os dos selvagens da Amazônia. E, desde que é pago para ouvir as verdades mais sombrias de uma alma atormentada, não vou lhe esconder agora que eu, uma mulher que ainda não completou cinquenta anos, e que, segundo as autoridades de sua profissão me garantiram, está na idade do auge do desejo sexual e da capacidade de satisfação, sou forçada a dormir sozinha. Não vou aborrecê-lo contando meus sonhos. Estou certa de que pode facilmente imaginar a natureza deles.

Enquanto atravessava o campus, Strand sacudiu a cabeça, torturado. Qual seria o procedimento correto para um psiquiatra diante desse momento crítico? O que provavelmente haveria de sugerir? Divórcio? Exercício violento? Drogas? Outros homens? Masturbação?

Decidiu que, se ele finalmente tivesse de enfrentar abertamente o problema de Leslie, na verdade — deu-se conta —, o seu próprio, dissesse o que dissesse, não traria o assunto da psiquiatria à baila.

Nos dias anteriores ao de Ação de Graças, não comentou nada com Leslie sobre o que Babcock lhe dissera, agindo tão normalmente quanto podia, como se achasse que nada estava errado, como se a explosão na cozinha jamais tivesse ocorrido.

Agora, ao meio-dia de um gelado dia de novembro, enquanto ele e Leslie cumprimentavam Conroy, na atmosfera festiva de rapazes locomovendo-se alegremente em direção aos quatro dias de liberdade, sentiu-se reanimado. Leslie estava adorável, pensou, jovem e elegante, em seu pesado casaco bege de lã, com a gola levantada ao redor do rosto, animada e ansiosa, corada pelo vento.

Sentados no banco de trás, segurou a mão dela, e Conroy deu a partida no carro, serpenteando pelo campus, em direção ao portal de pedra que marcava os limites do terreno do colégio e da estrada aberta. Ao deixarem o colégio, Strand sentiu como se um grande peso tivesse sido retirado de seus ombros.

O fim de semana, todos concordaram, foi um sucesso. Os Solomons, que fechavam a casa da praia no inverno, estavam lá, assim como Linda Roberts, todos contentes por se verem novamente, considerando-se uns felizardos porque o sol estava brilhando e o tempo suficientemente quente para os coquetéis no terraço, com o vento salgado outonal afastado para o mar calmo. Jimmy trouxera o violão e os entretinha, e principalmente a Herbert Solomon, com imitações de alguns dos mais turbulentos músicos dentre os clientes de Solomon. Hazen fora um anfitrião descontraído e, se estava preocupado com a esposa ou com a investigação de Washington, não demonstrara. Leslie levava seu estojo de pintura e o cavalete portátil e, na companhia de Linda, tinha ido até as dunas e começara uma paisagem que Linda garantia iria dar o remate final se fosse pendurada na parede de um museu. Linda estava exuberante como sempre. A galeria de Paris à qual a sua galeria de Nova York estava associada tinha pedido que levasse uma mostra típica da pintura americana do século XX, para uma exposição, e Linda acabara de obter as duas últimas das cinquenta telas com as quais estivera negociando havia três meses e estaria partindo para a França dentro de uma semana. Repetiu o convite a Leslie.

— Eles estão pagando a viagem para mim e um assistente. Você seria uma assistente maravilhosa. Quando começarem a preparar a exposição precisarei de alguém americano que me dê apoio contra todos aqueles franceses impossíveis. E levaremos seu quadro das dunas e escreveremos no programa que você é uma das nossas recentes e maravilhosas descobertas, cem por cento americana. Todos os outros quadros estão assinados por pessoas cujos nomes terminam em *ski*.

Leslie, rindo, respondeu:

— Castelos no ar, Linda. Já fiz minha viagem a Paris este ano.

— Allen — Linda apelou para Strand —, faça que Leslie diga sim e ela irá.

— Se ela não for — falou Strand —, *irei eu*.

— Você não se parece um assistente de *coisa alguma* — disse Linda. — Seria tão divertido, Leslie!

Mas Leslie tinha sacudido a cabeça, ainda sorrindo.

— Sou uma mulher que trabalha. Em Connecticut, existem quatrocentos alunos esperando por

mim para explicar-lhes, na segunda-feira, o que significa lá bemol menor.

Mas Strand podia ver que Leslie estava seduzida pela idéia. Antes de terminar o fim de semana, decidiu que iria contar-lhe a sugestão de Babcock.

Hazen, que estivera na praia com o sr. Ketley inspecionando os estragos que uma tempestade causara a um píer na semana anterior, chegou ao terraço, onde os outros estavam envolvidos em seus suéteres e casacos, observando o pôr-do-sol. Hazen, que usava calças pesadas de veludo cotelê, um gorro de esqui e uma manta grossa de lã com listras coloridas, o rosto corado pelo vento frio, parecia nunca ter estado num escritório. Sorria com simpatia para seus convidados.

— Seria perfeito — comentou ele —, se os seus garotos estivessem aqui, também, Leslie. Os outros garotos, Jimmy. Não há ofensa em se chamar de garotos uma ninhada. Sabe o que seria ótimo? Telefonar-lhes e dizer-lhes "Feliz Ação de Graças!"

— Não há necessidade de toda essa despesa — falou Strand. — Eles estão bem.

— Tolice — retrucou Hazen. — Eu insisto.

Então, todos se dirigiram para o interior da casa e telefonaram para Caroline, no Arizona, e para Eleanor e Giuseppe, na Geórgia, e houve uma algazarra geral à medida em que se revezavam nas duas extensões, na sala de estar e na pequena biblioteca.

Leslie parecia despreocupada, quando primeiro Caroline e depois Eleanor tagarelaram com ela pelo telefone. Revezando-se, todos falaram ao telefone. A única nota dissonante surgiu quando Leslie e Strand falavam com Caroline e Leslie disse o quanto sentiam sua falta e Caroline respondeu: "Southampton não é para mim. Não gosto dos rapazes daí".

— Por Deus, o que significa isto agora? — perguntou Leslie, impaciente. Strand sabia o que significava. Caroline não esquecera aquela noite, no carro estacionado, quando George rasgara suas roupas e quebrara seu nariz. Nunca esqueceria.

— Não significa nada — respondeu Caroline. — Sou feliz como um passarinho aqui. Arizona é divino.

Depois, todos subiram para se arrumar para o jantar. Solomon e Strand foram os primeiros a descer e, enquanto Strand se deixou ficar diante do fogo onde as altas chamas das achas expeliam centelhas azuis e verdes. Solomon preparou um drinque. Com um suspiro de satisfação, Solomon acomodou-se numa confortável poltrona e falou sobre Jimmy. Disse a Strand que Jimmy era muito querido no escritório e, com um pequeno sorriso, insinuou que ele estava tendo um caso com uma das estrelas, uma mulher chamada Joan Dyer, que, até Jimmy entrar para o negócio, tinha sido uma das cantoras com quem eles tinham mais dificuldades em lidar.

— Ela está diferente, desde que colocou os olhos no rapaz — comentou Solomon. — Estou dobrando o salário dele por devoção à causa da Solomon & Cia. acima e além do dever. Ela é tida como uma devoradora de homens, e o pessoal do escritório não foi poupado, nem mesmo eu. Uma pantera. Seus acessos de fúria são famosos no nosso ramo de negócios. Estive seriamente inclinado a deixá-la, embora venda mais discos do que qualquer artista que já tive.

— Que idade tem? — perguntou Strand.

— Trinta e cinco, trinta e seis anos.

— Jimmy não é um pouco jovem para ela? — Strand não ficou satisfeito com as novidades, embora, se lhe tivessem perguntado por quê, não soubesse explicar.

— Aparentemente, não — respondeu Solomon. — Mas não se preocupe com Jimmy. Ele é assombrosamente sensato para um rapaz de sua idade. Não comentou nada com você sobre ela?

Strand sacudiu a cabeça.

— Jimmy não se gaba de suas conquistas. Se fez alguma. Pelo que sei, ainda é virgem.

Solomon deu um largo sorriso.

— Não aposte nisso.

Strand não sorriu.

— Na idade dele, eu ainda era virgem — afirmou ele.

— Profissões diferentes — sentenciou Solomon —, morais diferentes. — Deu de ombros.

— Trinta e cinco anos — disse Strand. — É casada?

— Acho que há um marido por aí, o segundo ou o terceiro. Não fique tão chocado. *Show business*. . .

— Faça-me um favor. Não comente nada disso com Leslie. Receio que possa perturbá-la. Ela

ainda o considera uma criança inocente.

— Leslie está em grande forma agora, não está?

— Grande. — Solomon podia ser um juiz astuto no que se referia a talento, mas para julgar a instabilidade no estado emocional feminino não era digno de confiança. Strand lembrou que Leslie havia chegado a pensar que Hazen e Nellie Solomon eram amantes, e ficou imaginando se Solomon era melhor na avaliação do estado emocional da esposa do que a respeito do de Leslie.

Embora Leslie estivesse tentando parecer corajosa, Strand tinha um pressentimento inquietante de que a exibição de boa disposição fosse mais o resultado de cortesia do que uma indicação de qualquer mudança real em seu ânimo. Ele não era o único a achar isso. Jimmy, que levava Nellie Solomon de carro até o povoado para fazer compras na farmácia, chamara Strand à parte, quando voltou, para interrogá-lo sobre Leslie.

— Mamãe está bem? — perguntou ele. Parecia preocupado.

— É claro — respondeu Strand, rapidamente. — Por que pergunta?

— Por uma coisa que a sra. Solomon falou no carro. Ela disse que, quando mamãe pensa que ninguém está olhando para ela, adota uma atitude estranha de. . . melancolia, foi a palavra que empregou. E quando mamãe fala com as pessoas, parece distante, como se estivesse atrás de uma cortina, disse Nellie.

— *Você* percebeu alguma coisa?

— Sou um palerma. Mamãe sempre me pareceu a mesma, exceto quando está me repreendendo por alguma coisa. E não me repreendeu nenhuma vez neste fim de semana. — Deu um largo sorriso, — Talvez isso seja um mau sinal.

— Se você tiver mais alguma conversa particular com essa senhora — falou Strand, irritado com a observação acurada de Nellie Solomon —, diga-lhe que sua mãe não podia estar melhor.

Jimmy olhou para ele, com curiosidade, e Strand percebeu que fora demasiado veemente em sua afirmativa.

— Direi, sim — prometeu Jimmy, e mudou de assunto. Outra cortina na família, pensou Strand. Entre mim e meu filho.

De alguma forma, durante o resto do fim de semana, não pareceu haver nenhum momento propício para falar com Leslie sobre a conversa com Babcock. E, até aquele momento, Leslie não fizera qualquer comentário espontâneo sobre seu almoço com Hazen, em Nova York. A cortina sobre a qual a sra. Solomon falara já existia bem antes do feriado de Ação de Graças.

Chegaram a Dunberry tarde. O tráfego estivera intenso, com muita gente voltando para casa depois do feriado, para aprontar-se para o trabalho, na segunda-feira de manhã. Deixaram Linda em seu apartamento, perto da casa de Hazen, em East Side, porque estava atrasada para um jantar ao qual prometera comparecer. Jimmy dera-lhes boa-noite e partira para atender a um compromisso. Os Solomons foram para a cidade no próprio carro. Hazen insistira em que Leslie e Strand subissem até o seu apartamento, para comerem algo. Havia telefonado para casa, de Hampton, e mandara o mordomo colocar alguma coisa no aparador da sala de jantar. Fora uma refeição agradável e tranqüila, com galinha fria, salada e uma garrafa de vinho branco. Hazen mandara Conroy para casa, mas providenciara uma limusine para levar os Strands a Dunberry. Strand protestara diante dessa extravagância, e, como sempre, Hazen não dera importância aos seus protestos.

— Foi um maravilhoso fim de semana, Russell — disse Leslie, ao dar um beijo de despedida em Hazen, na porta. — Sinto-me uma nova mulher.

— Precisamos repetir a dose — falou Hazen. — Talvez uma semana inteira ou mesmo dez dias, pelo Natal, se eu puder me ausentar do escritório. Tente fazer que as crianças estejam lá também. Eles fazem aquele mausoléu parecer uma casa outra vez.

No banco traseiro da limusine, Leslie colocou a cabeça no ombro de Strand e adormeceu. Se ele estivesse indo para outro lugar e não para Dunberry, estaria se sentindo completamente em paz. Com a respiração suave de Leslie tão perto dele e os quatro dias monótonos mas felizes em Hampton, sentia-se capaz de ir com toda a franqueza a Babcock e dizer-lhe que achava estar superada a crise de Leslie, qualquer que fosse a causa dessa crise, que ela seria capaz de desempenhar suas obrigações no colégio de forma normal e que não ia ser necessário solicitar uma licença para tratamento de saúde. Disse a si

mesmo que, apesar de a sra. Solomon ter feito uma observação sagaz sobre Leslie, exagerara despropositadamente sua avaliação a respeito dos momentos rápidos e ocasionais em que Leslie se mostrara distraída ou indiferente. Mas sabia que esse pensamento, em parte, era devido ao seu egoísmo. A idéia de ficar sem ela era desalentadora.

Sentiu Leslie mexer-se ao seu lado e levantar a cabeça.

— Ainda não chegamos? — Parecia uma criança sonolenta.

— Quase.

— Que dias maravilhosos! Um mundo de sonho, Long Island e essas coisas. — Ela riu, docemente. — Eu passaria o resto da vida ali. Apenas pintando, olhando para o mar, não pensando em mais nada, rodeada por aquelas pessoas adoráveis, ricas, generosas. — Riu outra vez. — Você ficaria entediado?

— Duvido — respondeu ele. — Poderia jogar golfe. Ou fazer artesanato de palha.

— Foi boa a idéia de Russel começar a fazer planos para nossa ida no Natal. — Endireitou o corpo. — O que você pensou de Caroline dizer que nunca mais quer ir a Hampton?

— Ela disse qualquer coisa sobre rapazes... — Strand falou de propósito, em tom vago. Esperava que Leslie nunca descobrisse qual o significado exato daquilo. É melhor que fique imaginando do que saiba da luta de Caroline no carro, da quase violentação e do soco brutal. — Talvez tenha encontrado algum rapaz no Arizona, e seu interesse agora esteja voltado para outra direção. — Suas palavras lhe pareceram como se falasse através de uma rama de algodão.

— Vou escrever uma boa carta — disse Leslie. — Caroline sabe que não iríamos sem ela nas férias, e é egoísmo dela estragar as férias de todos nós por algum caprichinho bobo.

— Estou certo de que compreenderá e passará o Natal conosco — mentiu Strand.

Quando o carro parou diante da Malson Residence, Strand viu que havia luz na janela de um dos quartos do segundo andar. Já passava das dez e meia e todas as luzes deviam estar apagadas, mas, provavelmente, alguns dos rapazes haviam se reunido para contar as novidades do fim de semana. Desceu do carro e dirigiu-se para a casa, com o motorista seguindo atrás com a bagagem. Quando Strand alcançou a porta, esta se abriu violentamente, e um rapaz, descalço e de pijama, saiu correndo, quase derrubando-o. Antes que pudesse fazer algum gesto, outro rapaz saiu correndo pela porta em perseguição ao primeiro. Este segundo Strand reconheceu. Era Romero, usando calças *jeans* e suéter. Nenhum dos meninos emitiu qualquer som. Pela luz da lâmpada em frente à porta, Strand viu que Romero tinha um canivete na mão.

— Parem! — gritou ele. — Parem exatamente onde estão.

— Oh, meu Deus! — exclamou Leslie.

Os rapazes não pararam. O primeiro, muito maior do que Romero, escondido atrás de uma árvore, irrompeu pela direita. Romero, movendo-se rápido, silencioso, alcançou-o e pulou em suas costas, e ambos, entrelaçados, caíram no chão. Agora Romero estava por cima, sentado no peito do outro. Strand correu para junto deles, gritando, e conseguiu agarrar Romero pelo pulso, erguido à altura do ombro do outro rapaz, a mão empunhando um pequeno canivete.

— Está maluco? — gritou Strand, puxando o pulso de Romero, lutando e sentindo ao mesmo tempo como era magro e como era poderoso aquele braço, parecendo um condutor elétrico. — Romero! Largue esse canivete!

Como se ao ouvir o seu nome recobrasse os sentidos, Romero deixou cair o canivete e, voltando-se, olhou para Strand.

— Certo — disse ele. — Sua voz parecia estranha e calma. — Já acabou. — Ergueu-se.

Então Strand viu que o rapaz no chão, soluçando em grandes e convulsivos espasmos sufocados, era Teddy Hitz. Havia sangue em todo o seu rosto, e mais sangue pingava de um talho numa das faces.

— Leslie — falou ele, o mais calmo que podia —, chame o médico, depois o sr. Babcock, e digalhes para virem até aqui o mais rápido que puderem. Hitz está ferido.

— Não o bastante — disse Romero.

— Você, fique calado — ordenou Strand, enquanto Leslie corria para dentro de casa, — Chofer — gritou para o motorista, paralisado perto da porta, ainda segurando as bagagens —, pode vir até aqui me ajudar? — Strand ajoelhou-se ao lado de Hitz, que já não soluçava tanto. — Muito bem, Hitz — disse ele —, Romero já largou o canivete. — Pegou o próprio lenço e colocou-o no ferimento do rosto de Hitz. — Pode segurar o lenço você mesmo? Hitz assentiu com a cabeça, gemendo, segurando o lenço.

— Santo Deus! — O motorista aproximou-se deles, olhando para o rapaz ensangüentado. — O que aconteceu?

— Dei uma lição nesse filho da puta — disse Romero. Agora, Strand podia ver que o rosto de Romero também sangrava, e ele falava com a voz empastada, como se seus lábios estivessem inchados.

— Pare com isso, Romero — ordenou Strand. Depois para Hitz. — Acha que pode andar?

Hitz assentiu com a cabeça e ergueu-se. Graças a Deus, pensou Strand. Hitz pesava mais de noventa quilos, e como o motorista era um homem velho e miúdo, Strand pensou que os dois não poderiam levar o rapaz nem até a porta.

— *Madre!* — disse Romero, enojado. — Uma coisinha à toa e ele faz parecer um maldito massacre.

— Você, fique calado — ordenou mais uma vez Strand, erguendo-se e pegando a mão de Hitz para ajudá-lo a levantar-se. — Aconselho-o a pensar rápido. Há um monte de perguntas a que terá de responder.

— Quero um advogado — disse Romero. — Tenho o direito de ter um advogado.

Mesmo ajudando Hitz a colocar o braço em seu ombro, dizendo "Apóie-se em mim e ande devagar", Strand quase riu. Um advogado. No ambiente de Romero, imaginou, as crianças sabem tudo a respeito de advogados desde os dez anos.

Romero voltou-se e dirigiu-se rapidamente para a casa. Acendeu a luz do salão comunitário e estava sentado sobre uma mesa, balançando as pernas, quando Strand e o motorista trouxeram Hitz, que entrou no aposento cambaleando dramaticamente.

— É melhor você se deitar — disse Strand para Hitz —, e mantenha a cabeça alta. — O lenço agora estava encharcado de sangue.

Strand ajudou Hitz a estender-se no velho sofá do salão comunitário, com a cabeça apoiada no braço.

— A sra. Strand foi chamar o médico — disse Strand para ele. — Estou certo de que logo você estará bem. — Depois disse ao motorista, parado no meio do aposento, que sacudia a cabeça e murmurava "garotos danados, garotos danados": — Pode ir agora. Está tudo sob controle. Você tem um bom caminho pela frente, até a cidade. — Queria ver-se livre do homem. Quanto menos pessoas estivessem envolvidas naquela pequena encenação, melhor. Estava satisfeito por Hazen não ter mandado Conroy. Já podia imaginar a história que Conroy teria para contar ao patrão se estivesse ali.

— Está certo, já vou indo — respondeu o motorista. — Não tenho nenhuma vontade de ficar a noite toda aqui, nem de estar aqui quando a polícia chegar.

Polícia. Strand não pensara naquilo.

— O senhor talvez queira ficar com isto. — O motorista entregou-lhe o canivete. Era um canivete suíço e estava com a lâmina suja de sangue. — Apanhei-o lá fora. Se puder, deixe meu nome fora disso. Não quero envolver-me em nenhuma questão no tribunal, se eu puder evitar. . . ter de viajar para Connecticut na minha hora de trabalho, sempre que um advogado cismar. Já é bastante problemático dirigir em Nova York atualmente.

— Obrigado — disse Strand, e apanhou o canivete. A lâmina só tinha uns seis centímetros de comprimento. Não tinha a aparência de uma arma, mas o sangue de Hitz continuava a sair, aparecendo no lenço em seu rosto.

— É seu? — perguntou a Romero, quando o motorista saiu.

— Quem sabe? — disse Romero. Deu um largo e malévolo sorriso.

Strand olhou para ele com toda a firmeza, pela primeira vez, à luz de neon do salão comunitário. Os lábios de Romero estavam feridos e inchados. Também estava inchada a região ao redor do olho direito, já começando a ficar escura, e Romero precisava semi-cessar os olhos para poder ver.

— Qualquer um pode comprar um canivete desses numa loja de ferragens — falou Romero. — Eles os vendem aos milhares. Tenho sempre um, desde meus nove anos. Nunca saía de casa sem ele, como dizem na TV.

— Ouça, Romero — disse Strand, com toda a calma —, você está em apuros e quero ajudá-lo. Precisa acreditar nisso, porque receio que terá de conseguir toda a ajuda que puder. Agora conte-me como foi. Antes de o médico, o sr. Babcock e a polícia chegarem.

Romero deu um profundo suspiro e parou de balançar as pernas.

— Ele me bateu. Desci até o quarto dele para tratar de um assunto pessoal, e quase me mata de

tanto bater. Ele pesa quase trinta quilos mais do que eu, e por isso achei que devíamos brigar em igualdade de condições. — Deu um largo sorriso, e seu rosto inchado e ferido torceu-se grotescamente.

— Qual foi o assunto pessoal?

— Pessoal — respondeu Romero.

— Ele me acusou de roubar seu dinheiro — disse Hitz. O pijama espalhafatosamente listrado estava salpicado de sangue. — Não vou permitir que um sujeitinho desses faça acusações como essas e fique impune.

— Que dinheiro? — perguntou Strand, olhando ora para um, ora para outro.

— *Meu* dinheiro — respondeu Romero. — E algumas cartas. Ele arrombou uma lata onde eu guardava meu dinheiro e as cartas.

Leslie entrou apressada na sala.

— Allen — disse ela —, o médico e o sr. Babcock já estão vindo. — Olhou para o rapaz ensangüentado no sofá, para o rosto desfigurado de Romero e para o canivete ainda aberto na mão de Strand. — Oh, é demais — murmurou ela, em voz baixa. Voltou-se e saiu apressada da sala, em direção ao apartamento.

— Que cartas? — perguntou Strand outra vez.

— Cartas particulares — respondeu Romero. — De uma amiga. Não gosto que minhas cartas sejam lidas por quem quer que seja. Principalmente por gente da espécie dele.

— Nunca vi nenhuma de suas cartas — disse Hitz.

— Seu mentiroso desgraçado! — gritou Romero, e Strand moveu-se de forma a ficar entre a mesa onde ele estava sentado e o sofá. Mas Romero não saiu da mesa. — Você zombou delas quando entrei no quarto. Você leu as cartas, sim. Você me chamou de Romeu Romero, seu porco nojento.

— Calem-se — ordenou Strand.

— Nunca vi carta nenhuma — choramingou Hitz. — Não sei do que está falando.

— Muito bem — disse Strand —, vamos esquecer as cartas no momento. Quanto dinheiro você disse que era, Romero?

— Trezentos e setenta e cinco dólares.

— O quê? — disse Strand, surpreso. — Quanto?

— Três, sete, cinco.

— Onde você arranjou tanto dinheiro?

— Quero um advogado — disse Romero.

— Direi onde ele arranja, sr. Strand — disse Hitz. — Duas ou três vezes por semana, há jogo de dados no quarto dele e de Rollins. E uma porção de garotos acha que ele usa dados viciados. Tanto ele quanto Rollins. Um marginal e um crioulo. Este é o tipo de colégio que vocês dirigem, e podem estar certos de que vou falar para todo mundo. Meu pai é muito importante em Washington e conhece todos os jornalistas de lá e vários de Nova York. . .

— É melhor você ficar calado, Hitz — ordenou Strand, com desprezo por aquele garoto gordo, choramingas. — Concentre-se em manter a boca fechada para estancar o sangue. — Suspirou ao pensar nas notícias que apareceriam nos jornais quando relatassem o incidente daquela noite e o que isso iria significar na próxima reunião da diretoria do Dunberry. — Você e Rollins fazem *jogo de dados*, no quarto, à noite? — perguntou a Romero.

— Deixe Rollins fora disso. Ele não tem nada a ver com isso. Apenas é meu companheiro de quarto.

— Onde está Rollins?

— Dormindo. Não sabe de nada do que está acontecendo. Chegou cansado e deitou-se logo.

— Você nada disse a ele sobre o que estava acontecendo?

— Se eu contasse, ele desceria e mataria Hitz com as próprias mãos. E pela manhã já estaria fora do colégio. E não haveria faculdade para ele, nem futebol profissional. Rollins já arruma encrenca suficiente pelo fato de ser negro. Não quero vê-lo expulso só porque é meu amigo.

— Deixe-me fazer-lhe uma pergunta — disse Strand. — Por que você acha que foi Hitz que pegou seu dinheiro?

— Se *houvesse* algum dinheiro — zombou Hitz. — Esse marginalzinho está me provocando desde o início do semestre. Não gosto de certos tipos que estão admitindo ultimamente neste colégio, e não escondo isso. Este é um país livre e posso dizer o que quero. . .

— Acho que seria melhor que você se acalmasse, Hitz — falou Strand, procurando parecer imparcial, paciente, reconhecendo que não estava obtendo sucesso. — Agora, Romero, o que o fez pensar que foi Hitz quem pegou seu dinheiro e ninguém mais?

— Informações.

— Que tipo de informações?

— Confidenciais.

— Quem lhe contou?

— Eu disse confidenciais — repetiu Romero.

— Você encontrou o dinheiro no quarto de Hitz? Ou as cartas de que falou?

— Não — respondeu Romero.

— É claro que não — disse Hitz. — Porque não tirei nada. Se é que *alguém* tirou alguma coisa. Esse cara é doido. Sr. Strand, ele tem ódio do mundo inteiro, principalmente de quem é branco. Se os professores daqui tivessem coragem mesmo, haveriam de dizer, todos, inclusive o senhor, que gostariam que esse cretino nunca tivesse ouvido falar do Dunberry.

— Tenha cuidado com o que diz, seu balofo — ameaçou Romero —, ou vou dar um talho na sua cara e cortar seu rabo para comer de sobremesa.

A ameaça fez Strand lembrar-se de que ainda segurava o canivete sujo de sangue. Fechou-o e guardou-o no bolso do sobretudo.

— Romero — disse ele —, você só está se prejudicando ralando como. . .

A porta se abriu, e o dr. Philips e o sr. Babcock entraram. Babcock parou imediatamente, quando deparou com a cena.

— Oh, meu Deus! — exclamou ele.

O médico cumprimentou Strand, olhou com curiosidade para Romero, depois se inclinou para Hitz e disse:

— Vamos ver o que temos aqui. — Tirou o lenço ensopado do rosto de Hitz, jogou-o ao chão, perscrutou através dos óculos, curvando-se sobre a cabeça de Hitz e tocando de leve o ferimento.

— Gostaria de levá-lo para a enfermaria — falou o médico. — Vai ser necessário fazer uma limpeza e dar uns pontos. Um bocado de pontos.

— Está doendo — gemeu Hitz, o lábio inferior tremendo.

— É claro que dói — disse o médico. — Tem de doer. — Era um homem ríspido, competente e rápido, conhecido pela frieza para com os adolescentes. Abriu a maleta, retirou uma grande atadura e cobriu o ferimento. Ela ficou imediatamente tingida de sangue. O médico tirou o paletó. — Vista isto e levante-se, vou ajudá-lo a ir até o meu carro.

— Não sei se posso andar. . . perdi um bocado de. . .

— Tolicie. Levante-se. É apenas superficial. Sua beleza não será destruída.

Hitz levantou-se do sofá, afetando e exagerando a tontura. O médico ajudou-o a vestir o paletó e a abotoá-lo. Romero, de cabeça baixa, observava através dos cílios semicerrados, com olhos desdenhosos.

— Talvez precise de morfina — disse ele. — Para poder suportar a dor.

— Chega, rapazinho — ordenou Babcock. Era a primeira vez que Strand notava uma ponta de severidade na voz do diretor.

— Babcock — disse o médico, parando na porta, segurando a braço de Hitz com delicadeza —, sugiro que chame a polícia.

— A polícia — repetiu Babcock, espantado. — Oh, meu Deus! Você acha que é necessário mesmo?

— Se eu quiser continuar com minha licença para exercer a profissão e se você quiser continuar com o colégio, será necessário.

— Naturalmente — disse Babcock. — É que. . . nunca aconteceu uma coisa dessas antes. Está certo. Vou chamar.

— Diga-lhes para se encontrarem conosco na enfermaria. Certamente terão de fazer um inquérito. Nesse meio tempo, rapaz. . . — Parou e olhou para Romero. — Conheço você, não? Do time de futebol?

— Sim — respondeu Romero. — O senhor me disse que eu era louco por estar jogando.

— Como se chama?

— Romero — respondeu o rapaz.

— Considere-se sob prisão civil. E o civil sou eu. Vejo vocês todos na enfermaria.

Quando o médico e Hitz saíram, só restou o silêncio por um momento. Strand ficou satisfeito por não ter de ficar mais olhando para o rosto ensangüentado de Hitz. Babcock suspirou e olhou para o sofá, erguendo os óculos para o alto da testa e depois colocando-os no lugar outra vez. Strand percebeu que Babcock não estava de gravata. Era a primeira vez que via o diretor sem gravata. Provavelmente já devia estar deitado, ao lado da esposa corpulenta, quando Leslie telefonou, e vestira-se apressadamente.

— O sofá precisa ser limpo — comentou Babcock. — Está todo ensangüentado. O que devo dizer à polícia? — Parecia desamparado. — Não tenho idéia do que aconteceu. Há um telefone aqui?

— Há um telefone público no subsolo — falou Romero.

— Obrigado. — Foi para a escada que o levaria ao subsolo e depois parou. — Oh, meu Deus! — disse ele, apalpando os bolsos. — Deixei todo o meu dinheiro na cômoda. Já estava na cama... Allen, você por acaso tem...

Strand mexeu nos bolsos. Só tinha notas.

— Sinto muito — disse ele.

— O senhor pode ligar para o número de emergência da polícia — falou Romero. Strand tinha a sensação de que o garoto estava se divertindo. — Eles estarão aqui em três minutos, com as sirenes tocando, luzes, toda aquela parafernália.

— Vão acordar todo mundo — disse Babcock. — Acho que não precisamos.. .

— Vou até o meu apartamento e faço a ligação de lá — falou Strand.

— Gostaria de saber o que significa tudo isso — disse Babcock, melancolicamente.

— Estarei com vocês daqui a pouco. — Strand saiu para o *hall* e entrou na sala de estar. Leslie estava ao piano, mas não tocava. Voltou-se quando ouviu Strand entrar.

— Então? — perguntou ela.

— Uma confusão. Não tenho tempo para lhe contar agora. Nada de sério. — Gostaria de acreditar no que estava dizendo. — Preciso chamar a polícia. — Procurou o número no catálogo sobre a mesa, perto do telefone, e discou. O homem de plantão disse chamar-se Leary, sargento Leary. — Sargento — disse Strand —, podem mandar alguém à enfermaria do Dunberry, tão logo for possível?

— Qual a natureza do incidente? — perguntou o sargento Leary.

— Houve uma... uma briga... um pega, entre dois rapazes. Um deles foi ferido...

— Será preciso uma ambulância?

— Oh, acho que não. O médico já o examinou. Um ferimento superficial. Um corte. — Pigarreou. — Um dos meninos tinha um canivete.

— No *Dunberry*? — Leary parecia chocado. O índice de crimes no povoado e adjacências não era rico em esfaqueamentos de madrugada.

— Final de feriado prolongado. — Para a boa reputação do colégio, Strand achou que devia dar uma certa explicação. — Não havia nenhum funcionário de plantão. Pode mandar alguém?

— Um homem vai até aí. . . enfermaria, disse?

— Exato.

— De que lado do campus fica? Leste? Oeste?

Strand ficou confuso. Fechou os olhos e tentou visualizar de que lado do campus o sol nascia. Disse:

— Leste.

O sargento Leary perguntou:

— Muito bem. O perpetrador está sob custódia?

Por um momento, Strand não associou a palavra aos acontecimentos da noite. Então lembrou-se de Romero.

— Sim, o perpetrador está conosco.

Quando desligou, Leslie ria. Faltava espontaneidade àquele riso.

— Você está parecendo um detetive de filme — comentou ela.

— Querida, acho melhor não esperar por mim. Tenho de ir à enfermaria com Babcock e Romero, e a polícia estará lá também, e só Deus sabe quanto tempo isso vai levar. Contarei tudo quando voltar.

— Perpetrador — repetiu Leslie. — Gostaria de saber quantos perpetradores temos no campus. Gostaria de poder ver o boletim dos ex-alunos, no ano 2000, e ver quantos diplomados no Dunberry estarão atrás das grades na ocasião.

— Sinto muito, querida, que você. . .

— Não é culpa sua. Procure não ficar até muito tarde. Você precisa levantar-se cedo, amanhã. Ele a beijou e voltou para o salão comunitário. Ouviu Leslie fechar a porta com a chave.

3

Quando chegaram à enfermaria, com Romero caminhando entre os dois homens, o médico acabava de limpar o ferimento e toda a região ao seu redor, e estava injetando anestesia local, fazendo os preparativos para dar os pontos. Hitz gemia, e lágrimas escorriam dos seus olhos. Romero olhou para ele com desdém e nada disse. Sentou-se num banco, tirou um maço de cigarros do bolso, acendeu um e começou a soltar anéis de fumaça. O médico estava muito ocupado com Hitz para perceber isso logo, mas, quando viu, olhou para Romero e disse:

— Aqui não é permitido fumar, rapazinho.

— Desculpe-me — disse Romero, ao desfazer-se do cigarro. — E obrigado. Provavelmente acaba de me salvar do câncer, *doc*.

— Guarde suas piadas para a polícia — retrucou o médico, começando a enfiar uma agulha. Hitz observava-o, apavorado. — Você é alérgico à penicilina? — perguntou o médico para ele.

— Não sei.

— Então, teremos de correr o risco. — Polvilhou o ferimento com o remédio. — A face já está dormente? — Calçou o dedo indicador, protegido com a luva de borracha, com firmeza contra a face, acima do ferimento. — Doeu?

— Acho que não.

Strand teve de dar-lhes as costas enquanto o médico dava os pontos ao longo do comprido talho, com pequenas e rápidas espetadelas da agulha, atando habilmente os primeiros nós. Estava com vergonha de si próprio por ser supersensível, principalmente porque Babcock e Romero acompanhavam a operação com interesse.

Quando o dr. Philips acabou e cobriu com uma atadura a face de Hitz, a porta se abriu e um policial entrou. Parecia ter saído da cama com relutância.

— O sargento disse que foi cometida uma agressão — Começou ele. — Qual a natureza da agressão?

— Eu sou a natureza da agressão — respondeu Romero. — Fiz um corte nele.

— Você está preso. É meu dever adverti-lo de que qualquer coisa que diga pode ser usada contra você e que tem o direito de chamar um advogado — disse o policial formalmente.

— É isso o que eu quero, um advogado — falou Romero. — Conhece algum bom? O que mora mais perto, que conheço, trabalha na 137th Street, em Nova York.

O policial ignorou-o.

— A arma foi recuperada?

Strand retirou o canivete do bolso e entregou-o ao policial.

— Obrigado — agradeceu o policial. — Será necessário como prova.

— Terminou, doutor?

— Sim — respondeu o médico, tirando as luvas de borracha.

— É melhor irmos para o distrito — continuou o policial. — Estenda os braços, garoto.

Romero sorriu e estendeu os braços.

— Tem medo de que eu pule em você na radiopatrulha?

— Agressão criminosa com arma mortal — falou o policial. — É melhor começar a levar isto a sério.

— Tamanho júnior, por favor — disse Romero, quando o policial tirou do bolso um par de algemas.

— Acha que isso é absolutamente necessário, oficial? — perguntou Babcock. — Estou certo de que ele se comportará. . .

— PNO, senhor — explicou o policial. — Procedimento normal de operação. Está no manual.

— Oh! — disse Babcock. — No manual. — Suspirou.

— Vamos, garoto. — O policial puxou Romero pelas algemas, e ele se levantou.

— Não vai precisar de mim, vai? — perguntou o dr. Philips.

— Presenciou a agressão?

O médico sacudiu a cabeça em negativa.

— Muito bem. Mais tarde, terá de descrever o ferimento. Mas não vamos precisar do senhor esta noite.

Babcock, Strand e Hitz, este com lágrimas no rosto, seguiram o policial que segurava Romero pelo cotovelo, dirigindo-se para a porta.

— Romero — advertiu-o o médico —, de agora em diante, aconselho-o a limitar-se ao futebol para se exercitar.

— Iremos no meu carro, oficial — disse Babcock —, e nos encontraremos no distrito.

Viram quando o policial empurrou Romero para dentro da radiopatrulha e trancou a porta. Havia uma grade de metal entre o banco da frente e o de trás, e Romero parecia um animalzinho enjaulado, pestanejando diante da luz sobre sua cabeça. O policial acomodou-se atrás do volante e deu a partida. Babcock suspirou.

— Vou apanhar meu carro — disse ele. — Voltarei num minuto. Acho que Hitz não deve caminhar muito, nessas condições. — Afastou-se em direção ao campus.

Strand ficou sozinho com Hitz.

— Pare de fungar — disse Strand, aborrecido com o rapaz.

— Ele podia ter me matado. Eu estaria morto se o senhor não tivesse chegado.

— Se Romero estivesse com vontade de matá-lo, acho que teria apanhado algo um pouco mais perigoso do que um canivete com uma lâmina de seis centímetros de comprimento.

— Não teria achado aquele canivete inofensivo se ele estivesse agredindo o senhor. . . ou sua mulher. Ou aquela sua filha presunçosa que estava no jogo de futebol — queixou-se Hitz, enxugando com as costas da mão o nariz que escorria. — Estaria gritando maldito assassino e exigindo proteção para a sociedade contra os *chicanos* e os pretos.

— Receio que seu vocabulário e o meu não contenham as mesmas palavras. — Strand tinha vontade de agarrar Hitz, levá-lo para um canto escuro e esbofetear o seu rosto machucado.

— Vou dizer-lhe uma coisa — falou Hitz. — É melhor conservarem Romero preso por um bom tempo, ou vão ouvir o meu pai...

— Acho que o juiz não vai ficar preocupado com seu pai. Diga-me uma coisa, Hitz, você *pegou* o dinheiro e as cartas?

— Nem toquei neles. Nada sei sobre isso. Não precisa acreditar em mim. Vá até o meu quarto e reviste-o, veja se não estou dizendo a verdade. Romero apenas entrou no meu quarto e começou a gritar. Eu nem sabia por que estava gritando. Sei que ele é seu preferido, acha que ele é danado de inteligente, o gênio do gueto. Todo mundo conhece sua história. Quer saber como os outros rapazes chamam Romero? Jojô, O Menino das Selvas. A Grande Experiência! Tentar transformar um filhote de gorila num ser humano. Agora pode ver o resultado de sua experiência, sr. Strand? — A voz de Hitz tornou-se estridente, num rápido crescendo. — E quem está pagando por isso? Eu! Pode fazer quantas experiências desejar, mas aconselho-o a fazê-las em qualquer outro lugar. E persista nos tubos de ensaio.

— Não preciso de nenhum conselho seu, Hitz — exclamou Strand. — Lamento o que aconteceu e lamento que esteja ferido. Mas não lamento tanto a ponto de ficar aqui ouvindo alguma conferência que queira fazer sobre sociologia. Fique calado agora e apronte-se para contar à polícia apenas o que aconteceu, sem qualquer observação filosófica.

— Ele podia ter me matado — murmurou Hitz, engolindo a última palavra.

A luz dos faróis do carro de Babcock incidiu sobre eles quando o veículo se aproximou. Hitz sentou-se atrás e Strand no banco da frente, ao lado de Babcock.

Quando chegaram ao distrito policial, Romero estava sentado diante da mesa do sargento, sem as algemas, com o jovem policial ao lado.

— Não vou declarar nada até conseguir um advogado — repetia Romero, reiteradamente. — Não tenho nem que lhe dizer meu nome.

— Sabemos seu nome — disse o sargento, paciente.

— Aí vem o criminoso — Romero apontou para Hitz. — Ele é um ladrão. Quero que seja acusado. Roubo de quantia vultosa.

— Chegaremos lá, no devido tempo — falou o sargento, calmamente. — Você tem o direito de dar um telefonema. Ao seu advogado, se desejar.

— Não tenho meios de chamar um advogado. Aquele filho da puta roubou todo o meu dinheiro. Só tenho seis dólares comigo. Sabe onde posso encontrar um advogado, no meio da noite, por seis dólares?

O sargento brincava com o canivete sobre a mesa, à sua frente, abrindo-o e fechando-o.

— Amanhã arranharemos um defensor público para você. Enquanto isso, Jack — disse ele ao policial —, coloque-o numa cela. Ouvirei a história destes três cavalheiros agora e registraremos o menino amanhã cedo.

— Muito bem, amigo. — O policial agarrou Romero pelo braço e levou-o para os fundos, onde Strand podia ver duas celas, ambas vazias.

— Agora, rapaz — disse o sargento para Hitz —, comece você...

Eram quase três horas da manhã quando o sargento terminou de interrogá-los, fazendo-os contar o ocorrido, repetidamente, enquanto anotava as respostas num formulário que retirara de um arquivo encostado na parede atrás dele.

— Muito bem, cavalheiros, obrigado e boa noite — disse ele, por fim. — Podem ir agora. Há uma sessão no tribunal amanhã, e o rapaz poderá ir ao juiz, que apontará um advogado para defendê-lo.

— Trarei o advogado do colégio para ele — declarou Babcock. — Mas, agora, não podíamos levá-lo para o colégio conosco? E se o soltasse sob minha custódia? Responsabilizo-me em trazê-lo aqui, amanhã.

— Receio que não possa fazer isso, senhor — respondeu o sargento. — Cabe ao juiz estabelecer a fiança. E, Jock — dirigiu-se ao policial —, quer acompanhar Hitz de volta ao colégio e revistar o quarto dele? Gostaria que os dois cavalheiros fossem juntos e testemunhassem a busca. Lamento, Hitz, precisamos verificar se há alguma prova que sustente a acusação de Romero contra você. Naturalmente, se não permitir que o policial reviste seu quarto, estará no seu direito. Providenciaremos, então, um mandado de busca. Mas isso só será possível amanhã de manhã, razão pela qual seremos obrigados a mantê-lo aqui a noite toda.

Strand pensou ver um brilho de prazer malicioso nos olhos do sargento Leary ao dizer isso. O sargento não dera muita atenção à versão lamuriante de Hitz sobre os acontecimentos daquela noite e ficara olhando pensativamente para o rapaz quando havia se referido à influência do pai, em Washington.

— Se quiserem revistar meu quarto, não faço objeção — declarou Hitz em altos brados. — E a mim também. Quando quiserem. Não tenho nada a esconder. — Começou a tirar os bolsos para fora, espalhando dinheiro miúdo e várias notas de dólares sobre a escrivaninha, colocando também a carteira de dinheiro, ruidosamente, num gesto teatral.

— Ótimo — disse o sargento, quando Hitz terminou. — Pode apanhar o dinheiro. Vou datilografar tudo e poderão assinar amanhã cedo.

Hitz voltou de carro com o policial, e Strand e Babcock os seguiram no carro de Babcock.

— Que noite horrorosa! — comentou Babcock, cansado, ao volante. — Jamais aconteceu uma coisa dessas no Dunberry. Já tivemos furtos insignificantes, é claro, mas uma violência dessas. . . — Estremeceu. — Felizmente, você e sua mulher chegaram no momento oportuno. Do contrário, só o bom Deus sabe o que poderia ter acontecido. Espero que Leslie não tenha ficado muito perturbada, embora, quando me telefonou, estivesse admiravelmente calma.

— Ela se mostrou à altura da situação — disse Strand.

— O que você realmente acha que está certo e errado em tudo isso? — perguntou Babcock. — Não estou me referindo ao canivete. Com toda a boa vontade do mundo, não posso perdoar um rapaz que usa uma arma contra um colega. Mas o que você acha... foi um terrível engano ou o quê? Romero lhe contou por que responsabilizava Hitz pelo roubo? Você lhe perguntou?

— Perguntei.

— O que ele respondeu?

— Disse que era confidencial. O que quer que isso possa significar.

— Você deve estar terrivelmente desapontado — comentou Babcock. — Romero estava indo tão bem!

— Não me sinto desapontado — comentou Strand, categórico. — Sinto-me culpado. Excessivamente culpado. A fé sobrepujando o bom senso, acho. Ele pertence às ruas, não a um colégio

como este. Confundi inteligência rude com comportamento civilizado.

— Não tem de responsabilizar-se por isso. Nem o sr. Hazen. — Babcock tirou a mão do volante e pegou no braço de Strand, num gesto de simpatia. — Foi apenas uma infeliz combinação de circunstâncias. Ninguém podia prever isso. Com toda a sinceridade, quando o semestre começou, achei que o rapaz não chegaria até o fim do ano. Mas não por uma coisa dessas. Pensei que ele talvez ficasse entediado com o ambiente, talvez se mostrasse insubordinado, talvez fosse incapaz de suportar a disciplina. . . Mas nunca por esse motivo. Acha que o conservarão preso?

— Espero que sim — respondeu Strand, com amargura. — Eu o prenderia, se fosse o juiz.

— Ora, ora, Allen — disse Babcock, suavemente. — Por que não suspendemos nosso julgamento até sabermos de todos os fatos?

— Deixei de suspender meu julgamento quando vi Romero correndo atrás de Hitz com o canivete na mão.

Ficaram em silêncio por alguns instantes e depois Strand disse:

— O Conselho da Diretoria poderá fazê-lo passar por um momento difícil. Se exigirem um bode expiatório, pode colocar a culpa em mim, e terá minha demissão no mesmo dia.

— Duvido que cheguem a tanto — respondeu Babcock, mas não parecia convencido.

O policial esperava no carro, com Hitz, diante da Malson Residence, quando chegaram. Todos se dirigiram para o salão comunitário vazio e subiram juntos as escadas para o primeiro andar. Strand ficou surpreso por não encontrar nenhum dos rapazes acordado. A luta no quarto de Hitz, seu vôo pela escada abaixo e a corrida pelo campus deviam ter sido silenciosos, completamente silenciosos. Hitz era o único menino a ter um quarto só para ele. Se isso era devido à influência do pai ou ao fato de que ninguém queria dividir o alojamento com ele, Strand não sabia.

O quarto era pequeno e, à parte o sangue no tapete e a cama desfeita, estranhamente arrumado. Strand e Babcock ficaram na porta, pois não havia espaço suficiente para todos, enquanto o policial abria gavetas, olhava embaixo da cama, tirava as cobertas, virava o tapete, vasculhava os bolsos das roupas penduradas no armário.

— Nada — declarou ele, dez minutos depois:

— Eu falei — disse Hitz. Na enfermaria e no distrito, estivera pálido, exceto pelos filetes de sangue no rosto e no pescoço, mas, agora, a cor voltava às suas faces. — Podia ter poupado a viagem. Eu disse que não apanhei o dinheiro.

— Acho melhor você ir para a cama e descansar, meu filho — falou o policial. — Vou embora agora.

Deixaram Hitz em seu quarto, calmo e triunfante, e desceram as escadas juntos. No salão comunitário, Strand despediu-se do policial e de Babcock. Sozinho, sentou-se por alguns minutos. Sentia-se exausto demais para enfrentar Leslie, sem um tempo para relaxar.

Fechou os olhos e tentou relembrar todos os movimentos do policial enquanto revistava o quarto de Hitz, imaginando a possibilidade de lhe ter escapado o único lugar onde talvez o dinheiro pudesse estar escondido. Se tivesse encontrado o dinheiro, não seria provada a inocência do crime de Romero, mas essa seria uma circunstância atenuante, daria à agressão algum sentido, menos selvagem, menos imperdoável. Mas, ao recordar os lugares que o policial tinha olhado, Strand achava que nenhum canto fora esquecido. Suspirou, abriu os olhos, levantou-se, ficou olhando demoradamente para as manchas de sangue no sofá do salão comunitário, onde Hitz estivera deitado, com o lenço de Strand sobre o rosto. O lenço ainda estava no chão, onde o médico o jogara para examinar o ferimento. O sangue agora estava seco, com uma cor de ferrugem escura, o pano duro. Strand curvou-se e apanhou-o.

Apagou a luz e dirigiu-se para o corredor escuro, para o seu apartamento. Lembrou-se de que Leslie trancara a porta e procurou uma chave nos bolsos. Mas quando a introduziu na porta, notou que não estava trancada. Abriu a porta e entrou na sala de estar. Todas as luzes estavam acesas.

— Leslie — chamou. — Leslie! — Foi para o quarto. Ali, as luzes também estavam acesas. A porta do armário estava aberta. Notou que faltava a maior parte das roupas. Então viu o bilhete sobre a penteadeira.

Apanhou-o, a mão trêmula, e olhou-o fixamente. Estava escrito com uma caligrafia apressada, não a bela letra normal de Leslie, em absoluto.

"Meu querido:

Perdoe-me. Não poderia suportar ter de ficar mais uma noite aqui. Telefonei para Linda e perguntei-lhe se realmente queria que eu fosse com ela a Paris. Respondeu-me que sim, e eu disse que seguiria para Nova York imediatamente, para partirmos juntas, amanhã. Por favor, não se preocupe comigo, meu querido. E por favor, por favor, cuide-se. E, acima de tudo, não se culpe de coisa alguma. Amo você de todo o coração,

Leslie."

Strand colocou o bilhete sobre a penteadeira, cuidadosamente, alisando-o com a mão. Depois fechou a porta do armário, apagou as luzes, foi para o quarto, despiu-se e deitou-se. Não ajustou o despertador. Babcock entenderia que ele não teria condições de dar aula naquele dia.

— É claro que todo o colégio está comentando — dizia Babcock. Eram onze horas da manhã e estavam no carro de Babcock, dirigindo-se ao tribunal. Strand acordara cedo, mas ficara no apartamento, não atendendo à chamada para o café e para o início das aulas. Tentou ligar para o apartamento de Linda, mas a linha estava ocupada, todas as vezes que discou, e, por fim, desistiu. Leslie não telefonara, e ele havia passado um telegrama para Linda, pedindo-lhe que telefonasse. Sabia que era tolice preocupar-se com a possibilidade de um acidente com Leslie a caminho da cidade. Se tivesse acontecido alguma coisa, alguém já teria entrado em contato com ele. Mas não podia afastar a imagem de Leslie, agitada e perturbada, dirigindo pela estrada meio às tontas, batendo contra uma árvore, estendida numa vala, ensangüentada. Telefonou também para o escritório de Hazen, mas foi informado, por uma secretária, de que o sr. Hazen partira logo cedo para Washington. Conroy o levava para o aeroporto, dissera a secretária, e não sabia onde o sr. Hazen poderia ser encontrado ou quando estaria de volta.

— Naturalmente — continuava Babcock, dirigindo devagar, com cuidado —, Hitz espalhou as novidades logo que acordou esta manhã. Com algum exagero chocante, imagino, pelo que já ouvi. E ligou para o pai, que me chamou ao telefone e estava muito. . . ah. . . formal comigo. O que na verdade disse foi que se tentarmos encobrir o escândalo. . . esta é a palavra que usou, escândalo. . . eu perderei o emprego. Ameaçou, também, promover uma ação contra o colégio pela negligência criminosa ao ignorar um risco conhecido, Romero, naturalmente, e fechar o colégio definitivamente. E para se certificar de que eu tomara conhecimento de que ele não estava. . . ah. . . absolutamente feliz, disse que, se seu filho fosse forçado a responder a uma acusação de roubo, iria denunciar-nos como co-réus num processo de difamação criminosa. Não é a mais cortês das famílias. — Babcock esboçou um rápido sorriso. Seu rosto estava pálido, a expressão, tensa, e os olhos, avermelhados e úmidos. Suas mãos agarravam-se ao volante com muita força, fazendo o esbranquiçado das juntas evidenciar-se.

— Sua manhã foi tumultuada — comentou Strand.

— Já tive piores — retrucou Babcock. — Certa manhã, oitenta rapazes amanheceram vomitando, com casos agudos de diarreia. Pensamos que fosse tifo. Descobriu-se que havia sido a sobremesa da noite anterior. Dizem que os diretores de escola chegam até uma idade avançada. — Riu com tristeza. — Dito ultrapassado.

— O que acha que terá de fazer? — perguntou Strand,

— Receio que a primeira coisa que teremos de fazer seja expulsar o menino. Romero. Caso contrário, perderemos provavelmente a metade das matrículas do colégio.

Strand assentiu com a cabeça.

— Foi ele mesmo o culpado.

— De qualquer forma, é uma tragédia — disse Babcock. — O passo seguinte é tirá-lo da cadeia, de qualquer maneira. Pelo menos, tentar conseguir liberdade condicional. Chamei o advogado do colégio, que já viu Romero e vai encontrar-se conosco no tribunal. Pensei em evitar ter de chamá-lo. Foi por isso que tentei entrar em contato com o sr. Hazen, para ver se ele conhecia alguém mais por aqui. Se os pais, principalmente os do tipo do sr. Hitz, tomarem conhecimento do fato, que estamos pagando com o dinheiro do colégio a defesa de Romero. . . — deu de ombros e não concluiu a frase. — Como Leslie está reagindo a isso tudo?

Strand estava aguardando essa pergunta, embora esperasse que não fosse feita.

— Acho que muito mal. Aproveitou sua generosa oferta para uma licença para tratamento de saúde, e viajou por algumas semanas.

— Já partiu? — Babcock ergueu as sobrancelhas, surpreso, ao perguntar.

— Sim.

— Não a culpo. Se pudesse, iria também. — Babcock esboçou um sorriso desanimado. Manobrou o carro e entrou num estacionamento diante do tribunal, num edifício sustentado por colunas e revestido de ripas brancas. — Um belo edifício — comentou ele. — Construído em 1820. Quantas desgraças já desfilaram pelos seus corredores?

O advogado do colégio chamava-se Hollingsbee. Esperava-os na porta da sala do tribunal. Gordo e corado, usava um bonito terno escuro. Sua voz combinava com sua aparência, sonora e teatral.

— Vão trazer o menino dentro de instantes — disse, e em seguida respondeu à apresentação de Strand por Babcock com um gesto elegante de cabeça. — Falei com ele, e receio termos um caso difícil em nossas mãos. Romero não vai cooperar, em absoluto. Não vai depor. Declarou que não abrirá a boca. Na corte, disse ele, nem mesmo vai dizer o porquê da agressão, embora tenha dito na polícia que Hitz roubou o dinheiro dele. Deixe que façam o pior, Romero me disse, qual o lucro que teria se falasse? Diz que no caso o "falador" sou eu, posso alegar o que quiser. Parece conhecer leis mais do que devia. Diz que não pode ser forçado a incriminar a si próprio e não vai fazer isso. Lamenta ter falado tanto como falou para a polícia. Sua atitude é de mau humor, talvez compreensível, mas não vai angariar simpatia na corte. Um pequeno sinal de arrependimento seria bom. — O advogado deu de ombros. — Mas isso parece não estar dentro de seu esquema. Diz que o sr. Strand viu quando ele correu atrás de Hitz com um canivete e que ele admitiu, tanto para o sr. Strand como para a polícia, que usou o canivete contra Hitz. Diz que todos no tribunal vão rir se negar ter ferido Hitz. Na verdade, se querem saber o que penso, sente-se orgulhoso com o que fez e quer que todos o saibam. Recusa dizer-me por que suspeitou de Hitz. Comentou que sempre soube que um dia iria parar na cadeia e que tem uma porção de amigos que já estiveram lá e que não está com medo. Sua atitude, tenho de lhes dizer, não será recebida com bondade pelo juiz. Ou pelo júri, se chegar até lá. Tem mais de dezoito anos e será julgado como adulto. E lembrem-se de que estamos numa pequena cidade de Connecticut, não em Nova York ou Chicago, onde esfaqueamentos desse tipo, obviamente sem intenção de matar, são considerados uma ocorrência quase normal do cotidiano. Vou fazer o possível, é claro. . . — A voz do advogado abaixou para um tom melancólico. — Mas não estou otimista.

— O que poderá fazer? — perguntou Babcock.

— Argumentar com base nos antecedentes do menino. Criado num bairro pobre, numa família dividida, atingida pela pobreza, etcétera, etcétera. O de sempre. Destruição de uma carreira promissora, num momento de desequilíbrio emocional, esse tipo de coisa. Não é muito.

— O que poderemos fazer para ajudar? — perguntou Babcock.

O advogado fez um pequeno gesto de desamparo com as mãos.

— Testemunhem sobre o caráter do acusado. Falem tudo o que acharem que possa ser útil. Lembrem-se de que estarão sob juramento.

O que quer que dissesse sobre o caráter de Romero, Strand sabia que não seria verdadeiro. Poderia mencionar os volumes roubados da *História do declínio e da queda do Império Romano*? Não se quisesse tirar o rapaz da cadeia.

Enquanto estavam ali parados, Hitz veio pelo corredor. A enorme atadura no rosto dele fazia um desenho impressionante em uma de suas faces. O corpo enorme avolumava as roupas. Strand viu que a braguilha estava aberta. Hitz olhou para os três homens com ressentimento, mas parou e disse:

— Bom dia, sr. Babcock. — Acintosamente, ignorou Strand.

— Meu pai disse que ia entrar em contato com o senhor. Ele telefonou?

— Sim, telefonou — respondeu Babcock.

— Ficou muito contrariado quando contei o que aconteceu — comentou Hitz.

— Assim pareceu — falou Babcock. — Bem, vamos entrar?

— Não pense que vou facilitar as coisas para Romero — continuou Hitz. — Nem pense isso também, sr. Strand.

— Obrigado pelo aviso — respondeu Strand. — E feche a braguilha. Não vai querer ser pego em

desrespeito à corte, não é?

O rosto de Hitz ficou vermelho, e o rapaz atrapalhou-se com o zíper ao seguir Strand, que se dirigia para a sala do tribunal, onde o sargento Leary aguardava para depor. Entre os poucos assistentes, Strand notou uma mulher ainda jovem que identificou como uma repórter do jornal local, sentada na primeira fila, com um bloco no colo e um lápis na mão. Babcock viu-a também, e sussurrou:

— Acho que as notícias se espalham depressa. Ela não está aqui para ver o juiz julgar infrações no estacionamento.

Romero entrou com o policial que o prendera. Pelo menos, não está algemado, pensou Strand. Parecia pequeno e frágil naquele suéter escuro que Strand comprara para ele na Brooks Brothers. Sorriu ao passar por Hitz e cumprimentou o diretor e Strand. O advogado acompanhou-o até a mesa diante da bancada do juiz.

O juiz saiu do seu escritório e entrou na sala do tribunal, ocasião em que todos se levantaram. O oficial declarou aberta a sessão e todos se sentaram, menos o advogado, Romero e os dois policiais, que ficaram de pé, diante da bancada.

O promotor público leu a acusação, num discurso monótono. Romero ficou olhando para a sala do tribunal com curiosidade, como se não estivesse interessado no que o homem dizia e sim fascinado com a arquitetura do velho prédio.

O promotor público terminou, e o juiz perguntou:

— Qual a tese do defensor?

— Inocente, Excelência — respondeu, rápido, o advogado.

Romero olhou para o juiz com ironia. O juiz olhou para Romero, com atenção, por cima dos aros de metal dos óculos.

— Não reconheço a jurisdição desta corte — disse Romero.

Strand gemeu. Televisão, pensou, milhares de horas assistindo a advogados na TV.

O juiz suspirou.

— Não nos iremos aprofundar nesse assunto, no presente momento, sr. Romero. Eu o reencarcerarei, para julgamento, sob custódia desta corte. Estabeleço a fiança de dez mil dólares.

Strand ouviu Babcock suspirar. Ele mal ouvia enquanto o advogado solicitava redução da fiança e o promotor público enfatizava a gravidade do caso e o perigo para o queixoso se ao acusado, que tinha admitido seu ato de violência e não mostrara nenhum remorso, fosse permitido ficar livre.

— A fiança permanece nos dez mil dólares — ratificou o juiz. — Próximo caso, por favor.

A repórter escrevia rápido enquanto Romero, entre o advogado e o policial, saía do recinto. Quando o trio passou por Hitz, este ergueu o dedo médio num gesto obsceno, de escárnio. Romero parou, e Strand, por um instante, temeu que ele fosse pular sobre Hitz. Mas Romero apenas disse, alto o suficiente para ser ouvido por toda a corte:

— Seu dia chegará, balofo. — Depois deixou que o policial o levasse dali.

— Oh, meu Deus! — murmurou Babcock. Sacudiu tristemente a cabeça. — Tenho medo de pensar no que aquela jovem vai escrever para o jornal de amanhã. — Tirou os óculos e limpou-os com o lenço, como se tentasse apagar o que as lentes tinham testemunhado na sala do tribunal. — Bem, é melhor voltarmos para o colégio.

No carro, enquanto voltavam, disse:

— Allen, você acha que o sr. Hazen estaria disposto a fornecer o dinheiro da fiança?

— Dez mil dólares? Eu não gostaria nem de arriscar um palpite.

Quando chegaram ao campus, estava na hora do almoço, e Strand, enquanto descia do carro de Babcock diante da Halson Residence, sentiu-se aliviado, pois não teria de enfrentar nenhum dos alunos ou alguém do corpo docente: Ao sair do carro, sentiu como se as pernas não lhe obedecessem e receou não ser capaz de chegar até a porta.

— Se não se importa — falou ao diretor —, gostaria de faltar às aulas e às refeições por um ou dois dias.

— Compreendo — afirmou Babcock. — Se pudesse, eu me ausentaria das aulas e das refeições por um ano.

— Vou tentar entrar em contato com o sr. Hazen. Se conseguir, informarei ao senhor o que ele

disser.

Babcock assentiu com a cabeça e partiu. Strand entrou no prédio. A sra. Schiller estava ajoelhada, e, com uma escova e um balde com água e sabão, esfregava o sofá. Levantou-se quando Strand entrou.

— Que trabalhadeira! — comentou ela. Seu rosto gorducho e maternal, que sempre parecia estar afogado por ficar diante de um forno invisível, exibia uma expressão triste. — Estou há vinte anos aqui e nunca houve uma coisa dessas. — Olhou em volta, como se temesse que alguém a escutasse. — Tenho de lhe contar uma coisa, sr. Strand. Mas o senhor tem de prometer que não dirá nada a ninguém.

— É sobre o que aconteceu ontem à noite?

— Sobre ontem à noite, sim.

— Prometo.

— Podemos ir até o seu apartamento? — Falava aos sussurros. — Ainda não estive lá em cima e um dos rapazes pode não ter ido almoçar, e eu não gostaria que alguém ouvisse.

— Naturalmente — concordou Strand, conduzindo-a pelo corredor e abrindo a porta. Ela entrou atrás dele na sala de estar.

— Sr. Strand — disse ela —, não sei como falar, mas desconfio que foi por minha culpa. — Estava a ponto de chorar.

— Culpa de quê?

— Romero esfaquear Hitz.

— Como seria possível? — indagou Strand, rapidamente.

— Quando entrei ontem à noite aqui, para arrumar a sua cama e a da sra. Strand, era hora da ceia e pensei que não houvesse nenhum rapaz aqui. Ouvi um aquecedor fazendo barulho e subi para desligá-lo. Era o do *hall*, bem no topo da escada. A válvula estava presa, e eu estava lidando com ela quando vi um menino saindo do quarto de Romero. Era o sr. Hitz. Perguntei por que não estava no refeitório. Respondeu que não tinha fome, pois havia comido um cachorro-quente na estrada quando viera para o colégio. Depois, desceu para o quarto dele. Não achei nada de mais nisso. Os rapazes mais velhos não são obrigados a fazer a ceia quando voltam dos feriados à noite. Fui para a minha casa, tenho uma casinha perto do campus, e eu e meu marido estávamos vendo televisão e já íamos para a cama quando bateram na porta. Era Jesus Romero. Já passava das onze horas. Ele parecia muito calmo. Está sempre sereno, é amadurecido para sua idade, se entende o que quero dizer. Pelo menos, eu pensava assim... até que tudo isto aconteceu. .. — Os lábios e o queixo duplo tremiam.

— O que ele queria?

— Falou que acabara de chegar. Estivera viajando, disse ele, no fim de semana, e perdera a condução para o Dunberry. Disse que estava faltando uma coisa em seu quarto, um livro de que ia precisar para a primeira aula da manhã. Não parecia excessivamente preocupado, mas eu devia ter imaginado que era algo muito importante, para ele vir à minha casa, àquela hora da noite. É que com o feriado, a televisão, e tudo o mais, nem raciocinei. — Sacudiu tristemente a cabeça. — Ele queria saber se eu sabia alguma coisa sobre o livro. Bem, sr. Strand. . . se eu tivesse imaginado o que ia pela mente dele, teria ficado calada até o dia do Juízo Final. Mas os rapazes têm o hábito de ir um ao quarto do outro, pedir coisas emprestadas... livros, gravatas, suéteres... Por isso disse a ele que tinha visto o sr. Hitz sair do quarto dele na hora da ceia. Eu deveria cortar minha língua por ser tão tola. — Agora estava chorando.

— Não se culpe, sra. Schiller — disse Strand.

— Tenho sido parcial com Jesus desde o princípio, sr. Strand. Ele é tão gentil comigo e é tão ordeiro, ao passo que os outros rapazes, pelo menos a maioria, me tratam como a um cão sem dono, e pensei que estava sendo útil. Ele me perguntou se o sr. Hitz carregava alguma coisa, e eu procurei lembrar-me, mas não consegui e foi o que lhe disse.

— Como ele reagiu?

— Muito calmo, sr. Strand. Nem um sinal de que havia alguma coisa errada. Apenas agradeceu, dizendo que esperava não ter me perturbado, assim como ao sr. Schiller, e foi embora e não pensei mais naquilo até hoje de manhã, quando ouvi... — as lágrimas escorriam por suas faces redondas.

Strand colocou o braço nos ombros largos da mulher. Sentia o corpo dela tremer.

— Ora, ora — murmurou ele, desajeitado. — Não é culpa sua.

— Não sei se Jesus disse para alguém que fui eu quem lhe contou que o sr. Hitz estava. . . — não conseguiu continuar.

— Não contou para ninguém. Nem para mim, nem para o sr. Babcock, nem para a polícia ou para

seu advogado, para ninguém. Na verdade, insistiu em dizer que era confidencial.

— Se o jovem sr. Hitz souber que fui a responsável por Jesus agredi-lo e contar ao seu pai. . . Meu marido e eu adoramos isto aqui, e ele estaria perdido se o pai do sr. Hitz usasse sua influência... Ele é um homem poderoso, sr. Strand, e é membro do Conselho da Diretoria. . .

— Estou certo de que o sr. Babcock não deixará que chegue a tanto — disse Strand. — Acho que não precisa preocupar-se com isso. Não vou dizer nada, e o jovem Romero parece determinado a manter seu nome fora disso; e, mesmo que o dissesse, isso não representaria nenhuma prova na corte. . .

— Não é da prova que tenho medo. — Enxugou os olhos com as duas mãos. — É do sr. Hitz e do Conselho da Diretoria. Oh, bem. — Tentou sorrir. — Chorar não vai trazer minhas palavras de volta, não é? — Apanhou uma ponta do avental e enxugou o rosto. — Eu devia ter vergonha. Fazendo tal confusão, quando o senhor e a sra. Strand passaram por um susto tão grande, e é uma sorte o *senhor* não ter sido esfaqueado, ficando entre os dois como ficou. Acho que cometi um engano com o jovem Romero. Não se pode fazer o leopardo mudar as manchas, não é?

— Ele não é um leopardo, sra. Schiller — retrucou Strand.

— É um modo de falar, senhor — respondeu ela, rapidamente. Olhou para Strand com uma expressão triste. — Há mais uma coisa.

— O que é?

— Eu estava limpando a cesta de papéis no porão esta manhã — disse ela —, e encontrei umas cartas. Com letra de menina. Pelo que entendi, Hitz disse que Romero o acusou de roubar algumas cartas, e dei uma olhada naquelas. Estavam endereçadas a Romero. Cartas de amor, muito francas, muito explícitas, muito físicas, se me permite a liberdade de falar assim, sr. Strand. . . as meninas de hoje usam uma linguagem que nem sequer sabíamos que existia quando éramos jovens. Há uma coisa que o senhor deve saber. . . — Hesitou, como se tivesse de tomar uma decisão, e olhou intranquã para Strand. — Estavam assinadas Caroline. Naturalmente há muitas Carolines hoje em dia, é um nome muito comum, mas sei que sua filha se chama Caroline. . .

— O que fez com elas? Com as cartas?

— Joguei-as no incinerador, sr. Strand — respondeu a sra. Schiller. — Achei que nem o senhor nem a sra. Strand gostariam de lê-las.

— Obrigado — respondeu Strand. — Foi inteligente de sua parte. Há mais alguma coisa que queira me dizer?

A sra. Schiller sacudiu a cabeça.

— Apenas diga a Jesus que fiquei muito satisfeita por ele ter conservado meu nome fora disso tudo.

— Eu direi.

— Pelo que entendi, a sra. Strand foi embora — comentou a sra. Schiller. — As malas dela não estão no apartamento. Se eu puder fazer alguma coisa para o senhor. . .

— É muita bondade sua. Mas não é necessário. Eu me arrumo sozinho.

— Se mudar de idéia, basta me chamar — ofereceu-se a sra. Schiller. — É melhor eu voltar para o meu trabalho agora e ver se consigo tirar o sangue daquele sofá.

Fez uma pequena e larga reverência, arrumou o avental e saiu do apartamento.

Pela primeira vez desde que lera o bilhete na penteadeira do quarto, Strand estava satisfeito por Leslie não estar ali.

4

Foi acordado pelo telefone. Deitara-se vestido, para tirar um cochilo, depois da conversa com a sra. Schiller. Ao erguer-se da cama e dirigir-se, rígido, para a sala de estar, notou que já havia escurecido. Tinha dormido a tarde toda, e seus sonhos haviam sido confusos, ameaçadores. Dirigiu-se às apalpadelas na escuridão para atender ao telefone. Era Leslie.

— Como vai, querido? — perguntou ela. — Como estão as coisas? — Parecia calma, normal.

— Tão bem como era de se esperar — respondeu ele. — Como vai *você*? Tentei telefonar hoje cedo.

— Estivemos fazendo as compras de última hora para a viagem. Ficamos fora o dia todo. Embarcamos no Kennedy amanhã. — Fez uma pausa. Ouviu-a respirar fundo. — Isto é, a menos que

precise de mim, no colégio.

— Não preciso, querida — respondeu ele. — Você voltará quando tudo estiver terminado.

— A situação está muito feia?

— Está... bem... complicada.

— Romero está aí? No colégio, quero dizer.

— Está preso.

— Ótimo. Não quero parecer vingativa, mas pelo menos por enquanto, não gostaria de saber que ele está perambulando pela casa, nessa situação.

— O juiz estabeleceu uma fiança de dez mil dólares.

— Isso é muito?

— É muito quando não se possui. Vou escrever para você contando tudo. Onde vai ficar em Paris?

— No Plaza Athenée. A galeria fez as reservas. Linda decidiu que viajaremos em grande estilo. — Riu um pouco, nervosa. Depois ficou séria outra vez. — Falou com Russell?

— Não consegui encontrá-lo.

— Acha que ele vai pagar a fiança?

— Penso que sim. Pode sentir-se responsável.

— Espero que *você* não esteja se sentindo responsável.

— Sinto-me insensível — retorquiu ele. — A propósito, que horas são? Estive dormindo desde o meio-dia. A noite passada foi cansativa. Provavelmente teria dormido até amanhã cedo, se você não tivesse telefonado.

— Já são mais de seis. Desculpe-me se o acordei. Querido, tem certeza de que não quer que eu pegue o carro e volte?

— Tenho — respondeu ele. — Duvido que eu seja boa companhia nas próximas semanas. Fique o tempo que desejar.

— Gostaria de poder fazer alguma coisa para ajudar.

— Só o fato de saber que você está fora deste negócio e aproveitando a vida vai ajudar-me mais do que qualquer outra coisa.

— Se ficar falando desse jeito, acho que vou começar a chorar — disse Leslie. — Você é o homem mais bondoso do mundo, e todo mundo se aproveita disso. Inclusive eu. Eu, mais do que qualquer um.

— Tolice — retrucou Strand, bruscamente. — Como vai Linda?

— Agitadíssima. Sabe como Linda é com respeito à França. Talvez tenha um amante escondido em algum canto.

— Dê minhas lembranças a ela. E divirtam-se. As duas.

— O que você quer que eu traga de Paris?

— Você.

O riso de Leslie era cálido e baixo, e parecia vir de um lugar a centenas de quilômetros de distância.

— Sabia que ia dizer isso. Por isso perguntei. *Je t'embrasse*. Estou treinando meu francês.

— Eu amo você. Jamais esqueça isto, na língua que for.

— Não esquecerei — sussurrou Leslie. — Boa noite.

— Boa noite, minha querida. — Strand desligou, tranquilo porque tudo estava bem, pelo menos com Leslie. Acendeu as luzes, depois voltou para o telefone e pensou. Ligaria para Hazen agora?. Curvou-se para pegar o aparelho, depois desistiu. Sentia-se cansado demais para responder às perguntas que já sabia que Hazen iria lançar sobre ele. Sabia que deveria ir ao salão comunitário para ver o que os rapazes estariam tramando e responder a suas perguntas, também, mas decidiu que isso poderia esperar até a manhã seguinte. Se tivesse que enfrentar Hitz novamente naquele dia, tinha a impressão de que acabaria batendo nele.

Ouviu os repiques do sino da capela anunciando o jantar e de repente se deu conta de que não comeria nada o dia inteiro.

Foi para a cozinha e espiou a geladeira. Não havia quase nada, apenas alguns ovos, *bacon* e meio litro de leite. Mas devia bastar.

Jantar na mesa repleta de rapazes no salão em ebulição era uma provação a ser evitada, mesmo se

isso significasse ir para a cama com fome. E não estava disposto a caminhar até a cidade, onde talvez fosse reconhecido por alguém que tivesse estado no tribunal naquela manhã. Estava fritando o *bacon* quando o telefone tocou outra vez. Tirou a frigideira do fogo e, com muito custo, foi até a sala de estar e atendeu ao telefone.

— Allen? — Era Hazen.

— Sim, Russell. Como vai?

— Acabei de chegar de Washington e recebi o recado de que você ligou para mim de manhã.

— Você está de pé, Russell?

— Sim, acontece que estou de pé. Por quê?

— Porque é uma história longa e complicada, e seria melhor, portanto, que você estivesse bem acomodado para ouvi-la.

— O que há de errado? — Agora parecia alarmado. — Leslie está bem?

— Está ótima. Está com Linda. Afinal, decidiu ir a Paris — disse Strand. — É Romero. Já se sentou?

— Sim.

— Acabávamos de chegar de Nova York, estávamos na porta de casa, quando dois garotos saíram correndo pela porta — disse Strand. — Um perseguia o outro. Quem perseguia era Romero, e estava com um canivete na mão. . .

— Maldito imbecil — comentou Hazen. — Vão expulsá-lo do colégio por isso.

— E o rapaz que ele perseguia era o jovem Hitz.

— Deus do céu — retrucou Hazen. — Espero nunca mais ouvir esse nome na minha vida.

— Vai ouvir, Russell, vai ouvir. . .

— O pai tem dado mais alguns detalhes sensacionais para o Departamento de Justiça, e foi por isso que tive de ir a Washington. Mas conte-me a história toda. Não deixe escapar nada.

Quando Strand contou que foram roubados trezentos e setenta e cinco dólares de uma caixa, do quarto de Romero, Hazen explodiu:

— Trezentos e setenta e cinco dólares! Onde diabos ele conseguiu trezentos e setenta e cinco dólares?

— Hitz diz que Romero promovia jogo de dados, várias noites por semana, em seu quarto, depois que as luzes se apagavam.

— E você não sabia de nada? — perguntou Hazen, incrédulo.

— Não sabia de nada.

— Qual a linha que esse colégio está seguindo?

— Penso que a de sempre.

— Continue — disse Hazen, friamente. Interrompeu Strand de novo quando ele lhe contou que Romero declarara ter razões para acreditar que havia sido Hitz quem pegara o dinheiro. — Que razões? — indagou Hazen.

— Não disse. Falou que era assunto confidencial.

— Confidencial! — zombou Hazen. — Sé eu estivesse aí, não teria havido todo esse confidencial, garanto! Nem por um minuto. Você tem alguma pista?

Strand pensou na voz suplicante, embargada pelas lágrimas, da sra. Schiller.

— Nenhuma — respondeu. Não mencionou a história que ela lhe contara sobre as cartas. Se Hazen quisesse vir até o colégio e tentar fazer a sra. Schiller ou Romero falar, não receberia sua ajuda. — Quer que continue a contar o resto do caso?

— Desculpe-me — falou Hazen. — Tentarei não interrompê-lo outra vez.

Strand levou mais de quinze minutos até chegar à última cena, na sala do tribunal, quando falou sobre a recusa de Romero em depor em sua própria defesa.

— O advogado do colégio, o sr. Hollingsbee, argumentou com ele — continuou Strand. — Mas Romero ficou firme, recusando-se a mudar de idéia. Disse ao juiz que não reconhecia a jurisdição daquela corte.

— O sr. Hollingsbee deve ser um excelente advogado — comentou Hazen, com ironia —, se não é capaz de convencer um garoto de dezoito anos a não fazer papel de burro. Não admira que não tenha conseguido sair dessa cidadezinha caipira. Onde está Romero agora?

— Na cadeia — respondeu Strand. — A fiança é de dez mil dólares. — Ouviu claramente Hazen,

do outro lado, tomar fôlego.

— É uma exorbitância dos diabos — comentou Hazen. — Mas, no lugar do juiz, eu pediria vinte. Aquele garoto merece o que está passando, pelo menos por ingratidão. Odeio dizer isso, Allen, mas receio que você tenha descuidado da disciplina daquele menino, e no mínimo deveria ter se assegurado de que ele não conseguiria nenhuma arma.

— Dou-lhe toda a razão — concordou Strand, não demonstrando que estava ofendido com a censura e com o tom em que fora pronunciada. — Tenho sido descuidado com muitas coisas e, indubitavelmente, serei descuidado com muitas mais. Mas é exagerar um bocado chamar um canivete de arma. Contudo, é coisa do passado. Neste exato momento, um menino que arrancamos do seu próprio ambiente e pusemos aqui. . .

— Com a melhor das intenções — interrompeu-o Hazen, alterado.

— Com a melhor das intenções — concordou Strand. — Agora está atrás das grades, sem família que o ajude a procurar socorro e, a menos que alguém com um pendor caritativo — sabia que Hazen não ia gostar, mas continuou — e a capacidade para levantar dez mil dólares surja com o dinheiro, vai ficar lá até o julgamento, que poderá ser daqui a meses e. . .

— Está sugerindo, Allen, que *eu* arranje o dinheiro? — Agora Hazen estava, positivamente, zangado.

— Não estou em posição de sugerir nada.

— Isso é sensato — afirmou Hazen. — Porque você estaria sugerindo que eu agisse como um maldito imbecil. Se tivesse o dinheiro, *você* o daria?

— Daria. — Ficou surpreso por ter dito isso. O sono despertara sua raiva e só via Romero à sua frente, miúdo e indefeso, sendo levado para fora do tribunal pelo policial.

— Então é muito bom você ser pobre, porque estaria sem as roupas antes que a tinta do seu cheque secasse. Estou no mundo dos negócios desde a idade de vinte e três anos e descobri uma coisa: jogar bom dinheiro numa coisa ruim é o mesmo que fazer papel de bobo.

— Russell — começou Strand —, não gosto de fazer isso, mas estou lhe pedindo que me empreste o dinheiro. Compreendo por que acha que não cabe a você. Se não tivesse sido por minha causa, você jamais saberia da existência de Romero. Se alguém tem que carregar esse fardo, esse alguém sou eu. Estou tão furioso quanto você, mas ainda me sinto responsável. Pagarei essa importância, de um jeito ou de outro. Poderemos fazer mais economia do que temos feito, e os pais de Leslie, provavelmente, poderão emprestar uma parte; e Jimmy arranjou um bom emprego. . .

— Como amigo, Allen — falou Hazen —, vou negar. Sabe o que aquele miserável rato de sarjeta vai fazer se for posto em liberdade? Vai desaparecer. Nunca mais você o verá, nem ao seu dinheiro. Nem a polícia. Vai desaparecer no gueto, como um fantasma, com um milhão de compatriotas prontos para jurar que nem sequer o *conhecem*.

— Vou correr o risco — murmurou Strand, em voz baixa.

— Não com o meu dinheiro. E espero que nem com o seu. Acho que esta conversa já durou o bastante.

— Também acho. Boa noite.

Hazen deu a impressão de ter quebrado o telefone, do outro lado.

Uma coisa é certa, pensou Strand ao entrar na cozinha, não haverá Hampton neste Natal. Colocou o *bacon* no fogo outra vez e quebrou dois ovos em outra frigideira. No dia seguinte pediria à sra. Schiller que fizesse algumas compras. Não sabia quando Babcock iria querer que ele voltasse às suas obrigações, incluindo jantar no prédio principal, com os meninos designados para sua mesa, mas sabia que não tinha pressa de recomeçar a rotina e sabia que não iria se oferecer. E, acontecesse o que acontecesse, precisava comer.

Quando acabou de fazer a refeição, ainda estava com fome e, por um momento, pensou em subir até o quarto de Rollins e Romero e procurar os biscoitos que Rollins escondia, mas, pensou com tristeza, ultimamente já tinha havido no colégio crimes suficientes para um ano inteiro.

Estava lendo na sala de estar quando alguém bateu de leve na porta. Abriu-a e viu Rollins ali parado, o pescoço grosso, de paletó e gravata, traje obrigatório para a refeição noturna no colégio, uma condição que Strand, aborrecido anos e anos com o estilo negligente de se vestir de seu filho, aprovava. O rosto do atleta, afilado, marrom-escuro, que sempre parecia muito pequeno para os ombros maciços e o pescoço grosso, estava sério.

— Não quero incomodá-lo, sr. Strand — disse ele, em voz baixa —, mas se puder falar com o senhor por uns instantes.. .

— Entre, entre — disse Strand.

Na sala de estar, Rollins cruzou as pernas, longas e grossas, ao sentar-se numa poltrona diante de Strand.

— É sobre Romero. — Fazer as palavras saírem parecia machucar aquele rapagão. — Ele agiu como um tolo e, se tivesse me acordado, eu teria cuidado do assunto e não haveria agressão nenhuma. Conheço Hitz, e uma pequena ameaça de minha parte teria ajustado as coisas satisfatoriamente para todos os envolvidos, sem nenhum canivete. Talvez tivesse havido alguns tabefes, mas não se vai para a cadeia nem se é expulso, nem qualquer outra coisa parecida, por causa de briga. Mas conheço Romero, ele é um rapaz bom, sr. Strand, e, o que quer que tenha feito, não merece cadeia. Fui vê-lo, mas o homem disse que só a família poderia visitá-lo. Bem, sou a única família que aquele rapaz tem, e segundo algumas histórias que me contou sobre a mãe, o pai, as irmãs e o irmão, eles não merecem um telefonema e ficariam satisfeitos por deixá-lo apodrecer na cadeia até ficar velho, de cabelos brancos. O senhor é um homem inteligente, sr. Strand, e sabe o que uma prisão pode fazer para um rapaz como Romero. Quando sair, ficará nas ruas para o resto da vida, não se satisfará mais com qualquer canivete, nem andará nos lugares onde tem aparecido, mas terá um revólver no cinto e Deus sabe que tipo de pó nos bolsos, e será mais conhecido dos policiais do que a própria mãe deles... O senhor sabe tão bem quanto eu que as prisões não produzem cidadãos, fabricam criminosos. Há possibilidades de sobra de aquele rapaz se tornar criminoso, sr. Strand. . . — Ele suplicava de verdade, falando lentamente e em tom solene, com um tom latente de desespero na voz.

— Concordo com você, Rollins — retrucou Strand. — No princípio, quando tudo aconteceu, fiquei zangado com ele, muito zangado...

— Romero sabe quanto o senhor fez por ele, sr. Strand — disse Rollins. — Tem-me contado sempre, embora eu saiba que nunca falou para o senhor. Não é do tipo que fica agradecendo. Isso é contra seu modo de pensar. Acredito que o senhor tenha imaginado isso.

— Imaginei, sim — concordou Strand, secamente.

— Mas estava grato da mesma forma. Profundamente grato.

— Ele tem um modo estranho de demonstrar as coisas.

— Hitz bateu nele. Pesando mais de noventa quilos. Não estou dizendo que concorde com facas, mas Romero. . . bem... do modo como foi criado, os lugares onde foi criado, as coisas que foi obrigado a fazer, esquivando-se de ser atirado do telhado ou de ser encontrado morto num rio, ele era... bem... ele tem um código diferente dos cavalheiros daqui. Estou certo de que o senhor encontrará em seu coração um meio de perdô-lo.

— Não compete a mim perdô-lo, Rollins — disse Strand, gentilmente. — É o diretor, o corpo docente, o sr. Hitz, o próprio Hitz e, por último, o Conselho da Diretoria.

— Homem — comentou Rollins —, por certo eles usam artilharia pesada quando alguém como ele arranja encrenca, não é?

— Receio termos de esperar por isso — confirmou Strand. — Não há mais nada que eu possa fazer.

— Ouvi dizer que arbitraram sua fiança em dez mil dólares.

Strand assentiu com a cabeça.

— É claro que exageraram com ele, não é? — Rollins sacudiu a cabeça.

— O juiz é um homem velho. — Strand não sabia por que dissera aquilo.

— Uma coisa Romero deve ter aprendido... a ficar longe do tribunal dos homens brancos. — Pela primeira vez, Rollins deixava transparecer sua amargura.

— Acho que não teria feito nenhuma diferença neste caso.

— É o que o senhor pensa. — Havia um trejeito de escárnio nos lábios de Rollins. — Eu e ele, a gente não lê os mesmos livros que vocês. — Strand percebeu que ele não se preocupava em falar corretamente, como se no momento sua educação tivesse desaparecido e deixado à mostra um nível de linguagem mais primitivo.

— Como disse, gostaria de ajudar, mas... — Strand deu de ombros.

— Compreendo — disse Rollins, rapidamente. — Não há possibilidade de o senhor ter dez mil dólares jogados por aí.

Strand conteve um sorriso diante da suposição de Rollins de que todo professor de colégio é pobre.

— Não, acontece que não tenho.

— O que estive pensando. . . o sr. Hazen. . . — disse Rollins, olhando de soslaio para Strand, ao pronunciar aquele nome, testando. — Ele é um ótimo sujeito, pelo que tenho visto e pelo que Romero me contou. E com aquele Mercedes, motorista e tudo o mais. . .

— Rollins — disse Strand, achando que, no momento, não importava como descreveria Russell Hazen, mas dificilmente usaria a palavra "ótimo" —, se Romero disse ter alguma esperança desse tipo, diga-lhe que esqueça.

Rollins franziu acentuadamente a testa.

— Está querendo dizer que falou com o sr. Hazen e ele recusou?

— Digamos que sim.

— Bem, então... — Rollins levantou-se. — Não adianta continuar falando aqui. Temos de procurar em outro lugar. — Ficou andando para cima e para baixo, o velho assoalho estalando com seu peso. — Posso faltar amanhã? Meu horário de terça-feira é tranquilo e minhas notas estão altas, em todas as matérias. Seria diferente se a temporada de futebol tivesse começado. O técnico não deixa faltar se há treino, a menos que se esteja com pneumonia ou com febre de quarenta e cinco graus. As aulas são diferentes. — Deu um largo sorriso e pareceu cinco anos mais moço do que quando entrou na sala. — Não sou o que se poderia dizer uma necessidade absoluta na sala de aula.

— Posso saber o que pretende conseguir em um dia?

A expressão de Rollins mudou. Fechou completamente.

— Pensei em fazer uma viagemzinha à minha cidade natal, Waterbury, e dar uma espiada por lá. Tem gente que conheço e que tem um bocado de experiência nesse tipo de coisa.

— Não quero que se meta em nenhuma encrenca — disse Strand. — Você já está um bocado encrencado com o que aconteceu. . . Afinal, sabe-se que o jogo de dados era feito no quarto que também é seu.

— Sr. Strand, isso não tem importância — retrucou Rollins. — Tem havido jogos de dados aqui neste colégio desde o dia em que foi aberto. Talvez me ponham na cozinha para lavar os pratos, por uma semana, talvez não façam nada. Posso faltar amanhã?

— Direi ao diretor que lhe dei permissão.

Rollins estendeu a mão, e Strand apertou-a.

— Sr. Strand, honestamente, este lugar precisa de mais gente como o senhor. Nunca disse, isso a nenhum professor, mas gosto de suas aulas e estaria mentindo se dissesse que não estava aprendendo algo que acho ser importante para mim. Muito mais importante do que fazer bloqueios ou tirar a bola do adversário, e pode dizer ao técnico que eu disse isso.

— Vou contar ao Conselho da Diretoria, da próxima vez que for promovido.

— Conte mesmo — falou Rollins. — Conte a eles que foi Rollins quem disse. E se conseguir ver Romero, diga-lhe que ele tem amigos. Agora é melhor deixá-lo em paz. Tomei um bocado do seu tempo. E não se preocupe, não haverá mais jogos de dados enquanto o senhor estiver aqui.

Strand acompanhou-o até a porta, querendo dizer alguma coisa mais para o rapaz, alguma coisa que o encorajasse, uma palavra que transmitisse sua admiração por sua retidão e lealdade, mas achou que isso poderia embaraçar Rollins; portanto, ficou calado e fechou a porta, depois que o rapaz saiu.

Na manhã seguinte, quando tomava um café da manhã tardio, preparado pela sra. Schiller, que parecia ainda mais triste do que no dia anterior, Strand ouviu o telefone tocar.

Era Babcock.

— Já leu o jornal?

— Não.

— Ótimo. Não leia.

— Tão ruim assim?

— As notícias sobre o ocorrido já são ruins. O editorial é pior. O diretor do jornal sempre nos perseguiu. — O tom da voz de Babcock adquiriu uma acentuação nasal, mais inglesa. — "Os ociosos herdeiros de milionários, num encrave anacrônico situado num terreno valioso da cidade, usufruindo do

privilégio de um baixo índice de impostos, encorajando vícios de um grupo selecionado de crianças mimadas, zombam da lei, hostilizam os cidadãos trabalhadores que pagam os impostos, que representam a população da cidade, proporcionam um exemplo perigoso para os nossos alunos do segundo grau, etc, etc, etc." — Babcock voltou à própria pronúncia, numa dicção suave, — Traz o retrato de Romero na primeira página, acompanhado do advogado, advogado que consta da folha de pagamento do colégio, como salienta prestimosamente a legenda, sendo levado para um carro da radiopatrulha por um policial, depois da acusação. A fotografia faz Romero parecer um elemento da Máfia, pelo menos como aparece nos filmes. Ao lado dessa foto há outra de nós dois saindo do tribunal. De alguma forma, como se estivéssemos sorrindo. Você se lembra de ter sorrido?

— Não.

— Viu alguém tirando fotografias fora do tribunal?

— Não.

— Devem ter usado teleobjetivas. As maravilhas da fotografia moderna. — Strand ouviu um breve riso. — Telefonei para o diretor do jornal e disse que Romero já havia sido expulso do colégio, mas foi o mesmo que atirar um osso aos leões. O artigo promete seguir o caso de perto. Todos os alunos e todos os professores tinham um exemplar do jornal na hora do café. Já sabem tudo sobre Romero. A repórter entrevistou Hitz. Longamente, é claro. Soube que Romero estava aqui como bolsista. Fala-se em corrida franca para os criminosos, e que o sentimentalismo desencaminhado dos piedosos de Nova York está exportando seus problemas para a inocente e antiquada zona rural. Não mencionam Hazen, mas escrevem seu nome com todas as letras. Como golpe final à sua reputação, dizem que você passa os verões em East Hampton, uma estância de riqueza e dissipação. O diretor do jornal deve ter obtido o diploma de jornalismo numa escola por correspondência, de Hollywood. O fato apareceu também no noticiário matutino da TV, de Hartford. Um tratamento um pouco mais simpático, mas, mesmo assim, os pais não sairão correndo para matricular seus filhos no Dunberry. Admito que às vezes lamento o progresso em nossos sistemas de comunicação.

Strand podia imaginá-lo sentado à sua mesa, em luta com o cachimbo e esquecendo-se de acendê-lo, empurrando os óculos para a testa e abaixando-os, distraidamente.

— A propósito, falou com Hazen? — perguntou Babcock.

— Ontem à noite.

— O que ele disse?

— Romero está por conta própria.

— Nada de fiança?

— Nem um níquel.

Babcock suspirou.

— Aquele pobre rapaz iludido. Outra coisa. O FBI, em New Haven, telefonou para o meu escritório. Querem entrevistar você. Não deve ser por causa de Romero. O que ele fez não foi ofensa federal. Tem idéia de por que querem falar com você?

— Não, até ouvir o que eles têm a dizer.

Então, fez-se um silêncio peculiar no outro extremo da linha. Depois, Babcock disse:

— Bem, temos de continuar vivendo. Se você puder agüentar, Allen, acho melhor voltar para as aulas e aparecer nas refeições. Se permanecer incomunicável, vai dar a impressão de que tem alguma coisa a esconder.

— Compreendo o que quer dizer.

— Se me permite uma sugestão, tente evitar responder a muitas perguntas. Um caminho que talvez seja sensato é você considerar uma sorte o fato de ter chegado naquela hora, pois evitou que as coisas se tornassem mais graves do que um pequeno incidente. Quanto menos falar sobre culpa ou inocência, se posso ter a presunção de instruí-lo, melhor será para todos os interessados. Em seu lugar, eu me absteria de especular sobre se Hitz pegou ou não o dinheiro.

— Naturalmente. Além do mais, não tenho meios de saber. Estarei presente no almoço hoje e darei minhas aulas esta tarde.

— É muita bondade sua — disse Babcock, aliviado. — Sabia que podia contar com você. Se algum repórter telefonar para você, gostaria que apenas dissesse: "Nada a declarar".

— Não pretendia fazer nenhum discurso.

— Perdoe-me por parecer tão aflito — disse Babcock. — Minha cabeça está numa confusão

inominável. Ficará feliz ao saber que Hitz não estará no almoço e em nenhuma de suas aulas. O pai telefonou ontem à noite e disse que queria o filho no primeiro avião para Washington. Para ver um médico *de verdade*, foi como falou. Nós o embarcamos antes do café da manhã.

— Agradecemos a Deus pelas pequenas misericórdias — disse Strand.

— Então, vejo você no almoço?

— No almoço — concordou Strand. E desligou.

O bilhete foi entregue no meio da última aula pela secretária do sr. Babcock. Havia dois cavalheiros esperando no gabinete do diretor, para ver o sr. Strand.. Ele poderia, por favor, ir ao escritório, assim que terminasse a aula? Strand colocou o bilhete no bolso e continuou a dissertação sobre a política expansionista do presidente Theodore Roosevelt.

Nem o almoço nem as aulas da tarde tinham sido tão ruins como havia temido. Os rapazes tinham olhado para ele com curiosidade, e os professores que encontrara murmuraram que lamentavam o acontecido. Tinham sido advertidos, Strand tinha certeza, para não discutir o caso e não aborrecer o sr. Strand. De qualquer forma, Strand sentiu uma tendência oculta de simpatia. Embora Romero, indubitavelmente, tivesse sido objeto de desprezo por um certo grupo no colégio, sabia que Hitz era unanimemente visto com antipatia. O técnico de futebol, Johnson, chegou a sussurrar, quando passou por Strand no campus: "Gostaria que Romero tivesse ido um pouco mais fundo".

Quando a aula terminou, às quatro horas, Strand caminhou lentamente pelo campus fechado, amarelecido, as últimas folhas mortas impelidas pelo vento frio de novembro. Dois cavalheiros, pensou. O FBI deve ter um contingente muito grande de homens se manda dois representantes armados do *bureau* para interrogar um professor de história, de cinquenta anos, que jamais comprou um cartão de estacionamento em sua vida.

— Eles estão com o sr. Babcock — disse a secretária, quando ele chegou ao gabinete. — É para o senhor entrar direto, sr. Strand.

Os três homens se levantaram para cumprimentá-lo quando Strand entrou na sala. Os homens do FBI eram um tanto jovens, um louro e outro moreno, de aparência comum, bem-barbeados, bem-vestidos em seus ternos escuros. Calculou que fossem jovens advogados, frustrados com a falta de sucesso na profissão, e que gostavam de andar armados. Babcock murmurou seus nomes, que Strand não entendeu, e os dois o cumprimentaram com toda a gravidade.

— Estes cavalheiros — disse Babcock, enquanto se sentavam, os dois homens virados de frente para Strand — estiveram discutindo comigo sobre o aumento de delinquência juvenil. — Falava com nervosismo. — Parece que nos últimos anos o FBI descobriu que cada vez mais os jovens, ou pelo menos os rapazes com menos de dezoito anos, se acham envolvidos em crimes de grande importância e violência, que cruzam as fronteiras do Estado e, por isso, passam para a sua jurisdição.

— Lemos os jornais desta manhã — comentou o homem louro, com um sorriso que Strand tomou como um indício de autoconfiança —, e estamos a par do caso Romero. É claro — outra vez o sorriso frio e tolerante — que dificilmente se classificaria como um crime de grande importância ou de interesse nacional. Estávamos respondendo a algumas perguntas do diretor, enquanto esperávamos o senhor ficar livre. Viemos por um motivo diferente. — Os dois homens olharam para Babcock como se fossem marionetes idênticas, presas no mesmo cordão.

Babcock ergueu-se.

— Se os cavalheiros me derem licença — disse, consultando o relógio —, tenho uma conferência no Departamento de Ciências e já estou atrasado. Vou dizer a minha secretária para não perturbá-los.

— Obrigado, senhor — disse o homem louro.

Babcock saiu, e o agente moreno tirou um maço de cigarros do bolso, oferecendo-o para Strand. Strand disse:

— Obrigado, não fumo.

— Importa-se se eu fumar?

— Em absoluto.

O homem moreno acendeu o cigarro.

— Por favor, fique à vontade e procure lembrar-se desde o princípio — disse o agente louro. — Estamos apenas procurando obter uma pequena informação que o senhor talvez possa nos fornecer. Fomos informados de que o senhor conhece o sr. Russell Hazen.

— É um amigo meu.

— O senhor passa, ocasionalmente, uns tempos em sua casa de East Hampton e, ocasionalmente, o vê em Nova York?

— Correto.

— Ele veio visitá-lo no terceiro sábado de setembro com sua esposa, sua filha e um dos seus secretários?

— Ele veio assistir a um jogo de futebol.

— O senhor almoçou com ele no salão de jantar do colégio?

— Sentei-me à mesa com meus alunos. Ele ficou na mesa dos visitantes.

— Com a sra. Strand e sua filha?

— Sim.

— Estavam sentadas uma de cada lado do sr. Hazen?

— Não me lembro.

— Depois o senhor sentou-se ao lado dele no jogo de futebol, e estavam acompanhados por sua filha?

— Sim. — O FBI deve ensinar a seus agentes a arte de fazer perguntas inúteis, pensou Strand. Disfarçou a irritação contra os dois homens.

Agora era o homem moreno quem fazia as perguntas. Se Strand tivesse fechado os olhos, não poderia distinguir uma voz da outra.

— O senhor o viu conversando com o sr. Hitz, de Washington?

— Sim.

— Onde?

— Na mesa dos visitantes.

— O senhor sabia que era o sr. Hitz?

— Só mais tarde eu soube disso. Seu filho, como sabe, está em minha casa, e ele veio falar comigo, brevemente, depois do jogo, e apresentou-se, perguntando como o filho estava indo.

— O senhor conseguiu ouvir alguma coisa da conversa entre o sr. Hitz e o sr. Hazen, durante o almoço?

— Eles estavam a vinte metros de distância e havia muito barulho no salão. — Agora demonstrava seu aborrecimento. — Como poderia ouvir?

— Mas a sra. Strand, possivelmente, pode ter ouvido do que tratava a conversa.

— Possivelmente.

— A sra. Strand está com o senhor? — O homem louro tomou a palavra.

— Ela está na Europa.

— Podemos saber o que está fazendo na Europa?

— Contrabandeando droga. — Strand lamentou ter feito essa piada logo que viu a expressão no rosto dos dois homens. — Sinto muito. Fui leviano. Não estou acostumado com interrogatórios. Ela está em férias.

— Quando vai voltar? — O tom de voz do homem louro não mudou.

— Dentro de duas ou três semanas. Não estou certo.

— Ela tem o hábito de tirar duas ou três semanas de férias, no meio do semestre, largando as aulas?

— Esta é a primeira vez. — Strand decidiu controlar-se.

— Não é dispendioso. ... tirar férias como essas?

— Terrivelmente.

— O senhor tem alguma renda extra?

— Uma pequena pensão do magistério público, da cidade de Nova York. Tenho de responder a perguntas como essa?

— Hoje não — o homem louro respondeu. — Talvez mais tarde. Sob juramento. Sua esposa recebe outra renda além do que ganha aqui, no Dunberry?

— Ela dá aulas de piano, um dia por semana, na cidade. E, ocasionalmente, os pais de seus alunos lhe enviam pequenos presentes em dinheiro.

— Pequenos? Como pequenos?

— Pequenos. — De repente decidiu ser obstinado. — Muito pequenos.

— Poderia arriscar um número?

— Não.

— Ela também recebe presentes do sr. Hazen?

— Ele emprestou um carro para ela. Uma perua Volkswagen, 1972, para as viagens a Nova York e para fazer compras na cidade.

— Nada mais?

— Nada.

— Não é o sr. Hazen quem está financiando essas férias particulares na Europa?

— Não.

— É o *senhor* quem as está pagando? — O outro homem deu um pulo, como se tivesse descoberto de repente uma luz na escuridão.

— Não.

— Quem está?

— Quando ela voltar, poderá perguntar diretamente a ela.

— O senhor poderia ter a gentileza de nos informar onde ela se encontra na Europa? Temos agentes lá que poderão poupá-la de uma viagem às pressas para vir falar conosco.

— Não vou estragar as férias dela devido a uma coisa com a qual ela nada tem a ver. Eu disse que ela está na Europa. Não vou dizer mais nada.

Os dois homens entreolharam-se como se tivessem marcado um ponto e estivessem se congratulando.

— Vamos recapitular um pouco, sr. Strand — disse o homem louro, calmamente. — A sra. Strand estava à mesa do almoço, presumivelmente ao lado do sr. Hazen. Todos jantaram juntos no Red Top Inn. Estou certo?

— Está.

— O sr. Hitz estava presente?

— Não.

— Poderia dizer, com certeza, que não ouviu o sr. Hazen e o sr. Hitz discutirem sobre negócios enquanto esteve com ele naquele dia?

— Não, não ouvi.

— Arriscaria fazer um cálculo sobre se a sra. Strand ou sua filha ouviram alguma coisa desse tipo ou se ouviram diretamente do sr. Hazen alguma coisa sobre tal conversa?

— Digo-lhe outra vez que terá de perguntar isso à sra. Strand. E à minha filha. Agora, se me disserem o que significa isto tudo, talvez eu possa ser mais útil a vocês.

— Se comprar o *New York Times* amanhã cedo. . . — o homem louro sorria de antemão, diante do que ia dizer — presumo que ele chegue a este distante centro cultural...

— Temos três exemplares, diários, na biblioteca.

— Leia-o e obterá um certo esclarecimento. — Preparava-se para levantar-se e depois se sentou outra vez. — Mais uma pergunta. Em sua opinião, há alguma possibilidade de que o esfaqueamento de Hitz por um protegido do sr. Hazen possa ter tido alguma coisa a ver com uma suposta conversa de natureza criminosa entre o sr. Hazen e o sr. Hitz pai?

— É a coisa mais imbecil que já ouvi — disse Strand, furioso.

— Somos instruídos para fazer perguntas imbecis, sr. Strand — falou o homem louro, com voz macia. — É paira isso que somos pagos. — Então, ele e o homem moreno se levantaram. — Obrigado pelo tempo que gastou conosco. E leia o *Times* amanhã cedo — concluiu, enquanto saíam.

Embora o escritório do diretor não estivesse quente, Strand estava alagado de suor.

A porta se abriu, e Babcock entrou. Parecia um velho símio, preocupado. Acadêmicos, pensou Strand de modo irreverente, não eram, de um modo geral, uma raça bonita.

— Do que se trata? — perguntou Babcock.

— Vou responder-lhe exatamente como me responderam — replicou Strand, não contando toda a verdade por causa de Hazen. — Disseram-me para ler o *New York Times* amanhã.

— O FBI já esteve aqui antes — comentou o diretor, preocupado. — Há uns tempos, durante a Guerra do Vietnam. Para comprovar se um jovem professor que tivemos e que havia assinado certo tipo de petição era comunista. Foram muito desagradáveis.

— Estes cavalheiros foram muito agradáveis — comentou Strand. — Da próxima vez pode ser que não o sejam. Obrigado por ter cedido o gabinete.

Ao atravessar o campus, levantou a gola do paletó, para se proteger do frio. Estava soprando um vento horrível do nordeste, com flocos de neve misturados com chuva, e os ramos nus das árvores do campus tremiam com as rajadas polares. Os sinos das seis horas repicavam na torre da capela. Naquele momento, Leslie estaria no carro, aproximando-se do aeroporto para embarcar no avião com destino à França. Ele parou e sussurrou uma pequena prece pela segurança de todos os aviões em vôo naquela noite tempestuosa de outono.

Depois caminhou rapidamente para a Malson Residence, para tomar um banho e afastar a poeira de um dia de aula e vestir-se para o jantar.

5

Normalmente, Rollins comia à mesa de Strand, mas nessa noite não apareceu para o jantar. Embora tivesse tirado um dia de folga, segundo a regra do colégio deveria estar de volta às sete horas. Mas Strand não ia passar adiante essa informação, como devia fazer. Rollins já tinha preocupações em excesso para ter de comparecer ao gabinete do diretor para explicar sua ausência.

Strand não queria especular sobre o que Rollins pudesse estar fazendo em Waterbury, numa tentativa de tirar Romero da prisão. A maneira como falou das pessoas que precisava ver, pessoas que sabiam como lidar com assuntos dessa natureza, deixara claro que Rollins não tinha intenção de pedir um empréstimo num banco ou vender ações para levantar a importância da fiança. Strand tinha uma vaga noção, bastante confusa, de que Rollins falava de pessoas que não estavam muito dentro da lei ou que estavam claramente fora dela, pessoas que, em troca de um favor prestado, certamente exigiriam um favor maior. Cenários de suborno, números desfilando, incêndios culposos, todas as categorias de crime do gueto com os quais os leitores dos jornais e os espectadores de TV tinham se tornado tristemente familiarizados corriam pela mente de Strand ao sentar-se com decoro à mesa do jantar, com os meninos limpos e bem-vestidos que, pelo menos à mesa, faziam jus às maneiras que as babás e as mães lhes haviam insistentemente ensinado. Os meninos negros que tivera nas turmas da escola pública não tinham contribuído para fazê-lo acreditar na absoluta probidade dos adolescentes étnicos, como os jornais os chamavam quando não diziam arruaceiros. Rollins era, ele sabia, absolutamente honesto de um modo geral, mas Strand tinha a inquietante sensação de que tinha cometido um engano ao permitir que o rapaz deixasse o campus numa situação daquelas, pois ele se sentia responsável pelo destino do companheiro de quarto, que fora abandonado pelas autoridades. A ausência de Rollins alimentava seu temor, e, após o jantar, quase foi falar com Babcock e dizer que achava uma boa idéia telefonar aos pais do rapaz e aconselhá-los a manter vigilância sobre o filho.

Mas a idéia de que Rollins, que confiava nele, o julgasse igual aos outros adultos do sistema, que estavam unidos contra pessoas como Romero e ele próprio, fez Strand hesitar e depois decidir que não ia falar coisa alguma ao diretor. Havia ficado sensibilizado com o que Rollins dissera e dava valor à opinião que o rapaz fazia dele, e disse a si mesmo: "Mais uma noite sem dormir não vai matar ninguém".

Ficou acordado até tarde, tentando ler, e foi duas vezes até o último andar dar uma olhada no quarto de Rollins para ver se ele, por acaso, voltara e não se registrara. Mas as duas camas estavam vazias. Ficou olhando para o relógio. Com a diferença de horário entre Nova York e Paris, seriam seis horas da manhã em Paris, meia-noite, horário padrão do leste, quando o avião de Leslie aterrissasse. Sabia que não conseguiria dormir antes de ligar para a Air France, no Aeroporto Kennedy, e saber se o avião tinha chegado a salvo.

Tinha outra ligação para fazer, antes de a noite terminar, mas continuava adiando-a. Para Russell Hazen. Hazen tinha sido muito duro na última conversa que tiveram, e Strand achava difícil esquecer as acusações lançadas sobre ele pelo telefone, mas o homem, afinal, era seu amigo, e o que lhe devia, admitia Strand a si mesmo, era mais importante do que a pequena e realmente justificável explosão de mau humor. Sabia que Hazen não iria receber bem o que tinha para lhe dizer sobre a entrevista com os agentes do FBI. Mas Hazen merecia ser avisado, e mais cedo ou mais tarde a ligação teria de ser feita. Vou esperar até Hazen chegar para o jantar, pensou Strand, acalmando a consciência; haverá tempo suficiente. Contanto que o avise antes que leia o jornal, pela manhã.

Esperou até às dez e meia, depois discou para a casa de Hazen. Ninguém atendia. Deixou o telefone tocar dez vezes, depois desligou.

Ficou aliviado por um momento, mas ainda inquieto. Apanhou o livro que estava lendo e leu o mesmo parágrafo repetidamente, sem que as palavras tivessem qualquer sentido. Fechou o livro e foi para a cozinha, apanhou a garrafa de uísque que havia estado guardada no armário desde que a comprara, no início do semestre. Colocou uma dose generosa num copo, acrescentou gelo e água, e estava sentado em frente ao fogo da sala de estar, com o copo na mão, ouvindo o vento bater nas janelas, quando escutou uma batida na porta do apartamento. Dirigiu-se, apressado, para a porta e abriu-a. Ali parado estava Rollins, envolto no capuz do blusão de futebol, o rosto coberto de neve, como se de súbito tivesse ficado mais velho, com a barba branca crescida. Assoprava nas mãos, mas sorria.

— Entre, entre — disse Strand.

— Obrigado, senhor — respondeu Rollins.

Strand fechou a porta. Rollins foi para perto do fogo e ficou aquecendo as mãos.

— Tive de vir andando desde a estação do ônibus — declarou ele — e quase fiquei com os ossos congelados. A visão deste fogo é uma felicidade. — Lançou um olhar de soslaio para o copo ainda nas mãos de Strand.

— Será que ainda resta um pouco dessa coisa no local de onde ela veio?

— Bem — disse Strand —, está uma noite fria...

— E não está exagerando, sr. Strand. Qualquer colégio me quer para jogar futebol, e é melhor estar no sul, bem abaixo da Mason-Dixon Line*. Ou no Havaí.

— É contra o regulamento, é claro. Se alguém descobrir...

— Irei para a sepultura primeiro — declarou Rollins, com a solenidade que a ocasião exigia.

— Fique aqui e aqueça-se — falou Strand, dirigindo-se à cozinha. Serviu uma dose generosa de uísque, acrescentando-lhe apenas um pouco de água, e levou-a para Rollins. O rapaz pegou o copo, que parecia minúsculo na sua mão enorme, e rodou o líquido delicadamente, admirando-o. Ergueu o copo.

— Aos cavalheiros que inventaram o uísque. — Bebeu um grande gole e suspirou, confortado. — Isto tira o frio cortante do inverno, não é? — Depois ficou sério. — Alguma novidade desde a noite passada, sr. Strand?

— Não. Exceto que Hitz foi para Washington ver um médico.

— Dezoito anos atrasado — disse Rollins, sombriamente. Depois seu rosto iluminou-se. — Mas tenho algumas novidades. Novidades quentes.

A frase era inquietante.

— Como quentes? — perguntou Strand.

— Não assaltei nenhum banco, se é disso que está com receio. Legítimo. Estritamente legítimo. — Rollins apanhou a carteira de dinheiro. Estava polpuda. — Aqui está ele — disse Rollins. — Dez mil dólares. Dinheiro legal. Amanhã cedo vou à cidade, à prisão, arranco Romero de lá o mais rápido possível, e ainda sobra bastante para lhe pagar um jantar, o melhor jantar que aquele pobre magricela filho da puta já teve diante de si.

Pelo modo grosseiro com que Rollins falava, Strand imaginou que o uísque em sua mão não era o primeiro drinque da noite.

— Ir à cadeia não será muito útil — declarou Strand. — Estou certo de que deve haver uma série de formalidades legais. O advogado dele deve ser avisado, para esperar por você. Com o dinheiro. Se, como diz, não for dinheiro frio.

— Pela saúde de minha mãe.

— Ele fará a coisa do modo como tem de ser feita — disse Strand, fingindo um conhecimento de lei que não possuía, mas imaginando que, se um rapaz negro, usando um capuz de blusão de futebol, aparecesse com dez mil dólares, o processo seria no mínimo muito lento. — Pedirei ao sr. Babcock que telefone para ele. Não sei onde fica seu escritório. Na verdade — continuou —, não sei nem mesmo onde Romero está neste momento. Provavelmente o transferiram para algum lugar. Para uma prisão propriamente dita.

— Não há prisão propriamente dita, sr. Strand — disse Rollins.

* Limite entre os Estados de Pensilvânia e Maryland, parcialmente demarcado por Charles Mason e Jeremiah Dixon entre 1763 e 1767/popularmente considerado antes do fim da escravidão como a linha de demarcação entre os Estados livres e os escravagistas. (N. do E.)

- Quer responder a uma pergunta?
- Sim. — Rollins parecia relutante.
- Onde conseguiu o dinheiro?
- O senhor tem mesmo de saber?
- Não tenho. Mas as autoridades talvez fiquem curiosas.

Rollins bebeu outro grande gole do uísque.

- Levantei o dinheiro — respondeu. — Com amigos.

— Que amigos?

- Não confia em mim? — perguntou Rollins, com uma expressão triste.

— Confio em você. Mas há outras pessoas envolvidas.

— Bem, expus o caso.. . — Rollins hesitou — para minha família, se quer saber. Minha mãe, meu pai, meus irmãos. Não vivemos à beira da miséria, exatamente, sr. Strand, nem estamos morrendo de fome, embora eu seja esquelético. . . — Deu um largo sorriso. — Meu pai é o engenheiro-chefe da distribuidora de águas. Um dos meus irmãos é dono de uma oficina mecânica. Minha mãe é enfermeira-chefe da unidade de tratamento intensivo do hospital. Outro de meus irmãos tem uma imobiliária. E meu irmão mais velho é assistente do vice-presidente de um banco em Nova York e opera na Bolsa de Valores. Minha família não é exatamente composta de meeiros, sr. Strand.

— Você me deixou assombrado, Rollins — falou Strand. — Nunca me disse uma palavra a respeito disso... nem a qualquer outra pessoa do colégio.

— Não queria que isso se voltasse contra mim — esclareceu Rollins, rindo. — Não queria que as pessoas esperassem que eu fosse mais inteligente do que sou e comparassem meu desempenho no colégio com o da minha família. É muito duro quando jantamos todos juntos e eles ficam me repreendendo por ser um preguiçoso, um atleta negro ruim. Meu irmão mais velho recebeu um convite para participar de uma competição, com os New York Knicks, isto é, um time de basquete, e recusou, dizendo que não queria ganhar a vida correndo e suando em público como um escravo dos faraós, tendo de operar o joelho todo verão. Se minha família soubesse que eu estava pretendendo jogar futebol, me chutaria de casa como um leproso. Eles são dados aos estudos, sr. Strand, fanáticos, e estão tão empenhados em aprimorar seus conhecimentos. . . e a mim.. . que chegam a me pôr doido. — Terminou o drinque. — Por acaso tem mais um pouco naquela garrafa da cozinha, sr. Strand?

- Está querendo dizer que sua *família* deu para você o dinheiro?

— Emprestou, sr. Strand — respondeu Rollins, sério. — Emprestou é a palavra certa.

- E se, depois de tirar Romero da prisão, ele fugir?

— Vão empalhar-me e me pendurar na parede como um troféu, por dez anos — respondeu Rollins. — Mas ele não vai fugir.

- Como pode estar tão certo?

— Porque Romero é meu amigo. — Isso foi dito com a maior simplicidade. — Além disso, creio que não terá permissão para perambular por *aqui* quando sair sob fiança.

- Não — admitiu Strand. — Ele já foi expulso.

— Não perdem tempo com pequenas coisas por aqui, como, por exemplo, saber se é inocente até que se prove o contrário, não é?

- Você os culpa?

— Claro que os culpo — respondeu Rollins, com severidade. — Culpo todo mundo. Mas ele não vai fugir. Não se souber que o dinheiro é meu. Além disso, para onde fugiria? A família? Ele nem mesmo sabe onde estão. O irmão escreveu dizendo que estava se mandando para o oeste, não sabiam onde estava a irmã e, quanto à mãe, teve de se mudar, mas não sabiam para onde tinha ido. Não faz diferença... ele não quer ir para junto deles. De toda forma, vou dizer-lhe que ele vai viver na casa da minha família até o julgamento, e ninguém, nem mesmo Romero, consegue fugir dos meus irmãos, quando eles têm intenção de segurá-lo. Então, posso tomar outro uísque?

— Vou buscá-lo para você. — Ao apanhar o copo de Rollins e voltar para a cozinha, Strand ficou surpreso ao sentir lágrimas em seus olhos. Desta vez, preparou um drinque mais forte para o rapaz. Seu próprio copo estava ainda pela metade. Antes daquela noite, a última vez que tivera a garrafa nas mãos havia sido na noite em que Leslie se perdera na estrada ao voltar de Nova York e estava perto da histeria quando entrou cambaleante em casa, acordando-o. "Um certo valor medicinal", dissera Leslie. Nessa noite, também, o remédio tinha sua utilidade.

Se lhe tivessem perguntado por que tinha lágrimas nos olhos, Strand teria achado difícil responder. Seria o apego firme de Rollins aos vínculos da amizade? A cega generosidade da família dele? O desafio silencioso daquela gente contra a indiferença caprichosa do mundo do homem branco? A rápida aceitação das necessidades do membro mais jovem do clã, um pouco mais que um menino, e sua avaliação do que era certo e justo fazer? Strand lembrou-se da frase que Rollins citou, dita pelo irmão, "correndo e suando como um escravo dos faraós". Strand não sabia com que frequência a família de Rollins ia à igreja, mas aquela ação havia sido uma repreensão cristã aos homens e mulheres que estariam dormindo aquela noite em casas bonitas, cobertas de hera, pessoas que iam à capela todas as noites para louvar a caridade e a fraternidade do homem. E uma repreensão, também, ao homem poderoso e vingativo que vivia no grande apartamento duplex da Fifth Avenue, cercado por magníficos quadros.

Ao voltar para a sala de estar, trazendo o copo novamente cheio para Rollins, tomou uma decisão.

— Rollins — disse ele, entregando o uísque ao rapaz. — Não concordo com a idéia de ninguém contribuir para ajudar. Talvez, se tivéssemos tido tempo, conseguíssemos arrecadar alguns dólares no campus, embora eu ache difícil. Mas não temos tempo. Pela manhã, você vai ao banco comigo e vou dar-lhe dois mil dólares da minha conta, para juntar aos outros dez. É apenas um símbolo, mas, às vezes, os símbolos são necessários. — Sabia que tinha três mil dólares em sua conta. Toda a sua riqueza. Daria para um mês ou mais. Não haveria presentes de Natal naquele ano. Pouco importava.

Rollins olhava, pensativo, para o copo.

— Amém — disse ele, de modo surpreendente. — A que horas imagina estar livre, pela manhã, para ir ao banco?

— Depois do café.

— E quanto às aulas?

— Força maior — respondeu Strand. — Explicarei ao diretor.

— Força... o quê?

— Um ato de Deus — respondeu Strand. — Tradução livre.

— Não gostaria que Romero ficasse naquela prisão um minuto além do necessário.

— Não ficará. Mas há uma condição. Ninguém precisa saber da minha contribuição.

Principalmente Romero.

Rollins olhou para Strand com curiosidade.

— Compreendo suas razões — falou ele.

Strand duvidava que as compreendesse. Ele próprio não estava certo de suas razões.

— Pensando melhor — disse —, acho que seria preferível não falar com Babcock sobre isto por enquanto. Pode pensar que é insensato, ou pode insistir em conversar com seus pais. . .

— Quer dizer que o senhor acha que o sr. Babcock não acreditaria em mim — disse Rollins.

— Essa possibilidade existe. E ele pode estar sofrendo pressão para deixar Romero onde está. Acho melhor fazer isso por sua conta. O nome do advogado é Hollingsbee. O nome dele consta do catálogo. A primeira coisa que farei amanhã cedo é telefonar para ele, para que se encontre com você. Se tiver problemas, telefone para mim.

— Não espero ter problema nenhum. — Rollins terminou o drinque, rapidamente. — É melhor eu ir dormir. — Preparou-se para partir.

— Mais uma coisa, por favor — disse Strand. Sentiu um aperto na garganta e tossiu. — É sobre aquelas cartas que, segundo Romero, foram roubadas. Sabe de alguma coisa sobre elas?

— Romero não as lia para mim, sr. Strand — respondeu Rollins —, e eu não perguntava nada. Ele as conservava trancadas. De vez em quando, ele as pegava, lia-as e ficava com uma expressão boba no rosto. Depois guardava-as e as trancava de novo.

— Não sabe de quem eram?

— Pela forma como ficava, imagino que fossem de uma menina. — Rollins riu. — É fácil saber que não eram de cobradores. Além do mais, posso dizer que Romero as apreciava. Quer que eu pergunte a ele de quem eram?

— Não. Não é importante. Bem, boa sorte. E agradeça à sua família por mim.

— Isso talvez ajude. Ficaram doidos por eu ter conseguido que dessem toda aquela grana. E meu pai e minha mãe eram contra eu vir para este colégio como bolsista de futebol, em primeiro lugar. Mas estão do lado de Romero, e isso é o mais importante. — Bateu no bolso traseiro da calça, agora gordo. — Tenho de me certificar de que ainda está aqui — disse ele, um pouco embaraçado. — Desculpe-me por

ter dado um desfalque na sua bebida. Até amanhã, senhor.
Com um breve aceno, deixou o apartamento.

Fora um longo dia. Já começara cansado. Tinha cochilado um pouco durante a noite, mas acordara às seis horas para ligar para a Air France. A Air France informou que havia nevoeiro em Paris e nenhum avião estava aterrissando lá ainda, e que o vôo de Nova York tivera de fazer escala em Genebra, aguardando melhores condições do tempo. Depois dessa chamada, passou a ligar a intervalos de vinte minutos, mas a resposta era sempre a mesma. Então, um pouco antes do café, informaram-no de que o avião de Leslie havia sido desviado para Nice. A viagem dela não estava começando com um bom sinal.

Durante o café, dissera a Babcock que precisava faltar à primeira aula. Não apresentara qualquer justificativa, e Babcock o olhara de modo estranho, manifestando frieza quando declarou: "Espero que logo possamos estabelecer de novo uma rotina normal", e dera-lhe as costas abruptamente.

A longa caminhada na cidade, com Rollins, em direção ao banco, em meio a um vento cortante, deixara-o ofegante, e tivera de pedir duas vezes a Rollins para parar enquanto recuperava o fôlego. O rapaz o tinha olhado com apreensão, como se temesse que Strand pudesse cair.

— Meu pai também tem um problema de coração — disse Rollins. — Minha mãe controla-o o tempo todo, para ele não se apressar.

— Como sabe que tenho um problema de coração? — perguntou Strand.

— Romero me contou. Disse que ficaram com medo de que o senhor fosse morrer. — Rollins olhou para ele com curiosidade infantil. — Se não se importa de eu perguntar, o que sentiu... quero dizer, quando o senhor. . . — Parou embaraçado. — Eu mesmo já fiquei inconsciente várias vezes, e o mais engraçado é que não doeu enquanto acontecia, apenas senti como se de alguma forma estivesse flutuando no ar, em paz. Fico imaginando se pôde ser uma coisa assim. Eu me sentiria mais aliviado se soubesse que com meu pai aconteceu desse jeito.

— Não tinha pensado nisso — respondeu Strand, tentando lembrar-se do que havia sentido quando tinha sofrido o colapso na praia. — Agora, quando olho para trás, é como me senti. É um pensamento confortador. Para dizer a verdade, eu não queria acordar.

— Bem — disse Rollins, enfaticamente —, estou contente por ter acordado.

Strand sorriu para ele.

— E eu também.

No banco, descontou o cheque e deu para Rollins os dois mil dólares em notas de cem. Rollins não as guardou de imediato na carteira, mas ficou olhando para elas, em suas mãos, em dúvida.

— Tem certeza de que quer fazer isso, sr. Strand?

— Sim. Guarde-as.

Rollins colocou-as na carteira, com cuidado.

— É melhor ir andando — disse ele. — O ônibus para Hartford sai dentro de dez minutos. *Talvez* seja melhor o senhor tomar um táxi para voltar ao colégio.

Strand já havia tomado um táxi para o colégio uma vez. Tinha custado cinco dólares.

— Vou caminhar. O exercício vai me animar. Boa sorte com o sr. Hollingsbee. Telefonei para ele, e ele o está aguardando.

— Tome cuidado, por favor, sr. Strand — disse Rollins. Andou em rápidas e grandes passadas pela rua varrida pelo vento, enquanto Strand levantava mais o cachecol de lã até o pescoço. Na esquina, Rollins parou, voltou-se e olhou para trás. Acenou, dobrou a esquina e desapareceu.

Tremendo de frio e com as mãos sem luvas, sentindo-as como dois pedaços de gelo no bolso do sobretudo, Strand caminhou em direção oposta, ao longo da rua principal, saindo da cidade. Havia uma drogaria na esquina que vendia jornais. Strand comprou o *Times*. A história estava na página 3, e era curta. "O Departamento de Justiça investiga acusações sobre influências perniciosas em Washington" era o cabeçalho da coluna. A matéria em si era atraente. Tinha sido revelado ao *Times*, através de fontes fidedignas, dizia-se no artigo, que Russell Hazen, preeminente advogado de Nova York, sondara um conhecido politiquês da indústria do petróleo sobre a possibilidade de recompensar um congressista cujo nome não foi mencionado para que desse voto favorável a um projeto de lei destinado à sondagem de petróleo ao largo da costa. A conversa telefônica mantida entre os dois havia sido gravada no escritório do sr. Hitz. Uma cópia dessa fita fora obtida legalmente pelo mandado de um juiz federal. O

Departamento de Justiça não informava se haveria inquérito. A investigação iria prosseguir.

Pobre Russell, pensou Strand. Sentia-se culpado por ter desistido, depois de uma única tentativa, de localizar Hazen para avisá-lo sobre a visita do FBI. Não era o tipo de notícia com que um homem gostaria de deparar, sem suspeitar, ao abrir o jornal, à mesa do café da manhã.

Strand dobrou o jornal e colocou-o de novo na pilha. Havia pago por ele, mas não queria ler as notícias sobre assassinatos, execuções, invasões, bancarotas que pareciam caracterizar os jornais em sua maior parte, todas as manhãs, ultimamente.

Saiu da loja para a rua fria, acinzentada, onde outros pedestres andavam apressados, curvados contra o vento. Por tolice, não tinha posto o chapéu. Tirou o cachecol do pescoço e, usando-o como xale, enrolou-o na cabeça, amarrando-o sob o queixo. Ao prosseguir, os olhos lacrimejantes devido ao frio, pensou nas fotografias das mulheres refugiadas que tinha visto nos jornais, com xales ao redor da cabeça, movendo-se pesadamente pelas estradas acinzentadas.

Quando chegou ao colégio, caminhando com dificuldade, amaldiçoando o vento, estava certo de não ser capaz de dar qualquer aula até as cinco horas. Mas, de alguma forma, conseguiu dá-las, sentado à escrivaninha enquanto fazia as dissertações, em vez de andar de um lado para outro, como costumava fazer, falando lentamente, com muito esforço. Então, durante a última aula, a secretária do diretor entrou na sala e comunicou-lhe que deveria ir ao gabinete o mais rápido possível. Interrompeu a aula e dirigiu-se à sala do diretor. Romero estava lá, com Rollins e o sr. Hollingsbee.

Os lábios de Romero ainda estavam feridos e inchados, e havia um calombo em sua testa, onde a pele estava esbranquiçada. Mas seu porte era ereto e desafiador quando olhou para Strand. Depois, baixou os olhos e ficou olhando para o chão.

— Allen — disse Babcock —, estamos tentando persuadir Romero a cooperar com o sr. Hollingsbee. Sem resultado. Disse a Romero que, de acordo com as circunstâncias, não tenho escolha a não ser expulsá-lo do colégio hoje. Se ele resolver cooperar, talvez possa suspendê-lo provisoriamente, enquanto aguarda o resultado do julgamento. O sr. Hollingsbee acha que com sorte poderá requerer *sursis* para Romero. Nesse caso, creio que poderei permitir que volte para o colégio, para cumprir o *sursis* aqui, até concluir o ano letivo. Talvez você possa fazer alguma coisa.

— Romero — declarou Strand —, você está jogando com o seu futuro. Dê a si mesmo uma oportunidade, pelo menos. Não gosto de lembrá-lo do que deve ao sr. Hazen e a mim, mas sou obrigado. Fizemos um grande investimento em você. E não estou falando de dinheiro. Um investimento moral. É insensibilidade sua não pensar que deveria tentar proteger esse investimento.

— Desculpe-me, sr. Strand — respondeu Romero, ainda de olhos baixos. — Todos sabem o que fiz e por quê. Assumo as conseqüências. Não vou querer livrar-me disso. Todos estão perdendo tempo tentando me convencer.

Strand deu de ombros.

— Acho que não mudará de idéia.

Babcock suspirou.

— Certo, Romero — disse ele. — Arrume suas coisas e saia. Agora mesmo. Não pode ficar aqui nem mais uma noite.

— Vou levar os rapazes de volta a Waterbury — disse Hollingsbee. — Rollins, talvez seus pais consigam fazer alguma coisa por ele.

— Podem tentar — respondeu Rollins. Pegou no braço de Romero. — Vamos, herói.

O sr. Hollingsbee e Strand seguiram os rapazes, que saíram do gabinete em direção ao campus. Formavam um pequeno cortejo ao caminharem para a Malson Residence.

— Antes de o senhor chegar — disse Hollingsbee para Strand —, Babcock repreendeu severamente Rollins, também. Por não informá-lo sobre o jogo de dados no quarto. Colocou Rollins, sob *sursis*, para o resto do ano. Isso significa que não poderá jogar em nenhum dos times. O técnico não vai gostar quando ouvir essa notícia. Rollins é o lançador número 1 do colégio. Isso também vai tornar mais difícil para o rapaz conseguir uma bolsa para a faculdade.

— O senhor tem filhos? — perguntou Strand.

— Uma filha. Graças a Deus, é casada. — Hollingsbee riu.

Strand não pôde deixar de pensar se o homem teria alguma vez lido alguma carta de sua filha para o marido ou para qualquer outro rapaz que ela conhecesse,

— E quanto ao senhor? — perguntou Hollingsbee. — Quantos filhos tem?

— Três. Até agora conseguiram ficar longe da prisão.

— Está ganhando no jogo. — O advogado sacudiu a cabeça. — As crianças de hoje. . .

Quando chegaram a casa, Strand ficou aliviado por ver que o salão comunitário estava vazio. Romero dirigiu-se para as escadas, mas Strand o fez parar.

— Jesus — disse ele —, pela última vez. . .

Romero sacudiu a cabeça.

— Certo, então — disse Strand. — Adeus. E boa sorte. — Estendeu a mão. Romero a apertou.

— Não leve tudo isto tão a sério — disse ele. — É apenas mais um graveto no fogo. — Dirigiu-se para a porta, depois parou e voltou-se. — Posso dizer-lhe uma coisa, sr. Strand?

— Se acha que ainda tem alguma coisa a dizer...

— Tenho, sim. Estou indo embora, mas acho que o senhor não ficará aqui por muito tempo também. — Falava sério, a voz baixa e nítida. — Este lugar está cheio de oportunistas. E acho que o senhor não é um oportunista.

— Obrigado — disse Strand, com ironia.

— Os outros professores são animais de pasto, sr. Strand. Eles pastam tranqüilamente no campo.

Strand gostaria de saber onde Romero tinha lido aquela frase. De má vontade, depois que acabou de ouvir aquilo, reconheceu sua veracidade,

— Está caçando no cimento, sr. Strand — continuou Romero. — É por isso que o senhor me compreendeu. Ou, pelo menos, me compreendeu em parte. Todos aqui me olham como se eu pertencesse ao zoológico.

— Isso não é justo — disse Strand. — Pelo menos, sobre os outros.

— Estou apenas dando minha opinião. — Romero deu de ombros.

— Já terminou?

— Já.

— Apanhe suas coisas — ordenou Strand. Estava perturbado e não queria ouvir mais nada. Pelo menos, não naquele dia.

— Vamos, rapaz — disse Romero asperamente para Rollins. — Vamos deixar a velha plantação. O patrão nos vendeu para o sul.

Strand ficou vendo Hollingsbee e os dois rapazes subirem as escadas, e depois caminhou pelo corredor, em direção ao seu apartamento. O telefone estava tocando, na sala de estar. Tinha quase decidido não atender, mas depois, pensando que pudesse ser Leslie chamando da França para tranqüilizá-lo, atendeu.

Era Hazen.

— Leu essa maldita história no *Times* de hoje? — Parecia bêbado.

— Li.

— Fontes fidedignas. — A voz de Hazen estava pastosa. — E dois advogadozinhos chicaneiros do Departamento de Justiça junto com um jornalista asqueroso de repente aparecem como fontes fidedignas. Meu Deus, se você gravasse uma conversa entre Jesus Cristo e João Batista, eles conseguiriam transformá-la em delito federal.

— Tentei telefonar para você a noite passada e avisá-lo do artigo no *Times*. Ninguém atendeu.

— Eu estava na maldita ópera. E quando não estou em casa, meu maldito mordomo sente preguiça demais para se afastar do bar onde está bebendo o meu uísque, para atender ao telefone. Vou despedir o filho da puta esta noite. Como sabia do artigo no *Times*?

— Ontem estiveram aqui dois homens do FBI, interrogando-me sobre você. Disseram-me que desse uma olhada no *Times* de hoje.

— O que queriam saber de você?

— Se eu tinha ouvido você conversar com Hitz sobre negócios.

— E o que respondeu?

— O que poderia responder? Disse que não ouvi nada.

— Podia ter jurado, pelo amor de Deus, que estivemos juntos o tempo todo; portanto, sabia muito bem que não troquei uma palavra sobre qualquer tipo de negócios com Hitz.

— Já falamos sobre isso antes, Russell — disse Strand, cansado. — Só falei o que sabia. Nem mais, nem menos.

— Vai estar em primeiro lugar no quadro de honra, Sir Galahad* — disse Hazen. — Quando vai descer das nuvens, pendurar a auréola na porta e aprender a jogar com os garotões na rua?

— Você está bêbado. Quando estiver sóbrio, conversaremos. — Silenciosamente, Strand desligou. Tremia. A friagem do dia parecia ter encharcado seus ossos. Foi para o banheiro e fez correr a água quente na banheira. Inalou o vapor, gratificado, e começou a se despir. A campainha da porta soou. Fechou a torneira, vestiu um roupão e, descalço, foi atender. O dr. Philips estava ali, com a maleta preta na mão.

— Permite que eu entre?

— Por favor.

Philips entrou, e Strand fechou a porta.

— Espero não o estar incomodando — disse Philips. — Mas o sr. Babcock me telefonou há poucos minutos e disse que achava melhor eu dar uma olhada no senhor.

— Por quê?

— Posso tirar meu sobretudo? — Strand teve a impressão de que o médico tinha estado a ponto de colocar o pé para escorar a porta, com medo de que ela lhe batesse no rosto.

— Claro que pode. Babcock explicou. . .

— Disse que estava preocupado com o senhor, achava que não devia estar se sentindo bem — disse Philips, enquanto Strand o ajudava a tirar o sobretudo. — Falou-me sobre seu problema do coração e, se não se importa, gostaria de fazer um pequeno exame. — Olhou de soslaio para Strand. — A verdade é que está um pouco pálido hoje. Sei que tem estado sob tensão emocional e...

— Não tenho dormido bem, nestas últimas noites — disse Strand, rapidamente. — É só isso. — Estava certo de que, não importava o que pudesse acontecer, não queria ser internado no hospital outra vez.

O dr. Philips tirou o estetoscópio da maleta e todo o aparato com o qual Strand já se acostumara, para medir a pressão.

— Se pudermos sentar-nos aqui, à escrivaninha.. . — disse Philips, parecendo a Strand um dentista garantindo a um paciente que o exame para um tratamento de canal não doeria. — Gostaria que tirasse o roupão...

Strand jogou o roupão sobre uma poltrona. Ainda estava de calças, e portanto não se sentia tão tolo como se tivesse de sentar-se nu em sua própria sala de estar.

— Positivamente, não é obeso — disse Philips, secamente, ao colocar o estetoscópio no peito de Strand. As instruções eram também suas conhecidas. Tussa. Prenda a respiração. Respire fundo, solte a respiração, lentamente. Com exceção dessas breves ordens, Philips não dizia nada. Depois de examinar o peito, colocou o estetoscópio nas costas de Strand. Depois enrolou a faixa do aparelho de medir pressão no braço de Strand, bombeou-o, deixou sair o ar, observando com bastante atenção o calibrador, e repetiu depois o processo. Sua vida numa bomba de ar, pensou Strand, enquanto observava o rosto impassível do médico. Ou num cilindro fino de mercúrio, esse elemento instável.

Quando Philips terminou, ainda permaneceu silencioso enquanto colocava a aparelhagem na maleta. Tremendo, Strand vestiu novamente o roupão de banho.

— Sr. Strand, desconfio que o sr. Babcock é exímio em fazer diagnósticos. Sua respiração está muito baixa e há um ruído nos pulmões que chega a preocupar. A batida do coração está irregular, embora não em demasia. A pressão está muito alta. Lembra-se de a quanto estava quando deixou o hospital?

— Não me lembro dos números, mas o meu médico disse que, embora fosse alta, era normal.

— Desconfio que não está mais dentro dos padrões de normalidade. Toma alguma coisa para abaixá-la?

— Não.

Philips assentiu com a cabeça.

— Se for até a enfermaria amanhã cedo, eu lhe darei umas pílulas que produzem ótimo resultado. Apenas uma por dia será o suficiente. — Vasculhou a maleta e retirou um pequeno frasco. — Aqui tem um remédio que o ajudará a dormir. Não se preocupe... não provoca dependência.

— Não estou realmente com receio de me tornar viciado, na minha idade — disse Strand.

* O mais nobre e puro cavaleiro da Távola Redonda, um homem caracterizado por sua intransigente devoção aos mais altos ideais. (N. do E.)

— O vício não é um mal apenas dos jovens — observou Philips, com frieza. — Há um pouco de líquido nos pulmões também.

— É de admirar que eu ainda esteja andando por aí, não é? — perguntou Strand, tentando parecer descontraído, diante das pequenas irregularidades do seu corpo rebelde.

— Andar um pouco é ótimo. É até aconselhável. Embora eu o aconselhasse a fazê-lo dentro de casa até o tempo esquentar um pouco. Vou dar-lhe um diurético, também. Não quero alarmá-lo. O senhor se recobrou admiravelmente, segundo o sr. Babcock, de um grande ataque. Mas a emoção... a tensão, como falei antes. . . tem um papel muito importante em estados como este. Se possível, gostaria de vê-lo levando as coisas com mais calma.

— O que eu deveria ter feito quando vi um dos rapazes da minha casa perseguindo outro com um canivete... ter sentado e tocado flauta?

— Eu sei, eu sei — respondeu Philips, reagindo ao sinal de raiva na voz de Strand, passando a falar com mais calma e mais devagar. — Há situações em que o que um médico diz parece tolice. Eu próprio não sou um homem excepcionalmente saudável, mas há avisos que dou a mim mesmo e que nem sonho poder seguir. Mas, se possível, procure colocar seus problemas dentro de uma perspectiva mais ampla.

— Como o senhor se sai quando coloca os problemas dentro de uma perspectiva mais ampla?

Philips sorriu, tristemente.

— Mal.

Strand sabia, pelo que Babcock lhe havia dito, que Philips era viúvo. A esposa dele morrera num acidente de automóvel, cinco anos atrás. Havia tido uma clientela de prestígio na cidade de Nova York e fora professor do Cornell Medical Center. Quando a esposa morreu, tinha desistido de tudo, clientela, hospital, consultório, apartamento, amigos e o resto da família; partira para viver sozinho numa cabana, nas florestas do Maine. Viera para o Dunberry, onde dissera com toda a honestidade a Babcock que queria ter uma clientela que exigisse o mínimo dele, onde sua responsabilidade fosse limitada e onde nenhum dos amigos e colegas que havia conhecido quando a esposa ainda era viva pudesse aparecer e fazê-lo lembrar-se de dias mais felizes. Como tinha acabado de confessar, quando colocara seus problemas dentro de uma perspectiva mais ampla, dera-se mal.

— Distensões de tornozelo e acne juvenil — dissera para Babcock. — É o máximo que desejo para exercer a medicina, para o resto da vida.

Lembrando-se disso, Strand sentiu dissipar-se a irritação que experimentara para com o médico, que viera sem ser chamado para examiná-lo e prescrever-lhe remédios arbitrariamente, metendo-se em assuntos que, na verdade, não lhe diziam respeito. Afinal, Strand não era uma criança e tinha seus próprios médicos, a quem podia recorrer se achasse necessário. Tentou imaginar qual seria a reação de Hazen ao telefone se o médico o tivesse atendido e aconselhado a colocar Washington e o FBI dentro de uma perspectiva mais ampla.

— Soube, pelo sr. Babcock — o médico dizia —, que o senhor é o professor mais consciencioso do colégio. Isso significa excesso de trabalho e de preocupação. Se permite uma sugestão, seja menos consciencioso. Tente só se interessar por coisas sem grande importância. E não corra atrás de rapazes com canivetes, se puder evitar. — Sorriu ao dizer isso. — Descanse o máximo que puder. Mais mentalmente do que fisicamente. Outra pergunta: bebe muito?

— Raramente.

— Tome um uísque de vez em quando. Isso poderá dar às coisas um tom mais cor-de-rosa, além de dilatar os vasos capilares. — Philips vestiu o sobretudo. Na porta, voltou-se. — O que acha que vai acontecer com o jovem Romero?

Strand pensou por um momento.

— Rollins diz que, se ele ficar na prisão, acabará na sarjeta, e não estará então carregando um canivete, mas um revólver no cinto e pó nos bolsos. Imagino que esse pó seja heroína ou cocaína. Acho que ele ou fará isso ou liderará uma revolução em algum lugar.

Philips assentiu com a cabeça, com gravidade.

— A misericórdia é a virtude mais escassa no mercado — disse ele. — Somos incapazes de fazer um trabalho bem-feito, não acha? Bem, senhor, boa noite. Durma bem.

Distensões de tornozelo e acne juvenil, pensou Strand, quando a porta se fechou depois que o médico saiu. Romero dificilmente se enquadraria numa dessas categorias.

Strand dirigiu-se ao banheiro e colocou na prateleira o vidro de pílulas que Philips lhe dera. Sedativo para a noite, pensou. Um refúgio para o esquecimento. A resposta da civilização para a religião e a ambição.

Novamente, fez correr a água quente, gratificado mais uma vez com o turbilhão da água correndo, respirando fundo várias vezes. Então, o telefone tocou de novo. Contrariado, fechou a torneira e voltou para a sala de estar.

— Alô — disse, bruscamente.

— Não precisa arrebentar meus tímpanos. — Era a voz de Leslie, divertida, embora à distância. — Sei que não gosta de falar ao telefone, mas você pode mandar retirá-lo se for para responder desse jeito. Pois ninguém vai importar-se se não ligar para você de novo.

— Alô, querida — respondeu ele. — Meu Deus, como é bom ouvir sua voz! Como vai? Segundo a última informação que obtive da Air France, você estava vagando pelo espaço aéreo europeu.

— Finalmente aterrissamos em Nice, e agora estamos em casa de Linda, em Mougins. Ela disse que seria uma vergonha estarmos tão perto e eu não conhecê-la. É divina. Gostaria que estivesse aqui comigo.

— Eu também.

— Como estão as coisas no campo de batalha?

— Melhorando — disse ele, com duplo sentido.

— O que quer dizer?

— Romero está livre, sob *sursis*, e vai ficar na casa da família de Rollins, em Waterbury.

— Quem levantou a fiança?

Ele hesitou.

— Amigos — respondeu.

— Foi Russell?

— Russell não é amigo de Romero. — Strand não acrescentou que, no momento, Romero também não considerava Strand seu amigo.

— Imagino que seja melhor assim, você não concorda?

— Muito melhor.

— Você está se cuidando? Está se sentindo solitário?

— Quase não percebo que você não está aqui — disse ele, rindo, ou pelo menos fazendo esforço para rir. — A sra. Schiller está me mimando além das medidas.

— Estive preocupada com você quase toda a viagem.

— Você devia preocupar-se é com o piloto. Tiveram sorte por não as ter levado até Varsóvia. Quanto a mim, estou ótimo.

— Realmente?

— Realmente.

— Você parece cansado.

— É a ligação. Pretendo esquiar amanhã. O jornal promete neve. — Era com muito esforço que conseguia demonstrar animação. Se Leslie estivesse ali, ele teria lhe contado tudo ou quase tudo o que lhe acontecera naquele dia. Mas as preocupações, sabia, multiplicavam-se com a distância, e Leslie estava a quatro mil e oitocentos quilômetros dele.

— O que está fazendo agora? — perguntou Leslie. — Quero dizer, neste exato momento?

— Estou a ponto de mergulhar num banho quente.

— E eu vou mergulhar na piscina de Linda, amanhã. Imagine, poder nadar em novembro. Quando nos aposentarmos, acho que devíamos morar em Mougins.

— Se você encontrar algum lugarzinho encantador que custe por volta de um milhão de dólares enquanto estiver por aí, faça um depósito para garanti-lo.

Leslie suspirou.

— Seria ótimo se fôssemos ricos pelo menos uma vez, não seria?

— Thoreau nunca viu o Mediterrâneo e sentia-se feliz num pequeno lago — respondeu Strand.

— Não era casado.

— Assim ouvi dizer.

— Se eu seguisse meus impulsos, acho que me transformaria numa mulher fútil, amante do luxo. Você seria capaz de me suportar?

— Não.

Ela riu novamente.

— Aprecio, de fato, um homem que sabe o que quer. Já falei demais. Este telefonema está custando uma fortuna a Linda. Está feliz?

— Nunca estive tanto — respondeu ele.

— Sei que está mentindo e o amo por isso. — Houve o som de um beijo em meio aos ruídos da ligação, e Leslie desligou.

Strand pôs o telefone no gancho, dirigiu-se ao banheiro e, finalmente, mergulhou na água quente. Meu pequeno oceano privado, pensou, enquanto cochilava em meio ao vapor. Como Thoreau, contentava-se com um pequeno lago.

6

Ficou surpreso ao abrir a porta do apartamento, depois da última aula do dia, e deparar com Hazen, de pé, na sala de estar, apanhando uma revista de uma estante de livros. Strand não tivera notícias dele desde a conversa alterada pela bebida, ao telefone, havia mais de uma semana.

— Oh, Allen — disse Hazen —, espero que não se importe. A sra. Schiller me deixou entrar. — Estendeu a mão, e Strand apertou-a. — Trouxe-lhe uma lembrancinha. — Apontou para a mesa atrás do sofá, onde se encontravam duas garrafas de Johnny Walker, o uísque favorito de Hazen.

— Obrigado — respondeu Strand. — Vieram mesmo a calhar.

— Vim para me desculpar pelos maus modos ao telefone. — Hazen, perscrutou-lhe o semblante, cuidadosamente, como se não tivesse certeza sobre o modo como Strand iria reagir.

— Esqueça, Russell — respondeu Strand. — Também já esqueci.

— Fico contente ao ouvir isso. — As maneiras de Hazen tornaram-se mais amistosas. — Os desentendimentos estão sujeitos a aparecer inesperadamente, de tempos em tempos, mesmo entre os melhores amigos. Eu estava um pouco nervoso por causa dos comentários do *Times*.

— Como vai indo a coisa? Não tenho visto mais nenhuma referência nos jornais.

— Não houve mais nada — respondeu Hazen. — Suponho que tenham chegado à conclusão de que a expedição de pesca foi um fiasco. A justiça provavelmente decidiu liquidar o assunto.

— Fico contente por ouvir isso. Posso servir-lhe um drinque? Receio que tenha de ser da garrafa que acabou de trazer. As nossas terminaram há uma semana.

Hazen consultou o relógio.

— Bem, penso mesmo que estamos na hora de um drinque. Se você me acompanhar. . .

— Vou servir-me de um, também — disse Strand. — O tempo está propício para se tomar uma bebida. Quase congelo ao atravessar o campus. — Foi até a cozinha para apanhar gelo, copos e uma jarra com água. Apesar de o dr. Philips ter prescrito um drinque uma vez ou outra, quando Rollins terminou a última garrafa Strand não se preocupou em ir até a cidade comprar outra. Tentara permanecer em casa tanto quanto possível durante o frio mais intenso, mas poderia ter pedido à sra. Schiller para comprar uma garrafa de uísque quando fosse à cidade fazer compras. Não teria sido Johnny Walker. Havia um limite na quantidade de pequenos supérfluos que poderia adquirir com seu orçamento.

Hazen já abrira uma das garrafas quando Strand voltou à sala de estar e serviu uma dose generosa para cada um. Tocaram os copos e beberam. O calor imediato na garganta fez Strand resolver que dali em diante tomaria todo dia um drinque antes do jantar.

A sra. Schiller deixara lenha na lareira, e Strand riscou um fósforo num jornal amassado sob a lareira e ficou olhando as chamas consumirem-no até atingir as achas. Aqueceu as mãos por alguns momentos antes de dirigir-se à mesa diante da janela onde Hazen havia se instalado. Caía uma neve fina lá fora, na escuridão da noite que se iniciava, formando um desenho invernal na vidraça meio congelada. O perfil de Hazen refletia-se no vidro, e as duas imagens, do próprio homem e de seu reflexo, davam uma dupla e curiosa impressão dele. O rosto verdadeiro estava descontraindo e amigável; o reflexo era gravado em metal, feio, austero, como a cabeça de um imperador numa moeda, a expressão do poder, para quem súplicas de misericórdia eram inúteis.

Assim que Strand se sentou diante dele à mesa, Hazen examinou-o, pensativo.

— Allen — disse ele, suavemente. — Vim para lhe pedir desculpas. Não apenas pelo que eu disse a você ao telefone. Pelo modo como tratei Romero. Tive tempo suficiente para pensar em tudo isso e percebi quais eram as minhas responsabilidades. Estive em Hartford hoje, falei com o juiz e descobri ter sido Rollins quem pagou a fiança. Como conseguiu o dinheiro é um mistério para mim. Mas não importa. O juiz falou que ele o conseguiu em um dia. Digo-lhe uma coisa, senti-me envergonhado diante daquele homem velho e severo. Disse a ele que iria interessar-me pessoalmente pelo caso e que compareceria ao tribunal para cuidar disso eu mesmo. Expliquei que conheci Romero por seu intermédio, e o que nós dois pensamos de sua capacidade e extraordinária formação. Não importa o que pareça, o juiz não é um monstro, e se lembra de meu pai desde o tempo em que ele não passava de um jovem advogado, tentando abrir o próprio caminho. O que concordou em fazer foi suspender o pagamento da fiança e liberar o garoto sob a minha responsabilidade. — Hazen sorriu, tristemente. — Suponho que ele não tenha chegado a ler o *New York Times* daquele dia. Fez exigências, é claro. Romero tem de se apresentar, semanalmente, no hospital, para testes e tratamento psiquiátrico. Já falei sobre isso com Hollingsbee, e ele devolverá o dinheiro a Rollins, amanhã.

Dois mil dólares de volta ao banco, pensou Strand. *Haveria* presentes de Natal.

— Russell, não sou capaz de dizer o quanto me sinto bem com tudo isso. Não somente por você. Por você, é claro. E por mim, também.

Hazen pareceu um pouco constrangido. Tomou um gole da bebida.

— Isso tudo não foi por pureza de caráter, Allen — disse ele. — Hitz e companhia passarão alguns dias desagradáveis. E isso não irá exatamente me desagradar. Conte-me, agora que o garoto parece que vai ter uma chance, o que ele disse a você, o que alegou ser confidencial, sobre como concluiu que foi Hitz quem lhe tirou o dinheiro e as cartas.

— Não foi ele quem me contou.

O tom inquisidor de advogado voltou à voz de Hazen. — Quem contou a você?

— Prometi não revelar isso a ninguém.

— Promessas — disse Hazen, franzindo o nariz em sinal de desagrado. — São uma perdição na vida de um advogado. Alguém achou as cartas?

— Não — mentiu Strand.

— O que poderia haver de tão importante em cartas de crianças?

— Pense em você mesmo quando tinha dezoito anos, Russell.

— Meu pai lia todas as cartas que eu recebia, até eu ir para a faculdade.

— Romero nem mesmo sabe se o pai está vivo ou morto.

— Será melhor que o juiz acorde com o pé direito, na manhã do julgamento — disse Hazen —, ou que o psiquiatra descubra que Romero é o garoto mais perturbado de Connecticut e, ao mesmo tempo, tão inofensivo como um gatinho. Hoje, o juiz foi bastante razoável; porém, se o promotor exagerar, será impossível dizer. . . Amabilidade profissional é uma coisa. A lei é outra. Ah, bem. . . — Suspirou. — Fiz o que me foi possível. Ao menos poderei ir para a cama esta noite com a consciência tranquila. Este não tem sido um período fácil para mim.

— Não tem sido para ninguém — Strand fê-lo lembrar.

Hazen riu.

— O egoísmo não é o último dos meus defeitos.

— Não, não é.

O sorriso no rosto de Hazen tornou-se um pouco contrafeito. Olhou pensativamente para Strand, por sobre a mesa, novamente.

— O que você realmente pensa de mim, Allen?

— Muitas coisas. É natural. Tem sido imensamente generoso e solícito para com todos nós. Imagino que não ficaria surpreso por eu possuir sentimentos que se entrelaçam... gratidão e... — hesitou — ressentimento.

— Bobagem — respondeu Hazen. — Você não é assim.

— Todos são assim — replicou Strand, calmamente.

— Deus! Quase sempre, foi apenas dinheiro. Não ligo a mínima para o dinheiro.

— Você pode dizer isso. Eu não.

— Deixemos de lado a gratidão e o ressentimento e todas essas coisas sem valor. O que mais pensa de mim?

— Você é um homem infeliz.

Triste, Hazen assentiu com a cabeça.

— Isso não é mentira. Quem não o é, atualmente? Você não é? — Seu tom era de desafio.

— Às vezes sim, às vezes não. — Strand percebeu que Hazen estava sério e sentiu que deveria ser sério por sua vez. — Porém, pesando na balança, sinto que os dias felizes em minha vida sobrepujaram os infelizes. Não sinto o mesmo em relação a você.

— Tem razão. Por Deus, e como tem razão! — Hazen terminou seu uísque, como para limpar a boca das palavras que acabara de dizer. — Este é o tipo de conversa adequada para uma noite fria de inverno, não é? Você se importaria se eu me servisse de outro drinque?

— Sirva-se.

Strand ficou olhando para o homem grande que se levantava da cadeira e se encaminhava para o bar onde se encontravam as garrafas, a jarra com água e o gelo. O velho jogador de hóquei ainda estava ali, corpulento, viril, vagamente ameaçador, desejando aparar golpes e retribuí-los. Preparou a bebida e então, virando-se para a mesa, disse:

— E quanto a você? Neste instante. Você é feliz agora?

— Não é o tipo de pergunta que habitualmente faço a mim mesmo.

— Faça. Pelos velhos tempos. — Hazen parecia zombeteiro.

— Bem, por um lado, fico contente por você ter vindo. Sentia que a nossa amizade estava sendo abalada e não estava gostando disso — falou Strand, deliberadamente. — Acho que agora ela se renova e me sinto melhor. Com relação às outras coisas. . . — Deu de ombros. — Quando Leslie não está por perto, sinto falta dela. E nunca havia passado tanto tempo sem meus filhos presentes, e sinto falta deles também. O que aconteceu no colégio foi desagradável, e ainda não acho que esteja completamente adaptado, mas prefiro ter esperanças de que, com o tempo, vá melhorar. O trabalho é suave e na maior parte recompensador. As pessoas são. . . bem. . . polidas e solícitas. No futuro, sim, espero ser feliz, razoavelmente feliz.

— O futuro — Hazen fez um ruído desdenhoso, soprando com a boca. — O futuro será terrivelmente ruim. Do modo como vão indo as coisas pelo mundo.

— Não estava pensando no mundo. Posso ser pessimista em relação ao mundo e egoisticamente otimista quanto a mim mesmo. Descobri que, quando um homem volta de um lugar muito próximo da morte e retoma aquilo que se pode chamar de uma vida normal, o otimismo é quase uma consequência automática.

Hazen retornou com o copo e sentou-se novamente à mesa. Olhou pela janela,

— Noite miserável — comentou. — Não posso imaginar o país inteiro mudando-se para o sul. Às vezes, penso que todas as cidades do nordeste, Boston, Nova York, Filadélfia, serão cidades fantasma dentro de cinquenta anos. Talvez não seja uma idéia tão má assim. Está certo, Pollyanna... — Por um instante, pareceu o mesmo homem que gritara com Strand pelo telefone. — Tudo está se tornando cor-de-rosa, diz o sr. Strand. As boas novas do século. Quer dizer então que nada mais o aborrece?

— É claro que sim. — Strand pensou na fuga de Leslie do Dunberry, no meio da noite; nas cartas assinadas por Caroline e queimadas no incinerador do porão; em Eleanor conduzindo o marido pela coleira, na Geórgia, e atraindo a antipatia dos habitantes do lugar; em Jimmy, que aos dezenove anos se envolveu com uma cantora popular quase duas vezes mais velha do que ele e que já havia passado por dois ou três casamentos; em seu celibato forçado. — É claro que sim — repetiu. — Coisas de família. Rotina. — Sabia que a palavra era falsa. — Mas prefiro não discutir nem ficar matutando sobre essas coisas. Bastam os meus sonhos, que me fazem lembrá-las.

Hazen assentiu com a cabeça, que parecia um pêndulo pesado, sem equilíbrio.

— Diga-me — disse ele, de súbito —, alguma vez já pensou em suicídio?

— Como todo mundo.

— Como todo mundo. — Outra vez o pesado e vacilante assentimento de cabeça. — Diabos, esta é uma conversa fúnebre. A bebida. Não é comum para mim. Normalmente, me faz sentir-me bem.

Strand lembrou-se da cena grotesca na primeira noite, em Hampton, quando Hazen voltou bêbado, tarde da noite, e, confuso, esbravejou e reclamou contra a profissão, a família, o mundo. Gostaria de saber como um homem de ordinário tão inteligente podia fazer essa concepção errônea de si mesmo.

— Além disso — dizia Hazen, com o evidente esforço de ser cordial —, as senhoras não estão aqui para ver o papel de idiotas que estamos fazendo, idiotas cheios de autopiedade. Falei com Linda em

Paris e ela me disse que estão se divertindo bastante. Estão encantadas por já estar acertado passarmos as festas de Natal em Hampton.

— Está acertado? — perguntou Strand, surpreso.

— Creio que me esqueci de avisá-lo. Pode conseguir que seus filhos também vão?

— Não falei com eles, ainda. — Não disse a Hazen que, depois da discussão que tiveram, havia resolvido não ir. — Tem certeza de que Leslie não tem outros planos?

— Linda perguntou a ela. . . Leslie estava no quarto quando telefonei. . . e pude ouvi-la dizer que era uma grande idéia.

— Entrarei em contato com o resto da família. — A perspectiva de dez dias longe do colégio, longe da presença cansativa de quatrocentos alunos, sozinho quando quisesse ficar com Leslie na tranqüila praia ao longo da costa do Atlântico, reanimou-o. — Estou certo de que será maravilhoso. — Sorriu. — Compreende o que quero dizer por ser capaz de ser pessimista sobre o futuro do mundo e ainda ser otimista sobre o nosso próprio? No mínimo por dez dias. Basta que nos privemos dos noticiários da tv e da leitura do *Times*, e será o Paraíso.

A campanha do apartamento tocou, e Hazen consultou o relógio.

— Deve ser Conroy. Mande-o ao prédio principal para se aquecer enquanto eu conversava com você. Vai ser uma longa viagem de volta à cidade, com este tempo. Obrigado pelos drinques. — Quando se deram as mãos, Hazen segurou a de Strand um pouco mais. — Estou contente por ter vindo. Estou velho demais para transformar amigos em inimigos.

— Não me tornei seu inimigo, Russell.

— Mas bem podia ter se tornado. — Hazen riu e saiu.

Strand sentou-se à mesa, sentindo o copo de uísque molhando sua mão, e olhou para fora, através dos arabescos formados pela geada nas vidraças, para a neve que se tornava mais espessa. Pensou nas grandes cidades do norte de que Hazen falara, meio de galhofa, os ventos despojando as avenidas do concreto e do vidro, a população fugindo. Ele, também, no primeiro inverno de sua iminente velhice, ansiava pelo sul.

No dia seguinte, quando voltou da última aula, encontrou três cartas à sua espera. A sra. Schiller colocara a correspondência numa mesa atrás do sofá da sala de estar. Houvera tempestades o dia todo. No caminho através do campus a neve penetrara nos seus sapatos e por dentro da gola do seu sobretudo; assim, antes de abrir as cartas, tirou o sobretudo, os sapatos e as meias, secou os pés, colocou os chinelos e mudou a camisa. Já ficara ensopado antes naquele dia, depois do almoço, e tinha sentido a garganta ficar seca e áspera, e uma estranha e forte palpitação no peito. Talvez aceitasse o conselho do dr. Philips e fosse a Nova York, no sábado, para que o dr. Prinz o examinasse.

Então, lembrando-se do calor interior provocado pelo uísque na noite anterior, quando Hazen estivera ali, preparou um uísque com água, sem gelo, e bebeu o primeiro gole antes de voltar à sala de estar e apanhar as cartas. Uma, viu pelo envelope, era de Caroline, a outra, de Leslie, e a terceira não tinha remetente. De um modo geral, lia as cartas de Caroline com um pequeno sorriso indulgente nos lábios. Eram curtas e efervescentes, obviamente escritas às pressas, e representavam apenas um sinal de que estava viva, aproveitando a vida, e de que amava os pais. Mas não havia recebido uma palavra ainda desde o dia em que a sra. Schiller lhe havia falado sobre as cartas encontradas na cesta de lixo do porão.

Abriu primeiro a carta de Caroline. Não fazia alusão a Romero. Caroline contava que estava passando por uma fase ótima, que fora escolhida Rainha dos Jogos Esportivos da nova temporada de basquete, e fizera amizade com duas intelectuais, uma garota que estava se especializando em filosofia e outra que estava certa de vir a ser a redatora da revista literária da faculdade, em seu segundo ano, que o treinador da equipe de corrida achava que, se ela se aplicasse, poderia ganhar da garota que sempre chegava em primeiro lugar, e que fora convidada a passar o Natal com uma família, em Beverly Hills, mas tinha recusado porque mal podia esperar para ver mamãe e papai. Também recebera um cartão-postal da Torre Eiffel numa carta da mamãe e achava que era muito sacrifício do papai passar todo esse tempo no enfadonho Dunberry sozinho, enquanto mamãe se divertia em Paris. Havia cinco cruzeiras* no final da carta, sobre a assinatura.

□ É costume das crianças americanas terminar seus bilhetes com cruzeiras, cujo número indica igual quantidade de beijos. (N. do E.)

Havia um pós-escrito: "Mamãe escreveu dizendo que fomos todos convidados a passar o Natal na casa do sr. Hazen, em Hampton, e percebi que era infantil de minha parte dizer a vocês que nunca mais iria lá outra vez. O que passou passou, e não estou nem um pouco pior por ter sido agredida na cabeça pelo painel de um carro lá. Na verdade, estou muito melhor por causa disso. Ninguém teria sonhado em me eleger Rainha dos Jogos Esportivos se meu nariz não tivesse sido quebrado".

Bem, pensou Strand, pelo menos ela sabe como sustentar uma história. Agora, era tarde demais — se não tivesse sempre sido tarde demais — para deixá-la perceber que ele sabia que não fora um painel de carro que a agredira.

Ao colocar a carta sobre a mesa, Strand lembrou-se de a sra. Schiller ter dito que Caroline era um nome que estava muito em moda.

Abriu a carta de Leslie e viu que era bem longa.

"Querido:

Tenho a maior novidade para lhe contar. Você agora está casado com uma mulher rica. É um modo de falar, é claro. O que aconteceu é que vendi o quadro das dunas que comecei no Dia de Ação de Graças, em Hampton. Linda cumpriu o que prometeu e colocou-o em exposição. Foi o primeiro a ser vendido. Talvez tenha algo a ver com o fato de que foi calculado em apenas dois mil dólares (dois mil dólares!!! Parece que representa muito mais em francos), e todos os demais começaram com cinco e atingiram preços altíssimos depois disso. Também vendi uma aquarela que fiz em cinco horas, em Mougins. Linda diz que não acreditava que alguém pudesse fazer alguma coisa nova pintando a Riviera, e eu, de alguma forma, o consegui. E, o que é ainda mais surpreendente, o homem que comprou o quadro é pintor também, muito conhecido na França, e me convidou para ir ao atelier, e ainda me disse que, se eu quisesse pintar modelos vivos ali, poderei fazê-lo, junto com ele. Incrível, não é? Sinto-me como uma tia solteirona que faz bordados em suas horas de folga e a quem de repente dizem que está produzindo trabalhos de arte. Linda diz que, se eu continuar no que chama de 'meu novo estilo' (oh, oh) e trabalhar duro, vai promover para mim uma exposição em Nova York, no ano que vem. Tenho trabalhado numa grande tela, pintando um pátio onde estive, só que não se parece com um pátio na tela, e sim com um calabouço medieval. 'Iluminado por uma luz sobrenatural, como Balthus, só que americano', é como Linda o descreve, mas você sabe como Linda é exagerada. Nunca me senti assim antes. O pincel parece mover-se sozinho. É uma sensação maravilhosa. Talvez seja alguma coisa no ar. Agora acho que sei por que os pintores precisam vir a Paris, às vezes, durante a carreira, e quanto mais cedo melhor. Se eu tivesse vindo quando tinha dezoito anos, creio que não teria tocado mais piano.

Estou nas alturas, querido, como se estivesse flutuando, e odeio ter de partir antes da data prevista. Linda sugeriu que ficássemos aqui um pouco mais do que planejamos e que nós dois déssemos um jeito de nos encontrarmos no Aeroporto Kennedy, no dia em que você for para a casa de Russell. Você terá de passar pelo aeroporto, de qualquer maneira, e, para dizer a verdade, um tempo extra longe do Dunberry me dará forças para o que terei de enfrentar quando voltar.

Sei que parece egoísmo, mas são apenas alguns dias, não é como no caso de Gauguin, que abandonou a família para pintar nos mares do sul, não é? É claro, se me quiser de volta antes, basta um telegrama.

Nesse ínterim, se você puder fazer as tarefas da família, entre em contato com as crianças e diga-lhes que pretendemos nos reunir para as festas natalinas, pois isso vai deixar-me mais tranqüila.

Espero que esteja se cuidando e que sinta a minha falta como estou sentindo a sua. Por favor, informe-me o mais rápido possível sobre o que resolver.

Por favor, não pense que, só porque estou com a idéia maluca de que posso vir a tornar-me uma boa pintora, eu me tornarei uma péssima esposa. Se eu tivesse de fazer uma escolha, sabe qual seria. Não sou Gauguin.

Dê minhas bênçãos às crianças quando falar com elas.

Linda manda muito carinho e eu mando tudo o que tenho.

Vejo você nos feriados abençoados.

Leslie."

Strand colocou a carta lentamente sobre a mesa, tentando ordenar as emoções. Reconhecia orgulho, ciúmes, uma sensação indefinida de perda entre eles. Se ela estava desejando abandonar a música, à qual havia se devotado durante toda a vida, qual seria a próxima coisa de que abriria mão? Ele mandaria um telegrama de congratulações mais tarde, quando tivesse tempo de compor uma mensagem adequadamente jovial.

Olhou à sua volta. De repente, o aposento pareceu-lhe desolado, um alojamento sem graça de solteiro. Ele, com toda a certeza, não estava flutuando.

Distraidamente, rasgou o envelope e leu a terceira carta.

"Prezado sr. Strand:

Não vou dizer-lhe meu nome. Sou a esposa de um professor do Departamento de Biologia, da faculdade onde sua filha, Caroline, estuda. Sou mãe de duas crianças pequenas."

Parou de ler por um momento. A caligrafia era miúda e uniforme. Sem dúvida, um especialista em grafologia poderia dizer muito sobre o caráter da mulher que havia escrito aquela carta. Sentiu-se um pouco aturdido, ali, sentado, segurando a carta. A letra era muito pequena e precisava forçar a vista para lê-la. Procurou os óculos e colocou-os. A letra agora surgia maior. Sinistramente maior.

"Meu marido apaixonou-se por ela. É a namorada do campus, e os rapazes amontoam-se à volta dela, como animais famintos. Meu marido me contou que, se ela o quiser, me abandonará. Combinaram ir juntos para a Califórnia, no feriado de Ação de Graças, porém, no último momento, ela viajou com um rapaz do time de futebol. Sua filha passa rapidamente de um caso a outro, me disseram, apesar de o único de que tenho certeza ser o que mantém com meu marido, pois foi ele mesmo quem me falou a respeito desse romance. Em outra época, teria sido expulsa da faculdade, passado o primeiro mês. Os tempos são outros, e os educadores desistiram de toda a pretensa disciplina ou da prática da decência; ela é mimada e acarinhada e, mais recentemente, foi eleita a Rainha dos Jogos Esportivos da temporada de basquetebol. No momento, prometeu ao meu marido que finalmente fará a viagem com ele para a Califórnia na semana do Natal. Estou reduzida à triste situação de rezar para que ela, uma vez mais, rompa com ele. Meu marido tem negligenciado o trabalho e me ignora, exceto quando discutimos, e não dispensa qualquer atenção aos nossos filhos. Recebe um salário pequeno, pois é menos do que um professor assistente, mas sei que lhe dá presentes caros.

Sei que o senhor é um professor e compreende o quanto é fácil a carreira de um homem ser destruída por negligência profissional, somada a uma indiscrição notória. Compreendo, também, como as atenções do sexo masculino, principalmente quando uma garota é jovem e bonita como sua filha, e mora longe dos pais pela primeira vez, pode virar-lhe a cabeça, podendo causar-lhe remorsos duradouros no futuro.

Não faço idéia do que o senhor sabe sobre o comportamento de sua filha ou o quanto se interessa pelo futuro dela, mas, para o bem dela e para o meu e o de minha família, suplico-lhe que faça o que for possível para fazê-la compreender como tem sido cruel e irresponsável, e para que restitua meu marido ao seio de sua família."

A carta não continha assinatura.

Ao seio de sua família. Strand releu a última linha, contendo aquele apelo bíblico. Pensou em igrejas nas pradarias, em reuniões para orar no domingo à noite. Sabia de uma coisa que o professor de biologia não sabia — que seria deixado para trás, no Natal, assim como o fora no Dia de Ação de Graças. Congratulações dos dias santificados.

Abriu a mão e a carta caiu, escorregando para o chão. Através do granizo e da neve na escuridão da noite, o pão nosso da aflição de cada dia é trazido às nossas portas, seis vezes por semana, pelo sempre consciencioso Serviço Postal dos Estados Unidos. Obrigado, Deus, pelo domingo.

Um professor de biologia, pensou. Ele mesmo fora um professor de história, e Leslie freqüentara sua aula, com a idade de Caroline, linda e recatada, e ele a desejara ardentemente. Devia sentir-se culpado? Ao menos portara-se com decência durante um ano, até Leslie se formar, e visitara o apartamento da família dela com intenção de casamento. Porém, também o professor de biologia, sem dúvida, pretendia o casamento.

O que poderia ser dito à sua filha? E quem poderia dizê-lo? Não o pai dela, pensou, jamais o pai. Leslie? Adivinhava o que Leslie diria: "Ela é uma garota crescidinha. Deixe-a resolver os próprios problemas. Apenas iremos piorar as coisas. Não vou pôr em risco a relação com a minha filha por causa de um pobre professor de biologia caipira, luxurioso e tolo". Se mostrasse a carta a Leslie, provavelmente ela diria que uma pessoa com uma letra daquelas estava destinada a perder o marido.

Eleanor? Eleanor lhe diria: "Faça o que sentir vontade de fazer". Eleanor sempre fazia exatamente isso.

Jimmy? Era uma possibilidade. Era quem tinha a idade mais próxima da de Caroline, movendo-se na correnteza da mesma geração, o protetor da irmã. Porém, com sua cantora de trinta e cinco anos, casada três vezes, Caroline por certo riria dele, se viesse a tocar em assuntos referentes à moralidade. Ainda assim, valia a pena tentar Jimmy.

Strand terminou a bebida. Isso não ajudou a aliviar a aspereza na garganta ou a pontada quente de dor nos pulmões. Levantou-se e dirigiu-se ao telefone para discar para o dr. Prinz, em Nova York. O dr. Prinz comentou que já era hora mesmo de dar notícias. Strand iria vê-lo no sábado, às onze horas da manhã. Teria de pegar o primeiro trem.

Então, discou para Jimmy. Pelo menos, pela primeira vez, ele estava em casa.

— Jimmy — disse Strand. — Preciso estar em Nova York sábado pela manhã. Podemos encontrar-nos para almoçar juntos? Tenho algumas coisas para conversar com você.

— Oh, papai — respondeu Jimmy. — Lamento. Viajo para Los Angeles sábado de manhã. Negócios. Adoraria ver você. Não poderia vir aqui, na sexta à noite, para jantarmos?

Filhos, somente através de encontros marcados, pensou Strand.

— Termina minha última aula às três horas, na sexta-feira — replicou Strand. — Posso chegar a Nova York por volta das seis horas. Ótimo. De qualquer modo, terei de passar a noite aí. Tenho um *check-up* marcado para o sábado de manhã.

— Alguma coisa errada? — Jimmy pareceu ficar imediatamente alarmado.

— Não. Apenas rotina. — Strand sentiu um acesso de tosse vindo pela garganta e controlou-o. — Você poderia providenciar um hotel?

— O Westbury é próximo daqui. Fica na Madison Avenue com a 70th Street. Posso fazer a reserva para você.

— Parece ser caro. — Havia tomado um drinque com Leslie no bar desse hotel certa tarde, depois de terem visitado o Museu Whitney, situado na vizinhança. Era sofisticado demais para ele. Os outros freqüentadores eram do mesmo tipo dos convidados das reuniões às quais Hazen os havia levado em Hampton.

— Não se preocupe — declarou Jimmy, meio distraído. — Fica por minha conta.

— Posso ficar num lugar mais barato.

— Esqueça, pai. Estou cheio da nota.

Com dezenove anos, pensou Strand, e cheio da nota. Com a mesma idade, ele se hospedara na

ACM.

— Está bem, então, se isso não for arruiná-lo.

— Reservarei a suíte nupcial.

— A noiva está em Paris — replicou Strand. — Economize seu dinheiro.

Jimmy riu.

— Sei que a noiva está em Paris. Mandou-me um cartão-postal. A Mona Lisa, no Louvre. Suponho que desejava lembrar-me que é minha mãe. E que nem toda arte é produzida por uma guitarra elétrica. Apanharei você no hotel.

Dava a impressão de ter pelo menos trinta anos, pensou Strand ao desligar o telefone. Foi até a cozinha e serviu-se de mais uma dose. Se um drinque era bom para ele, talvez dois fossem duas vezes melhor.

Jimmy levou-o a um restaurante francês, tranqüilo e elegante, com toalhas imaculadamente brancas e grandes arranjos de flores. O *maître* bajulou Jimmy e curvou-se polidamente quando o rapaz apresentou Strand como seu pai; contudo, Strand pensou detectar um rápido vislumbre de reprovação nos olhos do homem. Ao lado de Jimmy, magro, impecável num terno escuro, de cintura bem marcada, que

dava a impressão de ter sido feito na Itália, Strand tinha consciência do seu, velho paletó de *tweed* amarrotado, do colarinho largo para seu pescoço e das calças folgadas de flanela, ao serem conduzidos à mesa pelo *maître*. Quando viu os preços no cardápio ficou pasmo. Ficara pasmo, também, quando perguntou ao camareiro no Westbury o preço do quarto que lhe havia sido reservado.

— É por conta de seu filho — respondeu o camareiro.

— Eu sei — replicou Strand, irritado. A viagem até a cidade não fora confortável. Só conseguira encontrar no trem apinhado e superaquecido um lugar no vagão onde era permitido fumar, e o homem ao lado dele fumou um cigarro após outro, olhando com curiosidade para Strand ao vê-lo acometido de um acesso de tosse.

— Eu sei que é por conta do meu filho — repetiu para o camareiro —, mas apenas gostaria de saber o quanto está lhe custando.

O camareiro disse o preço, e Strand gemeu interiormente, pensando: Meu filho será também o mais jovem falido dos Estados Unidos, dentro de um ano.

Quando Jimmy apareceu, meia hora depois do combinado, Strand não o censurou pela extravagância. Na verdade, não tivera tempo de falar com ele sobre o que quer que fosse.

— Estamos atrasados — disse Jimmy, depois de informá-lo: — Pai, você está ótimo. Joan está nos esperando para um drinque. É logo virando a esquina. Ela deseja conhecer você.

— Para quê? — perguntou Strand, mal-humorado, aborrecido com a demora de Jimmy. Supôs que Joan fosse o nome da amante, ou seja lá o que fosse, de trinta e cinco anos, de Jimmy.

Talvez ela quisesse ver o carvalho de onde caiu a noz.

— Ela jantará conosco? — Com ela presente, dificilmente poderia trazer à baila o assunto relativo a Caroline e o professor de biologia.

— Não — respondeu Jimmy, levando-o precipitadamente para fora do hotel. — Somente um drinque. Joan precisa arrumar as malas para a viagem de amanhã.

— Viagem? Aonde vai? — perguntou Strand, embora soubesse.

— Califórnia — respondeu Jimmy, com indiferença. — Comigo. Detesta viajar sozinha. Não suporta.

Quando foi apresentado a Joan Dyer, em seu vistoso apartamento todo branco, no vigésimo segundo andar, com vista para o East River, Strand pensou que ela aparentava ser uma mulher capaz de suportar qualquer coisa, incluindo fogo, inundação, fome e falta de dinheiro. Era alta, magra, quase destituída de seios e dona de enormes e ardentes olhos escuros, pesadamente acentuados com sombra arroxeadas. Estava descalça, e os seus dedos amarelados se esparramavam em leque; usava um pijama negro espalhafatoso através do qual Strand podia ver o brilho rosado das calcinhas-biquíni. Não apertou a mão que ele lhe estendeu, mas disse, numa voz quase masculina, profunda e poderosa:

— Importa-se se eu beijar seu pai? — E abraçou-o, beijando-o no rosto. Foi envolvido por uma onda de perfume muito forte. O que quer que comesse ao jantar, teria de ser bastante condimentado para competir com as emanções que aderiram às suas roupas. Sabia, também, que teria de passar o lenço para tirar as marcas do batom arroxeadas antes de ir a qualquer outro lugar. Tudo isso aconteceu na porta, aberta pela própria Joan. Quando ela os conduziu à enorme sala de estar, Strand viu que Solomon se encontrava lá, de pé, ao lado da cadeira de que se tinha levantado para cumprimentá-los.

— Alô, Allen, Jimmy — saudou-os Solomon. Havia uma ponta de frieza em sua voz quando pronunciou o nome de Jimmy. O que não escapou a Strand. — Bem — continuou Solomon —, dei a minha opinião, Joan. Vocês dois irão arrepender-se do que estão fazendo.

A mulher fez um aceno lânguido e desdenhoso na direção dele. Suas unhas, compridas, de rapina, estavam pintadas de roxo, também.

— Herbie — disse ela —, você está começando a me aborrecer.

Solomon deu de ombros. Seu rosto estava bastante bronzeado e o cabelo parecia quase branco, perto do tom da pele da testa. Strand gostaria de ter perguntado onde encontrara sol em Nova York, em pleno dezembro, mas a expressão contida naquele rosto não convidava a uma conversa banal. E o rosto de Jimmy também continha uma expressão obstinada, à qual Strand já se acostumara desde que ele tinha oito anos.

— Allen — disse Solomon, e sua voz agora se tornara gentil e amigável. — Se vai ficar na cidade, podemos almoçar juntos, amanhã?

— Gostaria muito — respondeu Strand.

— No Sardi's — informou Solomon. — À uma hora. É bem próximo do meu escritório. Fica na West 44th Street.

— Sei onde é.

— Farei uma reserva. — Solomon saiu sem olhar para Joan Dyer ou Jimmy e sem dizer adeus.

— Navios que se vão dentro da noite — comentou Joan Dyer, ao ouvirem o ruído distante da porta da frente sendo fechada. Lançou um sorriso arroxeadado para Strand. — E agora posso oferecer-lhe uma bebida? Contudo, devo avisá-lo. . . só posso oferecer-lhe um coquetel de suco de cenoura com aipo. Recuso-me a envenenar meus convidados com álcool e cigarros.

— Obrigado, não estou com sede — respondeu Strand, de certa forma tranqüilizado sobre a companhia de seu filho, que, devido à profissão, automaticamente imaginava viciada em maconha, no mínimo. Uma mulher dada a sucos de cenoura dificilmente poderia ser considerada perigosa para um rapaz como Jimmy.

— Sente-se — disse Joan Dyer. — Quero dar uma boa olhada em você. Jimmy falou tanto de você! Criou um filho maravilhoso — exclamou ela, enquanto Strand se sentava, afundando quase até o chão, no sofá branco, macio e baixo, e ficava imaginando se iria precisar de ajuda para levantar-se dali. — Em nossa profissão, os rapazes são, geralmente, crianças fugitivas, imaturas, ressentidas com os pais, talentos malcompreendidos. É um sopro de ar fresco ver vocês dois juntos. Estou sendo sincera, sr. Strand.

— Joan — bradou Jimmy, com autoridade. — Por que não pára de falar tolices?

A mulher lançou um olhar maligno a Jimmy, depois sorriu com seus lábios escuros para Strand e continuou como se Jimmy não a houvesse interrompido.

— Olhando-o, sr. Strand, vejo que Jimmy herdou a inteligência e a forte personalidade do senhor. Desde o momento em que vi seu filho, tive uma sensação de serena confiança, uma sensação de ter finalmente encontrado um homem. . . uma criança quanto à idade, talvez, porém um homem de quem pude depender, cujo julgamento tanto em assuntos profissionais quanto pessoais foi sempre intuitivamente certo. O que acabei de dizer poderia explicar a cena desagradável que o senhor acabou de presenciar entre Herbie e nós dois. Estou certa de que Jimmy lhe dará outros detalhes. E agora, se me der licença, devo terminar de arrumar as malas. Precisamos estar no aeroporto ao romper do dia, por isso, por favor, não conserve o meu querido Jimmy acordado até muito tarde esta noite, sr. Strand. E espero que venha nos visitar na Califórnia, em breve, com sua linda esposa, cuja fotografia Jimmy me mostrou. Que família de sorte! Fui uma criança abandonada, levada de um lado para outro, passando de mão em mão nas casas de parentes negligentes, e, assim, posso dar valor a uma família...

— Oh, pare com isso, Joan — interrompeu-a Jimmy. — Seu pai ainda é proprietário da metade do Kansas e sua mãe possui um haras respeitável.

— Sou uma criança desamparada em espírito — replicou a mulher, com dignidade. — É por isso que as platéias reagem com tanta emoção quando canto. Canto a solidão da alma americana. — Aproximou-se de Strand, e curvou-se graciosamente sobre ele, beijando-o no rosto. — Boa noite, papai querido — disse ela, e foi deslizando para cima.

Strand estava tentando se levantar do sofá, quando Jimmy foi até ele e deu-lhe a mão, puxando-o para cima.

— O que significa tudo *isso*? — perguntou Strand.

— É uma de suas noites — respondeu Jimmy. — Nunca se sabe que personagem irá representar. A criança desamparada, a grande senhora, a anarquista, a garotinha balbuciente com um laço em volta da cintura, a fêmea fatal, a mãe natureza. . . é só mencionar uma — respondeu Jimmy, com um amplo sorriso —, e verá que faz parte do seu repertório. E não leve muito a sério a história do suco de cenouras. Perguntou-me se você bebia e, como minha resposta foi não, tornou-se uma adepta de hábitos saudáveis, por uma noite. A próxima vez em que a vir é possível que esteja bêbada e rindo às gargalhadas. Se é isso o que a faz cantar como um anjo, como ela faz, realmente, então o que resta a fazer é sentar-se e divertir-se. Vamos, pai, vamos jantar. Estou faminto.

O restaurante era bem próximo dali e, por isso, foram andando. No caminho, Strand perguntou a Jimmy o que havia de errado com Solomon, mas Jimmy deu de ombros e disse ser uma longa história, e que o poria a par de tudo durante o jantar.

Sentados à mesa aonde o *maître* os havia conduzido, Jimmy pediu um martíni. Em vários lugares que Strand conhecia Jimmy teria de apresentar a carteira de identidade para conseguir uma bebida. Mas

não ali. Strand balançou a cabeça quando Jimmy lhe ofereceu um drinque. O segundo uísque que bebera na noite em que recebera as três cartas o havia deixado com dor de cabeça, e, desde então, não tomara mais nada.

— Agora — disse ele, depois de terem feito o pedido e Jimmy ter provado o martíni. — O que aconteceu com o sr. Solomon?

Jimmy tamborilava impaciente com os dedos sobre a toalha da mesa.

— Não é nada — retrucou ele. — Atrapalhamos os planos dele, porque vamos deixá-lo. Vai superar isso.

— Nós, quem?

— Joan e eu. O contrato dela terminou e obteve uma oferta melhor. Na costa oeste. Seu segundo marido possui uma empresa musical por lá e ficaram amigos novamente. Isso significa muito dinheiro. Para nós dois. Duas vezes mais do que o velho Solomon estava me pagando e uma percentagem nas arrecadações, o que pode significar milhões com uma mulher do tipo de Joanie. E ela não quer fazer um movimento sem mim. Estava preparada para deixar Herbie mesmo antes de eu aparecer. . .

— Ele me contou que estava a ponto de despedi-la. Até você surgir.

— Disse isso? — indagou Jimmy, despreocupadamente. — De alguma forma, Joan se apegou a mim. Possuímos as mesmas vibrações. Ela nem mesmo canta dó, ré, mi a menos que eu aprove. O segundo marido dela é jovem e sabe o que a garotada está fazendo, e isso representa noventa e nove por cento dos negócios atualmente. Não é como o velho Herbie. A banda passou, e o velho Herbie não viu. Está atolado na praia, só que odeia admitir isso.

— Ele foi muito bom para você.

— Isso representava dinheiro no banco para Solomon. Não lhe devo coisa alguma. Ter gratidão em transações comerciais é o mesmo que colocar uma faca na mão de um cara e ensiná-lo como cortar-lhe a garganta. Gosto daquele danado, mas negócios são negócios. — Jimmy pediu um segundo martíni. — Joan e eu vamos ter nossa própria gravadora. Assim, ficaremos com o crédito e o nome, sem empregar grande parte do dinheiro. E serei o meu próprio patrão. Nada de ficar correndo de um lado para outro como um menino de recados quando o velho Herbie decide que quer um relatório sobre um músico *country*, em Nashville ou Peoria. Você e mamãe poderão ir até Beverly Hills e nadar na minha piscina.

Strand olhou, sério, para o filho.

— Jimmy — disse ele —, acho tudo isso profundamente repugnante. Nunca pensei que diria essas palavras, mas estou envergonhado de você.

— Pai — respondeu Jimmy, sem raiva —, não é todo mundo que pode ser um cavaleiro da Távola Redonda como você. Camelot ruiu, mesmo que as notícias ainda não tenham chegado até o Dunberry. Bem, ao telefone você disse que tinha algo que precisava conversar comigo. O que é?

— Nada — respondeu Strand, lacônico. — Mudei de idéia. Queria que você fizesse algo por mim. Pela família. Creio, agora, que fiz a escolha errada. — Levantou-se.

— Aonde você vai?

— Estou indo embora.

— Seu jantar logo estará aqui. Sente-se.

— Não estou com fome.

— Não quer nem mesmo saber meu endereço na Califórnia? — Havia um tom de lamento na voz de Jimmy que fez Strand lembrar-se da vez em que o filho, em pequeno, havia caído, esfolando os joelhos, e voltara correndo para casa, a fim de ser consolado.

— Não, Jimmy, não quero saber seu endereço. Boa noite. — Strand atravessou o salão do restaurante em direção ao vestiário. Apanhou o casaco e, enquanto o vestia, olhou para trás e viu que Jimmy encomendava um terceiro martíni. Saiu e caminhou umas poucas quadras, pelas ruas geladas, até o Westbury, tomou o elevador até o quarto e deitou-se na escuridão. O telefone tocou duas vezes antes que pegasse no sono, mas não atendeu. Entre as coisas que lamentava nessa noite era ter de permitir que Jimmy pagasse a conta do hotel, pois não trouxera dinheiro suficiente.

O dr. Prinz não parecia estar mais sério do que de hábito ao sentar-se atrás da escrivaninha, depois do eletro, do exame da pressão sanguínea, do teste de *stress* e das radiografias. Strand tomou isso como bom sinal.

— E então, doutor? — perguntou.

— Está tudo muito bem — respondeu Prinz. — Pelo menos o que podemos saber. A pressão ainda está um pouco alta, mas não é alarmante. Porém... — Interrompeu-se.

— Porém o quê?

— Não gosto da sua *aparência*. Seu aspecto, no conjunto, e algo em seus olhos. Se eu não o tivesse visto, se fosse um desses grandes especialistas que nunca põem os olhos no paciente e apenas examinam os resultados das radiografias e dos testes nos quais se baseiam, diria que para um homem de sua idade, que sofreu um ataque cardíaco grave, está surpreendentemente em boa forma. Mas não sou um grande especialista. Sou um velho e pobre clínico-geral que já viu você, que é meu amigo, em dias melhores.

Strand riu.

— Também já o vi em dias melhores — comentou.

— Pode apostar que sim. Acontece que não deve ocupar-se comigo, mas devo ocupar-me com você. Isso não está nos testes, porém imagino que esteja dormindo pouco...

— Imaginou certo — respondeu Strand.

— E que está sob algum tipo de tensão nervosa... — O dr. Prinz olhou para Strand, com intensidade, como se quisesse obrigá-lo a uma confissão.

— Um pouquinho — admitiu Strand.

— Não quero parecer um desses charlatões que receitam sedativos toda vez que uma dama da sociedade fica fora de si porque não foi convidada para uma festa — declarou Prinz —, mas acho que uma dose de librium duas ou três vezes por dia talvez fosse bom para você. Um ano de férias numa praia seria melhor, mas suponho que, provavelmente, não possa dispor de um ano.

— Provavelmente, não — respondeu Strand, secamente.

Prinz rabiscou algo num bloco de receitas e colocou a folha de papel sobre a escrivaninha.

— Compre isto e vamos ver se lhe faz bem. Tenho a impressão de que pode ser cansaço. Pode ser mental, pode ser qualquer outra coisa. Talvez, quando vier da próxima vez, possamos fazer alguns testes da tireóide. Às vezes, há entre a glândula da tireóide e o cerebelo uma combinação curiosa. Bem. . . — Suspirou. — Não há milagres neste sábado.

— Mais uma coisa — disse Strand, sentindo-se embaraçado.

— Sexo?...

Por trás dos óculos, Prinz lançou-lhe um olhar de soslaio, o primeiro e autêntico vislumbre de simpatia, em meio, talvez, a um certo divertimento.

— Nenhuma prescrição — determinou. — Poderia matá-lo ou fazê-lo sentir-se um jovem zagueiro de vinte anos. Diga a Leslie que sinto falta dos nossos saraus.

— Obrigado por tudo. — Strand levantou-se, Prinz ergueu-se também e acompanhou-o até a porta do consultório.

— A propósito — disse —, como vai seu amigo, Hazen?

— Amistoso. — O dr. Prinz devia andar ocupado demais para ler o *New York Times*. — Circulando pelo país, como sempre.

Prinz assentiu com a cabeça.

— Detestaria tê-lo como cliente fixo. É um desses sujeitos que, se eu dissesse que tinham alguma doença, quando viessem ao consultório, na vez seguinte, já teriam lido tudo sobre o assunto, iriam dar-me aulas sobre por que tinham a doença ou por que não a tinham, e criticar meu tratamento por estar cinquenta anos atrasado. E convidariam doze especialistas do John Hopkins, da Califórnia e do Texas, para conferenciarem comigo. Mas — riu — os ricos *vivem* mais do que nós. Cuide-se, Allen. — Abriu a porta do consultório para Strand. — E moderação em tudo. A receita Prinz para uma vida longa e moderadamente feliz.

Strand caminhou pelo Central Park West, carregando uma pequena valise, porque já tinha saído do hotel. Estava um dia ameno, a luz pálida do sol fazendo que as árvores nuas do parque traçassem formas de sombras rendadas sobre o gramado castanho. Sentiu uma sensação crescente de liberdade com a qual não estava acostumado. Não tinha deveres que o preocupassem, exceto o de estar vivo para a primeira aula da segunda-feira; portanto, caminhou pela sua bem-amada cidade natal, naquele clima agradável, entre crianças livres das salas de aula, que andavam de bicicleta pelo parque em roupas coloridas, e casais descontraídos, de rostos plácidos e expressões domingueiras, encaminhando-se sem

pressa para o almoço. Fora presenteado com um certificado de saúde ou, pelo menos, de saúde condicional. Isso poderia ser chamado de uma jogada entre si mesmo e a morte. Haveria uma revanche depois, mas Nova York ao meio-dia, com o parque repleto de freqüentadores, nessa época do ano, não era nem o lugar nem a hora mais indicados para se pensar nisso. Era tudo agradável demais. Deteve-se para que um grupo de crianças muito sérias a cavalo pudesse cruzar a avenida em direção às trilhas próprias para animais, situadas do outro lado, e isso aumentou o prazer que sentia.

Passou pela rua onde morava Judith Quinlan e ficou imaginando se ela estaria em seu estúdio naquele momento e especulou sobre o que poderia estar fazendo. Lavando o cabelo, ouvindo música, preparando-se para alguma vespéral? Acabara lendo a carta que ela havia enviado quando saíra do hospital. "Melhore, por favor", havia escrito. "E se precisar de alguma coisa, se desejar alguns livros, comentários do colégio ou uma amiga para ler para você, por favor, procure por mim."

Não respondera à carta e agora sentia uma pontada de remorso. Por um momento, quase parou e enveredou pela sua rua para ir tocar a campainha do apartamento. Mas, se pretendia ir a pé até o Sardi's e chegar lá à uma hora para encontrar Solomon, não teria tempo para ver Judith Quinlan. Pensando nela, percebeu que sentia falta do seu andar apressado para alcançá-lo depois da aula e das xícaras de café que tomavam juntos nas lanchonetes, a caminho de casa, e esteve próximo como nunca estivera de enrubescer quando se lembrou da vez em que subira ao apartamento dela e Judith lhe havia servido uma bebida e aberto sua camisa, acariciando-lhe o peito. A sensação de formigamento que sentiu fê-lo sorrir, e uma jovem que vinha na direção oposta sorriu docemente em retribuição. Com galanteria, tocou na aba do chapéu. O sorriso dela ampliou-se diante desse gesto, e Strand continuou a andar, imprimindo uma nova cadência aos seus passos, apesar de, ao aproximar-se do restaurante onde deveria encontrar-se com Solomon, lamentar ter marcado o compromisso. Não se sentia disposto a discutir sobre o filho, nesse dia.

Durante o almoço, Solomon não fez qualquer menção a Jimmy. Perguntou por Leslie, Caroline, Eleanor e o marido e pediu informações solícitas sobre a saúde de Strand, contando sobre um amigo seu, de sessenta anos, que havia sofrido um ataque cardíaco bem pior do que o de Strand e que, agora, jogava três *sets* por dia em partidas simples de tênis. Respondendo a uma pergunta de Strand sobre seu bronzeado, explicou que havia acabado de chegar da Califórnia, onde passara uma semana estendido ao sol, à beira da piscina do Beverly Hills Hotel, esperando um cantor de *rock* decidir-se sobre um contrato que acabou não se firmando. O bronzeado, entretanto, tinha feito a viagem valer a pena. Quando falou seriamente, foi sobre Hazen. Solomon, sem dúvida, tinha estado tão ocupado quanto o dr. Prinz, mas encontrara tempo para ler os jornais. Telefonara a Hazen para saber se havia algo que pudesse fazer — ele também conhecia muitas pessoas em Washington —, mas Hazen tinha lhe assegurado que tudo aquilo iria passar e não havia nada com que se preocupar.

— Não tenho tanta certeza — comentou com Strand. — Um amigo meu que trabalha nos escritórios da UPI, em Washington, contou-me que *alguma coisa* está acontecendo, mas que não sabe exatamente o que é ainda. Estou preocupado com Russell. Estão tentando atingi-lo em seu ponto mais vulnerável e na única coisa de que se orgulha, sua reputação. Com tudo o que tem visto e feito, nunca precisou colocá-la em risco, em toda a sua vida, e agora poderá topar com uma armadilha. Tentei sugerir que fosse ver um advogado que ajudou a mim e a alguns de meus amigos a sair de casos um tanto confusos. . . casos como o dele. . . processos por plágios, duvidosas violações de contrato, calúnias e difamação, itens falsos em folhas de pagamento, restituições erradas de imposto de renda, contabilidade fictícia, chantagem, suborno de funcionários de sindicatos. . . o lado inferior mas necessário da lei, que mantém as engrenagens dos negócios funcionando. Mas, quando mencionei o nome do homem, Hazen apenas bufou com impaciência e disse que não iria sujar as mãos com um rábula como aquele. — Solomon balançou tristemente a cabeça. — Ele pode acordar um dia e descobrir que é um homem acabado, talvez não no tribunal, mas nas primeiras páginas do *New York Evening Post*, mesmo sem ter feito nada realmente contra a lei.

— Acha que ele *fez* alguma coisa contra a lei? — perguntou Strand.

Solomon sorriu para ele como para uma criança ingênua.

— Allen — replicou —, você é um estudioso da história. Em toda a nossa história, na história de toda a humanidade, houve alguma vez um homem ambicioso, poderoso, que. . . bem. . . não espichasse um pouco a lei aqui e ali, levado pelo orgulho, honestidade, religião, impaciência com a burocracia e

desejo de ser reconhecido? O que há com você? Minha mulher apelidou, como brincadeira, os meus negócios de As Minas do Rei Solomon. Você pensa que cheguei onde estou pingando todos os is e cruzando todos os tês?

— Está me dizendo tudo isso porque acha que Hazen chegou a um ponto em que o Departamento de Justiça tem o direito de atacá-lo, é isso?

— Estou sugerindo que é possível — Solomon respondeu, com gravidade. — Se você conseguisse que Russell seguisse meu conselho quanto ao advogado que lhe ofereci, estaria prestando um grande favor a ele.

— Russell me considera um professor distraído com a mente de uma bibliotecária solteirona. Acredita que me ouvirá?

Solomon riu.

— Não.

Tomavam o café agora, e Strand podia ver que a disposição de Solomon de repente tinha mudado e que ele o olhava de modo especulativo, como se estivesse tirando alguma conclusão sobre ele.

— Francamente, Allen! — exclamou Solomon. — Não o convidei para almoçar para falarmos de Russell Hazen. Falou com Jimmy?

É agora, pensou Strand, preparando-se.

— Sim — respondeu. — Ontem à noite.

— Ele lhe contou que me deixou?

— Sim.

— Disse por quê?

— Disse. — Tentou parecer neutro. — Parece-me que a sua razão principal é ele querer melhorar de posição. — A despeito do que sentia, sabia que estava tentando defender o filho.

— Melhorar de posição — retrucou Solomon, pensativamente. — Acho que você pode dizer que é isso. Por enquanto.

— Uma mulher muito peculiar, é o mínimo que se pode dizer — comentou Strand. — Acho que ela o mantém hipnotizado.

— Receio que seja o contrário, Allen. Ela é que foi hipnotizada. Naturalmente, sexo tem muito a ver com tudo isso. Ela tem se apaixonado por todo homem que se aproxima dela, e foi um acontecimento Jimmy apaixonar-se por ela.

— Acontecimento?

— Allen — observou Solomon, com paciência —, você viu a mulher. Você teria se apaixonado por ela?

— Não tenho dezenove anos — respondeu Strand, sabendo que esse era o mais fraco dos argumentos.

— A idéia toda é de Jimmy — criticou Solomon. — Ele me contou o suficiente. Há um mês, Jimmy veio falar comigo e me fez uma proposta: queria uma etiqueta só para eles, divisão dos lucros, nenhuma interferência de minha parte na seleção do material, marcação das atividades, escolha dos conjuntos de acompanhamento, tudo. Ótimo para um rapaz de dezenove anos que empreguei como aprendiz há alguns meses para agradar a um amigo. Jimmy acrescentou que me daria um mês, quando terminasse o contrato dela, para eu pensar na proposta. Se dissesse não, ele a tiraria de mim. Joan é a maior vendagem de discos que já tivemos, mas disse não. Posso fazer uma pequena chantagem comigo mesmo, de vez em quando. — Solomon esboçou um pálido sorriso. — Mas não me submeto a chantagens. Disse a Jimmy que estava despedido, mas Dyer fez uma tal encenação histérica — ela estava no meio de uma gravação que ia levar, no mínimo, três semanas, mesmo em condições normais —, que tive de manter Jimmy por mais um mês. Mas, agora, já não está mais comigo. Quis apenas que você conhecesse a verdade.

— Obrigado — replicou Strand, com tristeza.

— Espero que qualquer amizade que você tenha por mim não seja afetada.

— Não será — respondeu Strand, embora tivesse dúvidas quanto a isso.

— Os negócios no mundo da música representam um comércio ingrato — exclamou Solomon. — Às vezes, matam. Mas as pessoas, principalmente os jovens, acham que podem ir até as últimas, dominar todo mundo, ignorar todas as regras. Estão enganados. Receio que o seu Jimmy não seja suficientemente forte, e ele nunca o será se acumular inimigos tão rapidamente. Terá seu pequeno momento de glória,

Allen, mas começará a escorregar e não conseguirá parar. Não fico feliz com isso. Na verdade, isso me entristece, porque sei que minhas profecias são verdadeiras. Essa mulher é uma ameaça, uma bomba esperando a hora de explodir. A voz acaba, e ela sabe disso. Precisa ser protegida, e Jimmy não tem capacidade de proteger a própria mãe para evitar que se molhe num chuveiro. Dyer é violenta e maníaco-depressiva, e no momento em que aparecer algum novo gênio, numa noite em que a estiverem vaiando ou quando o telefone parar de tocar, estará pronta para uma de suas tentativas de suicídio. Se você puder persuadir Jimmy a recobrar o juízo, eu o aceitarei de volta. Eventualmente, posso transformá-lo de novato num profissional. E não é por mim, é por ele. Acredita, não é, Allen? — Solomon olhava fixamente para o outro lado da mesa. — Não é?

— Acredito — respondeu Strand. — A noite passada, disse a ele que o que estava fazendo era repugnante. . . Não tenho o hábito de usar uma linguagem forte, como sabe, e o que eu disse foi forte demais até para mim. Disse que tinha vergonha dele, e me levantei da mesa e saí. Mas sei que não há nada que eu possa fazer. Se foram os últimos meses que o mudaram ou se ele foi sempre assim, não poderia dizer. Seja o que for, Jimmy vai seguir o próprio caminho. — Lembrou-se do que o filho havia dito sobre gratidão. É como colocar uma faca na mão de um cara, ele havia dito, e dar-lhe lições sobre como cortar a nossa garganta. — Meu filho saiu da minha vida — disse, delicadamente, ao homem bronzeado, racional, magnânimo, sentado à sua frente. — Tudo o que penso fazer é dar-lhe um aceno de adeus. Sinto muito.

Solomon estendeu a mão e tocou no braço de Strand.

— Sabe do que precisamos? — perguntou. — Um conhaque. O melhor conhaque da casa.

Tomaram o conhaque, e depois Solomon disse que tinha uma entrevista com um compositor, no escritório.

— É meio doido — declarou Solomon. — Só quer ir ao escritório nas tardes de sábado. É seu dia de sorte, diz ele. Perdi duas viagens a Palm Springs e deixei de passar um fim de semana esquiando por causa do filho da puta. Quer entrar para o comércio da música, Allen? — Sorriu.

— Não, obrigado — respondeu Strand, observando o homem atravessar o restaurante e dirigir-se para a porta, a imagem perfeita do sucesso e do bem-estar saudável, acenando benignamente, com um gesto papal de bênção, para os amigos às mesas por onde passava.

Estava na Grand Central Station, esperando pelo trem das três e vinte, para Connecticut. Um casal jovem — um rapaz alto e uma garota bonita e muito baixa — trocava beijos de despedida, como se aquele que iria viajar fosse ficar ausente por um longo tempo. Strand olhou para eles, divertido mas um pouco embaraçado diante da sensualidade pública do abraço. Na caminhada pela cidade, vindo do restaurante, estivera pensando em Jimmy, que embarcava só Deus sabe para que tipo de aventura; na atitude provocante de Caroline, a improvável destruidora de lares, que atormentava os homens à sua volta, caso a esposa anônima do professor de biologia devesse ser levada a sério; em Eleanor, confinada numa cidadezinha da Geórgia porque, conforme ela própria dissera, não podia viver sem o homem que havia escolhido e que a escolhera. A perspectiva de passar o resto do fim de semana sozinho no campus frio e desolado pareceu-lhe mais triste do que nunca. A cidade fizera reviver antigos fluidos nele. Pela primeira vez ressentia-se da ausência de Leslie. Flutuando, lembrou-se da carta. Ele também poderia flutuar se estivesse em Paris. Afastou-se dos jovens ainda agarrados um ao outro e foi para o lado da estação onde ficavam as cabines de telefones. Procurou o número no catálogo de Manhattan, hesitou, depois colocou uma moeda na fenda e discou. Aguardou dez toques. Não houve resposta. Judith Quinlan não estava em casa. Desligou, apanhou a moeda e dirigiu-se, apressado, para o portão da plataforma, aberto agora. Entrou no último vagão exatamente quando o trem se movia lentamente, saindo da estação. Ao procurar um lugar, viu a jovem que estivera beijando o rapaz no portão. Estava chorando, enxugando os olhos com um lenço.

As mulheres são afortunadas, pensou, ao sentar-se em frente à jovem. Elas podem chorar.

Por um momento, pensou em se levantar e sentar-se ao lado da jovem para consolá-la, talvez para consolar a si mesmo. Nunca havia abordado uma moça e duvidava de que pudesse começar a fazê-lo naquele momento.

Sentindo-se infeliz e desgraçadamente virtuoso, um pecador na intenção e já sofrendo os remorsos de um pecador, sem ter provado qualquer prazer do pecado, amaldiçoando-se por não ter tido a idéia de

telefonar quando acordara naquela manhã, para avisar Judith Quinlan de que estava em Nova York, ficou olhando fixamente pela janela, mal-humorado, enquanto o trem saía do túnel sob a Park Avenue e entrava com estrondo no trilho elevado, sob a luz empalidecida do sol de inverno.

Quando o trem chegou a New Haven, onde tinha de fazer a baldeação para pegar a linha do norte, viu que a jovem deixara de chorar havia muito tempo, maquilara-se com cuidado com pó-de-arroz e ruge e conversava animadamente com um rapaz de longo casaco de pele que embarcara em Stanford.

Aquilo o fez lembrar-se de Romero e da namorada *stripteaser*. Em questões essenciais, como falar com moças estranhas nos trens, pensou Strand, Romero era infinitamente mais sábio do que seu professor de história.

O tempo zombava dele. Era uma manhã de domingo ensolarada, animada, e os poucos rapazes que ficaram no campus no fim de semana jogavam futebol, e seus gritos jovens e alegres chegavam até ele através da janela aberta. Nunca tivera aptidão ou tempo para jogos quando tinha aquela idade, e as vozes dos rapazes do lado de fora da janela, ao sol incomum de outono, fizeram-no pensar com tristeza nos belos dias perdidos de sua mocidade, dias que passaram sem serem apreciados.

Sentia-se inquieto e solitário. Durante o período letivo, tomara chá na Red Top Inn com a srta. Collins nas tardes agradáveis, quando caminhavam juntos até a cidade. Apreciava a calma melodia da voz dela, a distância que mantinha dos comentários do colégio e suas explanações modestas sobre o livro que estava escrevendo a respeito dos romancistas americanos da década de 30. Duas vezes trouxera consigo trabalhos feitos por Romero em suas aulas, que ela considerava particularmente interessantes e bem-realizados, e enrubescera quando Strand a tinha felicitado por estar conseguindo tirar o que de melhor havia no garoto. Decidiu convidá-la para almoçar, porém, ao telefonar, sua velha mãe, com quem morava, informou que a srta. Collins tinha ido passar o dia em Nova York. Não estou tendo muita sorte com professoras de inglês ultimamente, pensou Strand, ao desligar.

Precisava desesperadamente conversar com Leslie. Mas contar-lhe sobre as cartas de Caroline, a mudança de Jimmy para a Califórnia e as razões que o tinham motivado a ir para lá só iria estragar as férias dela. Sabia que, se telefonasse, ela pediria notícias dos filhos, ele seria obrigado a mentir, e Leslie perceberia o tom de falsidade em sua voz; sendo assim, a conversa não iria terminar bem. Além disso, as ligações para o outro lado do Atlântico eram proibitivamente caras e sabia que iria lamentar esse seu gesto, mesmo que a conversa com Leslie transcorresse serenamente, quando a conta chegasse no fim do mês. Os anúncios da companhia telefônica nas revistas sempre mostravam pais satisfeitos fazendo ligações a grande distância para seus filhos sorridentes, porém não incluíam avisos de que esse era um hábito perigoso a que professores com salários reduzidos não deviam ser encorajados.

Nunca invejara, em Hazen, a casa na praia, os quadros maravilhosos, a liberdade para viajar e jantar em restaurantes caros, mas o que invejava de fato nele era o modo despreocupado com que podia dispor do telefone e conversar demoradamente com quem quisesse na Califórnia, Inglaterra ou França, no momento que desejasse. Com uma ponta de malícia, causada pela sua predisposição à autopiedade, pensou que, a despeito de todo esse domínio sobre chamadas a longa distância, Hazen não fora de todo bem sucedido em comunicar-se com a esposa e os filhos.

Lembrou-se de que fora Eleanor quem lhe contara sobre a morte do filho de Hazen por dose excessiva de drogas. Não recebia notícias da filha havia mais de um mês e decidiu que já era tempo de falar com ela e ver se poderia vir passar em Hampton pelo menos parte do feriado de Natal. Eleanor não era de falar muito pelo telefone, e a chamada para a Geórgia poderia ser considerada uma despesa necessária e modesta. Consultou o caderninho de telefones. Q número estava anotado duas vezes — uma em Strand e a outra em Gianelli.

Discou o número. Atenderam logo em seguida, como se quem quer que estivesse lá tivesse ficado impacientemente esperando um telefonema. Era a voz de Giuseppe no outro lado da linha. Pareceu brusco ao dizer "alô".

— Giuseppe — falou Strand. — Aqui é Allen. Como vai?

— Oh... Allen. — Agora Gianelli parecia desapontado. — Estou bem. Acho.

— Eleanor está aí?

Houve um silêncio prolongado no outro lado, e Strand pensou que a ligação tivesse sido cortada.

— Giuseppe — exclamou ele —, ainda está aí?

— Estou aqui — respondeu Giuseppe —, mas Eleanor não está. — Soltou uma estranha usada. Ocorreu a Strand que talvez seu genro estivesse bêbado. Contudo, não parecia haver essa possibilidade, visto que eram apenas onze horas da manhã de um domingo.

— Quando você espera que ela esteja de volta? Gostaria que Eleanor ligasse para mim.

— Não espero.

— O quê? — perguntou Strand, elevando a voz. — Do que está falando?

— Que não estou esperando que volte, é só. — Havia agora um tom de hostilidade na voz dele.

— O que está acontecendo por aí?

— Nada. Estou aqui sentado em minha maldita casa, chove na Geórgia, e não espero que minha mulher volte.

— O que está acontecendo, Giuseppe? — Strand tornou a perguntar, tentando fazer que a voz soasse tranqüilizante.

— Eleanor foi embora.

— Para onde?

— Não sei. Sumiu de vista. Foi-se apenas. Suas últimas palavras foram, por coincidência, "Não me espere de volta".

— Vocês brigaram?

— Não, realmente. É mais uma pequena divergência de opiniões.

— Do que se trata, Giuseppe?

— Deixarei que ela mesma lhe conte — respondeu Giuseppe, com voz neutra, mas pouco amistosa. — Estou sentado aqui há cinco dias e cinco noites, desde que ela foi embora, repassando tudo o que aconteceu, sem parar, e me sinto cansado disso. Certamente, entrará em contato com você de um jeito ou de outro.

— Está tudo bem com ela?

— Quando partiu, parecia estar em perfeitas condições físicas e mentais, se é com isso que está preocupado.

— Você não tem nenhuma idéia. . . — Strand interrompeu-se. Houve um clique no outro lado da linha e a seguir o silêncio. Giuseppe tinha desligado. Strand ficou olhando, aturdido, para o telefone em sua mão.

Ouviu através da janela a voz de um garoto, gritando excitado "Corta, corta!", e depois aplausos zombeteiros, o que significava que o garoto que se havia adiantado para o passe o havia perdido.

Eleanor estivera em casa para o jantar na noite em que Caroline trouxera Hazen atordoado e ensanguentado, do parque. Havia ido embora de táxi com Hazen, no fim da noite, noite essa em que Hazen dissera em particular a Strand: "Preciso dizer-lhe algo que talvez não devesse. Invejo-o pela família que tem, senhor. Extremamente".

Strand duvidava que Hazen repetisse isso agora, nessa linda manhã de domingo, quando, se lhe perguntassem onde seus filhos seriam encontrados, poderia informar apenas o endereço de um dos três.

E se ele próprio quisesse visitar a filha mais moça, primeiro teria de se assegurar de que ela estaria no próprio quarto sozinha quando ele chegasse.

Havia uma perua amassada, com placa da Geórgia, estacionada diante da Malson Residence, quando voltou para casa no dia seguinte, depois da última aula. Piscou ao vê-la, como se se tratasse de alguma aparição, então diminuiu o passo, andando lentamente, com dignidade, em direção à casa.

Eleanor estava sentada no salão comunitário, conversando com Rollins. Ainda não tirara o casaco, e havia uma grande mala no chão, ao lado da cadeira. Não o viu, porque estava meio de costas para a porta. Strand vacilou um momento, sentindo uma onda de alívio dominá-lo, quando a viu com aspecto normal e à vontade, como se fosse a coisa mais rotineira do mundo chegar da Geórgia sem se fazer anunciar, para uma visita a seu pai.

— Eleanor — exclamou, calmamente.

Ela se virou, levantou-se de um salto e se encontraram no meio da sala. O abraço foi rápido, e ela o beijou levemente no rosto.

— Papai, fico contente em ver você — disse ela.

— Está aqui há muito tempo?

— Há uns quinze minutos. E o sr. Rollins foi muito gentil em me fazer companhia.

Strand assentiu com a cabeça. Sentiu dificuldade em reprimir o impulso de colocar os braços em

volta da filha e abraça-la estreitamente, com amor e alívio. Mas Hitz e dois outros rapazes vinham descendo a escada com algazarra e depois ficaram por ali, olhando com curiosidade para eles.

— Vamos para o apartamento — disse Strand. — Esta é a sua mala?

— É. Espero que não se importe em me ter aqui por alguns dias. — Sorriu. Um sorriso franco, generoso, que sempre o emocionara profundamente, em especial quando Eleanor começou a amadurecer e a adquirir um aspecto severo e eficiente.

— Tive notícias de mamãe e sei que não estará de volta senão no Natal. Achei que iria gostar de companhia.

— Claro que sim.

Rollins apanhou a mala de Eleanor e, com os três rapazes ainda ao pé da escada a observá-los, eles se dirigiram através do *hall* até o apartamento. Rollins depositou a mala na sala de estar.

— Obrigada — agradeceu Eleanor.

— Sr. Strand — disse Rollins. — Tenho uma carta para o senhor. É de Jesus. Fui para casa no fim de semana e ele me pediu que a entregasse ao senhor.

— Como ele está passando? — quis saber Strand, ao deixar a carta sobre a mesa. — Está se comportando bem?

— Em minha família não há escolha. Está se saindo bem — informou Rollins. — É o bichinho de estimação lá de casa. Está trabalhando no posto de gasolina de meu irmão. Ficou sabendo na semana passada que o julgamento está marcado para o dia 7 de janeiro, mas isso não parece preocupá-lo muito. Senhorita, quero dizer, sra. Gianelli, se houver alguma coisa que possa fazer pela senhora aqui, nos arredores do colégio, lembre-se de que estou às ordens.

— Eu me lembrarei. — Eleanor havia tirado o casaco e lançava um olhar crítico à sua volta. — Não é lá muito formidável, não é mesmo? — comentou, quando Rollins já havia saído.

— Tem melhor aspecto quando sua mãe está aqui. Eleanor riu, aproximou-se e abraçou-o com força, desta vez um abraço de verdade.

— Você não mudou nada, não é, papai? Agora, do que eu gostaria era de uma forte e saborosa xícara de chá. Mostre-me onde ficam as coisas na cozinha, sente-se e relaxe. Sabe de uma coisa — o tom de sua voz tornou-se sério —, você não está com um aspecto tão bom como deveria. Não está sobrecarregado de trabalho, está?

— Estou bem — respondeu Strand, breve. Conduziu-a até a cozinha e sentou-se, enquanto a filha preparava o chá. — Bem — começou ele —, acho que devia falar-me de você. Conversei com Giuseppe, ontem.

Ela suspirou e voltou-se do fogão.

— O que foi que ele lhe disse?

— Apenas que você tinha ido embora, que não sabia onde estava e que disse a ele para não esperá-la de volta.

— Foi tudo o que contou a você?

— Desligou antes que terminássemos a conversa.

— Bem — disse Eleanor —, pelo menos ainda vive.

— O que isso significa?

— Significa que andaram ameaçando a vida dele. Nossas vidas.

— Meu Deus. Fala sério?

— *Eles* falam sério. Há uma semana, colocaram uma bomba em nossa varanda que fez ir pelos ares as janelas e a porta da frente. Não estávamos em casa quando aconteceu. Da próxima vez, disseram, vamos estar, quando fizerem a visita.

— Quem são *eles*?

Eleanor deu de ombros.

— Os sustentáculos da igreja. O prefeito, o chefe de polícia, o cunhado do prefeito, proprietário de uma firma de construção que realmente trabalha pela cidade, um par de advogados que controlam os magistrados. . . é só imaginar e eles serão *eles*. Giuseppe chegou lá e em apenas alguns meses desenterrou coisas de todos eles que dariam para mantê-los presos por um século. Estava possuído da febre de Watergate. Agia como se a sua famosa reportagem de investigação fosse salvar a nação de um exército invasor. Era toda a sujeira normal de uma cidadezinha, uma sujeira que *vinha* se acumulando desde a Guerra Civil, mas viviam muito bem com aquilo e ficaram aborrecidos conosco. . . nortistas e italianos. . .

que chegamos despedindo gente, fazendo confusão. Mas, depois, Giuseppe atacou alguns casos de âmbito federal; foi quando começaram os telefonemas de ameaça, no meio da noite. Tentei pôr na cabeça dele que fazer que fosse aplicada uma multa num homem que está sendo pago em dobro para melhorar o sistema de esgoto era uma coisa pela qual não valeria a pena ser morto, mas meu marido é um cabeça-dura obstinado, e agora, depois da bomba, está disposto a se vingar também. Comprou um revólver e fica com ele no colo, sentado na sala de estar, no escuro. E a parte mais triste disso tudo é que ele não é particularmente um bom jornalista e, provavelmente, o jornal poderia ser mais bem-feito por um grupo de garotos do científico. Quanto a mim, as coisas que tive de fazer para o jornal foram degradantes, eram tão insignificantes!... Eu disse a ele que havíamos cometido um erro, que ele não devia esperar que eu fosse concordar em ser cúmplice de um duplo suicídio por causa disso. Dei a ele um dia para pensar, depois do último telefonema que recebemos. Disse que ia embora, quer ele viesse comigo quer não. — Estivera falando de forma inexpressiva, sem emoção, mas então o seu rosto se agitou, e o som de sua voz ficou menos controlado. — Respondeu-me que não precisava de um dia para pensar. Então parti.

— Mas que história horrível! — lamentou-se Strand. Levantou-se e foi até o fogão, onde Eleanor colocava água da chaleira no bule de chá, e passou o braço pelo ombro da filha. — Sinto muito mesmo.

— Casamentos se rompem todos os dias — declarou ela. — Por motivos piores. Onde está o açúcar?

Strand apanhou o açúcar e sentaram-se à mesa da cozinha, diante das xícaras.

— Por que não me procurou antes? Onde tem estado todo esse tempo? — perguntou Strand.

— Precisava ter certeza de que não ia voltar para ele antes de anunciar a todos as boas novas — declarou Eleanor. — Isso levou algum tempo. Depois, queria procurar um lugar para morar e arranjar um emprego, pois assim ninguém teria de se preocupar com a possibilidade de eu me tornar um fardo para a comunidade do norte gelado.

— Encontrou um lugar para morar e um emprego?

Ela assentiu com a cabeça.

— Na antiga firma. Começo no dia 2 de janeiro. Subiram meu salário. Meu nome estará escrito na porta. Meu nome de solteira. Eleanor Strand, assistente do vice-presidente. — Esboçou um sorriso infantil. — A ausência, no meu caso, fez que o coração da empresa ficasse mais afetuoso.

Beberam o chá em silêncio.

— Acha que se eu telefonasse e falasse com ele ajudaria?

— Pode telefonar — respondeu Eleanor —, mas não vai adiantar. Ele não virá aqui com o rabo entre as pernas para confessar aos irmãos que é um fracasso, que perdeu o dinheiro que lhe deram e pedir que o aceitem de volta no comércio da família. Preferiria voltar num caixão.

— E o que vai fazer com respeito a ele?

Ela olhou firme para o pai.

— Vou tentar esquecê-lo. Se não conseguir, voltarei para ele, para explodirmos juntos. — Pôs-se de pé. — Agora, gostaria de descansar um pouco. Qual é o meu quarto?

— Por aqui, vou lhe mostrar. — Atravessaram a sala de estar, Strand apanhou a mala e levou-a em direção aos quartos. No corredor, passaram pelo cubículo que servia de quarto a Strand.

— Por que não posso ficar aqui? — perguntou ela.

— Esse é o meu quarto. — Strand abriu a porta do quarto de casal. — Este é o da sua mãe. Seu, enquanto estiver aqui.

Eleanor olhou para ele. Strand desejava que o olhar que viu nos olhos da filha não fosse de pena.

— Oh, papai! — exclamou ela, atirando-se nos braços dele, chorando, em seu ombro. — Não está tudo *horrível*? — O pequeno acesso de choro terminou logo e ela disse: — Perdoe-me.

Strand deixou-a para que pudesse desfazer a mala. Foi para a sala de estar, viu a carta de Romero sobre a mesa e apanhou-a. Olhou para o envelope por um momento, certo de que o seu conteúdo, fosse qual fosse, não iria acrescentar alegria àquele dia. Rasgou o envelope e retirou duas páginas. A carta tinha sido escrita num papel timbrado onde se lia "Garagem Rollins, consertos e trabalhos de carroceria". A caligrafia era pequena, redonda e bem-feita, e era fácil de ler.

"Caro sr. Strand:

Esta é apenas para agradecer por tudo que o senhor e o sr. Hazen tentaram fazer por mim. Compreendo agora que estavam errados em me ajudar e que eu estava errado por deixar que me

ajudassem. Qualquer que seja o lado onde o senhor, o sr. Hazen e o sr. Babcock e todos os outros estejam, não é o meu lado, e nunca poderá sê-lo. Eu iria surgir como um impostor, e toda a minha gente veria o impostor, e não se aproximariam de mim para o resto da minha vida. Isso não é o que quero, sr. Strand. Ir para a prisão, se é isso o que terei de fazer, me será mais útil para compreender meu próprio povo e fazer alguma coisa com ele e para ele do que o que colégios e faculdades elegantes e esnobes poderiam fazer em dez anos. Tenho de me educar, a meu modo. Vou ler os livros que quero e tirar as minhas próprias conclusões, que não serão as conclusões com as quais eu sairia de Yale ou Harvard ou qualquer outro lugar. As bibliotecas são públicas e, se eu não puder encontrar o livro que quero nelas, poderei roubá-lo. Quando me lembro do seu olhar no dia em que disse como consegui a coleção de Gibbon, caio na risada, como agora.

Sei que me julga doentio ou enfadonho porque estou sempre repisando o assunto de Porto Rico, Porto Rico e Porto Rico. Mas o senhor não teria feito o que fez por mim por nenhum garoto branco de sua turma, não importa o grau de inteligência que pudesse ter. O que fez por mim o senhor o fez porque, fosse eu o que fosse, não era branco. Pelo menos, de acordo com seus padrões. Não sou bom em aceitar esmolas e estou contente por ter compreendido que era isso o que eu estava fazendo. Está acabado.

Sei o que vai dizer — que Rollins não se importa de aceitar esmolas e que ele vai tornar-se um cidadão de sucesso, um motivo de orgulho para o Dunberry, para sua família, sua raça, para a 14.^a Emenda da Constituição dos Estados Unidos da América. Só porque nós dois temos a pele escura não significa que sejamos iguais. A família dele conseguiu dar um grande pulo para o alto há muito tempo e ele apenas terá de subir mais alto. Quanto a mim, estou na lama, no fundo do buraco, e não há escadas à vista em nenhum lugar.

Uma coisa o senhor tem o direito de saber. As cartas que Hitz roubou eram de Caroline. Eram cartas de amor. Tudo começou de brincadeira, mas depois deixou de ser brincadeira. Pelo menos, para mim. Pensei que ela dizia a verdade. Ficou provado que não. Fui até a faculdade dela no dia seguinte ao de Ação de Graças, porque Caroline disse que gostaria de me ver e eu disse que já estava indo. Mas ela não estava lá. Fiquei parado, como um idiota, com a mala na mão. Quando a vir, diga-lhe que é melhor não fazer brincadeiras com mais ninguém."

Pela primeira vez na carta, escrita de forma mais clara do que qualquer um de seus trabalhos em aula, Strand viu o adolescente desprezado e magoado no último parágrafo. Havia apenas mais duas linhas.

"Se for amigo do gordo Hitz, diga-lhe que, se eu for para a prisão, é melhor ele se esconder quando eu sair de lá. Cordialmente,

Jesus Romero."

Outra batalha perdida, pensou Strand. Era de se esperar. Jovem como era, Romero tinha reconhecido o papel que lhe era destinado na vida — o do bárbaro do lado de fora dos portões, orgulhoso demais para conspirar do lado de dentro. A história, afinal, estava do lado dele. Strand suspirou e esfregou os olhos, num gesto de cansaço. Depois dobrou a carta cuidadosamente, colocou-a outra vez no envelope e enfiou-o no bolso do paletó. Um dia ele a mostraria a Caroline.

8

O dia de Natal cairia numa segunda-feira, mas o feriado começou na tarde de sexta. Strand e Eleanor poderiam viajar de carro, e assim chegar a tempo para esperar o avião de Leslie, da TWA, que desceria no Aeroporto Kennedy. Hazen telefonara durante a semana, e Strand lhe havia dito que não seria necessário mandar o carro ao Dunberry. O avião da TWA em que viajava Caroline chegaria por volta de uma hora, e ela esperaria no aeroporto; assim, toda a família poderia encontrar-se e ir de carro para East Hampton. Hazen falara com Romero e dissera que o estúpido garoto continuava insistindo em não cooperar quando estivesse perante o tribunal, no dia 7 de janeiro. Dissera ainda a Hazen que estava satisfeito com o sr. Hollingsbee e que não queria que Hazen perdesse tempo comparecendo ao

juízo.

— O garoto não tem jeito mesmo — tinha dito Hazen, num tom cansado —, e não há nada que possamos fazer por ele. Oh, bem, vejo vocês na sexta-feira à tarde.

Fora muito bom ter Eleanor com ele, apesar de poder ver que era apenas com um enorme esforço que a filha mantinha uma aparência de calma jovialidade. Sabia que era por sua causa, e ficara agradecido. Tentou não prestar atenção ao modo como Eleanor dava um salto e corria toda vez que o telefone tocava e à tensão em sua voz quando dizia "alô". Mas em nenhuma das vezes aconteceu ser Giuseppe, e ela não telefonara para a Geórgia. Tarde da noite, quando pensava que Strand dormia, ele a podia ouvir perambulando pela casa.

Em duas ocasiões, quando Eleanor esteve ausente de casa, Strand tentou telefonar para Giuseppe, mas Giuseppe desligava. Strand não contou a Eleanor essas tentativas.

Pedira notícias de Caroline e Jimmy. Leslie lhe havia escrito uma carta, que recebera pouco antes de partir da Geórgia, e Eleanor sabia dos sucessos da mãe com os dois quadros e que ela estava prolongando sua estada em Paris. Contou que Leslie, na carta, dera a impressão de estar excitada como uma garotinha e achara isso divertido e comovente. Disse que sempre soubera que a mãe possuía um verdadeiro talento e ficara feliz por ele ter sido finalmente reconhecido, mesmo que apenas por dois quadros, até o momento.

— Olhe — comentara com Strand —, mamãe vai trabalhar como uma louca de agora em diante, e você vai ter sorte se ela conseguir tempo suficiente para lhe fazer uma xícara de café pela manhã.

Strand evitara cuidadosamente falar-lhe sobre Caroline e Jimmy. A tensão de esperar e temer ouvir notícias de Giuseppe, ou mesmo o pior, através de outra pessoa ou pelos jornais, era demasiada, pensara Strand, para que ela ainda se preocupasse com o irmão e a irmã. Por isso, mostrou-lhe a carta de Caroline em que esta contava ter sido eleita Rainha dos Jogos Esportivos. Eleanor rira ao devolver a carta para Strand.

— Minha irmãzinha saiu ruidosamente da casca, não foi?

— Parece que sim — respondeu Strand. Se tivesse mostrado a ela a carta da mulher do professor de biologia e a de Romero e descobrisse o quanto o ruído era alto, não estava certo se sua reação seria assim tão divertida.

Quanto a Jimmy, Strand apenas disse que havia ido para Hollywood, num novo-emprego, e que estava ganhando muito mais dinheiro do que no anterior. Contara-lhe ainda que Jimmy se havia tornado elegante no vestir e acostumado a almoços com três martínis.

Eleanor fizera uma careta ao ouvir isso.

— Para a frente e para o alto, suponho. Conquistando corações e pensamentos pelo caminho. Pelo menos, não está se tornando um completo vadio, como tudo fazia crer quando eu estava em Nova York. Envia algum dinheiro a vocês?

— Não precisamos — disse Strand, lacônico.

Eleanor olhou para ele, séria.

— E você bem que está precisando de uns ternos novos, você sabe. — E terminou por aí.

A viagem do colégio ao aeroporto, na velha perua, foi muito agradável. O tempo estava firme, havia pouco tráfego, Eleanor era uma boa e cuidadosa motorista e, como tinham tempo de sobra, puderam parar para um almoço sossegado, num restaurante muito simpático, nos arredores de Greenwich, cuja propaganda Eleanor havia visto no *New Yorker*. Tanto ela quanto Strand divertiram-se com os olhares que atraíram dos outros freqüentadores, ao entrarem no restaurante — de admiração para ela, de inveja e reprovação para ele.

Eleanor sussurrou, apertando a mão do pai:

— Pensam que você é um homem mais velho e irresistível, saindo sorrateiramente para um fim de semana obscuro com sua secretária.

— Pode ser que eu venha a tentar isso algum dia — disse Strand, rindo. — Sendo irresistível, terei antes de contratar uma secretária. — Mas, enquanto Eleanor se dirigia ao toalete para pentear os cabelos, pensou em Judith Quinlan e na garota do trem com o rapaz de casaco de pele e ficou imaginando como seria um fim de semana libertino, e se alguma vez na vida desfrutaria de um.

Quando se dirigiam para a saída da alfândega, a fim de esperar por Leslie e Linda, viram que

Caroline já se encontrava lá. Caroline soltou um gritinho ao correr na direção deles e abraçou calorosamente primeiro o pai e depois a irmã.

— Papai — disse ela, com ar reprovador. — Você não me disse nada. Pensei que Eleanor ainda estivesse definhando na Geórgia. Que grande surpresa! Onde está aquele seu lindo marido, Eleanor?

— Definhando — respondeu Eleanor. Deu um passo atrás. — Deixe-me dar uma olhada em você.

Caroline assumiu uma pose exagerada de modelo, com as pernas afastadas, uma das mãos no quadril e a outra, num gesto de dançarina, sobre a cabeça.

— O que acha da nova Caroline?

— Primeiríssima classe — disse Eleanor. — Agora fico contente por meu marido estar na Geórgia. — Ao dizer isso, lançou um olhar significativo para Strand, e este entendeu que ela não iria contar a Caroline por que Giuseppe ficara na Geórgia e que estava com muito medo do que poderia acontecer a ele. — Você emagreceu um pouco, não?

— Eles me fazem correr até morrer — disse Caroline.

— Você fica bem assim.

Realmente, pensou Strand, a expressão de Eleanor, "primeiríssima classe", era uma comunicação em meias palavras entre as duas irmãs. Estava certo de que não era simplesmente indulgência paterna o que o fazia pensar que Caroline, com seu rosto refinado e perfeito, os olhos brilhantes de saúde e felicidade, a pele com um fulgor claro e vigoroso, as longas pernas firmes e bem-torneadas, era uma das garotas mais bonitas que já vira em sua vida. Com o novo nariz e a recém-adquirida autoconfiança, não restava qualquer lembrança para ele da antiga Caroline, mas ela tinha agora uma semelhança de tirar o fôlego com Leslie, quando Leslie tinha a sua idade. Não podia pensar em comparação mais lisonjeira. Lembrando-se das cartas sobre as quais teria de falar com a filha mais cedo ou mais tarde, procurou traços de depravação. Não encontrou nenhum. Aparentava uma imaculada inocência juvenil.

Enquanto os passageiros saíam lentamente da alfândega, Hazen surgiu, correndo.

— Oi, pessoal — disse ele, apertando a mão de Strand e hesitando, por um segundo, ao ver Caroline aproximar-se dele, abraçá-lo estreitamente e esperar um beijo. Então beijou-a no rosto. Hesitou mais de um segundo quando Eleanor o cumprimentou, mas depois beijou-a também. — Receava estar atrasado. O tráfego para fora da cidade estava terrível. Noite de sexta-feira, véspera de feriado. É bom que Linda sempre seja a última a descer de qualquer avião. Entre esquecer coisas e ter de voltar para procurá-las e maquilar-se, o avião já estará pronto para levantar vôo novamente quando ela sair.

Quando Leslie e Linda surgiram e Leslie viu Eleanor com os outros, seus olhos ficaram toldados de lágrimas, e por um instante interrompeu a caminhada. Strand ficou surpreso. Leslie costumava manter muito controle sobre suas emoções e não era uma característica sua chorar em ocasiões felizes. Depois, dirigiu-se apressadamente na direção deles e beijou a todos. Linda também beijou a todos, cercada de sorrisos, risadas e conversas sobre a bagagem e quem iria no carro de quem e felicitações por todo lado sobre a ótima aparência de todos.

Uma vez fora do edifício do aeroporto, decidiram que Caroline iria com Linda e Hazen, enquanto Strand e Leslie acompanhariam Eleanor no seu Volkswagen. O motorista, um homem jovem e uniformizado, de constituição robusta, ajudou a acomodar as bagagens no porta-malas do Mercedes e no bagageiro.

— Onde está Conroy? — perguntou Strand.

— Contarei a você mais tarde. — Hazen contraiu o rosto como se tivesse provado alguma coisa azeda e entrou no carro, Leslie e Strand ficaram sozinhos junto à calçada enquanto o Mercedes dava a partida e Eleanor dirigia-se ao estacionamento para apanhar o carro. Strand lançou um olhar aprovador à mulher. Parecia dez anos mais jovem, e ele pensou que ela passaria facilmente pela bonita irmã mais velha de Eleanor. E não muito mais velha. Impulsivamente, beijou-a.

Ainda em seus braços, Leslie sorriu para ele.

— Não sabia que você fazia isso em público.

— Não pude resistir. Paris deu a você um brilho novo.

— E certamente não fez nenhum mal. — Seu rosto, então, tornou-se sério. — Allen — disse ela —, não deveria falar-lhe disso assim tão de repente, mas é uma coisa que está me tomando tanto os pensamentos que não consigo realmente pensar em outra coisa. Ia escrever-lhe contando, mas pensei que precisava ver a expressão em seu rosto quando lhe dissesse. . .

— O que vai me dizer, que tem um caso em Paris? — Almejou ter mantido o tom da voz leve o bastante.

— Allen — exclamou ela, com ar reprovador. — Você sabe que eu não seria capaz de uma coisa dessas.

— Foi um longo período de tempo. Uma mulher deve ser desculpada. — Mas deu um suspiro de alívio.

— Não esta mulher. Não, é mais sério do que um caso. O que eu queria perguntar-lhe é. . . acha que existe alguma possibilidade de você conseguir um emprego em Paris, por um ano, pelo menos? Existe uma escola americana lá, e estou certa de que Russell conhece alguém da direção.

— Há o pequeno problema do dinheiro — respondeu Strand. — Passagens de avião, lugar para morar. Coisinhas assim.

— Poderíamos virar-nos — retorquiu ela. — Eu contribuiria com alguma coisa também. O proprietário da galeria prometeu financiar minha estada, por apenas algum tempo, é claro, por um ano, se eu voltar e trabalhar com o artista que comprou minhas pinturas. Trabalhar ao lado dele e ouvi-lo deu-me uma visão totalmente nova do que a arte pode ser. Tenho a sensação de que estou prestes a ser finalmente alguém.

— Você sempre foi alguém, Leslie. — Agora ele se sentia ferido e abalado.

— Sabe o que quero dizer. Quer que passemos o resto de nossas vidas num lugar estagnado como Dunberry? — perguntou ela suavemente, sem qualquer ênfase, mas ele pôde sentir o desespero contido por trás da pergunta.

— Não havia pensado muito sobre o resto de nossas vidas. Mais recentemente, tenho ficado contente de viver de uma semana para outra.

— Oh, querido — disse Leslie. — Magoei você. Esqueça o que eu disse. Não direi mais uma palavra sobre o assunto. Fale-me sobre Eleanor. — Ela mudou de assunto rapidamente, como se a idéia de Paris fosse uma coisa frívola e fácil de esquecer. — Onde está Giuseppe?

— Vou deixar que ela mesma lhe fale sobre isso.

— Há problemas. — Não era uma pergunta.

Strand assentiu com a cabeça.

— Ruins?

— Podem vir a ser muito ruins. Não sei ainda. Converse com ela, reservadamente. Eleanor não quer que Caroline e Russell saibam de nada. Aí vem ela — disse ele, ao ver o Volkswagen parar junto ao meio-fio.

Sentou-se no banco de trás, para dar a Eleanor a oportunidade de conversar com a mãe. Eleanor falava baixinho, e ele não podia ouvir o que dizia por causa do barulho que o carro velho fazia. De vez em quando, contudo, ouvia o nome de Giuseppe. Apesar de Leslie não lhe ter falado como se apresentasse um ultimato, como Eleanor fizera com Giuseppe, Strand sentiu que, assim como Giuseppe, estava diante de uma escolha semelhante... vá com sua mulher ou fique para trás. . . sozinho. Não havia interferido na escolha de carreira feita pelos filhos, e dificilmente poderia ser menos generoso com a mulher. Não estava diante de uma bomba como Giuseppe, mas, se olhasse com os olhos de Leslie, poderia compreender que Dunberry não era muito mais atraente para ela do que a Geórgia, de onde Eleanor fugira, para sua filha. Veria o que poderia ser feito sobre Paris.

Após chegar a essa decisão, a idéia de trocar Dunberry por Paris, caso fosse possível, começou a fasciná-lo. Fechou os olhos, embalado pelo movimento do carro, e imaginou-se sentado à mesa de um café ao ar livre, lendo um jornal francês ao sol, e sorriu. Afinal de contas, cinquenta anos não eram *aquela* idade. Generais que deixavam a ativa nessa idade eram considerados homens jovens. Seria um desafio, sabia, mas não tinha havido desafios verdadeiros nos últimos anos, se o ataque cardíaco pudesse ser esquecido. E ele saíra dessa com um sentimento profundo de vitória. Sabia que tanto Eleanor quanto Caroline aprovariam a idéia, mesmo não sendo por outra razão que a de lhes dar uma desculpa para visitar à França.

O sussurrar baixinho de Eleanor parou. Então ele ouviu Leslie dizer em voz alta:

— Você fez exatamente a coisa certa. Isso é monstruoso. E se eu o vir, direi isso a ele. Se é tolo e teimoso o bastante para arriscar a vida, isso é problema dele. Pedir a você para arriscar a sua é brutal. — Virou-se no assento dianteiro e disse para Strand: — Allen, espero que você tenha dito a Eleanor o mesmo.

- Nos termos mais enérgicos possíveis— respondeu Strand.
- Você tentou falar com Giuseppe?
- Telefonei duas vezes. Desligava assim que reconhecia minha voz.
- Conversou com Hazen a respeito?
- Acho melhor que isso fique apenas entre a família.
- Penso que você está certo — retorquiu Leslie, mas sua voz demonstrava incerteza.

Strand ficou imaginando se na conversa mantida em voz baixa, no assento da frente, Eleanor havia dito à mãe o mesmo que a ele — que ia tentar esquecer o marido e que, se não pudesse, voltaria para ele. Esperava que Eleanor não tivesse ido tão longe. Do contrário, a ansiedade de Leslie sobre o possível retorno de Eleanor para a Geórgia destruiria todo o prazer que estava desfrutando com seu recém-nascido sucesso em Paris e seus planos para o futuro, prazer que seria multiplicado muitas vezes mais quando tivesse a oportunidade de dizer a ela que iria considerar a possibilidade de conseguir um lugar no corpo docente da Escola Americana em Paris.

Já estava escuro quando chegaram à casa de praia. Podia-se ouvir o rumor baixo e contínuo do mar, e as estrelas brilhavam no cristal negro e congelado do céu. Strand respirou fundo o ar frio e salgado, sentindo a garganta e os pulmões formigarem ao inspirar.

Hazen estava sentado em uma das duas cadeiras de braços com encosto alto e forradas de couro que ladeavam a lareira. Um fogo de achas lançava centelhas azuis e verdes. Num dos cantos estava a árvore de Natal, os galhos enfeitados com metal dourado e bolas coloridas que refletiam a mudança de luz do fogo. A árvore enchia a sala de um aroma de floresta de pinheiros. Hazen tinha uma bebida na mão e serviu uísque e soda a Strand enquanto as mulheres se dirigiam ao andar de cima para desfazer as malas.

— Tinha esquecido do quanto este lugar era bonito — disse Strand. — Então, ao voltar, isso me ocorre de repente — continuou, sentando-se na cadeira oposta à de Hazen, sentindo o calor bem-vindo do fogo nas pernas. — Vou agradecer a você agora, em nome de toda a família, por este feriado, e depois me calarei sobre isso de uma vez por todas.

— Obrigado — disse Hazen. — Especialmente por se calar. É uma pena que Jimmy não tenha podido vir.

- Ele está na Califórnia.
- Eu sei — respondeu Hazen. — Solomon me disse.
- Ele lhe contou alguma coisa mais?

Hazen assentiu com a cabeça.

— Solomon está fazendo um barulho grande demais por causa disso. Um jovem ambicioso agarra sua chance quando a vê. Estou certo de que Solomon fez coisas piores na idade de Jimmy. E eu também. Não tome uma atitude moralista em relação a isso, Allen.

— Camelot ruiu, Jimmy declarou, quando ventilei algumas objeções.

Hazen deu risada.

— É uma forma de ver a coisa. Camelot vem ruindo já há muito tempo.

— Como estão as coisas com você?

— Os pequenos aborrecimentos de sempre. — Hazen deu de ombros. — Despedi Conroy.

— Fiquei imaginando o motivo por que ele não se encontrava no aeroporto.

— Descobri que minha miserável mulher estava lhe pagando para me vigiar. Era desse modo que estava tão bem-informada sobre você e sua família, naquela horrível noite em Tours. Falando sobre moralidade. . .

Pobre homem de rosto sombrio, Conroy de todos os ofícios, pensou Strand, lembrando-se do abraço recebido pelo braço magro, em meio à rebentação, o embaraço surgido entre eles quando Strand tentara agradecer por ter salvado sua vida, o cheque desdenhoso por serviços prestados a Hazen, as palavras de Hazen: "Dinheiro significa tudo para ele. Economiza o que pode e o que não pode". Não houvera qualquer pensamento em recompensa quando o homem mergulhara em meio às ondas, enquanto Strand era arrastado para o mar aberto. Moralidade em vários níveis. Sabia que seria inútil pedir a Hazen que reconsiderasse e desse outra chance a Conroy. A traição sobrepujando o feito heróico.

— Se me permite perguntar — disse Strand —, como estão indo os procedimentos do divórcio?

— Mal. Ela telefona de Paris ao meu advogado duas vezes por dia. Está tornando as coisas muito difíceis. E fica ameaçando divulgar tudo aos jornais se eu não ceder. — Olhou de soslaio para Strand e pareceu que ia dizer algo mais, e então chocalhou o gelo no copo e falou: — Conroy disse a ela que

elaborei um novo testamento. Como um idiota, deixei-o tomar conhecimento disso. É claro que ele não sabe o conteúdo. . . está num cofre particular, no escritório do meu sócio, e ele é o único que, além de mim, leu o testamento. Eu mesmo o datilografei. Mas ela sabe que é novo e disse que não assinará nada a menos que eu o mostre a ela. — Sorriu, melancólico. — Feliz Natal, por uma e única vez. — Tomou um grande gole da bebida. — Você poderia pensar que um homem de minha idade não ficasse mais surpreso com mais uma evidência da maldade deste mundo. Mas, Conroy, depois de todos esses anos... — Hazen balançou a cabeça. — Quando o despedi, disse que ficava satisfeito de ir embora, que me odiava desde a primeira vez em que me vira, e que apenas não tinha tido energia para deixar o serviço. Não faz idéia da quantidade de veneno armazenado naquele homenzinho quieto e sem brilho. Contou-me que tivera um caso, homossexual, com meu filho, e que este lhe confessara que mais cedo ou mais tarde cometeria suicídio, caso eu vivesse tempo demais, porque seria a única forma de se ver livre de mim. Agarrei Conroy e joguei-o para fora do escritório. Se eu pudesse ter aberto a janela tê-lo-ia jogado por ela. De agora em diante, terei um motorista para os assuntos relativos aos negócios e dirigirei eu mesmo quando precisar cuidar de assuntos particulares. Contratei uma jovem bonita de vinte e dois anos para ser minha secretária particular. Ao menos, sendo mulher, se me odiar, demonstrará isso logo, e serei então capaz de me livrar dela. Ah, chega dos meus problemas. Estamos aqui para descansar e aproveitar o fim de semana. Preciso de mais uma bebida. E você, como vai?

— Estou bem, obrigado. — Strand ficou olhando, com o coração penalizado, aquele homem saudável e de porte ereto dirigir-se ao bar e servir-se de um outro uísque com a mão firme. Enquanto enchia o copo, disse:

— Caroline ficou muito bonita, não é mesmo?

— Só posso lhe dar uma opinião de pai. Sim, ficou muito bonita.

— Estudar fora lhe fez muito bem. — Hazen veio sentar-se na cadeira perto da lareira. — Está tornando-a autoconfiante. O modo como conversou no carro, você tinha de olhar e ver com seus próprios olhos; não parecia a mesma garotinha tímida que partiu para o Arizona. Ela não hesita em externar suas opiniões. Comentou que o treinador é um feitor de escravos e que o detesta. — Hazen sorriu. — O lamento de todos os atletas. Falou também que odeia correr. Sabe que isso lhe faz bem, mas que ao mesmo tempo a aborrece. Do jeito que ela fala, parece que corre oitenta quilômetros por semana e não vai a nenhum lugar. E disse ainda que não lhe agrada ser melhor do que as outras garotas e receber tratamento especial por isso. Não acho que estejamos diante de uma campeã olímpica, Allen.

— Tanto melhor — disse Strand.

— Bem, pelo menos está recebendo uma educação gratuita e é a garota mais popular do campus.

— Tanto pior.

Hazen riu.

— Como Leslie diria, "você está sendo antiquado novamente, querido".

Strand não se juntou ao riso. Se Hazen tivesse lido a carta da mulher do professor de biologia, pensou Strand, não felicitaria o pai de Caroline por sua recém-adquirida popularidade.

— Bem — disse Hazen —, pelo menos Leslie parece estar em excelente forma. Você deveria agradecer muito a Linda por tê-la levado nessa viagem a Paris.

— Realmente revelou-se muito bem — concordou Strand, sem entusiasmo. — Talvez um pouco bem demais.

— O que quer dizer com isso? — Hazen franziu a testa.

— Ela quer voltar.

— E o que há de errado nisso?

— Quer voltar agora mesmo, se puder.

— Oh! — Hazen ficou olhando para o copo, pensativamente.

— Parece pensar que o homem em cujo estúdio trabalhou poderá mostrar-lhe o caminho para tornar-se algum tipo de gênio.

— Ela disse isso?

— Não com essas palavras — admitiu Strand. — Quer fazer carreira na pintura e acha que Paris é o lugar onde isso pode acontecer.

— E o que há de errado nisso? Você não é o tipo de homem que acredita que sua mulher deve permanecer eternamente às voltas com o fogão, não é mesmo?

— Não, não creio que seja.

— Sabe que eu achei que Leslie tinha talento, desde a primeira noite no apartamento de vocês, quando vi as paisagens. Não um grande talento, talvez, mas um verdadeiro. E agora Linda diz que o pessoal em Paris está muito entusiasmado com o trabalho e as possibilidades dela. Às vezes, é preciso que estranhos reconheçam as virtudes daquilo que estivemos olhando durante anos.

— Compreendo tudo isso, Russell, mas. . .

— Mas o quê? Qual é o problema?

— O problema é que Leslie deseja que eu vá para Paris com ela.

Hazen nada disse, mas assobiou baixinho.

— Não assobieie quando Leslie falou comigo — disse Strand. — Gostaria que eu perguntasse a você se conhece alguém ligado à Escola Americana que pudesse me arranjar um emprego por lá. Por um ano, pelo menos. Eu perguntaria a Babcock se me concederia um ano de licença sem vencimentos. Ouça, Russell, você já fez o bastante por esta família. Se isso apresentar o menor problema para você, diga-me então, e Leslie e eu resolveremos por nossa própria conta.

— Deixe-me ver, deixe-me ver. . . — Hazen apoiou a cabeça no encosto da cadeira e perscrutou o teto. Parecia não ter ouvido o que Strand acabara de dizer. — Deixe-me ver, quem eu conheço? É claro. Nosso responsável pelos escritórios em Paris tem dois filhos que estão na Escola Americana, e ele faz parte do conselho da escola. Vou mandar um bilhete para ele amanhã. Poderia telefonar, mas é Natal na França também, e sei que ele tira dez dias de folga para esquiar em algum lugar. Estou certo de que se poderá arranjar alguma coisa.

— Detesto usar você como uma agência de empregos — disse Strand.

— Muitas outras pessoas me usam para muitas coisas piores. Não se preocupe com isso.

O sr. Ketley apareceu na sala e disse:

— Telefone para o senhor, sr. Hazen.

Levando consigo a bebida, Hazen dirigiu-se à biblioteca. Strand notou que ele fechou a porta atrás de si, de modo que a conversa não pudesse ser ouvida.

Quando voltou à sala de estar, tinha uma expressão séria.

— Allen — disse ele —, terá de me desculpar diante dos outros. Preciso voltar a Nova York. Imediatamente. Era minha mulher ao telefone. Chegou a Nova York, vinda de Paris, esta tarde. Estava no vôo da Air France. Se tivesse escolhido a TWA, Leslie e Linda teriam tido o prazer de sua companhia, por quatro mil e oitocentos quilômetros. Está bêbada e diz que, se eu não voltar a Nova York esta noite, virá até aqui numa limusine e mostrará a nós e aos demais que não estava brincando. Uma cena como aquela por ano é mais do que o suficiente. Preciso ver o que posso fazer. Lamento ser um desmancha-prazeres. Diga aos outros que são negócios. Diga a todos para comerem, beberem e se divertirem.

— Quando estará de volta?

— Não sei. Eu lhe telefonarei. — Hazen percorreu longamente a sala com os olhos, e balançou a cabeça num sinal de cansaço. — Deus, odeio ter de deixar este lugar — e foi-se embora.

Strand terminou sua bebida e subiu lentamente a escada para ir contar a Leslie que seu anfitrião tinha sido chamado de volta a Nova York, a negócios.

Comeram e beberam, porém não se divertiram muito. Eleanor e Leslie haviam conversado durante o trajeto no carro, e Linda, sentindo-se exausta, subiu para dormir cedo. Caroline estava irrequieta e sugeriu a Eleanor um passeio de carro até Bridgehampton, para ver se Bobby Van estaria por acaso tocando piano no bar, aquela noite.

— Depois da Geórgia e de Dunberry, estou propensa a um pouquinho de vida noturna. Assim como a uma banda de dez metais — respondeu Eleanor, e as garotas deram beijos de boa-noite nos pais e saíram.

— Bem — disse Leslie —, parece que esta é uma daquelas noites para os velhos ficarem olhando o fogo ardendo na lareira, não é? — Foi até onde Strand estava sentado e inclinou-se para beijar-lhe a testa, deixando que a mão deslizasse pela cabeça, até o pescoço dele. Strand puxou-a para si, abraçando-a pela cintura.

— Não me sinto tão velho — disse ele. — E com relação a você, se tivesse saído com as garotas, o garçom no bar teria pedido para ver sua carteira de identidade. Isto se parece mais com as vezes em que costumávamos esperar na sala de estar até seus pais irem para a cama, para então podermos começar com os chamegos.

— Oh, Deus! — Leslie riu. — Há mais de trinta anos que não ouço esta palavra. Chamego. Você

acha que as pessoas ainda fazem isso?

— Pelo que sei, apenas vão correndo para a cama — respondeu Strand. Deixou a mão em volta da cintura dela deslizar mais para baixo, para acariciar-lhe as coxas. — Um hábito sensato e que economiza tempo. Devíamos experimentar isso algum dia. Como neste exato momento.

Leslie inclinou-se para trás, podendo assim olhar no rosto dele.

— Você quer mesmo isso?

— Ardentemente — confirmou ele.

— Está tudo bem? Quero dizer. . .

— Prinz me deu sinal verde. Levemente borrado. Mas verde.

— O que ele disse, exatamente?

— Recomendou moderação em tudo, porém. ... Disse também que isso poderia matar-me ou me fazer sentir-me como um zagueiro de vinte anos.

Leslie beijou-o com força nos lábios, e então pegou suas mãos e puxou-o da cadeira.

Não o matou, e ele não se sentiu como um zagueiro de vinte anos quando a beijou pela última vez antes de voltar-se de costas, na cama larga e macia, mas fê-lo sentir-se incrivelmente feliz.

— Estamos de volta ao lar — disse ela, suavemente. — Na casa de outra pessoa e na cama de outra pessoa, mas finalmente de volta ao lar.

— Está com sono?

— Não. Flutuando.

— Tive uma idéia brilhante.

— Qual?

— Vou descer até a cozinha e roubar uma garrafa de champanha da geladeira e duas taças, e voltar aqui, para termos, às vésperas do Natal, uma festinha particular, pós-coito.

— A outra parte interessada na festa vota sim — disse ela.

Quando Strand voltou com a garrafa e as duas taças, Leslie estava sentada em frente ao fogo que ela mesma havia acendido e havia arrastado uma outra cadeira para ele. Strand fez saltar a rolha da garrafa e verteu o champanha gelado nas duas taças que Leslie segurava. Pegou uma das taças, ergueu-a e fez um brinde.

— A Paris — disse ele.

Ela não bebeu e olhou-o com uma expressão indagadora.

— O que significa isso?

— Significa que falei com Russell antes que precisasse sair e, é claro, como sempre, ele conhece uma pessoa, e vai entrar em contato com ela, e, portanto, eu vou ter de comprar um dicionário de francês amanhã.

— Oh, Allen. . . — Leslie parecia que ia chorar.

— Beba — disse ele, e ambos beberam.

— Allen — declarou ela —, você não precisa fazer isso por mim.

— Estou fazendo isso por mim mesmo — replicou ele. — Fiquei pensando enquanto vínhamos de carro e, quanto mais penso, mais me agrada essa idéia.

— Tem certeza? Não está fazendo tudo isso só por minha causa? Você me pareceu consternado quando lhe falei sobre isso no aeroporto.

— Não fiquei consternado. Fiquei surpreso. Levei algum tempo para me acostumar com a idéia. Foi só. Deus, este é um bom champanha.

— Quem dera nunca bebêssemos piores! — Ela riu e estendeu a taça, pedindo mais. — Do jeito como estou me sentindo agora — continuou ela, enquanto ele servia o vinho —, tenho vontade de dizer "Então, viveram felizes para sempre".

Hazen telefonou na tarde seguinte e disse a Leslie que tentaria voltar no dia de Natal, mas que não podia garantir. Esperava que eles estivessem se divertindo, e Leslie disse que todos estavam sentindo sua falta e que ele devia voltar correndo.

Passaram o dia na ociosidade. Fazia muito frio para pintar ao ar livre; assim, Leslie começou um

esboço a lápis de Caroline, para um posterior retrato a óleo. Strand contentava-se em apenas ficar olhando e ir de vez em quando até a outra extremidade da sala, onde Linda e Eleanor jogavam gamão.

Mas, quando Hazen telefonou no dia seguinte, para dizer que não poderia estar ali no Natal, Linda, que atendeu à chamada, voltou do telefone com uma expressão preocupada no rosto.

— Ele me pareceu muito estranho — disse a Leslie e Strand, que se encontravam na sala de estar. — Totalmente diferente. Disse coisas desconexas, divagando sem parar e falando sobre decisões impulsivas, e não consegui descobrir o sentido do que estava dizendo. Perguntei se estava bêbado, e ele então explodiu, gritando: "Não é nada de sua maldita conta, Linda", e desligou. Allen, você sabe o que está acontecendo?

— Não. — Esperou ter parecido convincente. — Talvez algum tipo de negócio.

— Dê graças a Deus, Allen, por você não ser um homem de negócios — falou Linda.

— Faça exatamente isso, todas as noites, em minhas preces — disse Strand.

O almoço de Natal, apesar de delicioso, foi melancólico. A ausência de Hazen pesava sobre todos. Haviam posto os presentes embaixo da árvore, mas decidiram não abri-los até que Hazen voltasse. A conversa ao final da refeição fez que todos, inclusive Linda, ficassem deprimidos. Falaram pouco à mesa, e ficaram contentes quando o almoço terminou.

O tempo tornara-se cinzento e nebuloso quando terminaram a refeição com um conhaque para cada um, às três horas da tarde; mesmo assim, Leslie, Linda e Eleanor agasalharam-se e saíram para uma caminhada na praia, como se algo as estivesse arrancando da casa. Caroline se instalou diante do televisor, e Strand subiu para tirar uma soneca. Sonhou que estava trancado numa sala com Conroy e a sra. Hazen e era obrigado a ficar olhando os dois arrancarem suas roupas aos pedaços e jogarem-se um sobre o outro, obscenamente. Acordou transpirando, não se lembrando claramente do sonho, mas com uma sensação nauseante de horror com o grotesco tumulto daquelas horas de sono.

Desceu e viu que as mulheres ainda não haviam voltado. Caroline estava ao telefone na biblioteca, mas, quando viu Strand através do vão da porta da sala de estar, disse com precipitação:

— Não posso continuar falando. Até logo. — Colocou o fone no gancho, e, depois de lançar um olhar rápido na direção do pai, voltou e sentou-se novamente diante do televisor.

Curioso, Strand foi até a biblioteca.

— Caroline, com quem você estava falando?

— Ninguém em particular — respondeu, sem olhar para ele.

— Ninguém conversa com ninguém em particular — disse Strand.

Ela suspirou, apertou o botão do controle remoto, desligando o aparelho.

— Se quer saber — disse ela, desafiadora —, era com Jesus. Jesus Romero. Ele me telefonou. Enviei-lhe um cartão de Natal do Arizona, e o colégio o fez chegar até ele. Quando ele ligou para o Dunberry, a mulher da limpeza disse que estávamos aqui; Jesus queria me ver, desejar-me um feliz Natal. Há algo de criminoso nisso?

Strand sentou-se no sofá, ao lado de Caroline, e pegou a mão dela, carinhosamente.

— Caroline — disse ele. — Precisamos ter uma conversinha, você e eu.

— Certamente que precisamos — disse Caroline. Estava zangada, ou tentava parecer assim. — Por que ninguém me contou que Jesus foi preso e depois solto sob fiança, que foi expulso do colégio e que terá de ir a julgamento?

— Não sabíamos que estava tão interessada nesse garoto até muito recentemente.

— Bem, estou. Muito interessada.

— Percebi isso quando soube das cartas que vocês estiveram trocando.

Caroline livrou as mãos daquele aperto frouxo de Strand.

— O que sabe sobre as cartas?

— O bastante, pelo menos sobre a natureza delas; contudo, nunca as li. Não se preocupe, foram destruídas.

— Não estou preocupada — respondeu ela, num tom áspero.

— Aqui estão duas cartas que não foram destruídas. — Tirou a carta de Romero e a outra, da mulher do professor de biologia, do bolso do paletó, onde as carregava para ter certeza de que Leslie não as encontraria por um descuido seu. Levantou-se e permaneceu de costas para Caroline. Ficou olhando para o mar lá fora, enquanto ela lia as cartas. Depois ouviu o papel sendo rasgado e Caroline jogar os pedaços na lareira, que espalhava um confortável calor pela pequena biblioteca.

Caroline soluçava, e lançou os braços em torno de Strand quando ele se aproximou.

— Oh, papai, papai! — choramingou. — O que há de errado comigo? Como é que as pessoas podem escrever coisas tão terríveis sobre mim?

— Porque você foi cruel e as magoou — respondeu Strand, ainda abraçado a ela, chocado com a violência dos soluços de Caroline.

— Eu estava apenas me divertindo — lamentou-se. — A maioria das cartas que mandei para Jesus copiei de outras cartas que as garotas do meu dormitório recebiam dos namorados ou tirei de *Lady Chatterley* e de Henry Miller. Queria parecer sofisticada e ousada, mas pensei que Romero fosse rir, também, porque, quando *líamos* esse tipo de cartas, ríamos. Então, quando ele escreveu dizendo que vinha para o Dia de Ação de Graças, fiquei com medo, porque ele parecia muito sério na carta. E o velho, o professor assistente, Swanson, não parava de me perseguir, como um cachorro doente, e ficava dizendo que ele e a mulher nunca haviam se tocado e que ela o estava deixando. Fiquei com pena dele. Disse-lhe para passar o Dia de Ação de Graças com a família. Precisava fugir do professor e de Romero e fui para Tucson um dia depois do de Ação de Graças com um jogador de futebol, que me deu um relatório, jogo por jogo, de todos os de que havia participado, desde o segundo ano do colégio, e nunca passei um fim de semana tão horrível. Esse é o tipo de fêmea que sou. — Havia parado de soluçar e pôs uma veemência zangada no "horrível", como se, ao enfatizar seu aborrecimento, pudesse diminuir a própria culpa.

Strand afastou-se dela e estendeu-lhe um lenço para que pudesse secar as lágrimas. Sentia-se aliviado pelo fato de as duas cartas terem sido finalmente queimadas. Caroline olhava para ele, receosa. — Você acha que sou terrível, não é? E vai repreender-me.

— Se achasse que fosse ajudar, eu a repreenderia. E não acho que você seja terrível. Penso que agiu sem pensar, e muitas vezes isso é pior do que ser horrível. Por que desligou o telefone quando falava com Romero e me viu?

— Mamãe sabe das cartas? — Estava querendo ganhar tempo, e Strand sabia disso.

— Não, nunca saberá, se você não falar nada sobre elas. Agora... por que você desligou o telefone?

— Estava me desculpando por não ter estado lá quando ele foi ao Arizona. E... — Ergueu a cabeça e olhou-o desafiadoramente nos olhos — convidei-o para vir aqui.

Strand sentou-se. Receou que aquela fosse ser uma longa e dolorosa conversa.

— Sabe que esta não é sua casa, Caroline — disse ele, tentando manter a voz calma.

— Não o convidei para ficar. Disse que iria encontrá-lo em Bridgehampton.

— Quando?

— Ele vai me telefonar, e então ficarei sabendo.

— *Por que quer vê-lo?*

— Porque ele me fascina. — Pronunciou essas palavras como se lhe soassem muito agradáveis. — Foi assim desde o início, quando o conheci no jantar depois daquele jogo fantástico. Disse isso a mamãe, ela não lhe falou nada?

— Talvez não exatamente com essas palavras. Você o viu depois daquela noite?

— Não. Somente trocamos cartas. Ele é tão impetuoso e inteligente!..

— Certamente que *é*. Principalmente impetuoso — replicou Strand, secamente. — Você disse que ele a fazia sentir medo.

— Faz parte do seu fascínio. Os outros garotos que conheço, . . o professor Swanson. — Torceu o nariz, com desprezo. — Todos são feitos da mesma massa fria e sem sal. Se Jesus quiser continuar me vendo, vou continuar a vê-lo.

— Provavelmente fará isso na prisão.

— Então o verei na prisão. Não vou voltar para aquela faculdade medonha, onde falam coisas tão desagradáveis a meu respeito.

— Discutiremos isso mais tarde — disse Strand. — Quanto do que disseram é verdadeiro?

— Alguma coisa. Não muito. Oh, papai, hoje os garotos e garotas são bem diferentes daqueles do seu tempo. Você sabe disso.

— Sei. E detesto isso.

— Mamãe também sabe. Ela não fica com o nariz enfiado nos livros todo dia — exclamou Caroline, asperamente. — Quem você acha que me deu anticoncepcionais no meu décimo sexto

aniversário?

— Suponho que vai dizer que foi sua mãe — disse Strand.

— E você está chocado. — Strand viu, com tristeza, que havia malícia e prazer no rosto da filha ao dizer isso.

— Não estou chocado. Sua mãe é uma mulher sensata — declarou Strand. — E sabe o que está fazendo. Estou apenas surpreso por ela não ter me contado.

— Sabe por que não lhe contou nada? Porque ela faz parte da conspiração.

— Que conspiração? — perguntou Strand, atônito.

— Todos nós amamos você e queremos que seja feliz. — Havia uma ponta de lamúria infantil na voz dela ao dizer isso. — Você tem um quadro irreal em sua cabeça sobre o que somos nós... incluindo mamãe. Porque somos seus, você acha que somos perfeitos anjos. Bem, não somos, mas, por você, estamos sempre fingindo, desde que éramos bebês. Somos uma família de atores... incluindo mamãe, se quer saber a verdade. Com uma única pessoa na platéia... você. Da mesma forma que Eleanor e Jimmy... bem, nem vou entrar nesse assunto. Ninguém poderia ser tão bom como você pensava que poderíamos ser, e eu disse a mamãe que não deveríamos tentar, porque você no fim iria descobrir e então o magoariamos mais do que nunca. Mas conhece mamãe... é feita de aço... se decide fazer alguma coisa, não há como fazê-la mudar de idéia. Bem, agora você já sabe. Não estou dizendo que sejamos *ruins*. Somos apenas seres humanos. Seres humanos *atuais*.

— Existem vários tipos de seres humanos — replicou Strand. — Mesmo atualmente. Contudo, devo a vocês... a toda a família... uma desculpa. Mas não importa quão cego tenha sido ou quão humanos *vocês* sejam, ou como o mundo esteja atualmente, não posso concordar que você brinque tão despreocupadamente com a vida das pessoas. . . aquela pobre mulher na faculdade... Jesus Romero...

— Papai... *eu não* transformei o mundo — gritou Caroline. — Apenas vim a ele e o aceitei da forma como é. Não me culpe por isso. — Estava chorando novamente, enxugando os olhos com o lenço dele. — E não fui a única a me interessar por Jesus Romero. Você o arrastou para dentro de nossas vidas. Admite isso?

— Admito — confessou Strand, com voz cansada. — E cometi um erro. Admito isso também. Mas não quero que você cometa o mesmo erro. Se você o tivesse visto, como eu e sua mãe o vimos, indo atrás daquele outro garoto com um canivete, com um olhar de assassino, não pensaria duas vezes quanto a vê-lo novamente.

— Papai, se vai agir como o pai de uma heroína de romance vitoriano, não tem sentido eu ficar aqui contando tudo a você.

— Não, não tem. — Ele se levantou. — Vou sair e dar um passeio.

— Aqui está seu lenço — disse Caroline. — Terminei de chorar.

Precisava sair de casa. Não queria ver a filha com os olhos inchados, a boca fechada numa linha dura pela raiva gelada, olhando para o vazio leitoso do aparelho de televisão. Os reflexos do fogo lançados sobre a ornamentação da árvore de Natal o aborreciam e o cheiro de pinho na sala aquecida saturava suas narinas. Vestiu o casaco e enrolou em volta do pescoço o velho e surrado cachecol de lã que Leslie estava tentando convencê-lo há anos a jogar fora. Saiu de casa. Já estava escuro, e os raios de luz filtrados pela janela formavam poças espiraladas na neblina que se arrastava para a praia, num movimento constante, vindo do mar. O estrondar do oceano era abafado pela névoa, parecendo um queixume plangente. Caminhou, afastando-se da praia, pela estrada reta e orlada de cedros que atravessava a propriedade de Hazen, em direção à estrada distante. As mulheres tinham ido passear pela praia, e ele não queria encontrá-las ou a qualquer outra pessoa nesse momento. Havia perguntas a formular e respostas a elaborar, e precisava arranjá-las com clareza e sem emoções em sua mente antes de expressá-las.

Quando já havia caminhado uns cinquenta metros, voltou-se. As luzes da casa tinham desaparecido. Os cedros compunham uma melodia plangente sob a ação do vento úmido que soprava em mais de uma direção. Estava sozinho, flutuando em algum lugar entre o mar e o nada, rodeado por uma vastidão gotejante, escura e despovoad.

Não sabia há quanto tempo estava caminhando, pois não podia ver os ponteiros do relógio na escuridão, quando decidiu dar meia volta e iniciar o regresso. Não fora com nenhum propósito, apenas sentira que queria fugir daquela casa. Agora, sozinho, num mundo vaporoso e cinza, o movimento constante de seus membros, através da névoa tênue que os tragava, exercia sobre ele um efeito confortante, hipnotizando-o até o estado onde nada mais importava, além do próximo passo, nada exigia sua atenção a não ser as sombras fantasmagóricas e cambiantes ao passar de uma árvore para outra. Porém, quando começou a retroceder pelo caminho na escuridão, percebeu que estava perdido. Havia andado sem rumo, através de veredas, contornando dunas, e tinha vislumbrado formas indistintas surgindo envoltas pela bruma de um lado e de outro e que, ele sabia, deviam ser casas desabitadas por causa do inverno. Não ouvira vozes nem havia visto pássaros.

Mesmo sob a intensa luz do sol, não lhe teria sido fácil orientar-se. Quando saiu para passear, seguiu ao longo da praia. Nas viagens à cidade, sempre estivera dentro do carro com outra pessoa dirigindo, e não aprendeu a geografia da vizinhança. Não se perturbou por estar perdido, mas sabia que Leslie já devia ter chegado do passeio e estaria preocupada em saber do seu destino. Apressou o passo e chegou ao final da trilha, uma casa com as venezianas fechadas, situada em frente à estrada e a cuja volta só se via a floresta.

Escolheu a esmo um dos caminhos que saíam dali, sem poder determinar a direção para a qual se movia, se norte, sul, leste ou oeste. Estava começando a ficar cansado, e seu rosto estava úmido de suor e névoa. Arrancou o cachecol e amarfanhou-o num dos bolsos. Nunca se sentira tão intensamente como um típico habitante da cidade. Habitado aos simples retângulos lógicos e nítidos, do traçado em rede de Manhattan, atrofiara o talento americano para o agreste. Caminhou em estradas de areia, cheias de buracos, em macadame e cascalho. Lembrou-se de que não tinha visto nenhuma luz desde que deixara a casa de Hazen. Em duas ocasiões, carros passaram por ele, um vindo de trás, com as luzes surgindo em meio à neblina. Na última vez, as luzes apareceram subitamente, de trás de uma curva, e foram direto em sua direção, e ele se salvou apenas por ter se lançado precipitadamente para um dos lados da estrada. Levantara-se rapidamente num impulso, tremendo, depois de o carro já ter desaparecido, o brilho vermelho das lanternas traseiras extinguindo-se de repente, como se uma cortina se houvesse fechado atrás delas. Caíra numa poça congelada, e pôde sentir a água gelando-lhe os joelhos e os tornozelos.

Por fim, convencido de que estava andando em círculos, parou. Por um momento, não ouviu mais nada a não ser a própria respiração ofegante. Então, muito ao longe, ouviu um estrondear abafado. O mar. Cautelosamente, movendo-se devagar, parando a cada momento para escutar, andava na direção da música constante do oceano. Lentamente, ela começou a ficar mais nítida. Finalmente, ele atingiu a praia. Sentou-se para descansar por algum tempo. Não havia luzes em parte alguma, e tinha de tomar uma decisão: seguir à esquerda ou à direita. Amaldiçoou sua total falta de um senso de direção digno de confiança, levantou-se e pôs-se a caminho, tomando a esquerda, andando ao longo da praia, onde o quebrar das ondas lhe servia de guia. Seu pé congelava ao pisar penosa e pesadamente a areia úmida que sugava os sapatos encharcados a cada passo.

Estava prestes a fazer meia-volta e tentar a direção oposta, mas decidiu caminhar mais cem passos e depois voltar quando viu um cintilar de luzes através da neblina, bem acima, à esquerda. Sabia que havia uma trilha que ligava, através das dunas, a praia à casa, mas não conseguia encontrá-la. Agora podia sentir que todo o seu corpo estava embebido de suor, e havia um latejar intenso numa de suas têmporas. Escalou uma imensa duna, agarrando-se à áspera vegetação rasteira e engatinhando para ultrapassar os obstáculos. Mas a luz foi se tornando cada vez mais brilhante, oscilando na névoa que mudava constantemente de direção, como se fosse um navio balançando sobre as ondas. Por fim, cambaleando, atingiu os degraus do terraço e subiu. Através das portas duplas envidraçadas, embaçadas, podia ver formas indistintas movendo-se no interior. Tentou abrir uma das portas, mas estava trancada. Bateu na porta e gritou. Sua voz rouca arranhava-lhe a garganta. As formas por trás dos painéis de vidro moviam-se de um lado para outro, mas não se aproximaram. Estão fazendo um jogo tolo e infantil comigo, pensou ele fora de si, fingindo que não me escutam. Gritou novamente; o esforço fê-lo sentir que o sangue se derramava das artérias e músculos de sua garganta. A porta foi escancarada. Leslie estava parada no limiar. — Oh, meu Deus! — gritou ela.

— Será que estou com um aspecto tão ruim assim? — indagou Strand. Tentou sorrir. Começou a espirrar. Uma, duas, três vezes, e o espirro misturou-se com uma tosse espasmódica, e seus olhos lacrimejaram quando se curvou, sacudido violentamente pela tosse. Leslie puxou-o para dentro da sala e

fechou a porta. Eleanor aproximou-se correndo e puxou os botões de pressão do casaco dele para abri-lo.

— Está encharcado — disse ela.

— Eu fiquei... eu. . . perdido — declarou Strand entre espirros e em meio à tosse. — Que horas são?

— Já passa das dez — respondeu Leslie. — Já íamos chamar a polícia.

— Acho que telefonar para o médico seria uma idéia melhor. — Eleanor conseguiu arrancar-lhe o casaco. Strand viu lama, gelo e tufo de grama presos no casaco.

— Está tudo óti... — O espirro seguinte deixou-lhe a palavra incompleta. — Apanhei apenas um res...

— Vamos levá-lo para a cama — disse Leslie.

Com as duas mulheres amparando-o pelos cotovelos, sem necessidade, pensava Strand, subiram a escada. Eleanor trouxe uma toalha grande e aquecida do banheiro, e Leslie tirou-lhe as roupas, resmungando, aborrecida, cada vez que ele espirrava. Strand observou, interessado, que seus pés estavam brancos como cera e dormentes, e que havia machucado o joelho, razão por que escorria um filete gelado de sangue pela perna.

Quando ficou nu e Leslie o friccionou energicamente com a toalha, sentiu a circulação atingir os pés, que começaram a formigar. Leslie o envolveu com a toalha e enfiou-o na cama, debaixo das cobertas, como uma boneca depois do banho. Então os tremores começaram, e ele ficou imaginando, um tanto despreocupadamente, se o que estava sentindo não seriam os prenúncios de uma pneumonia.

— Lamento — disse a Leslie, que se encontrava ao lado da cama, olhando-o preocupada. — Não percebi a neblina. . . — Sentiu-se subitamente dominado pelo cansaço e fechou os olhos. — Agora preciso dormir um pouco — murmurou. Abriu os olhos e sorriu fracamente para Leslie. — Espero que alguém me dê uma bússola no Natal — disse, e caiu num sono profundo.

Dormiu durante toda a noite, apenas com alguns momentos de consciência indistinta do calor do corpo de Leslie próximo ao seu. O sono foi tão agradável que, depois de tomar o café da manhã na cama, dormiu a maior parte do dia e da noite, contente por dormir, sem precisar pensar ou falar. Quando acordou cedo, duas manhãs após o Natal, com Leslie respirando suavemente, dormindo ao seu lado, saiu da cama em silêncio, sentindo-se novo descansado e com fome. Vestiu-se rapidamente, desceu e viu-se diante de um enorme café da manhã, servido pelos Ketleys, que saboreou sozinho diante da janela, olhando para o mar, que cintilava em longas ondulações azuis sob o sol invernal.

Embora assustado por haver vagado na neblina escura por estradas que não chegavam a lugar algum, com o risco de ter sido morto pelo carro que surgira em alta velocidade de trás da curva em sua direção, ele ficara satisfeito por tudo isso ter acontecido. Propiciara-lhe uma parada alentadora e preciosa que apagara a angústia causada pelo confronto com Caroline e aliviara nele o sentimento de vergonha e traição. À luz clara do início da manhã, os problemas diminuía e pareciam ter solução. Aceitava agora o que a família fizera a ele ou o que Caroline lhe havia sugerido que haviam feito. Eles haviam agido, mesmo que erradamente, por amor a ele, e em seu coração abrigava a todos. Nada seria como antes novamente, jurou a si mesmo. Seus olhos agora estariam vigilantes e seriam os melhores para isso.

Quando Caroline desceu para o café e o viu, uma expressão desconfiada surgiu em seu rosto. Mas ele ficou de pé, abraçou-a estreitamente e beijou-a na testa.

— Oh, papai! — murmurou ela em seu ombro. — Fico tão feliz de ver você bem. Estava com tanto medo! E foi por minha culpa...

— Não, não foi sua culpa, meu bem. Agora sente-se e tome café comigo.

Observou, com desaprovação, que Caroline havia pedido ao sr. Ketley somente café.

— É só isso que está habituada a tomar de manhã?

— Não tenho fome, hoje — respondeu Caroline. — Papai, há algo estranho acontecendo, não sei o que é, e mamãe não vai me contar. Sabia que Linda e Eleanor partiram ontem?

— Não. — Depositou a xícara no pires, lentamente. — Aonde foram?

— Linda foi a Nova York.

— Ela comentou alguma coisa sobre isso. Está preocupada com o sr. Hazen. — Respirou profundamente. — Você sabe aonde foi Eleanor?

— Não tenho certeza. Ela e mamãe tiveram uma grande discussão e me mandaram sair. Eleanor

estava entrando no carro com Linda quando voltei, e mamãe dava a impressão de ter chorado. Ela disse a Eleanor: "Você deve pelo menos dizer adeus a seu pai", e Eleanor respondeu: "Pensei bastante em tudo isso, já discuti o suficiente e não quero vê-lo tentando dissuadir-me. Apenas diga a ele que o amo e estou fazendo o que tenho de fazer". Então, partiram. Acho que ela está voltando para a Geórgia. Há alguma coisa errada nisso? Strand suspirou.

— Muito errada — respondeu ele.

— Não sou um bebê — falou Caroline. — Você não acha que já é hora de eu saber o que está acontecendo com esta família?

Strand olhou pensativamente para a filha.

— Tem razão — retrucou ele. — É hora de você saber o que está acontecendo com esta família. É hora de nós todos sabermos. Eleanor deixou a Geórgia porque algumas pessoas que não gostaram do que Giuseppe publicou no jornal jogaram uma bomba na casa deles e ameaçaram matar Giuseppe, e também Eleanor, se continuassem.

— Oh, meu Deus! — disse Caroline. Ele nunca a ouvira dizer "meu Deus" antes. — E Giuseppe continua lá?

— A última coisa que Eleanor soube era que ele ficava sentado dia e noite com uma arma no colo.

Caroline pôs a mão na boca e começou a roer as unhas. Não havia feito mais isso desde que a fizeram desistir desse hábito, quando tinha sete anos de idade.

— Está certa em voltar — disse Caroline. — O lugar dela é com o marido. Não devia nem mesmo ter partido.

— Como você se sentiria se algo acontecesse a sua irmã? — Tentou fazer que sua voz não soasse áspera.

— Eu me sentiria horrível — respondeu Caroline. — Mas, mesmo assim, acho que teve razão em voltar, papai... — Estendeu a mão e pegou a dele. — Esta é uma casa malfadada. Precisamos ir para longe daqui. Bem longe. Antes que seja tarde demais. Veja o que já aconteceu desde que começamos a vir aqui. Você quase morreu afogado. Tive um acidente de carro com George...

— Querida — replicou Strand —, está mentindo. Não foi um acidente. Ele bateu em você e quebrou seu nariz. Teve sorte por não haver sido violentada.

— Como sabe de tudo isso?

— Tenho meus segredos, também. Como qualquer outra pessoa, querida. Na verdade, você não enganou o médico.

— Tive de contar a ele. Pedi que não contasse a você. Tive medo do que pudesse fazer.

— O médico contou ao sr. Hazen. Ele foi lá e massacrou seu jovem e elegante amigo.

— Ele mereceu isso. Falou que eu era provocante. Só que o que ele disse foi pior. Hoje em dia, se você não tira a roupa, acham que podem chamar você do que quiserem. Papai! — exclamou ela. — Ninguém nos ensina as regras.

— Bem, agora você já as conhece.

— Decerto que sim. E mamãe sabe de tudo isso?

— Não. Mas vai saber. Contarei a ela.

— Tudo bem. — Parecia hostil. — Mas diga-me uma coisa. Quando começou a sair com ela, o que *você* fazia?

Strand riu.

— Uma pergunta justa — disse ele. — Eu tentava.

— E o que ela fazia?

— Dizia para eu parar. E eu parava.

— Os tempos mudaram — disse Caroline, triste. — Atualmente, garotos como George, com seus carros, clubes elegantes e pais ricos, pensam que possuem o *droit du seigneur** ou qualquer coisa parecida. Um sanduíche, uma bebida, um cinema, e, então, se você não abrir as pernas, é considerada uma quadrada. Se eu tivesse a minha raquete comigo, o sr. Hazen não precisaria ter ido atrás dele. Pelo menos o professor Swanson *implorava*. Papai, não imagina o quanto é difícil saber o que fazer. Sei que não gostava daquele garoto. Por que não interferiu?

— Uma geração aprende coisas com as quais a outra nunca sonhou — respondeu Strand. —

□ "Direito do senhor." Em francês no original, (N. do E.)

Todos os padrões ficam rapidamente ultrapassados. Considere-se uma garota de sorte. Aprendeu sua lição, e tudo o que lhe custou foi um nariz quebrado. Seja mais cautelosa com Romero. O sangue dele é bem mais quente que o de seu amigo George.

— Papai — disse Caroline, sem alterar a voz. — Você me desaponta. Você é racista.

— Vou deixá-la com esse feliz julgamento — respondeu Strand, levantando-se. — Preciso ter uma palavrinha com sua mãe. — Deixou Caroline envolta em lágrimas, servindo-se de uma segunda xícara de café.

Leslie, vestida com um robe, estava sentada perto da janela, olhando o mar. Strand entrou no quarto. Aproximou-se e beijou-a no alto da cabeça, delicadamente. Ela ergueu os olhos e sorriu.

— Imagino que esteja se sentindo melhor — disse ela.

— Muito melhor — respondeu ele. Sentou-se ao lado da mulher e tomou-lhe a mão. — Acabei de tomar café com Caroline. Ela me contou que Eleanor foi embora.

Leslie assentiu com a cabeça.

— Fiz o que pude para impedi-la. Pedi que conversasse com você. Não quis.

— Eu sei. Caroline me contou tudo isso. Eleanor falou com Giuseppe?

Leslie balançou a cabeça.

— Disse que não queria discutir com ele, também. O que vamos fazer, Allen?

— Eu sei o que eu vou fazer. Vou telefonar para Giuseppe. — Dirigiu-se ao telefone perto da cama. Era um pequeno consolo cheio de botões que serviam para chamar outras dependências, da casa e ligar para o exterior. Apertou um dos botões e discou o número de Giuseppe. Ele já o sabia de cor. Quando ouviu Giuseppe responder "Alô", Strand falou rapidamente: — Giuseppe, isto é importante. Não desligue até ouvir o que tenho a dizer. Eleanor está a caminho, voltando para a Geórgia.

Por um momento, houve silêncio no outro lado da linha. Então, Giuseppe disse:

— Essa é uma boa notícia. — Sua voz estava inexpressiva e cansada.

— Aconteceu alguma coisa por aí?

— Ainda não.

— Giuseppe, quero que diga a ela que não pode ficar aí, que deve dar meia-volta e vir para cá imediatamente.

— Você quer — respondeu Giuseppe. — E o que fazemos com isso?

— Ouça, Giuseppe, ela conseguiu o emprego de volta e vai recomençar a trabalhar em 2 de janeiro, foi promovida e tem uma bela carreira pela frente, num emprego de que gosta, numa cidade que ama. Você não pode deixá-la jogar tudo isso fora, Giuseppe, não vou deixar você matar minha filha.

— Não é isso o que eu penso sobre ela, Allen — replicou Giuseppe. — Penso nela como minha mulher. Já é tempo de Eleanor compreender isso. E o lugar da esposa é ao lado do marido. Esse é um antigo costume italiano. Talvez você tenha esquecido que eu sou italiano.

— Não é porque você é italiano que precisa ser um mártir. E para quê? Eleanor mesma diz que alunos da escola secundária poderiam fazer um trabalho melhor do que vocês dois nesse miserável jornalzinho provinciano.

— Lamento que ela nos considere tão incapazes — respondeu Giuseppe, polidamente. — Mas isso não muda nada. Quando me casei com Eleanor, não prometi ganhar o prêmio Pulitzer de jornalismo. Tudo o que de fato prometi foi amá-la, tratá-la com carinho, desistindo de todas as outras coisas, até que a morte nos separe. Estou feliz em ver que ela se lembra de ter assinado o mesmo contrato.

— Você está agindo como um lunático — comentou Strand.

— Receio que tenha de desligar agora, sr. Strand — falou Giuseppe, educado. — Preciso colocar a casa em ordem, comprar algumas flores, coisas para o jantar e uma garrafa de vinho para celebrar o reencontro. Obrigado por informar-me de que Eleanor está a caminho de casa.

— Giuseppe... — murmurou Strand, impotente, mas Giuseppe já havia desligado.

Leslie ainda se encontrava sentada perto da janela, olhando uma vez mais o oceano, o rosto sem qualquer emoção.

— Sabe que existe um motivo para ela estar voltando? — perguntou Leslie.

— Sim. Disse que ia tentar esquecê-lo. Se não conseguisse, voltaria. Não tentou o suficiente, suponho.

— Sexo — replicou Leslie, sem alterar a voz. — Suponho que ela diria paixão. Amor. Quanto dano essas palavras podem causar! Fiz realmente o que pude para impedi-la. Perguntei como poderia ir

embora daquele jeito, sabendo que, toda vez que o telefone tocasse, de agora em diante, ficaríamos aterrorizados porque poderia ser uma mensagem comunicando sua morte.

— O que ela disse sobre isso?

— Disse que conhecia essa sensação. . . que a experimentou desde o momento em que saiu da Geórgia. Que precisamos aprender a conviver com ela. Tentei manter Caroline longe disso, mas estou certa de que ela sabe alguma coisa. O que ela sabe?

— Exatamente tudo. Achei que tinha de contar a ela. Até agora, estivemos guardando segredos demais entre nós.

— É natural tentar proteger os jovens. . .

— E os velhos — completou Strand. — No Natal, antes de me perder na neblina, conversei com Caroline. Ela disse que havia uma conspiração na família para me proteger, esconder as coisas de mim. Disse-me que você também estava participando dela.

— E estava — concordou Leslie calmamente.

— Insinuou que você vinha escondendo coisas de mim.

— Que coisas?

— Que você deu anticoncepcionais para Caroline no dia do seu décimo sexto aniversário.

Para surpresa de Strand, Leslie riu.

— Que coisa terrível! — disse ela. — Nos dias de hoje!

— Mas você não me contou.

— Digamos que eu não o tenha considerado parte dos dias e da época de hoje. Está tão ansioso assim para juntar-se aos seus contemporâneos, querido?

— Sim.

— Deixe-me ver... — Leslie ficou com o olhar perdido, como se procurasse na distância as lembranças mais remotas. — Que outros pecados cometi, que mais escondi de você para que ficasse feliz com suas ilusões? Oh, sim. É claro. Tomei providências para Eleanor fazer um aborto aos dezessete anos. Faz questão dos detalhes?

— Não, de verdade.

— Allen, meu sábio e velho marido pai de meus filhos — disse Leslie. — Também soube que ela teve um amante, quando estava na faculdade, um homem com o dobro da idade dela, casado e com três filhos. E ela não trabalhou para economizar dinheiro a fim de comprar o carro que dirigia. Foi um presente dele. Transporte, também, pode vir a ser um pecado, não pode? E já que começamos isto, conspirei com o nosso querido Jimmy para esconder de você que ele fumava maconha quase todas as noites, e, para não vê-lo deixar nosso apartamento de vez, consenti em guardar o material entre minha roupa íntima, na cômoda. Você teria sido mais feliz se eu o tivesse deixado vagar pelas ruas?

— Não, não teria.

— Mais notícias do *front* — disse Leslie. — Russell telefonou ontem e me deu uma excelente informação. Pediu-me que não lhe contasse. Mas, provavelmente, você iria tomar conhecimento dela em breve, e é melhor descobrir por meu intermédio do que através dos jornais. Se ele não for capaz de fazer a mulher calar a boca de algum modo. . . e breve. . . a sra. Hazen vai citar o meu nome, entre os de outras mulheres, como responsável pela sua ação de divórcio.

— Aquela vaca!

— A sra. Hazen alega ter provas, Conroy jura ter me visto entrar no apartamento de Russell Hazen certo dia quando eu estava em Nova York, para minhas aulas semanais, e diz que permaneci lá durante duas horas.

— Russell me falou que estive com você. Fiquei imaginando por que você não me havia dito — falou Strand, calmamente, esperando pela explicação.

— Ambos estão certos. Fui ao apartamento de Hazen, e nosso almoço durou duas horas. A razão que me levou lá foi estar preocupada. Achava que você não poderia passar mais um ano vivendo na mesma casa com todos aqueles garotos, e pedi a Russell para persuadir Babcock a nos deixar morar fora do campus, a nossas expensas. Não comentei nada disso com você porque não queria que pensasse que eu estava fazendo a guerra em seu lugar. Acha que estou mentindo?

— Você não tem o hábito de mentir.

— Obrigada — disse Leslie. — Mas Conroy não estava muito enganado. Foi essa a primeira vez em que estive sozinha com Russell, e, de repente, me lembrei de sonhos que tive com ele, percebendo que

pensava nele grande parte do tempo e que o queria. — Falou sem qualquer entonação na voz, como se estivesse discursando algo decorado. — E ainda sou mulher o bastante para saber quando um homem me quer. E eu sabia que Russell me queria. Mas ele não disse nada e o mesmo fiz eu; almoçamos, ele disse que iria conversar com Babcock, e saí para minha aula das três horas. Está zangado comigo?

— Claro que não — respondeu Strand, gentilmente. — Se quer saber, cheguei bem perto disso também. Consideravelmente perto. Se uma determinada pessoa tivesse estado em casa quando telefonei da Grand Central Station... — Deixou a frase no ar.

— Somos todos secretos pecadores — confessou Leslie. — É tempo de desabafarmos. Nossas imperfeições são os elos que nos unem. O melhor que podemos fazer é reconhecê-las. Já que estamos falando nisso — continuou Leslie, com voz neutra, balançando-se para a frente e para trás, como uma criança, cantarolando para si mesma, com os raios de sol se refletindo sobre o mar e entrando pela janela, fazendo seu longo cabelo louro cintilar —, você soube de Caroline e o professor de biologia?

— Recebi uma carta da mulher dele.

— Soube de fonte mais segura: Caroline. Disse-me que estava louca por ele, mas que, como era muito ruim de cama, o deixou. Conversa de garota. Quanto a sexo, eles combinam, mas são lacônicos na comunicação. Você ama menos Caroline... ou a mim. . . ou a Eleanor, por tudo isso?

— Não — confessou ele. — Talvez passe a amá-las de maneira diferente. Mas não menos.

— Já que o assunto é sexo — continuou Leslie —, falemos de Nellie Solomon. Você sabe que ela está tendo um caso com Jimmy?

— Quem lhe contou isso? — Pela primeira vez, desde que entrara no quarto, Strand estava chocado.

— Ela mesma.

— Almocei com Solomon. Não comentou nada a esse respeito.

— Por uma boa razão — retrucou Leslie. — Ele não sabe. Ainda. Mas saberá em breve. Nellie vai com Jimmy para a Califórnia. Vão casar-se. Por isso me contou toda a história. Queria minha bênção, suponho. Se foi isso, receio que tenha ficado desapontada.

— Quando foi que Nellie contou isso a você?

— Quando eu estava com Linda, um pouco antes de viajarmos para Paris. Tentei entrar em contato com Jimmy, mas não se encontrava na cidade.

— E aquela horrível Dyer?

— Oh, já sabe dela, também? — Leslie torceu o nariz, em sinal de desagrado.

— Eu a conheci.

— Jimmy parece ser capaz de lidar com ambas — Leslie sorriu, irônica. — Acha que podemos ficar orgulhosos?

— Acho que nosso filho está agindo de forma vergonhosa em todos os sentidos.

— De fato está. E, na longa caminhada, vai sofrer por isso. Mas no caso de um rapaz e uma mulher cerca de quinze anos mais velha do que ele, a maior parte da culpa é dela.

— Ela não faz parte da minha família.

— Mas vai fazer. A menos que tomem juízo antes que seja tarde demais. Oh, meu querido, meu muito querido Allen, por favor, não seja tão severo. São pessoas adultas, nossos filhos, e devem dirigir suas próprias vidas.

— Mas estão fazendo isso terrivelmente mal.

— Esqueça-os por algum tempo. Vamos concentrar-nos em dirigir nossas próprias vidas. . . bem. — Levantou-se, colocou os braços em volta dele e o beijou. — Quanto a mim, você está certo, posso ser feliz, não importa o que mais aconteça. Se tornarmos a vida deles miserável com nossa censura, seremos miseráveis também, e nossos filhos se afastarão de nós. Permanentemente. Sejam compreensivos com eles. E, acima de tudo, sejam compreensivos com nós mesmos. Fiquemos quietos e esperemos que voltem. Como disse Eleanor, vamos ter de aprender a viver com isso. Seja lá o que signifique *isso*. Penso que acabamos de fechar o confessionário por hoje, e é hora do café. Você me acompanha numa segunda xícara?

Ele a beijou e depois a seguiu pela escada, mais informado mas não necessariamente um homem mais feliz do que vinha sendo até o exato momento em que subira aqueles mesmos degraus.

Nevava na manhã seguinte. Strand se encontrava instalado na sala de estar, olhando para as dunas, enquanto a neve se amontoava, pulverizando os tufo da vegetação rasteira, arrastando-se na direção do mar acinzentado. Já era quase de tarde, e ele estava sozinho. Leslie fora até o povoado com o sr. Ketley, na perua, para fazer algumas compras. Caroline desceu tarde para o seu café preto e voltou para o quarto em seguida, dizendo ter cartas para escrever. Podia-se ouvir um ruído abafado de eletrodomésticos nas dependências dos empregados, o que indicava que a sra. Ketley estava ocupada. Strand tinha um livro na mão, mas permitiu-se ser embalado pelo ritmo lento da neve que caía batendo na vidraça da janela. A campainha da porta tocou e, como sabia que a sra. Ketley não seria capaz de ouvi-la com o barulho na lavanderia, Strand se ergueu e dirigiu-se à porta. Abriu-a e deu com Romero parado à sua frente. Um táxi do povoado encontrava-se diante da porta, com o motor ligado.

Romero estava vestido com um casaco de capuz verde-vivo bastante folgado, *jeans* desbotados, um gorro de esqui de lã vermelha e botas de bico fino um tanto gastas. Havia deixado crescer o bigode, uma fina linha negra acima do lábio, o que o fazia assemelhar-se a uma criança maquilada para o Dia das Bruxas. No Dunberry, sempre se vestira com cuidado, com roupas da Brooks Brothers.

— Romero! — exclamou Strand. — O que está fazendo aqui? — Sabia que não havia um tom de boas-vindas em sua voz.

— Disse a Caroline que viria — respondeu Romero, sem sorrir. — Ela está?

— Está lá em cima. Vou chamá-la. Entre. — Strand mantinha a porta aberta.

— O senhor poderia dizer a ela que estou esperando?

— Entre e aqueça-se.

— Estou aquecido. Prefiro não entrar. Vou esperar aqui.

— Prefiro que não a veja, Romero — declarou Strand.

— Ela me convidou.

— Ainda assim prefiro que não a veja.

Romero ergueu a cabeça e gritou bem alto:

— Caroline! Caroline!

Strand fechou a porta. Ouviu Romero, que continuava gritando sem parar:

— Caroline!

Strand subiu lentamente a escada e bateu na porta do quarto da filha, que a abriu imediatamente. Caroline estava de casaco e com uma echarpe amarrada em volta da cabeça.

— Por favor, Caroline — pediu Strand —, fique onde está.

— Sinto muito, papai. — Desviou-se de Strand, esbarrando nele ao passar, e desceu correndo as escadas. De uma janela do *hall* superior, Strand viu Romero abrir a porta do táxi para Caroline entrar. Romero a seguiu. A porta bateu com violência, e o táxi partiu, deixando as marcas fundas do pneu na neve recém-caída.

Strand voltou à sala de estar e sentou-se novamente diante da janela que dava para as dunas e para o mar, olhando a neve cair do céu cinzento em direção ao Atlântico, também cinzento. Lembrou-se do que Caroline dissera durante o café da manhã no dia anterior: "Esta é uma casa malfadada. Precisamos ir para longe daqui. Bem longe. Antes que seja tarde demais".

Quando Leslie voltou, Strand lhe falou sobre Romero. O rosto de sua mulher estava pálido e tenso. Estava menstruada, o que era sempre doloroso para ela.

— Caroline levou alguma bolsa? — perguntou Leslie.

— Não.

— A que horas vai estar de volta?

— Não disse.

— Sabe aonde foram?

— Não.

— Não está um dia muito agradável para visitas turísticas — comentou ela. — Lamento, Allen, importa-se de almoçar sozinho? Vou subir e me deitar.

— Posso fazer alguma coisa por você?

— Dê um tiro em Romero. Perdoe-me.

Olhou-a a subir lentamente a escada, agarrando-se ao corrimão.

Já estava quase escuro, apesar de ser apenas um pouco mais de quatro horas, quando ouviu o carro chegar. Dirigiu-se à porta e abriu-a. A neve caía agora mais espessa que nunca. Viu a porta do táxi abrir-se e Romero saltar. Depois Caroline desceu e veio correndo através da neve, em direção à porta. Passou rapidamente por Strand, sem dizer uma palavra, com a cabeça curvada, de forma que ele não pôde ver seu rosto, e correu escada acima. Romero permanecia perto do táxi, olhando para Strand. Fez menção de entrar no carro, mas depois parou, fechou lentamente a porta e caminhou na direção de Strand.

— Trouxe-a sã e salva, sr. Strand — disse ele. — Não precisa se preocupar. — O tom era educado, mas era sardônica a expressão contida nos olhos escuros sob o gorro de esquí vermelho-vivo.

— Não estava preocupado.

— Pois deveria estar — disse Romero. — Queria voltar comigo para Waterbury. Esta noite. Espero que fique contente por eu ter dito não.

— Fico muito contente.

— Não recebo caridade de pessoas como você — disse Romero. — Nenhum tipo de caridade. Não alugo a mim mesmo como garanhão reprodutor para ricas e caprichosas garotinhas brancas.

Strand riu, com tristeza.

— Rica — repetiu ele. — Essa é uma descrição muito boa da família Strand.

— De onde eu estou — falou Romero —, essa é exatamente a palavra. Dei uma olhada na casa esta manhã e decidi que não tocaria em ninguém que tivesse passado uma noite sequer numa casa como esta. O senhor tem um problema nas mãos com aquela sua garotinha, mas isso não é da minha conta. Não vou aborrecê-lo mais. Se ouvir falar de mim daqui para a frente, será porque meu nome vai estar nos jornais. — Virou as costas e começou a caminhar.

— Romero! — gritou Strand. — Você é um caso perdido!

— Nasci um caso perdido — disse Romero, parando. — Pelo menos, não saí por aí e me perdi de propósito. Vou dizer-lhe a verdade, sr. Strand. . . gosto do senhor. Só que não temos mais nada a dizer um para o outro que tenha algum sentido. Nenhuma palavra. É melhor o senhor entrar agora. Não gostaria que, permanecendo aqui fora, pegasse um resfriado por minha culpa, professor. — Voltou-se e entrou no táxi.

Strand ficou-olhando, as luzes do carro desaparecerem em meio aos flocos de neve. Depois, tremendo um pouco, entrou e fechou a porta, agradecido pelo calor reinante no interior da casa. Pensou em subir e bater na porta do quarto de Caroline, mas decidiu não fazê-lo. Tinha certeza de que essa era uma noite em que Caroline gostaria de ficar sozinha.

— O senhor vai querer mais alguma coisa esta noite, sr. Strand? — Era o sr. Ketley.

— Não, obrigado. — Estava sentado sozinho na sala de estar. Havia jantado cedo, sozinho. Antes do jantar subira para ver como Leslie estava passando. Tomara alguns- comprimidos, estava sonolenta, e não desejava mover-se. Perguntou se Caroline já havia chegado e depois não fez mais perguntas quando Strand lhe disse que ela chegara um pouco depois das quatro. Tentara abrir a porta de Caroline, mas estava trancada. Quando bateu, ouviu-a dizer:

— Por favor, deixe-me sozinha, papai.

Gostaria de estar em qualquer outro lugar. Uma onda de saudades de casa dominou-o. Não do Dunberry, nunca do Dunberry. Do apartamento de Nova York, com os quadros de Leslie na parede, o som do piano de Leslie, o violão de Jimmy, a voz vibrante de Eleanor ao conversar com algum de seus namorados pelo telefone, o murmurar de Caroline tentando decorar um trecho de *Um conto de inverno* para uma aula de inglês do dia seguinte. Sentia falta de ficar sentado na cozinha, olhando Leslie preparar a refeição, dos jantares calmos na cozinha quando os filhos não se encontravam em casa, das noites de sexta-feira, quando ficavam todos juntos, de Alexander Curtis com sua velha jaqueta de combate olhando a cidade de seu posto próximo à entrada principal do edifício, das caminhadas até o Lincoln Center e do Central Park. Quantas transformações aconteceram em menos de um ano, quantas mudanças de casa, infortúnios, tristes descobertas, abandonos. . .

O barulho estrondoso do oceano, o vaivém implacável das ondas, corroendo as praias, solapando fundações, ameaçando, transformando os contornos da terra em cada nova estação, tudo isso oprimia Strand, assim como a imagem de velhos embarcadores enchendo-se de sedimentos, portos de mar outrora prósperos agora desertos, os gritos melancólicos das gaivotas sobre o lamento mutante das águas queixando-se estridentemente da fome, da passagem e da destruição do tempo.

Uma casa malfadada. No dia seguinte diria a Caroline e Leslie para arrumar as malas, o feriado que não fora feriado estava terminado, era hora de partir.

Tentou ler alguma coisa, mas as palavras nas páginas do livro não tinham sentido para ele. Foi até a biblioteca escolher outro livro, mas nenhum dos títulos nas prateleiras o seduziu. Sentou-se diante da televisão e ligou-a. Apertou botão após botão ao acaso. Assim que a imagem se tornou nítida, viu Russell Hazen no vídeo e ouviu uma voz dizendo: "Lamentamos que o senador Blackstone, que deveria estar em nosso programa, não tenha podido deixar Washington. Tivemos sorte em encontrar o eminente advogado Russell Hazen, famoso por sua habilidade no assunto a ser abordado esta noite, direito internacional, e que concordou gentilmente em substituir o senador".

Hazen, impecavelmente vestido com a gravidade de um estadista, inclinou levemente a cabeça, na direção das câmaras. Depois a câmara se desviou para uma tomada geral da mesa onde três outros homens com aparência de professores de meia-idade e o apresentador, um homem de cabelos grisalhos, estavam sentados num círculo.

Strand ficou imaginando se a história de Hazen sobre a necessidade de ir a Nova York para encontrar a esposa não teria sido uma mentira e se a chamada telefônica que atendera na biblioteca não teria sido na verdade do estúdio de televisão. Talvez não tivesse desejado que Strand tomasse conhecimento de que estava abandonando seus convidados por um motivo que poderiam julgar frívolo.

Strand ouviu sem maior interesse os outros três participantes emitirem seus inteligentes, razoáveis e bem-modulados pontos de vista sobre assuntos estrangeiros e direito internacional. Nada havia no que diziam que Strand já não tivesse ouvido falar centenas de vezes antes. Se não estivesse esperando para ouvir o que Hazen iria dizer, teria retornado à sala de estar e tentado novamente ler o livro.

Mas as primeiras palavras de Hazen fizeram que Strand escutasse com muita atenção.

"Cavalheiros", começou Hazen, com voz forte e segura, "receio que estejamos confundindo duas coisas totalmente distintas — assuntos estrangeiros e direito internacional. Na verdade, quer gostemos ou não, temos de fato assuntos estrangeiros, mas o direito internacional se tornou uma ficção. Temos pirataria internacional, assassinato, terrorismo, suborno e troca de mercadorias, drama e anarquia internacional. Nosso direito *nacional* talvez não seja uma ficção tão grande, mas a descrição mais generosa que podemos aceitar dele não passará, na melhor das hipóteses, de uma semificção. Com nossos códigos legais, sob o nosso sistema adverso, em qualquer assunto importante aquele que tiver condições de pagar os serviços do advogado mais caro será o que sairá da sala da corte com a decisão. É claro que existe uma ou outra exceção, mas que somente vem confirmar a regra.

"Quando comecei a praticar a advocacia, acreditava que, pelo menos em geral, a justiça servia para alguma coisa. Infelizmente, depois de tantos anos de atividade, não posso mais me apoiar nessa crença..."

Meu Deus!, pensou Strand, o que ele pensa que está fazendo?

"A corrupção do Judiciário, os preconceitos raciais e regionais dos homens que se sentam nas bancadas da magistratura têm sido tão freqüentemente expostos nas primeiras páginas de nossos jornais que permitiriam comentários posteriores aqui; a compra de postos através de contribuições políticas é costume tradicional, o suborno e o treinamento de testemunhas, o ocultamento de provas chegam mesmo aos mais altos gabinetes da Terra; a venalidade da polícia já entrou para o nosso folclore e os subterfúgios legais empregados pelos homens em minha profissão, homens que juraram agir como oficiais do direito, são ensinados em todas as faculdades."

O apresentador do programa, que se mexia desconfortavelmente na cadeira, tentou interrompê-lo:

"Sr. Hazen", disse ele. "Não acho que..."

Hazen interrompeu-o com um aceno magistral da mão e continuou:

"Voltando à concepção internacional do direito... em alguns pequenos assuntos como direitos de pesca e espaço aéreo, acordos podem ser firmados e observados. Porém, em questões cruciais como os direitos humanos, a inviolabilidade das fronteiras de países soberanos, a salvaguarda ou a destruição das nações, não progredimos muito desde o período das tribos nômades e guerreiras. Instituímos o roubo e a calúnia nas Nações Unidas, onde, no território dos Estados Unidos, num fórum sustentado em grande parte por nossos próprios impostos, um grupo de conspiradores, constituído por todos os nossos famosos e infinitamente caprichosos amigos, com exceção de uns poucos, diariamente zomba de nós e nos insulta e com toda a impunidade faz todo o possível para nos prejudicar. Sou considerado um famoso especialista em direito internacional, mas eu lhes digo, cavalheiros, que não existe esse tipo de coisa, e quanto mais

cedo percebermos isso e removermos a nós mesmos daquele parlamento de inimigos às margens do rio East, mais saudáveis serão para nós os anos que virão. Obrigado pela atenção e perdoem-me por não poder ficar para o final deste interessante debate. Tenho um compromisso em outro lugar".

Hazen acenou com a cabeça quase cordialmente na direção dos outros homens sentados muito rígidos, levantou-se e saiu.

Strand inclinou-se e desligou a televisão. Ficou sentado, olhando o espaço em branco na tela, sentindo-se aturdido, como se tivesse acabado de testemunhar um acidente grotesco.

Então, levantou-se e dirigiu-se à pequena escrivaninha, diante da janela. Não trouxera consigo o caderno onde fazia as observações casuais de seu diário e, por isso, apanhou algumas folhas de papel da gaveta e começou a escrever.

"Estou sozinho no andar inferior da casa, em East Hampton, e acabei de presenciar um homem destruir a si mesmo na televisão. O homem é Russell Hazen. Em algo que só pode ter sido um discurso de despedida, disse adeus à sua carreira. Quais são as razões, não sei, mas denunciou a si próprio, sua profissão, as regras sob as quais vivemos e que o fizeram enriquecer e lhe trouxeram honras. Só posso considerar isso uma aberração, mas uma aberração pela qual não será perdoado. Desde que o conheci, notei que havia um lado sombrio em seu caráter, um cinismo que impregnava tudo o que dizia respeito aos motivos dos homens e seus comportamentos, um traço de melancolia presente mesmo em seus momentos mais frívolos, mas nunca suspeitei de que estivesse tão atormentado a ponto de deixar-se esmagar por isso. O que fará agora é impossível prever..."

De repente, sentiu-se terrivelmente cansado e mesmo o esforço de escrever foi demasiado para ele. Pousou o braço sobre a folha de papel, debruçou-se e, com a cabeça apoiada no braço, adormeceu imediatamente.

Acordou sobressaltado. Não fazia idéia do quanto dormira. Ouviu o som de uma chave na fechadura e de uma porta se abrindo, e depois se fechando. Levantou-se e foi até a sala de estar no momento em que Hazen acabava de entrar.

Strand ficou olhando para ele, incapaz de falar, enquanto Hazen sorria em sua direção batendo os pés com força para remover a neve dos sapatos. Parecia o mesmo de sempre, calmo, saudável. A expressão no rosto de Strand fez Hazen franzir o cenho.

— Está com um ar estranho, Allen — disse ele. — Alguma coisa errada?

— Assisti ao programa na televisão.

— Oh, aquilo — falou Hazen, jovial. — Achei que aqueles homens enfadonhos precisavam de um pouco de excitação. Diverti-me incrivelmente. E desabafei coisas sobre as quais venho pensando há muito tempo.

— Você sabe o que fez consigo mesmo esta noite, Russell?

— Não se preocupe comigo. Ninguém leva a televisão a sério. Não falemos mais sobre o assunto, por favor. A coisa toda me aborrece. — Aproximou-se de Strand, pousou o braço em volta dos ombros dele e deu-lhe um rápido abraço. — Esperava que ainda estivesse de pé. Queria conversar com alguém que não fosse advogado. — Tirou o casaco e lançou-o juntamente com o chapéu sobre uma cadeira. — Que noite terrível! Dirigir na neve foi extremamente desagradável.

Strand balançou a cabeça como se com isso pudesse clarear os pensamentos. Sentia-se confuso e incerto sobre si mesmo. Se Hazen estava tão tranquilo quanto ao que se passara, talvez tivesse superestimado o programa de televisão. Via televisão tão pouco que era provável estar enganado sobre sua capacidade de fazer ou arrasar um homem. Talvez, pensou, estivesse errado em se desesperar por seu amigo. Se Hazen não temia as consequências do próprio discurso, não o perturbaria fazendo isso ele próprio.

— Veio dirigindo? — perguntou.

Hazen assentiu com a cabeça.

— Deixei a noite livre para o motorista. A noiva dele chegou à cidade, e fiz a minha parte pelo amor juvenil. Onde estão as senhoras?

— Em seus quartos. Resolveram dormir cedo hoje.

Hazen lançou-lhe um olhar penetrante.

— Elas estão bem, não estão?

— Muito bem — respondeu Strand.

— Leslie me falou sobre a volta de Eleanor para a Geórgia. Está tudo muito confuso por lá, não é mesmo?

— A coisa está feia — replicou Strand. — Gianelli está agindo como um tolo.

— Ele tem coragem. Admiro isso.

— E eu admiro isso um pouco menos que você — disse Strand, secamente.

— Telefonei para o chefe de polícia de lá e disse-lhe que deveria destacar um guarda para a casa deles. Deixei claro que, se algo acontecesse àquelas crianças, eu esfolaria o couro dele,

— Espero que isso ajude.

— Pode apostar — garantiu Hazen, sombrio. — Agora, o que eu preciso é de um drinque. E você?

— Bebo um também. — Strand foi até o bar e ficou olhando enquanto Hazen servia dois generosos uísques com soda. Levaram seus drinques de volta à lareira e sentaram-se um diante do outro, nas cadeiras de braços e de espaldar alto de couro. Hazen tomou um longo gole de sua bebida e suspirou, satisfeito.

— Homem, eu precisava disto — declarou ele.

— A última vez que tomamos um drinque assim — comentou Strand —, o telefone tocou e você se foi como um raio. Espero que pelo menos possa terminá-lo antes de ter de sair novamente.

Hazen deu uma risada rouca, baixa e agradável.

— Não atenderei ao telefone por uma semana. Não interessa quem esteja na linha, o papa, o presidente dos Estados Unidos ou qualquer um de uma dúzia de variados advogados; terão de continuar a luta sem mim.

— Fico satisfeito em ouvir isso. Como vão indo as coisas?

— Assim, assim — Hazen olhava para seu copo. — Não houve declaração de guerra. . . ainda.

— Leslie me falou sobre a ameaça de sua esposa de acusá-la como responsável.

— Ela está ameaçando todas as mulheres a quem cumprimentei nos últimos trinta anos. Está escavando sepulturas de Boston a Marselha. Achei que tinha de dizer a Leslie que existia uma possibilidade de isso vir a acontecer. Mas disse a ela que não queria que você soubesse.

— Temos uma nova política por aqui — respondeu Strand. — Desnudamento total.

— Uma experiência perigosa. — Hazen olhou-o, com bastante atenção. — Você não acreditou, nem por um instante, que. . .

— Nem por um instante — disse Strand. Olhando para aquele homem elegante, atraente e poderoso, vestido impecavelmente, Strand podia compreender por que qualquer mulher, incluindo a sua, se sentiria atraída por ele. O secretário de Estado de Nixon, Kissinger, em um dos seus comentários menos diplomáticos, dissera, quando lhe perguntaram as razões de seu sucesso com as mulheres, que o poder era um afrodisíaco. Por todos os padrões, Hazen era poderoso, e certamente a comparação com um apreensivo, obscuro e desiludido professor tornava-o ainda mais esmagador. O amor, no final, pode resistir a muitas tentações. Gostaria de saber o que exatamente Hazen fizera, dissera ou dera a entender para que Leslie compreendesse que ele a queria. Melhor não saber, pensou.

— Mantive minha mulher encurralada pelo menos até o momento. O xis da questão é esta casa — disse Hazen. — Concordei em deixar que ela me arrancasse todo o resto, mas tenho outros planos para a casa. Veremos. — Hazen sorveu a bebida avidamente, esvaziando o copo. Levantou-se e foi até o bar, servir-se de um segundo drinque. — Oh, a propósito — disse enquanto retornava do bar —, nosso homem em Paris me telefonou e falei com ele sobre você. Disse que o assunto poderá ser facilmente arranjado para setembro próximo, quando começar o novo período letivo. Eles estão sempre fazendo grandes alterações no corpo docente, há pessoas entrando e saindo a toda hora, como os professores errantes da Idade Média. Ele entrará em contato com você. Acha que pode permanecer no Dunberry por mais uns cinco meses?

— Posso. Não estou certo se Leslie pode.

— Hummm. — Hazen franziu a testa. — Talvez ela possa ir sozinha. Seria apenas por uns poucos meses.

— É uma possibilidade. Não se preocupe com isso. Pensaremos em alguma coisa.

— Allen, existe somente uma coisa errada, no que me diz respeito, quanto a você e Leslie — disse Hazen. Seu tom de voz era grave, e Strand temia o que ele ia dizer.

— E o que é? — perguntou.

— Quando olho para vocês, percebo o que faltou em minha vida. — Hazen falava pausadamente e com tristeza. — O amor expresso e não expresso, íntimo, que há entre vocês. A dependência entre um e outro, o apoio decidido de um em relação ao outro. Conheci muitas mulheres em minha vida, apreciei a maioria delas e pode ser que também me tenham apreciado. Tinha dinheiro, sucesso, uma certa fama e mesmo algo muito raro. . . gratidão ocasional. Mas nunca tive nada parecido com isso. É como se houvesse um grande buraco dentro de mim através do qual o vento passasse uivando... indefinidamente. Se vocês tiverem sorte, morrerão no mesmo instante. Oh, que inferno. . . — Chocou o gelo em seu copo, zangado. — O que está acontecendo comigo esta noite? Estou falando em morrer! É o tempo. Neve à beira do mar. Talvez as pessoas façam bem em fechar suas casas, cerrar as venezianas quando as folhas começam a cair. — Terminou sua bebida e depositou o copo na mesa num gesto que indicava o término da conversa. — Estou cansado. — Passou a mão pelos olhos e levantou-se. — Vou conceder-me uma noite de um longo, longo sono. Não se preocupe em apagar as luzes. Não quero que a casa fique às escuras esta noite. — Olhou à sua volta. — Esta sala está precisando de uma nova pintura. Uma cor mais suave. Bem, boa noite, amigo. Durma bem.

— Boa noite, Russell. Você também. — Strand ficou olhando o amigo sair pesadamente da sala. Cambaleava um pouco ao atravessar o limiar da porta, e Strand pensou que devia ter bebido muito ainda em Nova York antes de partir. Foi sorte não ter sido detido por um guarda na estrada e não ter sido obrigado a passar a noite numa prisão, em vez de passá-la no seu grande leito aquecido. Strand subiu até o quarto, onde Leslie dormia respirando suavemente, o cabelo brilhante esparramado sobre o travesseiro, brilhando à luz da lâmpada da mesa-de-cabeceira. Tirou a roupa em silêncio, apagou a luz e deslizou para dentro das cobertas ao lado de sua mulher.

Acordou durante a noite com o barulho de um motor de carro sendo ligado e, depois, diminuindo de intensidade na distância. Não estava certo se o tinha ouvido mesmo ou se fora um sonho. Virou-se, mudando de posição, colocou o braço em volta dos ombros nus de Leslie e ouviu-a suspirar, satisfeita. Depois adormeceu.

Acordou cedo, assim que a alvorada começou a filtrar seus primeiros raios através das janelas. Ainda estava nevando. Leslie continuava dormindo. Saiu da cama, vestiu-se rapidamente e dispôs-se a sair do quarto. Parou na porta. O canto de um envelope aparecia sob a porta. Abriu-a em silêncio e apanhou o envelope. Estava escuro demais no corredor para ler o que estava rabiscado nele. Fechou a porta com cuidado e desceu rápido para a sala de estar, onde as luzes estavam acesas e as últimas achas de lenha ardiam na lareira. O envelope era comprido e pesado, e sobre ele fora escrito apenas uma palavra: "Allen". Rasgou-o. A carta começava por "Caro Allen", e ele reconheceu a letra elegante e firme de Hazen.

"Quando você estiver lendo isto, já estarei morto. Vim até aqui, ontem à noite, para dizer adeus a você e desejar sua felicidade. Tudo se acumulou sobre mim — minha mulher, a investigação em Washington, Conroy me ameaçando com chantagem. Fui intimado a comparecer perante a comissão, no dia 2 de janeiro. Não posso apresentar-me sem cometer perjúrio ou implicar criminalmente velhos amigos e colegas meus. De um jeito ou de outro, não sobrára traço algum de minha reputação ao final. Calculei tudo isso cuidadosamente, e estou escapando da única maneira possível. O testamento revelará que deixei a casa da praia para Caroline. Por boa e suficiente razão. Para arcar com a manutenção, ela poderá vender alguns hectares da propriedade, que é muito extensa — dezesseis hectares — e muito valiosa. Todos os meus bens disponíveis deixei para minha mulher, com a condição de que, se ela vier a contestar qualquer uma das cláusulas contidas no testamento, perderá totalmente qualquer direito. Minhas filhas possuem substanciais fundos de créditos estabelecidos por meu pai quando nasceram, e não há nada que possam fazer para romper o testamento. Sou um bom advogado, e o testamento possui cláusulas bastante rígidas. Todos os meus quadros há muito tempo foram doados a museus, com a condição de que permanecessem comigo enquanto vivesse. As leis tributárias fazem da morte algo semelhante a um jogo mórbido, um jogo no qual sou especialista. Agora, ao olhar para trás, vejo que sabia praticar muitos jogos — legais, corporativos, legislativos, filantrópicos —, a inconsistente e lucrativa gama de jogos americanos. Uma

das coisas que tornaram você e Leslie muito caros para mim foi o fato de não serem dois novatos a mais no jogo. Não que estivessem acima de tudo isso. Era como se vocês não percebessem sua existência. Sem dúvida, isso fez de você um historiador ruim, porém tornou-o um homem melhor. Sem premeditação e sem malícia, envolvi você e sua família em meu mundo. Sozinho e destituído de família eu mesmo, acreditei poder inserir-me numa família feliz. O que achei ser generosidade acabou por se transformar em desastre. Jimmy aprendeu rápido demais a ter sucesso. Caroline está no competitivo carrossel americano, quer ela goste disso ou não. Eleanor e o marido conheceram o fracasso e vivem com medo. Odeio dizer isso, caro Allen, mas a nova carreira de Leslie servirá somente para afastá-los um do outro e desarraigá-lo uma vez mais. Oportunidade é uma faca de dois gumes. Poderia ter dado tudo certo, mas não foi assim. O mesmo poderia ser dito quanto a Romero.

O desenho de Renoir, em seu quarto, foi adquirido depois de já ter sido feito o acordo quanto à doação, e estou feliz em poder deixá-lo para você no testamento que está agora no cofre de meu sócio."

Strand parou de ler por alguns instantes. O tamanho do documento em suas mãos deixou-o entorpecido, e o fato de ter sido escrito de forma tão esmerada e cuidadosa, por um homem que se preparava para acabar com a vida pelas próprias mãos, fê-lo maravilhar-se com o autocontrole quase desumano de seu amigo. Juntamente com a leitura sobre direito, pensou Strand, Hazen deve ter lido Platão quando descreve a morte de Sócrates. "Críton, devo um galo a Esculápio: você se lembrará de saldar a dívida?" Um galo para Esculápio. Um Renoir para Strand. Morrer com graça, à moda antiga. Famosas últimas palavras.

Com os olhos secos, Strand continuou a leitura.

"No envelope menor, junto com esta carta, encontrará dez mil dólares em notas de quinhentos, para ajudar a tornar a aventura de Paris mais agradável para você e Leslie. Sugiro que não mencione isso a mais ninguém.

Você e sua família fizeram deste último ano de minha vida um ano importante para mim, e aprendi tarde demais o que isso deveria ter-me ensinado.

Desde que serão estas as minhas últimas palavras e estamos agora, como você mesmo disse, num rumo de desnudamento total, farei mais uma confissão. Parece absurdo um homem da minha idade dizer isso, mas apaixonei-me por Leslie, desde a primeira vez em que a vi. Se houvesse uma mulher que poderia fazer-me feliz, seria ela. Quando você estava muito mal no hospital, em Southampton, desejei sua morte. Não consciente ou voluntariamente, mas, por uma fração de segundo, esse pensamento esteve presente. Então, eu não seria mais apenas o amigo de uma família que amava, mas seria *da* família; não um mero hóspede à mesa, pois me sentaria à cabeceira. O fato de ficar feliz por você ter sobrevivido não poderia fazer-me esquecer aquele sombrio e maldito momento. Por favor, queime esta carta assim que terminar de lê-la e não deixe ninguém mais saber de sua existência, a não ser Leslie. Escrevi outra nota que deixarei no carro, explicando apenas que decidi suicidar-me. Nela digo que estou à beira de um colapso nervoso e temia por minha sanidade. Tenho uma arma em meu bolso, e isto logo estará terminado. Serei encontrado no fim de alguma trilha, ao lado do carro.

Não sofra por minha causa. Não deseje seu sofrimento. Abraço-os a todos,

Russell."

Parte quatro

1

"Estamos quase no Dia de Ação de Graças outra vez, e a primeira neve rodopia na escuridão do lado de fora de minha janela, uma torrente de flocos brancos bruxuleia através do feixe de luz lançado pela lâmpada de minha escrivaninha. Estou em Dunberry, mas não no apartamento da Malson Residence. Estou sozinho, pois Leslie se encontra em Paris.

Não permiti que Leslie e Caroline me acompanhassem ao funeral de Russell Hazen. Seria

indescritível o tipo de cena que a viúva de Hazen teria feito, e nem minha mulher nem minha filha estavam em condições de confrontar-se com aquela mulher louca e vingativa num momento como aquele. Sentei-me num dos últimos bancos, e ela não me viu. Ao lado dela estavam duas moças altas que imaginei serem filhas de Hazen. As três estavam elegantemente vestidas de negro, e comportaram-se com um decoro pesaroso.

Consegui dar uma olhada nos rostos das filhas ao passarem pela aléia ao final dos serviços religiosos. Não eram feias, mas eram a um só tempo rudes, tolerantes com os próprios desejos e desconfiadas. É claro que, ao vermos finalmente as pessoas sobre as quais já formamos previamente uma opinião, somos propensos a ver aquilo que imaginamos em vez do que se apresenta na realidade. Fosse lá como fosse, aquelas eram duas mulheres que eu preferia evitar.

Tanto o ministro em seu panegírico como o *Times* em seu obituário falaram das grandes contribuições cívicas de Hazen, sua probidade e os diversos e úteis serviços prestados à cidade de Nova York. Eu poderia imaginar a gargalhada amarga de Hazen se ele estivesse vivo para ouvir e ler os tributos em sua memória.

A morte de Hazen, e em especial a maneira como aconteceu, deixaram Leslie prostrada.. Muitos dias depois, ela ainda rompia bruscamente em pranto. Era como se todas as emoções complexas que mantivera em sua maior parte sob controle por mim e pelos filhos finalmente se tornassem excessivas para ela e rompessem a barreira psíquica. Era impossível confortá-la. A depressão que a assolara antes da viagem, fio Dia de Ação de Graças do ano anterior, fora como uma mera sombra passageira comparada com o que sofreu nesse momento. Desistiu de todas as aulas, fez-me cancelar as aulas na cidade, não se aproximou do piano ou de um pincel e ficava sentada, o dia inteiro, o rosto sem qualquer expressão, quando não estava em lágrimas, na cozinha recém-pintada do nosso apartamento na Malson Residence. Acusava a si mesma e a mim pelo que acontecera. De alguma forma, pensava ela, se tivéssemos sido os amigos que pensávamos ser, deveríamos ter percebido as dificuldades que Hazen estava atravessando e aonde isso o levaria, e teríamos evitado o pior. Não havia nada que eu pudesse dizer para convencê-la do contrário.

Quando Linda me deu a entender que era perigoso para ela continuar mergulhada nessa depressão e que talvez Paris e o trabalho a fizessem sentir-se melhor, concordei. Leslie ouviu-nos como um autômato, enquanto Linda e eu instávamos para que tomasse imediatamente um avião para a França. Por fim, ela disse:

— Qualquer coisa é melhor do que isto,

Então, dez dias depois de o corpo de Hazen ter sido encontrado parcialmente encoberto pela neve, em uma estrada que conduzia ao oceano, coloquei Leslie no avião para Paris. Não comentamos por quanto tempo ficaria lá ou quando voltaria.

Antes de partir, queimou todos os seus antigos trabalhos de pintura.

Babcock, aquele santo homem, sugeriu delicadamente que, desde que eu estava ocasionalmente solteiro, seria melhor para mim não ter a responsabilidade de dirigir sozinho uma casa com nove garotos. Quando o período de aulas terminou, mudei-me. Como não havia necessidade alguma da minha presença no campus, aluguei um pequeno apartamento mobiliado na cidade, em cima de uma loja de tabaco e jornais. O cheiro que vem através da escada é reconfortante. O desenho de Renoir adquiriu um aspecto incongruentemente voluptuoso pendurado sobre o velho e surrado sofá de couro onde faço minhas anotações. Vou para a escola de bicicleta, o que melhorou minha saúde. Preparo eu mesmo minhas refeições e as saboreio em paz. Às vezes, janto com os Schillers, quando o sr. Schiller permite que sua mulher cozinhe. A sra. Schiller faz sua especialidade, panquecas de batatas.

Passei o verão com Leslie na França. Uma pequena parcela dos dez mil dólares garantiu a passagem aérea. O verão não foi um grande sucesso. Leslie havia feito um círculo de amigos muito grande, a maior parte artistas, e, com seu ouvido para música, tornou-se bastante fluente em francês, a língua usada em quase todas as conversas, que transcorriam em geral sobre seu trabalho e o trabalho dos outros. Meu francês escolar era de pouca valia para mim, e mesmo quando todos, e, é claro, principalmente Leslie, tentavam incluir-me naquele intercâmbio de opiniões, era impossível para mim não me sentir mais do que um tímido intruso.

Contudo, depois de seu surpreendente sucesso inicial, Leslie não teve nenhum de seus quadros exibido ou vendido. Continua indo ao estúdio do artista com quem está estudando três vezes por semana. É um homem pequeno, vivaz e roliço chamado Leblanc, que jura que Leslie ainda se tornará famosa.

Seus quadros têm uma curiosa aura de melancolia, como se existissem tons de púrpura crepuscular escondidos em sua paleta, mesmo em seus quadros com sol a pino. Pinta com atenção concentrada em seu trabalho e, quando não está diante do cavalete, faz um giro incansável pelas galerias e museus. Depois de uns poucos dias na cidade, eu estava farto, e passei a maior parte do tempo sentado a mesas de cafés, lendo.

Morávamos num estúdio de uma só peça, muito simples, na Rive Gaúche, onde a atmosfera era impregnada de cheiro de tinta e terebintina, um odor que enchia Leslie de um prazer permanente, mas que acabou por me trazer uma alergia que me fazia fungar e assoar o nariz constantemente. Leslie, que em outros tempos notava de imediato a minha mais ligeira indisposição, nunca sequer reparou que eu andava com os olhos vermelhos quase todo o tempo e abria uma caixa de lenços de papel a cada dois dias. Seu período de tristeza havia definitivamente terminado, e sua energia e entusiasmo, que se assemelhavam aos de um ávido e impaciente jovem estudante, faziam-me sentir-me muito mais velho do que determinavam os meus cinquenta anos.

O pessoal da Escola Americana em Paris realmente me ofereceu um emprego, mas decidi que não desejava viver numa cidade cuja língua não podia falar e onde seria considerado um tímido apêndice de minha mulher pelos amigos dela. Lembrei-me das palavras do autor de uma história sobre outro americano em Paris: 'Este continente não foi feito para mim'. Recusei com pesar. O diretor da escola mal pôde esconder seu alívio. Pude entender a razão. O corpo docente da escola era formado por itinerantes, a maioria deles entre vinte e dois e trinta anos, e meu cabelo grisalho poderia ser um sinal de decrepitude e de permanência constrangedora para um diretor que não devia ter mais de trinta e cinco anos.

Leslie encarou minha decisão calmamente. Descobri que a arte conduz inevitavelmente à mesma absorção em si próprio que uma enfermidade. Quando alguém está doente, só pensa em sua doença, e as preocupações ou aspirações dos outros não têm nenhuma importância.

Passamos duas semanas no sul com Linda, na encantadora casa de Mougins. Sentava-me no jardim e tentava ler sob a luz quente do sol, espantando os mosquitos, como Hazen havia dito. Leslie sugeriu que eu vendesse o Renoir e com o dinheiro apurado comprasse uma casinha próxima da propriedade de Linda.

— Não precisaria mais trabalhar — disse ela —, e este lugar é maravilhoso para sentar-se e não fazer nada.

Estava certa sobre isso, mas eu não queria sentar-me e não fazer nada. A ociosidade, descobri, aborrecia-me. Sou um professor. Isso define quem sou. Sou um professor ou não sou nada. Recompensado apenas por uma criança brilhante e inquisidora numa classe de trinta que discute comigo e cujos horizontes sinto estar ampliando, sei que estou fazendo aquilo para que fui posto sobre a face da Terra. Romero, com seu jeito exasperante, era um desses garotos. Quando falei a Leslie sobre o meu sentimento de posse diante de uma classe, ela disse que era exatamente assim que se sentia diante de um pedaço de tela em branco. Espero, pelo bem dela, se não pelo meu próprio, que suas telas se revelem melhores para ela do que Romero se revelou para mim.

Nada do que pude fazer ou dizer fez Caroline voltar para o Arizona. Ao invés disso, transferiu-se para o Hunter College, em Nova York, com a intenção de especializar-se em psicologia infantil. Recusou-se a usar o dinheiro que ganhou vendendo um hectare da terra que Hazen lhe deixara em testamento, um negócio que vinha sendo cuidado, e muito bem, por um dos sócios de Hazen. Conseguiu um emprego de meio expediente como garçonne para sustentar-se na faculdade e nunca, pelo menos que eu saiba, visitou a casa na praia, que é sua agora. Ao invés disso, com a ajuda de um de seus professores, transformou-a, no último verão, em colônia de férias para aqueles que, como dizem os jornais, são as crianças desfavorecidas do gueto, de todas as raças até a idade de quinze anos, com supervisores voluntários de várias agências de serviço social.

— Jesus Romero ensinou-me algo sobre crianças — disse-me Caroline, quando protestei, argumentando com ela. — Tome conta delas antes que se tornem um Romero.

Se a experiência terá sucesso ou não, isso só poderá ser avaliado mais tarde. Numa outra época e se tivesse nascido católica creio que teria se tornado freira. Auto-sacrifício a serviço de um ideal de altos princípios pode ser algo nobre, mas um pai não podia deixar de sentir que isso é a petrificação da humanidade de sua filha. Naturalmente, houve resmungos entre os vizinhos de East Hampton, e correm rumores de que está circulando um abaixo assinado para apreciação do conselho da cidade, a fim de que a casa seja condenada como causadora de distúrbios à comunidade.

Caroline contratou Conroy para supervisionar o andamento da casa. Ela não tinha se esquecido do dia em que ele se atirara ao mar para me salvar do oceano Atlântico. Segundo o que ela mesma me contou, é eficiente e dedicado. Não houve ainda qualquer acusação de experiências homossexuais com os jovens garotos recebidos na casa. Os pobres Ketleys se demitiram de seus empregos no decorrer do verão. Disseram que não haviam sido contratados para trabalhar em um asilo de loucos.

Devo confessar que não tive coragem de ir ver o que estava acontecendo naquele lugar, onde eu vislumbrara uma vida tranqüila e generosa como nunca havia feito antes e onde quase morri. Hollingsbee me telefonou, triunfante, no dia marcado para o julgamento de Romero, e contou-me que o garoto havia saído com um ano de condicional. Porém, no momento em que escrevo isto, Romero se encontra na prisão. Numa batida policial, naquilo que se suspeitava ser um esconderijo da FLAN, a organização terrorista que luta pela independência de Porto Rico, Romero foi preso junto a uma grande quantidade de bombas caseiras, armas e literatura revolucionária. Lembrei-me de suas últimas palavras dirigidas a mim, sob a neve, diante da porta de entrada da casa de Hazen: 'Se ouvir falar de mim daqui para a frente, será porque meu nome vai estar nos jornais'. Isso é o que poderia ser denominado de auto-realização de uma profecia.

Com Hazen morto, o poder de sua proteção se evaporou da Geórgia e, embora a casa de Eleanor e Gianelli não tenha sido bombardeada, a sede do jornal foi incendiada; tudo foi destruído, e um vigia pereceu no fogo. Em nossos dias, tornou-se comum as vítimas serem colhidas ao acaso.

O prédio estava devidamente no seguro e, com o dinheiro recebido, Gianelli adquiriu um jornal numa cidadezinha da costa da Flórida onde a fascinação pelo sol brilhante o ano inteiro trouxe um aumento significativo de população e prosperidade ao lugar. Eleanor escreveu que estão finalmente aprendendo a dirigir um jornal, e que o estão fazendo bem. Ela, além disso, está grávida, o que me dá a perspectiva de me tornar avô. Imagino que na época em que meu neto, ou minha neta, estiver crescendo, ele ou ela irá caminhar através de cidades abandonadas e incendiadas, onde automóveis estarão espalhados por todo lado, sem combustível, imobilizados depois da última viagem. Isto é, se ele ou ela tiver sorte e os homens sobre os quais não possuímos qualquer controle não tiverem decidido ainda começar uma guerra nuclear. Como a maior parte das pessoas da minha geração, sinto-me impotente e encaro o futuro com uma resignação cínica.

Rollins, fico feliz em dizer, teve o *sursis* suspenso e jogou no time a temporada passada. Conseguiu uma bolsa de atletismo para a faculdade de Penn State. Sem ter nunca precisado ir para o sul, abaixo da Linha Mason-Dixon.

Jimmy casou-se com a sra. Solomon, *née* Nellie Ferguson. Em Las Vegas. Isso parece ter-se tornado um terrível hábito em nossa família. Não fui convidado para o casamento. O relacionamento com Joan Dyer resultou em algo chamado Disco de Ouro, o que significa que vendeu mais de um milhão de cópias. Ainda não ouvi o disco.

Atualmente, aguardo com ansiedade minhas aulas. Isso é devido a um extraordinário garoto chamado Willoughby, que está em duas de minhas turmas. Nascido na Virgínia, tem dezesseis anos, as maneiras corteses da Virgínia, e parece ter lido criticamente tudo, desde Tucídides a Toynbee, passando por César, Josefo, Carlyle, Priscott, Hegel, Marx e Freeman também, e, é claro, Gibbon. É inteligente e perspicaz como Romero, mas tem um senso de proporção e ordem devido, possivelmente, à sua ascendência virginiana ou a alguma característica genética que lhe permite dominar idéias abstratas e o movimento da história sem dificuldade. Lembro-me do que Crowell, o escritor humorístico aluno de Leslie, disse sobre Mozart. Estou estarecido e maravilhado com os trabalhos feitos por esse garoto, com sua argumentação em aula e com a maturidade e o raciocínio que demonstra durante as caminhadas que fazemos juntos nas tardes de outono. Quando leio o que escreveu ou quando o ouço ler em voz alta, sinto uma vez mais o ardor de que eu era possuído quando assistia a minhas primeiras aulas, com a crença quase religiosa de que a história, com sua investigação da ciência e da filosofia, do surgimento e da queda de impérios, das artes e das paixões do passado, é sem dúvida a rainha das disciplinas e a grande mestra da humanidade.

Willoughby diz que pretende seguir a carreira política, e vejo-o como senador aos trinta e cinco anos de idade. Se houvesse dez garotos como esse espalhados através do país, talvez a nossa inquieta e majestosa nação, construída com coragem, fé, selvageria, pilhagem, cobiça, comprometimento e esperança, fosse, em seu último suspiro sufocado, salva da catástrofe.

Hoje, recebi uma carta de Leslie. Nesta, como em todas as outras, agradece a paciência com que

tolero aquilo que ela mesma classifica de seu aprendizado. Promete voltar no verão e sugere que viajemos pelo oeste, que deseja tentar retratar. Suas cartas são repletas de amor e não tenho dúvidas, mesmo estando muito distante, de que me ama. Quanto a mim, amei-a quando não passava de uma garota muito jovem na primeira fila da minha sala de aula, diante do altar, quando tocou piano em nossa casa em Nova York pela primeira vez, quando estava grávida, ao fazer as ataduras nos ferimentos de Hazen, quando esbofeteou a esposa de Hazen no salão de jantar em Tours, quando a coloquei no avião para Paris.

Se foi o destino ou o acaso que a pôs em minha sala de aula e a jogou entre meus braços pela vida, não sei nem me importo em saber. Sei que a amo e sempre a amarei, e os motivos não me interessam. Fizemos aquilo que estávamos destinados a fazer. Diz que vai voltar. Veremos."

Parou e releu a página que acabara de escrever. Balançou a cabeça, descontente. Continuava pensando em Romero. Romero o obcecava, e Strand sabia que a relação entre eles ainda não havia sido definitivamente cortada. "São animais de pasto", lembrou-se. "Você faz caçadas no cimento." E, ainda: "Você também não permanecerá aqui muito mais tempo".

Com essa lembrança, Strand balançou a cabeça uma vez mais. Rancor do menino? Ou seria isso sabedoria?

Olhava para o caderno aberto diante dele sobre a escrivaninha, com a luz da lâmpada refletindo-se sobre a página. Então, recomeçou a escrever.

"Desejo terminar minha vida por aqui? Desejo acabar como um animal que se apascenta pacificamente? Onde está o lugar onde sou necessário, onde me adapto à tarefa e esta a mim? Será que um garoto como Willoughby precisa de mim? A resposta poderia ser não. O menino irá desabrochar por si mesmo, e um homem como eu pode somente estar lisonjeando a si mesmo em sentir que o resultado final será obra sua. Fico apenas correndo por fora, tentando incentivar um garoto que não precisa de incentivo.

Cimento.

Existem tantos Romeros no cimento quantos Willoughbys no pasto, talvez mais. Falhei com um, mas talvez isso me tenha ensinado e não falhar com os outros. Os homens e mulheres daqui são uma espécie de professores. Eu sou outra. Não ingressei na profissão apenas para ter um pouco de conforto, mas os fatos levaram-me a esquecer isso. Por um período. Por um período. Esse período agora está terminado. Não serei envergonhado pela minha filha mais jovem. 'Quando estiver pronto para voltar', havia dito o diretor da escola quando foi me visitar depois de ter deixado o hospital, em Hampton, 'Quando estiver pronto para voltar, basta telefonar para mim. O lugar está vago'. Estou pronto agora, e darei o telefonema pela manhã.

Telefonar pela manhã. Sei que o assunto não é tão simples assim, e ele sabe disso também. É a espécie de coisa que um visitante de hospital diz a um amigo agonizante, diante daquilo que pode ser o seu leito de morte, fingindo que tudo ficará bem, que a recuperação é certa, que ele não vai morrer e que os colegas o estarão aguardando para vê-lo retomar seu lugar no mundo. Bem, não morri. Darei o telefonema pela manhã, mas não vou embaraçar aquele bom homem, acreditando no que disse. O lugar não estará vago para mim. Haverá requerimentos a preencher, um conselho desconfiado a me interrogar, médicos do governo a serem convencidos da minha capacidade de trabalho, pensões a serem alteradas, posições a serem consideradas, vagas preenchidas, transferências a serem escamoteadas, longos e cansativos meses de espera, a possibilidade de uma eventual e enérgica negativa.

Ainda assim, darei o telefonema pela manhã. Essa tentativa se faz necessária para a minha alma.

É tarde, agora. Preciso dormir. Devo estar descansado para Willoughby pela manhã."

Depois a caneta, fechou o caderno e levantou-se da cadeira, apagando a lâmpada no frio quarto de dormir.
